

LIVIA STOCCO

A Fortaleza Dourada

MUNDO DE
BHARDO

- LIVRO III -
F I N A L



Edição da Autora





MUNDO DE
BHARDO

- LIVRO III -

A
**Fortaleza
Dourada**

L Í V I A S T O C C O



Edição da autora

MUNDO DE BHARDO – A FORTALEZA DOURADA

LIVRO III - FINAL

Copyright © 2018 por Livia Taisa Rolim Stocco

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ela impressa, digital, áudio ou visual, sem a expressa autorização da autora.

Primeira edição.

Esta é uma obra independente. Todos os elementos — preparo de originais, diagramação, mapas, ilustrações, capa e ebook — foram elaborados pela autora, com a colaboração de leitores amigos que auxiliaram na correção do texto.

Revisão: Sâmia Moraes Rolim Stocco

VERSÃO DIGITAL SEM ILUSTRAÇÕES



Edição da Autora

- 2018 -

*Para Sofia,
porque, afinal,
todas as histórias são para ela.*

*E para você,
que acompanhou esta até aqui.*

CONTENTS

[Início](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[PARTE I - SENTINELAS DA JUSTIÇA](#)

[Uma jaula para o Imperador](#)

[Cofre de segredos](#)

[As torres fechadas](#)

[Demandas da Aliança Maior](#)

[Tapete de problemas](#)

[Disparates e desatinos](#)

[Missões para os soldados dourados](#)

[Sombras do passado](#)

[Conspiração](#)

[Pessoas perdidas](#)

[Baile](#)

[Centro de Recepção de Mensagens](#)

[Cercos do inimigo](#)

[Volta à Octoforte](#)

[Inquérito](#)

[Conjecturas da sentinela do fogo](#)

[Irascíveis](#)

[O apelo da senhora das areias](#)

[Despedida de Dominique](#)

[Trilhos Interiores](#)

[Chave do enigma](#)

[Esquadrão dourado](#)

[Macrux libertado](#)

[PARTE II - NOITE ETERNA](#)

[Espectro rosado](#)

[O plano do Imperador](#)

[Manobras políticas](#)

[A retomada das Joias Supremas](#)

Zizerválido

Aproximação da tempestade

A investida da Aliança Maior

No assentamento de Aduna

Castelo de Piche

O rapto da princesa

O desafeto da gárgula

Bruxos e Dragões

Adnail

Senhora do gelo

Cavalgando em relâmpagos

O fim e o começo

Os espelhos de Diana

Pai

Fôlego

Guerra

Monstro

Confronto final

Campos Brancos

Opilah Bhardathéo

Epílogo

Apêndices

Agradecimentos

Caro Leitor

SENTINELAS DA
JUSTIÇA
PARTE I

UMA JAULA PARA O IMPERADOR

Os olhos do feiticeiro ficaram injetados de um pretume líquido enquanto ele fitava o céu estrelado. A Lincariell estava lá, paralisada exatamente sobre ele, como que para se certificar da derrota do Imperador. Macrux rosnou. Voltou-se para o planalto extenso, salpicado de erupções gasosas que volta e meia estouravam incendiadas. Portol Tr’Groush expelia cinzas e jatos de lava ao longe, sinal de que o Senhor Scarfér se regozijava. Tudo estava em ruínas: casas cravejadas de pedras preciosas se amontoavam em pilhas disformes, e os muros de mármore madreperla e as torres de ferro que mantinham o Palácio Nácar de pé, agora jaziam em cacos retorcidos. Lampejos de memória passaram por sua cabeça, lembranças de outros campos devastados, de outras ruínas de batalhas, acontecimentos passados em Bhardo e em outros mundos também. Involuntariamente pensou em Adnail. A presença da mulher sempre fora uma constante em tais cenas, e ele sentiu falta do sarcasmo dela. Mas Macrux tinha partido para o Nepcoutem rapidamente e sozinho, e os únicos resquícios de vida nas proximidades pertenciam aos seus três homens que serviram como generais de Zebarân, ainda vivos, embora muito debilitados, que se contorciam aos seus pés em assombro.

— Mestre! — o menor deles exclamou, a mão estendida em súplica, o corpo não mais que um punhado de ossos revestidos de carne macilenta. Eram imortais, mas sem o Saldraléctér, o Cristal Rosa que alimentava o poder de tudo no Reino Maldito, não passavam de carcaças. — Pensamos que o senhor pudesse... Que o senhor poderia estar...

— Morto? — adivinhou Macrux, sem nenhum humor. Então disse, lembrando-se de que Decaiko pensara a mesma coisa quando ele despertara o dragão: — Como podem pensar que eu teria morrido enquanto vocês continuam a viver?

— Bem senhor... Zebarân parece realmente estar... — o maior deles crocitou.

— Zebarã̃n está morto de fato, Rasfát — confirmou o bruxo —, embora eu desconfie de que o espírito dele não tenha deixado este plano ainda. Ele temia Ebegne^[1] mais do que a mim, e estava disposto a unir seu espírito ao Saldraléctér. No entanto, o que sobrou do cristal está inanimado, apesar de eu ainda sentir resquícios de presença de Zebarã̃n em minhas veias. Imagino que a alma dele esteja presa num dos Objetos Supremos.

— Devem entender uma coisa — continuou o feiticeiro —, se *eu* tivesse morrido, e não Zebarã̃n, então vocês, assim como ele, teriam desaparecido, porque *eu* os criei e não o contrário. Enquanto *eu* viver, vocês também viverão.

Os três se entreolharam entre o espanto e a admiração, mas nada disseram. O feiticeiro estendeu uma mão, e de seus dedos fluíu uma energia negra que se infundiu nos homens, inflando seus corpos e reestabelecendo a forma e a força de cada um.

— Eu voltei para conquistar a eternidade. Voltei para desafiar os Senhores, e assumir meu lugar de direito entre eles, pois sou o Imperador. Quero vocês três comigo. Eu pergunto: ainda são fiéis a mim?

Imediatamente os homens se ajoelharam e se apressaram a reafirmar sua lealdade ao feiticeiro, e um sorriso se estendeu pelo rosto de Macrux, fazendo seus olhos muito negros se estreitarem.

— Ótimo — ele disse, vendo-os aos seus pés. — A partir de agora estão reintegrados ao comando de meus exércitos como meus *selemen'z*^[2].

Macrux agitou uma mão e nela surgiu uma nuvem escura, que não agitou árvores nem sibilou no espaço, nem era fria, nem levantou poeira. A grande massa de sombra se dividiu em três formas que lembravam felinos, e as feras de escuridão pararam ao lado dos *selemen'z*. Os homens se ergueram empertigados e rejuvenescidos. Quando Macrux falou, havia fascínio nos olhos deles.

— Quando visitei Zebarã̃n eu pedi a vocês um número. Numaquim?

— Oitocentas milhões, mestre — respondeu o negro, estufando o peito e mostrando-se ainda mais alto que os outros dois. — Havia cerca de oitocentas milhões de pessoas em Bhardo antes de o Portal ser fechado.

Macrux permaneceu em silêncio, os olhos perdidos nas nuvens relampejantes de chuva que se formavam à distância. Apenas alguns dias antes, aquela chuva nunca chegaria ao solo em que ele pisava. Ponderou sobre o número: oitocentas milhões. Cerca de um oitavo daquele número eram os escravos que Zebarân mantinha vivos com magia através dos séculos, e ainda que Macrux quisesse reduzir o número de gente respirando, a libertação daqueles prisioneiros não era positiva. Provavelmente mais alguns milhares tinham perecido através das pragas que o feiticeiro espalhara e também como vítimas do terremoto e da onda gigante que a Senhora Inish provocara algumas semanas antes. Mesmo assim, ainda faltava muito trabalho para eliminar dois terços dos homens de Bhardo.

Apesar de saber o tamanho da demanda, o bruxo queria que outro projeto seu estivesse concluído antes de soltar seus arautos e atacar abertamente, e por isso mantivera seus assaltos contidos até aquele momento. Mas tinha esperado demais. Se não podia ter tudo, prosseguiria com o que tinha em mãos antes que seu tempo se esgotasse.

— O que aconteceu aqui não vai se repetir, eu vou garantir isso. Vou tirar essas sentinelas do mundo antes que possam piscar. Que fique claro: até que eu dê ordens diferentes, fiquem longe delas. Não quero que matem, que machuquem, nem que cruzem o caminho desses moleques: eles são meus. Se os virem, os deixem vivos. Mas não se preocupem, vocês terão muito mais trabalho a fazer.

De joelhos e cabisbaixos, os homens ergueram levemente os queixos em expectativa.

— Vocês vão destruir os Pilares da Humanidade, e a tarefa é imensa — os três estremeceram, Macrux sentiu a euforia deles em sua própria pele. — Numaquim, o exército de malditos é seu. Use-o para destruir o Pilar da Segurança. Se não for suficiente, quando tiver terminado seu trabalho eu usarei algumas armas minhas sobre ele, e delas não haverá ser vivente capaz de fugir. Rasfát, você deve encontrar Adnail no Sustentáculo e informá-la de que vamos iniciar a investida; ela precisa preparar a cela da masmorra para mim. Depois voe para o norte, vai lidar com os dragões vermelhos. Você e Decaiko serão responsáveis por abalar o Pilar da Satisfação. Ele já começou esta tarefa, é só dar continuidade. Pápero, você liderará os marrotes, acredito que a posição lhe agrada — o homem mirrado deu um sorriso maníaco, e o bruxo se enojou. Zebarân vivia à beira da loucura, mas Pápero já havia ultrapassado esta linha, e transformar os insetos gigantes em bestas assassinas provocava um furor de prazer nauseante no homem, que deixava

Macrux incomodado. Tinha que manter um olho constantemente nele para garantir que não fugisse ao controle. — Destrua o Pilar do Espaço.

O demente gargalhou.

— E quem cuidará do Pilar do Tempo, mestre? — Numaquim perguntou.

— Já tenho alguém responsável por isso — o feiticeiro respondeu com um sorriso malicioso, pensando na outra criatura instável a quem ele ordenara os ataques aos relojoeiros. — As panteras de sombra farão tudo o que vocês pensarem. Espalhem-se. Usem suas montarias e percorram o mundo. Centenas de milhões devem cair pelas suas mãos para que eu possa dar meu próximo passo. Vocês se desgastarão; minhas veias de magia correm sob o mundo todo e meu poder nutrirá vocês. Corram por Bhardo, voem, e tragam a treva para os corações de cada homem e mulher que sobreviver a sua passagem. Vão!

Uma forte corrente de excitação percorreu o corpo do feiticeiro enquanto os arautos da desgraça montavam nos animais de sombra e partiam, urrando como feras, reflexo da animação grotesca com a matança iminente. Zebarân tinha sido um aliado prestigioso porque era um bruxo hábil e inventivo, mas aqueles três tinham uma paixão monstruosa pela morte. Eram psicóticos, maníacos, depravados, e tinham vivido tempo demais no confinamento de um reino onde as coisas nunca eram destruídas, e onde pessoas, por mais que sofressem, nunca pereciam. Tinham arrasado muitos dos prisioneiros, mas não podiam torturar todos ao ponto da loucura para que Zebarân não ficasse sem escravos. Agora ele os libertava, e a agitação dos demônios era tão intensa que conseguia instigar o próprio mestre, mesmo em meio a sua tétrica apatia.

Novamente só, voltou-se para as ruínas do governo de Zebarân: milhares de quilômetros cuidadosamente esculpidos por magia e trabalho esmagador dos servos, destruídos num único instante por um bando de pirralhos. Como tinha sido tão cego? Como não tinha enxergado toda a capacidade que aqueles infelizes tinham dentro de si? Ele tinha suspeitas, percebera sinais, mas nunca acreditou que fosse possível mortais comuns carregarem tanta energia, não nos dias de hoje. Ele mesmo fora um *macnór* prodigioso na juventude, mas isso acontecera quando o mundo ainda tinha sol. Não deviam nascer mais pessoas com tanto talento, e tais pessoas não deviam ser suas inimigas. O senso de urgência se apoderou dele: ia destruir aqueles garotos antes que o dia acabasse.

— É, parece que os molequinhos fizeram um estrago e tanto — comentou uma voz irritante, a voz de alguém que ele não queria ver nunca mais, se possível.

— Não pensei que algum Senhor ainda perdesse tempo comigo, velhote.

— Ah, sempre há tempo para um antigo discípulo.

Macrux virou o rosto e deparou-se com uma figura pequena e encurvada, de aparência envelhecida. Sua pele estava extremamente enrugada e coberta de musgo, como o tronco apodrecido de uma árvore morta. A fisionomia era de um idoso, mas a quantidade de cipós que brotava de sua cabeça e costas denunciava a natureza mística da criatura. Ele era um Senhor – um ser consciente materializando as energias de todo um elemento; no caso de Lhênus, a flora de Bhardo. Lhênus também era Senhor da Sabedoria, embora Macrux achasse que este título o Senhor atribuíra a si por conta própria. Devia ser respeitado, mas o imortal o desprezava, embora, obviamente, Lhênus estivesse coberto de razão: as sentinelas tinham destruído tudo.

Não que ele sentisse pena pela devastação do Nepcoutem; na verdade, por vezes ele mesmo pensara em dar fim àquele lugar detestável, mas apenas quando cogitou a possibilidade de que Zebarân estivesse pensando em ampliar seu território para desafiá-lo. Mas fosse por lealdade, fosse por medo, por vezes demais o rei havia demonstrado sua fidelidade, e Macrux permitiu que as coisas continuassem como estavam. Ele havia se acostumado com a ideia de manter o aliado ali para poder usar seus serviços como lhe conviesse. O Nepcoutem do Mundo de Bhardo seria um braço forte de seu poder quando Macrux tomasse o trono que almejava.

Agora ele olhava para os restos do reino que durou oitocentos anos e pensava em como, com o fim da maldição perpétua que envolvia aquelas terras, tudo parecia estar deteriorado há muitos séculos.

Ignorando a presença de Lhênus, algo chamou a atenção de Macrux, algo que parecia deslocado, mesmo naquele cenário de desolação completa. Por baixo do feitiço que protegia os escombros do palácio e da joia que coroava o prédio, pedras de gelo derretiam lentamente. Grandes pedras de gelo.

— O que vai fazer, Macrux? — Lhênus perguntou. — O que pretende fazer com toda essa bagunça?

O feiticeiro não respondeu, mas não conseguiu se conter. Sorriu, e seu sorriso teria causado calafrios no mais insensível dos assassinos. Lhênus havia arriscado muito com aquelas sentinelas, e Macrux percebia que aqueles sete talentosos jovens tinham sido escolhidos a dedo pelo Senhor muito antes de saberem andar ou falar. Ele sentia os rastros dos poderes dos meninos naquelas pedras de gelo e uma conjectura se confirmou: a pessoa de que precisava estava entre eles. Seria fácil tomá-la e criar o item que queria enquanto os subordinados faziam seu serviço.

— Seu maior aliado se foi, junto com a legião de demônios sobrenaturais dele e todos aqueles milhões de escravos judiados. Vá para casa, Macrux. Esqueça o que quer que tenha em mente, retire-se e ninguém nem ao menos saberá de sua recuada. Não terá que se envergonhar.

O ruivo ignorou as palavras do Senhor.

— Eles sabem? — perguntou.

— Sabem o que?

— Sabem que você conhecia o poder que tinham desde antes de nascerem? Sabe que você os espiava desde pequeninos para que fossem os soldadinhos de que você precisava?

— Não fui eu que os deixei órfãos, Macrux — respondeu o Senhor. — Este crédito é, na maior parte, do seu falecido amigo Zebarân. E *seu* pessoalmente em um dos casos.

Macrux sorriu e olhou novamente para a pilha de pedaços de cristal rosa.

— Você escondeu a criança de mim naquela ocasião. Conseguiu ocultá-la por tantos anos... Interferiu novamente pouco tempo atrás, então a levou diretamente para o lugar que cria os soldados para *me* enfrentar. Quem poderia imaginar?

— Não pensei que você voltaria agora, meu jovem, nem que, quando voltasse, fizesse isso com tanto rancor. Achei que os anos poderiam fazer de você um homem mais sensato.

Novamente ignorando Lhênus, o homem forçou os pés a caminharem para dentro da redoma mágica que as sentinelas haviam criado. O encanto era poderoso; o bruxo expeliu magia pelos poros usando fluídos vitais para anular a barreira e ficou

zozzo e fraco no processo, mas conseguiu pisar nas ruínas e apanhar um pedaço pontiagudo e coberto de gelo do Saldraléctér.

— Eu não entendo, Macrux. Para que precisa de um deles? O que você quer, afinal? Destruir o mundo? É este seu objetivo? Se odeia Bhardo tanto assim, volte para de onde você veio e deixe essa gente em paz!

— *Destruir* o mundo? Você não devia ser o Senhor da Sabedoria, velho? — ele gargalhou. — Eu nunca tive ambição de “destruir” o mundo. Também não tenho vontade nenhuma de deixá-lo.

— Hm... — Mudado, com a pele transformando-se numa suave superfície de mudas de feijão, Lhênus circundou o feiticeiro enquanto ele vasculhava os cacos afiados de cristal. Seus olhos observavam, mas sua aura de Senhor olhava mais fundo, e percebia os sinais de desgaste que o homem não deixava transparecer. Sinais muito profundos. — Ah. Então o veneno mágico que te mantém imortal está mostrando seus efeitos colaterais... Você veio procurar uma alternativa. Ainda não vejo como conseguir isso através da morte de tantas pessoas.

— Curioso — Macrux respondeu —, pois foi você mesmo quem me deu a ideia, quando era meu tutor.

Lhênus enrugou o cenho fofo de mudinhas, buscando, nas raízes de suas lembranças, aquela que explicaria as atitudes do antigo pupilo. Macrux não podia ler as emoções do Senhor porque suas naturezas eram diferentes, mas quando os olhos poeirentos do velho se abriram, revelando um peso avassalador, ele soube que o elemental tinha se lembrado *daquela* conversa.

— E por que precisa da criança? Para que quer usar o poder dela?

— Não é capaz de imaginar? Você, grande sábio, não é capaz de suspeitar o que eu faria com uma criatura com tamanho poder, e que já viveu neste mundo em outra época? Alguém cujo espírito foi capaz de retornar dos mortos e renascer em outro corpo?

— Todos os homens vivem, morrem e retornam à vida, Macrux, já lhe falei isso. E não é de todo uma escolha pessoal.

— Não como esta alma. Não desta forma. Não mantendo a mesma elevação do *mac* através de suas vidas.

— Ah... — o Senhor gemeu, e o mágico sorriu com malícia. Sabia que o velho não tinha entendido o plano completo, mas tinha captado a ideia. — Você quer usá-la. Usar a alma da criança para acessar o poder dela.

— De certa forma. E isso me lembra de que tenho que agradecer você, pois se a tivesse escondido em outra dimensão, provavelmente ela não desenvolveria seus talentos e eu não a encontraria mais. Teria sido inclusive inteligente deixar que a matassem na época; liberaria o poder e quem sabe quantos séculos mais levaria para retornar? Eu continuaria esperando. Pela possibilidade de controlar o impossível, eu continuaria esperando. Salvá-la me fez sentir que estava por aqui, e por isso pude procurá-la e permanecer ativo, até perceber que eu precisava iniciar meu plano agora mesmo. Mas mantê-la em Bhardo, mandá-la para Octoforte para que cultivasse sua força e colocá-la em uma posição de colisão comigo, ah! Isso foi um presente!

— Entendo... — disse Lhênus, suspirando. — Infelizmente eu não posso permitir que você leve isso adiante, Macrux.

O bruxo riu, enfiando num bolso do casaco o pedaço de cristal que segurava. — E o que você vai fazer, *mestre* — perguntou, enchendo de escárnio a última palavra. — Me impedir? Que eu saiba, os Senhores não podem interferir diretamente no andamento do mundo, ou podem?

Distraído, não percebeu que a forma de Lhênus mudava novamente. Seus braços se alongaram e outros galhos cresceram deles, entrelaçaram-se e contorceram-se, formando uma gaiola num piscar de olhos. Macrux foi engolido pela prisão de tronco e folhas, e não teve tempo para reagir quando a massa vegetal fincou raízes fundas na terra e sugou-o para dentro do solo. Enquanto sufocava e arrancava forças de seu espírito, lutando contra a magia primitiva com que Lhênus o envolvia, ouviu o Senhor dizer:

— Sabe, você me fez ver que este posto de Senhor não é lá essas coisas...

COFRE DE SEGREDOS

As mãos de Dúlia ainda estavam suadas e frias e seu coração disparava a cada vez que pensava nos improváveis arautos que pousaram na Torre do Relógio Matricial do Mango, o poderoso complexo de torres acasteladas e prédios ovalados que constituía o centro de governo de Algavar. Avistamentos de dragões não eram incomuns no país, pois embora as feras preferissem a privacidade das árvores da Floresta Dólhie, por vezes, principalmente na época da seca do Rio Catorja, eles eram vistos sobrevoando a cidade Ângar por causa de sua proximidade com o Lago Lhui. No entanto, não havia registros de que os ginhaidron'z^[3] do Sul tivessem qualquer contato com os homens, e havia até uma teoria de que eles tinham perdido a inteligência ao longo dos séculos de isolamento. Se o conto sobre Demírie e Mavhtus fosse real, e não apenas uma fantasia para crianças, então aquela devia ter sido a última vez que um dragão verde efetivamente conversou com um ser humano.

A aparição da noite anterior tinha sido diferente: primeiro porque não eram dragões verdes, mas pretos, de uma espécie que não devia mais existir. Depois porque as duas bestas pousaram no Mango apenas alguns metros distantes de onde Dúlia estava, encheram os pulmões poderosos e falaram às pessoas. Trouxeram uma notícia que fez os homens vibrarem e os nobres tremerem: as estruturas do mundo tinham sido abaladas. Zebarân estava morto e seu reino destruído. Os responsáveis por aquilo formavam um grupinho de soldadinhos jovens de um lugarzinho esquecido de que poucas pessoas tinham ouvido falar, mas que agora todo mundo conhecia: Octoforte. E os dragões estavam espalhando a notícia por todos os lugares porque estavam muito agradecidos, queriam que os moleques recebessem os créditos merecidos, e porque queriam conhecer o planeta que lhes tinha sido negado em sua prisão.

As feras partiram logo em seguida, e fizeram muito barulho enquanto se afastavam. Aos poucos as notícias foram confirmadas e aumentadas, novas informações se juntaram àquelas primeiras, e logo havia gente formando grupos para visitar Agerta e tentar ver de perto aquelas tais sentinelas. Não demorou nada para que alguém

descobrisse que Octoforte era mantida por uma tal Aliança Maior, uma organização que poucos sabiam existir, e que menos ainda sabiam para que servia. Agora o povo julgava entender: a Aliança estava ali para tramar contra o rei maldito e lutar pela paz mundial, formando heróis, salvando criancinhas rejeitadas pelas mães malvadas que as abandonavam, zelando pela ordem, como guardiões espirituais. Uma descrição de sonho para as pessoas eternamente carentes de alguém mais forte para cuidar delas.

A esposa do Presidor cruzou sozinha o pátio, passou pelos soldados de guarda sem lhes dirigir um olhar e abriu as portas folheadas com algavar, a prata mais pura. Entrou na sala de comunicações e foi direto a seu marido, sentado em uma banquetta baixa próxima à mesa ornamentada, e direcionou um rápido olhar aos ínterins e ao Senestér de Algavar na Aliança Maior, os três à direita do Presidor de joelhos em saudação à governanta, enquanto os anciões Mandredom e Abarcão, o Selemen e o Nominório respectivamente, maiores autoridades da Aliança, curvaram levemente os pescoços e colocaram os punhos em forma de “X” à frente do peito à chegada da senhora.

— Já os convocou?

— Estamos aguardando o retorno — respondeu o Selemen Mandredom, coçando a barba falha.

Dúlia olhou para Dildre, o cordato, mas o mago permaneceu na mesma posição rígida e de olhos fechados. Os outros magos da comunicação estavam ali, dois cumprindo a função de auxiliar a sustentação da magia do primeiro e um garantindo a veracidade das imagens e palavras. O casal de governantes se manteve em silêncio enquanto os encantos eram feitos, e em dois minutos viram surgir, em uma das lâminas de prata polida que revestiam toda a parede interna facetada, a imagem de um velho de aparência feroz, com cabelos compridos e grisalhos e várias cicatrizes no rosto moreno. Ninguém disse nada imediatamente porque logo em seguida, nas facetas ao lado da primeira, surgiram outras pessoas. Quando todas as imagens estavam completas e os feiticeiros imersos em transe para manter o canal de comunicação estável, Dúlia iniciou os cumprimentos.

— Senhor Agamenon de Gehenmy; Presidente Gervóndt e seu filho Carelát, de Ylhuah; Imperador Ivelór e Princesa Enara, de Zebelim, demais integrantes dignitários da Aliança Maior, recebam as saudações dos Presidores de Algavar. Que Dhonmem olhe por nós.

— E que escute nossos anseios — responderam os outros em coro, todos, exceto Agamenon, o velho de aparência feroz.

— Vamos deixar as formalidades de lado e ir direto ao que interessa — iniciou o Presidente Gervóndt. — Todos receberam os visitantes inesperados nas últimas noites?

Após a confirmação geral, o comandante da guarda presidencial de Algavar e ínterin Brendo, falou: — Ao que parece as feras estão viajando o mundo todo. Recebemos notícias de Zatzanil e Vantegar, e ambas as localidades receberam o mesmo comunicado que nós.

— Alguns vilarejos miúdos no Norte de Ylhuah também — afirmou Doniel, do reflexo de Ylhuah, ajeitando o monóculo que teimava em escorregar pela ponte do nariz.

— E como estão reagindo? Estão em pânico? — Abarcão indagou com autoridade.

— Na verdade — disse Jhália, balançando as muitas pulseiras escandalosas —, longe disso.

— Parece que aceitaram muito bem a notícia — Brendo completou a fala da companheira, ainda que com uma pontada de hesitação por estar encarando o Nominório e os Presidores pessoalmente. — Enviaram pequenas expedições para confirmar os fatos e já começaram a investigar quem são os tais moleques que conseguiram o feito que ninguém foi capaz de obter em quase mil anos.

— Ouvimos teorias na praça — disse Randeval, o Senestér de Algavar. — Velhas histórias foram desenterradas, professores aposentados foram incomodados, e estão relembando as fundações de Octoforte e da Aliança Maior.

— O estádio musical estava lotado de gente duas horas atrás — Jhália continuou. — Várias pessoas me abordaram para saber se era verdade: que a Aliança Maior é uma Ordem que existe para proteger o mundo das forças do mal.

— E o que você respondeu? — Mandredom, o Selemen, questionou com desconfiança.

— Respondi que sim.

— Nada mais correto, essa é a origem real de Octoforte, não é? — uma mulher miúda e jovem espelhada na faceta de Zebelim perguntou. — Uma fortaleza criada para proteger bhardanos contra as investidas de Zebarân, montada no território ausente do mundo para que nada pudesse atingi-la.

Os membros mais velhos da sala nada responderam, mas seu silêncio era cheio de coisas não-ditas que deixou a jovem encabulada.

— Tenho que dizer que os *meretá'z* estão muito felizes com o feito — falou Irvana, ínterin de Gehenmy.

— Meretá'z? — Vários membros de Algavar e Zebelim perguntaram.

— Os membros dessa nova seita... Merez'z, Merezim'z...

— *Merelvizah'z*^[4] — Doniel corrigiu. — Tem um grupo grande desses no nosso Norte.

O Presidor Orom ficou curioso:

— E por que estão felizes?

— Bom, eles acreditam que o mundo é uma coisa viva, e que tudo o que acontece de bom ou de ruim é a forma dele de dizer se os homens estão fazendo as coisas certas ou erradas — Irvana explicou.

Silderéver, general de Gehenmy, completou com bastante desagrado:

— Estavam muito agitados com o terremoto-maremoto que arrasou o Sul do Continente. Disseram que foi a forma que mundo arrumou para acabar com a guerra. Agora dizem que, afinal, fizemos algo de bom, pois a chaga que era o Nepcoutem foi destruída finalmente.

— Um representante deles nos ofereceu apoio incondicional nas próximas demandas da Aliança — Irvana comentou.

— Que maravilha! — Dúlia inspirou. Tudo o que eles não precisavam era de seguidores fanáticos de uma seita louca metendo o bedelho nos assuntos da entidade.

— Com tudo isso minha pergunta é uma só: o que vamos fazer a respeito? — Agamenon, Imperador de Gehenmy, cruzou os braços ao perguntar, fazendo a pesada coroa de pedra rústica se destacar na cabeça.

Antes que alguém desse ideias, na faceta transmitida de Zebelim a princesa Enara, ao lado da mocinha miúda que falara antes, empertigou-se, balançou a longa cabeleira castanho-claro, e perguntou:

— Precisamos fazer alguma coisa? — Toda a atenção se voltou para a mulher. — Vejam: o povo está a nosso favor. Confiam que as sentinelas embarcaram nessa missão louca por *nossa* vontade, e que a Aliança é uma espécie de “madrinha dos incautos”, afastando males que eles nem se lembravam que existiam. Nesses menos de dois dias conseguimos apoio massivo da população, e os burgueses não vão hesitar em aprovar nossos pleitos agora. Eu proponho que assumamos esta insanidade das sentinelas como se fosse ordem nossa. Alvitaremos a eles que falem que foi a Aliança que esboçou tanto a recuperação dos Objetos Supremos quanto a missão contra Zebarã; eles acatam, e, em troca, não os prendemos por insubordinação.

A jovem que acompanhava a princesa se encheu de orgulho e suspirou à fala rebuscada de sua princesa.

— E a Aliança poderá usar a imagem das sentinelas como desejar — disse a moça. — Os colocaremos em comboios, em festas, em bailes, em palanques. Eles falarão sobre as glórias da Aliança Maior e dos reinos que a compõem, participarão de missões humanitárias, serão embaixadores da paz e da misericórdia entre todos os povos!

— Entre todos os povos integrantes da Aliança, você quer dizer — corrigiu-a Nianca, a rabugenta prima idosa de Enara.

A imagem de Agamenon evanesceu um pouco, sinal de que a magia do cordato já tinha se esgotado e que estava sendo sustentada apenas pelos dois bruxos de suporte, os mantenedores. Ignorando o sinal, mas falando um tanto mais rápido, a Presidora Dúlia sintetizou:

— Seria uma ideia genial, não fosse um detalhe: Pablo Adenetti. Ólie Fauret, *nosso general*, está morto, e o rapazinho insolente que ficou no lugar de general, de forma infelizmente regulamentada, não nos apoiará.

— Tiramos ele do posto — disse Carelát com um dar de ombros.

— Não é tão simples — Gervóndt, pai de Carelát, retrucou com certa impaciência.
— Os moleques detêm a simpatia popular, e não vão se calar se forem enxotados sem motivo. Vão fuçar, vão bisbilhotar, vão instigar pessoas, e podemos perder este apoio que conquistamos.

— Então o matamos — Carelát falou mais uma vez, a papada dupla sacudindo de descaso.

Gervóndt apertou os olhos e Agamenon, irritado, cuspiu:

— Se este moleque não saiu das fraldas e não consegue pensar antes de soltar a língua, não devia tê-lo trazido para este Conselho, Presidente.

— Carelát vai ficar em silêncio, Imperador — o Presidente Gervóndt afirmou, lançando um olhar perigoso para o filho. — Ou eu mesmo corto fora a língua dele.

Nova falha da manutenção da magia e todas as imagens ficaram frágeis. Somente o segundo mantenedor alimentava a conexão de reflexos funcionando.

— Tudo bem, então vamos até lá e conversamos com Pablo Adenetti. O convenceremos de que permanecer ao lado da Aliança é o melhor para o povo, e todos ficaremos felizes — tornou a falar a princesa de Zebelim.

Os líderes mais velhos da sala permitiram-se um instante de silêncio, pois Enara não sabia de tudo.

— O caso, princesa, é que não podemos manter Pablo no cargo de general. Não se não pudermos... Silenciá-lo, de alguma forma — disse o senestér Randeval.

— Silenciá-lo?

— Do jeito que eu falei — a voz de Carelát soou afetada, sem que seu rosto aparecesse.

— Não tecemos nossas tramas com palha crua, mas com fina seda — explicou Nianca, aborrecida. — Certas insinuações devem ser apenas sugestionadas, não explicitadas, menino.

— Ainda não entendi por que ele precisaria ser silenciado de qualquer forma — Enara insistiu.

— Veja, foi muito difícil encontrar alguém para o cargo da última vez, e só conseguimos Ólie Fauret porque aceitamos fazer vista grossa a alguns comportamentos que ele tinha — a Presidora Dúlia lembrou-se.

— Mas por que careceríamos de calar Pablo Adenetti? O que pode haver de tão sigiloso em um prédio decrépito de calhaus brilhantes que vá interessar a alguém de fora de lá?

— Mais uma princesa que precisa se inteirar dos assuntos da Aliança antes de dar palpites em reuniões deste Conselho — Agamenon se enraiveceu, e Dúlia ficou contente de que a reunião fosse realizada através de magia, e não pessoalmente, pois o homem lhe dava medo.

— Do que eu não sei?

— Dos reais objetivos de Octoforte — Presidente Gervóndt respondeu.

— Pensei que ela não tivesse mais nenhum objetivo prático, ou melhor... O objetivo *era* nos defender de Zebarãn, e agora não há mais nenhum...

Agamenon riu. Outros líderes, no entanto, se remexeram incomodados. Dúlia voltou-se para o verossim, o mago responsável por assegurar que toda a conversa através daquela conexão fosse segura e verdadeira. Sempre temera aquele mago específico: mais que os outros, ele absorvia cada mistério que havia entre os reis, e tinha sozinho o poder de destruir nações inteiras, mesmo que não tivesse língua.

— Octoforte, minha cara princesa Enara, é um cofre — falou Orom.

— Um cofre? Para o que, exatamente?

— Segredos.

— Todos querem um herói, mas ninguém quer saber o que custou para este herói existir — disse Gervóndt, e apenas os governantes falavam.

— E muitas pessoas não ficariam felizes ao ouvir certas... revelações.

— Sobre como aquela safra foi salva da perdição, ou de onde vieram os recursos para construir aquela frota de navios que garantiu proteção contra a congregação de piratas...

— Ou sobre porque as casas reais que são sucedidas por linhagem de sangue são sempre tão lineares e honradas.

— Segredos, Princesa Enara, que precisam ficar onde estão: no cofre mais seguro do mundo: um que existe *fora* dele, e que é comandado pelos donos dos segredos.

— Nosso amigo Agamenon bem sabe o que custa ter um desses segredos expostos — falou o Presidor Orom, e os olhos se voltaram para Agamenon, o homem que tinha ficado quase duas décadas preso por entregar uma vila aos sambukeiros de Zebarã.

— Então...

— Então — Abarcão tomou as rédeas da situação — vossas governanças devem enviar uma comitiva de representantes da Aliança para Octoforte imediatamente. Devem chegar lá antes que os repórteres cheguem, e devem tomar providências para que Pablo Adenetti seja controlado até que um novo general seja escolhido. Da última vez foi muito difícil encontrar alguém.

— Tão rápido? — Íterin Nianca questionou. — Não teremos tempo, os veículos mais rápidos só conseguirão...

— Usaremos os Trilhos Interiores — sentenciou Mandredom, o Selemen.

— Mas este caminho...

— Só é usado em emergências.

Dúlia interveio:

— Senhor, os bondes estão no chão e nem todos dispomos de balões ou zepelins. Saberão que usamos algum caminho desconhecido.

— Saberão, mas não descobrirão qual é, ninguém se lembra deles hoje — Agamenon apoiou, sua imagem já quase inexistente. — Precisamos de agilidade, e vamos para lá agora mesmo.

— Está decidido. As comitivas partem nesta noite. Devem se encontrar nas Dunas de Mã na próxima manhã, quando navegarão para Agerta. Em menos de uma semana deverão chegar lá — disse o Presidor Orom.

— Tenham em mente, senhores, que é de suma importância manter Octoforte e seus membros sob controle — reforçou Gervóndt. — Pode ser que não tenham descoberto nada relevante até agora, o próprio Fauret só soube de alguma coisa porque contamos a ele, mas, caso descubram, é imprescindível que tenhamos certeza de que Adenetti vá manter a boca fechada e de que ficará do nosso lado.

Antes que a comunicação fosse encerrada, Dúlia levantou ainda uma última questão.

— E o que faremos a respeito do outro assunto? Os Objetos Supremos?

A amplificação da carga de magia foi perceptível porque as imagens ficaram mais nítidas, e Dúlia pode constatar que os mantenedores ficavam de orelhas bem em pé para o que acontecia naqueles encontros. Como ela preferia não depender da magia de outras pessoas...

— Vamos precisar de um sorteio — disse Carelát, voltando a falar agora que sentia que o assunto não colocava sua língua em risco.

— Uma divisão justa, é claro — concordou Agamenon.

— A Comitativa trará as joias para cá, e aqui decidiremos o destino de cada uma, sob a presença de todos os líderes — sentenciou Abarcão.

Mesmo que alguém não tivesse concordado com a designação, assim seria, porque o último esforço do mago mantenedor da comunicação foi excessivo, e ele desmaiou junto aos demais.

* * *

Tudo o que as sentinelas queriam era poder desfrutar de alguns dias de merecido descanso, e Octoforte parecia o lugar ideal para isso. O grande prédio de pedras douradas refulgia solitário no espaço, alheio ao resto do universo, e o silêncio reinante, onde nem uma brisa soprava, onde nem um pássaro batia asas e onde o céu era eterno e branco, conferia ao lugar a aparência de um santuário implacável. O único som vinha do Lago Borbulhante, fonte singular de água de Cermalháct. Era um cenário monótono e, dado o cansaço do grupo, extremamente convidativo.

No entanto havia muito a fazer e tudo parecia urgente, e se retirarem para dormir não era uma opção. Tinham conseguido algum tempo a sós na fortaleza, mas, se demorassem demais, os soldados do outro lado do Portal certamente viriam atrás deles.

Naquele curto período que teriam sozinhos, Pablo apressou-se para tomar uma providência essencial à segurança deles e de Octoforte. Com a ajuda de Márcio e de Dominique, abriu o Portão Fogo, cuja pintura de labaredas vermelhas e laranjas já estava um tanto desgastada, e os jovens adentraram a construção. O general conduziu os amigos ao prédio principal, a grande construção octogonal que envolvia o Torreão Central. Passaram pelas colunas que o sustentavam e entraram pelo portão de acesso ao Centro de Treinamento Militar, onde uma série de equipamentos de treino tinham sido largada. Os olhos dos jovens iam das estantes apinhadas de materiais ao interior do domo que cobria aquela parte do prédio, ornamentado com pinturas primorosas. Márcio identificou algumas cenas de mitos que ele conhecia — a batalha de Ariell contra o Imperador; o surgimento da Lincariell, a Estrela do Herói; Dhonmen, o Criador, dando vida à Árvore, o primeiro ser vivo de Bhardo; Scárfer, o Senhor do Fogo, fazendo vulcões cuspirem torres de fumaça, — e também identificou algumas que pertenciam aos mundos Agharta ou Terra, como um bando de gárgulas cercando uma pirâmide azul, um homem muito forte matando uma criatura de cem cabeças, e outro de braços estendidos e olhar sereno com um halo brilhante ao redor do crânio. Muito da história, das crenças e dos mitos dos três mundos interligados estava ali.

Atravessaram o Centro e saíram pela porta oposta, onde a sala ficava mais estreita, para chegarem ao pátio que circundava o Torreão, e para ele Pablo se dirigiu com os amigos: uma torre com uma porta de entrada em forma de gota, cujo umbral era adornado com padrões geométricos folheados a ouro e cobre. Pela escadaria interna desceram um lance para encontrar a entrada para o arsenal bélico. A porta estava trancada, mas, com um breve sussurro, Diana fez a maçaneta estalar e a folha girou nas dobradiças para dentro. Ali, Pablo esvaziou um baú comprido de lanças e, saindo da sala, liderou os amigos até o nível mais alto, estremecendo a cada passo que ecoava na vazia e fantasmagórica Octoforte, carregando a arca. Passou direto por todas as portas do caminho e levou os amigos até o piso do telhado.

Uma amurada de um metro de altura cercava o local, e as ameias triangulares revestidas de metal sustentavam, como garras, as extremidades da enorme cúpula de vidro facetado, que imitava o formato da chama de uma vela. A luz branca emitida pelos Portais fragmentava-se na cúpula, transformando o interior dela num

domo de reflexos espectrais multicoloridos, e Márcio pegou-se imaginando como seria aquele lugar à forte e amarela luz do Sol do mundo Terra. Lá certamente aquela torre iria brilhar como uma verdadeira chama.

Enquanto os amigos se deliciavam com a visão estonteante do *Dilahratorn*^[5], Pablo puxou uma alça metálica no chão de pedra e o alçapão revelou um compartimento raso cheio de poeira, onde ele depositou o baú com a tampa aberta.

— Vamos lacrar os Objetos Supremos aqui — ele anunciou, despejando a Pedra de Mavhtus dentro do baú aberto. — Todos eles.

Durante o trajeto submarino nas costas de Melvin as sentinelas tinham discutido o que fazer com os Crimedéct'z. Tinham chegado racionalmente à conclusão de que permanecer com eles em mãos não apenas seria perigoso por atrair o desejo de outras pessoas, como tinha acontecido uma vez na ilha Agerta, como poderia levar os sete à loucura. Concordaram, também, que se desfazer deles, como sugeriu Yoná, jogando-os no oceano ou enterrando-os em algum lugar, seria igualmente arriscado, mesmo que fossem separados. Se por acaso algum desavisado encontrasse ainda que uma só Joia, corria o risco de ser dominado por ela, e as sentinelas não queriam ter que lidar com outro mago lunático a qualquer altura de suas vidas, por isso acordaram em mantê-las por perto, mas longe de suas mãos.

Márcio sabia, porém, que nenhum deles estava realmente preparado para abrir mão daquelas coisas, como comprovavam os tremores que sobrevieram a Pablo.

O general ofegava e não conseguia tirar os olhos da sua joia enquanto os amigos, relutantes, depositavam os Tesouros deles. Pediu pressa, pois sabia que não tinham muito tempo e que, se pensassem a respeito, provavelmente desistiriam.

Márcio limpou o suor da testa e raciocinou que era a atitude acertada, afinal, os sete tinham passado as últimas semanas na companhia de uma prisão para almas e de uma bomba capaz de apagar a existência de um país inteiro, e isso não podia ser saudável. Colocou o Cetro da Luz cuidadosamente no baú, entendendo porque Pablo tinha escolhido uma caixa tão comprida, pois o Cetro era a única joia de cabo extenso, como uma lança. Não se sentiu mal por abandonar o Objeto ali, mas quando colocou o Lampejo dos Desesperados, aquela caixa maldita onde Shenu tinha trancado a alma de Zebarân, seus dedos se recusaram a soltar a alça da joia e seu estômago revirou. O Lampejo lhe deixava doente e, ao mesmo tempo, tinha a sensação de que abrir mão dele era suicídio. Dominique precisou ajudá-lo a erguer os dedos para que conseguisse se desvencilhar do artefato.

Não foi mais fácil para Yoná se libertar da Pérola Negra, e quando ela finalmente largou a joia, do tamanho de uma maçã, foi acometida por tal acesso de tosse que Márcio precisou ampará-la. Os dois se afastaram enquanto Nique soltava o Relógio do Último Tempo dentro dele, parecendo, na verdade, um tanto aliviado, e Diana depositava o Medalhão de Ariell num cantinho com carinho, como se a joia fosse feita de um cristal muito delicado. Porém, apesar de Márcio achar que Jadhe era a mais sensata de todos, ela foi renitente em colocar o Tesouro de Caularom no baú.

— Nem todas as joias são sedutoras, nem causam tanto mal. O Tesouro pode ficar fora deste baú, tenho certeza de que posso controlá-lo bem.

Pablo olhou para a garota com tamanha raiva que a fez recuar um passo.

— Ponha esta coisa dentro da caixa de uma vez!

De repente, Márcio sentiu um zunido nos ouvidos e sua visão se turvou um pouquinho. Parecia estar assistindo a cena através de um vitral: Jadhe endireitou o corpo, e Márcio podia jurar que viu estourar pequenas estrelas dentro dos olhos dela, faíscas de pura energia transbordando através daquelas íris violeta. Quando olhou para Pablo viu a expressão raivosa do irmão, e uma luz dura cintilou nos olhos cor de mel do rapaz e Márcio cogitou a possibilidade de estar enxergando coisas; mas quando se virou para os outros e se deparou com as expressões chocadas de Diana e Yoná, percebeu que não eram seus olhos que o estavam enganando: Jadhe e Pablo estavam materializando seus *mac'z* de forma tão impensada e natural que nem se davam conta disso.

A tensão ficou palpável, Márcio teve medo de que os dois pudessem se atacar, mas, de repente, viu Dominique fazer uma careta estranha. As dobradiças do baú rangeram e a tampa caiu com estrondo sobre a caixa, fechando os dedos das mãos tanto de Pablo quanto de Jadhe, dissipando a crise e fazendo os dois urrarem de dor e surpresa.

— Mas que droga Dominique! — berrou Pablo, mas o gênio ergueu as mãos em um gesto de defesa.

— Ei, nem tudo é culpa de um desejo meu! — ele se desculpou, criando um farfalhar engraçado com o agitar de penas, mas, por sua expressão encabulada, Márcio percebeu que ele devia sim ter feito aquela tampa cair, mesmo que sem querer. Ter a capacidade de fazer desejos se realizarem estava sendo uma dádiva muito dúbia para o amigo.

— Precisa aprender a controlar essa coisa — Pablo esbravejou, e Jadhe, ligeiramente perturbada, sacudiu a cabeça e pareceu voltar a si. — Acho que quebrei uns dois dedos!

— Por obra do Nique ou não, essa tampa bem que veio a calhar — comentou Diana num tom de reprovação, confrontando o olhar duro do marido.

Passando entre os dois, Yoná tomou a frente, reabriu o tampo, colocou-se em frente ao baú fechado e, com firmeza, virou-se para Jadhe. — Não está vendo que é justamente por causa disso que precisamos manter estas coisas trancafiadas?

A amiga murmurou alguma coisa para si mesma e sacudiu a cabeça de um jeito perturbado.

— Talvez, mais tarde, possamos pensar melhor no que fazer com as joias — disse Diana. — Mas, se este lugar vai voltar a abrigar pessoas, precisamos garantir que estejam longe do alcance de qualquer um. — E, levando a mão ao ventre, completou: — Agora não é hora de lidar com os Tesouros.

Nique murmurou um “eu concordo” e posicionou-se perto de Jadhe. Travando a mandíbula, a garota não disse mais nada, mas deixou o Tesouro de Caularom cair dentro do baú como se estivesse arrancando o próprio braço. Afastou-se rapidamente e ficou de costas para os amigos, e quando o gênio tentou tocá-la ela desvencilhou-se da mão dele com um gesto brusco que deixou Márcio assustado.

Será que a influência dos artefatos mágicos os tinha afetado permanentemente? Márcio se perguntou. Se sim, então o melhor a fazer seria se livrarem daquele fardo para sempre. Mas o mero pensamento fez Márcio se sentir angustiado, e ele afastou a ideia antes que a telepatia supersensível de Jadhe pudesse captá-la e dar início a uma nova crise.

— Vamos lançar nossos feitiços — disse o rapaz. — Feitiços protetivos, como os que difundimos ao redor dos restos do castelo do rei maldito. Algo que afaste as pessoas daqui.

— Não serão tão eficientes se não usarmos as joias — murmurou Diana, ao que Pablo respondeu um tanto ríspido:

— Vai ter que bastar! Vamos fazer o melhor: usaremos nossos *mac’z* e as lições que a mestra ensinou. Cada um de nós lança seu próprio feitiço, algo que não dê

para um bruxo sozinho desfazer, e que mantenha as pessoas afastadas.

— E que possa ferir — disse Yoná de repente. Os olhos dela estavam desfocados, e ela fitava o tampo do baú com avidez. — Algo que fira quem quiser tirá-los daí.

O silêncio foi o consentimento mudo, mas cheio de uma estática tensa. Quando Shenu chegasse ele também faria seu próprio feitiço, mas, até lá, os seis se assegurariam de que ninguém conseguiria abrir aquele compartimento. Nem mesmo um deles.

Cada sentinela realizou um feitiço, e Jadhe e Yoná tiveram que pensar bastante em como seria o encantamento delas. Por fim a caixa estava selada, foi baixada num alçapão raso no alto do Torreão e a porta do esconderijo também foi lacrada.

— E que este seja o fim dos Objetos Supremos — disse Dominique.

Márcio não disse nada, mas tinha a sensação de que aquilo estava longe de ser possível.

Estavam prestes a deixar o alto do Torreão quando o silêncio sepulcral da encruzilhada deserta foi cortado por um leve rangido que ecoou abaixo deles, um barulho dentro do prédio.

Imediatamente Dominique saltou pelos vãos entre as ameias e a base da cúpula de vidro e planou até a janela próxima, enquanto as cinco sentinelas restantes desciam correndo até a Biblioteca, no andar abaixo. Pararam na soleira da porta aberta, escutaram mais um som; as cortinas se moveram, Nique se lançou para dentro, e os seis se depararam com a fonte do barulho.

Oito pessoas encapuzadas transitavam lentamente nos corredores entre as estantes apinhadas de livros e pergaminhos. Os mantos os cobriam até o chão, e lançavam uma sombra anormal sobre e sob os pés deles, fazendo parecer que não andavam, mas flutuavam.

— Silenciosos — constatou Márcio.

— O que? — perguntou Yoná, alarmada.

— *Quem*. Os bibliotecários mudos de Octoforte — Diana explicou. — São moradores daqui desde... bom, desde sempre.

— Não partiram com os outros? — Jadhe perguntou, franzindo a testa e olhando para os homens. Dominique, saltando para dentro pela janela, completou a pergunta:

— Como sobreviveram sem comida aqui?

Aparentemente, os silenciosos não só não falavam como não ouviam ou viam, pois não deram sinal de estarem cientes da presença dos jovens na sala.

— Sempre pensamos que eles fossem uns é... Anciões daqui, sabem, com essas capas sempre cobrindo a cara, esse jeitão devagar de andar, mas não sei se já vi o rosto deles alguma vez — Diana comentou baixinho.

Márcio assentiu. — Nunca houve seleção pra esse cargo — falou.

Desconfiado, Pablo aproximou-se de um, atraindo sua atenção. Por baixo do capuz, ainda que a biblioteca tivesse grandes janelas que deixavam o lugar todo iluminado, ele não conseguiu enxergar feições.

— Sou o novo general de Octoforte, Pablo Adenetti, eleito pelas sentinelas numa conclamação unânime — ele se apresentou. — Como posso saber se não são inimigos?

Lentamente, o silencioso apanhou algo dentro de uma vasilha apoiada numa das mesinhas de estudo. Quando estendeu a mão para Pablo, este se espantou: não soube se era uma espécie de luva, mas parecia que a pele do homem era áspera e cinzenta, como um tapete puído. Pablo aparou o que ele queria entregar e, quando sentiu o objeto na mão, olhou para o silencioso e viu um rosto masculino envelhecido, quase oculto pelas sombras, com grandes olhos verdes. Então o bibliotecário se afastou, deixando o general com um objeto amarronzado de superfície irregular na mão.

— Uma semente de cacau — constatou Márcio.

— A última pessoa que nos deu uma dessas não terminou muito bem — murmurou Yoná, deixando a sala num silêncio incômodo. A pessoa em questão fora Loberto, o barqueiro da Nalvim, com quem viajavam quando foram apanhados pela onda formidável, e que desaparecera no oceano.

Uma voz soou lá fora, um chamado pelas sentinelas. As pessoas certamente tinham se cansado de esperar por eles em Bhardo.

— Ao menos parece que isso quer dizer que são amistosos — disse Pablo, pois a semente era o símbolo de Lhênus, o Senhor da Sabedoria. — Vamos, precisamos ir. Daqui a pouco isso aqui vai estar cheio de gente.

* * *

— Ele disse para me procurarem? Para vocês três virem até mim depois de juntarem essas hordas de nojeiras? Marrotes e malditos, que sofisticado...

Os cavaleiros continuaram a observá-la. Numaquim nutria por ela algo parecido com paixão; Rasfát a reverenciava como a Senhora dos Imortais Amaldiçoados de Macrux; mas Pápero não tolerava Adnail. Porém, apesar de ser mais forte, tinha que respeitá-la: era a companheira do seu mentor, e a *ele* os três deviam obediência cega.

— O mestre mandou você preparar a cela e pediu para dizermos que tem permissão para fazer o que quiser — Pápero começou, mas Adna, insolente, soltou um muxoxo e cortou:

— Como se eu precisasse da permissão dele para alguma coisa. Eu *sempre* faço o que quero.

— Viemos e entregamos nossa mensagem — falou Rasfát, estufando bastante o peito. — Temos mais o que fazer. Não vamos tomar seu tempo, madame.

Antes que os homens decolassem com suas montarias peculiares, Adnail perguntou:

— Onde ele está? Por que não está com vocês?

— Mestre Macrux está onde deve estar — disse Pápero, e não esperou mais nem um minuto: bateu os pés nas pedras do alto da torre e saltou sobre a criatura de sombra.

— A última vez que o vimos foi quando ele nos deu instruções — respondeu Numaquim. — No Nepcoutem, sobre o que restou do castelo de nosso rei.

Adna franziu o cenho. Macrux tinha seus planos, era verdade, e fazia o que queria, mas não era do feitio dele desaparecer sem lhe dar notícias. Era vaidoso demais para fazer algo sem plateia para acompanhá-lo.

— Por que ele não se comunica? Por que Ariell não me mostra onde ele foi parar?

— Se Ariell não lhe mostra o mestre — disse Rasfát — é porque o mestre não está neste mundo. Sabe que ele pode caminhar pelos Portais sem ser visto, e que o espião não pode *não* o mostrar se ele estiver em Bhardo.

Mas Adnail continuou cismada, e ficou pensando enquanto assistia à partida de Rasfát e Numaquim, este último sem tirar os olhos dela. Não seria a primeira vez que Ariell esconderia algo da vista de seu mestre, e Adna duvidava de que mesmo Macrux pudesse passar despercebido agora através dos Portais e de Cermalháct com todo o movimento e a atenção que o lugar tinha adquirido. Algo não estava certo.

Voltou para dentro do Sustentáculo e apanhou o orbe outra vez. Ela tinha que obrigar Ariell a parar de mostrar a sobra daquele castelo idiota e indicar o lugar em que estava Macrux.

AS TORRES FECHADAS

Pablo anunciou a reabertura do Portal para Cermalháct poucos minutos depois que os soldados mais afoitos atravessaram. As sentinelas tiveram que controlar a passagem de pessoas através do Portal, pois todos os moradores de Agerta queriam dar uma olhada na grande Dilahratorn, a Fortaleza dos Muros Dourados, que tinha se tornado tão famosa após a batalha dos moradores da ilha contra a invasão de monstros de Zebarân e, mais recentemente, depois da vitória das sentinelas sobre o próprio tirano, destronando e matando o rei, e libertando milhares de almas presas no Reino Maldito. Mesmo quem nunca tinha demonstrado interesse em conhecer o Portal quis passar e ver com seus próprios olhos que, depois de toda a luta, depois de todo o sacrifício, Octoforte estava acessível outra vez.

De repente, os jovens se viram no centro de um turbilhão. Pessoas de toda sorte queriam conhecer tanto o lugar quanto as sentinelas que tinham derrotado o déspota secular, e todos ansiavam por ouvir diretamente deles os relatos do que tinha acontecido. Os primeiros dias foram vertiginosos, e Márcio se pegou amaldiçoando mentalmente Bergamota e Mindotárita, os dragões negros libertados do Nepcoutem que espalharam mundo afora as notícias. Depois, quando conseguiu um momento para descansar, sua cabeça parou de doer e ele conseguiu raciocinar outra vez, sentiu culpa: as feras tinham vivido oitocentos anos sob o domínio de uma maldição, não era justo amaldiçoá-los outra vez, nem “de brincadeirinha”.

Apesar de terem vivido na Encruzilhada a vida toda, era a primeira vez que Pablo, Diana e Márcio viam tanto movimento naquele lugar. Geralmente nenhum bhardano se interessava por Octoforte, e os poucos que tinham algum comércio com os soldados só iam e vinham, sem maior interesse, e foi difícil encontrar um cantinho sossegado até para deixar os gatos resgatados das ruínas do Vale Coutem, porque mesmo eles tinham uma história mágica e eram alvo de curiosos. Os seis, que nunca tinham recebido tanta atenção e mal puderam se acostumar a ocupar um posto de comando, viram-se na posição de ídolos, e por onde quer que passassem, onde quer que estivessem, havia alguém querendo espiá-los, tocá-los, abraçá-los.

Cada um deles lidava com a atenção como conseguia. Márcio e Diana faziam o máximo para tolerar o assédio sem cometer nenhuma indelicadeza, apesar de Diana se esgueirar o máximo que podia, pois Pablo a instruíra a esconder a gravidez até onde fosse possível, prevendo problemas assim que ela fosse revelada. Jadhe, normalmente paciente, vinha apresentando sinais de estar perto de um colapso nervoso, e apertava os punhos sempre que alguém a puxava pelo braço ou pelos cabelos, coisa que muitas pessoas faziam. E Dominique, que costumava gostar de atenção de todo tipo, agora fugia descaradamente das pessoas, escapava voando, se necessário, o que era justificado porque coisas ruins podiam acontecer ao redor dele se algum *desejo* maluco do gênio saísse do controle e se realizasse. Inesperadamente, era Yoná quem mais ajudava Pablo (que não tinha como se esconder por ser o general) a lidar com os admiradores, e isso por conta de seu estranho senso de responsabilidade, que a fazia sentir que satisfazer os anseios da população era necessário e tarefa das sentinelas.

* * *

No quarto dia de privação do sono, Jadhe não conseguiu passar as horas da noite no quarto de sua torre. Embora a esfera metálica do belo relógio novo — presente de um admirador das sentinelas — estivesse no meio do caminho preto até a lateral oposta, marcando o meio das horas da noite (cerca de três da manhã, se comparado aos relógios humanos), lá fora a claridade era imperiosa e estática, e nem as grossas cortinas corta-luz conseguiam bloquear completamente as janelas. Com toda a agitação e ainda com o seu Tesouro selado em um baú frio de uma torre proibida, Jadhe não conseguia fazer o corpo obedecer à mente, e aquela seria mais uma noite em claro.

Irritada consigo mesma, decidiu sair do quarto e dar uma volta por Octoforte. Naturalmente, apesar do tardar das horas, ela encontraria muita gente perambulando por lá, tanto soldados em seus turnos “noturnos” como curiosos aproveitando as horas de movimento mais tranquilo.

Desceu o lance curto de degraus internos em espiral da Torre da Água, que ia do quarto até a passagem para o caminho superior, no alto da muralha externa da fortaleza, e que interligava as oito torres. Se fosse para a direita encontraria a Torre da Fauna, mas aquela estava vazia e fechada, e permaneceria assim por causa da traição da gárgula Verônica. Lembrou daquela mulher e de como os pensamentos dela reverberavam confusos quando Jadhe chegava perto. Na época, associava isso ao fato de que Verônica não era humana, sequer bhardana, e Jadhe não controlava bem sua telepatia. Agora tinha certeza de que a confusão mental de Verônica era

culpa de uma mente deturpada, e tinha uma vaga ideia das coisas que a tinham levado a ficar daquele jeito.

Suspirou com descaso. Que direito aquela gárgula pensava que tinha de justificar seus atos com eventos do passado? Se tivesse se dado ao trabalho de conhecer os companheiros sentinelas ao invés de tramar contra eles, veria que qualquer um tinha tanta razão de se revoltar quanto ela, se não mais. E, ainda assim, Verônica era a única que tinha se tornado uma assassina desleal.

Voltou-se para o outro lado, na direção da Torre do Som, e localizou a janela do quarto de Yoná: fechada. A pesada cortina da cor das pedras corria de lado a lado, mas Jadhe vislumbrou, por um instante, a mão da amiga ajustando-a, sinal de que ela também estava tendo dificuldades com aquela luz. Caminhou naquela direção devagar, admirando a arquitetura da torre, com sua meia estrutura de pedra e metal que protegia o topo como uma semicúpula, cuja concavidade era voltada para dentro, uma tentativa de proteger sua sentinela. Passou por vários soldados e muitos trabalhadores; caminhou lentamente, e levou dez minutos para alcançar a entrada de lá, mas quando chegou achou melhor não entrar e deixar Yoná continuar sua tentativa de adormecer.

Ao invés disso, continuou seguindo, desta vez em passo mais rápido, até a próxima torre, a do vento. Como ela esperava, a janela estava aberta, sem cortinas a bloqueando. Dominique era claustrofóbico e detestava lugares fechados.

Subiu os degraus e não foi impedida pelos soldados que vigiavam a entrada enquanto a sentinela descansava. Testou a porta do quarto delicadamente e, como estava apenas encostada, abriu-a sem fazer barulho. Entrou devagar, temendo acordar o gênio — se estivesse dormindo ela o deixaria assim, porque qualquer um dos amigos merecia repousar um pouco —, mas ele não estava no recinto.

— O senhor Dominique está alerta sob a cúpula — informou o soldado de guarda à porta.

Agradecendo, a moça subiu os degraus restantes até o cimo e viu-se no alto da Torre do Vento. Ainda não tinha se acostumado a permanecer em um lugar tão alto: embora sua última missão a tivesse colocado em várias situações de grande altitude, ela continuava incomodada com aquilo.

O gênio estava agachado a um canto próximo à parede côncava com as asas espalhadas displicentemente ao lado do corpo, com várias penas brancas sujas com

algo cinzento, e ele não se virou quando a moça se aproximou.

— Furtiva — disse quando ela chegou bem perto, sem girar.

Jadhe sentou-se ao lado do amigo. Três conjuntos de baralhos novinhos estavam a um canto, sem sinais de manipulação. Limpa e lustrosa, a Grava de Ártemis estava encostada na parede sobre um tapete caro, ao lado de paninhos sujos e uma quantidade de potes de graxa e polidores. Pelo visto o gênio tinha trabalhado na limpeza dela, e agora se dedicava a outra atividade. Havia uma série de papéis e lápis-carvão de diversas espessuras, e as mãos do gênio estavam pretas. As folhas estavam cobertas com o desenho da mesma mulher em várias posições, e Jadhe notou que, mesmo depois de todo aquele tempo viajando, Nique ainda conseguia representar mestra Ártemis de forma precisa, e um nó se formou em sua garganta. Fazia dias que evitava pensar na mestra, e muitas lembranças vieram de uma vez em uma torrente. Travou a mandíbula, pegou um dos retratos e sentou-se ao lado dele.

— Como é?

— Furtiva. Você não tem conseguido chegar perto de mim sem deixar a telepatia me atingir, dá pra sentir como se fossem ondas. Agora chegou de mansinho, e isso é incomum — ele respondeu, e Jadhe não soube o que dizer. O amigo respirou fundo e prosseguiu com tristeza: — Nós nem podemos vê-la.

Os olhos cor de ouro dele estavam cravados no interior da parede protetora da torre, passando pelas pequenas frestas que deixavam a luz passar e que deviam servir para permitir a um arqueiro atirar suas flechas.

— Onde a encontrou? — perguntou a moça, apontando para a arma.

— No casebre do rochedo. Diana e Yoná me pediram para ajudar a recolher os presentes que deixaram lá para nós. Sinceramente, não faço ideia de como tanta coisa chegou até lá em tão pouco tempo, mas, também, agora tem barquetas permanentes no porto de Zebelim com três horários diários para Agerta. Olha o que fizemos...

— Sabe que aquela coisa não funciona, não sabe? — Jadhe perguntou, ainda encarando a Grava. A arma bestial da Caçadora, com montes de canos, alguns de bocas finas, outras que se alargavam, pistões, engrenagens, roldanas e outras tantas empunhaduras mecânicas, pareciam desafiar a fala dela.

O gênio olhou para a arma de relance, depois voltou a trabalhar no seu desenho.

— Era um disfarce — Jadhe continuou. — Para que ninguém suspeitasse da verdade sobre como ela caçava sua presa com as mãos nuas, como...

— Como um monstro — disse Nique, rindo. — Pode ser, mas nós a vimos atirando com a coisa. Não deve ter todo o poder que as pessoas pensam que tem, mas foi útil na Batalha de Agerta. E, mesmo se ela não funcionar nunca mais, não posso jogá-la fora.

A garota voltou a olhar para a arma e concordou. Mesmo que Dominique resolvesse se desfazer da Grava, Jadhe não permitiria que o fizesse. Era impossível olhar para a coisa e não se lembrar da mestra montando e desmontando suas peças, parafusando coisas com as mãos e os cabelos loiros cheios de graxa, convidando os pupilos a descobrirem como as engrenagens podiam se encaixar. Era quase melhor que um retrato.

— Não podemos ver o céu daqui — ele rezingou.

Jadhe apertou os lábios.

— O tempo que tivemos com ela não deveria ter existido. Sabe disso, não sabe? Ela salvou nossas vidas, mas não deveria estar lá quando isso aconteceu. Devemos ser gratos pelo que passamos com ela, e ficar felizes porque a mestra finalmente se libertou da maldição.

Nique passou um lápis-carvão de um dedo para o outro. O rosto dele estava cheio de manchas pretas.

— Seja como for, estamos presos. Diga Jadhe: o que é que nos mantém aqui?

Jadhe encarou os grandes olhos do amigo, cheios de tristeza.

— Você fez um juramento, Dominique de Crimehuór — ela falou duramente. — Você cruzou os braços em “X”, jurou pela sua vida...

— Eu jurei por Ártemis! — Nique atalhou bem alto. — Jurei pela mestra! E você também, que eu sei. Era nas ordens dela que pensávamos quando cruzamos nossos braços, batemos o pé esquerdo e fizemos o juramento.

Jadhe não pode contestar.

— E agora, o que nos resta? Ela se foi, não temos mais inimigos, até Pablo já percebeu isso. Então eu repito: o que nos prende aqui?

Jadhe endureceu, não esperava aquelas contestações, não naquele momento.

— Do que está falando, Nique? Desertar? E quanto aos seus amigos, e quanto ao nosso grupo?

— Não deixariam de ser meus amigos se saíssemos.

— E acha que tudo ficaria bem? Que você sairia pela porta da frente como se estivesse se mudando para uma vila próxima?

— Eu não acho que nos dariam as costas — Dominique estava resoluto. Pegou as mãos de Jadhe sem se importar de que as suas estivessem cobertas de carvão, e a fez olhar nos olhos dele sem desviar. — Pense Jadhe, podemos nos afastar daqui, podemos viver a vida que quisermos, a vida tranquila que você queria antes de embarcar para o Nepcoutem! Podemos ir juntos, eu posso encontrar os gênios de Aduna, quem sabe se conseguirmos viver com a grei...

Com um movimento brusco, Jadhe arrancou as mãos das de Dominique, assustando o rapaz.

— A grei. E quanto às Joias, Nique? Você deixaria seu Tesouro para trás?

O gênio endireitou a postura.

— Aquelas coisas não são nossas, Jadhe. E eu não me importaria nem um pouco de deixar o Relógio para trás.

Colocando-se em pé, Jadhe respondeu com mais rispidez do que era seu normal:

— O Relógio do Último Tempo pode não ser seu, mas o Tesouro de Caularom é *meu* por direito, *minha propriedade*! E eu não tenho família; seu clã dos gênios é só seu, não tenho relação com eles. Se quiser desertar e desaparecer no meio de Bhardo vá em frente, mas não me envolva nisso. Eu estarei onde *minha* Joia Suprema estiver.

Deixando Dominique atônito, Jadhe saiu com passos firmes de volta à Torre da Água.

Havia algo incomodando Pablo desde o momento em que tinham pisado na fortaleza, e ele decidiu que, naquele dia, iria acabar com o problema. Convocou alguns soldados originários de Octoforte no pátio gramado entre a muralha e o prédio central e os orientou a se reportarem ao capitão Letch, da guarda do trovão, na ausência do comandante Vardo, escalado para ajudar Íneo a lidar com os turistas. Explicou que as sentinelas estariam em Octoforte, mas que não deviam ser incomodadas nas próximas horas porque estariam ocupadas em uma tarefa há muito postergada.

— E o que quer que façamos, general? — Yoná Sanai perguntou, desconfiada, mas mantendo a postura e o tom de voz de alguém que fala com seu superior. Era estranho agir assim, mas ao menos na frente dos soldados todas as sentinelas, até mesmo Diana, tratavam Pablo pelo seu cargo, não pela amizade.

— Que realizem uma missão que só as sentinelas têm autoridade para fazer: vamos abrir as torres que estão fechadas.

Todos os presentes olharam para a muralha dourada, na direção da Torre da Sombra, a mais próxima deles.

— Márcio e Yoná, vocês vão entrar na torre de Shenu. Se bem me lembro, ele não chegou a se mudar para lá quando assumiu o posto de sentinela.

— Não — Diana confirmou. — Ficou, hum... Participou dos festejos com os soldados até o último dia em um dos quartos da muralha. Acho que sequer entrou na torre.

— Então abram-na — Pablo prosseguiu. — Vejam se Mayala deixou alguma coisa para trás, algum bilhete, alguma coisa digna de nota.

— O que devemos procurar? — Márcio indagou, percebendo que Pablo tinha alguma coisa bem específica em mente.

Mas Pablo deu de ombros, e Márcio não soube se ele realmente não sabia bem o que queria, ou se não queria falar na frente dos soldados. Olhou brevemente para Jadhe, mas não recebeu dela nem o menor olhar de volta. Por algum motivo, a moça tinha fechado o canal telepático entre eles e não parecia se lembrar de que poderia ser útil naquele momento.

— Indícios de qualquer coisa que ele tenha deixado para trás. Filhos, dinheiro, informações, endereços de parentes em Bhardo, coisas assim. E vejam se não tem nada que precise de limpeza no quarto dele.

Márcio e Yoná concordaram.

— Jadhe, peço que acompanhe Diana até a Torre da Fauna. Devem fazer o mesmo lá.

Diana inspirou profundamente, e os soldados próximos apertaram os lábios de apreensão, mas a moça não fez menção de recusar.

— E eu? — Dominique perguntou.

— Você vem comigo — Pablo respondeu. — Vamos averiguar o Torreão.

* * *

Diana venceu os degraus para o quarto da sentinela da fauna com facilidade, mas ficou tonta quando chegou ao final da escadaria. Jadhe a ajudou a sentar-se diante da porta do aposento que fora de Verônica para tomar um fôlego antes de entrar, mas a loira se levantou mais rápido do que a amiga achava prudente.

— Quero acabar logo com isso — Diana explicou.

Abriram a porta de madeira, que embora fosse muito velha, com cerca de oitocentos anos, não tinha muitos sinais de desgaste. Por ficar localizada em um espaço fora de qualquer planeta, Octoforte não sofria ação de muitos agentes degradadores, como chuvas ou sol, maresia ou ventos, nem investidas de pragas ou feras. Uma lixa e um bocado de verniz de tempos em tempos eram suficientes para garantir uma boa conservação.

Do outro lado da porta, porém, o cenário era outro. As moças entraram no cômodo e deixaram a porta se fechar com um rangido, revelando profundos sulcos na madeira. Sulcos provocados por garras — as garras da gárgula. Havia montes de coisas espalhadas pelo quarto, tanto sobre a cama quanto no chão, e um cheiro terrível fez o estômago de Diana revirar e ela teve que correr para o quarto reservado para vomitar. Jadhe, por pouco, conseguiu se conter, e encontrou a fonte daquele odor nauseabundo: um baú de couro, de onde uma substância viscosa escorrera e se aglomerara em uma gosma no chão, propiciando a proliferação de uma multidão de vermes e moscas. Jadhe desejou que sua telepatia lhe permitisse

levantar coisas com a mente, mas o máximo que conseguiu foi arranjar uma luminária comprida e usá-la para espiar dentro da caixa sem usar os dedos nus. Não reconheceu o que havia ali, mas discerniu uma quantidade de ossos e pelos no meio de uma maçaroca de vermes, e deixou o tampo se fechar sem demora.

Antes que Diana voltasse, Jadhe enrolou o baú nas colchas empoeiradas da cama, fortificou a embalagem com as cortinas da janela e, tomando cuidado extremo para não tocar em nenhuma daquelas larvas, amarrou o pacote com um nó, deixando o volume três vezes maior do que o tamanho original do baú.

— Obrigada — Diana agradeceu por Jadhe ter feito tudo sozinha.

— Não tem de quê. Como é possível que isso ainda esteja aqui?

Diana deu de ombros, enxugando a testa e o canto da boca com um lenço.

— Não temos muitos decompositores, não é? Nada de sol ou chuva, nenhum vento para espalhar o fedor, nem animais carniceiros, dois Portais atraindo poucos bichos vindos de fora e o da Terra inconstante, sempre mudando o lugar e o tempo onde vai parar. Essa coisa estava dentro de um baú, então o cheiro não foi longe, só chamou os bichos da área. Acho que é a primeira vez que vejo moscas em Cermalháct, Verônica proporcionou um aumento nas espécies biológicas locais...

— Uau! — Jadhe se espantou. — Você se daria bem com a mestra, pelo jeito era uma aluna bem aplicada! Mas o que será que *era* isso?

Diana deu de ombros enquanto encarava o embrulho. O cheiro ainda era pungente, mas havia melhorado um pouco.

— Coelhos e galinhas, provavelmente. Talvez ovos. Eles estavam sumindo quando começamos os testes. Esquecemos disso durante as provas, mas o pessoal das criações estava ficando doido. Juravam que tinha um predador de fora escondido aqui e que estava comendo nossos animais. Tá aí a raposa...

Jadhe estava preocupada com Diana. Ela costumava ter um laço estreito com Verônica antes daquilo tudo, e a sentinela da água temia que toda aquela revelação fosse demais para o estado alterado de uma gestante.

— Por que Pablo te mandou aqui, Di? — ela perguntou. — Por que não Márcio, por que não te mandou ver a Torre da Sombra?

— Márcio era muito próximo a Mayala, Pablo sabe disso. Antes, quando éramos crianças, Mayala costumava contar histórias para Márcio, ensinar coisas sobre o céu, sobre os animais, e Márcio ficou muito abalado quando o velho se trancou na torre e nunca mais saiu. Sempre achou que havia algo errado nessa história. É a chance de Márcio ver o que tem lá.

Jadhe sacudiu a cabeça e estreitou os olhos puxados ao ponto do lilás de suas íris quase desaparecer.

— Não gosto disso. Ele não devia ter te mandado aqui, não está tratando as pessoas com o devido respeito, perde a cabeça à toa e está fazendo julgamentos errados. Acho que essa liderança está mudando a cabeça dele.

Encarando Jadhe, Diana cruzou os braços.

— Não é só o comando que está fazendo mal a ele, apesar de que tenho certeza de que não deve ser fácil ser o responsável por tudo isso agora. Você tem que concordar comigo que nenhum de nós é realmente o mesmo desde que pusemos as mãos nas preciosidades que guardamos uns dias atrás, e Pablo não é diferente. Aquela Pedra de Mavhtus o afetou demais... E você... Bom, você também não tem se comportado como a Jadhe que eu conheci nos últimos dias, principalmente depois que ele te mandou trancar o diamante azul.

Jadhe encarou de volta os olhos cristalinos de Diana, mas não viu nem sentiu sinal de ameaça. A amiga estava apenas preocupada e, além do mais, era muito difícil ser ríspida com a loira quando ela fazia aquela carinha de cachorro abandonado.

— Está certa — Jadhe admitiu, relaxando os ombros. — Só não consigo ver o Tesouro de Caularom como a ameaça que vocês enxergam. E não acho que ele devia ter te mandado aqui de qualquer jeito, ainda mais estando grávida.

— O Medalhão também não é maligno Jadhe, mas trancá-lo foi necessário não só por mim, mas pelos outros. Pelas outras pessoas, por nós mesmos. Imagine o que seria de você se fosse a única pessoa a andar por aí com um Tesouro Supremo em mãos? Lembre-se, eles não são perigosos só pelo poder que têm, mas pela atenção que atraem. De todo mundo e... das outras sentinelas também — Jadhe não disse nada, mas não fez menção de discordar. — Além disso — Diana suspirou, relaxando os ombros e passando os olhos pelo resto do quarto —, meu filho não vai nascer só porque estou vendo coisas de que não gosto... Pelo menos eu espero que não. Pablo sabe que eu sou a melhor pessoa para achar algo errado sobre a Vê.

Ela tinha muitos gostos esquisitos e Fauret trazia presentes da Terra pra ela, então algumas coisas não são tão estranhas pra mim como seriam para o resto das pessoas.

— E quanto àquilo? — Jadhe acenou o volume do baú com a cabeça.

Juntando as sobrancelhas claras, Diana admitiu:

— Aquilo é mais do que eu conhecia sobre ela.

Jadhe não queria se demorar além do necessário naquele quarto, por isso começou logo a vasculhar os objetos espalhados à procura de algo incomum, mas tudo o que ela encontrava parecia fora de lugar. Havia caixas com discos pretos achatados dentro de envelopes finos com ilustrações incrivelmente realistas que mostravam figuras humanoides com chifres e máscaras apavorantes; camisetas com formatos curiosos, algumas que mais pareciam trajes de banho do que roupas, outras cheias de correntes e pingentes, que Diana garantiu que nunca tinha visto antes; uma série de objetos cortantes na gaveta da escrivaninha, alguns deles com lâminas cobertas de ferrugem, outros que pareciam ter saído de uma exposição, e uma grande quantidade de coisas empacotadas em malas e baús a um canto. Verônica, assim como as outras sentinelas, não tivera tempo de ajeitar completamente os pertences ao se mudar para a torre antes do fechamento do Portal.

— Discos de música — disse Diana, apontando para os envelopes com discos pintados com figuras assustadoras. — Do mundo Terra. Fauret trazia essas coisas para ela. Tem um toca-discos em algum lugar por aí, mas sempre foi difícil fazê-lo funcionar. Ele trazia baterias, mas elas não duravam muito, tem qualquer coisa em Cermalháct que drena a energia delas mais rápido que o normal quando as coisas humanas começam a funcionar.

— Já houve gárgulas em Bhardo, muitas décadas atrás — Jadhe comentou, mais incomodada a cada minuto. Aquele quarto lhe causava calafrios, e não era só porque havia algo realmente podre nele. Era o quarto de alguém que tinha as trevas na alma, ela tinha certeza. — Houve uma época em que elas chegaram a fazer comércio com o pessoal de Zebelim. Poucas, no máximo uma dúzia por vez, passavam pelo Portal sem nem olhar para a ilha Agerta, voavam direto para o Continente e lá faziam o que queriam.

— E o que aconteceu? Por que não tem mais gárgulas lá?

— Porque ficaram famosas por trapacear nos contratos e por serem violentas quando não gostavam dos acordos. Zebelim lançou restrições ao comércio com elas, e as criaturas pararam de atravessar. Mas isso aconteceu quase um século atrás, como foi que Verônica veio parar aqui?

Depois de vasculhar as malas e não achar mais nada estranho, Diana abriu uma arca e encontrou vários apetrechos humanos. Uma espécie de máquina quadrada com visores pequenos parecia especialmente protegida, e Jadhe se aproximou para ver o que ela fazia. Apertaram juntas um botão, e a coisa disparou uma luz branca, ofuscante e instantânea, e cuspiu de um orifício um papel pequeno. Jadhe se sobressaltou, mas Diana apenas segurou o papel distraída.

— Os soldados sempre fizeram chacota por causa disso. Diziam que Fauret tinha roubado o ovo dela e tentado vendê-lo em Asegar para o santuário de animais exóticos e que, como não conseguiu e os aghartos fecharam o Portal deles, teve que criá-la. Ólie sustentava que passou para Agharta e que encontrou a mãe dela moribunda e pedindo para que ele cuidasse do ovo.

As duas se entreolharam. Pela fama de contrabandista do general, a versão dos guardas fazia muito mais sentido.

O papel na mão de Diana clareou e Jadhe, chocada, viu uma imagem se formar na área preta: o retrato das duas sentinelas.

— Mais um apetrecho humano — disse a loira, ligeiramente interessada. Sacudiu-o e tentou disparar outra vez, mas nada aconteceu. — Foi seu último suspiro.

Jadhe guardou a foto com ela e foi até o baú em que acharam a máquina e vasculhou seu interior, constatando que havia dezenas de outras fotos como aquela. Olhou uma por uma: algumas não mostravam muita coisa, outras eram fotos bem íntimas da gárgula, muitas usando aquelas roupas miúdas e esquisitas.

Mas o que mais chamou a atenção de Jadhe foi a quantidade de fotos que Verônica tirou de duas pessoas sem que os retratados parecessem cientes de que estavam sendo espionados.

— Há quanto tempo você e Pablo estão juntos, Diana?

A loira, que se sentara na cama e olhava para as páginas de um caderno com uma expressão chocada, levou alguns segundos para olhar para a amiga.

— Eu e Pablo? Bom, assumimos um compromisso um com o outro alguns anos antes dos testes.

— E antes disso? — Jadhe juntou as fotos e se aproximou da amiga.

— Antes... Bem, éramos muito crianças, muito novos. Mas sempre tivemos uma amizade diferente. Como...

— Como o que?

Diana sorriu e olhou nos olhos de Jadhe.

— Como a sua amizade com Dominique — disse ela, e Jadhe enrubesceu.

— É... E Verônica aprovava o namoro de vocês?

— Ela sempre teve uma implicância com Pablo — disse Diana, e em seguida apontou para as páginas do caderno que tinha em mãos. Letras garrafais rabiscadas com força marcavam todas as páginas, repetindo as mesmas palavras por todo o caderno: “Pablo” e “Diana”. — Agora eu me pergunto o que isso tudo quer dizer.

— Também não sei — disse Jadhe, estendendo as fotos que separara para a amiga olhar: todas mostrando Pablo e Diana em diversas situações, algumas de quando ainda eram pequeninos e tinham acabado de chegar ali.

* * *

Márcio precisou arrombar a porta do quarto da Torre da Sombra. As torres em si não estavam fechadas, pois havia depósitos coletivos de materiais nos andares inferiores de cada uma delas, mas os andares superiores — o quarto com banheiro, o salão com escritório e principalmente o alto da torre de vigilância —, estes só eram permitidos às sentinelas. Quando Mayala morreu não havia mais nenhuma sentinela, e Fauret precisou dar uma autorização especial ao capitão da guarda da sombra para que ele entrasse no quarto e retirasse o corpo. Aparentemente, o lugar ficara fechado desde então.

O recinto cheirava a coisas velhas e empoeiradas, e Yoná prontamente correu para abrir as cortinas e deixar a luz externa entrar, porque lá dentro tudo era escuridão. Márcio tossiu com o ato, que pouco fez para aliviar o cheiro de velharia do lugar, já que a ausência de qualquer brisa impedia que a poeira parada fluísse para fora.

Teria que mandar as camareiras abanarem seus leques gigantes para dissipar aquele ar parado.

Os dois olharam ao redor e levou um minuto até Márcio conseguir processar o que via. Cada canto das paredes estava coberto com rabiscos feitos com carvão e tinta preta, alguns sem padrão nenhum, outros parecendo indicar a contagem de alguma coisa. A escrivaninha estava abarrotada com papéis escritos e amassados, como se tivessem sido revistos várias e várias vezes. Havia montes de restos de velas derretidas até o fim na mesa e alguns desenhos também, tentativas de retratar uma pessoa, aparentemente.

— Que diabo é isso tudo? — Yoná perguntou.

Márcio foi até as prateleiras e tirou um dos vários tomos que havia lá, provavelmente surrupiado da Biblioteca Dourada, já que era um livro dos humanos. “Uma breve história do tempo”, um livro que Márcio já tinha lido e discutido com Mayala. A velha sentinela costumava falar sobre suas teorias astronômicas e temporais com o garoto, mostrava a ele tratados sobre a fauna e flora aghartos, mapas estelares humanos e também algum material sobre a história de Bhardo. Dizia, no entanto, que Bhardo era o lugar mais acessível a eles e que, portanto, era o que menos merecia sua atenção.

— Esse é a sentinela que enlouqueceu? — insistiu Yoná.

Márcio folheou outro livro, um sobre cosmos, cheio de imagens fascinantes que lembravam o que ele via quando atravessava o Portal.

— Ele sempre gostou de temas científicos, coisa de humanos. Mas no último ano antes de morrer começou a falar umas coisas estranhas. Dizia que enxergava uma pessoa invisível, que só ele podia ver porque sentia sua sombra. Falava que tinha perdido tempo demais olhando para as dimensões erradas, que devia ter me ensinado a estudar o Mundo de Bhardo. Começou a abordar os soldados com coisas que ele encontrava em livros velhos. “Provas”, segundo ele, mas não explicava de quê.

Yoná aproximou-se do amigo cabisbaixo.

— Você está bem?

Márcio fungou, virou de lado e disfarçou a passagem de mão pelos olhos, então recolocou o livro no lugar.

— Eu gostava do cara Yoná. Quer dizer, eu não achava que ele era meu pai, nem nada assim, mas eu gostava dele. Quando se trancou aqui, ninguém conseguiu mais falar com ele.

A moça passou os olhos pelas paredes, depois fechou a porta e analisou a madeira e as dobradiças internas. Havia uma portinhola com tamanho para passar uma bandeja de comida e bebida, mas não suficiente para que um homem atravessasse por ela. Franziu o cenho.

— É bem estranho — ela disse, e Márcio avaliou o que ela apontava também. — Ele pode até ter se trancado por conta própria, mas não é isso que indicam essas marcas de golpes, de facadas, de...

— De alguém tentando destrancar a porta por dentro — Márcio constatou. — Acha que alguém o manteve prisioneiro?

A garota olhou ao redor, detendo-se nas marcas similares no fundo do quarto. Marcas que pareciam indicar tempo sendo contado.

— Quem mais tinha acesso a ele aqui?

— Ninguém. Quando se trancou, os guardas do pelotão da sombra foram instruídos a não deixarem ninguém entrar. Eu tentei várias vezes, é claro, mas ele gritava da porta do quarto para que eu fosse embora, que estava fazendo coisas importantes.

— Só se quem o prendeu estivesse ameaçando você — Yoná sugeriu, unindo as sobrancelhas outra vez. — Dizendo a ele que lhe faria algum mal se te deixasse saber que era prisioneiro.

— Mas Yoná, a única pessoa com poder e autoridade para tanto era... Era o general! — Involuntariamente, Márcio baixou o tom de voz, mesmo que o homem em questão já estivesse morto. Parecia inconcebível que Ólie Fauret pudesse ter tramado algo tão horrível contra uma de suas sentinelas, mesmo sendo uma figura tão excêntrica.

— Só saberemos de alguma coisa se ele tiver deixado algo escrito — a moça afirmou.

Os dois reviraram o colchão, tiraram roupas dos cabides, olharam com cautela dentro do banheiro, que tinha cheiro de remédio estragado. Tiveram cuidado de não atirar as coisas de qualquer jeito para não levantar a poeira acumulada lentamente ao longo do último ano, porque só o cheiro do lugar estava dando embrulhos no estômago de Yoná e fazendo o nariz de Márcio coçar. Por fim, já desanimado, o rapaz tateou sob a escrivaninha, e, surpreso, encontrou um volume amarrado à gaveta por uma corda que o lacrava.

— Acho que é isso o que estávamos procurando — disse.

Yoná usou um abridor de cartas cego e bastante força para rasgar a corda, e Márcio abriu avidamente o caderno, que como as páginas soltas sobre a mesa, parecia ter sido consultado muitas vezes depois de escrito. Porém, logo desanimou: cada página estava coberta de símbolos desconhecidos, combinações de retas e pontos infindáveis, alguns preenchendo graciosamente uma página, outros espremidos em cantos, como se tivessem sido adicionados posteriormente. Muitas folhas estavam manchadas de grafite; certamente Mayala usara lápis humanos para escrever tudo aquilo e não se preocupara em passar a mão várias vezes sobre as formas. Não havia nem uma letra reconhecível, mas Márcio pensou já ter visto aqueles signos em algum lugar.

— Vimos isso nas paredes do túnel sob Pirráftér Acchernol, lembra?

Márcio se lembrou. Sim, havia símbolos como aqueles nas paredes, mas eram enormes. Achou melhor mudar o pensamento, não gostava de rememorar aquele trajeto tenebroso cheio de olhos à espreita.

— Mas o que que é tudo isso? — o rapaz indagou, um tanto desapontado.

— São iagos — disse Yoná, admirada.

— *Iagos*?

— É, o cara que descobriu essa escrita se chamava Iago qualquer coisa. Batizou os símbolos como *iagos*.

Márcio estendeu o caderno para ela.

— Traduza, por favor.

Fixando os olhos muito pretos em Márcio, Yoná questionou:

— O que te faz pensar que posso ler isso aí?

— Ora, você é especialista em línguas, não é? Não é uma das especialidades do Educandário Sanguíneo?

A moça cruzou os braços com impaciência, num gesto que deixou Márcio irritado, afinal, ele não tinha perguntado nada demais.

— Estudei lá, mas não cheguei nem à metade do curso completo. Eu sei ler e falar a atual língua comum; um pouco de bhardanathé antigo, a língua comum antiga, e mais ou menos sei minha língua materna. — Depois, ligeiramente constrangida, continuou: — Isso não faz de mim uma especialista em línguas.

— É que eu pensei...

— Eu sei reconhecer algumas línguas, as mais faladas. Sei como são as palavras em *maolki*, a língua em Zebelim; sei como soam os termos do *zonbotar*, de Yatzarem; conheço a base do *vaynaeh*, de Hadara e posso até entender alguma coisa em *nandérih*, a língua local do Norte de Ylhuah. Conheço até um pouco da *ágrabei*, aquela língua inventada que o pessoal de I’Jaboris queria implantar na cidade e que não deu certo. Mas isso não me torna perita, existem mais de trezentos idiomas e dialetos conhecidos em uso.

Aborrecido, Márcio comentou:

— Bom, se você não fala, temos que achar alguém que fale para traduzir isso aqui.

Mas Yoná atalhou:

— Não, você não entendeu. Os “iagos” não são uma língua, são os símbolos. O arqueólogo que os descobriu fez uma série de compilações, mas são só os ícones de uma língua morta.

— E quem entende essa língua?

— Ninguém! — Yoná exclamou. — É uma língua morta, não há nenhum registro de sua fala ou uso. Só o que temos são alguns artefatos com essas inscrições, mas nenhuma chave para decifrá-las.

— Mayala pode ter descoberto — Márcio disse com esperança. — Deve ter algum objeto com uma tabela e ele conseguiu traduzi-los. Ele era fascinado por esse tipo

de coisa...

— Com certeza não tem nenhum objeto iago original aqui...

Márcio bateu com os nós dos dedos na capa do caderno. Estava perdendo a paciência com aquele pessimismo de Yoná.

— E como pode saber disso?

— Porque esses símbolos foram encontrados em objetos grandes. Realmente grandes.

— Grandes...

— Copos de barro com o tamanho de recém-nascidos. Garfos de pedra proporcionais aos copos. Coisas... enormes.

O rapaz ergueu as sobrancelhas.

— Restos de alguma civilização de gigantes?

— Aparentemente, mas nunca encontraram nenhuma ossada. Não se sabe muito sobre esses artefatos. Nem sequer se os iagos formavam uma língua ou se são só adorno.

Márcio olhou de volta para o caderno.

— Os símbolos no Medalhão dos Elementos se parecem com esses aqui.

Um pouco mais moderada, Yoná acariciou de leve o braço do amigo.

— Isso não ajuda muito, ninguém sabe como ele foi feito. Existem lendas, mas não passam disso. Sinto muito Márcio, mas acho que isso é a prova de que Mayala realmente perdeu o juízo... Vamos, vamos voltar. Temos que pedir para alguém abanar este lugar e limpar o quarto, se não Shenu jamais vai querer ocupar esta torre.

Márcio não quis dizer mais nada porque realmente gostou de ver Yoná dar o braço a torcer e ainda mais por ela afagá-lo. Preferiu ficar quieto e deixar que ela entrelaçasse seu braço no dele para conduzi-lo gentilmente para fora, com uma

proximidade que ele há muito vinha querendo estreitar. No entanto, fez questão de levar o caderno com ele, assim como os papéis da pilha de anotações.

Havia algo enigmático ali, e ele tinha certeza de que era mais do que meras manifestações gráficas de um lunático.

* * *

— Achei que você já tivesse reaberto o Torreão, Pablo, não tem dormido aqui? — Dominique perguntou, encolhendo as asas para evitar que esbarrassem nos diversos utensílios quebradiços sobre a escrivaninha. Não queria julgar, mas não considerava apropriado manter tantos frascos frágeis cheios de líquidos coloridos apoiados em caninhos finos de arame sobre uma mesa que, teoricamente, servia a um chefe de guerra.

— É claro que eu abri o Torreão, mas, como você deve ter percebido, estou tendo uma certa dificuldade em entender as coisas aqui — respondeu Pablo, fechando a porta atrás de si.

O quarto do general era pelo menos três vezes maior do que qualquer aposento das torres das sentinelas, que já eram espaçosos, e Dominique se pegou imaginando como seria criar uma criança naquele recinto. Pela pouca experiência que teve com meninos pequenos, irmãos de seus antigos amigos do Educandário, não era fácil impedir que um bebê, começando a explorar o mundo, subisse em cima de cadeiras e mesas e puxasse coisas perigosas para si. Lembrava-se vagamente da irmãzinha de um garoto que tinha uma cicatriz feia da boca até a orelha, resultado de uma travessura inocente malsucedida. Pensou que, se Pablo insistisse em manter aqueles vidrinhos na escrivaninha, ele teria que chamar a atenção do general em algum momento.

— Não são meus — Pablo se adiantou, ao ver os olhos do gênio pousados nos frascos. — E, antes que pergunte, não faço ideia do que tem nessas coisas. É por isso que você está aqui.

— São de Ólie Fauret?

— Imagino que sim — Pablo deu de ombros. Pegou um dos vidros, destampou-o e não precisou levá-lo às narinas para sentir o cheiro: a coisa fétida impregnou todo o ambiente e espantou os três gatos que dormiam num balaio perto da cama.

Tampouco o rápido e recolocou o frasco no lugar enquanto os bichanos escorregavam pela cortina da janela para fora, deixando rasgos e fios soltos.

— Que porcaria é essa?

— Não sei, mas não quero descobrir. Você vai me ajudar a trancar essa coisa toda naquele baú ali. — Ele apontou uma arca grande, cujo interior era vedado por uma camada grossa de cera e onde ainda havia um saco de couro. — Vou lacrar tudo em uma das paredes da masmorra.

— Não está curioso para descobrir o que é?

O olhar de Pablo se tornou sombrio.

— Fauret tinha mania do mundo dos humanos. E se for uma doença? Ou várias doenças? Um dos fatos que motivou o Ato de Contingência, que limitou a passagem de bhardanos para a Terra e vice-versa, foi justamente o trânsito de doenças de uma dimensão para outra.

Nique assobiou, admirado.

— Você entende *mesmo* da história deste lugar, não é?

Pablo deu de ombros e não respondeu.

Os dois começaram a trabalhar tomando cuidado para não deixar nenhum vasilhame se quebrar. Enquanto se movimentavam, Pablo explicou:

— Eu estava com medo de tirar isso sozinho e me descuidar, mas não foi só por isso que chamei você aqui. Quero que me ajude a vasculhar o aposento todo.

— E o que é que você está procurando?

— Informações.

Dominique parou de trabalhar.

— Do que está falando?

Pablo varreu os últimos potes para dentro do saco e amarrou a corda, então passou os olhos pelas paredes do Torreão. Estava convencido de que, apesar de espaçoso,

havia menos área interna do que deveria, o que provavelmente queria dizer que tinha algum compartimento secreto escondido atrás das tapeçarias.

— Eu sempre me perguntei: com uma história como a que Octoforte tem, porque ela está relegada ao esquecimento? Este lugar foi o símbolo final da resistência contra Zebarán, foi aqui que os líderes das nações livres do Leste se reuniram e se abrigaram contra o último ataque do tirano ao Continente Maior, há mais de oitocentos anos. Eles se organizaram aqui e planejaram a contraofensiva que afastou o exército do inimigo e o expulsou de volta às suas terras.

— Octoforte foi o símbolo máximo do poder dos exércitos mundiais por mais três séculos. “Sentinela” era um cargo valoroso, cobiçado por barões, príncipes e jovens que queriam se tornar heróis. Montes de grupos imploraram para serem mandados em missão para o Nepcoutem, ávidos para provar que eram capazes de destruir o rei maldito nas terras dele. Óbvio que todos foram frustrados, mas, quando houve o Levante dos Feiticeiros, arrasando com pessoas comuns e levando o caos aos povos livres do Meio do Mundo, foi a intervenção da Fortaleza Dourada, à mando da Aliança Maior, que trouxe a paz de volta. O grupo do general Ubaldo juntou todo seu exército, e usando magia e *mac*, lutaram contra cada um dos magos bandidos. Foi uma missão que durou quarenta anos, até que o último feiticeiro covarde se rendeu. Foi na mesma ocasião que a sentinela do fogo Radamés se tornou general por aclamação depois da morte de Ubaldo, assim como vocês fizeram comigo.

— Na época, as sentinelas e os soldados usavam magia e *mac* com bastante efetividade — comentou Dominique. Ele logicamente conhecia a história, Ártemis o fizera ouvi-la várias e várias vezes, afinal, depois que o Levante dos Feiticeiros foi sufocado criou-se a Ordem dos Caçadores do Meio do Mundo, da qual ela fizera parte, e a magia passou a ser vista com maus olhos, chegando, por um tempo, a ser banida da sociedade e considerada crime em certas áreas. Só na história recente ela tinha sido reincorporada à luz das atividades legais; as caras e raras escolas de magia espalhadas pelo mundo tinham menos de um século de tradição, e não dispunham de professores capazes de ensinar encantamentos elaborados ou duradouros. A maior parte do conhecimento mágico antigo ainda se encontrava na obscuridade ou vinha de experimentações empíricas.

— Octoforte foi um estandarte da liberdade, um santuário de conhecimento e um recanto de nobres e valorosos guerreiros até a época de Radamés — confirmou Pablo, apressando-se a fechar e trancar com um cadeado a tampa do baú. — Mas, depois disso, caiu no esquecimento. Não aos pouquinhos, mas de uma vez. Faz

quatro séculos, mas desde que Radamés morreu o nome deste lugar desapareceu dos mensários, das canções, dos livros de história. Os volumes modernos que são usados pelos Educandários do Meio do Mundo contam sobre o Levante dos Bruxos e sobre o herói Radamés e seus guerreiros, mas não mencionam a que fortaleza eles serviam. Sobre a invasão de Zebarã ao Continente Maior quando Octoforte foi construída, aí não há nem uma nota.

O gênio se espantou.

— Tem certeza disso? Quero dizer, como pode saber? Você vivia aqui e não tinha acesso a...

— Ártemis trouxe montes de livros para nós da biblioteca de Algavar, lembra? Quase tudo eram livros de magia, e só Dhonmen sabe como ela fez para juntar todo aquele material. Mas tinha muitos livros escolares, títulos com indicação do Educandário que o aplicava, do ano de uso, da região em que foi escrito. Tinha coisa de I’Jaboris, da Cidade Laranja e de Dagsháq, até de Zatzanil, e isso tudo só confirmou a teoria que eu tinha desde que era menino e estudava aqui.

— Qual teoria?

Os olhos cor-de-mel de Pablo fitaram os dourados de Dominique, tão parecidos com os seus.

— A de que há um movimento para desviar as atenções de Octoforte e torná-la obsoleta.

Nique coçou a têmpora.

— Só quem teria poder para fazer algo assim seria...

— A entidade que nos mantém ativos — Pablo completou, sem rodeios.

O gênio se colocou em pé prontamente, animado com o mistério, e imediatamente ele e Pablo começaram a tirar tapetes, cortinas e arrastar estantes.

— E o que você espera encontrar aqui?

— Não sei bem, mas tenho uma desconfiança de que Fauret sabia de alguma coisa — disse Pablo. — E, se for o caso, o lugar mais seguro para ele esconder seria aqui, onde ele passava a maior parte do tempo.

Já no segundo móvel, encontraram uma saliência atrás da estante principal que escondia um compartimento fechado com uma tábua. Nique chutou a madeira e ela rachou no meio, e encontraram um pequeno e delicado baú de pedra ágata. Nique ficou animado, mas Pablo notou que era uma caixa pequenina demais. Dentro dele, uma porção de anéis de prata e ouro branco.

— Bom, você o conheceu melhor... A mim ele não parecia um homem muito engenhoso; não vi, hã... Nenhuma qualidade de conspirador.

Dominique tinha medo de magoar Pablo, que convivera com o antigo general por vários anos e que podia ter com ele uma relação de amizade, mas Pablo só balançou a cabeça e apontou para os anéis.

— Fauret podia não ser líder, mas não era idiota. Por exemplo: aposto que isso aqui é roubado. Era dissimulado, não dava ponto sem nó: tudo o que fazia tinha uma razão, sempre particular. Sempre pensou só no próprio umbigo, a não ser quando estava trazendo porcarias da Terra para Verônica. E tinha uma coisa muito suspeita sobre ele.

— Mais uma ainda? — Nique perguntou, apalpando uma parede onde antes ficava uma pesada tapeçaria, e descobrindo um vão entre ela e a porta para o banheiro, um espaço estreito cujo chão parecia descer. — Tem uma passagem aqui.

— Será que vai dar lá fora?

O gênio respirou fundo antes de responder.

— Sinto muito amigo, mas eu vou morar num sambuk antes de entrar nesta sepultura apertada.

Vendo o pânico no olhar do amigo claustrofóbico, Pablo aceitou e não insistiu. Averiguaria a passagem depois, e continuou a olhar o quarto. Localizou mais uma coisa escondida, uma alça de corda presa num canto do teto, antes oculto por um pedaço da cortina. Subiu no parapeito da janela para alcançá-la.

— O que mais, além disso tudo aqui, pode ter de suspeito em Fauret? — Nique insistiu.

Pablo puxou a corda e um alçapão se abriu, deixando cair uma série de grossos livros, cadernos humanos com capas coloridas e arames, e blocos de papéis amarrados com cordas. Sorriu, triunfante.

— O Portal para a Terra é instável, Nique, sempre foi. Não era possível saber onde ou quando se iria parar ao atravessá-lo, mas Ólie Fauret tinha um vasto conhecimento sobre ele. Atravessava com regularidade, e parecia ir para a mesma época e lugar, e sempre voltava inteiro — ele explicou. Saltou do parapeito e agarrou os volumes poeirentos como se fossem ouro, ainda que imediatamente seu nariz tivesse começado a coçar. Abriu o caderno, e Dominique viu montes de desenhos e diagramas que pareciam representar os Portais e relógios bhardanos. — E acho que aqui está a chave para descobrir como é que ele fazia isso.

DEMANDAS DA ALIANÇA MAIOR

Aos vinte e um anos, Sanhari Ianásh Garita-nel Gat Shiali pensava que seu povo finalmente teria paz. Tinha assumido o lugar de Xátra-Mariz aos quatorze anos após a morte de seu pai, e conduziu os soldados de sua gente tão bem na batalha contra a hoste dissidente de Borgandéu Max-dhiatch, e o acordo de parceria firmado com ele foi tão magistral que, assim que o combate se encerrou, Shiali foi sagrada oficialmente a Xátra, com apenas quinze anos. Agora, depois de várias batalhas e dois anos de paz, com poucos enfrentamentos esporádicos contra ladrões e mercenários do deserto, Shiali pensara em se afastar do posto e abrir as negociações com os vários clãs das areias para selecionar o melhor parceiro para ter seu primeiro filho. Descendentes eram muito importantes, pois seriam eles que espalhariam o nome e os feitos do *farneio*^[6] por todos os cantos.

Mas tudo mudou, e Shiali pensou que seu destino fosse perecer sem filhos, e deixar que o nome do *farneio* fosse espalhado por suas irmãs mais novas.

A Xátra estava acostumada a deserções, mas ninguém ousou fugir desta vez, não quando a jornada era um pedido da própria Senhora. O povo das areias marchou para o sul preparado para a batalha, ainda que a Senhora não lhes tivesse dito que lado deveriam apoiar. No entanto, ela soube que não se tratava de uma contenda comum quando Inish fez a terra tremer e transformou o deserto de dunas num mar de torres de rochas. E, quando chegou com seu povo ao destino, teve um choque.

A batalha havia descido das Colinas Ferlhidas até o litoral, e quando o terremoto rachou o Estreito de Berghata e separou Terem do Continente Maior, todos os soldados estavam perto do mar. A uldomaratha, a onda gigante que sobreveio ao terremoto, varreu o cenário da guerra com tanta violência que não sobrou um homem de pé. Foi quando Shiali soube que suas espadas não eram necessárias, mas suas mãos e braços, para ajudar os afetados pela ira da Senhora.

A tarefa era gigante, digna de ser levada a cabo pelos famosos Objetos Supremos, e Shiali desejou ter um deles para ajudá-la. Porém só conhecia lendas sobre os artefatos perdidos, e teve que se contentar com a boa vontade de sua gente para ajudar os desalentados, que eram muitos.

Yatzarem'z e zéfiros se misturaram no caos, e o desespero os tornou irmãos. Shiali e sua gente eram salvadores, e qualquer rivalidade ou contenda que os povos tivessem antes daquilo foi desprezada. Eram apenas homens ajudando outros homens.

Acampamentos foram montados, sobreviventes foram tratados. O povo de Shiali era habilidoso, e toda vez que alguém era considerado saudável o bastante para ser liberado, passava a ser mais um a ajudar no salvamento, e, para além da área em que a guerra havia se desenrolado, havia quilômetros e quilômetros povoados por cidadelas e vilarejos de camponeses, muitos dos quais não estavam em nenhum mapa. O resgate seria demorado.

Semanas se passariam até que as comitivas de voluntários enviadas pelos reinos conseguissem chegar aos locais mais atingidos e trouxessem reforço aos cuidados de Shiali. Um quarto do litoral de Zefim tinha sido varrido e quase toda a praia de Yatzarem foi transformada pela onda, que só não chegou a Zatzanil, a capital do reino, porque foi barrada pelas últimas montanhas do Vale Coutem. O reforço era pequeno, uma vez que a maior parte dos exércitos dos dois países estava na batalha e tinha se perdido, mas as caravanas trouxeram alimentos, cobertores e muitos curandeiros. A ajuda mútua selou a paz entre os inimigos, e a gratidão ao povo das areias, que não pediu nada em troca de seu apoio, se tornou um laço de lealdade que, Shiali sabia, duraria por séculos.

Mas poucos dias depois um novo episódio sacudiu o mundo e transformou tudo.

Os homens se desesperaram pensando em se tratar de uma nova onda, mas a lufada intensa que os derrubou não era um evento da natureza. A quebra das barreiras mágicas do Nepcoutem foi tão devastadora que a onda de choque percorreu todas as terras de Bhardo e só foi quebrada quando chegou ao Oceano dos Dragões, além da ilha Agerta, e se dispersou na Grande Tempestade, o ciclone oceânico que jamais terminava.

No campo devastado, Shiali e os reis do Oeste não sabiam de nada. Só sentiram uma grande energia atravessando o corpo deles em uma lufada contínua, eletrizante, que deixou muita gente com náuseas, coração disparado, falta de ar e

com os cabelos de pé por dias. Assustados, os reinos d'oeste pensaram em enviar batedores para espiar a origem da onda, mas não foi preciso tomar nenhuma atitude para descobrir a verdade. Seis feras legendárias surgiram poucos dias após a vaga: zaundron'z, dragões negros, e alguns pousaram em cada área povoada que viam e contaram a mesma história: Zebarán estava morto, o Nepcoutem não existia mais, Aduna estava livre e os responsáveis por isso eram as sentinelas de Octoforte, sete franguinhos que usavam umas coisas mágicas, uns tais *Objetos Supremos*.

A notícia se espalhou mais rápido que uma tempestade de areia. Os zaundron'z eram ligeiros e voaram por todo o mundo esticando as asas enrijecidas depois de muito tempo de claustro. Fragatas foram enviadas para observar a paragem e um e outro corajoso confirmaram a veracidade da história. Houve surpresa e celebrações por todos os cantos, inclusive no acampamento dos sobreviventes. Mesmo com a precariedade das provisões, as pessoas improvisaram tambores, e se não tinham cítaras ou violas, esculpiram flautas em pedras e galhos, e houve música e dança. Shiali chegou a pensar que tudo se resolveria. Afinal, o desejo da Senhora fora fazer do povo das areias o salvador, não o levar para o meio de uma guerra mundial ou do fim do mundo. Haveria paz, mais paz do que nunca, agora que a Xátra tinha a gratidão dos reinos que faziam divisa com o deserto, e que o grande inimigo do Oeste tinha sucumbido. Talvez ela pudesse voltar a pensar em enviar convites para os clãs para uma cerimônia de bodas. Talvez, no verão do próximo ano, já tivesse um rebento.

Então a música se desfez, e os vários quilômetros de acampamento silenciaram. Seus olhos estreitaram quando a Xátra sentiu que os ventos mudavam, e seus lábios se entreabriram quando a escuridão penetrou nos recantos brilhantes da noite e apagou as estrelas.

* * *

As sentinelas se reuniram na Sala de Estratégias do General, no mesmo andar da Biblioteca Dourada, no Torreão, e enquanto passavam os gatos de Pablo de mão em mão, analisaram as peças que tinham encontrado em cada uma das torres fechadas. Sobre o quarto de Verônica, Dominique julgou que estava claro que a gárgula era louca de pedra desde muito cedo, e que tudo aquilo era uma prova de que ela tinha fixação pela vida de Diana, talvez pelo simples fato de que a moça fosse uma pessoa normal e não uma criatura de outra dimensão. Jadhe, no entanto, achava que essa obsessão tinha motivos ainda mais emocionais, mas não quis expor tudo o que pensava para o grupo. Sem Shenu, ninguém mais lia mentes, e a

moça vinha mantendo um domínio melhor sobre a comunicação psíquica, não era difícil para ela manter os próprios pensamentos no lugar quando queria.

Quando passaram para os itens da torre de Mayala, Pablo mal quis ver o que Márcio tinha encontrado. Embora o mais novo insistisse que era um material importante e que ele sabia que já tinha visto aqueles iagos em algum lugar de relevância, não encontrou respaldo entre os amigos. Apenas Diana achou que valia a pena fazer uma pesquisa na biblioteca, mas Pablo, com concordância dos outros, acabou concluindo que, como Verônica, Mayala também era louco de pedra, e que tudo aquilo não passava de delírios.

Quando passaram aos livros de Fauret, porém, as reações foram mais entusiasmadas. Pablo já tinha dado uma olhada nos livros-caixa do cofre e, por alto, não tinha percebido nada irregular, nada que chamasse a atenção, mas aqueles calhamaços eram diferentes. Havia uma quantidade de informações — números, cifras, datas — na frente de nomes que os jovens conheciam porque figuravam em livros de história ensinados nos Educandários do Meio do Mundo. Yoná ficou particularmente fascinada com o quanto aquilo tudo poderia ser comprometedor caso fossem registros de atividades ilícitas, como pareciam, e se ofereceu para ajudar Pablo a estudar os manuscritos. E mesmo que também estivesse curioso, Márcio, mal-humorado, sugeriu que, provavelmente, aquilo não passava de um monte de papel rabiscado aleatoriamente por alguém sem juízo, porque, a exemplo dos outros, Ólie Fauret devia ser louco de pedra.

Ninguém soube explicar como os membros da Aliança Maior chegaram lá com tanta rapidez, já que as linhas de bondes do Continente Maior estavam destruídas. Diana levantou a possibilidade de que os reis dispusessem de uma linha secreta ou coisa assim, mas não fazia sentido, porque os dragões que as derrubaram não precisavam de informações para saber onde atacar: tudo o que tinham que fazer era sobrevoar o território. Pelo visto, eles tinham usado todos os meios normais possíveis para chegar na ilha. O fato é que apenas seis dias após o Destranque [\[7\]](#) a comitiva da Aliança desembarcava em Agerta.

Vieram quatorze pessoas que, junto com Lavoér e seu grupo, perfaziam dezenove aliados em Agerta, o que, de acordo com o antipático grandalhão Silderéver, que não gostava nem um pouco das sentinelas — particularmente de Pablo —, era apenas uma fração da irmandade. Quando chegaram exigiram uma reunião particular com os jovens, e o general pediu para que alguns dos antigos soldados da fortaleza continuassem assessorando os agertos na passagem dos moradores de um

lado para o outro, enquanto ele e os amigos levavam os recém-chegados a uma saleta anexa ao salão do Fortim de Agerta, na própria ilha. Era praticamente uma gruta sem janelas onde ficavam estocados mantimentos, com apenas uma porta, e quando o grande grupo entrou, ficaram todos espremidos entre as paredes úmidas.

— Vocês conseguiram mesmo chamar a atenção — começou a princesa Enara, cujos olhos verdes e vibrantes ficaram cravados em Pablo o tempo todo, ignorando completamente a presença de Diana ao lado dele. Pelo modo como falava, a princesa estava genuinamente admirada com a façanha. — Derrubar o rei maldito! Este feito será lembrado por gerações, cantado em canções...

— Se tornará parte obrigatória de todos os livros de história — acrescentou a cantora-ativista de paz Jhália, com tantos apetrechos pendurados no corpo que mal se podia perceber a cor da pele dela. — Vão fazer pinturas, esculturas, afrescos...

— E livros de heróis, e quadrinhos! — disse Lavoér entusiasmado, mas se encolheu rapidamente quando várias pessoas o encararam. Quadrinhos não eram exatamente uma arte para se vangloriar.

— Por isso, a Aliança Maior os parabeniza pela missão bem-sucedida a que foram enviados por nós — falou Silderéver com seriedade, cravando os olhos castanhos nos cor de âmbar de Pablo.

O general piscou várias vezes.

— A que fomos enviados... Por vocês? — Yoná questionou.

Um zunido agudo preencheu os ouvidos de Pablo, mas ele percebeu que era só pressão por causa do ranger das mandíbulas no estresse, e não invasão psíquica de ninguém. A mente de Jadhe estava quieta, e cada amigo permanecia com seus pensamentos guardados só para si, mas ele notou que os companheiros não tinham captado as intenções dos aliados.

— Sim, pela Aliança Maior — insistiu Nianca, cheia de malícia. — Afinal, se tivessem agido por conta própria...

— Seria insurreição — Pablo atalhou, sustentando o contato visual com Silderéver.
— Um crime.

— Verdade. Mas, como não foi o caso, a missão foi um sucesso, e vocês, heróis, certamente serão consagrados como ilustres exemplos do poder que possui a

Aliança Maior perante as nações do Continente — exclamou Jhália, os olhos brilhando, mas sem que o sorriso chegasse a eles.

Márcio não ousou interferir no consentimento de Pablo, mas teve que respirar fundo para não explodir de raiva. Aquele discurso de incluir os feitos deles em livros era pura balela: as notas de Fauret compilavam informações e até comprovantes de pagamentos por matérias impressas que omitiam qualquer citação sobre Octoforte, e era o que os aliados provavelmente fariam dentro de alguns meses, quando a excitação por conta da libertação de Aduna começasse a amainar. Aqueles burocratas ficariam com o crédito pela vitória das sentinelas, os obrigariam a desfilar por aí como se fossem mascotes adestrados, e pior: tinham autoridade para prendê-los, caso se recusassem. E, apesar de ele e os amigos terem descoberto que conseguiriam sobreviver em qualquer lugar do mundo por mais inóspito que fosse, ainda conservavam esperanças de conseguirem ter vidas normais, com trabalho, viagens de férias, compras na padaria, sem se esconderem da civilização, e, para isso, precisavam de trabalho.

Cada membro da Aliança sorria exultante.

— Muitos estão voltando ao nosso consórcio — disse Doniel, o tutor do filho metido do presidente de Ylhuah. — A Ordem Secular dos Relojeiros quer participar, assim como a Associação de Estelobservadores, os merelvizah'z e alguns dos países do Oeste.

Pablo franziu o cenho.

— E essa vontade repentina de contribuir com a recém-reaberta Fortaleza Dourada tem apenas a intenção de parabenizar os heróis que livraram o mundo da sombra do Continente Menor?

Alguns aliados pareceram realmente surpresos, mas outros, como Nianca, a prima mais velha e sagaz da princesa Enara, e o próprio general de Gehenmy Silderéver, lançaram um olhar astuto sobre Pablo, que estava cansado demais para aceitar de bom grado manter alguma conversa cheia de meias palavras e intenções mal disfarçadas com burocratas que jamais tinham participado de uma batalha, e que gostavam daqueles jogos irritantes.

— Todos querem gozar das benfeitorias de Octoforte — disse um homem ruivo que nenhum dos jovens conhecia.

— Como foi mesmo que o senhor disse da última vez? “Garantir sua presença, caso seja necessário defender os territórios da Aliança Maior, como é a prerrogativa da fortaleza” — Silderéver repetiu as palavras de Pablo de quando se tornou general.

— Logicamente isso será feito, caro Mandatário — respondeu Pablo com firmeza, mas educadamente.

— Só que não da forma como sugeriram da última vez — disse Yoná, endireitando a postura, deixando bem claro que falava muito sério, e, como Dominique e Diana, Márcio enfatizou as palavras de Yoná encarando cada um dos líderes. A sugestão fora que os Objetos Supremos fossem transferidos para os líderes de reinos e divididos entre eles, coisa que nenhuma das sentinelas permitiria que acontecesse.

— Este é um dos assuntos de nossa visita, caros guerreiros — disse Doniel. — As Joias Superiores foram recuperadas pela entidade Octoforte, mantida pela Aliança Maior, e é direito de qualquer mantenedor retirar *qualquer objeto ou quantia* da entidade para abastecer as nações *com o que for necessário*. E a magia contida nesses elementos é de vital necessidade para a proteção dos reinos.

A mocinha de braços nus que acompanhava a princesa Enara encolheu porque a temperatura baixou um tantinho dentro do salão. Pablo mal se moveu, mas Márcio voltou os olhos levemente para Jadhe e sentiu um formigamento na parte de trás da cabeça, uma manifestação física da telepatia da amiga. Imagens fugazes passaram pela mente dele, e Márcio foi inundado por uma emoção estrangeira, um sentimento de ameaça. A conexão mental de Jadhe tinha retornado.

— Infelizmente não será possível atender este pedido. — Pablo falou, e completou sem dar chance para que alguém da Aliança dissesse mais alguma coisa: — Esgotamos o poder dos Tesouros. Usamos os sete até o limite, e eles perderam toda a magia. Só sobraram as carcaças, que estão trancadas na fortaleza para que ninguém se machuque com possíveis resquícios de energia que possam ter sobrado.

— Que conveniente! — exclamou o primeiro-ministro Randeval, de Algavar.

— Se pensam que estamos mentindo, temos provas. Podemos mostra-las a vocês assim que estiverem do outro lado.

A firmeza de Pablo fez Randeval vacilar, e ele e Silderéver se entreolharam ponderando se continuavam ou não a conversa.

— Muito bem, passamos para o próximo assunto, e Dhonmen nos ouve! — exclamou Doniel, recebendo, dos outros membros da Aliança, uma frase uníssona em resposta: “Ele nos acolhe!”

Antes que o assunto continuasse, a mocinha friorenta questionou:

— Vocês não *conclamam*?

— Não fazemos *o que*? — Márcio indagou.

— Essa coisa de “Dhonmen nos ouve, Dhonmen nos vê” — Yoná respondeu. — Alguém fala isso e o outro conclama: “Ele nos acolhe”, ou coisa assim. É um jeito de rogar para que os Senhores nos vejam entre tantos homens.

A um canto, Dominique suspirou.

— Pela nossa experiência, menina, seria melhor que os Senhores *parassem* de olhar para nós um pouco...

Confusa, a mocinha não insistiu.

Inquieta, Jhália brincou com os dedos das mãos.

— Vamos dar um crédito a vocês e permitir que nos mostrem essas peças sem utilidade daqui a pouco. Existem, porém, outros assuntos que devemos discutir.

— E qual é o próximo...

— Precisamos definir a direção das sentinelas — disse Silderéver. — Designar um general.

Jadhe estreitou os olhos e os presentes sentiram uma onda de tensão instilar-se em seus peitos, e embora os aliados não soubessem sua origem, as sentinelas sabiam que vinha da ameaçadora onda de emoções da sentinela da água.

— E o que há de errado com o nosso general? — ela questionou numa voz baixa, mas incisiva.

— Nada! — Jhália estava desconcertada. — Mas ele foi aclamado por vocês em um momento de crise, e sabemos o quanto deve ter sido pesado o fardo da liderança sobre os ombros de um homem que não foi preparado para tal ocupação.

— E estamos aqui para fazer as ocorrências regressarem aos seus lugares — completou a princesa Enara, lado a lado com Silderéver, como se o grandalhão lhe conferisse alguma proteção.

— Garanto aos senhores que estou plenamente confortável em meu cargo de liderança — disse Pablo, Márcio e Dominique posicionados um de cada lado do líder com os peitos estufados. — Não há necessidade de se preocuparem com eleições para general, não pretendo abandonar o posto.

— Todavia, carecemos de suporte — disse a princesa Enara novamente. — Meu reino está bem, Lhênus nos protege! Mas existem questões afetando cada um dos reinos da Aliança, e necessitaremos de acostamento...

Pablo estendeu uma mão e convidou os que ainda estavam em pé a se sentarem aos lugares vazios.

— E eu estou aqui para garantir que nada fique sem resolução — disse Pablo, e mancou para sentar-se também. Podia estar curado da maioria dos ferimentos, mas alguns tinham deixado sequelas difíceis de superar. — Digam o que precisam e faremos o possível para atendê-los.

— Precisamos enviar pessoas para ver o que pode ser recuperado no Reino Maldito — disse Doniel.

“Malditos urubus! Abutres! Aquele lugar acabou de ser libertado de Zebarã e estes reis já querem lucrar com isso”, pensou Márcio, e o raciocínio ecoou nas mentes dos amigos.

— Há lugares em nossa circunscrição precisando de ajuda para consertar as cidades destruídas pela onda devastadora — falou Silderéver.

“Íríamos ajudar de qualquer forma, não precisavam nos cobrar”, pensou Diana.

— E temos que reerguer os bondes. Precisamos das linhas de sustentação novamente, e, com a magia que vocês demonstraram possuir...

“Sou só eu, ou vocês também estão ficando com dor de cabeça?” Nique perguntou por pensamento, e a resposta muda soou como um grande suspiro.

A conversa estendeu-se por quase cinco horas. Por fim, Pablo arranhou um caderninho e um lápis carvão e anotou os vários pedidos dos aliados. Depois os convidou a atravessarem o Portal para conhecerem a fortaleza, já que nenhum deles sabia realmente como era Octoforte, o que a maioria aceitou. Alguns ficaram na ilha, pelo que Diana percebeu, por medo de não conseguirem retornar para Bhardo caso o Portal se fechasse de novo. Mas não havia esse risco, os jovens tinham certeza.

A comitiva ficou boquiaberta quando se deparou com a magnífica e imponente Fortaleza dos Muros Dourados. Era mesmo uma construção espantosa, e impressionar os governantes fez Pablo se sentir bem. No entanto, o que ele precisava era bem mais que uma boa impressão para os convencer a deixá-los em paz e ganhar um pouco de tempo: precisava de uma ilusão.

Assim que as seis sentinelas abriram as portas do salão de reuniões do Torreão, o grupo de aliados exigiu verificar aquilo que tinham ido realmente ver: as Joias Supremas e a veracidade da informação de que elas não tinham mais poder.

Pablo pediu que aguardassem por alguns minutos enquanto esperavam o pampiris — escrivão direto do general, um jovem de Agerta recém-contratado — providenciar o café. Olhou para Jadhe numa súplica muda, mas só recebeu um chiado em resposta, como se a mente da garota estivesse em outro plano. Ordenou então que Diana e Yoná buscassem as joias na Biblioteca Dourada e as trouxessem à sala, e torceu para que a breve troca de ideias por telepatia mais cedo, junto com a escolha das duas moças para buscar os artefatos, fossem suficientes para que elas entendessem o que ele tinha em mente.

Quase uma hora mais tarde, com o café já servido e os aliados impacientes, Yoná e Diana retornaram, cada uma carregando uma alça de uma mala pesada. Depositaram a caixa aos pés das pessoas e observaram, com os amigos, a cobiça crescer entre os líderes.

— Então aí estão as famosas Joias Superiores? As mais famosas e mais poderosas de Bhardo? — Carelát perguntou de olhos bem abertos.

— As mais famosas e *outrora* mais poderosas — Márcio confirmou, enquanto Dominique espiava curioso. — Agora não passam...

Com o consentimento de Pablo, Márcio abriu a tampa e deixou os aliados verem seu conteúdo. Lá dentro as sete joias jaziam inertes, sem poder, retorcidas e

lascadas em alguns pontos, trincadas em outros.

— ... De quinquilharia.

Os dez aliados se abaixaram e, sem nenhuma elegância, apanharam as joias e as reviraram nas mãos. Testaram, balançaram, puxaram, tentaram abrir, desmontar, estocar com elas. Nenhuma demonstrou sinal de poder, mas esporadicamente lançavam fagulhas no ar ou soltavam silvos e breves lances de fumaça.

A Princesa Enara, no entanto, não estava convencida. Levantou-se puxando seu imenso vestido de babados, que não combinava nem um pouco com as roupas práticas das demais pessoas, e ajeitou as vestes de renda intrincada.

— Vamos apreender estas joias, senhores, vamos levá-las. Tenho fé de que não farão oposição, já que não passam de quinquilharia, como articularam.

— Sua Alteza tem toda razão — concordou o conselheiro Doniel, ajeitando, irrequieto, a lente de aumento do monóculo sobre o olho esquerdo. — Estes Tesouros mágicos devem ser avaliados por especialistas! É perceptível que ainda se depreendem deles notas de emanção mágica...

Yoná engoliu em seco. Márcio fez menção de protestar, Dominique esticou rapidamente as asas em uma postura ofensiva e Diana franziu o cenho e apertou os punhos, mas Pablo ergueu uma mão para que os amigos não fizessem nada.

O gesto pareceu agradar os aliados, que esperavam uma reação agressiva da parte dos jovens.

— Muito bem, Pablo Adenetti, pelo visto tem alguma autoridade sobre estes mancebos — Randeval cumprimentou.

— Espero que seja o suficiente para mantê-los sob o devido cabresto — provocou Silderéver. — Imagino que tenha percebido quem dá as ordens aqui, e que saiba o que pode acontecer, caso elas não sejam cumpridas.

— Certamente, senhor — Pablo respondeu, baixando a cabeça, mas sem cortar o contato visual com o homem.

Com estas palavras, Silderéver encerrou os Crimedéct'z no baú, dividiu o carregamento das alças com Doniel e com o ruivo, e partiu, o resto dos membros da Aliança atrás dele, deixando Lavoér, Alibeth e os outros três membros do

Comitê de Inspeção como representantes da instituição em Agerta, junto com uma porção de serviço. Pablo então instruiu Timim, seu pampereiro, a acompanhar os aliados até o Portal e guiar os inspetores ao escritório do Fortim de Agerta e, com os amigos, esperou que saíssem.

Assim que os aliados cruzaram a passagem, respiraram aliviados.

— Acha que caíram? — Yoná perguntou.

— Por enquanto sim; pensam que vocês não concordaram e que eu os segurei, mas temos que manter esta encenação por um tempo. Se pensarem que posso tramar qualquer coisa contra a Aliança Maior ou ficar contra eles, vão arranjar um jeito de me expulsar daqui, e a vocês também, e aí terão acesso às joias de verdade.

— O que vocês fizeram? — Dominique perguntou, olhando para Diana e Yoná. — Onde arrumaram aquelas cópias?

— Não são cópias, são ilusões — respondeu Diana. — Com sorte vão durar algumas semanas, mas não muito mais que isso.

— Mas sentimos poder nelas... — Márcio falou, confuso porque realmente tinham sentido magia emanando das joias falsas.

— Usamos objetos mágicos reais, com poderes reais — Yoná explicou. — Ideia de Diana: pegamos peças mais ou menos do mesmo tamanho e formato das originais e as recobrimos com uma camada de ilusão.

— O mais difícil foi o cetro, custamos a achar alguma coisa que servisse. Foi esperteza sua, Pablo, ter enviado *nós duas* para buscar as joias — Diana elogiou. — Entendemos na hora que precisávamos de algo como o que fizemos no Nepc...

— Aduna — Márcio e Dominique corrigiram imediatamente.

— Foi sorte, mas podia não ter sido. Onde você está com a cabeça, Jadhe? Por que não mediou nossa conversa? Podia ter dado tudo errado!

Jadhe voltou-se para Pablo e para os amigos, mas logo desviou o olhar.

— Acho... A telepatia não funcionou. Meu dom deve ter diminuído — ela respondeu, evasiva.

Dominique se surpreendeu:

— E isso existe? Dons psíquicos podem falhar?

— Diga-me você, gênio, o que você acha? — respondeu a moça rispidamente, e saiu pisando firme. Porém o rastro de ansiedade que deixou atrás de si, enviado involuntariamente para os amigos, deixou claro que, se a telepatia tinha falhado, não era por causa de diminuição nos dons da moça.

* * *

Levaria muito tempo até que conseguissem se adaptar àquele ambiente onde a claridade ininterrupta fazia os olhos e as cabeças doerem, o espaço era mínimo, e todas as pessoas que entravam queriam, no mínimo, dar uma espiada nas famosas sentinelas. E isso tinha que acontecer junto com o trabalho, porque a Aliança deixara o largo pagamento atrasado pelos meses de serviço dos militares com o tal Comitê de Inspeção e exigira agilidade para resolver os problemas que tinha trazido, e a primeira e mais urgente questão era reorganizar a população da fortaleza.

Por vários dias, os seis se debruçaram sobre pilhas de papéis com nomes, mapas, plantas baixas e relatórios; deram aos antigos soldados a opção de voltarem a Octoforte, se alistarem no regimento de soldados do Fortim de Agerta (que Pablo jurou que manteria financeiramente), ou abandonarem de vez o serviço militar; falaram em palanques; reformularam regras de conduta; designaram aposentos a cada família que escolhia viver na fortaleza; limparam suas torres; contrataram funcionários; criaram cargos; planejaram ações. Não demorou nada para que navios com caravanas de curiosos comesçassem a aportar em Agerta, gente do Continente Maior, que vinha dar uma olhada na fabulosa Fortaleza Dourada, e que levava o fluxo de pessoas ao limite do tolerável, obrigando Pablo a designar homens para limitar a passagem quando a Encruzilhada estava muito lotada. Yoná e Diana tiveram inclusive que trabalhar com o prefeito Íneo para encontrar uma solução para a chegada exorbitante de pessoas na ilha. Agerta era só uma ilhota, e a maior parte dela era formada por rochedos; o excesso de gente poderia fazer aquele paraíso entrar em colapso.

Suspeitando que parte do interesse fosse não apenas pela fama recente das sentinelas, mas também pela influência sutil da magia dos Objetos Supremos, atraindo cobiçosos de toda sorte, Márcio sugeriu um plano de proteção, e as sentinelas coordenaram uma reconstrução nas partes avariadas do Fortim de

Agerta. Pablo reagiu com um ceticismo irritado, dizendo que Márcio estava imaginando inimigos que não existiam, mas cedeu quando Jadhe, com aquele brilho branco emanando dos olhos, interferiu na contenda com uma brutalidade incomum para ela:

— Nós somos seis, general. Você trancou nossas joias no Torreão, e, se ainda não percebeu, elas atraem gente como uma fêmea no cio atrai machos. Se ainda não se deu conta, nossos fãs não são unanimidade: se lesse metade das cartas que tem chegado, ou se ouvisse o que as pessoas pensam sobre nós, saberia que tem muita gente incomodada com nosso poder.

— O que quer dizer que você tem ouvido pensamentos a torto e a direito — Yoná comentou com desagrado, mas Pablo não censurou a telepata. Não disse mais nada, e autorizou os amigos a fortalecerem as defesas de Agerta como achassem necessário.

Jadhe e Diana, usando seus *mac'z*, formaram no mar um cinturão de pequenas pedras ao redor da ilha, através do qual só os barqueiros locais saberiam como passar. Depois disso, Diana orientou a instalação de um conjunto de faroletes e tambores de vigia no alto dos rochedos, embora fosse difícil para ela manter um ritmo de trabalho razoável, pois sentia enjoos cada vez mais fortes e cochilava mesmo durante o discurso mais inflamado. Não demorou nada para que a notícia sobre sua gravidez fosse descoberta e espalhada com grande empolgação aos quatro ventos.

O trabalho era constante e exaustivo, e qualquer passo que os jovens davam era acompanhado por visitantes, repórteres e ilustradores, gente disposta a se pendurar de cabeça para baixo para conseguir um mínimo de atenção deles, obrigando-os a se desviarem ou a participarem de festejos infinitos, eventos que, por vezes, incluíam uma quantidade de toques e apertões que deixavam Pablo nervoso, Yoná irritada, e acabavam com vários pés torcidos, resultados de desejos involuntários de Dominique de ser deixado em paz, ou com muitas pessoas agasalhadas em mantas pesadas na quente ilha tropical de Agerta, pois Jadhe se descontrolava e, no fim, deixava o clima gelado.

Logo a próxima urgência se fez premente: recuperar os moradores que tinham fugido para a Terra. O pensamento geral era de que os heróis deveriam liderar as buscas naquele planeta estranho. Pablo estava pronto para dividi-los em grupos quando, por sugestão de Dominique, mudou de ideia. Nenhum dos seis sentia a menor vontade de embarcar em mais uma procura insana através de um lugar

desconhecido e, ainda que Pablo não tivesse percebido isso imediatamente, eles não precisavam mais fazer esse tipo de coisa sozinhos.

Nique e Pablo convocaram os vinte e seis soldados originais de Octoforte, sobreviventes do grupo que tinha ficado preso em Bhardo junto com eles quando Zebarán lacrou o Portal, e que provaram sua bravura durante a Batalha da Agerta. Pablo mal reconhecia os fanfarrões de antigamente atrás dos olhares endurecidos dos companheiros, e, quando o general anunciou que sua intenção era delegar a eles a tarefa de recuperar os refugiados na Terra, viu o orgulho se inflamar em seus semblantes, e agradeceu o gênio pela ideia. Não apenas tinha tirado das sentinelas a tarefa do resgate, como também tinha provado aos soldados que eram valorosos para realizarem uma missão tão importante e, diga-se de passagem, perigosa. Evondér, capitão da guarda da sombra, que tinha demonstrado ser um soldado digno e leal e de mais energia que o capitão Vardo, do trovão, foi nomeado subgeneral, um cargo inexistente até então, e coube a ele a tarefa de organizar e liderar a equipe de resgate.

Assim que Evondér saiu as sentinelas se trancaram na biblioteca, onde seriam observados apenas pelos Silenciosos, e, desanimados, começaram a avaliar as próximas questões.

Das cobranças, grande parte foi desconsiderada sem discussão. As sentinelas tinham sido requisitadas para desfilar em carro público, para aconselhar jovens soldados, para modelar para pintores e escultores ao lado dos reis, para posar juntos para ilustradores dos mensários de Ylhuah, Zebelim e Algavar, e para uma extensa lista de coisas sem sentido. Tais solicitações foram riscadas sem dó, junto com pedidos como usar seus conhecimentos mágicos para irrigar as plantações que sofriam com a seca no Norte de Zebelim, usar o poder do som de Yoná para tornar a frequência do canto dos corvos mais agradável, ou para usar o fogo de Márcio para tornar as horas da noite no norte gelado de Gehenmy mais quentes, para que vilarejos paradisíacos pudessem ser construídos. O presidente de Ylhuah chegou a pedir que Diana, que se destacava por sua feitiçaria, usasse um encantamento para iluminar a Torre do Relógio Central de I’Jaboris uma vez por semana, sem justificativa nenhuma.

Márcio só mantinha a paciência porque sabia que Pablo estava carregando o peso maior da liderança, e que, se ele surtasse e abandonasse tudo, o irmão sucumbiria, mas por várias vezes o pensamento de deserção passou pela sua cabeça — e pela dos amigos também, o que ficava claro em vários momentos de telepatia

compartilhada de Jadhe, ou nas conversas entre eles, em que um ou outro sugeria fugir para umas férias com Shenu em Aduna.

Talvez a ideia vingasse, e logo as sentinelas abandonassem realmente aquela empreitada, mas, por hora, ainda havia muitas incertezas. O que seria deles se saíssem dali? Seriam heróis? Nem todo mundo os considerava assim. Como ganhariam a vida? Recebiam agora o soldo que a Aliança enviava, mas não tinham nenhuma ocupação real, nenhum conhecimento prático que lhes permitisse conseguir um emprego ou montar um negócio no mundo, e cada um precisava pensar em quais eram suas aspirações para que pudessem tomar decisões. Onde viveriam? Ali tinham teto, comida, trabalho; em Bhardo não tinham nada e nem ninguém. Será que se manteriam unidos fora dali? Seriam ainda amigos? Ou cada um tomaria um rumo distinto?

Cada pergunta era uma insegurança, mas acima de tudo havia os Crimedéct'z. Sutilmente emanando ondas lentas e atrativas, que Márcio, agora que estava treinado em magia, conseguia captar, fazendo as pessoas olharem para o alto do Torreão e desejarem subir ali, mesmo sem saberem o porquê, mesmo sendo proibido, mesmo acreditando que as preciosidades tinham perdido o poder e sido levadas para longe, pelos aliantes. Uma ou outra vez, Márcio viu alguém passando com uma queimadura no braço similar a uma mordida, e teve certeza de que aquela pessoa tentara chegar ao baú. Por causa das joias, os seis sabiam que não poderiam abandonar tudo e partir, pois, para onde quer que fossem, teriam que levá-las, e se estivessem com elas, não haveria paz. *Pelo menos, Márcio pensava, aqui podemos vigiá-las sem ceder a elas.*

Porém, dias depois do lacre, ele viu Jadhe próxima ao salão numa atitude um tanto suspeita, enrolando o braço numa capa, tentando esconder uma ferida.

TAPETE DE PROBLEMAS

O campo de refugiados tinha se tornado um amontoado de gente em desespero quando a escuridão se estendeu sobre as estrelas. A treva que se espalhava pelo céu era mais que apenas noite, era um betume sufocante que devorava qualquer luz. As estrelas menores tinham desaparecido primeiro, depois sumiram as mais brilhantes, mas agora havia pessoas enlouquecendo porque a lua verde tinha sido tomada pelo negror, e sua luz naturalmente frágil dissipava-se gradativamente dia após dia.

A confraria de líderes debatia há horas sobre a melhor atitude a se tomar. Dágaro Yatarram, líder do reino Yatzarem, o mais afetado pela onda gigante, propunha que os refugiados fossem levados para as cavernas. Azenódj, conselheiro e representante do povo de Zefim, também atingido pela onda, mas em menor escala, argumentava que tal atitude era desnecessária, pois a escuridão ainda não havia se revelado perigosa, embora assustadora. Xátra Shiali lembrava que mover tamanho campo de refugiados era mais complicado do que planejar o envio de tropas para uma guerra. Fazia menos de noventa dias que a uldomaratha tinha varrido o sul do Continente Maior, e apenas agora, com a ação providencial do povo das areias e a trégua delicada entre Zefim e Yatzarem, os líderes tinham conseguido estabelecer grandes malocas de lona e instalado os sobreviventes. A maioria esmagadora deles, no entanto, ou estava muito doente, ou gravemente ferida, ou ambos. Contornar escassez de água potável e comida vinha sendo um desafio tão grande quanto encontrar voluntários sadios para cuidar de tais pessoas, e até meninos que mal tinham aprendido a andar haviam sido recrutados para ajudar a distribuir suprimentos. As crianças eram outro desafio: muitas tinham perdido os pais, precisavam de tutores e cuidados, e quando a situação se estabilizasse, haveria um número enorme de órfãos com que os reinos teriam que lidar.

— Eu sei das condições do meu povo, mas escutem o que eu digo: esta escuridão é uma praga, e vai se abater sobre nós mais cedo ou mais tarde.

Shiali segurou-se para não revirar os olhos. Todos sabiam que Dágaro era adepto da *Trama* - uma congregação de fiéis que acreditavam num ídolo perverso que, quando contrariado, lançava ondas de desgraças sobre o povo.

A entrada para a tenda se abriu de repente e um arauto ofegante entrou e caiu imediatamente de joelhos e cabeça baixa.

— Meus nobres senhores, me perdoem! — pediu o homem, pois sua entrada tinha alarmado todos e colocado guarda-costas em posição de combate. Shiali o reconheceu: Efrass, um de seus batedores, que vinha fazendo a vigília das malocas para protegê-las de chacais.

— O que houve? — a mulher perguntou imediatamente.

Os olhos do homem encontraram os de sua líder, e ela viu terror.

— Um demônio, minha Xátra. Um demônio com forma de homem. Com um exército de amaldiçoados!

* * *

Márcio continuava mascando as folhas amargas, mas as pontadas na cabeça não davam sinais de melhorar; a crise que começava seria tão intensa quanto aquela que tivera após a queda de Zebarã, e que o deixara incapacitado por vários dias. A sorte é que esteve dentro da Nalvim naquele período, e quando Melvim o deixou com os amigos na praia de Agerta, e os repórteres, soldados e membros da Aliança vieram assediá-los, a dor tinha passado, deixando apenas a sensação de estar fora do corpo. Agora ela voltara e ele achava que seria das fortes, mas não queria guardar o material diante dele e ir descansar, como tinha sugerido Yoná.

Seus olhos se estreitavam enquanto a acompanhavam se afastar. Reconhecia que tinha sido rude pedindo para a garota parar de reclamar de tudo — de sua torre, do excesso de pessoas, de barulho, de luz, — mas não estava com paciência para aturar as ranzinices de Yoná. Ele estava tão incomodado com tudo aquilo quanto ela, e preferia mil vezes morar numa casinha em Agerta, de preferência escondido do mundo, desenhando em seu caderno novo e intocado de notas, a encarar o cerco de gente de toda espécie que vinha procurar as sentinelas sem parar, mas aquele era um raro momento que Márcio conseguira para se afastar e colocar a cabeça no lugar. Só esperava que o emburramento da garota não durasse muitas semanas.

Antes das reclamações, ela tinha lhe contado coisas que se acrescentaram a sua confusão mental como legumes em uma sopa, fazendo a cabeça doer ainda mais. “O que é que somos, afinal”? Ela perguntara, e ele, sem entender, a fez se explicar.

— Recebi essa pergunta numa carta. “O que são as sentinelas, afinal”? A pessoa não conseguia entender nossa capacidade de controlar o *mac*. Treinamos bastante, usamos nossos dons o tempo todo que viajamos, eu reconheço, e Ártemis nos forçou ao máximo no treino dela. Mesmo assim, não tínhamos treinamento militar...

— Eu tinha. Já era soldado aqui — Márcio protestou. — Pablo e Diana também.

— *Vocês* tinham preparo, mas eu e Shenu não. Nique e Jadhe só tinham prática em defesa própria, não em combate militar, com exércitos e tudo mais. E os treinos daqui também não eram lá essas coisas, você há de concordar comigo. Mesmo assim, lideramos as pessoas de Agerta. Até Shenu conseguiu que os homens o seguissem, e obtivemos vitória. Fizemos algo parecido no Nepcoutem, e nossos talentos, com ou sem as joias, foram...

— Importantes? Bom, onde você quer chegar?

— A palavra é *excepcionais*. E se... Eu... Quando estava com a Pérola, eu podia... Era como ver e sentir ao mesmo tempo. Eu via a aura das pessoas, e as nossas... São mais brilhantes. Muito mais!

— Temos mais *mac*, ou mais capacidade de controlá-lo — disse Márcio. — E daí?

— Será que somos diferentes das outras pessoas? Será que... Será que esses dons vêm de outra vida?

Yoná parecia angustiada, mas Márcio não conseguia enxergar nenhuma relevância naqueles questionamentos.

— Pode ser. E se for, qual é o problema?

— Você não gostaria de saber o que te fez ser quem você é?

Márcio deu de ombros.

— Sinceramente, não vejo no que isso me ajudaria com alguma coisa. Se eu fui outra pessoa em outra vida, então todas as pessoas foram outras pessoas em outras

vidas, e estamos todos vivendo uma vida nova, que já tem problemas demais. Mais fácil aceitar quem e como sou hoje, e tentar resolver os problemas que tenho agora, ao invés de escarafunchar outros.

Yoná ficou calada, sinal de que aceitava o argumento do amigo. Depois começou a resmungar sobre o incômodo de estar naquele lugar brilhante, e Márcio falou, sem delicadeza, que o problema dela era estar sem ocupação, o que a deixou injuriada e a fez sair dali rapidinho. No entanto, a conversa ficou flutuando em sua mente, como se tivesse uma relevância bem maior que a que ele via.

O rapaz permaneceu naquela depressão do gramado mais algum tempo, mas não conseguiu precisar quanto. Se em Bhardo a noite era eterna, e o melhor meio de saber com exatidão a passagem do tempo era através de relógios, ali, em Cermalháct, não era diferente. Nunca anoitecia, nunca amanhecia; só o que havia era a claridade imutável que emanava dos três Portais Dimensionais e que, ali, deixava o céu baixo, enevoadado e sempre branco. Não havia estrelas, nem luas, nem nuvens. Só havia Octoforte, a Fortaleza Dourada, com seu formato octogonal, suas oito torres idênticas, seus oito portões e seu grande Torreão, bem no centro da construção, com seu teto envidraçado na forma da chama de uma vela.

— Admirando a bela bastilha?

Márcio sorriu. Fazia muito tempo que não tinha a chance de conversar com Pablo, e, naquele momento, ele estava sozinho.

— Estou com saudade da noite. E das estrelas. Da *Ártemsestrel*^[8], principalmente. Gostaria de vê-la de novo, mesmo tendo certeza de que ela já fazia parte da Constelação do Navegante antes... Como conseguiu fugir de todo mundo? É como se fossem mariposas, e você, um enorme farol.

— Nós somos faróis, Márcio, todo nós. Mas é verdade, para o general a coisa é mais puxada. Eu... — Pablo deu uma risadinha de lado. — Fugi por uma passagem dentro do meu quarto que dá numa abertura no chão ali atrás — apontou o rapaz.

Márcio ergueu as sobrancelhas. — Passagem secreta?

— Acredita? Estou descobrindo um monte delas no Torreão. Deve ter algumas nas torres das sentinelas, procura depois.

Márcio acenou um “sim”.

Pablo se sentou e passou os olhos pelos papéis que Márcio espalhara no chão. Viu os títulos das notícias, mas não fez comentário. Márcio observou o irmão por um momento: ele tinha olheiras fundas, o rosto estava mais pálido do que Márcio se lembrava, e o cansaço emanava de seus poros. Mesmo assim, o olhar de Pablo era de tranquilidade.

— Eu não tive a chance de falar com você a sós desde que isso tudo começou — disse Márcio, com certa estranheza. — Então... Pai, hã?

Pablo deu um sorriso meio assustado.

— Sabe... Não sei como vou conseguir.

Márcio sorriu de verdade desta vez.

— Cara, você desafiou o rei bruxo de quase mil anos mais poderoso do mundo e está com medo de ter um bebê?

Os dois riram juntos.

— Colocando assim parece besteira! — Pablo comentou. Depois, voltando o olhar para a fortaleza, na direção da Torre da Terra, onde Diana devia estar naquele momento, explicou-se: — O caso é que eu não sei como é. Quero dizer, eu não tenho um modelo... Bom, eu sei que você não lembra de nada, mas lembro um pouco do nosso pai. Mas é pouco mesmo, eu lembro... De sentar no chão em roda para comer. Lembro que a gente comia uma papa branca de qualquer coisa, um tipo de grão, eu acho, todo dia. Lembro de um pão enorme e cinzento, e lembro de que ficávamos em silêncio pra dormir, e lembro de que Parém passava todos os dias fora na lavoura. E me lembro de andar atrás dele o tempo todo...

— As pessoas de Landdanitel disseram que os homens plantam e colhem, as mulheres cozinham e tecem, e os jovens caçam e limpam, e que aquela região é assim até hoje — Márcio se lembrou, e sem nenhuma tristeza, completou: — não é uma vida muito complicada. Mas pelo menos você se lembra um pouco do nosso pai. Eu sequer me recordo seu rosto...

— O caso é que... Eu não sei mais nada! E Diana, ela também está com medo, e eu não sei como ajudá-la. Ela está passando por um monte de coisas que sempre ouviu falar, mas nunca sentiu na pele, e eu não posso fazer muito. Enjoa, sente sono, não

consegue comer muita coisa, está cheia de medos... E não tem ninguém com experiência pra ela conversar.

Márcio colocou uma mão no ombro do irmão e falou: — Pablo, tenho certeza de que você vai ser um pai fantástico. E sobre a Di, ela pode falar com alguém em Agerta . Vocês podem fazer amizade com as pessoas. Aliás, tem umas mil mulheres que ficariam felicíssimas com isso.

Mas Pablo encarou Márcio com uma expressão muito séria.

— Ouça Márcio: ninguém que se aproximar de nós agora vai querer nossa *amizade*. Todos querem alguma coisa: ou querem se aproximar dos heróis, ou querem favores, ou provar que são pessoas de valor que podem nos ajudar em batalha. Querem cargos, querem títulos, querem tarefas que possam colocá-los em evidência. Querem nossa companhia para nos exhibir e conseguir clientes para seus negócios, ou aumentar o número de colegas ricos. Não vamos arranjar amigos agora, Márcio, e, pra falar a verdade, é melhor não pensarmos nisso enquanto estivermos com aquelas coisas — ele apontou para o cimo do Torreão com o queixo. — É menos perigoso.

Márcio suspirou, mas acabou concordando que Pablo estava certo. O general se colocou em pé.

— Bom, eu tenho que voltar. Não quero que me vejam aqui e descubram minha rota de fuga.

— Olha só, antes de ir eu queria mostrar umas coisas pra você — disse Márcio, pensando que outra chance de falar sozinho com Pablo não aconteceria tão cedo, e que o assunto que ele estava estudando era potencialmente importante. — É sobre essas notícias, eu tenho olhado pra elas e pensado...

Subitamente a expressão de Pablo mudou, e quando falou seu tom de voz estava sarcástico.

— Você também? Também quer algo do general? Dez minutos, e você não é capaz de se segurar, não é?

Márcio se espantou: — Mas você nem sabe o que é que eu vou falar! Eu só quero que...

— Precisa de algo de mim, não é? Pois fique precisando! Estoure seus miolos lendo essas porcarias sozinho, que eu tenho mais o que fazer! — Pablo explodiu, e saiu marchando na direção de Octoforte, sem se incomodar de usar a passagem secreta, deixando Márcio com uma grande interrogação na testa. Podia ser só impressão, mas Márcio podia jurar que sentiu um leve aroma de chuva emanando do irmão enquanto se distanciava, o mesmo cheiro de ozônio que impregnava o ar quando a Pedra de Mavhtus era usada.

Se ele não tivesse visto com seus próprios olhos seu irmão trancar a Pedra junto com os outros Objetos Supremos, teria pensado que Pablo estava usando a joia, mas se o Tesouro estava lacrado, será que a magia dele poderia continuar afetando as pessoas? Será que estaria agindo sobre o general?

Porém, Márcio não ficou muito tempo sozinho matutando sobre as joias. Apenas alguns minutos depois, ouviu outra voz familiar o chamando.

— Algumas horas de folga e você está fazendo o que, recortando notícias nossas? — perguntou a pessoa ao lado dele.

Virou-se, e seus olhos encontraram o vibrante tom de lilás dos olhos de Jadhe e decidiu não comentar nada com ela sobre Pablo ou sobre a conversa com Yoná. Se ele suspeitava de que seu irmão podia estar influenciado pela magia da Pedra, Jadhe não era a pessoa mais indicada para falar sobre isso: ela mal conseguia disfarçar o quanto queria de volta o Tesouro de Caularom. E algo o incomodava nas ideias que Yoná lançara no ar, algo que Márcio não conseguira identificar ainda, e que por alguma razão ele associava com Jadhe.

— Fugindo também? — ele perguntou, e ela acenou um “sim”.

A moça aproximou-se. Se havia alguma vantagem verdadeira em receber tanta atenção era a quantidade de guloseimas que ganhavam, e ele agradecia a Dhonmen pela amiga comer todas as refeições que podia e estar deixando a magreza doentia que deixara seus ossos bem aparentes no passado. Os longos cabelos tinham sido aparados passando um palmo da altura dos ombros, mas apesar dos badulaques ganhos, como colares e brincos, Jadhe não usava nenhum adorno. Talvez, como os outros, tivesse perdido o interesse em se enfeitar depois de perder tudo tantas vezes em suas viagens. Ela sorriu para o amigo e sentou-se ao seu lado bem devagar, prendendo a respiração com o movimento, e escondendo com a mão esquerda a marca de queimadura do braço direito.

— Ainda dói? — ele perguntou, apontando para o peito da garota, para o local onde, meses atrás, uma lança de cristal havia transpassado o corpo dela.

— Só quando... eu respiro — ela admitiu, depois sorriu, e Márcio teve um vislumbre da antiga Jadhe, aquela que não vivia taciturna fuzilando as pessoas com os olhos toda hora. — Não posso reclamar, mestra Ártemis salvou nossas vidas, mas ela não era uma mulher muito... delicada.

Márcio sorriu ao se lembrar da Caçadora. Ainda que tivesse morrido na frente dele, não conseguia ficar infeliz ao pensar em Ártemis e em tudo o que ela tinha feito pelas sentinelas. Queria que estivesse ali, ela saberia o que fazer com tudo aquilo e ainda afastaria qualquer bisbilhoteiro que viesse encher a paciência dos jovens.

— Você tentou abrir o baú — Márcio soltou.

Jadhe esfregou o braço levemente, mas não respondeu, porém Márcio percebeu a temperatura cair um pouquinho. Pablo teria repreendido a amiga se soubesse o que ela tinha tentado, e com toda razão, mas Márcio não sentiu vontade de fazer isso. Ele mesmo tinha desejado reaver o Cetro da Luz várias vezes durante aqueles dias.

— O que é que você está fazendo? — ela perguntou, mudando bruscamente de assunto.

Diante de Márcio, um amontoado de papéis e recortes forrava a grama baixa. Ele não precisava se preocupar com vento, tampouco teria que recolher o material mais tarde, já que lá nunca escurecia ou chovia, portanto tudo estava meticulosamente espalhado, formando um tapete de jornais que Márcio tinha barganhado com cada repórter que viera incomodá-lo. Também estava com o caderno de Mayala, mas este Márcio tinha deixado fechado, pois não conseguira ainda ver como poderia decifrá-lo.

Jadhe passou os olhos pelas notícias lentamente. Os mensários e semanários vinham de muitos lugares e tinham datas variadas, todos de algum momento após a derrota de Zebarân e da destruição do Nepcoutem.

Ylhuah e Zebelim trabalham juntos para reerguer as torres de sustentação das linhas de bondes.

Zéfiros e yatzarem'z abandonam armas e formam uma corrente solidária para resgatar os sobreviventes da grande onda que devastou o litoral...

Sanhari Shiali, Xátra (líder) dos flachinte'z (povo das areias), oferece ajuda de sua gente para reconstruir vilarejos devastados pelo tremor da terra. Disseram terem sido enviados pela Senhora Inish...

Sombra escurece os cantos mais remotos de Bhardo, e a noite eterna se estende impenetrável em locais onde antes havia claridade.

Lendários Dragões do Breu são avistados sobrevoando os limites de Crimehuór.

Senhor da Morte avistado em batalha! Cavalga um leão de fumaça, ceifa vidas com uma espada de gume vermelho em campo de refugiados...

Sombra alada ataca novamente: Irdim, relojoeiro-chefe de Hanaulg Erezem, é atirado de sua torre pela criatura e morre! Teria o demônio escapado do Nepcoutem?

Trovões no deserto: desavença entre dragões vermelhos sacode as estruturas do mundo e destrói montanhas e rochas da fronteira Gehenmy-Crimehuór...

— Não consigo abandonar a sensação de que estamos deixando de ver alguma coisa — disse Márcio. — “Senhor da Morte”... Quem será que é esse? Não pode ser Zebarã, ele estava no Palácio quando isso aconteceu. Inish, Senhora da Terra, interferindo pessoalmente? Ramaddron'z lutando entre si, a noite de Bhardo se ampliando... E onde está Lhênus? Ele estava por trás de toda a nossa jornada desde o começo, e agora desaparece? Isso é muito estranho...

— Sombra alada ataca novamente — leu Jadhe. — Acha que pode ser Verônica?

— Acho não: eu tenho certeza — Márcio respondeu. Fez uma pausa, e continuou:
— Eu não consigo me conformar... Como não percebemos? Mas ela era protetora de Diana, filha de Fauret, por que suspeitaríamos dela?

Jadhe ficou quieta por um momento, mas Márcio sentiu uma perturbação que vinha da psique da amiga, e soube que ela estava pensando em alguma coisa.

— Eu sei que você era muito pequeno na época, mas... Como Verônica acabou sendo tutora da Di? Lembra de alguma coisa?

Márcio sacudiu a cabeça para refrescar a memória. A maioria das lembranças daquela fase de sua vida eram embaçadas, mas ele se recordava bem daquilo.

— Na verdade, eu não era tão pequeno assim. Não aconteceu quando chegamos aqui, mas alguns anos mais tarde. Cinco, pra ser exato. Eu já tinha oito, Diana tinha nove e Pablo doze.

Jadhe enrugou a testa. “Continue”, ela pediu.

— Verônica tinha feito dezessete, e queria por que queria uma criança para ser sua protegida. Mas ela queria ficar era com Pablo.

— Pablo?

— É, ela queria a tutela dele de qualquer jeito. Mas nem Fauret, nem as tutoras, permitiram. Disseram que a diferença de idade entre eles era muito pequena, e que Verônica não conseguiria se impor. E nós já tínhamos Nini.

— O que aconteceu?

Márcio sorriu ao resgatar a lembrança.

— Bem, você conhece meu irmão. Sabe como ele pode ser assertivo quando ele quer. Ele costumava ser mais arreadio também, nunca foi muito com a cara da gárgula e, quando presenciou uma das brigas dela pela guarda dele, ele foi *bem* específico. Chamou-a por uma quantidade de impropérios e saiu rindo de lá, deixando ela muito irritada. Daí os dois se estranharam para sempre.

— E Verônica?

— Ofereceram para ela minha guarda, pois eu era bem mais jovem, mas ela me olhou como se eu fosse um monte de bosta. Disse que não me queria, porque não queria nunca mais ter que olhar para Pablo e eu era muito parecido com ele. Então ela pediu Diana e cuidou dela como sua protegida.

A inquietação aumentou na mente de Márcio, como uma caixa de abelhas que tivesse ficado mais próxima, e o rapaz desejou que Jadhe se concentrasse mais: não só não conseguia entender nada do que ela estava pensando, como sua cabeça ficava ainda mais dolorida.

— E ela foi uma boa tutora?

Márcio sacudiu a cabeça, lembrando Verônica instigando Diana a se empoleirar nas ameias das proibidas torres das sentinelas.

— Vamos colocar assim: se Diana é essa pessoa gentil e amorosa que você conhece hoje, isso não tem nada a ver com Verônica. Ela era mais como uma irmã mais velha que sempre queria ensinar coisas erradas. Tentou fazê-la beber, fumar uns cachimbos que deixavam a pessoa tonta, escapar pelos Portais quando ninguém estava olhando. Queria fazê-la namorar com todos os rapazes daqui. Colocou-a em risco muitas vezes por causa de suas maluquices.

— Com todos os rapazes... menos com Pablo.

— Ela tinha uma opinião nada boa do meu irmão.

— Hm...

Jadhe resmungou, mas não disse mais nada. O chiado dos pensamentos dela continuou reverberando no cérebro do rapaz, e, por algum motivo, Márcio acabou relacionando algo que lhe vinha incomodando desde que começara a separar os noticiários. Selecionou os recortes com reportagens sobre os ataques da “sombra alada” e os colocou um ao lado do outro.

— Ela já matou dezesseis pessoas — Jadhe comentou.

— Sim, mas não pessoas aleatórias — disse Márcio, apontando para um detalhe em que Jadhe não tinha reparado. — Dezesseis *relojoeiros*. Apenas relojoeiros.

Jadhe franziu o cenho.

— Ela enlouqueceu. Deve ter algum trauma com horários ou relojoeiros, e agora está tentando se vingar...

Márcio ouvia só parcialmente o que Jadhe dizia. Sua memória o levava para outro lugar, quando outra pessoa lhe contara uma curiosidade a respeito do tempo.

— O que foi que Dominique disse quando estávamos no deserto? Algo sobre um ditado a respeito do tempo?

Pelo modo como o chiado difuso se tornou um toque claro na mente de Márcio, ele soube que uma luzinha tinha se acendido na mente da amiga.

— É uma profecia. Pelo que mestra Ártemis nos contou, ela começou em algum lugar de Hadara. Diz que um dia todos os relógios do mundo vão parar, então será o fim do mundo. Você não acredita em profecias, acredita?

— É claro que não — o rapaz respondeu convicto, o cérebro trabalhando furiosamente, a dor atingindo níveis perigosos. — Mas pense comigo: o Mundo de Bhardo depende totalmente dos relógios e dos relojoeiros para precisar o tempo, não é?

— “Relojoeiro” é uma profissão muito respeitada por todo lugar do mundo.

— Os profissionais das cidades ajustam os relógios de acordo com os relógios principais, não é? E esses principais? Quem os ajusta?

— Os relojoeiros-mestres. São verdadeiros prodígios, precisam entender de matemática, astrolunologia e estelobservação, têm que ser peritos nos astros obscuros, saber realizar o encantamento matricial com bastante precisão, além de compreender a mecânica das engrenagens e viverem com telescópios no alto de suas torres. É por isso que todos os edifícios de governo têm torres de observação sobre eles.

A voz da garota morreu. Com o indicador, Márcio apontou os locais de cada morte atribuída à tal sombra. Todas, invariavelmente, tinham acontecido no alto de torres.

— Não dá pra ter certeza, mas acho que são relojoeiros-mestres.

— Você não pensa... Acha que... A profecia a está obrigando a...

— A fazer isso? Pelo contrário: acho que Verônica está fazendo isso *para* fazer essa profecia se cumprir. O que aconteceria se todos os relojoeiros-mestres e seus aprendizes fossem mortos, sem terem tempo de passar seu conhecimento a ninguém?

— Em pouco tempo, todos os relógios iriam parar. Teríamos meses de caos até que fosse possível encontrar novos relojoeiros. Sem contar que pouca gente iria querer o cargo, a fama de ser amaldiçoado por uma “sombra alada” se espalharia, ainda mais porque gárgulas não são deste mundo. Verônica é a única de sua espécie.

Márcio afagou o braço no local onde antes havia uma corrente com um relógio. Não usava mais a peça desde que perdera o seu mostrador na onda gigante, em Terem. Tinha ganhado vários outros de admiradores, mas, diferente de Jadhe, Márcio deixava os seus bem guardados ao lado da cama. Puxou outra notícia, uma pequena nota de um semanário de Galiula, a plataforma de bondes mais famosa de Bhardo, que agora, após a queda das linhas de sustentação, vinha sendo usada como centro de discussões e comércio.

— “Sombra escurece os cantos mais remotos de Bhardo, e a noite eterna se estende impenetrável em locais onde antes havia claridade” — Jadhe leu.

— Verônica não está agindo por conta própria. Seja lá quem estiver arquitetando isso, tem poder para estender a noite, e isso eu tenho certeza de que ela não pode fazer.

— Isso é loucura, Márcio! Ninguém tem poder para alterar a natureza da noite! A não ser...

— A não ser? — o garoto perguntou.

— A não ser por Zebarã.

Instintivamente, os dois voltaram os olhos para o Torreão Central, onde o Lampejo dos Desesperados estava.

— Não é ele — disse Márcio com firmeza. — Tenho certeza de que ele ainda está lá em cima, preso dentro do Lampejo.

O rapaz tinha experimentado só uns poucos dias da sensação de carregar o Lampejo dos Desesperados, o odioso Tesouro onde estavam presas almas atormentadas de assassinos e criminosos, inclusive o poderosíssimo e maligno

Zebarão. A coisa o deixara terrivelmente enjoado, e amplificara sua enxaqueca a níveis estratosféricos. Mas, se o poder do Lampejo tinha ficado ainda mais terrível com o bruxo dentro dele, Shenu tinha encarcerado o rei ali por um bom motivo: para impedir que o tirano fundisse seu espírito imortal com o cristal que controlava a magia no Reino Maldito, e se transformasse em um indestrutível e malévolos Objeto Supremo.

Espírito imortal... Espírito que vive várias vidas. Espírito trancafiado numa joia mágica... Um Tesouro assombrado por espíritos enjaulados... O que foi mesmo que Shenu respondeu quando Dominique perguntou se uma fusão de espírito com joia mágica era possível? “Como acham que essas coisas foram criadas”? Pensou Márcio.

O rapaz queria estar de volta a Terem, onde tinha sentido um frio terrível, mas que ajudava a diminuir as dores de cabeça. A dor começara a embaralhar sua vista e deixava o pensamento confuso, mas, ironicamente, também acelerava a associação de ideias.

Almas dentro de joias. Objetos Supremos, os mais poderosos de todos os objetos mágicos do mundo. Um tirano desejando permanecer vivo dentro de um cristal. Mercenários atacando vilas para levar escravos inocentes. Uma cidade atacada por um único feiticeiro para buscar outra coisa, não escravos. Uma cidade num país gelado... Uma joia que ninguém podia tocar...

— Márcio? Márcio? Está passando mal? — Jadhe chamou.

O garoto percebeu que a amiga devia tê-lo chamando várias vezes, e seus olhos estavam tão apertados e a testa tão juncada que devia estar com a aparência de alguém prestes a ter um colapso.

— Estou, é só que... Por que o Tesouro de Caularom se transformou em água nas mãos de Dominique?

Jadhe foi pega de surpresa, e um chiado engraçado soou nos ouvidos de Márcio.

— Quando vocês brigaram em Terem e ele pediu a joia, você a entregou e o Objeto congelou os dedos dele, depois caiu no chão e virou água. Por quê?

— Bom, não sei... Eu devo ter acionado a magia da joia sem querer — ela balbuciou.

— Quando vocês foram a Blando, as pessoas não disseram que ninguém podia tocar na joia?

— Abílio disse que o diamante não agia mais para proteger os moradores. Que tinha sido corrompido.

— E que ninguém mais conseguia chegar até ele, certo?

Jadhe franziu as sobrancelhas e Márcio sentiu uma lufada de frio sacudi-lo.

— Onde você quer chegar?

— Nem eu sei direito... — Márcio confessou. — Quando vocês entraram no Palácio, foi você que encontrou o Tesouro, não foi?

— Sim, mas...

— Vocês estavam subindo a escada, onde achavam que ele deveria estar. Mas você sentiu que ela estava em outro lugar: dentro de uma fonte de meio metro, que se transformou num poço fundo quando você mergulhou nele.

— Eu... Não tenho explicação pra isso, Márcio! — disse a garota, sua fala ficando mais urgente na medida em que a de Márcio se acelerava.

— O Tesouro de Caularom só passou a existir quando estava na *sua* presença! Jadhe, as pessoas não o encontravam porque *não podiam* encontrá-lo, ele tinha desaparecido sem você em Blando! Foi o *seu* toque que o trouxe de volta!

Os lábios de Jadhe delinearam um sorriso desconjuntado e nervoso. — Não faz sentido, Márcio! O artefato foi criado por Landell para proteger meu povo. Ele está entre os indarae há mil e quinhentos anos!

— Ele fazia isso também com outras princesas? Só aparecia nas mãos delas?

— Meu pai era o herdeiro de Landell — Jadhe afirmou, os olhos desfocados. — Eu nunca o vi entregar a pedra para ninguém, mas sei que isso já foi feito. O próprio Ariell a usou no passado, e ele nem pertencia ao meu povo. Várias pessoas do palácio podiam usá-lo, aconteceu muitas vezes e com muitas pessoas, eu ouvi as histórias, ela não sumia!

— Alguém o pegou emprestado após o seu nascimento?

— Meu... nascimento? Não sei, acho que não... O que isso quer dizer?

Márcio mordeu o lábio. Ele não queria deixar a amiga tão angustiada: além de não querer magoá-la, Jadhe podia ser muito perigosa quando acuada, e ultimamente ela andava perigosa a todo momento, e, lembrando-se de como Dominique cruelmente insinuara antes que ela poderia ser uma espiã de Zebarãn, imaginou que ela devia estar no mínimo inquieta.

— Não tenho certeza — ele disse —, mas posso ter uma ideia. Gostaria de ler aquele livro que a Caçadora disse que tinha, o livro sobre Landell.

— Os livros da mestra Ártemis ficaram na nossa casa em Crimehuór. Só eu e Dominique sabemos como chegar, mas não vamos poder pegá-los agora, não com essa confusão toda ao nosso redor.

Uma pessoa se encaminhava para os amigos, um dos soldados, e vinha acenando.

— Parece que nossa folga acabou — Jadhe anunciou.

Márcio segurou Jadhe pelo braço antes que ela se afastasse, e cambaleou ao levantar. Sua cabeça parecia a ponto de estourar.

— É... Escute, por que você não fala com Dominique? Pergunte pra ele se ele sabe algo sobre o livro, Ártemis pode ter deixado cópias em algum lugar mais próximo, uma biblioteca, talvez.

O soldado os chamou por seus cargos.

— Eu duvido.

— Pode tentar? Perguntar a ele, pelo menos?

Com uma expressão dura Jadhe concordou, e Márcio expirou para aliviar a tensão. A situação entre Jadhe e Nique não estava boa, os dois andavam se estranhando. Seria uma conversa difícil, mas Márcio sentia que havia algo bem mais sério com o que se preocupar. Só não sabia o que era.

DISPARATES E DESATINOS

Com os dedos bem abertos, ela observava o contraste do sangue escorrendo pela pele acinbzentada. Era o quinto homem da noite, e este gritara como um porco no abate.

Porco no abate. Ela refletia sobre essa expressão humana. Era como se os porcos fossem mais animais porque ganiam loucos quando eram abatidos. Como se um humano transpassado por uma lâmina afiada e comprida não ganisse insano de tanta dor ao sentir sua vida se esvaindo. E já tinham sido dezessete deles. Dezessete relojoeiros.

Matar seu pai fora mais fácil do que Verônica pensara, ela tinha raiva do homem, muita raiva. Então, por que continuava a ver o rosto dele em cada pessoa de quem tirava a vida?

* * *

Às vezes Jadhe pensava que estava à beira da loucura.

A vida com Ártemis Caçadora era simples. A mestra a tratava com respeito e, ela ousava dizer, com carinho. Não com carinho de mãe, como fazia com Dominique, pois Ártemis sabia respeitar este limite. Quando a mestra conversava com Jadhe, esta sentia que a mulher podia enxergar dentro de sua alma e compreendê-la. Sempre teve uma palavra de conforto, mesmo que fosse do jeito intenso dela. Jadhe suspeitara desde o início que a mestra fosse capaz de ler mentes e de entender o que se passava na de Jadhe, e a confirmação tinha vindo há pouco tempo, quando Ártemis confessou ser telepata também.

A sentinela queria muito que a mentora estivesse ali, pois tinha certeza de que poderia ajudá-la.

Foi uma juventude difícil, pontuada por desmaios, vozes e visões. Jadhe não falava dessas coisas com ninguém, exceto com Ártemis. As duas nunca tinham

conversado abertamente sobre o passado de Jadhe, mas a mestra sabia que a pupila escondia algo tenebroso, e dizia que aquelas coisas eram, provavelmente, reflexos desse trauma. A mente tentando reviver o momento, tentando dar sentido àquilo. Jadhe procurou aceitar a possibilidade como verdade, e viver da melhor forma possível. Mas, às vezes, ela delirava. Às vezes via-se novamente em Madhêtrand, não na cidade, mas no Palácio de Landell, trancada entre as paredes de gelo do castelo. Às vezes desmaiava. Perdia os sentidos no meio da aula, durante passeios, durante os treinos, quando os problemas estavam mais difíceis de suportar.

Dominique se preocupava e ficava por perto, sempre pronto a ampará-la, caso ela precisasse, pelo menos até o Educandário, quando as amizades começaram a influenciá-lo e os dois passaram a brigar. Ele era curioso, tentava descobrir os segredos da menina, mas Jadhe tinha medo de afastá-lo, caso ele descobrisse a verdade sobre a destruição de sua vila, ou se soubesse que ela ouvia e via coisas que não estavam ali. Ártemis não amenizava o ritmo das aulas com armas e *mac* por causa disso, e Jadhe conseguiu desenvolver bem os próprios talentos. Claro que, depois de ingressar no esquadrão de Octoforte, estes dons extrapolaram quaisquer padrões de excelência em dominação de *mac* entre os praticantes da arte.

Mas havia uma coisa que nem Ártemis era capaz de entender. Um chamado, um pulsar, um magnetismo. Havia algo que atraía Jadhe como se ela fosse um ímã, e a garota mal conseguia explicar isso para si mesma. Na adolescência, quando sentia as físgadas mais fortes, acabava desfalecendo, como se parte de seu espírito tivesse se desprendido do corpo. A sensação tinha melhorado enquanto ela procurava as joias supremas, embora continuasse ali, latente, mas tinha desaparecido por completo depois de se apoderar do Tesouro de Caularom. No entanto, agora que tinha prendido o artefato dentro do baú, podia discernir o chamado nitidamente outra vez, o chamado *dele*.

Trêmula em sua torre, ela olhava para o Torreão. Suor frio colava suas roupas ao corpo, e havia um tinido surdo nos ouvidos. Respirava com dificuldade, um peso comprimindo seus pulmões. Se o que ela tinha sentido a vida inteira era o chamado daquela joia, então todos os cidadãos de Madhêtrand deviam experimentar o mesmo desespero por se apoderar do Tesouro, já que viveram à sombra dele tanto ou mais do que ela.

Porém, não pareceu a ela haver pessoas desesperadas pela posse da joia na cidade de gelo, não como Jadhe. Nem seus amigos, que carregaram cada um seu artefato mágico por um longo período, estavam na mesma aflição. Todos sentiam efeitos de

abstinência, a magia dos Objetos Supremos tinha contaminado suas mentes, mas eles se controlavam enquanto ela só piorava.

Talvez Jadhe fosse mais fraca. Talvez sua saúde fosse debilitada, talvez ter tanto poder de controle sobre o *mac* estragasse algo em seu cérebro. Talvez. Havia algo errado, isso ela sabia, mas não conseguia discernir o que, e pior, a cada dia menos e menos sua vontade prevalecia, e aquele chamado, aquelas ondas voluntariosas que a atraíam, dominavam mais do seu pensamento.

Olhava para o Torreão, imaginava o baú. Imaginava-se indo até lá. Sobrevoando o gramado como Dominique fazia. Chegando ao lugar sem ser vista, sem ser interceptada pelos guardas que Pablo tinha colocado no portão, pousando no alto. Aproximando-se do alçapão...

Via o alçapão.

Avançava, uma onda a repelia, um dos encantamentos dos amigos.

Um apagão. Abriu os olhos e percebeu que despertava. Devia ter desmaiado outra vez.

Olhou ao redor. Não estava em sua torre, mas no alto da muralha, entre as Torres do Fogo e da Fauna, longe de seu posto, e suas roupas estavam encharcadas. Não molhadas de suor, mas ensopadas, como seus cabelos, que pingavam como se ela tivesse acabado de emergir do Lago Borbulhante.

Dominique olhava estupefato para ela, assim como pelo menos uma dúzia de soldados.

— O que... Você está bem?

O corpo da moça começou a tremer violentamente, dominado por um frio que ela jamais tinha sentido.

— Jadhe?

— V-vim saber sobre os livros que a m-mestra deixou — ela gaguejou de frio ao perguntar a primeira coisa que lhe veio à mente.

O gênio se aproximou, os soldados se aglomeraram para espiar a sentinela da água, e Dominique levou de repente a mão à cabeça. No mesmo instante alguém

tropeçou e esbarrou na moça, e Nique se lançou à frente para evitar que Jadhe fosse lançada por cima da murada.

Foi um segundo de tumulto, com várias mãos de soldados puxando Jadhe para cima, perguntando se ela estava bem, sugerindo que a levassem para a sala de cura, e a moça sentindo sua mente falhar outra vez. As pessoas estavam preocupadas, mas ela só conseguiu perceber o sufocamento de estar no meio de um monte de gente olhando para ela naquelas roupas coladas, transparentes por causa da umidade, e afastou-se.

— Não é capaz de comandar seus *desejos*, gênio? — reclamou, sem olhar nos olhos do amigo. — Ou teve vontade de me ferir de propósito?

— Você... Ninguém te viu subir, você apareceu aqui de repente toda molhada, eu pensei...

— Devia pensar menos — a moça atalhou. Não queria realmente brigar com Dominique, imaginava que o pensamento dele fora de ampará-la apenas, ainda que os *desejos* de gênio fossem realizados de maneiras muito próprias, e Jadhe não o culpava por isso. Mas preferiu afastá-lo do que tentar explicar o que tinha acontecido ali, ou porque seu pulso estava ferido com mais um grande corte feito por magia. Saiu, sem perceber que deixara um rastro congelado para trás.

Talvez ela estivesse realmente enlouquecendo.

* * *

Era difícil arrumar tempo para analisar os diversos manuscritos de Ólie Fauret. Pablo só conseguia um momento a sós com os papéis nas horas reservadas ao sono, com as cortinas cerradas e deixando o quarto escuro, Diana já dormindo a sono solto e com os três gatos enrolados como bolas de pelos aos pés dela. Usava a luz de um lampião para iluminar o material, e, apesar de a esposa ter tentado ajudar no primeiro dia, o sono da gravidez a venceu, e ela nem se ofereceu para isso nos dias subsequentes. Como resultado, a mulher tinha um pouco mais de fôlego para subir e descer as intermináveis escadas das torres durante as horas do dia, e cumprir as diversas tarefas de organização necessárias, mas Pablo sentia os nervos oscilarem na corda bamba o tempo todo, sensação amplificada pela privação de sono.

Mais cedo ou mais tarde, teria que aceitar a ajuda de Yoná para vasculhar tudo direito, mas, por hora, queria visualizar o panorama que os documentos lhe

mostravam. Havia recortes de jornais de décadas atrás, alguns datando de mais de dois séculos passados, época em que não havia cópias-correntes e tudo era feito à mão um por um. Eram páginas com colagens, e pareciam ter um tema em comum: o patrocínio da Aliança maior a expedições de andarilhos caçadores de tesouros, ou de boticários em busca de plantas curativas, ou a desbravadores procurando novos horizontes. Notas com letras muito pequenas e rebuscadas estavam espalhadas pelos cantos das páginas, e Pablo teve dificuldade em ler todas elas, mas conseguiu perceber do que se tratavam: financiamento da Aliança Maior a atividades não relacionadas com Octoforte.

Deliberadamente, a entidade enviara recursos para promover a visibilidade de coisas que aconteciam no Mundo de Bhardo. Ele precisava descobrir o que acontecia em Octoforte enquanto essas coisas estavam em foco.

* * *

Os dias se passavam e Márcio notava cada vez mais pessoas aparecendo com braços queimados. Pelo que percebiam, quem tinha se machucado nem sabia o que acontecera, pois os escudos mágicos começavam a agir bem antes do alto da torre, ao redor do alçapão, às vezes ainda na escada. No entanto, boatos começaram a surgir, cochichos perigosos sobre algo que as sentinelas estavam protegendo no topo da torre principal, obrigando Pablo a designar soldados para manter a vigília nas escadas e impedir a subida. O fluxo de curiosos que vinham espiar Octoforte também aumentava, e a fortaleza só não permanecia lotada porque Yoná mantinha uma mão firme ao lado do prefeito Íneo, e impedia que barcos não autorizados aportassem em Agerta. Mesmo assim, os próprios residentes de Agerta demonstravam um interesse cada vez maior pelo lar das sentinelas, em especial pelo seu Torreão Central, e era difícil barrar estas pessoas de passarem pelo Portal, primeiro porque as sentinelas tinham lutado lado a lado com cada um deles, tornando-os seus soldados e aliados, e lhes deviam o fato de estarem vivos, e segundo porque eram nativos da ilha onde se localizava o Portal, e pelos Autos de Funcionamento de Octoforte tinham legalmente acesso irrestrito a ele.

Pablo não comentava sobre a quantidade de intrusos que tentavam invadir a torre de menagem, único local proibido a todos, exceto às sentinelas, e nem falava sobre o aumento das ofensas que as sentinelas recebiam de gente que dizia que ele e Diana não tinham o direito de ter um filho, ou que as sentinelas eram aberrações, pois seus talentos não eram normais. No entanto, Márcio notava os sinais de estresse no irmão conforme os dias passavam, refletidos na rigidez com que tratava os soldados, na rispidez com que falava com os amigos, e na impaciência com a

própria mulher. Não ajudava muito o fato de que Diana, grávida de quase três meses, insistisse que devia assumir missões de ajuda ao povo bhardano, algo com que Pablo nunca iria concordar. E ainda tinha a repreensão de alguns dos soldados mais tradicionais, como Estetil, que ia e voltava encarando o general várias vezes por dia, e que Márcio suspeitava de que ainda nutrisse afeição por Diana, mesmo tantos anos após a recusa dela de ser sua namorada. Márcio sabia que, com tudo o que tinham passado e com todas as novas responsabilidades de seu irmão mais velho, Pablo estava lidando com a situação melhor do que o esperado, porém se preocupava por não se lembrar de quando tinha sido a última vez que o tinha visto sorrir.

Por causa disso, Márcio não insistiu em suas preocupações com Pablo, até porque não sabia exatamente o que elas significavam. Passou um longo tempo na Biblioteca Dourada e tentou até mesmo conseguir ajuda dos Silenciosos, mas não achou um único livro que falasse sobre iagos. Chegou a pensar que poderia tê-los visto nos tomos de História do Mundo Terra, e que poderia ser um tipo de linguagem importada daquela dimensão, mas o que se encontrou foram textos sobre uma tal escrita cuneiforme, interessante, mas diferente do que ele buscava. No fim, ninguém sabia nem mesmo se aqueles símbolos formavam uma língua.

Decidiu mostrar os jornais que juntara para Diana porque ela andava examinando velhos papiros sobre magia, e, talvez, a cunhada soubesse de algum feitiço que decifrasse os iagos.

— Não Márcio, a coisa seria bem mais complexa do que dizer um monte de palavras com gestos legais — respondeu a amiga, estudando os símbolos no caderno de Mayala com os olhos apertados. Pensou um bocado, e depois de elaborar sua teoria, explicou: — O mago teria que condensar o conhecimento da própria língua e também da língua a ser traduzida em algo sólido... Uma lente daria certo, ou um par de óculos, algo que o leitor pudesse olhar através. Daí uma língua se tornaria outra aos seus olhos. Só que uma coisa assim seria absurdamente complexa e gastaria uma energia magnífica, veja bem. O feiticeiro teria que aprender todas as variações da própria língua para dar certo, todas as grafias, dialetos, para que a tradução fosse feita certinha. Mesmo se considerarmos que podem haver falhas, esse mesmo feiticeiro teria que saber a outra língua inteirinha nas suas minúcias minuciosas, e gastaria um tempo ultra gigante com o objeto escolhido, fazendo ele absorver cada detalhe de cada língua... Dois feitiços-matrizes distintos, um para cada língua, executados uma vez para cada palavra, depois para cada termo, para cada frase, para cada conjuntura... E ainda precisaria de um terceiro feitiço capaz de associar o termo de uma língua com o da outra,

provavelmente também teria que ser executado termo a termo. Nunca ficaria perfeito, porque ninguém consegue saber todas as expressões de outra língua. E ainda teria que ser elaborado um grande encantamento para repor as energias usadas a cada uso, seria colossal, mega...

— Entendi — Márcio cortou, ou Diana nunca pararia de falar. — Complicado, e você ainda teria que compreender a língua que quer traduzir.

— Seria mais difícil do que enfeitiçar um Elemento Primordial... — Diana lamentou.

Desapontado, Márcio fechou o caderno, mas o comentário de Diana aguçou sua curiosidade.

— Como assim “enfeitiçar um Elemento Primordial”? O que é isso?

— Ora... — a garota animou-se outra vez, e Márcio viu nos olhos dela um brilho de excitação. — Mestra Ártemis nos disse que a alma de um ser vivo é formada por cinco elementos, não é? Energia Formadora, Seiva Vital, Espírito, Identidade e Princípio Inteligente? São os Elementos Primordiais.

Márcio desviou os olhos para a pilha de livros na mesinha ao lado do sofá de Diana.

— E por que alguém enfeitiçaria um elemento isolado desses? Não seria mais fácil enfeitiçar a pessoa inteira?

— Depende do resultado que você quer — disse a loira, cada vez mais animada, e Márcio notou um caderno novo, com poucas páginas escritas, e uma caneta tinteiro com o frasco de tinta ao lado sobre a escrivaninha do quarto da Torre da Terra. Diana vinha usando sua acomodação como escritório. Ela notou o interesse do cunhado e elucidou: — É que eu fiquei curiosa com o feitiço de imortalidade e de prisão de Zebarân que só afetava os seres inteligentes, que se comunicavam com uma linguagem. Sabe o que isso significa?

Márcio pensou por um momento e, boquiaberto, compreendeu:

— Que ele tinha amaldiçoado todo o Princípio Inteligente dentro do arco de bruxaria dele!

— Exato!

— E é isso o que você vem fazendo aqui? Estudando como fazer isso?

— Como fazer não é um problema; uma vez que se conhece a parte teórica dos princípios da magia e do *mac*, e também se aprende a reconhecer os aglomerados de energia nos diversos elementos... Enfim, é possível imaginar os mecanismos para criar magias novas, encantos, poções, feitiços, discernir padrões e diferenças entre um e outro, usando o conhecimento teórico que se tem. E eu penso que, nesse caso, Zebarân descobriu algo que une todos os seres vivos que têm Princípio Inteligente. Se ele amaldiçoasse o sal, por exemplo, ia envenenar todos os bichos, porque tem sal na composição de cada um, mas ele deve ter descoberto um item em comum que foi usado no molde do próprio Princípio!

O rapaz abriu e fechou a boca várias vezes, sem saber o que responder ou o que pensar. Chegara a pensar que os mistérios tinham terminado para as sentinelas, que não havia mais nenhum arcano secular a ser descoberto, mas aquelas conjecturas levavam a crer que Zebarân conhecia os princípios da criação dos seres humanos e que era capaz de manipulá-los em larga escala.

E, se era assim, quem poderia garantir que não houvesse outro feiticeiro com o mesmo conhecimento?

— O que está fazendo aqui Di? Está estudando essas coisas? — ele indagou.

— Estou, e mais um pouco — disse a moça, apanhando o caderno novo com algumas páginas completas. — Estou compilando os fundamentos de magia que Ártemis nos ensinou, e também acrescentando as minhas notas pessoais.

— Por que?

— Porque conhecimento é poder — a moça respondeu, convicta. — Hoje, nós sabemos de tudo isso e deixamos a ideia morrer. E se amanhã, e se daqui a cem anos, ou mil anos, e se surge outro bruxo como aquele? E se este outro bruxo descobre tudo o que estou te dizendo e consegue chegar ao patamar de Zebarân? E se não houver outra Ártemis, outros Objetos Supremos, outras sentinelas para se colocarem no caminho dele? Não existem bons livros de magia hoje em dia. Tudo o que Ártemis aprendeu veio de experimentação e coleta de informações pelo mundo todo. E eu acredito que ela não nos passou tudo isso para morrer conosco.

Admirado, Márcio acenou em aprovação. Diana não era apenas uma das pessoas mais inteligentes que ele conhecia, mas tinha uma engrenagem que a movia a

sempre buscar meios de cuidar de outras pessoas, e aquele novo trabalho dela com magia era justamente isso: uma tentativa de assegurar conhecimento para as pessoas comuns contra futuros possíveis tiranos.

— Nem sei o que dizer...

— Não diga nada pra mim, mas para o Pablo — ela falou, confundindo Márcio.

— Como assim?

A moça repassava os recortes de Márcio um a um e suas sobrancelhas voltaram a se apertar.

— Você veio pedir ajuda, mas é você que vai me dar apoio para conseguir autorização para mais uma tarefa.

* * *

Diana e Márcio estavam no gramado a caminho do Centro de Treinamento Militar, onde Pablo costumava ficar, quando estacaram diante de uma cena estranha. Entre os merlões da muralha externa, Dominique e Jadhe conversavam próximos um do outro, mas, de repente, Jadhe despencou nos braços do gênio, e Márcio e Diana subiram apressados a escadaria mais próxima, prontos para prestar socorro, se fosse preciso. Quando se aproximaram dos dois, no entanto, Jadhe já havia se levantado e se afastava com a mão na cabeça, Dominique se apoiava na amurada da ameia e aparentava estar desorientado. No lugar onde Jadhe havia caído uma quantidade de gelo cobria as pedras do chão e do muro.

— O que aconteceu?

Ainda olhando para Jadhe, Dominique respondeu.

— Ela disse ter vindo me perguntar algo sobre os livros da mestra, mas apareceu aqui sem ninguém ver, e toda molhada! Eu cheguei um pouco mais perto, eu só queria...

— Você... Foi violento com ela? — Diana indagou, de olhos arregalados.

— É claro que não! Ela apagou e congelou tudo em volta quando caiu. Ela costumava ficar doente assim quando era mais nova, estava sempre com um

apagões e desmaios, ficava desorientada... Melhorou depois que entramos para Octoforte, mas desde que voltamos, ela não parece bem. E comigo desse jeito...

— Com você de que jeito? Do que está falando?

Nique não respondeu, só sacudiu os cabelos e entortou as asas. Os três se afastaram dos soldados, que ouviam com grande curiosidade.

— São os *desejos*, não são? — Diana questionou em voz baixa. — Estão acontecendo o tempo todo, não estão?

Nique deu um sorrisinho nervoso e saltou para o alto da muralha, esticando toda a envergadura de suas grandes asas brancas.

— Tenho que ir para o pátio. Eu vou acompanhar Evondér até o Portal para a Terra, vê-los atravessar, depois disso... Acho que vou voltar ao Nep... *Aduna*. Vou procurar a minha f-família — disse o gênio, e Márcio notou a dificuldade dele com a última palavra. — Preciso conversar com alguém da minha raça.

Com um salto, bateu as asas e pairou suavemente até o centro de Octoforte, onde os grupos de soldados já aguardavam instruções para partirem, deixando Diana e Márcio atônitos.

* * *

Minutos mais tarde, os dois encontravam as demais sentinelas e também Pablo coordenando a partida do grupo de desbravadores que iria buscar os cidadãos de Octoforte refugiados na Terra. O general deu o aparelho de GPS contrabandeado pelo líder anterior, Ólie Fauret, nas mãos de Évio, o único soldado que sabia ler os caracteres humanos na língua em que estava o manual. Jadhe, Yoná e Dominique já estavam ali, bem como muitos espectadores que queriam desejar boa sorte, confirmar se ninguém iria fugir da missão para o famigerado planeta Terra, ou simplesmente ver se acontecia alguma coisa ao atravessarem aquele Portal. Com o respeitoso e formal cumprimento com os braços em “X” no peito, Pablo e as sentinelas se despediram dos soldados, e com oito cornetas soando num hino que invocava a sorte, despediram-se, e a comitiva atravessou, desaparecendo na luz levemente dourada que ele emanava.

Assim que a multidão se espalhou, Diana iniciou o assédio ao marido.

— Eu dei minha palavra final, Di. Você é minha mulher, mas também é sentinela, e está subordinada ao general. E nenhum general com juízo deixaria uma soldada gestante realizar uma missão de risco.

— Pablo, antes de mais nada, ela não está doente. Está grávida, sim, e não precisa ser colocada numa missão extenuante, mas também não pode ser trancada na torre e afastada de tudo. Ela é sentinela! Ouça primeiro antes de responder — Márcio amenizou. — Vai ver que o que Diana quer não é nada demais.

— Mas você está grávida! — exclamou Dominique de repente, surpreendendo os amigos por entrar na discussão entre marido e mulher. — Nenhum de nós acha que você está tendo regalias ficando por aqui, não é nada disso! Se eu pudesse...

De repente o gênio ficou calado quando sentiu os olhares de todos sobre ele. Márcio percebeu uma ligeira sensação gelada na altura da têmpora direita e identificou o roçar da mente de Jadhe na dele, unindo os seis numa corrente de sensações que dizia mais do que as palavras que não saíam. Márcio entendeu, todos entenderam, e o rapaz suspirou aliviado quando Pablo sorriu de leve.

— Se eu pudesse, colocaria *vocês* num lugar bem longe daqui. Numa vila tranquila, sem toda essa agitação. E você e Pablo teriam os nove meses mais tranquilos de suas vidas, depois de tudo, tanto quanto Alin, sua esposa, e o filho deles, para quem eu darei a primeira bênção^[9]. É assim que deve ser uma família.

Até Yoná sorriu também diante da sugestão. A cabeça de Márcio ameaçou doer outra vez... Uma vida tranquila numa cidadezinha de interior, uma esposa e um filho a caminho... Realmente, era a vida que Márcio desejava para seu irmão, era a vida que ele desejava para si mesmo. O filho de Diana, de repente, representava o sonho de todos, e ele entendeu que qualquer dos amigos faria o que fosse preciso para protegê-lo.

— Numa utopia, nós teríamos direito a um belo descanso despreocupado — disse Jadhe, com cansaço.

— Mas todo o mundo está nos observando. É como se houvesse um enorme olho mágico o tempo todo na nossa nuca — comentou Yoná.

— É... um enorme olho mágico... Na nossa nuca... — Márcio repetiu, as palavras soando pesadas.

Um enorme olho mágico na nuca.

Um grande olho mágico na nuca...

Um grande olho mágico sobre eles...

Por que é que a ideia lhe deu calafrios?

— Tudo bem, o que você quer, Di? — Pablo indagou, sacudindo Márcio de sua divagação.

— Não estou pedindo autorização para ir ao Continente. — ela disse. — Mas os outros vão sair, *você* vai sair. Shenu está longe, e não temos nenhum meio de contatá-lo.

Suspirando, Pablo perguntou:

— E você vai fazer o que? Ir até lá? Até o Nepcoutem?

— É *Aduna*. E eu só quero ir até Agerta — a mulher sustentava o olhar cansado do marido com uma determinação que deixava Márcio desconcertado.

— E para quê, posso saber?

— Quando tentamos destrancar o Portal da primeira vez, Ártemis trouxe uma quantidade enorme de livros de magia da biblioteca de Algavar. Paguei um menino para buscar alguns, mas os que quero ainda estão na ilha, e eu quero buscá-los.

— O que quer fazer com isso?

— Carecemos de um meio de nos comunicar uns com os outros. Precisamos de boas defesas para a ilha e para Octoforte, e necessitamos de magos treinados. Para isso, precisamos de magia, e eu sou a única sentinela com tempo disponível para fazer tudo isso. Mas tenho que ter orientação, e na falta de Ártemis (que brilhe como estrela!), os livros podem me ajudar.

Pablo venceu o cenho.

— Vocês já criaram um cinturão de ilhotas para Agerta, já instalaram piras e tambores, e o Fortim tem mil e quinhentos soldados pagos por Octoforte. Agora,

magos treinados, mais defesas para a ilha? Vocês estão todos obcecados com batalha, não querem admitir que não há mais inimigos!

Márcio e Diana se entreolharam.

— Pablo, a Aliança Maior dispõe dos caçadores da Ordem do Meio do Mundo. Quando se derem conta de que o que têm em mãos são apenas réplicas vagabundas das coisinhas cobiçadas que guardamos lá no altão não vão demorar uma piscadinha de olhos para mandá-los para cá. Teremos um monte de problemas; ainda dá pra lidar com um bando pequeno, mas se decidirem se unir e mandar tropas militares para reivindicar os Tesouros, nenhum regimento ou Auto de Fundação assinado mil anos atrás será suficiente para impedi-los de tomar os Objetos Supremos — disse Diana.

— Além disso, o mundo está em polvorosa, há coisas acontecendo e nós estamos sendo chamados para ir a toda parte! Não podemos ser pegos de surpresa!

Os motivos de Márcio e Diana eram reais, e Diana podia estar escrevendo o manual de magia para um possível problema distante, mas a verdade é que Márcio desconfiava de algo que não conseguia explicar, e dizer a Pablo que “sentia” que precisava estar preparado não o convenceria a autorizar as ações de armamento. Com aquelas exposições, porém, Pablo olhou da mulher para o irmão, e dele de volta para Diana, e acenou em concordância.

— Muito bem. Faça o que achar melhor — suspirou, e Diana abraçou-o pelo pescoço alegremente, fazendo-o sorrir pela primeira vez em dias. — Vou deixar a seu cargo a organização do setor de magia de Octoforte. Mas não saia da ilha. Se precisar de algo do Continente, fale comigo e verei o que fazer.

Os outros se afastaram quando Diana se derramou sobre Pablo com mil “obrigadas” e um beijo afetuoso, que chamou a atenção até dos visitantes que estavam mais longe da cena.

MISSÕES PARA OS SOLDADOS DOURADOS

Porque Alibeth, fiscal de comprometimento do tal Comitê de Inspeção da Aliança Maior, vinha atormentando Pablo há dias sobre o envio de sentinelas para ajudar na reconstrução da linha de bondes de Algavar, o general designou Márcio e Yoná para tal missão. Os dois convocaram doze soldados magos para acompanhá-los, seis deles parte da formação original do grupo dos Águias, os bruxos liderados por Shenu na batalha de Agerta, e outros seis que os próprios Águias haviam treinado. Pensaram em chamar mais alguns, mas Diana pediu que deixassem o restante do grupo na ilha Agerta, para que ela pudesse treiná-los.

Os doze selecionados se mostraram empolgados com a chamada, afinal, o único deles que já tinha se aventurado fora da ilha não tinha passado do litoral de Zebelim. No dia da partida, Márcio ficou muito tempo olhando para a parede vazia do quarto de sua torre antes de se levantar, pensando no que deveria arrumar, pois não tinha acrescentado quase nada aos seus pertences pessoais. Como as outras sentinelas, ele ganhara muitos presentes vindos de diversas partes do mundo, mas a maioria continuava embrulhada nos pacotes em que tinham chegado, e Márcio não conseguia se livrar da sensação de que nada daquilo lhe fazia a menor falta. Travesseiros bordados, cartas escritas com tintas brilhantes em pergaminhos extensos, poesias, placas de agradecimentos, medalhas, doces condimentados em vidros grandes, caixas com fogos de artifício. Havia cordões de ouro e autorretratos pintados por moças interessadas em namorá-lo, em celebrar união com ele, e havia muitas com propostas indecorosas. Ele não era o único a receber cartas como aquelas — até Pablo e Diana receberam montes de textos obscenos — e, como os amigos, apenas ensacava o que não prestava e jogava fora. Somente a correspondência endereçada expressamente a Shenu não foi atirada nas lixeiras imediatamente, por respeito ao amigo que não estava presente.

Suspirou. Tinha que arrumar alguma coisa para aquela missão, embora, além dos itens de sobrevivência que ele sugerira que os soldados levassem, não tivesse ideia

do que seria de alguma utilidade. Olhou para as mãos, sentindo os dedos tremerem. *De volta à estrada*, pensou, mas não era a nova viagem que o deixava nervoso. Não tinha certeza se conseguira relaxar em algum momento dos últimos vinte dias, mas sua inquietação era por sentir satisfação por estar partindo. Decidiu usar apenas os bolsos largos do colete de viagens e bolsas menores de couro atadas por presilhas e fivelas aos cintos de perna e cintura, acomodou nelas três trocas novas de roupas, uma capa média, ferramentas e os itens de sobrevivência — entre os quais acrescentou ervas curativas e uma panelinha mínima, só por precaução —, e saiu para apanhar armas e suprimentos e ver o que Yoná ia levar.

Ao chegar à Torre do Som se deteve diante da porta entreaberta, sem ter certeza se deveria bater ou só a abrir devagar. Decidiu-se quando ouviu a voz da garota lá dentro, concluindo que algum dos amigos deveria estar com ela; ao entrar, entendeu que ela falava sozinha, algo que Márcio nunca a vira fazer.

Ela estava num quarto anexo ao principal, normalmente usado como guarda-pertences, e movimentava-se bastante. Havia uma profusão de itens esparramados sobre a cama, os quais deviam ter vindo como presente, e uma mochila pequena e vazia ao lado deles. O rapaz percebeu um vulto grande agigantando-se num lado do quarto, mas quando se voltou para o lugar deparou apenas com o senhor Bigodes aninhado sobre um amontoado de roupas. Esfregou os olhos para afastar a ilusão de ótica, e o gato preto lançou um olhar preguiçoso para o rapaz, acompanhado de um miado lânguido. Márcio estranhou, mas desviou a atenção de volta para o quarto e soltou um assovio quando a dona dele retornou, sem conseguir tirar os olhos da quantidade de coisas espalhadas pelo recinto.

— Nós estamos indo para o mesmo lugar? — perguntou.

Num tom de voz ligeiramente aborrecido, Yoná respondeu, estendendo mais dois vestidos sobre outros cinco conjuntos de peças de vestuário em cima de uma cadeira:

— Fazia só uma semana que eu tinha virado sentinela quando essa bagunça toda começou. Ficamos quase um ano perambulando pelos confins mais selvagens do mundo, e as únicas coisas que consegui neste tempo foram duas blusas de cordões, dois pares de calças, um conjunto de cintos costas-e-cintura para alforjes e estojos, uma capa de viagem, um par de botas e um de sandálias, mais um punhadinho de pequenezas de sobrevivência, e perdi quase tudo na onda gigante. Joguei fora as roupas de mercenários, as duas trocas que tenho usado desde que chegamos estão rasgando, e não tenho mais nada *meu*. Agora isso! Não sei o que fazer com tudo

isso, não sei usar estas coisas. Por que as pessoas não mandam presentes que uma pessoa de verdade usaria?

Márcio não disse nada, não conseguiu. Na verdade, quase tudo o que Yoná tinha dito passou por seus ouvidos sem chegar ao cérebro. Quando a garota começou a falar e ele se voltou para ela, esperava encontrar a mesma Yoná emburrada de calças e túnica de mangas compridas de sempre, com pingentes de penas ou cheia de tranças nos cabelos, botas de caminhada e, talvez, uma mochila muito grande para a pequenina estatura da amiga, pendendo de um lado do corpo. Uma pessoa comum que já provocava certa inquietação em Márcio havia um bom tempo.

Mas a mulher que passou por aquela porta era outra, só podia ser. Os cabelos maltratados e frisados tinham sido aparados e arrumados em cachos pequeninos e macios, e estavam meio presos, ressaltando os grandes olhos pretos da moça. Ela estava usando um vestido carmim de alças finas que fazia pouco contraste com sua pele negra, e era a primeira vez que Márcio a via não apenas com vestido, mas deixando os ombros à mostra. Não resistiu a um breve olhar no lugar onde ela sempre escondera uma pequena marca escura, resultado de um encontro na infância que ela pensou que poderia ser um estigma amaldiçoado, mas que, no final, não passava de uma cicatriz comum. Viu uma linha estreita quase reta, uma marca minúscula. Os olhos do rapaz não se contiveram ali, porém: apesar da expressão dura que a moça lançava ao amigo, Márcio não refreou seu impulso e deixou o olhar correr pelo decote discreto, descer pelas curvas que a fina cintura de Yoná ressaltavam, e demorou-se um tanto mais que o necessário nas negras pernas acetinadas da amiga, terminando nos pés delicados calçados com suaves sandálias aveludadas. Então precisou levantar o rosto para deparar com o olhar gelado da moça, e, sentindo o sangue latejar nas têmporas, ouviu a voz dela chamando-o com uma raiva visível.

— Já acabou? Ou quer se sentar para pintar o meu retrato?

— B-bom, é que você está...

— Eu ganhei estas roupas — ela disse, como se estivesse se defendendo. — E não tenho muita coisa mais.

— Hm... Devia usar mais destes presentes — Márcio comentou, pesando bem as palavras para não deixar Yoná mais convencida do que já era. — Você está... parecendo gente.

A garota olhou emburrada para ele e reclamou:

— Parecendo gente? Parecendo *gente*? Isso é um elogio? Ah! Também, o que eu esperava de um soldado brucutu. Vai ter que fazer melhor do que isso se quiser chamar a atenção da senhora de gelo lá embaixo.

O ego de Márcio inflou e ele sorriu.

— Você está com ciúmes — afirmou, e imediatamente a expressão da garota se transmutou de ligeiramente melancólica para uma dragonesa mordida por uma surucucu.

— Márcio Adenetti, esta é minha torre, e se não me disser o que está fazendo aqui em dez segundos, você vai voar pela janela! — Ela sibilou, e Márcio só conseguiu rir com mais gosto.

— Desculpe! Os soldados já estão prontos para partir, e eu só vim ver o que você colocou na mala porque não estava sabendo o que levar... Mas, agora que já vi, vou correndo colocar uns xampus e sabonetes, talvez um talco para os pés e uns sais efervescentes... — provocou o rapaz, mas quando Yoná ameaçou atirar-lhe um sapato ele foi tomado de uma inspiração repentina. Ajoelhou-se, tomou a mão da moça, olhou bem nos olhos dela, e disse num tom melodioso:

Quem és tu, dama de tinta?

Tua beleza a noite escura inveja, não minta.

Nos olhos tens mais luz que a lua branca,

E suspiros cobiçosos teu sorriso arranca.

Quem és tu, dama de tinta?

Pintada com esmero por refinado artista

Se eu tocar meus lábios a superfície de tua mão

Traçará a tinta uma linha ao teu coração?

Travesso, beijou o dorso da mão de Yoná, deixando a garota atônita.

Por alguns segundos os dois ficaram presos naquele momento de constrangimento e ternura, e Márcio preocupou-se, pensando que poderia ter ido longe demais, pois Yoná ficou sem fala, o que não era absolutamente comum. Então ela entortou o rosto, ainda boquiaberta, e Márcio levantou-se e deu um tapinha carinhoso na mão da garota.

— Você me conheceu na selva e no campo de batalha, garota. Não sabe nada sobre mim — disse, virando-se para a porta que dava acesso ao piso no alto da muralha que ligava as oito torres.

— Espera! — chamou a garota. — Que coisa foi essa?

— As pessoas conhecem isso como *poesia* — respondeu Márcio. — Algumas escrevem, outras decoram, outras escrevem *e* decoram... E alguns *declamam*. Às vezes para a pessoa amada, às vezes para alguém que necessita desesperadamente de um elogio. — Então, só para provocar mais um pouquinho, completou com uma piscadela enquanto se afastava: — Estou te esperando lá embaixo, não se perca no meio de saís de banho, que eu posso não conseguir te encontrar depois.

* * *

Amennáh enxugou outro copo, ralhou com a funcionária e expulsou os três homens que ainda bebiam na bodega. Já estavam no meio das horas de sono e nada de aqueles maltrapilhos debandarem, e ela queria dormir.

Fechou o Último Refúgio e foi para fora tomar um ar. Amélio tinha se enfiado em mais uma excursão na tripulação de navio, mas desta vez era só um cargueiro, cumprindo a promessa de não arriscar o pescoço caçando azuláceos nas águas do sul. Ainda agradecia à Lua Branca por ter levado aqueles três meninos estranhos até ali alguns meses atrás para alertar o marido de que havia guerra no continente. Ela bem que achou que deviam ser todos meio doidos, principalmente por causa do tal Dominique de pele cor de cobre, afinal, não era normal que um homem da idade dele gostasse de se fantasiar com asas de mentira. Mas se não fosse pelo que disseram, os marujos teriam parado no meio de um concentrado de navios de guerra, e talvez estivessem no mar durante o maremoto que arrancou Terem do Continente Maior, e Amélio podia ter morrido, deixando-a viúva. Ela estava grávida, e precisava daquele marido vivo por um bom tempo ainda.

Estranhou que a Torre do Relógio estivesse apagada e resolveu ir até lá. Era comum encontrar o relojoeiro-mestre dormindo depois de beber um bocado, e o marcador local não era muito confiável, do mesmo jeito que os dos navios, mas ela achava que qualquer cidade que se considerasse minimamente civilizada tinha que manter o relógio funcionando, como acontecia nas cidades do Meio do Mundo.

Apanhou uma lamparina de mão e subiu o único lance de degraus da escada externa da torre, que não passava de uma janelinha no andar superior da Chefatura de Ordem, onde os dois únicos vigilantes trabalhavam e viviam. Provavelmente estavam dormindo àquela hora, e Amennáh não queria acordar ninguém. Abriu a porta com cuidado, ergueu a lamparina acima da cabeça e olhou.

Seu grito ecoou noite afora, acordando vigilantes, bêbados e moradores que, com horror, se acotovelaram para espiar a dramática cena do assassinato dos relojoeiro-mestre da vila Pontal da Lua.

* * *

Quase toda a caravana que partiria para ajudar com a reposição das linhas de bondes já havia cruzado o Portal, e Márcio, caminhando alguns metros atrás de Yoná com uma estranha sensação de fatalidade, se deteve quando percebeu Dominique se distanciar voando e Jadhe rumar para a fortaleza quase ao mesmo tempo. Então achou melhor dizer algo para o general, pois o modo como os dois vinham se comportando o estava deixando nervoso.

— Pablo — chamou, e logo pensou que deveria nomeá-lo pelo cargo que tinha, apesar de ser muito estranho chamar o irmão de “general”. — Quando tivermos partido, talvez Dominique venha lhe pedir autorização para sair numa missão — desviou o olhar para Jadhe, já cruzando o Portão Fogo. — Se isso acontecer e se Jadhe for junto, só... Não deixe que eles fiquem sozinhos, tudo bem? Tenho medo de que, se isso acontecer, as coisas possam sair do controle.

Os olhos de Pablo aumentaram de tamanho e ele deixou o queixo cair. Então ficou bravo e puxou Márcio para perto dele, afastando-o de Yoná, que tinha diminuído o passo, e falou baixinho e com urgência:

— Irmão, você sempre teve esse... Esta atração pelas coisas complicadas. Mas eu preciso te perguntar: tem certeza de que quer meter a colher nessa colmeia?

Um pouco atrás, Diana começou a rir. Sem entender, Márcio entortou a cabeça:

— O quê?

— Primeiro foi aquela garota que visitou a fortaleza, a tal Emalora...

— Ezalori — corrigiu Diana. — Dez anos mais velha, que veio com data certa para voltar e com um noivo esperando por ela, e por quem Márcio quase morreu de amores...

— E depois teve a Samantha, a bonitona metida que não dava bola pra ninguém e por quem você ficou todo apaixonado por anos. Aí nós pensamos... Bem, você sabe...

Pablo deu um sugestivo aceno de cabeça indicando Yoná, que desaparecia naquele instante dentro da lâmina de luz azulada, deixando Diana, Márcio e Pablo sozinhos em frente à passagem para Cermalháct.

— Mas Jadhe? Cara, já teve toda essa coisa do Shenu meio que... E Dominique, que todo mundo sabe... Não é muita insanidade sua se meter nessa confusão?

Diana revirou os olhos e riu mais, divertindo-se, e à claridade abundante do Portal, o vermelho no rosto dela ficou tão intenso que Márcio pensou que ela podia ter que ir para a enfermaria.

— Do que é que você está falando?!

— Ora Márcio — disse Diana —, você não explica direito e quem ouve entende como bem quiser.

— Você acha que... — um calor incômodo inundou o rosto do rapaz e deixou-o ligeiramente zozzo. De certo, Pablo estava pensando que Márcio queria que houvesse alguém entre Jadhe e Nique porque achava que Márcio...

— Não é nada disso, seu infeliz! Se observasse um pouquinho mais, ia entender do que estou falando!

Rindo, Diana deu um tapinha nas costas do rapaz.

— Não se preocupe, irmãozinho, atravesse logo esta fenda. Eu explico o que Pablo precisa saber, e você vá pra sua missão e tente se ajeitar com a garota que passou por último, por que ela também não deve ter entendido muito bem a coisa toda.

Emburrado, Márcio ajeitou a capa curta nas costas e partiu. — Sorte que você tem sua mulher, cara, porque sem ela você é uma barata tonta! — disse, e cruzou, ainda resmungando.

Diana riu ainda um bocado enquanto ela e Pablo faziam o caminho de volta ao quarto do Torreão, onde os dois viviam juntos, contente por poder sorrir de alguma coisa trivial como aquela, quando ela, o marido e os amigos viviam num clima de tensão opressivo. Quando se acalmou sentiu-se zozza e com uma incrível vontade de tomar suco de laranja. Por sorte, Pablo pode preparar um copo para a esposa, que o bebeu como se fizesse dias que não via uma gota de água sequer e aquele suco fosse a iguaria mais saborosa do mundo. Depois começou a explicar gentilmente o que vinha acontecendo com Jadhe e o gênio, mas não passou das primeiras palavras, pois Dominique surgiu voando do lado de fora do quarto do general e pousou na janela.

— Nique! — Pablo exclamou sobressaltado. — Espero que você tenha se lembrado de que este é um quarto de casal!

— E eu estava com vocês dois quinze minutos atrás — o gênio respondeu mal-humorado. — Não se preocupe, não vai ter que por grades nas janelas por minha causa.

Percebendo o transtorno do amigo, Pablo estendeu a mão acenando para que ele entrasse.

— O que foi? — indagou Diana.

— Quero voltar lá. Preciso voltar ao Neph...

— Aduna — Pablo corrigiu. Era importante que as pessoas parassem de chamar aquele lugar pelo apelido apavorante que tinha recebido.

— Aduna — Nique concordou. — Preciso procurar os gênios sobreviventes. Não posso esperar mais.

Pablo suspirou. Diana sentou-se numa poltrona enorme e apoiou a cabeça em uma mão, cansada.

— Márcio me disse que você talvez viesse pedir algo assim — afirmou Pablo. — Tudo bem. Faça o seguinte: vá à Agerta e contrate um navio e uma tripulação. Convoque dez soldados da fortaleza e quarenta homens da ilha para acompanhá-lo.

Diga aos soldados que pagaremos uma bonificação de um dilahzem por dia de viagem, e aos da ilha contrate por três dilahzem'z por dia. É uma viagem de quarenta dias de ida, mais quarenta de volta, e inclua nessa conta mais oitenta dias de missão em Aduna.

Nique e Diana se assombraram.

— Pra quê tudo isso? — Diana perguntou.

— Para ajudar os sobreviventes — o general respondeu e, voltando-se para Dominique, continuou: — Lembrem-se: o Reino Maldito fica no meio do Continente Menor, nós só viajamos tão rápido para o litoral porque estávamos de carona. Você pode voar na frente, mas o comboio precisará de tempo para chegar aos refugiados. Quero que levem tendas de armar e cobertores, panelas, roupas, comida, tudo o que puder arranjar. E, se possível, quero que leve o que quer que Diana esteja fazendo para conseguir comunicação entre as sentinelas — ele voltou-se para sua esposa. — Você tem dez dias para terminar sua magia e você (olhou para Nique) para arrumar tudo isso, acham que dá tempo?

— É tempo suficiente pra mim — disse a mulher.

— Pagando três dilahzem'z por dia pra cada marujo, com certeza! E para o capitão do navio?

— Ao invés de três, pode lhe prometer sete tárez de ouro, e que escolha seus homens de confiança, que receberão cinco.

— Os olhos dos homens vão brilhar — disse Diana.

— Claro que vão — Pablo concordou. — Nique, se for possível, escolha pessoas de famílias diferentes, que não morem na mesma casa. Peça ajuda a Íneo nessa questão, ele vai saber indicar as pessoas certas. Quando vocês voltarem terão se passado quase quatro meses, os homens estarão com os bolsos cheios, e seria bom se essa fartura se espalhasse por Agerta inteira.

— Tudo bem — Nique respondeu meio desconfiado.

Pablo olhou brevemente para a esposa, que agora apanhava uma capa para se cobrir. A barriga já estava aparecendo, e Diana estava cada dia com mais sono, mas, naquele momento, os olhos dela estavam bem abertos.

— Procure Shenu. Encontre-o, e quando sua missão acabar, tente convencê-lo a voltar pra cá. Pode fazer isso?

Dominique sorriu brevemente.

— Será minha prioridade, lógico.

— E leve Jadhe com você — Pablo falou, percebendo, pelo modo nervoso como Dominique olhou para as mãos e desviou o rosto, que Márcio tinha razão: havia algo estranho com o gênio, provavelmente relacionado à garota. — Diga-lhe que esteja pronta...

— Pablo, eu não posso fazer isso — disse, e Pablo notou que o amigo o chamou pelo nome e não por “general”. — Ela não pode ir comigo, eu tenho que fazer isso sozinho.

— Está querendo afastá-la? — Pablo perguntou, e Diana suspirou impaciente.

— É claro que não, Pablo! — a mulher explicou. — Mas as coisas estão meio fora de governo, não é, Nique? Eu percebi, Márcio percebeu também.

— Percebeu o quê?

— Que todas as vezes que eu tento chegar perto dela — o gênio respondeu — acontece alguma coisa, algo perigoso. Eu penso em vê-la, e ela tropeça em alguma coisa e quase cai da janela da torre; eu penso em tocá-la e ela desmaia e me força a apará-la. Não é só com ela; se eu penso em fazer uma coisa e alguém, qualquer pessoa, está perto, pode virar alvo dos meus *desejos*. Mas com ela é mais frequente, e está acontecendo o tempo todo, e não está certo! Eu preciso encontrar os gênios, preciso entender... Preciso saber como controlar isso!

Olhando para a esposa, Pablo compreendeu a problemática toda, e lembrou-se de quando ele carregava a Pedra de Mavhtus e não podia pensar em Diana, pois o Tesouro faria seus sentimentos se transformarem no oposto e ele passaria a odiá-la. Chegou a colocar a mulher em risco por isso: o sentimento do reencontro foi tão intenso que ele não conseguiu refreá-lo, e a Pedra o transformou num ódio mortal que o fez atacá-la. Sabia que a culpa era da peça mágica, mas só de lembrar da situação e de pensar que, na ocasião, Diana já estava grávida, o fazia ter vontade de se punir de alguma forma.

— Certo. Jadhe fica — respondeu. — Mas ela vai perguntar da sua missão e por quê não a estou mandando com você. O que digo a ela?

— Garanto que ela não vai ficar muito decepcionada por estar longe de mim — falou Dominique, os olhos cor de ouro cobertos de melancolia.

— Pode mandá-la pra outro lugar! — sugeriu Diana.

— Para onde?

— Se bem me lembro, Ártemis deixou uma herança para vocês dois na cabana onde vocês moravam, lá em Crimehuór, não foi? — Diana perguntou. — Só você e Jadhe sabem onde fica. Você pode pedir para ela buscar o que a Caçadora deixou.

Pablo assentiu, e o próprio Dominique sorriu.

— A herança da mestra... Jadhe não vai achar ruim ir até lá; aliás, ela estava doida pra pôr a mão no livro que conta a vida da mestra.

— É, mas esteja preparado, pode ser que ela perceba que essa missão é um truque no primeiro minuto — Pablo falou. — Ela é telepata, esqueceram? E, ultimamente, não tem tido muito pudor para usar esse dom, anda invadindo a mente de todo mundo...

Dominique suspirou entristecido.

— Isso é efeito da joia. Ela está obcecada, está perdendo a noção do aceitável.

— Eu passo a missão para ela! — ofereceu Diana alegremente, o que fez os dois rapazes a olharem com dúvida.

— E por que você?

— Jadhe vai invadir sua cabeça em um segundo! Não me leve a mal, Di, mas você não foi a melhor aluna de Ártemis em bloqueio de invasões telepáticas...

— Por isso mesmo! — a moça riu e, triunfante, explicou: — Quero ver se ela consegue entender a mente desta grávida que vos fala.

SOMBRAS DO PASSADO

— O que vamos fazer, minha rainha?

Zoraya ergueu o queixo e endireitou os ombros; se havia uma coisa que sua mãe tinha lhe ensinado sobre ser uma soberana era como manter a postura firme em momentos de crise, mesmo quando a situação parecia desesperadora. Ainda assim, foi difícil pensar numa resposta, e a mulher, de apenas dezesseis anos, precisou de vários minutos para responder.

À morte de seu pai e rei sucedeu-se um longo conflito entre militantes que queriam manter a linha sucessória original e coroar Zoraya imediatamente, e aqueles que diziam que a princesa devia ser mantida longe do trono por ser mulher, ser jovem demais, por não ter experiência em combate, ou liderança, ou política. A alternativa era o irmão do rei, Agamenon, encarcerado há quase duas décadas por ser instável, louco e assassino.

A contenda se transformou em guerra civil, e as cidadelas principais de Gehenmy tiveram grandes baixas, até que Zoraya e Agamenon chegaram a um arranjo e Gehenmy se dividiu em dois reinos: Gehenmy, sob comando de Agamenon, e Zavót, o reino de Zoraya, que só se manteve firme no início com muita ajuda de seus conselheiros e de sua mãe, a experiente rainha Maiíz.

Enquanto Gehenmy continuava com disputas internas graves, o reino recém-criado de Zoraya caminhava razoavelmente bem, ainda que contasse apenas com cinco cidadelas juramentadas e um exército irrisório. Agamenon vinha mantendo a palavra e não interferia no governo dela. Zoraya não esperava ter que lidar com um inimigo diferente tão cedo.

No entanto, o cenário que se estendia à frente era perturbador. Quilômetros e quilômetros de terra devastada, rocha derretida, fumaça saindo das árvores queimadas, lama borbulhante por toda parte. Aquilo era um vale deslumbrante apenas algumas horas antes. Agora, tudo estava coberto com uma gosma ácida, que derretia e matava tudo o que tocava. Era a terceira área do reino encontrada desse

jeito, e ela tinha recebido informações de que Agamenon também tinha deparado com lugares próximos ao seu terreno destruídos da mesma forma, inclusive um vilarejo, onde mais de cem pessoas tinham sido consumidas até os ossos, o que significava que aquilo não era obra dos vassalos do tio.

— Envie um mensageiro a Ylhuah. Diga que temos interesse em nos unir àquela Aliança — disse a rainha. — Precisamos de toda ajuda que pudermos obter para descobrir o que está acontecendo aqui.

* * *

Shenu ficou observando por um longo tempo enquanto os dragões negros se distanciavam carregando seus amigos nas costas, e permaneceu olhando o céu por vários minutos, mesmo depois que as feras tinham se fundido à noite e desaparecido completamente, e após isso, quando a chuva ficou mais forte e trovões ribombaram no vazio. Ele não estava preocupado com as outras sentinelas: sabia que, de um jeito ou de outro, elas chegariam a salvo em Octoforte.

Assim que decidiu voltar a caminhar sentiu uma súbita vertigem e seu corpo foi tomado por uma febre fulminante. Associou a doença com a quantidade de pancadas que havia levado, e pensou que, apesar de Ártemis ter usado todas as suas forças para curar as sentinelas antes de morrer, talvez ela tivesse deixado algo quebrado dentro dele, algo que não pudesse ser concertado e que o mataria. Desabou sentado e suando frio, e comprimiu o peito com a mão sentindo que o coração poderia arrebentar a pele e sair do corpo, de tão forte que batia.

Não soube quanto tempo o mal-estar durou, mas quando voltou a si a chuva havia se reduzido a uma garoa mínima e, ao conseguir respirar mais ou menos normalmente, compreendeu que se tratava de um efeito colateral de magia. Primeiro, achou que fosse causado pelo feitiço que ele executara com os amigos, um encantamento poderoso envolvendo as ruínas do palácio demolido de Zebarân, capaz de manter os curiosos longe dali. No entanto, com as mãos trêmulas e o estômago borbulhante, chegou aos poucos à conclusão: aquela sensação de moléstia fatal era causada por outra coisa. Era a ausência da joia.

De todos os Objetos Supremos, aquele que ele carregara por tanto tempo, o Lampejo dos Desesperados, era o mais peçonhento. Diferente dos outros, a primeira sensação que se tinha em sua presença era a de desespero, uma imensa vontade de fugir. Mas, uma vez de posse dele, era difícil resistir à tentação de usá-

lo, ou, quem sabe, de entregar sua alma para ele, para que ela fosse trancada junto com centenas de outras.

O Lampejo era venenoso, e a cada nova alma acrescentada, ficava pior. Pensou em como Márcio se sentiria depois de levá-lo até Cermalháct agora que ele tinha incluído o fantasma pesado de Zebarân ao Tesouro, e torceu, de todo o coração, para que o amigo se saísse bem.

Entendendo que não iria sarar logo, Shenu colocou-se de pé, tentou ignorar os joelhos tremendo e as ondas de frio e calor que provocavam náuseas e dores, e recomeçou a caminhar.

Apesar de não ter os mesmos talentos de Jadhe, Ártemis o havia instruído bem o suficiente para que ele conseguisse usar a telepatia que tinha com certa eficácia. Além disso, Shenu podia ver através das sombras, e ele ainda guardava uma centelha de energia dentro de si que poderia usar para lançar seu *mac* e alcançar pequenos animais do lugar, tomando carona nas sombras deles. Assim ele começou a andar em direção à Cidade Baixa — aos restos dela —, onde, provavelmente, encontraria quem estava procurando.

O palácio e a Cidade Alta ficavam num vasto planalto estéril, e tudo havia entrado em colapso. Muitas das casas de mármore encravadas de pedras lapidadas, ouro e prata, tinham desabado quando o castelo ruiu, e agora se amontoavam, ao norte, escondendo as poucas que permaneciam em pé da vista de Shenu. O rapaz pensou que, se um dia recuperasse as forças e o Objeto Supremo... — *Não, o Objeto não, apenas as forças* — daria um jeito de demolir as últimas construções que continuavam inteiras. Naquele momento, entretanto, ele se dirigiu para o lado oposto, onde o terreno era interrompido por uma larga fenda, caindo num abismo de cinquenta metros.

Era dentro da Fissura que ficava a Cidade Baixa onde viveram os escravos e os arquedemon'z, que agora não existiam mais em Bhardo. Cuidadosamente Shenu analisou o resto da escadaria dourada do rei, os únicos seis degraus que restavam do acesso ao fundo do cânion, e que agora se penduravam no alto do precipício, despencando para o vazio. Sorriu ao constatar a imensa vontade de fugir que brotara de repente ao ver os restos de degraus, pois era sinal de que o seu feitiço junto com as sentinelas estava funcionando. Uma pessoa desavisada não saberia que a sensação não era dela, e se afastaria sem demora. Só que, mesmo que conseguisse vencer a própria magia, a escada estava destruída, e, ainda que

estivesse inteira, ele não ousaria usá-la, o que significava que precisaria encontrar outro jeito de descer.

Andou pela borda como um bêbado, escorregando cada vez que a força das pernas falhava, parando várias vezes com falta de ar. Vomitou, ainda que não tivesse nada no estômago, e sentiu-se muito doente. Em certo momento pensou em desistir, em se largar ali mesmo e deixar que o tempo o levasse, e que os amigos encontrassem seus restos mortais quando voltassem para aquelas terras; contudo, teimando em manter a mente ativa, percebeu uma presença familiar. Obrigou-se, então, a se levantar e, apesar de mal enxergar na escuridão da noite eterna e do lamaçal que havia se formado com a chuvarada, conseguiu encontrar um ponto na rocha com saliências por onde começou a descer.

Não foi fácil chegar até o fundo: pelo caminho escolhido Shenu teve que saltar alguns metros até o alto de um andaime apoiado na parede do penhasco, onde os escravos subiam para minerar. Na queda machucou uma perna e fez a estrutura precária desmoronar, e por pouco não foi lançado na base do desfiladeiro. Conseguiu se segurar por uma mão numa reentrância mínima, e quando pensou que não aguentaria mais, lembrou-se de outra ocasião, que parecia ter acontecido séculos atrás, quando caiu num poço cheio de lanças flamejantes no fundo. Murmurou o encantamento que usou naquela vez, “*et flóhor onim menarãom zizam’z* [\[10\]](#)”; soltou a mão e deixou-se levar pela magia até o chão. Não tinha um objeto mágico para nutrir o feitiço, então tomou a energia das rochas próximas, e mesmo assim, quando seus pés tocaram o solo, estava esgotado.

Suas últimas forças foram para chegar à pessoa que conseguira perceber com seu *mac*. Abriu o canal de energia e a usou para se conectar às sombras de uma criatura que se mexia perto, possivelmente um rato. Não era fácil entender o que o rato via, menos ainda através das sombras de um bicho tão pequeno, mas Shenu tinha certeza de ter conseguido rastrear quem procurava. Afrouxou a conexão de energia, seguiu o caminho que o animal fez, encontrou a tábua solta atrás da qual uma pessoa se escondia e a puxou, revelando um homem encolhido, trêmulo e suado de medo, de olhos pretos arregalados e pele branca como cera. O homem olhou para Shenu e este enxergou, por baixo daquela expressão pavorosa e da magreza absoluta — que, afinal, não estava muito diferente da dele mesmo —, seu próprio rosto.

— Férik — exclamou, e ouviu uma única palavra de resposta daquele homem ensopado e amedrontado antes de apagar completamente:

Férik entendia que algo grandioso havia acontecido, mas não tinha como saber que o rei estava morto e que Shenu era responsável por isso, nem que os cem dragões que cruzaram o céu tinham sido apenas uma ilusão perfeita criada por Diana e Yoná, nem que as pessoas que tinham esvanecido estavam efetivamente mortas. Ao sair de seu esconderijo e se deparar com o vazio e com o silêncio, não decidiu se sentia alívio ou pânico, pois, sem saber que os marrotes tinham dispersado e que os arquedemon'z tinham sido puxados de volta para o Além, para a dimensão do Senhor Zey, ele estava no escuro.

Olhando para Shenu, pensou em como tinha sonhado com aquele momento. Sonhara nas coisas que diria ao reencontrar-se com o gêmeo, imaginara se o enforcaria ou apenas lhe daria um soco e viraria as costas para ele. Mas, naquele momento, só lhe ocorreu aquilo: *idiota*. Era o que Shenu era mesmo; porém, aquele rosto que o fitava não era o mesmo de dezesseis anos atrás. Era um homem feito e barbado, que continuava a ter as mesmas feições que ele, e que, por algum motivo insólito, estava ali agora, preso com Férik na mesma armadilha hedionda do Nepcoutem.

Só quando se certificou de que o que quer que tivesse acontecido tinha afastado as bestas para longe, Férik puxou Shenu até uma pequena gruta resultante das escavações. Só precisou andar alguns passos para conseguir uma faquinha de lâmina de pedra, e desceu-a várias vezes na direção do pescoço do outro, que continuava apagado, aparentemente adoentado. Mas, quando chegava bem perto da pele do irmão, Férik desacelerava e tocava só de leve o pescoço dele. Se a magia do Nepcoutem ainda estivesse fazendo efeito, ele poderia golpear Shenu quantas vezes quisesse que o homem jamais morreria, apenas ficaria com muita dor até se recuperar; no entanto, algo lhe dizia que as coisas não estavam mais assim. Tinham aparecido marcas fundas em seu próprio corpo, e Férik achava que estava mais cansado do que jamais se lembrara, como se tivesse envelhecido muito em pouco tempo.

Decidiu aceitar que poderia não ser mais imortal, e que Shenu morreria se ele o ferisse letalmente, então resolveu esperar e pensar a respeito. Seria mais fácil se Shenu estivesse acordado, então bateu no rosto do irmão várias vezes, chamou-o, gritou por ele, sacudiu-o pela roupa e espetou seus braços com a faquinha até fazer pequeninos furinhos, mas Shenu continuou inconsciente, e Férik entendeu que ele

estava mal, com aquela respiração entrecortada, aquele suor gelado e o tremor da pele quente, que sugeria febre alta. Talvez ele não precisasse pensar sobre matar Shenu ou não, porque não havia possibilidade de tratar doenças naquele lugar, e Fériik nem se lembrava de ver alguém doente na vida. Zebarân mantinha seus prisioneiros muito saudáveis para que trabalhassem sem parar.

Devagar e muito sorrateiramente no começo, Fériik se permitiu deixar o abrigo da gruta para procurar comida e água e explorar o silêncio inédito da Fissura. Depois de todos aqueles anos sob a massa densa de nuvens vermelhas que recobria o reino, provocando um mormaço abominável e impedindo a visão de qualquer mínimo vestígio de céu, bem como qualquer precipitação, Fériik ficou maravilhado com a chuva e depois com o firmamento estrelado, hora ou outra coroado pelos três luas improváveis de Bhardo. Convenceu-se, por fim, de que a barreira mágica não mais existia, e que o silêncio só podia significar que os partidários do rei maldito tinham sumido como ele.

O que significava, também, que tinha mais urgência em encontrar comida e água do que de costume, e que Shenu, se tivesse que sobreviver, também precisava dessas duas coisas.

Água não era um problema, já que as pancadas de chuva estavam frequentes, mas os dias seguintes Fériik gastou ciscando entre os detritos da deserta Cidade Baixa em busca de comida. Nessas andanças, encontrou três errantes procurando mantimentos, pessoas tão assustadas quanto ele, que se esquivaram quando o viram. Conversou com um quarto sujeito furtivo, outro ex-escravo que tinha ouvido a voz de mulher que soara por todos os cantos do Nepcoutem dizendo-lhe que estava livre, e, diferente de Fériik, tinha *acreditado* nela. Não que Fériik fosse pessimista, mas após anos tentando fugir do lugar preferia não confiar em qualquer coisa que lhe parecesse boa demais para ser verdade.

Surpreendeu-se ao constatar que a maior parte da comida que encontrava estava apodrecida e cheia de larvas, incluindo os estoques de frutas que os mercenários costumavam negociar nas grutas superiores e os pães de lodo que alimentavam os marrotes. Mas conseguiu separar alguma coisa dos estoques de ração para escravos, e voltou para a gruta onde Shenu continuava apagado trazendo um punhado de nozes esfareladas e um saco de pães duros, que misturou com água e fez escorregar pela garganta do irmão, antes de ele mesmo comer qualquer coisa. E muitos dias iguais passaram assim, sem que Fériik fosse capaz de contá-los.

Um céu estrelado cintilava diante de seus olhos quando Shenu os abriu. Percebeu as estrelas pontuando um caminho sinuoso no céu, e seu olhar foi imediatamente atraído para a Lincariell, a Estrela do Herói, aquela que surgiu quando Ariell morreu ao derrotar o Imperador. Porém havia outra estrela que, se não rivalizava com a Lincariell em magnitude, chamava tanta atenção quanto ela, uma estrela de brilho azul-turquesa na ponta da Constelação do Navegante. Shenu riu, mas seus olhos se encheram de lágrimas, pois aquela era a estrela que ele iria procurar todas as vezes que olhasse para o alto. Era a estrela Ártemis.

Quando ouviu passos se aproximando Shenu continuou deitado no mesmo lugar e fitando o firmamento, rindo e chorando sem qualquer lógica. Deixou que as lembranças voltassem no ritmo delas, e todo o seu caminho até ali passou em sua mente como um filme. As últimas memórias que tinha eram as mais loucas, e ele pensou que, se não fossem tão incrivelmente mirabolantes, poderia ter perdido a sanidade e ter inventado tudo aquilo, mas nem a mente mais insana seria capaz de imaginar algo tão grandioso: ele era *Um dos Sete*: uma das sete sentinelas responsáveis por derrotar Zebarã, o bruxo inimigo do mundo há quase um milênio, e acabar com seu Reino Maldito.

Ainda não tinha se movido quando ouviu alguém parar bem ao seu lado. Seu coração deu um salto e as lágrimas cessaram de uma vez.

— Ah! Você está vivo — disse o rapaz.

A sentinela se endireitou, sentiu dores em cada milímetro do corpo, mas, por um instante, todos os pensamentos se esvaíram. Aquele era o momento que ele imaginara meses a fio, pelo qual ansiara e também temera, porque o homem que o encarava com um brilho ensandecido no olhar, um homem que ele não via há mais de quinze anos, tinha o rosto que ele enxergava toda vez que se olhava no espelho.

— Férík — ele murmurou, estranhando a rouquidão com que a voz saiu, e depois não conseguiu falar mais nada. Tinha pensado em tantas coisas a dizer, tantas formas de se desculpar, mas, de repente, não havia palavras em seu vocabulário: todas pareciam ter se transformado numa pasta pegajosa e áspera que colara sua língua no céu da boca. Antes que conseguisse se obrigar a articular alguma coisa, seu irmão tomou a palavra.

— Você tá morrendo? — perguntou abruptamente.

Surpreso pela pergunta, Shenu olhou para os próprios braços e para o local onde estava. Aparentemente tinha ficado desacordado por algum tempo, pois as vestes estavam grudentas e sujas; havia suor empapuçando o rosto e o pescoço, e ainda estava com falta de ar. Com certeza, seu aspecto era o de alguém muito doente, mas Shenu nunca se sentira melhor na vida.

— Não — disse, sorrindo. — Na verdade, acho que nasci de novo!

— Há! — Férík exclamou afetado. — Nasceu de novo no mundo dos mortos. Parabéns pra você.

— O que você quer dizer?

— Não sabe onde está? — Férík perguntou, e Shenu deu uma boa olhada ao redor, quase tudo oculto pela noite. — Eu te conto. Isso aqui é o Nepcoutem. O Nepcoutem, cara, você nasceu de novo no mundo dos mortos, está no Nepcoutem, e está preso comigo aqui pra sempre. Eternamente. Pra todo o sempre, sempre e sempre!

Férík olhava para Shenu e desviava o olhar para o ambiente do fundo da ribanceira. Os paredões afastados trezentos metros um do outro impediam que boa parte da luz da cheia lua branca chegasse ao fundo da Fissura, mas havia um pouco de claridade vinda da Ramadissu, minguate e bem acima de suas cabeças, amarela por estar misturada ao tom de verde da Ginhaissu cheia, e aqui e acolá brilhavam pequenos focos de luz provenientes de archotes esquecidos e restos de fogueiras de escravos perambulantes. A brisa era leve, ligeiramente fria, em nada lembrando o mormaço sufocante provocado pela massa de névoa vermelha que recobria o céu quando o paço do rei ainda estava de pé. Também não havia uma só pessoa próxima a eles, nem arquedemon'z, nem marrotes. O silêncio só era quebrado pela brisa e por sons de pássaros e lobos distantes, que vinham se aproximando do território com cautela e curiosidade.

— Férík — Shenu chamou —, será que você, alguns dias atrás, não ouviu uma coisa diferente, talvez quando as nuvens dispersaram e os marrotes fugiram? Não ouviu algo como uma voz ecoando por este lugar, espalhando uma boa-nova nos ouvidos de todas as pessoas?

Numa careta emburrada, o homem concordou.

— Eu ouvi sim. É, eu ouvi. Mas eu não acreditei em uma palavra. Eu não acreditei em nenhuma palavra daquela bruxa. Mais um truque. O rei pensa que pode me enganar, mas eu sei que é só mais um truque dele, um feitiço para enganar os rebeldes e me trazer para perto dele.

Shenu suspirou. — Não foi truque, Férík — ele disse. — É verdade. A voz que você ouviu é de Yoná Sanai, minha amiga e... bom, companheira de trabalho. — ele falou, depois de pensar um momento. Era estranho chamar Yoná de “companheira de trabalho”, mas ele achava que ela era mais que só uma “amiga”. Yoná, como o resto das sentinelas, tinha se tornado pra ele algo tão próximo quanto uma irmã, talvez até mais, se ele fosse pensar em alguns de seus irmãos de sangue, mas seria difícil explicar isso ao gêmeo. — Você está livre. Todos os sobreviventes estão. O rei está morto, eu sou um dos que o mataram... Ou melhor, que o derrotaram antes de Ártemis tirar a vida dele.

— Ártemis? — o refugiado perguntou.

— Ayana Ártemis. Sei que já ouviu falar dela.

Férík mordeu o lábio e arreganhou os dentes numa careta muito peculiar. O rapaz traíra o grupo de rebeldes chamado “Partidários de Ayana”, e pensava que Shenu não sabia nada a respeito disso. Mas Shenu sabia.

— Você está com uma cara horrível — Férík comentou, num tom de voz um tanto mais elevado do que o natural, mas, pelo modo como se movia inquieto, Shenu achou que ele tinha aceitado que estava livre, e estava abalado com isso. Talvez ele já soubesse a verdade, apenas precisasse ouvi-la de outra pessoa.

— É, você também nunca vai ser bonito — respondeu a sentinela.

A sentinela achou que Férík estivesse esperando algum pronunciamento, algo que remetesse ao modo como Shenu o tinha abandonado e deixado que ele fosse levado sozinho para o Nepcoutem, anos atrás, mas Férík novamente interrompeu o silêncio desagradável mordiscando um pedaço de algo que tanto poderia ser um pão muito duro ou uma grande batata cinzenta crua, e perguntou com a boca cheia:

— Quantos anos eu tenho?

— Ah... — Shenu teve que pensar, já fazia um tempo que a questão não lhe ocorria. — Trinta... e um... eu acho.

— Como “você acha”? Como não sabe a minha idade?

— Eu não tive muito tempo para consultar o calendário ultimamente, se quer saber
— o ex-andarilho se defendeu.

— Há! — berrou o ex-rebelde, apontando um dedo magro para o irmão e dizendo em tom de zombaria: — Claro! Você deve ser um cara muito ocupado mesmo. E aí, ainda tá com a vadia?

Shenu sacudiu a cabeça, momentaneamente sem entender do que Férík falava. O rapaz parecia histérico, falava muito rápido e de um jeito um tanto incompreensível, jeito de quem estava a um passo de perder o juízo.

— De quem você...

— A vadia, a vagabunda. A que se mostrava pra mim, mostrava os ombros... A piranha...

— Mineth? — Shenu ergueu as sobrancelhas. Em outras circunstâncias os comentários maldosos o fariam saltar sobre o pescoço de qualquer um que falasse daquele jeito de Mineth, mas naquele momento tudo o que Shenu sentiu foi cansaço.

— É, Mineth, a vagabunda. Vadia. É o que é. Ainda está com ela, com a vadia, a...

— Ela está morta — a sentinela falou rapidamente. — Morreu pouco tempo depois de você ter sido sequestrado.

Os olhos do gêmeo de Shenu brilharam.

— Deve ter morrido fazendo coisas de vadia, com certeza...

— Tivemos um ano de seca sem fim. Lembra-se de que, quando você foi levado, a mãe estava esperando um filho? O menino não vingou. Nasceu fraquinho e morreu pouco depois. Foi um ano terrível, o que restou para comer foram cactos. Mineth estava apanhando alguns no deserto junto com uma porção de outras pessoas, e foi picada por escorpiões. Dois deles. Simples assim: a morte boba e sem sentido de uma pessoa doce e meiga que nunca fez mal a ninguém, e que jamais fez nada para receber suas ofensas.

Férik fitou Shenu com um olhar vidrado, ligeiramente perturbado, mas esboçou um esgar torto e incômodo no canto do lábio.

— Que gracinha! Você continua defendendo a vadia! Que bonitinho... O pai deve ter ficado muito satisfeito, um é levado embora e o que fica é o sensível! Diz pra mim, você ainda chora por ela? Você chorava por ela, chorava por um monte de coisas, ainda chora por ela? O que é que o pai fala disso, ele te abraça quando você chora por ela? Ele...

Ouvindo Férik falar, longos anos de sofrimento passaram por Shenu e se esvaíram. De repente, ele se via diante de alguém que, apesar de igual, não podia ser mais diferente do que ele, e sentiu tristeza; depois, sentiu vontade de socar o irmão. No instante seguinte, porém, percebeu estar pensando em como seria fácil trancar o espírito de Férik dentro do Lampejo dos Desesperados se a joia estivesse com ele, e afastou o pensamento de uma vez, entendendo que a sedução daquela coisa ainda não o tinha abandonado. Então disse sem compaixão:

— O pai está morto. — O gêmeo estacou como se tivesse levado um soco no estômago. — Morreu uns anos atrás. Entrou numa confusão com o vizinho; dormiu com a mulher do cara e entrou numa briga de facão com o marido dela por causa disso, aliás, como ele fez várias e várias vezes. Só que, dessa vez, ele pegou alguém do tamanho dele, que deu a ele o que ele pediu.

Férik arregalou os olhos e ficou completamente imóvel, enquanto Shenu o encarava, despreocupado, apreciando o momento. Sabia que seu irmão idolatrava o pai violento, e depois das ofensas contra aquela que foi o primeiro amor de Shenu, ele achava que o impacto daquela notícia súbita era o mínimo que ele merecia.

— E a mãe? — perguntou Férik por fim, ainda com aquela expressão alucinada.

— Vai defender o pai até o fim da vida, ou, pelo menos, era assim da última vez que a vi. Não falo com ela há vários anos.

— Ah, claro! — Férik voltou ao seu tom de deboche, desaguando palavras como uma cachoeira. — Por que você tem mesmo uma vida muito ocupada! Diz pra mim, como é sua vida, Shenu? Tem uma mulher te esperando? Com certeza se juntou. Deve ter uma mulher em casa, uma mulher gorda e velha, uma mulher enorme. E quantos filhos, heim? Mais de trinta anos... Oito? Não? Cinco? Pelo menos três, mas acho que você deve ter pelo menos uns dois pares de gêmeos, uma

família enorme e melequenta esperando você chegar com a farinha pra sua mulher velha e gorda fazer o pão...

— Qual é o seu problema Férik, não gosta de mulher?

Férik se irritou; saltou do canto em que se apoiava na pedra com o punho erguido, prestes a desferir um soco com toda a força no rosto de Shenu, mas a sentinela aparou a mão do irmão no ar, e, notando como era fácil segurar a força daquele que fora seu maior rival na infância, percebeu que ele não era mais o gêmeo fraco, aquele que o pai quisera deixar morrer porque nascera pequeno e magro.

— Eu não sou o mesmo. Sou sentinela de Octoforte, e fui treinado por Ártemis Caçadora. É, a mesma Ayana Ártemis Caçadora que fugiu daqui e de quem você ouviu falar muito.

Shenu soltou o punho do irmão e viu Férik, atordoado, tremer diante daquela demonstração tão simples de força. Suspirou.

— Que droga, Férik! — ele disse, sentindo náuseas e uma onda de calafrios que, apesar de apenas ligeira, o fez se lembrar imediatamente do Lampejo dos Desesperados. Então lhe ocorreu uma coisa, um jeito de fazer Férik saber como sua vida fora miserável até aquele momento. Era algo que Ártemis tinha lhe ensinado a fazer, mas que ele só tinha usado poucas vezes, e só quando precisava desesperadamente se comunicar. Jadhe tinha controle intuitivo daquele dom, mas Shenu não. Porém, como era Férik, seu irmão gêmeo, ele achava que poderia dar certo. — Sabe de uma coisa? Você *deve* entender. Precisa *ver*.

Férik escancarou a boca em protesto, sem saber do que Shenu estava falando. Então a sentinela puxou seu irmão pela nuca com brutalidade, colocou sua testa na dele, e, como espelhos, os dois se encararam enquanto Shenu, dolorosamente, libertou a enxurrada de imagens e sons que compunham sua memória.

Os irmãos estavam ali, e Shenu idolatrava Túvilo e Astur, os dois mais velhos. Nanea, a única garota crescida, não fazia a menor questão de participar das brincadeiras dos meninos, e Shavo e Savir, os gêmeos que nasceram dois anos antes de Férik e Shenu, adoravam implicar com os mais novos. A única que escapava a tudo era Oushu, a pequenina ainda era bebê e a mãe cuidava mais dela que dos outros, apesar de já a ter deixado cair algumas vezes.

Savir empurrando Shenu, Férik rindo. Shavo, com um olho roxo e um dente quebrado, resultado de uma surra dada pelo pai, contando que Shenu devia ter morrido, porque nasceu fraco e o pai não queria gastar energia e comida com uma criatura tão mirrada. Shenu apanhou um bocado naquele dia; Férik não fazia ideia do porquê, mas assistiu entretido.

Oushu já crescida, e já havia Maiga. Túvilo e Astur tinham brigado e Túvilo tinha saído de casa, obrigando os outros filhos a se desdobrarem na lavoura daquela terra árida. Shenu via calos nas mãos e tinha luzes vermelhas nos olhos no final das horas de vigília, que vinham sempre acompanhadas por uma luminosidade laranja aconchegante, que afastava a noite e que não existia no resto do mundo.

O pai chegando bêbado em casa. O pai batendo em Astur, Oushu defendendo o pai. A mãe apanhando do pai e rejeitando a ajuda de Shenu e da pequenina Maiga. Batendo nos dois, fazendo Shenu passar a noite no frio do lado de fora da casa. Férik assistindo, tentado a levar uma manta para Shenu, embora jamais tivesse admitido o ato benevolente. Shenu brigando com Férik porque ele beliscava as gêmeas Zoneo e Zinazi, tão bebês. Shenu levando a pior, e apanhando do pai depois de perder a briga com Férik.

O pai conduzindo os gêmeos à cidadela, levando-os à taverna, convocando apostas entre os homens asquerosos que frequentavam o lugar sobre qual gêmeo venceria a rinha. Férik vencendo mais uma vez, deixando Shenu machucado e sem comida por ter perdido. O pai dizendo que Shenu devia morrer.

A mãe leiloando Nanea para o casamento; Oushu chorando porque não quer ser leiloada também; Shavo e Túvilo bêbados como o pai. Um andarilho conversando com um Shenu cheio de hematomas na cidade após mais um embate que o pai promovera entre os gêmeos, contando sobre como era a vida no Continente Maior, sobre tesouros e dragões, e aventuras e povos diferentes. Shenu desejando se tornar andarilho.

Tensão. Lembranças escuras e chuviscadas, como se interrompidas por uma interferência estelar, mas Férik se lembrava bem daquele dia, e suas memórias se confundiram com as de Shenu. Aquele dia em que o agora sentinela conheceu Mineth e se apaixonou, e como Férik espiou os dois por meses até que acontecesse o primeiro beijo entre eles na praia. Aquele em que Férik bateu em Mineth, exigindo que ela o beijasse também. Aquele em que Shenu, pela primeira vez, derrotou Férik numa briga, e o deixou desacordado na praia. Aquele em que Shenu não percebeu o que era o navio que assomava na água escura. Aquele em que,

quando Férik despertou sendo erguido por dois mercenários babosos, viu os olhos do gêmeo entre os blocos de pedra arenosa espiando petrificado, sem fazer nada. Aquele em que Férik foi levado para se tornar escravo do Nepcoutem.

As lembranças continuavam escuras, e dali para a frente, Férik só sabia o que acontecera com ele. Os dias de viagem preso numa cabine fedida no meio da embarcação tenebrosa, espremido entre outros escravos. Lembrou-se, e sentiu as lembranças serem extraídas dele, como se puxadas por ímãs, e soube que Shenu via tudo o que ele pensava. Mas Férik não conhecia a história de Shenu. E a viu.

Shenu correndo pela praia para pedir socorro à família. Chegando em casa aos trambolhões, movimentando alguns dos irmãos. Savir e Astur correndo com o pai, Shenu atrás. A visão do navio desaparecendo, a sensação de desespero, a fúria do pai. A surra que o pai aplicou no rapaz, deixando Shenu estatelado do lado de fora, com várias costelas quebradas e quase morto. Astur salvando Shenu, defendendo-o e tratando as feridas dele, brigando com o pai, saindo de casa para se tornar andarilho após a recuperação do irmão mais novo, convidando Shenu a ir junto.

Shenu permanecendo em casa na esperança de localizar Férik de algum jeito. As brigas constantes do pai, com os outros filhos, com as meninas, com a mãe, alguns apoiando o pai, a família se dissolvendo.

A interferência ficou pior, as imagens apareceram distorcidas, o som ecoava na mente de Férik, a cabeça doeu e o estômago borbulhou em náuseas. A morte do irmão recém-nascido, deixando a mãe ainda mais amarga, a rejeição da maior parte dos irmãos à presença de Shenu, tido como um traidor da família, a morte de Mineth. O sofrimento absoluto de Shenu.

E Férik havia sido resgatado da escravidão por um grupo de rebeldes e estava sendo cuidado por eles no acampamento.

O derradeiro episódio, o mais violento. O pai tentando bater em Zinazi, uma das pequeninas gêmeas, no colo da mãe, que estava grávida novamente. Por Dhonmen, este irmão Férik não conhecia! Shenu se colocando entre elas, Shavo e Savir incitando a briga, Oushu chorando, o marido de Nanea rindo e bebendo. Um golpe, sem nenhum contato físico, derrubando o pai, um grito de Shenu ecoando pela pequenina casa de barro, fazendo os presentes levarem a mão à cabeça de dor. A constatação de que Shenu havia sido tocado pela “mão maldita”, e tinha ganho a “língua da mente”.

Telepata!

A palavra ecoou pela casa como uma praga. Shenu saindo de casa, e sendo expulso ao mesmo tempo. Na ocasião, contava com quatorze anos. Fugindo, não para a vila bárbara para a qual o pai o levava para as rinhãs com Férík, mas para o Porto Escuro. Trabalhando como carregador por um mês na mais completa solidão, dormindo ao relento e comendo sobras dos navios que chegavam para conseguir pagar uma passagem para o Continente Maior.

A viagem até Terem; o caminho de carroça por uma trilha tortuosa pela praia; fome, frio, a viagem escondido num barril até o Continente Maior, até Algavar. A vida como mendigo, desespero, vontade de morrer. Fraqueza por falta de comida, roubo para matar a fome, prisão por causa de roubo, ratos na prisão, montes de velhos assassinos nas celas vizinhas, truques com as sombras aprendidos na prática. Medo, apatia, medo novamente, liberdade com um pão e um cantil com água. Um amigo leal, um amigo de quatro patas, quase tão magro quanto Shenu, mas companheiro. Decisão de procurar Astur.

As lembranças ficavam gradualmente mais claras, mais tênues. Um caminho difícil; Shenu roubou para comer e foi roubado várias vezes, e só teve o cachorro pulguento e alegre como companhia. O cachorro lhe salvou a alma, mas acabou morrendo antes de chegarem ao destino. A alegria de Astur ao recebê-lo em Darfindor, tão longe de Tera. A vida com o irmão mais velho e a família dele, os dias ajudando na casa e na lavoura da família. Férík sentiu até o perfume das flores e dos pães de Astur assando no grande forno a lenha. Como a mulher de Astur se tornou costureira e como o padeiro Astur foi seduzido pela tentação de viajar com amigos em busca de um tesouro. Semanas ajudando a cuidar dos filhos pequenos de Astur, alimentando qualquer cão pulguento que aparecesse pelas redondezas, esperando o irmão voltar.

Paixão por uma moça da vizinhança, um namoro que não deu certo. A volta de Astur dois meses mais tarde, com um saco com tárez de cobre para cobrir um ano de trabalho. O encontro com Dartã, um negro alto e careca, amigo de Astur, que convenceu Shenu de que a vida de andarilho era boa e de que ele poderia ser um. O tempo acompanhando Dartã, encontrando pequenos tesouros que nunca o permitiam viver mais que alguns meses despreocupado, ganhando fama como o violeiro animado que adotava cachorros perdidos. A separação perto de Yatzarem, a vida de perigos e aventuras de Shenu, onde quase sempre ele não se dava bem.

Como Shenu tinha que se esconder a cada vez que cruzava com outras pessoas pelo caminho. Todas as vezes em que fora roubado e ficara sem nada para comer. Quantas vezes teve que dormir ao relento. Como, apesar de tudo, pensava que a vida estava melhor, mesmo depois que fora passado para trás e teve suas três sblinc'z, que lhe permitiriam viver com certo conforto por um ano, foram roubadas.

Como começou a vasculhar as bibliotecas de Ylhuah à procura de pistas que indicassem um caminho para entrar e sair do Nepcoutem. Como descobriu, em um livro escondido no fundo de um sebo malcheiroso, que Ártemis, a temida Caçadora mais famosa do Meio do Mundo, poderia ser a resposta. Como descobriu, nos manuscritos de História Mundial, sobre a existência de Octoforte, um lugar construído para defender-se de uma possível invasão do exército de Zebarân. Como Shenu passou a se interessar pela tal Fortaleza Dourada, já que Ártemis era praticamente inacessível. Como diziam que o lugar possuía não apenas tesouros incalculáveis, mas também uma vasta biblioteca, e que poderia ser o único lugar existente com alguma informação concreta sobre o Nepcoutem. Como Shenu alimentou a esperança de que pudesse conseguir um cargo naquele lugar, onde finalmente teria um espaço para viver e paz, sem precisar correr o mundo em busca de quinquilharias que lhe rendessem algum dinheiro, e, ao mesmo tempo, poderia procurar uma solução para trazer Férik de volta.

Então, com surpresa pela coincidência inesperada, como reencontrou Astur em uma de suas jornadas por tesouros, e como, no meio de uma conversa com ele e seus amigos, ficou sabendo que Octoforte tinha divulgado uma nota no mensário de Ylhuah dizendo que o processo de seleção das novas sentinelas estava aberto, e que qualquer pessoa com mais de quinze anos poderia se inscrever.

Férik acompanhou os últimos passos antes de Shenu se tornar sentinela, desde o arrombamento da biblioteca principal de I'Jaboris durante as horas de sono para estudar escondido para os testes escritos, seu jeito dissimulado com os colegas andarilhos, fingindo estar interessado nos tesouros da fortaleza — uma vez que a parte do mundo que conhecia o lugar considerava a vida dentro dos tais muros dourados um verdadeiro cárcere —, a decisão de não se aproximar mais de cães, uma vez que não poderia levá-los para o lugar, caso conseguisse o posto, poucos treinos com a viola, mas muitos treinos físicos e de *mac*, onde ele usava aquele dom pavoroso de controlar a escuridão.

Então vieram os testes, a ansiedade incondicional antes dos resultados, e a confirmação no cargo mais importante da decrépita Octoforte. E, quando Shenu

pensava que a vida começaria a se acalmar e finalmente conseguiria ter um lugar fixo na Torre das Sombras, surgiu a missão de Ólie Fauret, e Shenu pensou que seriam só uns dias de atraso nas pesquisas na Biblioteca Dourada.

Mas Zebarân visitou as sentinelas, e trancou o Portal para Octoforte, e Shenu pensou que o melhor que tinha a fazer era deixar a fortaleza de lado e voltar a viver por conta própria. É Ártemis apareceu, e Shenu, que tanto admirava a mulher como a temia, pensou em como estranhas coincidências vinham acontecendo em sua vida. Mas ele ainda acreditava que faria mais fartura deixar aquele pessoal e voltar a caminhar sozinho.

Só que as sentinelas o conquistaram, e Yoná Sanai e Pablo Adenetti foram muito convincentes... Shenu deixou-se envolver na jornada dos jovens em busca dos Objetos Supremos... E Férik viu muito do que aconteceu, até a derrota de Zebarân. Muito, mas não tudo.

As aventuras e os perigos Shenu dividiu com o irmão, mas deixou de fora tudo o que pode sobre os Tesouros e, principalmente, sobre seus amigos. As conversas, as brigas, a paixão não correspondida, os momentos de fragilidade em que precisaram uns dos outros, isso pertencia só aos sete, e não precisava ser dividido com ninguém.

Shenu sorriu, percebendo que, mais do que a magia do Lampejo dos Desesperados, importava a ele proteger os seis companheiros que, entre brigas e abraços, tinham seguido aquele caminho, e que mesmo sem saberem toda a verdade sobre o andarilho, jamais o tinham abandonado. Cortou a conexão com Férik abruptamente, e os dois se desequilibraram.

* * *

Férik ficou olhando para Shenu com a boca arreganhada e suado, numa expressão de pânico. Apoiando-se no chão com as mãos e joelhos, Shenu esfregou a testa, sentindo um latejar dolorido na cabeça inteira, que gradativamente ia desaparecendo.

— Eu passei a vida toda me culpando pelo que aconteceu com você — disse ele ao gêmeo. — Diga que você é melhor do que isso. Diga que é melhor que o pai.

— Ahhhh!!! — Férik gritou em resposta, e tremeu parado em seu lugar. Gritou de novo, e de novo: — Ahhhh! Ahhhhhh!!! Você é uma aberração, aberração!!!

Mas Shenu não se incomodou em dizer nada: pelas lembranças e sensações que tinha partilhado, e pelas que o outro, sem querer, dividira com ele, a sentinela tinha certeza: depois de tudo aquilo, Férík tinha chegado à conclusão de que a vida de Shenu, ainda que tivesse sido livre e fora do Reino Maldito, não fora muito melhor do que a do irmão raptado.

— Telepata! Aberração! Telepata! TELEPATA! *Telepata!* — Férík repetiu, como se não houvesse ofensa mais grave a se fazer a alguém.

— Fala mais uma vez, vai dar câimbra na sua língua se não o fizer...

— Telepatas tem que morrer! Todos os telepatas têm que morrer!

Shenu suspirou. Aquela era a mesma frase que o pai usara quando descobriu o dom dele, um dom que, como Shenu soube mais tarde por Maiga, já havia aparecido em sua família em algumas gerações passadas e causado desordem.

— Não sabe quantas vezes eu já ouvi isso...

— Eu ia te matar! — admitiu Férík em tom de desespero, exibindo a faquinha pequena de lâmina de pedra. Sua mão tremia loucamente. — Arrumei até uma faca, uma faca bem pequenininha, para eu te matar bem devagarinho, pra você sentir muita dor.

Bravo, Shenu perguntou:

— E por que não matou? Eu estava apagado bem aqui, não teria revidado!

Férík fez caretas estranhas com a boca.

— Não teria graça — respondeu, e Shenu, de braços abertos, convidou:

— Bom, e por que não faz isso agora? Estou acordado e não estou na minha melhor forma, por que não me mata?

Férík desviou o olhar e enfiou a faca no bolso.

— Perdi a vontade — disse.

Cansado daquela conversa, Shenu examinou o pão amolecido sobre uma pedra e a pocinha de água dentro de uma outra pedra côncava rasa e franziu o cenho. —

Bom, eu vou andando — disse, levantando-se.

— Vai pra onde? Pra onde você vai?

— Estou com fome, com sede e... — Shenu fungou e franziu o nariz. — Estou fedendo. Imundo. Emporcalhado. Preciso de umas coisas. Vou ver o que acho por aí.

— Mas... Mas, mas, mas... Você não disse que eu estou livre? Não disse que eu posso sair daqui? Eu não quero ficar aqui, eu quero ir para Tera, eu quero voltar pra casa!

— Pode ir pra onde quiser, eu não tenho mais dívida nenhuma com você — Shenu deu de ombros calmamente, avaliando o cenário silencioso.

— Mas... Mas você...

— Meus amigos voltaram para a fortaleza. Tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vão acabar vindo aqui procurar sobreviventes, mas isso pode demorar algum tempo. Talvez Hadara mande uma patrulha primeiro, ou Darfindor. O mundo todo vai enviar pessoas pra cá. Todos vão querer ver como era isso aqui — disse Shenu, pensando que qualquer um que chegasse àquele lugar agora não conseguiria ter ideia de como tinha sido realmente o terreno de Zebarân. Depois acrescentou em tom de zombaria: — Você pode ficar esperando ou pode ir para o litoral. Fica um pouco longe, mas, quem sabe, você pode até ver algum navio se aproximando da praia.

— O que você vai fazer? Eu não quero ficar aqui, o que você vai fazer?

— O que você quer ou deixa de querer, Férik, não é da minha conta. Mas, já que você quer tanto saber, eu vou esperar meus amigos voltarem. Até lá, vou arrumar uma ocupação. Deve ter uma porção de gente aqui que, como você, não acreditou na notícia, e deve estar escondida por aí. Também pode ter gente trancada nas prisões, sem comida, sem água. Vou atrás dessas pessoas.

— E o que vai fazer com eles? O que eu vou fazer com eles? O que vou fazer, vou matar eles? Vou salvar eles?

Shenu encarou Férik um tanto confuso, mas quando viu os olhos pretos do irmão consideravelmente maiores que o normal, entendeu que ele estava apavorado, provavelmente pela possibilidade de ficar sozinho e completamente livre naquele

novo terreno vazio. Tinha sentido esse medo vagamente quando invadira os pensamentos do rapaz: os sons dos animais o arrepiavam tanto quanto os gemidos dos velhos escravos; o ruflar das asas dos pássaros fazia sua espinha gelar do mesmo modo como o clicar das pinças dos marrotes, e a chuva gelada fustigava sua pele como agulhas de aço. Fériik simplesmente tinha se esquecido de como era o mundo real, e até a ausência daquele fedor horrível de enxofre que permeava tudo no Nepcoutem lhe fazia falta: o vento fresco que trazia o cheiro da terra molhada lhe provocava náuseas.

O andarilho respirou bem fundo e estalou as costelas. Afinal, não fora para isso que tinha ido até ali, para resgatar o irmão? A verdade é que a possibilidade de a empreitada dar certo era tão remota que Shenu nunca se permitiu pensar no que seria deles *depois* de tudo. Os dois nunca tinham sido companheiros nem amigos como outros pares de gêmeos que Shenu havia conhecido; o máximo que podia dizer era que um dia foram rivais. Mas Shenu não tinha coragem de dar as costas a ele agora, e achava difícil crer que Fériik o quisesse realmente morto.

— Bem — ele meditou por um minuto. — Vou formar um grupo com os sobreviventes. Ajudar no que puder, ensiná-los a viver até que sejam resgatados, ou que consigam se virar sozinhos. Pode vir comigo, se quiser.

Fervorosamente Fériik assentiu, e os gêmeos iniciaram uma longa e lenta caminhada pelo fundo da Fissura.

CONSPIRAÇÃO

Mais uma morte. Será que ela ganharia um prêmio por produtividade? Afinal, um artesão que confeccionasse vários pares de botas em um único dia certamente seria reconhecido por seu mestre, e Verônica tinha matado três. Três homens, só naquele dia. Tudo bem que apenas um deles fazia parte da lista do mestre feiticeiro, mas ela tinha matado os homens mesmo assim, era trabalho a mais, não era? Ele tinha que reconhecer o trabalho dela. Tinha que lhe dar um prêmio... Talvez um prêmio mágico, com certeza um prêmio mágico...

* * *

Ítaga, Ulanæ Ramaddron^[11], havia sido escolhida rainha por ser descendente do irmão de Decaiko, líder por direito. Justamente o irmão de quem Macrux tinha tão facilmente tirado a vida ao comprimir o veneno ao redor dos dois corações da fera simultaneamente, quando aquele se recusou a aceitar a vida eterna que Decaiko abraçou com facilidade. Com o desaparecimento do rei legítimo por tantos séculos, era natural que os ramaddron'z tivessem escolhido um regente; no entanto, era de se esperar também que os novos aceitassem a volta do rei verdadeiro quando ele ressurgiu. Porém os jovens ramaddron'z alegaram que a imortalidade de Decaiko não era natural, uma vez que dragões viviam por séculos, mas morriam, como qualquer outro ser de Bhardo, e se Decaiko havia se entregado para um bruxo humano daquele jeito, havia amaldiçoado sua alma. Não apenas rejeitaram seu imperador, como criaram uma prisão para ele e para os seis anciões que o seguiam, e mantinham um olho permanente sobre eles.

Os jovens dragões só não contavam que Macrux dispusesse de aliados tão poderosos como eram os selemen'z, e que enviaria um deles para livrar seus dron'z.

Assim, Rasfát rumou para o sul de Gehenmy, para as cavernas nas montanhas nuas, e encontrou aquela que procurava: uma montanha pontiaguda com a maior caverna da região. Aqueles dragões podiam ser poderosos, mas tinham suas limitações. O

próprio porte agigantado das feras dificultava tarefas menores, e Rasfát aproveitou-se disso para invadir a prisão que os mais jovens tinham armado para os anciões.

No vale abaixo, picos de rocha afiada erguiam-se como agulhas preenchendo todo o solo, tornando praticamente impossível o acesso de um ser humano comum. À medida em que a altitude aumentava, pequenos montes de neve cobriam as agulhas, e quando as luas apareciam refletiam em seus cumes, como se feitos de joias. Agora, porém, não havia lua nenhuma, tampouco estrelas. Tudo era breu.

A caverna não ficava na mais alta montanha, mas na mais difícil de se chegar, e não fosse o espectro fumacento de Rasfát voar com ele, seria impossível alcançar o lugar. Mas a pantera acéfala carregou o mestre para onde ele quis, e o feiticeiro invadiu sorrateiramente o cárcere e desfez as armadilhas mágicas dos dragões — na verdade, bem difíceis de remover, uma vez que a magia das feras era bem diferente da humana. À medida em que usava bruxaria, finas estacas negras erguiam-se de toda parte do chão, raízes de energia mágica que seu mestre espalhara pelo mundo e que roubavam poder da seiva original do próprio planeta. Aquela força não se esgotava, e, transformada pelo veneno do mestre, nutria a faculdade mágica do cavaleiro sem exauri-la. O efeito foi visível: o ar à frente da imensa boca da caverna tremulou, a sombra que preenchia a entrada se dissolveu, e as chamas dos gigantes aprisionados iluminou a caverna.

— Mestre Macrux me enviou — disse Rasfát. — Estão livres.

— E que propósito tem esta liberdade para o mestre? — Decaiko, o maior dos dragões, questionou, ao que Rasfát, cheio de malícia, respondeu num esgar:

— Vocês vão queimar.

* * *

Pablo aproveitou aquele momento o máximo que pode antes de abrir os olhos, até sentir que seus dedos estavam insensíveis e que precisava mudar de posição. A luz infiltrou-se por suas pálpebras e ele despertou suavemente para o quarto, tão claro quanto no momento que tinha adormecido. Virou-se de lado e abraçou o corpo quente da esposa, que dormia tranquilamente com a cabeleira loura apoiada num grande travesseiro macio. Lembrou-se da noite de seu casamento, mas a memória daquele dia se apagou e deu lugar às vezes que tinha despertado com Diana em seus braços no meio da floresta de Terem, quando não estavam apenas sem conforto, mas sem segurança, sem comida, sem qualquer item básico para

sobreviver. E aquela mulher tinha permanecido ao lado dele o tempo todo, sempre tentando enxergar algo de positivo para dizer.

Ela inclinou a cabeça para trás, fazendo os cabelos roçarem na barba do marido.

— Bom dia — ela disse. — Dormiu direitinho essa noite?

— Demorou um pouco, mas acabei pegando no sono — ele respondeu. Pablo, que antes dormia em qualquer canto, agora dificilmente conseguia pregar os olhos com toda aquela luz, com toda a responsabilidade, com tanta gente procurando por ele o tempo todo e com o corpo tão dolorido. Imaginava se os outros também tinham ficado assim: curados das feridas mais sérias, mas com sequelas por toda parte. — Você dormiu de um jeito tão gostoso que acabou me hipnotizando.

— Não é difícil, parece que é só conseguir um apoio e eu apago. Estou sempre com sono — ela sorriu de volta, e beijou de leve os lábios de Pablo.

— Percebe? — ele perguntou, brincando com os cachos dos cabelos dela. — É a primeira vez, desde que nos casamos, que não tem nenhum *deles* a menos de dez metros de nós. É... estranho.

Diana riu, sabendo que por “eles” Pablo se referia às outras sentinelas. Poderia soar como um alívio não ter nenhum dos amigos perto o bastante para interromper os momentos íntimos do casal, mas a verdade é que tanto ela quanto Pablo se sentiam inquietos, mesmo sabendo que estavam perfeitamente a salvo sem nenhum inimigo à espreita. A tensão da batalha tinha entranhado em suas almas e não dava sinais de esmorecer.

— Ah, mas você sabe que nosso casamento foi só uma formalidade. Uma ocasião para nos lembrarmos antes de partirmos para aquela missão suicida. E uma oportunidade para acrescentar Ártemis à família oficialmente — disse a garota, e levou a mão ao ventre. — Eu sempre fui sua mulher. Tivemos bastante tempo sozinhos antes dessa barbaridade toda começar, não é?

Pablo abraçou a esposa e beijou-a na testa, puxando-a para seu peito. Ao fazer isso sentiu um peso fofo se acomodar entre as pernas esticadas, e viu um par de orelhas pontudas aninhar-se num rolinho. Imediatamente espirrou.

— Ah, está aí o porquê de minha garganta estar inchada, parece que tivemos companhia à noite. Os três estão aqui?

Diana olhou ao redor e confirmou: os gatos que Pablo tinha resgatado das ruínas de um velho forte estavam acomodados cada um em um canto do quarto. A mulher afofou o cinzento Sr. Pelos e colocou-o entre os braços claros, que começavam a ganhar mais volume do que tinham normalmente. Olhou ao redor.

— Sabe que logo este quarto vai ficar apertado, não sabe? É um quarto grande, mas vai acabar ficando pequeno daqui a alguns meses, com todas as coisas do bebê...

— Vai mesmo. E quando estivermos no terceiro, quarto filho, aí as coisas vão se complicar...

— Pablo Adenetti — Diana exclamou, levantando-se e começando a se aprontar.

— Nem bem minha barriga começou a aparecer e você já está pensando em uma prole completa! — Depois, rindo e colocando um par de brincos de pedras azuis como os olhos dela (que ela mesma havia produzido usando o *mac* da terra), falou: — se bem que, morando numa fortaleza deste tamanho que também é usada como orfanato, temos uma vantagem. Podemos abandonar nossos filhos para serem criados pelas tutoras, e ainda vamos poder vê-los crescer.

— Hm, mas eu tenho uma ideia melhor — disse Pablo, levantando-se também e começando a se vestir, enquanto Patinhas se enroscava em seus tornozelos. — Temos três torres vazias: terra, trovão e fauna. Podemos ter uma porção de filhos e colocar uns dois ou três em cada torre. Trancamos os filhotes dentro delas e eles vão crescer e ser sentinelas no nosso lugar. Deixamos um gato em cada torre, assim não vou precisar me preocupar com minha alergia. Só precisamos dar comida!

Diana sorriu enquanto escovava os dentes no quarto íntimo, anexo ao aposento principal, depois voltou penteando os cabelos e parou recostada ao umbral da porta, novamente pensativa.

— Não vai ficar tão apertado assim. Dá pra arrumar as coisas com jeitinho até ele crescer um tanto bom.

— Talvez — Pablo respondeu, e achou que aquela era a hora de falar de algo que ele vinha pensando fazia dias, mas que ainda não tinha conseguido um momento adequado para abordar. Era melhor aproveitar a chance, pois naquela hora se sentia tranquilo, coisa que não estava acontecendo com frequência. — Mas podemos ajeitar as coisas. Podemos nos mudar para um lugar melhor.

A moça ficou séria imediatamente.

— Mudar? Pablo, você é o general, *este* é o seu lugar! Não existe uma alternativa de moradia pra você. Talvez devêssemos pensar em arrumar a Torre da Terra, eu posso ficar com o bebê lá e você pode ir para lá quando estiver nos seus horários livres...

— Ou talvez possamos ter vários grandes quartos em uma casa com varanda, cozinha e um quintal pra esses gatos não me encherem de pelos. Uma casa em Bhardo.

Pablo abaixou-se e apanhou a gata manhosa, que não gostava de ficar no colo dele e ficou esperneando enquanto ele a prendia entre os braços, esperando a sugestão surtir efeito. Levou uns segundos a mais que o usual, tempo que o fez soltar a bichana porque os arranhões começaram a provocar coceira, mas finalmente a mensagem chegou a Diana.

— Meu bem, eu... eu, eu, eu não... Eu não... Não posso...

— Deixe-me adivinhar: neste momento tem uma menininha ruiva cheia de sardas passando pela sua cabeça.

A mulher gaguejou e Pablo tomou um copo d'água, divertindo-se ao ver Diana se atrapalhar consigo mesma.

— Pablo, é que... É só que... Eu sempre quis tanto, mas... Como eu posso... Quando o resgate voltar com ela... Eu não posso deixar Ondily aqui, não posso Pablo...

— Di — Pablo fez a mulher olhá-lo nos olhos. — Eu sei que você ficou encantada com Ondily desde que ela chegou aqui com um ano de idade, parecendo um bolo de carne fofo e rosado com uma cabeleira de fogo. E eu sei que a sua maior motivação para a nossa empreitada pelo Mundo de Bhardo foi reencontrar a menina, o que, com sorte, vai acontecer daqui alguns dias, quando a missão retornar com ela da Terra. Mas sabe, meu amor — ele colocou as duas mãos nos braços dela e a fez sentar-se na cama. Tomou as mãos dela entre as suas, como se para consolá-la, pois a moça estava um tanto nervosa —, no fim das contas, Ondily não é nada sua, nem minha. Ela não é nossa irmã mais nova, nem nossa filha, nem nada assim, é só uma menininha que você não vê há mais de doze meses, que se

apegou demais a você, e que te vê como um modelo, uma heroína, e que gosta de andar atrás de mim porque te ama... Então...

O rapaz achou melhor acabar logo com aquilo, pois Diana não conseguia mais encará-lo e várias manchas vermelhas tinham aparecido no seu rosto muito branco.

— Então só tem um jeito de resolver isso. Precisamos adotá-la.

Momentaneamente confusa, Diana olhou para os lados, depois para os gatos, antes de finalmente entender a ideia de Pablo e olhar o marido nos olhos.

— O que?

— Bom, eu pensei... Já estamos casados, já temos três gatos, um bebê a caminho... Podemos ser pais de uma menina de três anos, não vejo problema. Afinal, ela nasceu quando eu tinha vinte e dois anos e você vinte, não seria nada tão fora de lógica...

Mas Pablo teve que parar de falar, pois Diana se lançou nos braços dele e o derrubou no chão.

— Obrigada! Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada, obrigada!

— Ei, eu também gosto da menina... — o homem sorriu, mas sentou-se e fez Diana prestar atenção a ele outra vez. — Mas Di, me escute: Ondily tinha dois anos quando ficamos presos em lados diferentes do Portal, e já se passou mais de um ano desde então. Pode não ser muito pra nós, mas para ela é quase metade da vida, então não sabemos como ela vai se comportar quando voltar.

Diana mal ouviu, só concordou feliz, com os olhos cheios de lágrimas emocionadas.

— E vamos precisar encontrar uma casa interessante em algum lugar.

— Mas Pablo... Deixar a fortaleza? Octoforte tem sido nosso lar...

— É, mas o que nos prende aqui? Seja sincera: além das pessoas, que poderemos visitar sempre que quisermos, o que nos prende aqui?

— Teríamos que desertar, e há consequências...

— Um ano de prisão em Octoforte e uma multa, lembra?

— É, você deu esses termos quando Jadhe fingiu ter desertado e nos abandonado, eu me lembro — disse a moça, e Pablo a encarou com uma expressão maliciosa.

— E a pena pode ser revogada se todas as sentinelas consentirem em não a aplicar, como fizemos com Verônica. É totalmente dentro das regras de Octoforte.

— Está falando mesmo sério sobre isso Pablo? Deixar a fortaleza, o posto de sentinela... Quero dizer, nossa vida é aqui!

O homem abraçou a esposa com carinho.

— Não é não Di. Nossa vida é onde estivermos. Antes eu tinha muito medo. Tinha medo de perder você pra outra pessoa, de que você me deixasse pra viver aventuras... Tinha medo de não conseguir um trabalho e não poder sustentar uma família. Tinha medo de não conseguir proteger você.

Os grandes olhos azuis dela estavam faiscando mais que nunca.

— E agora você não tem mais medo?

Pablo deixou escapar uma risada nervosa.

— Agora tenho mais medo do que nunca! — disse. — Mas também tenho certeza de que somos fortes o bastante para lutar contra o que vier. Afinal, minha mulher pode criar um exército inteiro de dragões se for preciso! E acho que a experiência no campo de batalha foi suficiente para comprovar que posso ajudar minha esposa a montar uma cafeteria... ou uma joalheria... ou até virar mestra em magia em qualquer Educandário de respeito.

A mulher sorriu feliz, e Pablo quase podia ver as molas e cordas do cérebro dela girando e torcendo freneticamente.

— Além disso, este lugar não vai durar muito tempo — falou o homem, e sentiu que tinha jogado uma pedra e travado a máquina perfeita da cabeça de Diana, cuja expressão se congelou numa interrogação. — Mais cedo ou mais tarde a Aliança vai querer fechar Octoforte, é um fato. Mais cedo, se descobrirem que os Objetos Supremos que lhes demos são falsos. Venha comigo. Vou te mostrar uma coisa.

Muito séria, Diana encarou o esposo.

— Do que você está falando? Não provamos todo o nosso mega valor achando os Tesouros, destruindo o centenário rei maligno que assombrava o mundo, e tudo mais? O máximo que podem fazer é exigir que apresentemos os originais, e vamos bater o pé e insistir que os entregamos, e que eles estavam comprometidos, é só!

— Veja só Di: no momento, nós somos grandes heróis. Recebemos a atenção do mundo, estamos sendo convidados para bailes e entrevistas, chamados para resolver conflitos e para aparecer, e as armaduras de nossos soldados estão tinindo de brilho. Estamos recebendo muito mais doações do que nos últimos quatro séculos. Mas mesmo que nunca desconfiem da farsa com os Crimedéct'z, assim que a Aliança fizer a soma, vão querer fechar o lugar.

— De que soma está falando?

— Sei que você não é muito fã de história, mas se lembra do motivo pelo qual esse lugar foi construído? — perguntou, e Diana venceu a testa.

— Para... Mediar a passagem entre as três dimensões? — perguntou ela.

— Não, isso é o que vínhamos fazendo, mas não é por isso que Octoforte foi feita — ele continuou, enquanto abria a porta e espantava os gatos para fora. — Tente se lembrar: por que várias nações do mundo construíram uma fortaleza aqui, num território neutro, e a mantiveram funcionando por séculos?

Os olhos da moça ficaram desfocados, fazia pouco tempo que as sentinelas tinham conversado sobre aquilo. Então ela entendeu.

— Servir como uma última defesa do mundo para o caso de um ataque maciço de Zebarán... Que agora está mortinho e destroçado e com a alma presa dentro de um cubinho de diamante no alto desta torre, de onde ele nunca, nunca mais vai sair.

— Não existe mais motivo para este baluarte continuar a receber verba de todos esses reinos de Bhardo — disse Pablo, agora apressando-se a terminar de se vestir para descer. Havia muitas tarefas que ele precisava verificar. — A não ser motivos ocultos, e estou trabalhando para descobrir quais são. Mesmo assim, os mantenedores não encontrarão justificativa suficiente para segurar nossas portas abertas se estes motivos não forem revelados, principalmente se não forem de interesse coletivo. Assim que se derem conta disso, quando as atenções começarem a diminuir, vão tirar todo mundo daqui, fechar este lugar, e arrancar tudo o que puderem. Não vai sobrar nada.

Pablo puxou o sinete da fortaleza e um único tilintar se ouviu por todos os cantos, anunciando que o general estava de pé e preparado para responder a qualquer necessidade, um costume que havia sido mantido através dos tempos, embora os horários do seu antecessor deixassem a desejar no quesito regularidade. Conduziu Diana lentamente pela escada, descendo na frente da esposa, pensando que poderia apará-la caso ela tropeçasse, e percebeu que teria que providenciar acomodações para ela no térreo antes de se mudar dali, pois não teria paz se a visse subir e descer com uma grande barriga pesada todo dia.

O general não saiu da escada para a entrada do Torreão que dava para o pátio, mas continuou por ela até descer ao último nível a que ela dava acesso, e chegou a um corredor pequeno que levava a um cômodo fechado por uma porta simples de madeira.

— Se você tem certeza de que vão nos fechar, por que está contratando todas estas pessoas?

O homem a olhou de um jeito matreiro que indicava que a conversa finalmente tinha chegado onde ele queria. Levantou a mão e empurrou a porta, fazendo-a girar nas dobradiças, revelando o conteúdo daquele que era o cômodo mais reservado da fortaleza, e ficou observando o rosto da esposa tingir-se com o reflexo de luz dourada que iluminava o corredor.

A princípio, Diana pensou que havia muito mais archotes acesos que o necessário naquele quarto, mas assim que seus olhos enxergaram o que realmente existia ali, eles aumentaram ainda mais de tamanho. O brilho dourado que inundava a ampla sala vinha apenas de algumas poucas velas sobre uma mesinha de tampo de mármore branco onde um homem se sentava, e de meia dúzia de archotes nas paredes, mas era amplificado por reflexos de tal forma que toda a sala reluzia em puro metal: metal de montanhas de tárez de diversos tamanhos, tipos e formatos, preenchendo cada canto além da mesa.

— Bem-vinda ao cofre de Octoforte, sentinela da terra — disse o general, tocando ligeiramente o queixo da esposa para fechar a boca que a mulher tinha deixado aberta.

— Olá general! Bom dia, senhora Diana! — cumprimentou o homem gorducho, que tinha um capacete estranho na cabeça, cheio de lentes, molas, canetas, e com

uma pequena lamparina a óleo acesa, e tantos papéis à frente dele que Diana mal o reconheceu.

— Lavoér?

Uma mulher carregada com rolos de papéis velhos surgiu de trás de uma das gigantes pilhas de moedas e cumprimentou as sentinelas também, despejando o material na mesa entulhada, ao lado de Lavoér, fazendo a vela balançar perigosamente.

— Ufa! Bom dia sentinela Diana, bom dia general!

— Sália?

— Você se lembra de que a Aliança ordenou que o Comitê de Inspeção permanecesse aqui, não lembra? — Diana assentiu. — Por sorte, o pai de Lavoér foi soldado aqui, e ele e Sália concordaram em fazer alguns levantamentos a pedido meu, e estão me ajudando com certas contas enquanto Alibeth está ditando o relatório oficial aos outros membros.

O general apanhou um calhamaço gasto ao lado da porta que, notadamente, ele vinha guardando com muito cuidado. Mostrou o título à esposa, o quinto volume do *Compêndio de Existência da Fortaleza de Exército Comum aos Aliados do Meio do Mundo – Octoforte*, o conjunto de leis que regia a fortaleza, e começou a explicar:

— Você sabe que estudei muito isso aqui para procurar alguma coisa que nos impedisse de nos unir em casal sendo sentinelas ou soldados, isso antes de ficarmos presos em Bhardo. Depois que voltamos, passei a estudar essas leis com um interesse diferente. Eu não ligo mais para essas regras, mas descobri umas coisas interessantes.

— Não há nenhuma regra escrita sobre essa proibição de família, não tem nada sobre isso até quatrocentos anos atrás, quando um adendo foi acrescentado ao Compêndio. Segundo consta no documento isso não é uma regra, mas uma sugestão, e veio do general Radamés depois que ele perdeu a família assassinada por um inimigo enquanto lutava em uma batalha — disse o rapaz, folheando e apontando as partes do texto que comprovavam o que ele dizia. — Mas, a partir daí, Octoforte passou a ter um tesoureiro indicado pela Aliança Maior trabalhando juntinho com o general, que geralmente também era indicado por eles. Então a

sugestão de Radamés passou a ser passada adiante como se fosse uma regra, e como as guerras em que a fortaleza precisaria se intrometer acabaram, os soldados e as sentinelas passaram a ter cada vez menos oportunidades de sair daqui e gastar seu pagamento. Nos últimos duzentos anos, na verdade, passamos a ser cada vez mais *desencorajados* a sair.

— Sempre houve um tesoureiro da Aliança aqui dentro? E quem era o tesoureiro de Fauret?

— Dalgór — respondeu Pablo, e Diana mordiscou o lábio.

— Do meu batalhão? Aquele que tirou a própria vida?

Pablo assentiu.

— E você se lembra de porquê ele fez isso? Por que enlouqueceu, pensando que tinha deixado a esposa grávida aqui dentro, e temia que ela estivesse morta. Sabemos que ela fugiu com os outros para a Terra e com sorte vamos trazê-la de volta, mas sabe do que mais? — Diana fez um “não” urgente com a cabeça. — Ela não vai receber nenhum centavo do soldo do marido. Lavoér, a carta está com você?

— Está aqui — ele acenou com um papel mais novo que os outros entre os dedos, sem tirar os olhos de uma balancinha onde pesava uma quantidade de moedas enquanto Sália anotava os resultados. Pablo apanhou o papel e espirrou.

— Este lugar está que é um pó só — disse, e depois, voltando-se para a esposa, falou: — esta carta veio junto com o baú que a Aliança trouxe, que continha o pagamento dos soldados pelo tempo que o Portal ficou fechado, mais uma premiação para as sentinelas pelo “ato heroico e inominado, libertando todo o Mundo de Bhardo, e não apenas os reinos da Aliança Maior, de seu maior pesadelo”, blá, blá, blá — ele leu. — “E pelo obituário encaminhado pelo inspetor Lavoér Oromitáv, está deduzido do total enviado o montante correspondente aos soldados caídos em batalha ou não, estando eventuais bastardos descendentes dos tais soldados impedidos de reclamar qualquer indenização ou bonificação em nome dos mortos”.

— Que fique claro, senhora Diana, que não sabíamos das intenções da Aliança quando enviamos os relatórios que nos pediram — disse Sália com voz anasalada, sem tirar os olhos dos registros que fazia.

— *Bastardos?* — Diana perguntou, e Pablo já sabia que essa seria a palavra que mais ficaria na cabeça da esposa.

— É como eles chamam os filhos dos soldados que *eles* não autorizaram a ter família, mesmo sendo filhos legítimos. Imagine o que vão dizer do nosso filho.

— Então...

— Então — Pablo continuou — eu entendi. Octoforte vem sendo utilizada como um banco há séculos. Há registros de retiradas calculados no tesouro, e eles coincidem com as épocas de vacas magras dos países da Aliança. O problema é que o ouro retirado não pertencia a eles: foi pago aos soldados por seus trabalhos, poupado para ser usado no fim de suas vidas, e confiscado quase a totalidade quando esses soldados decidiram deixar Octoforte!

— Meu pai que o diga — comentou Lavoér, erguendo o rosto pela primeira vez. — Quando saiu daqui para se casar com minha mãe, teve que deixar dezenove partes de vinte de tudo o que ele tinha economizado, bem aqui neste cofre. O que ele levou mal deu para abrir um negócio de relógios, e nem eram relógios mágicos...

— Além disso, a ilha Agerta só viu alguma melhoria nas condições do vilarejo depois que ficamos presos do lado de lá. Você viu como era antes: gente pobre, vivendo sem as modernidades do Continente e com poucas melhorias nas residências. Infelizmente tenho que dar crédito a Verônica pelo que fez por aquela gente, mas o fato é que, nos séculos de existência após Radamés, a vila viu barcos chegando com roupas e suprimentos para nós e não recebeu nem uma migalha do que tínhamos, mesmo em períodos de peste, de fome, de seca. E ainda estou só começando a estudar os relatórios que Fauret mantinha escondidos no quarto dele, tem mais segredos ali do que já descobri, mas o que achei é suficiente para perceber que não estão sendo justos.

— Então... O que você está pretendendo, Pablo Adenetti?

O general sorriu, e Diana viu que Sália e Lavoér imitaram a expressão com orgulho.

— Tecnicamente, os aliados não fizeram nada ilegal, apesar de eu ter certeza de que ainda vou encontrar coisas erradas vasculhando aqueles documentos. Mas é injusto, então, resolvi aplicar minha autoridade de general para tomar algumas decisões a favor das famílias dos prejudicados. Não há nenhuma regra que me

impeça de aumentar os soldos dos homens que eu contratar, e as leis de utilização do tesouro são antigas: como general, eu posso pagar pelos serviços que julgar necessário, definir os preços que julgar justos, e conceder bonificações e premiações para quem eu quiser. Portanto, eu avaliei ser extremamente necessário fortalecer o exército de Octoforte neste momento, e também aumentar três vezes o atual salário de cada soldado. Também acho que é impreterível mandar missões de resgate para Aduna, e isso é verdade, e, como era um lugar tão assustador, acredito que os voluntários devam receber pelo menos três vezes mais do que é costume pagar para cada homem por uma missão de igual duração. E acho que todo morador de Octoforte deve ser obrigado a sair daqui ao menos uma vez por semana e ir para Bhardo, até onde quiser, para conhecer o mundo que defende...

— O que, na verdade, é um pretexto para obrigar as pessoas a sair e guardarem seus soldos em algum lugar bem protegido — comentou Lavoér, e Diana começou a entender.

— Eu posso gastar com o que e o quanto eu achar necessário, desde que não ultrapasse o valor guardado no cofre, nem extrapole o quinhão que a Aliança nos envia anualmente, então eu acho justo e necessário compensar as famílias deixadas para trás no passado. Coloquei seis meninos para me ajudarem a localizar os descendentes de soldados antigos, e eles já encontraram uma porção deles mencionados nos registros de nascidos na ilha. A maioria dos moradores de Agerta tem parentesco com os soldados, então estou trabalhando junto com o prefeito Íneo para garantir que pelo menos um representante de cada família da ilha venha trabalhar conosco. Posso dizer que ele está bem feliz com isso. Fizemos um bocado de cálculos para saber exatamente o quanto posso dilapidar deste montante sem extrapolar as regras. Se alguém ficar de fora, vou contratar seus serviços: vou comprar roupas, comida, o que a pessoa tiver para oferecer, e vou pagar muito mais do que o trabalho vale — Pablo falou, empolgado, e Sália fitou o general com admiração. — Este ouro vai para quem é de direito. Quando a Aliança chegar aqui, não vai encontrar quase nada pra confiscar, só o que *realmente* pertence a eles.

— E tudo está dentro da legitimidade, conforme mandam os regimentos! Dhonmen nos vê! — exclamou Sália exultante, voltando ao trabalho.

Porém, Lavoér acrescentou:

— Só temos que tomar cuidado com os outros membros do Comitê. Tudo está dentro dos Autos, mas duvido de que os reis gostem dessa história, e não sei se os outros serão tão indulgentes em esconder essas contas deles. Minha irmã Alibeth

pode ser um perigo se uma informação como essa significar conseguir subir de arauto para o posto de Passadante^[12].

* * *

Quando saíram do cofre, Pablo levava consigo um calhamaço sob o braço, um compêndio específico que tinha pedido que Sália localizasse e que a moça, depois de muita busca, tinha finalmente encontrado: registros dos antigos generais de Octoforte sobre a população da fortaleza. Diana o abraçou pela cintura e, com um olhar enigmático, despediu-se dos inspetores, cumprimentou vários soldados enquanto cruzava o pátio descoberto e encaminhou-se para a Torre da Terra, onde a mulher costumava permanecer pela manhã, mantendo o posto de sentinela enquanto trabalhava nos artefatos de comunicação, e, embora Pablo tivesse lhe perguntado dez vezes o que ela estava pensando, Diana o fez esperar até se afastarem de quaisquer ouvidos que estivessem por perto. Parou à entrada da torre e perguntou ao marido:

— Eu só quero ter certeza: você confia naqueles dois? Lavoér parece pensar que somos um tipo de grupo musical do qual ele é fã, e olha que o homem já tem seus quarenta e tantos anos, mas Sália não me passou tanta confiança. Não pode ser uma agente da irmã dele?

— Não duvido, e foi por isso que levei você até lá hoje. Preciso que faça um feitiço espião. Nada do tipo invasor de privacidade, mas que nos mostre com quem aqueles dois andam falando. Acha que pode fazer isso?

Os olhos de Diana brilharam.

— Não só posso como combina perfeitamente com meu segundo projeto.

Pablo ergueu as sobrancelhas.

— Que projeto?

— Aquele que você vai autorizar.

— Do que é que você...

— Este lugar aqui não é só um cofre para cordilheiras de tárez, você sabe disso! Tem muitos tesouros mais guardados aqui, que podem ser de utilidade pra muita

gente! — a mulher falou bem rápido em voz baixa.

— Di, eu não quero brigar com você! — Pablo ralhou, mas sua voz estava muito mais dura e seu rosto vermelho quando continuou. — Mas nós vamos brigar se você começar a falar dos Tesouros, porque não existe a menor possibilidade de tirarmos eles de onde...

— Tem outras joias mágicas aqui *além* dos Objetos Supremos! — atalhou a garota num silvo. — O Arsenal Mágico está cheio de artefatos místicos, além de livros raríssimos de toda sorte que poderiam ser de grande utilidade para minha codificação das leis da magia! E, se nós demos conta de lidar com os Supremos, o que é que poderíamos fazer com um punhado de coisas mágicas comuns?

Pablo murchou, parecendo, de repente, muito contente, e Diana venceu o cenho. Aquelas mudanças de humor do marido estavam cada vez mais frequentes.

— O que você está tramando, criatura?

— Estou tramando usar aquelas mais de mil coisas encantadas dos cofres do arsenal para treinar o meu grupo de magos; foi uma dificuldade ajudar os adolescentes a despertarem seus *mac*'z, mas percebi que todos estão bem ansiosos por aprenderem a conversão entre *mac* e energia mágica, e os objetos vão me ajudar no ensino. De quebra, vou arranjar um objeto específico para espiar os dois no cofre. Autoriza?

O general suspirou. Silderéver, o grandalhão da Aliança Maior, vinha ao seu encontro.

— Não acho que eu seria capaz de frear você, mesmo se eu quisesse. Mas vá lá, fora os Supremos você tem liberdade para usar o artefato que quiser — disse.

PESSOAS PERDIDAS

O velho passou mais uma vez os olhos pela parede da casinha de pau a pique e franziu o lábio, desdenhoso. Tinham arranjado um casebre para Abarcão e sua comitiva, e ainda se orgulharam de dizer que aquela tinha sido a casa das “sentinelas heroínas” antes de destravarem o Portal. Os agertos tinham um amor desproporcional por aquela aldeia simples, mas o nobre líder da Aliança Maior não poderia ter esperado coisa diferente. Eram todos descendentes de renegados, gente que tinha parado em Agerta depois de fugir de alguma coisa. Os antepassados daquele povo ou eram criminosos ou eram paupérrimos, que foram procurar emprego na Fortaleza Dourada e acabaram preferindo o serviço braçal na pesca e plantio na ilha. Não eram o tipo de pessoa que se esperaria que fundasse uma colônia cultural e tecnologicamente evoluída. Pensou, mais uma vez, que já deveria estar aposentado, mas a sombra do ancião de cabeça branca e desgrenhada atrás dele o fez inspirar fundo e aprumar o corpo, sinalizando uma disposição maior que a que sentia. Sim, deveria pensar em se aposentar... Mas só daria a Mandredom o gostinho de ser Nominório da Aliança Maior quando morresse.

Tirou um pente do bolso do colete e o passou delicadamente os cabelos ralos para trás, observando Nianca entrar aos trambolhões na choupana. A mulher estava muito acima do peso e não usava espartilhos nem roupas adequadas, e muito do que sobrava de pele ficava balançando em lugares estranhos para os lados do vestido. Os coques nas laterais da cabeça nunca estavam ajustados e sempre ficavam fios soltos esvoaçantes de fora, como se ela tivesse saído em uma ventania, mesmo quando tinha acabado de se arrumar. Peixes-boi eram mais graciosos, mas Nianca não se dava conta disso. Vivia jogando charme para Abarcão, sem perceber quão ridícula ela parecia. Ele podia estar caminhando para seus setenta e um anos, mas não se rebaixaria a cortejar uma mulher com mais do que vinte. Tinha seu orgulho.

— Senhor Abarcão — ela fez uma medida cheia de segundas intenções, e o Nominório aproveitou para dar uma boa olhada em Endris, a sobrinha de Nianca, de vinte e três anos. Já tinha algumas marcas de passagem do tempo, mas ainda era

um caso a se considerar. Talvez pudesse segurá-la sozinha na casa mais tarde. — Os primeiros resultados chegaram. A comissão de inspeção de magia verificou que aqueles são realmente objetos mágicos e disseram que possuem alguma energia armazenada, mas que ela está decaindo.

— É difícil comprovar que são ou não são os Objetos Supremos — disse Alibeth, a promissora pretendente a Passadante, cargo de chefe dos arautos da Aliança, abaixo apenas do próprio Selemen. Mandredom iria promovê-la, é claro, não havia ninguém tão comprometido a tomar o cargo, mas ele gostava de manter o mistério por um tempo.

— E por que? — perguntou Mandredom.

— Por que a única pessoa viva que sabemos que conheceu uma das joias antes de serem entregues a nós é a rainha Calla, e ela não faz parte da Aliança, então não podemos contar com a avaliação dela — respondeu Alibeth.

— Não temos como saber como era a magia delas antes de as sentinelas as terem gastado, nem mesmo conhecíamos os formatos delas — disse Nianca. — E são tantas lendas dispersas contando histórias diferentes que só podemos ter certeza de que eram sete. É impossível saber quais qualidades cada Crimedéct tinha com certeza.

— Então temos que aceitar a palavra de Pablo Adenetti — constatou Mandredom a contragosto.

— Por hora — disse Abarcão. — Mas vamos deixar passar um tempo. Se for um engodo, vamos acabar descobrindo mais cedo ou mais tarde.

— E o que vamos fazer a respeito dessa liderança? Adenetti parece estar contido, mas nunca se sabe — questionou Nianca, que não escondia seu desagrado com relação a Pablo.

As três mulheres se entreolharam e acabaram se voltando para Mandredom e depois para Abarcão, afinal, cansado ou não, ele era o líder, e esperavam que ele tomasse conta das questões mais fundamentais da Aliança Maior.

— Encontrou algo de valia no cofre? — o idoso perguntou a Alibeth.

A mulher balançou a cabeça em negativa.

— Deixei meu irmão fazendo a contabilidade, mas encontrei mais informações do que fui capaz de analisar — ela disse. — Há tombos de toda espécie, alguns têm quase o meu tamanho. Mas, olhando por alto, não vi nada que parecesse comprometedor, e não vi o general por ali também.

— Talvez ele nem tenha se dado conta do que tem em mãos — sugeriu Mandredom. — É bem possível que os documentos mais comprometedores nem existam mais, ou que não venham a ser avaliados por ele. Tem tanta coisa para o moleque resolver agora que por certo ele mal terá tempo para vistoriar essa burocracia antiga.

— Pode ser — Abarcão coçou o queixo, onde fios de barba rala despontavam duros em alguns pontos. — Mas o rapaz conhecia bem demais as regras quando foi conclamado.

Seu pensamento divagou na direção de Endris novamente. Corpo firme, pele morena, olhos verdes, boca carnuda. Ficaria perfeita metida em um vestido. Um vestido de festa.

— Vamos promover um baile — disse de repente.

— Um baile?

— Em Octoforte — o velho sorriu. — Vamos convidar todos os membros da Aliança Maior, até o mais baixo escalão. Não vão demorar muito para chegarem, ficaram todos presos em Zebelim por causa da queda dos bondes depois da festa de recepção ao novo príncipe, não?

— E qual é o sentido disso, Abarcão?

O líder voltou-se para Mandredom e sorriu com malícia. O amigo e rival podia cobiçar o cargo dele, e eles até tinham suas diferenças, mas pensavam de forma muito semelhante na maior parte das vezes.

— Distração. Vamos ver se Pablo Adenetti tem olhos na nuca enquanto o fazemos olhar para belos peitos em decotes ousados — respondeu, tirando um sorriso do outro.

* * *

Os magos escolhidos por Márcio eram aqueles que melhor conseguiram executar o simples, mas exaustivo, feitiço de levitação, e o grupo já tinha ajudado a colocar os telhados das casas de Agerta em seus lugares durante a reconstrução da vila da ilha. Mesmo assim, o novo serviço não era fácil.

Depois de um dia completo numa embarcação lenta demais se comparada à Nalvim, que levava só cinco horas para fazer o mesmo percurso, Yoná, Márcio e seu grupo de magos desembarcaram em Zebelim. Subiram a longa escadaria no paredão da falésia até chegarem no alto do planalto, onde, na plataforma de bondes, encontraram uma comitiva da Aliança Maior à sua espera.

Doniel, íterin de Ylhuah na Aliança e organizador daquela escolta, os aguardava com quarenta carruagens carregadas de homens e materiais para o conserto. Mal-humorado por ter esperado pelas sentinelas por mais tempo do que planejava, o homem se queixou de que seus homens já estavam tinham praticamente finalizado o serviço, pois a grua para a carga dos materiais já estava devidamente montada e posicionada.

Sem dar ao grupo tempo para descanso, deu ordens para que desembarcassem os materiais para o reparo imediatamente e começassem o trabalho. A plataforma vinte e cinco estava inativa, mas relativamente intacta, o único problema com ela eram os cabos de aço enormes estirados no chão. Por sorte, o grupo de engenheiros contratados para analisar a recuperação das linhas sugeriu o uso de modernos cabos de liga de aço bem mais finos que os originais, que eram grandes tubos ocos de meio metro de diâmetro, e que causaram grande destruição com sua queda. Os novos cabos eram mais fáceis de transportar, mais leves, e mais resistentes, feitos em forjas ultramodernas que aproveitavam os rios de lava de vulcões da Cordilheira Ullinolvar. No entanto, os rolos eram ainda muito pesados, e sua instalação requeria perícia e força. Com o uso do guindaste mecânico, ficaram o dia todo instalando os novos cabos em seus lugares à contagem ritmada dos estouros vaporosos dos pistões imantados, e, quando as estruturas estavam firmes e seguras, partiram numa viagem de mais cinco dias sacolejando nas carruagens rumo ao próximo serviço.

Logo Márcio percebeu que o trabalho seria mais complicado do que imaginava. A plataforma sete, da cidade Dagsháq, próxima parada do grupo, estava arreventada: um dos postes tinha sido puxado pelos cabos e destruíra parte do piso de pedras, e foram necessários dois dias inteiros de intenso uso de magia, *mac*, martelos e soldas, para que os magos, as sentinelas e os trabalhadores de Doniel conseguissem colocar as estruturas no lugar, os cabos em suas posições, e o bonde amassado em

suas hastes. Márcio, sozinho, soldou os metais das três linhas de sustentação e fundiu-os às pilastras, embora Yoná tivesse precisado interferir nas duas últimas vezes e impedir que o amigo se excedesse e fizesse o próprio sangue evaporar. Aparentemente, Márcio não se descontrolava ao controlar o fogo só quando usava a Joia Suprema. Mesmo assim, ainda sobraria muito serviço para um segundo grupo de trabalho, que viria alguns dias mais tarde para refinar o serviço bruto.

Depois que as roldanas puxadas por buffhos tinham estirado os cabos ao máximo o vagão foi colocado em seu lugar, e Yoná se arriscou subindo no teto do bonde quando ele já estava elevado a cinquenta metros de altura. Então lançou uma sequência de ondas sonoras através dos cabos, pois, com o poder de controlar o som, podia sentir a extensão das linhas e possíveis falhas ou rachaduras invisíveis que elas pudessem ter. Felizmente não encontrou danos, e a caravana partiu para a próxima parada.

* * *

Seria a terceira plataforma que consertariam e Márcio dava sinais de esgotamento. Todos os Águias se mostravam orgulhosos por participar da reconstrução do mundo, mas estavam perdendo as energias também. Mesmo os peões de Doniel estavam nos seus limites. Cada dia de trabalho era extenuante: começava nas primeiras horas do dia (que nunca clareava, e que Márcio jurava que agora tinha menos estrelas), e se prolongava até o início da madrugada por todos os dias necessários até a reconstrução total. Estavam viajando há dois dias por terra e depois por rio, em balsas enormes cedidas pelos governantes de Ylhuah, e agora estavam novamente em terra a caminho da plataforma vinte e dois, próxima à Cidade Laranja, onde montariam acampamento no meio da madrugada a fim de se levantarem bem cedo no dia seguinte para o trabalho nas linhas de aço. As sentinelas já tinham concordado que aquele seria seu último serviço; voltariam a Octoforte depois dele e enviariam outras sentinelas com outro grupo de magos em seguida para continuar. Dominique e Jadhe teriam que se virar juntos, afinal.

O caminho até lá era mais rápido porque utilizava os rios, mas era mais cansativo que viajar só em carruagens porque tiveram que carregar e descarregar todos veículos que usaram, e o grupo ainda sacolejava dentro das cabines das carruagens de oito assentos. A maioria das duzentos e setenta pessoas da caravana estava adormecida, embalada pelo trotar dos cavalos e pelos dias de cansaço. Ao lado de Yoná, porém, uma jovem bruxa de Agerta não parava de tagarelar baixinho sobre as maravilhas de Octoforte, provavelmente porque Yoná não tinha lhe dito para parar. A voz da menina não encontrava resposta da sentinela, que tinha a mente

perdida em outros lugares enquanto fitava Márcio, acomodado num assento em frente ao dela, de os olhos fechados, mas bem acordado.

Yoná sabia que Márcio só fingia dormir para não ter que conversar com a garota nem com mais ninguém, mas ela não via problema nenhum em permanecer calada quando achava o assunto desinteressante. Na verdade, seu pensamento vagava por regiões de seu passado, e apontavam para um futuro obscuro.

Sua vida toda tinha sido definida por um único momento: a morte da mãe pelas mãos de um amaldiçoado, e pelo arranhão que levou da própria Ártemis na ocasião. A marca deixada pela Caçadora era quase invisível, mas foi o suficiente para levar sua tribo a acreditar que Yoná tinha sido enfeitiçada também, e que poderia se transformar em um ente sinistro de um segundo para o outro. Prestes a ser sacrificada, Yoná foi salva pelo pai, que disse que o Espírito da Floresta ordenou que a menina não fosse morta. Agora ela sabia que o Espírito era real — era Lhênus, Senhor da Sabedoria, que intercedeu por ela assim como tinha feito com várias outras crianças às portas da morte, como com o próprio Márcio.

Mandada para viver no Educandário Sanguíneo, Yoná sempre sonhou em ser aceita de volta na tribo, mesmo recebendo uma educação a que o povo indígena não tinha acesso e conhecendo coisas que a vida na tribo jamais lhe proporcionaria. Por isso gastou toda a energia e o tempo que tinha para pesquisar Ártemis Caçadora: a lenda de sua maldição, as hipóteses sobre a origem do veneno dela e, tanto por medo de ter sido infectada com um tipo dormente da toxina, que poderia despertar de repente e transformá-la em um monstro, como para não gastar tempo com pessoas que não ajudariam em nada com sua busca, tornou-se uma solitária orgulhosa. Ela sabia bem disso, mas nunca se incomodara com o que as pessoas pensavam sobre ela.

Quando o pajé lhe contatou para lhe conferir uma missão importante, o coração de Yoná despertou de um longo torpor com um salto: ela teve certeza de que seria aceita de volta, que os índios tinham entendido que ela não estava amaldiçoada, e que poderia viver em paz. Mas a estadia na aldeia durou só uma noite: no dia seguinte, bem cedo, Yoná foi enviada sozinha por um túnel que saía da floresta e entrava no deserto de areia, apenas com uma tocha numa mão e um pacote com ração seca em outra. Ela tinha a alternativa de voltar ao Educandário, se formar e procurar uma vida normal na cidade esquecendo-se da tribo Sanai para sempre, mas era vaidosa demais para admitir medo, e queria provar que era capaz de enfrentar o que quer que estivesse reservado para ela. Havia cobras, lagartos e escorpiões no deserto, e quando a tocha se apagou, a moça entrou em pânico.

Sozinha, teve que enfrentar o terror sob o túnel de areia até chegar ao Flachim'ttoér, o Templo de Areia, de onde se tornou sacerdotisa.

Foram alguns meses de solidão sem nada a fazer até que alguém chegasse ao templo vindo por um túnel semelhante ao que ela havia enfrentado. O homem estava atordoado e desabou aos pés de Yoná, e a garota se afeiçoou a ele imediatamente. Quando despertou, soube que se chamava Yuke e que havia sido punido por ter tentado fugir da tribo com uma mulher comprometida, mas, se Yoná esperava encontrar alguma empatia dele, foi logo desenganada. Yuke a desprezava, como, segundo ele, a maior parte da tribo, e por várias vezes disse que, se a garota se preocupava tanto com a aldeia, devia ter um pouco de consciência e dar fim à própria vida.

Yuke passou os quatro meses que aguentou tentando descobrir os mistérios daquele lugar. Tudo em vão: Yoná já tinha entendido, muito tempo antes, que o templo era vivo, que cada dia abria uma passagem nova para câmaras que ela nunca tinha visto, e que os dois nunca sairiam de lá se ele não quisesse. Não que fossem prisioneiros: Yoná caminhou muito por aquele deserto, estudando os pergaminhos que o templo lhe dava, descobrindo veios de água e aprendendo a se localizar tanto na noite estrelada como na claridade fantasmagórica que surgia todos os dias, mas, se tentavam voltar para a tribo, coisas estranhas aconteciam: paredes de areia, tempestades de raios que formavam árvores de vidro em frente a eles, multidões de besouros de trinta centímetros atropelando-se num mar vivo.

Mas o homem, desesperado que estava para fugir de Yoná, nunca parou de evitá-la e nunca desistiu de voltar à tribo. Por fim, quase morreu cavando na areia, e mesmo que Yoná tivesse salvado sua vida, ele tentou matá-la quando despertou. Yoná se safou, mas, no dia seguinte, havia um túnel novo e o colega havia desaparecido. A garota seguiu pelo caminho e acabou na aldeia, onde foi recebida pelo pajé e enviada imediatamente para Agerta, onde deveria prestar as provas para um cargo muito importante. Ela não teve tempo nem para olhar ao redor, mas soube que Yuke não havia retornado, o que não lhe causou perturbação. A jovem partiu para seu novo destino jurando que jamais confiaria em alguém.

Só que tudo mudou quando se tornou sentinela.

Assim que passou no teste, Yoná chegou a pensar que poderia ter encontrado seu lugar. Viver reclusa para sempre numa torre, vigiando um Portal imutável pelo qual ninguém passava, não era lá muito diferente da vida que vinha levando, afinal. Ela suspeitava de que, em algum momento, Ártemis havia cruzado Cermalháct para ir

para a Terra, e pensou que, com sorte, poderia interceptá-la se tentasse novamente. Surpreendeu-se ao descobrir que Jadhe e Dominique, sentinelas como ela, eram pupilos da mulher fera, e quando a viu pessoalmente no rochedo de Agerta e percebeu seu poder, entendeu que não conseguiria confrontá-la no meio de toda aquela confusão. Então abraçou aquela missão, tanto para ter outra oportunidade de encontrar-se com a mulher novamente, como porque tinha prestado um juramento, e, para ela, juramentos eram muito importantes.

Desde os primeiros dias, a convivência com outras pessoas não foi fácil. Ela não estava acostumada a acatar opiniões, exceto a dos professores — e nem sempre concordava com eles —, e num grupo em que todos ocupavam postos iguais sem um líder, teve que aprender a ceder e a ouvir. Também não estava acostumada a conversar, muito menos a partilhar medos e sonhos, mas cada um dos amigos, de seus modos particulares, a tinham feito mudar, e aquele moleque fingindo que dormia bem em frente a ela tinha aberto uma porta que ela não conseguia mais fechar.

Agora ela estava num impasse. Naquele momento, ela tinha todas as respostas que sempre procurara, e sabia que não iria se demudar numa aberração nunca, pois jamais tinha sido envenenada; porém também sabia que não voltaria a pisar os pés na tribo Sanai. Assim como Pablo, ela estava ciente de que Octoforte tinha perdido sua finalidade fundamental, e ainda que o general não tivesse tocado neste assunto, não demoraria muito para que ele expusesse a situação: Octoforte seria fechada. Mesmo se não fosse, se continuasse aberta por mais uma geração, Yoná se perguntava se ela e os amigos conseguiriam viver naquele lugar. Depois de ter visto as coisas mais estranhas do mundo, ela não conseguia ter certeza se havia para eles uma vida normal à qual retornar. Mais ainda: Márcio, Pablo e Diana estavam irremediavelmente ligados por laços de sangue e matrimônio, e, de certa forma, Jadhe e Dominique estavam ligados por laços semelhantes. Shenu tinha irmãos espalhados pelo mundo, poderia voltar a eles, se quisesse. Mas, e quanto a ela? Será que a amizade dos outros por ela era tão forte para que a quisessem na vida deles? Ela tinha suas dúvidas, afinal, sua família de sangue não considerou suficientemente fortes os laços dela com eles para mantê-la perto. Aliás, por pouco não lhe tiraram a vida.

Então a garota tagarela falou algo que lhe chamou a atenção, e Yoná pensou que, se não podia resolver as questões mais profundas de sua alma, poderia, pelo menos, resolver um problema urgente e trivial, como as peças de roupa que trazia.

— Mas meu irmão disse: não Cinthia, você não devia pensar nisso. Enfim, quando convocaram aprendizes de magos, eu corri feito louca pra me inscrever, e Verônica, ah, aquela gárgula duas caras! Tão ruim no final, tão boa no começo... Bom, ela e Ártemis ensinaram cada coisa! Eu disse que queria continuar com a costura, mas é tão incrível ser mágica! Acho que posso fazer as duas coisas: posso ser uma costureira, posso colocar luzes mágicas e efeitos incríveis nos tecidos com magia! Se tudo der certo, vou fazer vestidos para rainhas!

— Você é costureira? — Yoná perguntou, e viu os olhos de Márcio se abrirem bem pouquinho, comprovando que ele realmente não estava dormindo.

— Claro! Só há uma família de costureiros em Agerta, e é a minha.

— Pode fazer uma roupa pra mim?

A mocinha, de longas tranças caramelo e que não devia ter mais que dezesseis anos, fez o olhar de quem tinha ganho o maior presente da sua vida.

— Eu? Jura?! — exclamou ela, juntando as mãozinhas delicadas. — Fazer uma roupa para a grande sentinela do som? Seria a maior honra da minha vida!

À frente, Márcio sorriu em seu lugar, sem deixar a menina perceber que estava desperto.

— Quanto tempo vai levar?

Cinthia pareceu desconcertada.

— Bom, eu sempre carrego minhas tesouras e agulhas comigo senhora, mas não tenho tecido, um vestido elegante leva algum tempo para fabricar, e...

Yoná puxou a mochila e tirou de dentro três tecidos dobrados. Um era de um tom de azul profundo com alguns brilhos discretos entrelaçados à trama sedosa; o outro, uma renda pesada de trama manual, de um cinza quase branco, e o último era um tecido simples cinza chumbo.

— Acha que pode trabalhar com isso?

A costureira pegou o tecido azul nas mãos como se estivesse recebendo um bebê recém-nascido.

— É tecido celeste de Algavar... E renda mussodela das tecelãs de Gehenmy... Eu nunca sonhei em tocar num desses... Um vestido de gala com um tecido destes e a senhora se pareceria com um espírito das estrelas!

— Então pode fazer?

— Claro que sim, e posso começar agora mesmo! — respondeu Cinthia, sonhadora.

— Ótimo, só tem um detalhe: eu não quero um vestido de “espírito das estrelas”. Quero calças, blusas com manga, um colete e uma capa de viagem, se for possível, coisas bem sólidas. E só poderei pagar quando voltarmos para a fortaleza, ou se Márcio acordar e me arranjar alguns tárez.

A costureira pareceu ter levado uma bofetada.

— Mas, minha sentinela... Não estou preocupada com pagamento, vai ser a maior honra de minha vida! Mas são os tecidos mais raros e caros do mundo! Tenho certeza de que, se pensar melhor...

— Garota — Yoná a olhou com firmeza para fazê-la compreender. — Eu só sei de uma coisa: não vou conseguir me mover direito com esses vestidinhos pequenos e cheios de babados e decotes. Preciso de roupas práticas de gente normal, pode fazer isso por mim?

Cinthia assentiu, mas Yoná não deixou de perceber um olhar astuto na garota.

— Roupas de guerreira, ah? Não se preocupe, minha senhora, terá as melhores roupas de guerreira que eu puder fabricar, e antes de chegarmos à próxima plataforma!

Yoná a fitou desconfiada.

— Use o mínimo dessas coisas brilhantes e rendadas. Mais uma coisa — acrescentou a sentinela. — Tem bastante tecido aqui. Com o que sobrar desse... Azul celestiano, o que for, pode fazer uma saia ou um vestido pra você, o que quiser.

— Oh, minha senhora!

Os lábios da garota não conseguiram se fechar, emocionada que ela ficou. Um tecido com aquele pano valia muitos dias de trabalho, e Yoná sabia bem disso. Imediatamente a mocinha começou a trabalhar.

* * *

— Ele continua me mostrando esse pedaço de nada! — Adnail berrou, frustrada. Há um mês ela vinha obrigando Ariell a lhe mostrar vários lugares de Bhardo na esperança de encontrar Macrux, porque sempre que pedia para ver o próprio bruxo o espião mostrava a mesma coisa: os destroços do Palácio Nácar. A mulher chegou a pensar que ele pudesse estar lá, talvez escondido sob eles, talvez até mesmo preso de algum modo, mas todos os encantos de revelação que ela conhecia não mostraram nada. Claro, qualquer encanto seria muito mais efetivo se feito no próprio local, e Adnail estava muito longe do Nepcoutem.

Suspirou. Jogou o globo no cesto de roupas e gritou para que uma criada lhe trouxesse algo para ela comer. Pelo menos Macrux tinha permitido que ela arranjasse humanos vivos como criados, porque, por ele, só usariam os malditos. O feiticeiro não tinha problemas em comer coisas preparadas por aquelas mãos bichadas e mortas, mas Adnail tinha. Preferia ter suas refeições feitas por mãos quentes, mesmo que Macrux dissesse que, bem verdade, ela já devesse estar morta há muito tempo, e que, portanto, tinha mais parentesco com os putrefatos do que com os vivos.

Estalou os dedos e se levantou, o corpo sinuoso movendo-se como uma naja no deserto quente. Apanhou novamente o orbe e alisou sua superfície. Se Macrux demorasse mais, ela sabia que teria que ir até aquele lugar horrendo verificar pessoalmente o que estava acontecendo.

Por hora, a torre e os homens que ela escolhera a dedo para lhe fazerem companhia nas noites solitárias sem o bruxo eram suficientes para entretê-la, mas já começava a ficar impaciente.

* * *

Os dias se tornaram semanas e, quando o grupo dos gêmeos já contava com doze pessoas, Shenu decidiu fixar um pequeno acampamento na planície. Com a ajuda de Férík, construiu uma escada com os restos de andaimes presos às paredes e levou os sobreviventes para fora da Fissura e para longe dos restolhos das cidades e do Palácio Nácar. Foi para o sul, deixando aquelas ruínas odiosas do outro lado da

garganta, e, subindo e descendo morros ondulantes chegou a um local onde a sinuosidade das colinas bloqueava a visão da antiga capital, e ali Shenu instalou as pessoas.

A maior parte dos sobreviventes estava tão assustada quanto Fériik, alguns mais. Eram seis homens, três mulheres e três crianças, dois meninos e uma menina entre oito e doze anos, e poucos falavam. Aceitaram seguir os gêmeos como gado dócil guiado por um tranquilo cão pastor, e, se Shenu inicialmente se preocupou de que pudessem estar num tipo de colapso mental coletivo, aos poucos percebeu que os resgatados iam voltando a si e confiando que sua sorte havia mesmo mudado.

Tinha encontrado aquelas pessoas perambulando pela Cidade Baixa. Alguns vasculhavam montes de lixo em busca de alimento, outros estavam escondidos nas grutas escavadas no paredão, e que funcionavam como dormitório para grandes bandos de escravos. Shenu pensou que elas mais pareciam covas, de tão apertadas. Havia ainda outros presos em celas nas pedras, fechados por grades frágeis de ripas de madeira e cordas, que teriam facilmente cedido a uma ou duas pancadas bem dadas, mas os prisioneiros não tinham ânimo para fugir, e, para convencê-los a sair, a sentinela deixou todos os seus truques de lado — telepatia, magia e *mac* das sombras — para não os assustar.

Agora o pequeno grupo vivia na cabana feita com materiais descobertos nos escombros, e todos os dias, após se certificar que o grupo estava devidamente alimentado com a carne que conseguia para eles, a sentinela saía em busca de materiais, pessoas, água, comida, o que mais pudesse encontrar. Invariavelmente Fériik o seguia minutos depois, e quando o alcançava se mantinha alguns passos atrás, ajudando, de onde estava, a garimpar itens.

Ao final de duas semanas, os irmãos tinham conseguido artigos para montar mais três barracos, o acampamento tinha quase oitenta pessoas, e algumas delas estavam começando a se comunicar com palavras. Shenu viu até uma criança sorrir quando ele começou a assoviar enquanto trabalhava, o que o fez sorrir também. *Posso me acostumar com uma vida assim*, pensou.

Então lhe ocorreu que, provavelmente, a vida que o esperava em Octoforte não seria muito diferente daquela. Afinal, como o objetivo de sua entrada na fortaleza tinha sido espreitar os segredos da Biblioteca Dourada para quem sabe um dia resgatar Fériik, ele nunca tinha realmente questionado o que faziam os guardas de lá. Como Octoforte ficava fora do mundo, em Cermalháct — a encruzilhada de dez quilômetros quadrados entre três dimensões —, e era financiada por uma aliança

formada por alguns reinos do Continente Maior, os soldados não podiam se envolver diretamente em conflitos locais, principalmente se estes colocassem frente a frente dois reinos da Aliança Maior... Ou será que podiam? Shenu achava que o novo general, a sentinela do trovão Pablo Adenetti, jamais enviaria alguém para se meter em disputas bobas. Provavelmente o que restava ao Dilahratorn eram as missões de resgate e ajuda, exatamente como Shenu vinha fazendo, além da guarda do erário, que incluía agora os Objetos Supremos.

Pensou no Lampejo dos Desesperados e um calafrio percorreu seu corpo. Ficou feliz que fosse só isso, que já não pensasse na joia com a saudade de antes, e voltou a refletir sobre a vida pacata que o aguardava, uma vida de muito trabalho, provavelmente, mas uma vida serena.

Posso me acostumar com isso sim, pensou novamente, e voltou a assobiar.

Voltou a se concentrar na terra molhada. Fazia muitos anos que não trabalhava no campo daquele jeito, mas ainda se lembrava do serviço com os irmãos e pais em Tera — únicos momentos em que nenhum deles entrava em brigas — e também do trabalho na lavoura de Astur. Se a coisa funcionasse e a chuva continuasse a cair com a regularidade dos últimos dias, provavelmente conseguiria fazer as sementes dos tomates bravos e os brotos de batatas-da-terra, que encontrara na floresta, nascerem, e logo não dependeriam de chafurdar em busca de mantimentos e da caça parca que a sentinela vinha conseguindo. Aos poucos, porém, mesmo a carne vinha sendo mais farta, pois as terras voltavam a ser férteis lentamente, os resgatados se voluntariavam para ajudar, os animais se aproximavam e as marcas da magia do rei iam desaparecendo.

Olhou para o céu: a Lincariell tinha se afastado e brilhava quase no horizonte celeste, mas a estrela Ártemis continuava firme na Constelação do Navegante, na mesma posição de sempre, e Shenu sorriu e estalou os dedos. Enquanto pensava nos pássaros coloridos que vira naquele início escuro de dia e se perguntava se o espírito da mulher vinha ajudando aquela terra a se recuperar, Férík surgiu descendo correndo um morro até ele, agitado.

— O que foi?

— Venha ver!

A sentinela acompanhou o irmão, e ao chegar do outro lado da colina, viu uma estranha movimentação no acampamento. Todas as pessoas olhavam para um

ponto ao longe, perto da linha das árvores antes ressequidas da floresta — agora cheias de brotos — aos pés dos Montes Raivosos, a cadeia vulcânica fora dos limites do Nepcoutem, onde ninguém conseguia chegar antes de o rei ser morto. Havia uma movimentação naquela região, e, apertando bem os olhos, percebeu uma caravana.

Os estranhos continuaram se aproximando e o grupo de Shenu assistiu pacientemente sua chegada: um comboio com carroças estranhas, bigas invertidas feitas de metal, madeira e rodas dentadas, que nenhum animal tracionava, mas sim duas pessoas em cada uma delas, que se movimentavam como se caminhassem. Era muita gente, cerca de cem indivíduos, e usavam longas túnicas brancas de mangas com cintos dourados com montes de adornos metálicos nas cabeças e pescoços. Eram altos e esguios; todos tinham a pele clara, fazendo-os parecidos com as pessoas de Hadara, mas tinham olhos repuxados, como o dos indarae de Blando, e narizes e queixos mais finos. Pareciam ter cabelos loiros ou ruivos, embora fosse difícil precisar com certeza sua cor, pois usavam os fios embaraçados em grossas cordas untadas com um tipo de cera clara, e quase todos tinham muitas sardas na pele.

— Quem são? — perguntou Férik, ansioso. — O que querem comigo? O que querem comigo?

O que querem comigo? Pensou Shenu, refletindo sobre como Férik se colocava como o centro de todas as coisas, e entendendo que era um sinal claro de que a mente dele estava irreparavelmente danificada. Pensou em responder algo do tipo “provavelmente vieram comer o seu fígado”, mas refletiu melhor e concluiu que não era prudente brincar com o gêmeo daquele jeito. Não só seria maldoso, depois de todas as torturas que ele viveu ou presenciou, mas também por que o irmão poderia acreditar. Férik não parecia capaz de discernir sarcasmo da conversa normal, e poderia iniciar uma onda de pânico entre os sobreviventes, destruindo a paz que Shenu vinha cultivando com tanto cuidado.

— O que querem *conosco*, Férik, *conosco*. Mas não sei quem são. Se vestem muito bem e estão usando aqueles... transportes estranhos. Sobreviventes da Cidade Alta?

— Não, eu fui na Cidade Alta — respondeu Férik, sem tirar os olhos dos estranhos. — Eles não se vestiam assim, não tinham essas jubas assim, e não eram todos tão parecidos.

Shenu assentiu. Na Cidade Alta, Zebarân colocava para morar os raptados que ele julgava terem melhor aparência. No entanto, eram pessoas de diversas etnias, e continuavam sendo prisioneiros, obrigados a manter as tarefas que o rei ou que os magos-generais ordenassem. Os irmãos ainda não tinham ido à Cidade Alta para ver se encontravam sobreviventes por lá, mas Shenu não achava que a comitiva viesse daquele lugar. Aquelas pessoas pareciam curiosas, mas não amedrontadas, e estavam bem vestidas e bem nutridas, indicando que não vinham tendo dificuldades para arranjar mantimentos.

Eram parecidos, quase como se formassem uma família...

Um povo...

O semblante de Shenu se iluminou.

— Eu sei quem eles são — disse. Sorrindo, respondeu à pergunta muda de Fériq:
— São as pessoas perdidas do povo original desta terra. Aduninos!

BAILE

A thenmo esticou os braços para trás e estalou as costas. Lembrou-se do trio para quem dera carona meses atrás, e imaginou se Shenu, Jadhe e aquele curioso menino de asas, de quem ele não se lembrava do nome, teriam chegado ao seu destino. Não se lembrava também que destino era esse, mas achava que tinha alguma coisa a ver com buscar alguma outra coisa...

A idade não ajudava a puxar a rede pesada, e ele jurava que a cauda daquele peixe tinha o tamanho de sua perna inteira. Se fosse um boto cor-de-rosa, deixaria ele ir. Botos comiam pesadelos e traziam sonhos bons.

A princípio, sua audição ruim não o permitiu discernir o som. Talvez, se fosse mais jovem, tivesse conseguido perceber os demônios e se esconder, mas não houve tempo nem mesmo para considerações. A nuvem de marrotes despencou sobre ele e sobre os peixes no barquinho, e devorou tudo.

Nem Athenmo, nem boto, nem nenhuma criatura restou viva naquele lugar.

* * *

Pablo trancou-se sozinho no quarto reservado da sala de estratégias do Torreão por vários minutos para conseguir se acalmar pelo nervosismo com a bizarra requisição da Aliança Maior de realizar um baile na fortaleza. Ao sair, tentou argumentar com Abarcão, o imponente Nominório, de que o pedido era descabido, uma vez que Octoforte era um paço militar, e não um castelo real, mas foi lembrado de que a promoção do festejo não era uma sugestão, mas uma ordem. Sabia que se contestasse demais acabaria gerando desgaste, e desgaste levaria a questionamento sobre sua confirmação como general, e tirá-lo do cargo importava em abrir caminho para que os aliantes continuassem com seus mandos e desmandos conforme seus caprichos, brincando com as vidas de soldados e agertos, e ele não pretendia deixar que isso acontecesse. Só mais um pouquinho, e conseguiria executar seu plano secreto, então valia a pena respirar fundo e deixar que a festa acontecesse.

Para tirar algum proveito da situação, o general contratou vários serviços de pessoas de Agerta para enfeitar a vazia Torre do Trovão como um salão de festas. Ficou incomodado com a futilidade da ocasião, mas conseguiu adornos de capim dourado, toalhas de renda branca e pinturas coloridas, artigos feitos com a pedraria que os agertos conseguiam nas minas dos rochedos, e comidas e bebidas da cidadela em quantidade suficiente para entreter os convidados (que Pablo chamava de intrusos) por algumas horas. Provavelmente sairiam reclamando de tudo, principalmente da quantidade de quitutes, mas não tinham lhe dado mais que uma semana, e foram os oito dias mais extenuantes de sua liderança desde que reabriria o Portal.

Apesar dos preparativos apressados, quase todos os membros da Aliança Maior estavam ali, assim como todos os soldados e uma pequena quantidade de pessoas da ilha de Bhardo, composta pela família do prefeito e por alguns membros considerados pela Aliança como mais influentes.

Achando injusto que os agertos, que tanto trabalharam para preparar o baile, não tivessem sido convidados, o general abriu os portões para permitir que uma extensão da festa acontecesse no gramado do pátio externo de Cermalháct. Ele e o prefeito dividiram os gastos com o preparo do caldo verde e de leitão assado, o chá de laranja e canela, e o Íneo cedeu aguardente. E, mesmo que não houvesse noite, as pessoas acenderam fogueiras e dançaram e cantaram ao redor delas, ignorando as caretas de repulsa dos aliantes que chegavam.

Enquanto via a chegada dos convidados ilustres da janela do Torreão, recepcionados por Dominique e pelo comandante Valponte, do vento, Pablo tamborilava no beirame da janela. Ele não se deixava enganar facilmente: tinha certeza de que havia uma intenção não-declarada na realização daquela festa. Abarcão podia querer exibir suas mascotes para outros membros da Aliança, mas lhes dera pouquíssimo tempo para organizar tudo, menos do que seria prudente, deixando claro, para Pablo, sua intenção de distrair o general para os preparativos em detrimento de outras preocupações importantes. Aquele baile seria um momento em que as sentinelas presentes seriam requisitadas o tempo todo, deixando livre passagem para áreas restritas da fortaleza, e Abarcão certamente pensara que o general não tinha tido tempo para se preocupar com a segurança destes locais.

Mas Pablo era um estrategista antes de ser um anfitrião.

— Fiquem de olhos abertos — pediu ele para Dominique, Jadhe e Diana poucas horas mais cedo. — Se virem algo suspeito, não hesitem em agir.

— Tudo o que precisamos defender está no Torreão, não? — indagou Diana, ao que Pablo concordou. — Então fique tranquilo. Ninguém passará despercebido por lá, mesmo que não estejamos presentes.

O homem assentiu. Tranquilo ele não ficaria, mas precisava confiar na sua esposa.

* * *

Não foi difícil encontrar o que vestir quando as sentinelas tinham recebido presentes de toda parte do mundo, e Jadhe se pegou pensando em como é que aquelas coisas tinham chegado ali tão rápido. Livros, roupas, relógios, até uma réplica daquele famoso relógio ornamentado de Zefim. Quase tudo vinha do leste do Continente Maior, mas nem bem vinte dias tinham se passado desde o *Destranque*, e Jadhe se espantava em como as notícias tinham corrido rápido, em como as pessoas se movimentaram para mandar uma demonstração de que se importavam com o que os jovens fizeram, e ela não sabia o que sentir a respeito. Muita gente tinha enviado coisas para eles sem nem saber se estavam vivos, enquanto ainda estavam sob o Oceano, com Melvim, viajando para Agerta.

Pegou um livro que parecia interessante, um romance em um mundo fictício em que não existia magia nem *mac*. Não conseguiu imaginar quando voltaria a se concentrar na leitura, e voltou a pensar nos presentes. Sabia que eram provas de carinho, mas, por outro lado, ela ouvia os pensamentos dos mais próximos, e mesmo entre os soldados não havia consenso sobre o que achavam das sentinelas. Muitos nutriam um tipo de orgulho altivo de pertencer ao mesmo lugar que elas, mas uma quantidade enorme as via como ameaças, aberrações, ou considerava que não mereciam tanta atenção. E essas pessoas também mandavam presentes.

Ela e Diana escolhiam, em silêncio, a roupa que usariam, e Jadhe acabou ficando com um vestido que lhe chegava aos tornozelos e que tinha sido destinado a Diana. A loira, que não cabia em muitas roupas que lhe tinham enviado, ficou com poucas opções, mas Jadhe a ajudou a ajustar um belo vestido branco com um bolero superposto, e arrumou os cabelos da amiga em um penteado de tranças.

— Mestra Ártemis não usava cabelos presos por escolha própria, mas permitia que eu trançasse os dela quando eu pedia — Jadhe contou. — Usavam muitas tranças na minha cidade natal.

— Ela parecia uma mulher austera, mas era muito carinhosa lá no fundo — disse Diana, olhando-se no espelho. — Só não sei por que você e Nique a chamam de “mestra”. Mestre devia ser tipo um professor ou coisa assim, alguém que ensina alguma arte, não é não? Como ela ensinou ao resto de nós.

Jadhe sorriu.

— E ela nos ensinou a arte de viver. Ela tinha receio de pedir que a chamássemos por outra coisa, mas, no fim, aceitou que Dominique a chamasse de mãe. Agora ele anda todo feliz por aí quando fala da “mãe” dele.

Diana não deixou de notar o tom amargo de Jadhe.

— Ele ainda te evita? — ela indagou, agora ajudando Jadhe a arrumar o cabelo.

A moça respirou fundo e seu semblante escureceu.

— Ele tem ideias estranhas. Vamos, ainda temos que descer daqui e subir toda a Torre do Trovão, e temos que fazer isso com calma para o bebê não sofrer.

Diana revirou os olhos pela mudança brusca de assunto, mas sorriu agradecida com o cuidado da amiga.

* * *

O interior da Torre do Trovão estava irreconhecível. Todos os móveis tinham sido substituídos pelas mesinhas quadradas usadas por trios de alunos do Educandário Dourado, cobertas com toalhas brancas e fitas de capim dourado. Havia pratos e copos de cerâmica pertencentes à Octoforte, e travessas e jarros de capim dourado e vidro provenientes de Agerta. Ao invés das cruas paredes de pedra dourada, cortinas de fino algodão desciam do teto ao chão, algumas tingidas de amarelo, vermelho ou verde. Aqueles metros de pano pertenciam à rede de tecelagem da Vila do Porto das Dunas de Mã, em Zebelim, e foi o máximo que Diana conseguiu emprestado para improvisar cortinas de decoração, e embora as cores fossem muito contrastantes, a maior parte do pano estava cru, e o visual final não era tão berrante assim. Jadhe, no entanto, percebeu a aflição da amiga quando os ínterin’z e Senestére’z da Aliança Maior cochicharam uns com os outros sobre o arranjo, apontando a falta de buquês floridos, de quadros ou tapeçarias caras.

Embora quisesse apoiar Diana, Jadhe não conseguia se preocupar com aquele baile. Era mais uma bobagem dos aliantes, que pensavam que tinham algum poder

sobre as sentinelas, e mesmo que Pablo estivesse preocupado com o que eles poderiam tentar enquanto as pessoas estavam distraídas, ela não conseguia fazer a mente se concentrar nisso. Seu espírito estava sendo chamado outra vez, requisitado para um ponto lá fora, um lugar próximo, dentro da cúpula da torre de menagem...

— Não devia gastar tanto tempo olhando para aquele lugar — disse uma voz conhecida ao lado dela.

Jadhe se virou para encará-lo. Dominique continuava o mesmo: a pele acobreada os cabelos encaracolados louro-escuros um pouco mais longos que o usual, os olhos da cor do ouro brilhantes, a cicatriz no lado direito do rosto passando por cima do olho. Usava uma calça azul-turquesa de tecido fino e uma túnica festiva cheia de arabescos dourados e vermelhos que deixava seus braços à mostra, permitindo à Jadhe antever que estavam mais magros do que antigamente. Mas a moça não podia querer que fosse diferente: a viagem e a batalha por que tinham passado deixaram suas marcas, mesmo que Ártemis tivesse tentado consertá-las ao máximo. Estava mais bonito do que nunca, mas a respiração entrecortada, a tensão nos músculos e os olhos que não paravam num só ponto explicitavam que sua alegria característica tinha se esvaído.

— E você devia voltar para a fila, tem cinquenta meninas esperando para terem uma dança com você — a garota respondeu, voltando a olhar pela janela do salão para o alto do Torreão.

Nique virou-se para as pessoas e deparou com duas dúzias de pares de olhos de moças olhando de volta para ele. Algumas coravam, outras sorriam, outras fingiam esconder os rostos, mas continuavam lançando olhares cheios de expectativa para a sentinela. Ele suspirou. Alguns meses antes ficaria encantado de receber tanta atenção, mais ainda por Jadhe ficar incomodada com isso, mas naquele momento ele queria que todo mundo desaparecesse, o que não era possível. Já era uma bênção que Diana tivesse conseguido promover o evento dentro de Octoforte, pois Jhália tinha sugerido que ele tomasse lugar em Algavar, no Continente, num palco enorme, para milhares de pessoas, incluindo toda a população de Agerta, o que deixou Pablo alerta para o fato de que, daquela forma, o Portal estaria descoberto e a fortaleza deserta. Ali, com o espaço reduzido, a quantidade de convidados na torre teve que ser limitada a trezentos, e já era suficiente para lotar os três andares disponíveis. Com o gramado externo abarrotado de gente comum da ilha, mais os soldados e os capitães, Pablo achava que seria mais difícil esconder movimentos furtivos no gramado interno, praticamente vazio.

O gênio teve que dançar com várias moças, o que não era fácil para ele, pois se desequilibrava desajeitado por ter que colar as asas ao corpo; ouviu suas insinuações e flertes diretos; participou de jogos de queda-de-braço, principalmente com Silderéver (que fazia questão de demonstrar que não nutria nenhuma simpatia pelo rapaz alado), ou de tabuleiro, de cartas e de arco-e-flecha. Garçons enchiam seu copo o tempo todo, e ele os esvaziava em goles cada vez mais rápidos, pensando em como gostaria que Shenu estivesse ali, pois ele saberia como lidar com aquela gente irritante. Pablo e Diana, vestidos como um rei e uma rainha, tentavam ser os anfitriões perfeitos, mas nenhum dos dois estava à vontade, e Diana se ausentava várias vezes e por longos minutos alegando enjoos. E Jadhe, apesar de participar das danças, dava pouca conversa àqueles que se aproximavam dela — incluindo Dominique —, e gastava o tempo entre as músicas olhando para o Torreão, para onde estava seu precioso Tesouro de Caularom.

— Podia pelo menos disfarçar — ele disse, a voz um tanto enrolada por causa da bebida. — Daqui a pouco o general vai começar a suspeitar de que você tem tentado roubar a joia e pensar que você pode fugir sozinha com ela.

Esfregando o pulso com uma mão Jadhe olhou para Pablo, e uma porção de rapazes olhou para ela de volta. A moça, já muito bela por natureza, trajava um vestido lilás estonteante, que combinava com a cor dos olhos dela, e tinha os cabelos presos num penteado delicado. Não sorria nem devolvia o olhar de nenhum dos moços, mas Nique se pegou desejando que parassem de olhar para ela como se fossem hienas cobiçando um pedaço de carne fresca.

Desejando...

Estalo. Clique, outro estalo. Dominique apertou os olhos e encolheu as asas mais um pouco. Um garçom se desequilibrou, bateu no rapaz mais próximo e este acabou pisando em falso e derrubando uma vela acesa sobre outro rapaz que olhava para Jadhe.

O fogo subiu pela manga da roupa do jovem, que tirou o paletó rapidamente para apaga-lo; ele não se feriu, mas o episódio foi suficiente para atrair a atenção de todos no salão, desviando os olhares da sentinela da água.

— Você fez isso? — a moça perguntou, astuta, sem precisar ler a mente do amigo. Seu semblante se desanuviou e ela pareceu amável, curiosa, como costumava ser antigamente, e sorriu pela primeira vez naquela noite.

Mas Dominique não podia ser o mesmo gênio que fora um dia. Sem responder, procurou Pablo com os olhos e o viu encará-lo de volta com uma expressão nada amigável.

— Por isso vai para Aduna? Acha que os gênios podem te oferecer alguma instrução sobre seu dom?

— Talvez — ele admitiu, pensando em fugir do salão, pois Pablo abria espaço até ele.

— Eu posso ir com você. Posso te ajudar — Jadhe ofereceu, mas Dominique segurou o fôlego, pensou em um monte de besteiras (doce de banana, praia, cobra venenosa, regras do jogo de cartas de que ele mais gostava) para despistar a própria mente e não fazer um *desejo* indevido e, de quebra, não deixar que Jadhe lesse seu pensamento, e respondeu:

— Uns dias atrás você disse que os gênios são só *minha* família.

— E uns dias atrás você sugeriu desertar — ela devolveu, e, pelo tom, ela antevia que ele estava prestes a dizer algo desagradável.

— Entenda Jadhe, isso é uma coisa só minha. Eu preciso encontrar minha família sozinho, entender os costumes dela, saber como eles pensam. Não posso fazer isso com você junto.

O rapaz sentiu uma leve pressão na cabeça. Tinha magoado Jadhe. De novo.

— Eu poderia procurar Shenu junto com os marujos que você vai levar. Ele deve precisar de mãos...

— Que droga, Jadhe, crescemos juntos, servimos juntos, será que você vai viver colada comigo o tempo todo?

Ele conseguira outra vez, afastara Jadhe do jeito mais grosseiro possível, mas não sabia como fazer para mantê-la longe e segura quando o que ele mais queria era puxá-la para si.

A temperatura caiu uns bons graus ao redor da moça.

— Você tem razão, eu não nasci colada a você. Por isso não venha tirar satisfações do que eu faço ou deixo de fazer.

— Será que nem em um baile sem graça você consegue se controlar? — perguntou Pablo, fazendo Nique se voltar de repente e deparar com o general bem ao lado dele. Embora ralhasse com o gênio, Pablo tinha as mãos entrelaçadas nas costas e sorria para as pessoas ao redor.

— Eu não... Não foi por querer, eu...

— Sei, está frio o suficiente aqui pra entender o que aconteceu. Tente suprimir seus *desejos*, Dominique, estas pessoas não são guerreiras nem andarilhos, e ninguém sabe desse seu negócio. Não queremos ninguém machucado aqui e mais olhos ainda sobre nós!

Pablo saiu com mais sorrisos e continuou a circular entre os convidados, deixando Nique mal-humorado. Será que o amigo pensava que o gênio queria ferir alguém? Voltou-se para comentar algo com Jadhe, mas encontrou apenas a parede vazia. A moça o tinha deixado, e agora dançava com um dos rapazes que não tiravam os olhos dela, e ria e conversava com ele. O gênio deixou-se apanhar por Endris, a linda mocinha nervosa da Aliança, íterin de Zebelim, e passou o resto da noite tentando, a todo custo, fingir que estava em outro lugar.

* * *

Líderes de nações deveriam ser pessoas a serem respeitadas e temidas, e a Torre do Trovão estava cheia daquele tipo de pessoa. Carelát, o jovem mal-educado e papudo, filho do presidente de Ylhuah, passava de um lado para o outro atormentando as filhas de Íneo, prefeito da cidadela de Agerta. O primeiro ministro de Algavar, o sisudo Randeval, passava com o queixo empinado, como se estivesse o tempo todo avaliando os aliados de menor escalão. A princesa Enara também estava ali, e andava com um vestido cuja saia se abria como um cogumelo, ocupando espaço demais em um salão tão estreito. Diana tinha ouvido os comentários maldosos de Silderéver e Irvana, os íterin'z de Gehenmy, de que se Enara não promovesse um baile como aquele em prol da escolha de um noivo, o Império de Zebelim ficaria nas mãos de seu irmão recém-nascido, fruto da segunda união do pai, porque ela já tinha passado da idade de se casar e estava no limite para ter filhos.

A sentinela ficou agradecida pelo comandante Bardáct, da terra, e pela comandante do batalhão do som, Sovene, terem lhe feito companhia por boa parte da festa, porque Pablo estava ocupado atendendo chamados dos líderes, principalmente do Nominório, aquele velho diabólico que fazia olhos de tarado, principalmente

quando via alguma mocinha bem jovem passar perto dele. Muitos aliados se aproximavam de Diana a todo momento pedindo para que ela contasse mais sobre a derrota de Zebarã, sobre os Objetos Supremos, e até sobre sua gravidez. Ela respondia como podia, mas eram muitas perguntas e muita gente, e os comandantes ajudaram a afastá-la do assédio em diversas ocasiões. Em pouco tempo, porém, a estratégia foi identificada, e o capitão de guarda Chárilith apontou para Diana e seus comandantes, e mandou alguns homens para perto dela. Três escudeiros chegaram fazendo festa, pedindo coisas a Bardáct e a Sovene, e abriram espaço para que o próprio Chárilith se aproximasse da sentinela.

— Bela festa! Arranjou tudo sozinha? — o homem perguntou, alisando o bigode meticulosamente aparado para ficar com pontas fininhas.

Diana suspirou e apertou as pálpebras antes de responder. Aqueles bigodes a fizeram lembrar de Loberto, o barqueiro que lhes tinha ajudado algumas vezes, e que por isso estava morto. Pablo queria que ela agisse como uma boa anfitriã, como se tivesse desejado promover aquele festejo, mas definitivamente a moça não estava com paciência para conversa fiada.

— É óbvio que não. Imagino que você, como o restante dos aliados, sabe que eu não tinha a menor afinidade com realização de bailes antes desse aqui — olhou ao redor e encontrou Jadhe dançando no meio do recinto apertado, sorrindo, mas com um brilho gelado nos olhos que só outra sentinela conseguia discernir. — Jadhe me ajudou, Pablo e Dominique também, mas a maior parte veio de Averis.

— E quem é Averis? — Chárilith perguntou, cheio de sorrisos e fazendo uma fírla, convidando Brendo e Jhália, aquele casal escandaloso de Algavar, a se juntarem à conversa.

— A esposa de Íneo, prefeito da cidadela de Agerta.

— Ah! Ela... — Brendo comentou, olhando na direção da mulher, como se falasse de uma mosca varejeira que estivesse em cima das frutas.

— É que você deve entender, essas pessoas não fazem parte da Aliança Maior — comentou Jhália com casualidade. — Não têm o poder de decisão que nós, membros mantenedores, temos sobre os negócios de Octoforte.

Diana cravou os olhos nos de Jhália, e a mulher ajustou a postura, desconfortável.

— Realmente, senhora Jhália, não têm poder de *decidir* coisas por aqui, mas foram muito mais *decisivos* para a reabertura do Portal do que qualquer mantenedor.

— Cuidado, sentinela — Chárilith alertou —, para não se atrapalhar em palavras equivocadas.

A moça voltou-se para o líder da guarda. Quase cinquenta anos, olhos verdes, mãos suaves de quem não tinha trabalhado duro na vida, sem manchas de vida ao ar livre, sem cicatrizes.

— Averis foi do meu grupo de arqueiros na Batalha de Agerta. Eu vi aquela mulher enterrar flecha atrás de flecha nas nucas de uns vinte arquedemon'z. Vi Íneo lançar labachas nos malditos, enfrentando o próprio pavor. E vi os dois protegerem suas pessoas — o tom de Diana era ameaçador, e se ela fosse telepata como Jadhe, acharia que o estremecer dos aliados fora por manifestações de frio. Mas, satisfeita, constatou que aquilo era *medo*. Medo *dela*. Suspirou, a tensão se esvaiu, deixando os aliados confusos. — São ótimos líderes, e ainda sabem preparar o melhor bobó de camarão e estes fantásticos bolinhos de aipim.

— Certo — Chárilith concordou confuso, depois tornou ao tom intimidador de antes. — Só deve se lembrar de quem é que dá as ordens. Afinal, você sabe que uma sentinela não deve agir por conta própria, e que esta fortaleza só existe porque interesses maiores precisam ser protegidos.

Diana estendeu o braço para apanhar um punhado de mini pamonhas. Fez sua melhor expressão de desentendida e sorriu de volta, concordando com a cabeça.

— Logicamente sabemos a diferença entre as pessoas — disse ela. — E tanto eu quanto as outras sentinelas estamos bem cientes de a quem devemos obediência.

— Que bom que seja assim — sorriu Jhália de volta.

Antes que lhe perguntassem mais alguma coisa, Diana encheu a boca de pamonha, contente. Ela sabia que passava a impressão de ser a mais distraída das sentinelas, e porque falava muito e rápido frequentemente, também devia ser aquela que aparentava entregar segredos sem querer, por isso tantos aliados tinham se aproximado dela naquele baile.

Mas Diana estava longe de ser a ingênua que aqueles governantes imaginavam. Ao se referir a quem dá as ordens e falar dos “interesses protegidos” Chárilith podia

ser interpretado pelas prerrogativas iniciais e públicas de Octoforte, que diziam que a fortaleza devia proteger o mundo contra inimigos comuns a todos. Mas a jovem tinha certeza de que o que ele esperava era que, se as sentinelas tivessem descoberto algum “interesse maior” oculto, Diana seria a pessoa a dar com a língua nos dentes. Ela só torcia para que Jadhe e Dominique tivessem o mesmo tino que ela e percebessem os jogos de palavras, apesar de que, ao que parecia, os dois estavam mais preocupados em resolver alguma pendência entre eles.

Respirou fundo enquanto os três se afastavam e outro grupo de aliados se aproximava, este composto por Irvana, Silderéver e Nianca. Chamou um copeiro que servia chá de hortelã e apanhou um cálice, pois aquelas eram três das pessoas mais desagradáveis do salão. Apesar de que, pensando bem, não conseguia definir uma só pessoa da Aliança Maior como sendo alguém “agradável”.

De repente sua visão embaçou e ela sentiu uma leve tontura. Pensou que pudesse ser por causa da gravidez, mas o formigamento atrás da nuca a alertou para o fato de ser outra coisa. Apanhou, dentro do bolso interno do bolero, um pequeno espelho e olhou dentro dele, enxergando o que queria: a imagem de outro lugar e de uma pessoa que não devia estar onde estava. Então, antes que o grupo de Silderéver chegasse perto dela, colocou a mão sobre a boca e saiu do salão, fingindo urgência e pedindo licença.

* * *

Alibeth sentia o coração disparar a cada degrau que avançava. Claro, como arauto aspirante a Passadante da Aliança Maior ela tinha total direito a entrar em qualquer área de Octoforte, ou assim ela pensava, mas tinha certeza de que Pablo Adenetti não ficaria satisfeito de encontrá-la tentando invadir seu quarto. Não querendo perder tempo, empurrou delicadamente a porta enquanto girava a maçaneta, tentando fazer o mínimo possível de barulho, ainda que os soldados de guarda estivessem muito ocupados revezando-se para fugir para os festejos no gramado externo.

— Imagino que se esqueceu de qual é a torre em que está sendo realizado o baile de gala — ela ouviu uma voz às costas.

Sobressaltou-se, segurou um grito, virou-se de uma vez. Diana, a sentinela grávida, estava bem atrás dela.

— Querida, não devia subir os degraus dessas torres no estado em que se encontra
— ela tentou disfarçar.

Diana cruzou os braços. Podia parecer inofensiva para quem não a conhecesse, mas Alibeth tinha ouvido histórias demais, e preferia não tentar descobrir do que a moça era mesmo capaz. E se ela pudesse transformar uma pessoa em pedra com o olhar, como lhe garantiu um garoto da ilha? E se aprisionasse os pés dos seus inimigos em um bloco de granito para toda a eternidade? E se enfeitiçasse Alibeth para que sofresse algum destino horrível? A aliante não queria nem pensar. E, mesmo se Diana não fosse capaz de nada daquilo que estavam falando, era melhor não mexer com ela e provocar a fúria de Pablo Adenetti, que ele sim, ela tinha certeza, era capaz de arrancar o cérebro de alguém só com aquele olhar matador que tinha.

— O que está fazendo aqui em cima, *querida*? — a sentinela perguntou.

— Ah, eu só... — embora a mulher estivesse em frente ao quarto do general, onde devia procurar o que Abarcão a mandara procurar, seu olhar foi atraído para o alto, para o teto, que também era o piso do cimo do Torreão, onde ficava a cúpula, e onde Alibeth tinha uma sensação estranha de que poderia encontrar coisas muito interessantes. — Estava tão curiosa a respeito deste lugar! Afinal, foi aqui que Ólie Fauret viveu nos últimos anos, e dizem que ele acumulava coisas de humanos!

Diana inspirou profundamente e fez uma expressão de incredulidade que Alibeth não gostou. Se estivessem em uma reunião formal, certamente confrontaria a sentinela, mas ali, sozinha naquele corredor, se sentia em desvantagem.

— Então é bom que saiba que todas as coisas do general foram postas fora — disse Diana. — Todos os frascos cheios de sabe-se-lá-o-que foram enterrados, todos os relógios humanos foram queimados, todas as roupas doadas. Você está de frente para a porta do quarto do atual general, então está em uma área privativa.

A aliante juntou as sobrancelhas e tomou coragem.

— Não existem áreas privativas em Octoforte, madame Diana. Todas as áreas pertencem à Aliança Maior, porque é ela quem banca...

— Os soldos das sentinelas e dos soldados — Diana falou, juntando sua voz à da arauta. — Sei.

Alibeth segurou a respiração. Diana chegou bem perto dela e cravou aqueles olhos azuis bem dentro da alma da mulher, provocando calafrios.

— Veja bem: atrás desta porta está o meu quarto e do meu marido. Você não me engana: eu sei que a Aliança está doida para pensar em alguma coisa para usar contra nós. Se quer xeretar por aí vá em frente, mas não terá passe livre nas nossas *moradias*. Volte para o baile, se quiser, mas não apareça mais neste corredor.

Não foi preciso que Diana repetisse. Com mãos e pés tremendo, Alibeth saiu dali a passos largos, levando um orgulho ferido e a certeza de que não tinha garantido sua promoção.

CENTRO DE RECEPÇÃO DE MENSAGENS

As engrenagens se encaixaram na cabeça de Shenu enquanto os estranhos se aproximavam. Zebarân havia lançado um conhecido esquema de feitiço tríplice ao redor do território dele: o primeiro domo envolvia todo o Continente Menor, ou seja, todo o território de Aduna, e criava uma barreira para que quem pisasse ou tocasse na terra fosse imediatamente transportado para as proximidades do reino. No entanto, o Reino Maldito propriamente dito não ocupava o continente completo, mas sim uma pequena área cortada pela Fissura, o cânion natural no centro da região vulcânica. Aquela área era envolvida pelo segundo domo de magia, e quem estava dentro dessa barreira não conseguia sair: se tocasse, era mandado para outro ponto do próprio reino. O terceiro domo envolvia o palácio, uma cúpula de repulsão, que evitava que as pessoas invadissem o paço.

No Continente Maior se acreditava que quando Zebarân conquistou os quatro reinos de Aduna, também tinha feito todas as pessoas escravas, sem exceção. Raciocinando agora, Shenu via como era improvável que ninguém tivesse escapado do domínio, já que Aduna era tão vasta. Provavelmente eles haviam apenas ficado presos entre o primeiro e o segundo círculo de magia: sem poderem chegar ao litoral, pois seriam enviados para o Nepcoutem, e sem saberem o que se passava naquela extensão cercada de magia dentro do Continente, pois, se entrassem, não poderiam voltar.

A sentinela sorriu, e logo pensou em seus amigos. Quando vissem as pessoas que eles haviam libertado ficariam extasiados. Márcio ia querer ver todos os bichos e plantas que tinha ali, Yoná tentaria aprender aquela língua, Diana ficaria encantada com as crianças. Quem sabe, poderiam até pensar em se mudar para lá permanentemente um dia.

O primeiro contato foi complicado. Pelo que Shenu percebeu, os recém-chegados queriam entender tudo, mas a língua que falavam era incompreensível. Se em

algum momento do passado aqueles povos tiveram um idioma parecido com o bhardanathé antigo, que Shenu conhecia um pouco, agora as línguas haviam se distanciado, e os grupos tiveram que ter muita paciência um com o outro para conseguirem se entender de alguma forma.

Ao perceberem o estado catatônico de alguns sobreviventes e as condições do acampamento, os forasteiros decidiram ajudar. Arregaçaram as mangas e trouxeram equipamento, montaram tendas elegantes de tecidos bordados e coloridos, puseram aparelhos mecânicos nas mãos dos interessados e, com muita mímica, os ensinaram a usá-los. Eram ferramentas cheias de engrenagens e alavancas, cordas e parafusos, elásticos e pistões, e algumas auxiliaram no trabalho com a terra, enquanto outras ajudaram a perfurar o solo para canalizar água. Todas exigiam esforço, mas eram tão interessantes que logo conquistaram o acampamento, e muitos dos que estavam mais isolados em suas próprias mentes começaram a despertar.

Shenu (sempre seguido por Férik, que não desgrudava do irmão nem por um minuto), tomou a liderança do lugar, e fez um esforço montanhesco para aprender as palavras básicas da língua dos estranhos em menos de uma semana. Quando a sentinela e os aduninos estabeleceram um mínimo de compreensão, unindo palavras, sons e muita gesticulação, Shenu contou-lhes o que conseguiu sobre o Nepcoutem e sobre os feitiços que mantiveram os locais presos por oito séculos em suas terras, e também que agora estavam não só livres para vasculhar o antigo Reino Maldito, mas também para ir ao litoral e além. O mundo era deles. Os aduninos, por sua vez, lhe contaram sobre seu povo e sobre as cidades mais próximas. Ao que parecia, formavam um único povo que se apoiava para aprimorar sua ciência e suas máquinas.

E a sentinela teve certeza de que se acostumaria com uma vida como aquela.

* * *

— Testou a magia em que estava trabalhando? — Pablo esbravejou. — Você arriscou a segurança do nosso trunfo contra eles para testar sua magia?

— Deu certo, não deu? Pude ver quando Alibeth entrou no Torreão de fininho e subiu as escadas. Cheguei no momento certo...

— Não muda os fatos! Você garantiu que haveria proteção aqui, devia ter colocado soldados! Podia ter colocado tudo a perder!

Diana apertou dedos fechados nos punhos. Pouco tempo atrás, Pablo jamais falaria com ela naquele tom, e a moça possivelmente não se comoveria tão fácil, mas era difícil para ela administrar o turbilhão de emoções que viera junto com o filho em seu ventre, e seus olhos tinham começado a marejar.

— Eu coloquei soldados aqui, mas você promoveu uma extensão do baile para eles no gramado externo — protestou ela. — Era lógico que eles cederiam à animação, fazia séculos que não viam uma festa.

— Eu quero os nomes — Pablo exigiu. Havia uma sombra cobrindo os olhos dele, Diana tinha certeza. — Quero saber quem estava de guarda e que não fez seu trabalho direito.

A mulher balançou com a cabeça em negativa. Não entregaria seus soldados para Pablo, não com a postura colérica que ele tinha assumido.

Um leve toque frio desceu pelos ombros de Diana. Jadhe apareceu de repente no salão da Torre do Trovão, finalmente limpa um dia depois do festejo, e vazia, exceto pelas sentinelas.

— O que está acontecendo aqui? — ela perguntou, mas não com neutralidade. Seus olhos lilases estavam cravados em Pablo, e ela posicionou-se ao lado de Diana como uma guarda protetora.

— Não se meta nisso. Não é problema seu — grunhiu Pablo entredentes.

— É problema meu quando um dos meus soldados está envolvido — Jadhe mentiu. Diana só tinha colocado soldados do batalhão da terra para vigiarem o Torreão.

— Ao não me dar os nomes, você está desacetando uma ordem direta do seu general — Pablo voltou-se para Diana mais uma vez.

A mulher sustentou os olhos do marido e amaldiçoou-se por não conseguir conter as lágrimas que rolaram. Contudo, continuou firme.

— Aplique minha punição. Estarei no alto de minha torre, esperando por ela — desafiou, dando as costas imediatamente e deixando Pablo e Jadhe sozinhos na sala.

Pablo ofegava, e só não foi atrás de Diana porque Jadhe estava bem ali, interferindo.

— Você não tem o direito de se intrometer nas minhas conversas com minha mulher.

Jadhe relaxou.

— Não era uma discussão de marido e mulher — ela falou. — Era de general para subordinada. E, até onde eu vi, Diana fez uma proteção extra à que você pediu, e recebeu uma chuva de pedras pelo plano dela ter dado certo.

Pablo, que esperava mais estocadas de Jadhe, murchou. De repente, se sentiu a pior pessoa do mundo.

— Você sempre foi explosivo, mas as joias nos afetaram, e a Pedra de Mavhtus... Bem, você se lembra do que ela te fez fazer com Diana no passado — disse a moça. — Não é porque está trancada que não estamos suscetíveis à magia dela, de todos os Objetos, aliás. Se deixar que a influência dela domine seu coração de novo vai acabar perdendo sua família, e este é o momento em que Diana mais precisa de você.

Saiu, deixando Pablo sozinho. E o general, tocando o colar que sua esposa lhe fez como símbolo de seu amor por ele e de seu compromisso, pensou em como era possível que tivesse acabado de cometer com ela um ato tão imbecil quanto os que tanto criticava Dominique por fazer.

* * *

Será que tinha matado o homem? Verônica não tinha certeza. O que ela queria era pôr as mãos no pescoço de Diana. Matá-la, esmagá-la, tirar dela todo o ar, cortá-la em pedacinhos, tirar o que devia ser de Verônica. Se Estetil tivesse tido colhões para tirar Pablo do caminho e raptar a loira, como a gárgula lhe instruíra anos atrás, levando-a para Bhardo, agora eles seriam um casal feliz e Verônica não precisaria odiar tanto a antiga protegida. Só que o soldado era um frouxo, e o pescoço de Diana estava lá, pronto para ser esmagado.

Mas a cabeça latejava. Seu cérebro estava inchado, com certeza estava inchado, estava cheio do sangue de relojoeiros, e estava doendo, doendo muito...

Acordou de repente. Os lençóis eram macios, a cama era larga, o café da manhã era farto. Viver com a mordomia das hospedarias era como ter a vida de uma rainha. Talvez ela tivesse sido rainha entre as gárgulas em seu próprio mundo, mas isso ela

nunca saberia. Ali, porém, ela tinha que ser uma rainha disfarçada, e ninguém podia reconhecê-la.

Estalou os dedos. Era hora de recomeçar o trabalho.

* * *

A visão de Pablo estava embaçada e o coração acelerado, e ainda havia um curioso cheiro de chuva ao redor dele, como se uma tempestade estivesse prestes a desabar. Se estivesse em Bhardo, pensaria que tinha que entrar em casa logo, mas em Cermalháct chuva não existia, nem nuvens, nem relâmpagos, o que significava uma coisa: aquele cheiro de ozônio vinha dele mesmo.

Ao descer da Torre do Trovão tentou seguir direto para a torre de Diana, mas foi parado tantas vezes e teve que atender tantas solicitações no caminho que só conseguiu chegar até lá quase duas horas mais tarde. Todos queriam algo dele: soldados pediam autorização para sair, para mudar de quarto, para trazerem animais de Agerta, para plantar algo novo no campo. Agertos pediam conselhos de toda espécie, desde o material que ele recomendava para construir o novo palanque de pronunciamentos na praça da cidadela até o dia que o general julgava melhor para realizar a bênção de um casal. Pablo não tinha o menor conhecimento da maior parte dos assuntos, mas tentava responder com o máximo de cordialidade, ainda que fosse difícil espantar com delicadeza os retratistas, que queriam que ele ficasse parado por tempo suficiente para que conseguissem uma boa referência para o desenho.

Ele sabia que toda aquela pressão, junto com as insanidades da Aliança Maior e com a insistência de Márcio de que eles estavam deixando alguma coisa passar, o estavam deixando esgotado. Mas também sabia que nunca poderia ter descontado a irritação justamente em Diana.

Quando entrou na torre pediu para que um dos soldados de guarda à porta não deixasse outras pessoas entrarem por pelo menos meia hora. Torcia para que assim conseguisse um mínimo de tempo sozinho com a esposa. Então subiu até o cimo da torre, mas encontrou a porta do alçapão trancada.

Bateu e esperou. Um instante depois a porta foi aberta, e Diana desceu devagar a escada, parando feito uma estátua de frente para o marido, sem dizer uma palavra. Mortificado, Pablo percebeu na esposa olheiras de quem havia chorado, a pele

mais pálida do que o normal, e uma expressão gélida que não era absolutamente natural da moça.

Ela não disse uma palavra.

— Perdão — ele pediu simplesmente.

— Jadhe ameaçou congelar sua cabeça se não visse aqui? — perguntou a mulher.

— Jadhe... Se ela tivesse me ameaçado teria sido melhor. Mas não, ela só... Me abriu os olhos.

— Colocamos você no comando quando precisávamos de um líder em uma missão suicida. Não morremos, ainda voltamos, e você abraçou o cargo com unhas e dentes porque acha que pode fazer algo bom estando nele. Mas, se não for capaz de ser um líder racional e começar a perder as estribeiras com quem está mais próximo de você, vai acabar sem ninguém para apoiá-lo — ela advertiu. Sua voz era áspera, e cada palavra era uma punhalada na alma de Pablo, fazendo o coração dele desacelerar e a respiração perder o compasso. De repente temeu que aquela mulher, sua companheira de vida, pudesse ter perdido a fé e a admiração por ele, e que a quebra de confiança fosse irreparável. Baixou levemente a cabeça.

— Eu continuo decepcionando você, mas não foi minha intenção. Eu... Jadhe me disse que sempre fui estourado, o que é verdade. Mas eu devia conseguir filtrar quem merece e quem não merece minhas explosões.

A mulher ergueu o queixo e desceu do último degrau da escada, mas permaneceu no corredor. Entretanto descruzou os braços, estendendo-os para algo que ele não tinha percebido: um gato preto no corredor. Com os olhos fechados, mal se podia discernir o Sr. Bigodes no canto escuro.

— Você sempre teve seus rompantes, é verdade, mas eles pioraram. É claro que tem toda essa pressão, mas também... — ela olhou para fora, e Pablo se recusou a olhar para o mesmo lugar, porque sabia onde era: o Torreão. — Elas continuam agindo sobre nós, Pablo, cozinhando nossos espíritos com sua magia lentamente, como uma sopa de feijão.

— Sei que eles têm sua participação nos nossos humores — disse o homem, caminhando cauteloso na direção da esposa, sentindo que ela lhe dava uma brecha.

— Não temos muito o que fazer agora, mas precisamos bolar um plano para afastá-los de uma vez ou assumir seu uso longe daqui. No entanto...

Ele olhou nos olhos azuis da mulher. Talvez o filho deles tivesse aqueles olhos. Talvez herdasse os cabelos de Diana. Talvez fosse uma menininha, e seria uma grande companhia para Ondily.

— No entanto, nada justifica minha atitude — assumiu. — E vou entender qualquer decisão que você queira tomar.

Diana cruzou os braços outra vez. Não se aproximou de Pablo, mas soltou um muxoxo de desagrado.

— Eu não pretendo tomar atitude nenhuma, Pablo Adenetti, mas espero sim ser tratada com mais respeito como sua subordinada sentinela, e com mais confiança como bruxa — então, assumindo uma postura altiva, ergueu o queixo. — Existem poucas pessoas em qualquer destes três mundos que podem garantir a qualidade de seus trabalhos mágicos, e eu sou uma dessas pessoas. Foi este trabalho que salvou os Objetos ontem à noite, e também as informações contra a Aliança Maior.

— Não vou mais te desmerecer, nem como sentinela, nem como bruxa, nem como minha esposa... Nem como pessoa. Eu juro.

A mulher sorriu sem emoção, mas deixou que Pablo tomasse sua mão e beijasse as costas dela, sem soltar o gato do outro braço. Levaria um tempo para que Diana voltasse a confiar nele, Pablo sabia, mas estava disposto a fazer o impossível para que nunca mais deixasse aquela centelha explosiva dominá-lo contra a mulher que amava.

* * *

Diana não permitiu que ninguém subisse no alto de sua torre, nem mesmo Pablo, enquanto trabalhava em seu projeto. Quando tudo ficou pronto, porém, ela escolheu um momento único, em que ninguém da Aliança saracoteava pelos gramados de Octoforte — momento em que Silderéver e Irvana, o casal de ínterin'z de Gehenmy, teve que sair às pressas para atender a um arauto do Imperador Agamenon que estava em Agerta —, e chamou Pablo, Jadhe e Dominique para seu posto.

O cimo das torres de Octoforte tinham um formato muito curioso. Assemelhavam-se a conchas, cuja parede convexa, perfurada por grandes ameias arredondadas, ficava voltada para o interior da fortaleza, de modo que a sentinela pudesse se esconder por trás dela em caso de um ataque. Pablo não tinha certeza se aquele formato era funcional ou apenas estético; Octoforte nunca fora atacada para que os recursos pudessem ser testados.

Ao subir, o general tentava ignorar o ruído que zunia em sua cabeça ou o frio leve que emanava de Jadhe, que não falava com Dominique desde a noite do baile. Ele sabia que devia conversar com o amigo, mas simplesmente não conseguira encontrar oportunidade: toda vez que se via sozinho, dois minutos depois algum membro da Aliança, soldado, morador de Agerta ou turista o abordava, e ele era envolvido em mais trabalho. Era difícil trocar duas palavras com qualquer um em particular, e manter o humor estável com tudo isso vinha sendo um desafio colossal.

Foi por isso que, ao subir e chegar ao alto da torre, Pablo se surpreendeu com o que encontrou. Sabia que Diana estava trabalhando num jeito mágico de comunicar-se através do mundo, mas não tinha ideia do que ela pretendia fazer até ver a parafernália que a mulher tinha instalado na Torre da Terra.

Protegida pela meia parede côncava, Diana tinha construído uma grande mesa de granito amarelo que parecia ter brotado do chão, como uma planta. A pedra envolvia enormes espelho ovais, uma dúzia deles, e pequenas pedras coloridas estavam encravadas por toda parte. Havia uma série de orifícios circulares na mesa e três poltronas, também de pedra, ficavam bem em frente.

— Sejam bem-vindos ao Centro de Recepção — Diana disse com um sorriso enorme.

— Que coisa... Interessante — disse Jadhe, sem encontrar palavra melhor para se expressar.

— Como trouxe isso para cima? — Pablo inquiriu, pensando que a mulher certamente tinha se excedido, mesmo com aquela barriga começando a aparecer. Ele vinha tendo êxito em controlar o temperamento com Diana, mas continuava com os nervos à flor da pele.

— Usei meu *mac*, só isso.

— Você fez isso tudo *do nada*? — perguntou Dominique, passando a mão pela pedra polida e cheia de ondulações.

Diana assentiu sorridente, evidentemente orgulhosa de seu feito.

— É mais fácil criar granito e mármore do que fazer uma mesa de cristal, e acho que só em quinhentos anos eu teria capacidade pra fazer uma mesa desse tipo de diamante; porém seria muitíssimo mais simples criar uma mesinha de pedra-sabão. Mas eu queria testar este material e deu certo; se não tivesse dado certo, eu teria feito de um jeito mais simples, mas como funcionou...

Os três se voltaram para a moça para fazê-la voltar ao assunto.

— Enfim, isso aqui é um Centro de Recepção de Mensagens — ela apontou uma caixa sobre a mesa e entregou alguns itens aos amigos. Eram espelhos ovais pouco menores que a palma da mão de Pablo, todos com uma moldura delicada no mesmo material da mesa. — Fiz um monte desses espelhos, trinta. Cada um de nós vai ficar com um (se você fizer o favor, Dominique, vai entregar um para Shenu quando chegar em Aduna, precisamos entrar em contato com ele). Os outros pensei em distribuir para os membros da Aliança, talvez para os reis de Bhardo, deixar um em Agerta, claro, com o prefeito... Veremos quem vai ganhar.

— Como isso funciona?

— Se olhar bem, Jadhe, cada espelho tem um pedrisco encravado na moldura — Diana mostrou dois, um com uma pequena pedra ágata, outro com uma turmalina. — São transmissores. Tudo o que for refletido no espelho e falado próximo a ele quando a pedra estiver ativa será transmitido para estes espelhos. Foi assim que vi Alibeth tentando invadir o Torreão: deixei um desses preso no alto da parede do corredor, e quando ela passou acionou a magia. Funciona mais ou menos como aquele marimbondo que puseram atrás de Pablo durante o Hiperbólico, e que transmitia imagens para o público...

— Mamangava — Pablo corrigiu, e deu uma gargalhada como se Diana tivesse falado a coisa mais engraçada do mundo, deixando os outros nervosos.

— É... Certo, é isso mesmo. Só que não depende da visão de um inseto, e nem vai aparecer num holograma gigante.

— Você está bem? — Dominique perguntou, colocando uma mão no ombro do general, mas Pablo deu de ombros e continuou sorrindo.

— Que bobagem, por que eu não estaria?

Nique olhou de relance para Diana e percebeu a mulher mordendo o lábio.

— Um dos insetos da corrida se perdeu, lembram? — Jadhe falou, retomando o assunto antes que Pablo tivesse outra reviravolta no humor e se irritasse. — Foi bem difícil achar o competidor depois disso...

— E o alcance?

— Não pude testar, mas acho que chega fácil até o Ne... Hm, até Aduna. Usei uns elementos bem interessantes para o efeito de distância, óleo de barba de andris, couraça de morcego anelado, essência de fígado de peixe-leão, e associei o feitiço com a erva daninha quebra-pedra, que foi a única planta que encontramos em *todos* os lugares que passamos, e com a pedra *layadilah*, esta dourada da fortaleza, que é comum em quase toda parte do mundo. A erva e a pedra servem como pontes por causa disso, muito estáveis. Mas a mágica ainda cobra um preço do usuário, e a pessoa vai ficar com a vista um pouco embaçada assim que começar a comunicação.

— Como ativamos a magia? — Jadhe perguntou, passando o dedo pela pedrinha vermelha de seu espelho.

Diana passou o dedo pelo vidro de um dos espelhos formando um X, depois murmurou “Octoforte”. Um reflexo pálido da moça apareceu no grande espelho central, como se uma Diana gigante estivesse de frente para ele.

— Não é difícil — ela falou, e sua voz foi duplicada, voltando através dos orifícios no tampo da mesa.

— Fabuloso! — disse Jadhe.

— Fantástico! — Nique exclamou, e Pablo sorriu com um orgulho inflado.

— Só tem um porém: a energia das poções se esgotará rápido em cada um desses espelhos. Não vão durar para sempre, só uns três ou quatro usos. Preciso estudar um pouco mais pra conseguir um efeito mais demorado, mas, por hora, é o que dá pra fazer.

— É muito mais do que tínhamos uma hora atrás — disse Pablo. — Parabéns, sentinela. Excelente trabalho — falou, sabendo que a mulher se sentiria mais feliz por ser designada assim do que se ele a chamasse por “esposa” ou só por “Diana”; chamá-la pelo cargo era reconhecer seu talento.

Depois que os outros desceram, Pablo segurou Diana no cimo mais um pouco.

— Você está bem?

— Eu? — Diana se espantou.

— Você fez tudo sozinha... Vem estudando livros de magia um atrás do outro, pesquisando teorias, fundamentos arcanos, escrevendo sobre isso, organizando um plano de ensino para nossos Águias... Diana, você está obcecada! E isso só pode ser por causa do Medalhão!

A mulher fitou o marido com espanto, mas como aparentemente Pablo tinha voltado ao normal, achou que poderia ser sincera naquele momento.

— Eu estou preocupada é com você. Ri de repente, briga em outros momentos e está triste do nada. Logo depois ri de novo!

Pablo emudeceu. Lançou um olhar rápido para o centro de Octoforte, para o Torreão. Diana percebeu a aflição do esposo, e mudou de assunto:

— Tudo bem, olha só: qual é o poder real do Medalhão dos Elementos?

— Eu não... como assim “poder real”?

— O Tesouro de Caularom controla a água e o frio; o Relógio destrói; o Cetro mostra a verdade; o Lampejo prende almas; a Pérola rouba vida e a Pedra de Mavhtus modifica pensamentos. Você sabe o que o Medalhão faz?

Pablo acenou que não.

— Conhecimento. Senti quando o toquei pela primeira vez... Acho que ele expande a mente, o raciocínio, sei lá; ele faz o portador perceber a energia formadora de tudo em todo lugar! E assim fica fácil intuir como uma coisa se conecta com outra, como uma coisa é a outra, e como manipular vontades, palavras, sons, elementos, e organizá-los para que se tornem outra coisa. E isso é magia.

— Então é verdade? Todo esse trabalho mágico é por causa do Medalhão?

Diana se sentou.

— Sim e não. Eu sempre gostei do assunto, fala que não é superinteressante esticar os dedos e puf! Fazer fogo. O Medalhão deu uma sacudida nas coisas, mexe com a alma, ajuda nas associações. É parte do meu interesse, mas...

A mulher levou a mão ao ventre e olhou para baixo, para o volume que despontava sob a roupa. Pablo se preocupou.

— Fico me perguntando...

— O que?

— É que... Não existe nenhuma literatura que fale a respeito, nenhum livro que indique as possibilidades... O modo como usei magia até agora, os feitiços que Zebarân fez na terra dele, em que estivemos presos... Será que... Será...

Sentindo a angústia da mulher, Pablo se aproximou dela e a abraçou, colando sua mão à barriga que protegia o filho em formação.

— Será que ele está bem?

— Di, você não pode... Não deve se preocupar assim, é claro que ele está bem.

Diana lutou para conter o rompante, lágrimas nervosas teimando em descer pelos cantos dos olhos.

— Com tudo o que estou sentindo, tudo o que está diferente... Não sei se é normal, e você não pode saber Pablo, você não pode... Não...

O casal paralisou. As lágrimas da mulher cessaram, a respiração do homem ficou suspensa.

— Ele chutou — Diana murmurou.

Um segundo chute, um movimento ligeiro, mas perceptível até mesmo para Pablo, e a emoção os dominou. Diana permitiu que as lágrimas vertessem, e Pablo não conteve as dele também. Beijou a esposa e, rindo, beijou o ventre dela. Então abraçou a mulher e afagou seus cabelos.

— Ele está bem, Di, está bem, tenha... Tenha um pouco de fé.

A mulher acenou afirmativamente e recuperou o fôlego.

— Agora me escute: daqui a pouco Dominique irá para Agerta. Ele vai abençoar o filho de Alin, lembra disso? Era capitão do vento, agora casou-se e é soldado no Fortim, e convidou o gênio para ser padrinho do menino.

— Sim, ele serviu no pelotão de Miriér, não?

Pablo olhou com gravidade para a esposa.

— Não. Foi no de Verônica. Ela fugiu para proteger a própria pele e largou os soldados para serem massacrados. Nique os salvou abrindo caminho com labachas no meio dos inimigos. Agora o bebê nasceu, nosso gênio vai abençoá-lo, e quero que você vá com ele. Eu não posso sair, dentro de uma hora Nianca voltará aqui com aquele Abarcão indecente, e preciso de todo autocontrole do cosmos para não descarregar um trovão na orelha daquele caramujo. Leve nosso presente, e aproveite para conversar com a mãe do garoto, acho que se chama Giviah.

— Mas...

— Sei que disse que não devíamos nos envolver, mas eu estava errado: não é justo que você passe por tudo isso sozinha — ele tomou as mãos da esposa e as beijou.

— Vá, converse com Giviah, ouça as mulheres que devem estar com ela. Gaste um tempo para descobrir se essas mudanças em você são incomuns, ou se são só a magia normal da vida se formando aí dentro.

Agradecida, Diana sorriu, e apressou-se para acompanhar Dominique.

* * *

A cerimônia de bênção do menino Pamério foi simples, mas acompanhada por uma quantidade de curiosos que se aglomeraram na praia para ver Dominique rogar bênçãos para o recém-nascido à beira-mar e banhá-lo com água de coco. O gênio, que nunca tinha segurado uma criança tão pequena, tremeu quando o menino se mexeu em seu braço, e seus olhos encontraram os de Jhade, que assistia à cerimônia. Assim que o banho se completou, Nique cobriu o garoto com a manta de algodão dada por Pablo e Diana, amarrou em seu braço esquerdo a pulseira que ele trançara com tecido e miçangas, e o devolveu aos pais.

— Que o Senhor dos Ventos o acompanhe, e que eu possa estar presente no caminho de Pamério se for para o bem dele — proferiu o gênio, imitando, nervoso, as palavras que tinha ouvido em uma cerimônia similar quando era criança.

Os pais do bebê se emocionaram.

Diana não precisou pedir um minuto da atenção de Giviah: logo que a bênção terminou foi imediatamente envolvida pelas mulheres da ilha e levada para a casa da nova mãe, e passou a tarde entre a emoção e o alívio de descobrir que tudo o que vinha sentindo — dores de cabeça, falta de ar, apetite voraz, aversão a certas comidas e cheiros, entre outros sintomas — eram coisas perfeitamente compatíveis com uma gestação comum. Feliz, a sentinela retornou para Octoforte com a promessa de mais reuniões como aquela, e tranquila por perceber que poderia ter uma amizade com as mulheres sem que precisasse envolver os segredos de seu ofício.

* * *

Bem cedo, na manhã seguinte, um navio zarpou de Agerta com quase trezentos passageiros na direção de Zebelim, levando todos os convidados do baile da Aliança Maior de volta para suas casas. Um grupo de aliados, porém, permaneceu, alguns instalados no casebre do rochedo, uma vez ocupado pelas próprias sentinelas, outros do outro lado do Portal, na fortaleza. Íneo, o prefeito, se mostrou aliviado com a partida, porque a cidadela não tinha hotéis nem hospedarias, e apesar de os convidados terem sido acomodados nos quartos da muralha externa de Octoforte, as pessoas contratadas para trabalhar como camareiras e cozinheiras eram da ilha, e o funcionamento normal das atividades rotineiras tinha ficado comprometido durante a realização do evento.

O prefeito era um homem íntegro e demonstrava empatia, além de uma boa dose de paciência, com as sentinelas e o tumulto que suas ações tinham trazido para sua pacata cidadezinha, por isso foi o primeiro a receber um espelho mágico de comunicação. Diana convidou os aliados e representantes da ilha Agerta a se reunirem em frente ao Portal e distribuiu um a cada Íterin ou Senestér presente, entregou-os também para Abarcão, Mandredom, Alibeth e Chárilith, que detinham altos cargos na Aliança, num total de doze peças, e explicou seu funcionamento. Se os aliados ficaram impressionados não demonstraram, mas Diana percebeu uma troca de olhares intrigados entre eles, e suspeitou de que aquela não fosse a primeira vez que se deparavam com um objeto de comunicação mágica.

Assim que terminou, a sentinela da terra convidou os aliados que ficariam em Octoforte a atravessarem com ela, e a princesa Endris seria a primeira a segui-la, mas foi interrompida. O ruivo, que Diana agora sabia ser o secretário de reuniões Ávila, vinha subindo correndo a escadaria, chamando pelo nome da princesa.

— Alteza! O cordato tem uma mensagem urgente de seu pai!

* * *

Pelo caráter aparentemente particular da conversa, nem Diana nem qualquer outra sentinela acompanharam a dama Enara ao casebre, mas Abarcão, Mandredom, e um grupo pequeno de aliados não ficaram para trás. Ao entrar na salinha apertada e antes de olhar para o mago cordato, Enara primeiro se dirigiu a Mandredom, esticando o espelhinho recebido da sentinela da terra para ele.

— Como ela fez isso?

— E eu é que sei? — o velho retrucou em resposta.

— Levou trinta anos de pesquisa para os magos desenvolverem o sistema de reflexos que temos, não é possível que ela tenha feito isso sozinha sem ajuda! — Nianca reclamou, analisando seu próprio espelho.

— Sim, mas temos que levar em conta os fatores da nossa pesquisa financiada — a íterin Endris disse, tentando ser eficiente. — Afinal, os recursos foram muitas vezes desviados para outros fins durante este tempo, os grupos foram rearranjados sete ou oito vezes, e o material de estudo teve que ser reformulado muitas...

Ela calou-se de uma vez ao perceber olhares fulminantes sobre ela.

Enara voltou-se para Dildre, o cordato, o mago responsável por receber e transmitir comunicações através do espelho. Sentado de pernas cruzadas e olhos fechados, o homem não se moveu, mas Mandredom apontou uma mesa a um canto onde um grande tacho de cobre estava apoiado na parede. Dentro dele, a princesa reconheceu o rosto do arauto de comunicados oficiais de seu pai.

Olhou inquisidora para o Selemen, mas Mandredom deu de ombros.

— Não trazemos os espelhos sotílegos por medo de quebrá-los nos navios, e tinas com água não servem para reproduzir reflexos distantes, são muito volúveis,

acabam mostrando imagens de lugares errados. Tivemos que trabalhar com o que temos.

Suspirando, a princesa indagou para o homem que aparecia dentro da panela:

— Qual é a mensagem?

— O Imperador Ivelór requer vossa presença e a de uma íterin da Aliança Maior imediatamente em suas terras. O assunto é de vital importância para a segurança do reino e...

A imagem, que já estava ruim, desapareceu, assim como o som que ecoava no tacho.

— Sinto muito, princesa, mas você demorou a chegar aqui. Os magos estavam mantendo o canal há mais de meia hora.

Enara olhou para o interior da cabana. Dildre não tinha desmaiado desta vez, mas seus olhos estavam abertos e ele estava atordoado, e a maga mantenedora, Déverna, apertava as mãos na cabeça, aparentando muita dor. Tinham mandado o verossim^[13] e o primeiro mantenedor da magia de volta no navio, imaginando que não haveria muitas comunicações urgentes, e apenas os dois bruxos não conseguiam manter um bom canal de comunicação funcionando.

Como Diana conseguira enfeitiçar os espelhinhos daquele jeito, sem depender de uma equipe de bruxos mantenedores?

— Terei que alugar uma chalana só para mim — lamentou a princesa, pois poderia ter saído em uma cabine confortável do navio que partira apenas algumas horas mais cedo. Nianca, por favor, prepare sua bagagem. Endris, você permanece aqui representando o império Zebelim na Aliança Maior.

Endris ficou petrificada, principalmente porque, bem perto dela, Abarcão lhe dedicou um sorriso doentio. No entanto, Nianca não ficou mais satisfeita que ela, e protestou:

— Endris fará bem melhor em acompanhar você, Alteza — disse. — E eu, que tenho mais lábia com essa gente, terei mais utilidade aqui, lidando com esses moleques.

— Está segura disso, prima?

— Certamente que sim.

Enara, que só tinha olhos para o espelhinho de Diana, não percebeu o suspiro aliviado de Endris, nem a satisfação de Nianca (que passou a língua pelos lábios olhando para Abarcão), e muito menos a carranca de desgosto que dominou o rosto do Nominório.

* * *

Enara e Endris não precisaram alugar um barco particular; embarcaram no navio contratado por Octoforte para dar apoio aos sobreviventes de Aduna, que faria uma parada no Continente Maior antes de seguir viagem. Àquela missão não houve resistência dos aliados, já que Dominique prometeu carregar a nau com pedrarias tiradas das antigas casas de escravos para trazer como prêmio para os aliados. Só que o gênio não apresentou as contas dos gastos que Pablo estava fazendo para mandar a missão até lá.

No dia seguinte, a missão do gênio partiu, e o clima no navio era de celebração. Jadhe deixou Octoforte quatro dias depois, mas em direção à Grande Floresta, onde buscaria o que quer que Ártemis Caçadora tivesse deixado como herança. A moça ficou intrigada com a rapidez com que o general tinha arrumado uma tarefa para ela, principalmente por ser algo que não envolvia a Aliança Maior, com seus membros sempre fuxicando pelos cantos. Acatou imediatamente, principalmente pela perspectiva de se ver livre de Vêrver, o jovem cavaleiro da Aliança com quem ela tinha dançado por último no baile, e que agora a perseguia por todo canto.

Mesmo assim, Diana sentiu uma leveza gelada preencher seus pensamentos assim que passou a missão para Jadhe, e reconheceu o toque da mente da amiga, sutil, mas perceptível, vasculhando em busca de intenções ocultas para mandá-la para longe. E divertiu-se ao ver a expressão da garota se alterar para uma grande interrogação quando a mente de Diana se turvou, e a gestante pensou em como gostaria de tirar um cochilo e comer um bolinho, e em como estava com medo de acontecer algo ao bebê, e em como gostaria de saber se esperava um menino ou uma menina, ou se era uma ou duas crianças, e em como gostaria de um bolinho, e em como estava preocupada com Pablo, em como imaginava que Ondily receberia a notícia de que seria adotada, em como temia o reencontro com os refugiados de Octoforte na Terra, pois eles podiam não aceitar as sentinelas, muito menos o casamento do general e o filho de Diana, e como queria um bolinho...

— Vai continuar tentando ler minha cabeça, mocinha? — Diana sorriu ao perguntar, as mãos na cintura numa pose de reprimenda, mas divertindo-se.

— Não tenho sido muito discreta, não é? Como você consegue pensar em tanta coisa de uma vez só? — Jadhe respondeu com um sorriso culpado. — Só queria saber por que a urgência. Com tanto a fazer aqui, pensei que Pablo ia querer me manter perto.

Diana fingiu que não viu, mas percebeu os olhos da amiga se desviarem ligeiramente para o alto do Torreão.

— É que você pode não estar lembrada, mas Márcio anda com umas coisas na cabeça, e ele acha que pode encontrar alguma resposta num dos livros de Ártemis. Pablo nem quis ouvir, mas e se não for alarmismo? Pelo menos estaremos precavidos.

— Sei... Para Crimehuór então.

CERCOS DO INIMIGO

Enara consultou seu relógio de pulso ornamentado e caro e enxugou o suor da testa. A princesa não estava acostumada a sentir tanta apreensão, e a sensação da pele úmida a surpreendeu. O pai, o Imperador Ivelór, estava reunido com o xerife da Ordem de Caçadores do Meio do Mundo, com mais três caçadores de Zebelim e também com os policiais oficiais da cidade de Dagsháq. O tom ia da exaltação à preocupação sussurrada, e por saber que ela seria a próxima a ser inquirida, sentiu palpitações. Endris estava com a princesa, embora ela preferisse que fosse Nianca, pois sua prima tinha mais experiência com negociações com a Aliança Maior que ela, mas a mulher continuava enfiada em Agerta, tentando bolar outra estratégia para fuçar na fortaleza depois do fiasco daquela Alibeth, e não parecia disposta a deixar as sentinelas em paz tão cedo.

Olhou o mostrador de novo, e testemunhou o exato momento em que o magneto esmoreceu e o ponteiro foi puxado de forma irregular pela barra das horas, significando que a contagem do tempo estava comprometida.

Seus olhos se voltaram para fora, para a cidade, onde um burburinho começava a se formar. Não podia acreditar que naquela semana em que estivera ausente, viajando, se preparando e participando do baile e depois voltando para casa, tanta coisa pudesse ter acontecido na sua cidade natal, e que todo um sistema frágil e meticuloso começava a desmoronar. As pessoas estavam percebendo a regulação de seus relógios falhando; tentavam ajustá-las de acordo com a Torre Mestra, e estavam descobrindo que não havia mais um horário oficial a ser exibido.

A porta do Imperador se abriu e um oficial ordenou que Enara e Endris entrassem. A princesa engoliu em seco ao passar pela comitiva que carregava o corpo do relojoeiro-mestre para fora da sala de reuniões e, apesar de estar coberto com um grande lençol azul, muitas manchas vermelhas tomavam o tecido. Enara não segurou um lamento. Gostava daquele homem, era um velho engraçado e bondoso, não merecia aquilo. Se ela pudesse, colocaria o assassino atrás das grades agora mesmo.

Só não sabia como podia atender à solicitação do pai e ordenar que alguém da Aliança Maior perseguisse o criminoso quando todos falavam que o matador era uma “sombra alada” que voava através dos reinos.

* * *

Por onde quer que passassem, as sentinelas eram apontadas e saudadas com pompa, o que deixava os jovens encabulados. No entanto, apesar de tantas coisas com as quais se preocupar, Márcio não conseguia desviar sua atenção do céu: do momento em que pisaram naquela terra e por todo o tempo que permaneceram ali, um manto preto escurecia as luas de Bhardo, ocultando totalmente Ginhaissu, e muitas das estrelas haviam se apagado. Não havia nuvens pesadas que justificassem o sumiço dos astros; de fato, a noite parecia alongar-se de norte a sul sem vestígios de chuva. Várias das estrelas mais intensas ainda rutilavam, mas a quantidade de pequeninas que haviam desaparecido era enorme, e Márcio desejou ardentemente ter o Cetro da Luz em mãos para poder enxergar a verdade a respeito daquela escuridão tenebrosa que tinha sumido com a luz.

As ferramentas estavam limpas e guardadas, os rolos de aço devidamente acondicionados nas carroças de carga, e Márcio e Yoná estavam estressados. As roupas novas de Yoná — mais decotadas e justas do que ela considerava “confortável”, mas bastante elogiadas por Márcio e por alguns homens mais abusados — já tinham se rasgado com todo o serviço, e Márcio ferira as palmas das mãos com tantos dias de trabalho ininterrupto. O trabalho na plataforma vinte e dois estava finalizado e as sentinelas tinham anunciado, duas horas atrás, que elas e os Águias voltariam a Octoforte, e desde então Doniel os atormentava com improperios, dizendo que não poderiam partir antes de terminar o serviço nas vinte e seis plataformas.

Yoná sugeriu seriamente lançar um feitiço maldoso que colaria os lábios do homem por cinco horas e o impediria de falar, mas Márcio a convenceu que isso só pioraria a situação, pois teriam que lidar com a revolta de toda a Aliança e com a reprimenda de Pablo mais tarde. Mas o rapaz lutava para não se exaltar demais, deixar seu *mac* explodir e queimar o velhote, coisa que havia acontecido algumas vezes durante o trabalho, geralmente afetando algum dos trabalhadores infortunados mais próximos de Márcio.

Tanto as sentinelas, quanto os Águias e também os não-magos estavam esgotados, suados e famintos. Os suprimentos da caravana estavam no fim, e Márcio não sabia o que o homem queria que as sentinelas fizessem a respeito de comida e água:

estes não eram itens que se criavam do nada com magia, e a Aliança não dava sinais de que os providenciaria. Por isso estava difícil ficar em silêncio ouvindo as baboseiras do conselheiro quando o que Márcio mais queria era mandá-lo para o espaço. Para piorar, Doniel não tinha conseguido explicar como é que Algremitir, Sárle e Justina, três integrantes da Aliança, tinham surgido perto da caravana na segunda plataforma que consertavam sem usar bondes. As três juntavam-se ao coro de Doniel, tornando ignorá-lo um ato de bravura.

— Muito bem, vamos fazer um acordo — propôs Yoná de repente, mentalmente exausta depois do jorro de implicâncias. — Nós ficamos mais um pouco, fazemos mais uma plataforma. Uma, entenderam? Não temos suprimento para mais que isso.

— É pouco — reclamou Sárle, uma mulherzinha fina e flácida que se vestia com lacinhos de criança.

— Eu não terminei — atalhou a sentinela, os olhos faiscando, e Márcio, amarrando um cadarço, pensou que aqueles infelizes não tinham ideia de com quem estavam lidando. — *Uma* plataforma, e, em troca, vocês nos contam como chegaram aqui tão rápido.

— Já dissemos, viemos a cavalo... — foi dizendo Justina, ao que Márcio cortou imediatamente.

— Continue com essa invencionice e você vai voltar a cavalo mesmo, só pra provar que o que disse é verdade.

Uma égua relinchou ali perto. A sugestão surtiu efeito, pois Justina enfiou a língua para dentro e fez um bico carrancudo.

— Não temos nada para contar — disse Doniel. — Se estão desconfiados de alguma coisa, que fiquem desconfiados. Querem ir embora e deixar todo o serviço para trás? Vão. Não nos importamos. A Aliança sempre agiu sem Octoforte...

Outros cavalos se agitaram. Yoná estreitou os olhos.

— Só porque nunca precisaram de nós. E nunca conseguiriam erguer estes cabos sozinhos no tempo em que fizemos.

— Se preferem fazer o serviço sem as sentinelas ou os Águias, fiquem à vontade — Márcio falou. — Não nos chamem.

— Não vamos chamar — Algreimir ameaçou —, e também não vamos mandar recursos pra sua querida Octoforte...

Um dos magos de Márcio se assustou com a ameaça de corte de verbas.

— Senhor Márcio, acho que devíamos reconsiderar, sabe, nossos homens podem descansar no caminho...

— Não seja bobo Évelo, onde a Aliança vai encontrar bruxos com poder e número suficiente pra colocar essas coisas no lugar tão rápido, se não na fortaleza?

Os quatro aliados começaram a ranhetar ao mesmo tempo, mas as mentes de Márcio e de Yoná foram obliuidas. Enquanto os trabalhadores e os magos se ocupavam em ouvir a discussão, não perceberam um ruído que se intensificava rapidamente ao redor. Era um chiado confuso, que Márcio pensaria se tratar de uma tempestade de areia ou algo do gênero, não fosse pelo alarme de Yoná. Perturbada, ela fez seu *mac* agir e reconheceu com precisão o que eram os causadores daquele som.

— Marrotes — disse. — Muito perto.

— Quantos?

— Mais do que posso contar.

— Podemos escapar? Pela distância em que estão, dá tempo?

— Improvável.

Imediatamente, Márcio e Yoná colocaram-se em ação. Os músculos de Márcio protestaram contra o cansaço, mas ele sabia que não teria repouso tão cedo. Talvez o enxame não parasse ali, talvez continuassem a voar e passasse por cima deles, mas as sentinelas precisavam garantir que a caravana vivesse para poder escapar mais tarde.

Com um aceno e um sopro de energia, Yoná fez as vozes dos membros da Aliança se esgotarem e aumentou a própria voz, sobrepondo-se ao chiado que aumentava cada vez mais.

— Atenção homens! Liberem os cavalos. Façam com que fujam; e vocês, entrem nas carroças e façam silêncio.

— Peguem as ferramentas mais letais que tiverem e agarrem-se a elas — orientou Márcio, consciente de que estava lidando com centenas de operários exaustos que nunca tinham lutado na vida, que não sabiam o que estava acontecendo e que, provavelmente, nunca tinham visto um marrote.

— O que estão fazendo? — sussurrou Doniel, a voz chegando apenas até Yoná.

A sentinela foi até os líderes e informou-lhes o que se passava, ao mesmo tempo em que propagava sua voz para que todos a ouvissem.

— Este silvo é de besouros do deserto, marrotes, se preferirem. A nuvem é grande, e está vindo bem pra cá. O melhor que podemos fazer é nos proteger e esperar que continuem o caminho deles.

As mulheres empalideceram. Doniel encolheu vários centímetros.

— E por que liberar os cavalos? — questionou um dos trabalhadores mais assustados.

— Porque eles podem servir de isca para os besouros — Márcio informou, o que não era bem verdade: Márcio não sabia se marrotes comiam animais ou apenas insetos, como faziam no Nepcoutem, onde homens não morriam. Soltando os cavalos, no entanto, ele esperava que as bestas se distraíssem e não reconhecessem o grupo de humanos, que se esconderia mais fácil sem eles.

— Rápido, já estão sobre nós! — disse Yoná.

Os trabalhadores soltaram os bichos, que dispararam em fuga fazendo a terra tremer. Aquela plataforma ficava nos arredores da Cidade Laranja, mas fora dela. O grupo apagou rapidamente as fogueiras do acampamento e, agarrados a pás e marretas, os homens se espremeram, alguns debaixo dos bancos das carroças, outros sob as carrocerias.

— O que fazemos, senhores? — perguntou um dos Águias.

— Uma barreira mágica — instruiu Márcio. — Não acho que seja um ataque, mas é melhor que tenhamos alguma proteção.

Mal os bruxos tinham terminado o escudo, os primeiros insetos surgiram. Márcio instruiu os bruxos a se esconderem, e o enxame vermelho voou sobre a caravana. Milhares de bestas encarnadas de dois metros de altura, com pinças no crânio e

cauda dupla com ferrões venenosos, passaram sobre o acampamento, o zunido de suas asas e o clicar de suas pinças ensurdecendo as pessoas, sua coloração tingindo a noite de rubro. Passaram direto sobre eles rumando para o sul, mas quando as sentinelas pensavam que iriam desaparecer ao longe, as criaturas fizeram uma volta no espaço, e como uma única fera, circundaram o acampamento e pousaram ao redor dele.

Estavam cercados.

* * *

Jadhe sabia que algo não estava certo com ela. Reconhecia que Pablo estava certo ao manter os Objetos Supremos longe do alcance de qualquer um, que aquela era a decisão com a qual ela mesma concordara, e que não havia outra providência enquanto não tivessem uma solução definitiva para as Joias. Sabia ainda que chegaria o momento em que teriam que dar um fim àqueles objetos malditos, e que este fim teria que se aplicar a todos os Tesouros, não apenas àqueles que pareciam ser mais perigosos, afinal, todos podiam ser mortais nas mãos erradas.

Entretanto, não conseguia evitar a sensação de estar sendo mutilada ao ser forçada a abandonar o Tesouro de Caularom naquela caixa.

A sentinela da água era, antes de mais nada, descendente de Landell, aquela que recebeu a joia dada pelo Senhor dos Mares e das Águas Caularom, e que infundira nela seu poder para torná-la um artefato mágico. Havia um mistério envolvendo o nascimento de Jadhe, mas Lhênus, Senhor da Sabedoria, garantira que o estranho que ajudou sua mãe era o próprio Senhor dos Mares, e não algum ente diabólico, como o povo do gelo pensara por Jadhe apresentar poderes acima da média desde cedo. Depois, Jadhe passou a infância dentro do Palácio de Landell, na Coluna Central, obviamente, onde os líderes do povo deveriam morar, e onde também ficava guardado o Tesouro de Caularom. Jadhe esteve exposta à magia dele desde os primórdios de sua infância.

Talvez fosse por isso que sentia aquela necessidade de ter a pedra nas mãos, de carregá-la, de sentir o retumbante pulsar de sua energia. Quando sua vila foi destruída e ela fugiu, acabou acolhida por Ártemis Caçadora, e teria sido feliz com a mentora e com Dominique mesmo com a tragédia em seu passado, não fosse por um fator importante: a lacuna no espírito. Às vezes era tão intensa que parecia que tinham arrancado um membro seu, outras vezes era dolorosa, e a fazia lembrar de tudo quanto havia acontecido de ruim em sua vida.

Claro, ela nunca se esqueceria daquela noite, de sua irmã, tão pequenina, cerrando os olhos para sempre em seus braços, nem do desespero de acreditar que tinha sido a culpada por tudo aquilo. Mas não era apenas culpa e sofrimento que a acompanhavam na juventude: era algo mais cruel, mais dominador. Era a falta de um pedaço que deveria estar ali.

Quando esta sensação vinha com força, Jadhe ficava doente. Não era raro que desmaiasse, que se sentisse ausente do próprio corpo, que experimentasse tonturas e que sua audição ficasse abafada. Agora ela se perguntava se todo aquele estado frágil não era simplesmente abstinência da magia do Tesouro de Caularom.

Estranhamente, sua saúde melhorou durante a busca aos Objetos Supremos, como se o Tesouro de Caularom tivesse finalmente seu chamado ouvido, e só esperasse que Jadhe o apanhasse. E quando ela o fez, os sons se tornaram mais claros, as cores mais vivas e o mundo mais real. Ela se sentiu completa.

Agora, mais uma vez, Jadhe voltava a encarar um abismo entre sua alma e o mundo real, e imaginava se as pessoas de Madhêtrand sentiam a mesma coisa. Se sim, então ela tinha sido realmente egoísta ao apanhar a joia para si. No entanto, ela tinha convicção de que aquele sentimento era só dela.

Ela queria pensar diferente, queria clarear a mente e focar apenas na missão recebida, mas não sabia como fazer. Sua força transpassava o corpo, emanava dos poros, fluía através dos olhos, dos dedos, da pele, e enquanto ela pensava em apanhar os livros que Ártemis deixara, também pensava no Objeto Supremo que era sua propriedade.

Ainda por cima, havia a inconstância de Dominique, próximo o tempo todo, mas sempre a confundindo, tumultuando suas emoções. Pensar nele fazia seu coração perder o compasso, mas, ao mesmo tempo, era impossível não pensar. Mal se deu conta quando a mente clareou de uma vez, e ela se viu afundada até a cintura no córrego que passava nos fundos da cabana em que Ártemis criara Dominique e ela, nos arredores da Cidade Verde, no meio de Crimehuór. Havia um arrulhar de leves gotas de chuva nas árvores, o ranger conhecido das tábuas da varanda da casa fechada, o coaxar dos sapos e pererecas. Jadhe tremia dos pés à cabeça, molhada como se tivesse acabado de sair do gélido Oceano Bruzombo, e tentou, em pânico, fazer a mente nublada reviver o caminho até ali. Lembrava-se de ter atravessado o Portal, de ter seguido direto para a praia, sem conversar com ninguém, lembrava-se do mar. E de mais nada.

Que está acontecendo comigo? pensou.

* * *

Dágaro Yatarram caiu de joelhos apoiado na espada, tirou o capacete pesado, inspirou profundamente para recuperar o fôlego e olhou o entorno. O panorama era desolador: os antes rivais Yatzarem e Zefim agora lutavam lado a lado, apoiados pelos flachinte'z que (salve Tecelão, Lorde da Trama!) tinham vindo em auxílio às áreas atingidas pela uldomaratha. Por outro milagre, Hadara tinha enviado uma grande tropa de ajuda, e agora soldados negros, brancos, pardos e morenos se misturavam no campo de batalha tentando conter um inimigo que não morria.

Sua perna estava inutilizada, transpassada por uma lâmina fina. Por sorte, a arma não atingira o osso e, por mais sorte ainda, fora uma faca, não os dentes de um amaldiçoado, que o ferira, mas era impossível se manter de pé por mais que alguns minutos. Sangue e fogo espalhavam-se, sangue dos soldados, pois o inimigo não sangrava. Os sons que as criaturas faziam arrepiavam até os ossos dos homens, e os aterrorizavam. Os malditos continuavam surgindo, e cada vez que um caía, outro brotava em seu lugar. Mortos, cadáveres que andavam e lutavam, que mordiam e arranhavam, que golpeavam e assustavam. Mortos.

Os guerreiros eram em parte soldados zéfiros e yatzarem'z que antes guerreavam entre si, mas outra parte era formada por pessoas comuns que estavam cuidando de suas vidas e que não tinham experiência com batalhas. Pessoas que tinham se visto em meio a um turbilhão de água salgada apenas alguns meses antes, e que tinham sobrevivido ao maior desastre natural que Bhardo já conhecera. Pessoas que ajudaram seus vizinhos, seus amigos e inimigos, a salvarem uns aos outros e a enterrarem seus mortos. Ou pessoas que, por solidariedade pessoal ou por um chamado divino (como era o caso do povo das areias), se viram compelidas a ajudar aqueles que perderam tudo.

Pessoas que, de uma forma ou de outra, não estavam preparadas para guerrear.

Quando o ataque começou, o Zefir tinha sido uma das primeiras baixas. Dágaro pensou que o exército zéfiro iria se retirar imediatamente para se reorganizar; surpreendeu-se, porém, quando Zéfira Calla assumiu a liderança, e passou a comandar seus homens com muito mais firmeza do que seu falecido marido. Em poucos dias, ela mostrou-se uma estrategista competente e uma líder respeitada, e organizou grupos de batedores e tropas para buscar armas e dar cobertura aos grupos de abastecimento de mantimentos e remédios que voltavam de Hanaulg

Erezem. De sua parte, Dágaro Yatarram fez o mesmo, mas grande parte do território de Yatzarem tinha sido devastada pela onda gigante; as estradas próximas ao litoral estavam intransitáveis, e as outras, que passavam entre as últimas montanhas da Cordilheira Ullinolvar, estavam infestadas de malditos.

Entretanto, por mais que lutassem, por mais que se unissem, a verdade era só uma: o inimigo não morria nunca. Cada maldito que caía se erguia horas mais tarde, e, o que era mais perturbador, cada homem que morria se transformava, e erguia-se do lado inimigo. O exército humano estava em desvantagem.

Xátra Shiali veio em sua direção. Era uma mulher bela, forte, uma guerreira determinada, e como Zéfira Calla também estava na frente do campo de batalha, lutando lado a lado com seus homens. Dágaro via a preocupação por trás dos olhos cinzentos da jovem mulher. Se não tomassem uma providência imediata, o exército humano e todos os civis que ele protegia iria perecer.

— Precisamos de reforço imediato — disse Shiali.

— De quem? — Dágaro questionou, seus homens montando um cerco ao redor dos líderes, Zéfira Calla aproximando-se também, suas vestes cobertas de sangue. Tristemente, crianças choravam assustadas, sobreviventes da grande onda que estavam próximos demais da batalha. — Vocês são a ajuda. Hadara enviou ajuda. Não temos mais a quem pedir auxílio. O que precisamos fazer é bater em retirada e levar os civis para as cavernas de Ullinolvar, podemos nos defender melhor se estivermos em um local com entradas pequenas, há um complexo de túneis...

— Não podemos — disse Calla prontamente. — Meus batedores retornaram. A horda de malditos chega até lá, tomou as estradas. O que foi a Zatzanil não retornou. Nem o comboio que devia chegar com mantimentos de Erezem.

— Estamos encurralados — Dágaro constatou.

— Vamos ser massacrados aqui — murmurou Shiali, tentando, contudo, manter a postura firme e a expressão rígida, para que seus homens não percebessem o brilho desesperado em seus olhos.

— Não temos a quem recorrer — Dágaro continuou. — Podemos pedir ajuda a Darfindor, mas mesmo se concordarem, levaria meses até que chegassem aqui.

— Talvez consigamos apoio em Ylhuah, mas teríamos que enviar alguém através do deserto — Zéfira Calla sugeriu.

— Ylhuah, Algavar, Zebelim, todos estão fora do nosso alcance — Shiali informou. — A *coisa* está lá, à espreita. Não sei o que quer, mas não creio que vá nos deixar passar.

A “coisa” a que Shiali se referia tinha surgido junto com os malditos: um homem calvo e negro, vestindo uma armadura prateada e portando uma lança de ponta bifurcada com um globo leitoso entre as extremidades. Montava uma criatura feita de sombra que se assemelhava a um tigre, mas que levava o montador pelo céu com a mesma facilidade com que cavalgava a terra. Por onde ele passava, a terra enegrecia como se consumida por chamas, e lâminas pretas se projetavam do solo na sua direção. Ele não tinha atacado nem dito uma palavra aos humanos, mas comandava os amaldiçoados. Depois de instigá-los com gestos contra os homens, o feiticeiro tinha desaparecido: voou em seu espectro de trevas sobre os refugiados espalhando um som petrificante, deixando as pessoas em pânico, mas os batedores de Shiali indicavam que ele ainda estava próximo, ainda na Mata Lotte, próximo ao Ut’ Siliú, em algum tipo de transe por meio do qual controlava os semimortos.

— Há uma última esperança — disse Shiali de repente, fazendo os reis se voltarem para ela, a mais jovem entre os líderes. — Os Objetos Supremos.

— Acha que é verdade? Que eles existem e que um time de menininhos os usou e derrotou o rei do Nepcoutem? — Dágaro indagou, num tom que deixava claro que considerava Shiali ingênua demais por acreditar nas palavras de um grupo de dragões que tinha sobrevoado aquelas terras no meio da devastação. Para ele, as feras tinham sido libertadas de alguma caverna submarina por causa do terremoto, e estavam tão débeis que tinham inventado uma história muito louca e a espalhado pelos quatro ventos só para causar tumulto entre os homens.

— Eu tinha uma delas no meu pescoço, Dágaro — Calla lembrou. — Fui roubada e libertada com isso.

Dágaro suspirou e fez um “não” com a cabeça, mas estava tão cansado e tão sem alternativas que um mito era melhor que nada.

— Se for verdade, o que vai fazer? As tais joias estão nas mãos de um grupo de pessoas, e não temos nem ideia de onde eles se escondem.

— Eu sei onde estão — Zéfira Calla atalhou novamente, fazendo os reis se voltarem para a mulher. — Meu reino já fez parte do pacto da Aliança Maior no passado, assim como Yatzarem, Dágaro Yatarram. Você também devia saber. Se estes menininhos são mesmo as sentinelas de Octoforte, ela costumava ser mantida pela Congregação. Fica em Agerta, uma ilha no Oceano dos Dragões, além de Zebelim, muito longe daqui.

Shiali suspirou.

— Se não podemos chegar às cidades mais próximas, que dirá a uma ilha no meio do nada.

Mas Dágaro e Calla se entreolharam significativamente, acendendo uma centelha de esperança em Shiali.

— Eu não vou a lugar algum com esta perna — disse o Yatarram.

— E eu não vou abandonar meu povo no exato momento em que acabaram de perder seu rei. Precisam de mim aqui — disse Calla, e os dois líderes se voltaram para Shiali.

Espadas tilintaram muito próximas. Estava acabando o tempo deles.

— Existe um meio de chegar lá rapidamente — Dágaro Yatarram falou.

— Que meio?

— Muitos nunca conseguiriam passar por este mar de inimigos, mas um grupo pequeno pode ter chance. Você estaria disposta? — Zéfira Calla perguntou. — Estaria disposta a deixar sua gente e rumar sozinha para a ilha para buscar ajuda?

Shiali buscou com os olhos seu *aglaór* maior, seu braço direito na liderança e na batalha, e o encontrou cercado por soldados, envolvido com um mapa improvisado do campo de batalha, espalhando instruções. Viu seus homens ativos, lutando ferozes sem se abater pelo medo das criaturas, e soube que morreriam orgulhosos por terem feito o que a Senhora Inish pedira, sob o comando de sua amada Xátra.

— Eu farei o que for necessário para conseguir ajuda — ela disse.

— Eu vou te mostrar o caminho — disse Calla. — Você vai chegar lá mais rápido do que o pensamento.

— E que caminho é esse? — Shiali perguntou com interesse, ao que Dágaro, misterioso, respondeu:

— Os Trilhos Interiores.

Shiali pensou por um instante, mas não se lembrou de já ter ouvido alguma menção a tal estrada.

— Você vai ter guias para orientá-la. E Xátra, mais uma coisa — completou a Zéfira Calla, parecendo muito mais velha do que Shiali já se lembrava de ter visto.

— Nenhuma de nossas nações é atualmente parte da aliança que mantém aquele lugar funcionando. É possível que os tais guardiões não queiram nos ajudar. Se for esse o caso, peça para que se lembrem de que uma daquelas joias me pertence, e que foi roubada por eles. Não vão negar ajuda quando se lembrarem de como a conseguiram.

VOLTA À OCTOFORTE

Shenu parou por um instante. Respirou fundo e afastou-se para tomar um gole de água, mas não voltou ao trabalho imediatamente. Não que estivesse esgotado: o arado era cansativo, mas estava longe de ser extenuante depois das atividades recentes de que participara. Expedições por terras devastadas, incursões dentro de palácios de líderes míticos, lutas contra criaturas de pesadelo. Não apenas Zebarân: Yara também permeava suas noites ruins, lembrando-o da sensação de ser controlado magicamente por alguém que o forçava a lutar contra os seus, e até Lhênus, um Senhor e aliado das sentinelas, aparecia como aquele capaz de manipulá-lo feito uma marionete, e espremê-lo por dentro de raízes escuras até expulsá-lo no ar livre coberto de um troço pegajoso. Se ele, que não era claustrofóbico, sentia pânico com aquela lembrança, imaginava como devia estar Dominique.

A lembrança do amigo não permitiu que ele voltasse ao trabalho. Olhou para o campo por um momento, admirando o serviço dos grupos de sobreviventes que trabalhavam no mais absoluto silêncio: gente calejada, marcada, assustada, que mantinha o mesmo ritmo de quando tinham os chicotes flamejantes dos arquedemon'z nas costas para atirá-los. Agora, porém, tinham comida farta e água à vontade, podiam descansar quando quisessem e dormiam em redes relativamente confortáveis. Sorriu com uma pontinha de orgulho, uma sensação recente para ele, que só experimentara a culpa, o remorso, a tristeza e a resignação na juventude.

Resolveu apanhar sua viola improvisada e tocar qualquer coisa para alegrar os trabalhadores. Arranhou as notas e cantou uma música aprendida na infância, arrancando algumas risadas, porque ele era muito ruim e tinha uma afinação pior ainda, mas também vários olhares curiosos. Os aduninos, com todo o seu maquinário evoluído, não tinham nenhum instrumento de cordas, e ficaram encantados com aquela criação rústica que Shenu tinha feito com pêlo de rabo de buffho. Eles, e os cachorros. Os vira-latas esfomeados que tinham surgido há poucos dias se aproximavam toda vez que Shenu dedilhava qualquer coisa, por mais esquisita que soasse.

Deixou algumas pessoas sorridentes, deu uns nacos de pão para os pulgentos, e resolveu que daria um banho naqueles bichos tão logo descobrisse como detonar a barragem, sem causar um desastre, para inundar a Fissura com o rio que Zebarã represara oitocentos anos atrás, fora dos limites do território maldito. Então ergueu os olhos para além, para o leste. A visão parava nos flancos das colinas próximas, mas o pensamento de Shenu foi levado para mais longe, muito mais longe. Pensou na ilha Agerta e, depois dela, no Portal para Octoforte, não exatamente para a fortaleza, mas para quem tinha ido para lá, e imaginou se havia alguma possibilidade de os amigos não terem ido para a Encruzilhada.

— A cabeça *fica* longe? — perguntou-lhe uma voz cheia de sotaque.

O homem sorriu, e voltou-se para a dona dela, uma mulher alta, de pele branquinha como era própria dos aduninos, balançando aquele arranjo peculiar de cabelos. O povo adunino, a despeito de seus aparelhos engenhosos e criativos, pareciam desconhecer o invento do pente, e deixavam os cabelos balançarem e crescerem soltos desde o nascimento, ou sem nenhuma interferência, ou enrolando-os em cordas enceradas. O resultado eram verdadeiras jубas que enfeitavam com adereços de linha branca, azul e carmim, além de ouro.

— Madame Ludi! Sim, minha cabeça está longe agora — assentiu Shenu, passando a mão pelo próprio cabelo, um gesto involuntário que ele adquirira desde que conhecera aquelas pessoas de cabelos tão diferentes. O conjunto até ficava interessante, mas ele sentia uma grande aflição de pensar naquilo sobre o próprio couro cabeludo.

— Pensando naquela que tem seu *amyan-ay-achi*?

Shenu não precisou forçar muito a mente para lembrar que aquela era a expressão deles para “afeto romântico”. Sua mente logo foi levada para Jadhe, mas se surpreendeu ao perceber que o fôlego não faltou como acontecia antes, logo depois de a ter conhecido.

— Na verdade, eu estava pensando em um amigo.

— E ele tem o seu *amyan-ay-achi*?

A sentinela fez uma careta e se sacudiu.

— Mas... Não! É um amigo, um *rapaz*!

Ludi fez uma pergunta na língua dela, e Shenu não compreendeu as palavras, mas entendeu que ela queria saber qual era o problema disso.

— Ah... Esqueça — ele disse. Os aduninos tinham uma série de costumes e modos de viver exóticos, e alguns deles envolviam laços românticos peculiares que Shenu estava longe de conseguir assimilar. Olhou de volta para os olhos castanhos e puxados dela, não pequenos como os de Jadhe, mas grandes, como os de um poderoso felino, e explicou: — Mas não, eu não estava pensando em ninguém que tem meu amyan... Meu afeto. Pelo menos, não de um jeito romântico. Mas estava pensando em pessoas que têm, hm... mais afeto que muitos dos meus familiares reais.

— Então não tem ninguém com seu *amyan-ay-achi*? — Ludi se aproximou, pousando uma mão no ombro de Shenu. Percebendo as intenções da mulher, ele prontamente sorriu de lado, tentando parecer charmoso, apesar do ar de cansaço.

— Não, mas, pelos dragões, isso pode ser mudado com tanta facilidade!

Puxou Ludi para perto, surpreendendo-a com o toque dos seus lábios nos lábios dela, o que não fazia parte dos costumes do povo dela. O beijo foi inesperado e impulsivo, mas Ludi compreendeu a mecânica dele prontamente, e correspondeu.

E Shenu pensou que seria fácil convencer os amigos de que eles também se acostuariam com uma vida como aquela.

* * *

Márcio segurou a respiração sem perceber enquanto observava o enxame de marrotes ao redor. As bestas chafurdavam a terra à procura de insetos — alimentavam-se disso, embora tivessem porte para desmembrar seres muito maiores em segundos. A sentinela se perguntava se em algum tempo passado eles não teriam sido apenas artrópodes esquisitos de tamanho normal, que, por algum truque, tinham se transformado naquelas coisas enormes.

O pensamento o fez se voltar para o céu. Naquela noite, um tapete de nuvens encobria as três luas que deveriam estar lá, e fragmentos débeis da luz branca da Larehssu refletiam-se nas nuvens, transformando-as num manto cinzento. No entanto, a Lincariell estava lá mais uma vez, aparecendo por entre as nuvens.

Como se não estivesse no espaço, mas *entre* as nuvens.

Sem aviso, todos os monstros começaram a bater suas asas frágeis e se ergueram um tantinho do solo. Abriam e fechavam as grandes pinças de suas cabeças, e o movimento provocava um clicar tão alto que os homens dentro e fora das cabines tiveram que cobrir os ouvidos. Ergueram voo como uma massa única e partiram, rumando para o sul.

Cautelosamente, Márcio e Yoná arrastaram-se sob a carruagem até chegarem à beirada para conseguirem ver os marrotes passando sobre eles. E foi então que avistaram: após a faixa final de criaturas vermelhas, uma massa negra seguia as bestas de perto pelo céu, como um pastor tocando suas ovelhas.

— O que é aquela coisa? — perguntou Yoná baixinho, seu *mac* do som canalizando a voz para que Márcio pudesse ouvi-la, mesmo com a audição ruim que tinha.

— Parece...

A sombra passou exatamente sobre o acampamento, cortando um feixe da lua branca, e foi iluminada. Horrorizadas, as sentinelas constataram que a coisa que conduzia a miríade era um indivíduo montado numa criatura de quatro patas que lembrava uma onça, uma aberração que parecia ser feita de fumaça preta.

Quando a caravana pensou estar segura, lentamente os homens saíram de seus esconderijos e foram observar os arredores: embora os marrotes tivessem permanecido ali apenas por alguns minutos, o estrago ao terreno era imenso. Plantas tinham sido arrancadas, árvores derrubadas, milhares de buracos se espalhavam pelo território, e havia cadáveres de pequenos animais por toda parte, deixando as sentinelas com a impressão de que a passagem da colônia não era mero acaso, mas algum tipo de plano conduzido por aquele ser para causar devastação.

A preocupação tomou a mente dos jovens, e quando os Águias ameaçaram desfazer a barreira de proteção que envolvia a caravana, o homem na sombra, já bem distante, emitiu um grunhido sobre-humano. A horda vermelha continuou sua marcha aérea, mas o pastor deu meia volta e retornou ao acampamento, pairando com sua montaria hedionda bem sobre Márcio e Yoná, e torceu o pescoço para observá-los. Os homens da comitiva recuaram, amedrontados, para dentro das carruagens.

— Eu já vi este cara — disse Márcio, encarando o sujeito, que não dizia palavra e tinha um ar tresloucado. — É um dos generais de Zebarãn, eu tenho certeza!

— Todos os homens de Zebarãn estão mortos, nos asseguramos disso, lembra? — questionou Yoná em tom de censura, mas alarmada.

— Eu tenho certeza de ter visto esse aí sair do Palácio Nácar quando você e Diana criaram aqueles dragões falsos — insistiu Márcio, evocando a memória daquele momento, lamentando, imediatamente, que Jadhe não estivesse ali para puxar seu pensamento e dividi-lo com Yoná.

A garota deu um passo adiante; embora o estranho continuasse no ar ela intencionava interrogá-lo sobre sua identidade, mas antes que fizesse qualquer coisa ele começou a rir, uma risada gutural, sem nenhum humor. E abriu uma bocarra muito maior do que era natural, e dela jorrou um vômito asqueroso e verde, que cobriu o grupo e tudo ao redor, impedindo os homens de enxergar.

Não fosse a barreira dos Águias, a gosma fedorenta os teria enterrado completamente. Devagar, a coisa viscosa deslizou para os lados, como se parada em uma parede de vidro, e acumulou-se num círculo em torno do grupo. Terrificados, trabalhadores, magos, membros da Aliança Maior e as sentinelas constataram que o fluído que espirrou da garganta daquela criatura era algum tipo de ácido corrosivo, que destruiu o que ainda estava de pé após a passagem dos marrotes e deixou o solo fumegante e estéril.

Olharam para o céu: o demônio já não estava lá.

— Vamos dar um jeito de voltar para casa agora mesmo — disse Márcio. — Octoforte precisa saber o que está acontecendo.

* * *

Pablo e Diana não sabiam o que fazer. Tinham concordado que enviar Jadhe para Crimehuór era a melhor esperança de que o tempo distante dos Objetos Supremos seria o suficiente para clarear a mente da garota. Porém ela retornou apenas treze dias depois e trazendo os livros de Ártemis, comprovando que realmente estivera na cabana onde a Caçadora e a própria Jadhe viveram. Além disso, a garota estava com o aspecto doentio de quem não se alimentava há semanas, e parecia um tanto confusa.

— E como foi que você foi e voltou em tão pouco tempo? — Pablo perguntou, desconfiado. — Os bondes já foram consertados?

— Mesmo se todos já estivessem de pé — acrescentou Diana —, Não seria fácil ir e voltar da cabana neste tempo. Afinal, vocês viviam no interior da Grande Floresta, imagino que o caminho até lá não seja exatamente próximo às plataformas, nem sei se tem estradas abertas até a casa de Ártemis, ela devia ter montes de precauções contra pessoas...

— É verdade, não é fácil chegar até lá não — Jadhe respondeu e, evasiva, concluiu: — peguei uma carona.

— Carona com quem?

— Que tipo de carona?

Não adiantou mais perguntar, mas Diana e Pablo se inquietaram, porque parecia que nem a própria Jadhe sabia responder. A moça apenas agitou uma mão e saiu, dirigiu-se para a Torre da Água, deixando nos amigos a forte impressão de que algo não estava no lugar.

No dia seguinte, porém, Jadhe se aproximou de Diana e pediu que a amiga a deixasse ajudar a trabalhar com os magos, afinal, os treinos eram exaustivos, e a futura mamãe se sentia mais e mais cansada à medida que a gravidez avançava. Diana ficou feliz, mas não deixou de perceber que Jadhe estava ainda mais pálida do que antes.

* * *

Quando o sinete do Portal da Terra tocou, quarenta e três dias depois que a missão de Evondér partiu, anunciando o retorno do grupo de resgate, Diana interrompeu o treino imediatamente e correu para o local. Jadhe foi bem atrás dela, assim como o grupo dos Águias, vários membros da Aliança Maior que, por algum motivo, não saíam mais de Octoforte, a maioria dos soldados moradores do Dilahratorn, e se aglomeraram diante da temida passagem que levava à Terra, atrás de Pablo e de sua esposa, para ver o grupo chegar.

O Portal era exatamente como os outros dois: uma grande lâmina de luz líquida em meio a uma nuvem branca tão densa quanto uma parede. Embora Octoforte controlasse a passagem de pessoas entre os Portais, eles ficavam fora dos limites de

suas muralhas. À exemplo do que ocorria aos outros, no gramado, em frente a ele, havia um pedestal de pedra dourada que sustentava um sinete e um relógio sincronizado com o horário do local de desembarcadura, naquele caso, um mecanismo humano, embora nunca tivesse sido iniciado, já que aquele Portal específico desembarcava numa série de locais diferentes da Terra, impedindo o viajante de saber onde sairia, muito menos em qual horário.

O povo deu uma salva de palmas para receber os membros do grupo do subgeneral Evondér, e aguardaram ansiosos a travessia dos resgatados bem atrás deles.

Mas, após os soldados, ninguém mais passou.

— Evondér? — chamou Pablo, aproximando-se do homem. — Onde estão todos? O que aconteceu?

Envergonhado, Evondér não olhou nos olhos do general, assim como os soldados do grupo de busca.

— E-eu... — o grandalhão ajoelhou-se, e não ousou encarar seu líder. — Sinto muito, meu senhor!

— Não os encontrou? Não encontrou ninguém?

Um murmurinho alarmado percorreu a multidão de observadores. Dulião chegou mais perto de braços cruzados.

— Na verdade, nós os encontramos, meu general — disse Naguét, um dos soldados recém recrutados pela fortaleza, que antes vivia como construtor em Agerta. — Usamos o artefato humano, o géspir...

— GPS — corrigiu uma soldada atrás dele.

— E ele nos levou onde precisávamos chegar — retornou o homem. — Porém...

— Eles não quiseram voltar, meu senhor — Evondér retomou a palavra, olhando nos olhos de Pablo, que encontrou o rosto do militar tingido de vermelho e contendo lágrimas de embaraço.

— Eles não quiseram voltar? — Pablo questionou, incrédulo. Atrás dele, os murmurinhos aumentavam, e Dulião, o decrépito escrivão de arrecadação da Aliança que fixara residência em Agerta, e vivia atormentando as sentinelas e o

Comitê de Inspeção de Lavoér, riu com escárnio. — Como assim “não quiseram voltar”?

— Fizemos como o senhor ordenou, general, contamos a eles tudo o que aconteceu em Bhardo. Contamos sobre a incrível marcha das sentinelas à procura das joias supremas para poder reaver a passagem para Cermalháct e libertar as pessoas presas aqui. Contamos sobre a grande conclamação de Pablo Adenetti como general, e sobre a maravilhosa conquista do Reino Maldito.

Pablo sentiu as orelhas queimando e não ousou olhar para Diana, mas as vibrações mentais de Jadhe, um passo atrás, lhe deram a certeza de que as moças se sentiam tão encabuladas quanto ele. “Incrível marcha, grande conclamação, maravilhosa conquista”, obviamente o soldado estava empolgado além da conta colocando os acontecimentos em hipérbole daquela maneira.

— E então?

— Bom, então... — a voz do subgeneral diminuiu, e a mulher que falou antes continuou.

— Eles disseram que não queriam mais voltar. Que o grupo já tinha se estabelecido na Terra e que Octoforte não é mais aquela que conheceram. Disseram... Disseram que a Terra é um lugar estranho, de perigos absurdos, mas de maravilhas inomináveis, que tem coisas que nunca sonharíamos e que...

— Que não iriam deixar um lugar que tem *o Sol* — Evondér completou com grande pesar, a palavra “Sol” soando como se ele falasse de um Senhor.

Pablo murmurou em entendimento. Sempre ouvira falar de como o tal astro era impressionante, pois Márcio era fascinado por estudos dos cosmos e passava boa parte do tempo livre (ou do tempo que fugia das aulas) com livros de astronomia dos diversos mundos nas mãos, atormentando Pablo.

— Ninguém? Eram cerca de setenta pessoas, ninguém quis voltar? — Jadhe reforçou a pergunta, enquanto Diana mordida os lábios.

— Não nos encontramos com todos, madame sentinela — falou Naguét. — Alguns tinham desaparecido, abandonado o grupo principal. Samantha estava esperando um filho de Traylór e os dois estavam trabalhando em algum lugar, misturados aos locais; Randel sumiu sozinho sem falar com ninguém; Gárma, a mulher de Dalgór,

teve o filho que esperava e estava morando num abrigo para mendigos numa cidade grande. É uma vida miserável, mas não tivemos coragem de abordá-la e contar... Contar que o marido dela tirou a própria vida. Outros... Bem, a Terra é um lugar perigoso. Alguns pereceram. Morreram nas mãos de criminosos, ou doentes, ou na travessia.

— Sabemos que a passagem não é tão segura quanto a que vai para Bhardo, mas ninguém tinha ideia do quanto ela pode ser mortífera — Evondér prosseguiu, seu olhar se tingindo de escuridão. — Doze pessoas simplesmente saíram do lado de lá décadas mais velhas do que tinham entrado, quatro perderam o juízo. Não conseguimos localizar todos estes.

— Isso contribuiu para o medo das pessoas de retornarem, meus senhores — disse a mulher novamente, encarando as sentinelas com temor, como se esperasse uma repreensão.

Dulião continuou a rir.

Inconformado, Pablo questionou: — Nem mesmo Nini? Nem ela quis voltar?

Nini, tutora dele, de Márcio e de mais tantos outros órfãos, tinha se perdido na Terra quando criança e nutria um pavor enorme do lugar. Pablo não acreditava que ela não quisesse regressar.

— Ela... Não resistiu à primeira travessia, general. Não resistiu.

O rapaz engoliu em seco. Jadhe esforçou-se para suspender a ligação telepática entre eles, mas fragmentos de sensações ainda os conectavam, e o general fez um esforço enorme para deixar a informação de lado para processá-la mais tarde e não cambalear na frente de tantos homens.

— Alguns dos seus soldados ficaram por lá, estou errado? — ele questionou, pois dezesseis tinham partido, e só doze retornaram.

Evondér enterrou mais o queixo no peito, não ousando encarar seu líder.

— Eles não morreram na travessia, meu general, mas a Terra é um lugar perigoso...

Dulião riu alto desta vez, e a aglomeração de observadores ficou agitada. Vários soldados, parentes dos que foram para a Terra, se aproximaram inconformados,

outros começaram a sussurrar insultos.

O sangue de Pablo começou a latejar nas têmporas à medida em que o riso de Dulião ficava mais alto.

— O que há de tão engraçado na situação, íterin? — o general questionou.

— Ora, me perdoe *general* — ele enfatizou a última palavra com ironia. — Mas toda essa busca, todo esse alvoroço, e a troco de quê? A troco de nada!

Pablo sentiu o coração palpitar. A frustração se tornou raiva num instante, e ele cerrou os punhos. Não adiantaria explicar que a busca pelas joias e a invasão do Reino Maldito não tinham como único propósito reabrir o Portal, que Lhênus tinha colocado as sentinelas neste caminho para se tornarem uma última luz no mundo, e que sua maior conquista era a derrubada do tirano imortal. Para o mundo, toda aquela excursão tinha o objetivo de resgatar as pessoas presas fora de Bhardo, e não conseguir trazer nenhuma delas era, para Dulião, um grande fiasco.

— Bem, se não há nada a fazer, vamos colocar vocês para dentro — disse Diana, a voz fraca. Pablo amansou imediatamente, pois sabia que a esposa também estava se contendo para não desabar depois de alimentar esperanças de resgatar aquela menininha por quem ela tinha tanto carinho. Mas Naguét aproximou-se dela com um sorriso leve.

— Na verdade, não foi uma missão totalmente perdida, minha senhora — disse ele. Chegou um pouquinho para o lado e uma criaturinha miúda, de braços magrinhos e cabelos de fogo apontou o rostinho tímido e olhou para Diana com grandes olhos de mel. — Esta aqui tinha sido levada por umas pessoas esquisitas. Paladóz me mostrou quem eram, não estavam cuidando dela direito, e não vi mal nenhum em tirá-la deles.

Havia marcas roxas nos braços da pequena, e ela agarrava-se à roupa do soldado com firmeza. Quando seus olhinhos enxergaram Diana e ela se lembrou daquela moça que ela enxergava como mãe, soltou do soldado e correu para os braços da sentinela.

— Ondily! — Diana exclamou, e, de olhos marejados, puxou a menina para o colo e disse para os soldados e para Evondér: — Obrigada.

Mas Dulião, Minje e Irvana, os três aliados que acompanhavam o desfecho da tarefa, se entreolharam desdenhosos e saíram dali com cara de quem não viu nada de interessante.

INQUÉRITO

A coluna de fogo foi avistada de quilômetros de distância. Moradores das vilas ao sul dos Montes Pardos se espantaram e fugiram, deixando seus pertences para trás. Eram apenas dois dragões, mas seriam bastantes para apagar várias cidades darfinrenhas do mapa, e aquela gente já se considerava maltratada demais pela vida para enfrentarem as bestas em nome de sua terra natal.

Mas havia seis figuras naquelas terras que não ficariam satisfeitas em abandonar o lugar ao qual tinham acabado de chegar. Seis indivíduos que tinham se apropriado do cimo dos Montes Pardos como suas residências, e que, depois de quase um milênio longe de terras férteis, com boa caça, boa água e céu claro e limpo, não desistiriam fácil assim de seu novo território.

— Melhor voltarem para suas casinhas, dragõezinhos — disse Porgopavolópolis, pousando em frente aos invasores sem o menor indício de preocupação, embora a provocação fosse despropositada: os ramaddron'z tinham pelo menos três vezes o tamanho dele ou de qualquer um de seu grupo.

— Dragões do Breu — constatou Gidalgo, o mais jovem dos aliados de Decaiko.
— Deviam ter ficado no Nepcoutem. Lá era o lugar de vocês.

Langoremeralde, um zaundron que pouco falava, sentou-se ao lado de Lópolis.

— *Era*. Não é mais. Agora esse aqui é nosso lugar — ele falou.

— Somos imortais — o segundo ramaddron, Calbaro, intimidou. — Não podem nos matar.

Coçando a orelha com a pata traseira, Mindotárta, a dragonesa negra, riu ao lembrar-se dos anos de prisão no Nepcoutem, das pequenas sentinelas, e de como aquela ideia de “imortalidade eterna” tinha sido ilusória.

— Sabe o que é, fomos imortais por muito, muito tempo — ela disse. — E podemos dizer que ser imortal não é o mesmo que ser imbatível.

Os ramaddron'z tinham que atacar, era sua ordem, mas ao lançarem-se no embate com as seis feras pretas, não tiveram tanta certeza de sua vitória.

* * *

— Lavoér?

— Meus senhores, ainda não consegui encontrar uma brecha razoável; os Autos Fundamentais de Octoforte foram muito bem escritos, os registros, ao longo dos anos, estão irrepreensíveis, não consigo pensar em uma...

— Já faz quase sessenta dias que estamos aqui, estamos nos encaminhando para dois meses completos de investigação e revista, e você me fala que não tem nada? Alibeth, o que me diz? — perguntou Silderéver, general e ínterin de Gehenmy. Sua voz poderosa ecoava amplificada pelo salão de pedra, deixando os ouvintes incomodados. — Seu irmão parece ter sido consumido por paixão por aquele lugar. Os relatórios de Oneil indicam que ele e Sália estão adiantados no levantamento financeiro, mas o atraso gigante na adaptação do regimento nos impede de agir.

— Tivemos que permanecer aqui — falou Irvana, segunda ínterin de Gehenmy, encarando, desgostosa, as paredes úmidas e escuras do recinto. O salão miúdo do Fortim de Agerta não era o lugar refinado que ela escolheria para presidir uma reunião entre altos membros da Aliança Maior, muito menos usando aquele vestido volumoso e bufante do qual ela gostava tanto. — Se continuarmos a ouvir que não há nada nos Autos que possibilitem sua manipulação, vamos ter que cogitar utilizar outros meios.

— Outros meios... — Lavoér engasgou.

— Caçadores — falou Abarcão, sem meias palavras. Um brilho duro emanou dos olhos do velho Nominório, fazendo Lavoér engolir em seco. — Vamos enviar caçadores para revirar aquele Torreão. Entraremos no cofre, confiscaremos um retorno aos nossos investimentos. Vamos encontrar documentos, silenciar qualquer um que possa ter colocado os olhos neles e colocar gente nossa no lugar, gente de confiança. Reestruturadores. Poremos o lugar abaixo se for necessário, mas teremos as regras revistas e remoldadas, e tiraremos aquelas sentinelas de lá.

O inspetor-chefe do Comitê de Inspeção mordeu o lábio. Lavoér não se considerava um homem corajoso, mas tinha segurança suficiente nas suas informações para questionar a afirmação do imponente Nominório, apesar de ele já estar no cargo máximo da Aliança Maior há cinquenta anos. No entanto, quando falou não conseguiu ser direto.

— Bem, senhor, na verdade, sobre retorno aos investimentos, a realidade é que o objetivo primordial da existência de uma fortaleza em território ausente foi justamente manter uma força militar pronta para atuar exatamente no que eles acabaram de agir e...

— Alibeth, pode nos dizer alguma coisa — a íterin Nianca questionou, mantendo a postura altiva. — Talvez sobre essa história de o general ter se casado com outra sentinela e ela estar esperando um filho?

A mulher olhou para seu irmão e Lavoér soube que ela entregaria o que pudesse, se soubesse de algo comprometedor. Alibeth sempre fora gananciosa demais. Ela correu os olhos pelos doze membros da Aliança no salão e empinou o nariz um pouquinho, tentando mostrar-se mais alta do que era. Lavoér interrompeu-a antes que ela falasse:

— Não há nada nos regimentos que impeçam...

— Há! — Alibeth exclamou.

— Não, não há...

— Existe uma regra final nos Autos, no capítulo sobre comportamento e conduta — ela disse, resoluta, e Lavoér soube que sua irmã tinha estudado aquela pilha de manuscritos tanto quanto ele mesmo. — O último ordenamento diz que “para resolver questões que surgirem em momentos posteriores aos Autos e que não existam regras estabelecidas nos escritos, deve ser observado *o costume* do tempo corrente”. O *costume*, Lavoér, e o costume que existe há quatrocentos anos diz que soldados e sentinelas e quaisquer militares que vivam sob o teto de Octoforte não-devem-constituir-família! O costume!

Um murmurinho de contentamento percorreu o recinto. Abarcão bufou satisfeito. Lavoér apenas baixou a cabeça um tantinho; se soubesse que Alibeth seria aquela traidora, não a teria convocado para o Comitê de Inspeção. Mas, afinal, ela estava sendo leal à Aliança, ele era quem estava traindo seus contratantes.

— Muito bem! Agora mesmo vamos abrir uma investigação contra o general. O processo normal duraria seis meses, vamos fazer com que demore no máximo dois — disse Mandredom, com praticidade. — Bom trabalho, *Passadante*.

Alibeth ergueu o nariz e não conteve o sorriso de contentamento.

Nianca concluiu: — Pablo Adenetti vai cair, as sentinelas vão cair também, por apoiarem algo contra os costumes. E nós vamos tirar todos de lá e colocar alguém de nossa confiança.

— Ou fechamos o lugar de vez — sugeriu Irvana, cruzando os braços. — Já estamos tendo dores de cabeça demais com este cofre. Está na hora de pensarmos em enterrar certas questões para sempre.

Lavoér suspirou. Juntou seus papéis, sabendo que não poderia falar mais se quisesse manter seu cargo no Comitê de Inspeção, e que precisava ficar nele mais um pouco se quisesse dar a Pablo Adenetti as informações de que ele precisaria para agir com rapidez.

* * *

Quando Yoná e Márcio chegaram à Agerta foram recebidos com pompa pelo Prefeito Íneo, que vinha escoltado por Brendo e Jhália, o casal espalhafatoso de Algavar, ínterims na Aliança Maior. Aparentemente, a cantora e o comandante da guarda presidencial tinham se tornado oficialmente marido e mulher, e andavam juntos por todo canto vestidos de forma semelhante: cheios de correntes, brincos e pinturas coloridas. Vieram sorridentes dar as boas-vindas aos recém-chegados, mas as sentinelas não estavam no melhor de seus humores.

— Desculpe prefeito, mas não temos tempo pra bobagens — atalhou Yoná antes mesmo de dizer olá, e sem mais palavras, atravessou a cidade aos trambolhões, cruzou o Fortim de Agerta e subiu sua escadaria para o Portal.

— Mas o que aconteceu com ela? Já souberam das notícias? — indagou o prefeito, o que fez Márcio estacar. Sua mente foi logo para os Objetos Supremos: teriam sido levados pelo diabo macabro montado na sombra?

— Continuem — disse ele para os Águias, que seguiram Yoná. — Já soubemos do que?

O prefeito gaguejou, mas Jhália não teve problemas para falar.

— Os soldadinhos voltaram! Voltaram da Terra ontem mesmo! E não trouxeram ninguém! Acredita, ninguém!

O tom dela era de puro deboche, e Brendo completou seguindo a mesma linha:

— Ninguém não, até trouxeram *alguém*. Ou *meio* alguém, já que nem adulto é. Só uma menininha que nem cinco anos tem, há, há, há!

— Tanto trabalho por nada... — Jhália disse, fingindo pesar, enquanto seus olhos traíam o divertimento dela. Ao seu lado, o prefeito segurava a ansiedade, claramente incomodado com a grosseria do casal.

Márcio, que aguardava notícias muito piores, não se incomodou com aquela; aliás, até esperava que muitos não quisessem retornar. Resmungou impaciente; estava cansado, faminto, com sede, seu corpo estava dolorido, a cabeça começando a doer, e a preocupação dominava sua mente. Passou bem no meio do casal, fazendo se afastarem um do outro, e seguiu Yoná.

— Seu general está sofrendo uma investigação — berrou Jhália com gosto, o que fez Márcio estacar por um instante. — Ele vai cair, soldadinho, vai cair, e vocês também! Pode ter certeza.

Sacudindo a cabeça para ignorar a mulher, Márcio prosseguiu, sem parar para cumprimentar os moradores que o recebiam com alegria ou responder às perguntas de Íneo, que insistia em querer saber o que tinha acontecido para deixar as sentinelas tão irritadas.

— Por que demorou? — ralhou Yoná quando Márcio a alcançou, já em Cermalháct. O rapaz não respondeu.

Os Águias seguiram atrás das sentinelas, mas espalharam-se assim que entraram em Octoforte. Vários soldados os abordaram para contar sobre a frustração da missão de resgate de Evondér, e Márcio viu, de relance, a surpresa nos rostos de seus jovens feiticeiros. Continuou seguindo Yoná, que perguntou com um grito para um soldado no alto da muralha onde estava o general, e, com a resposta, encaminhou-se ligeira para o Centro de Treinamento, onde deparou-se com Jadhe, Pablo e Diana demonstrando uma batalha com o uso de magia para um grupo grande de garotos com armas e armaduras.

— Yoná! — Diana exclamou imediatamente, e Márcio se assustou: em pouco mais que um mês, Diana tinha aumentado de volume consideravelmente, e suas bochechas estavam muito vermelhas. Ela ofegou para chegar até os amigos. — Márcio! Vocês estão de volta!

Vivas ecoaram entre os jovens, e Márcio notou que alguns deles tinham globos de luz de magia acesos nas mãos.

— São novos Águias — explicou Pablo. — Mérito de Diana. Estamos trabalhando o despertar do *mac*. Jadhe está ajudando também; eu estou aqui hoje só para dar uma mão...

— Sejam bem-vindas, sentinelas — disse uma pessoa que Márcio não notara que estava presente: Irvana, acompanhada de um homem mais velho, mais baixo e mais mal-encarado, que Márcio pensava vagamente se lembrar como sendo Minje, escudeiro da Aliança, de Algavar.

— Precisamos conversar — disse Yoná, sem se incomodar em devolver a saudação.

— Vocês acabaram de chegar. Por que não descansam um pouco e deixam...

— Não temos tempo para descansar — Yoná informou com urgência. Jadhe emparelhou com ela, e Márcio não conseguiu deixar de encarar a amiga: estava mais pálida do que nunca, mais magra também, e tinha olheiras profundas. — Precisamos conversar *agora*.

— Tudo bem — Pablo concordou, passando os olhos pela perna de Yoná envolta em bandagens e por pequenos ferimentos nas mãos e braços de Márcio. Diana deu breves instruções a dois aprendizes para que continuassem com alguma atividade e os cinco se dirigiram para o Torreão.

Subiram até o gabinete do general, e só ao entrar na sala Pablo percebeu que Irvana e Minje os estavam seguindo, assim como Dulião, escrivão de arrecadação da Aliança, que tinha surgido de algum lugar no meio do caminho.

— Vocês não foram convidados! — exclamou Pablo, mas Márcio o acalmou:

— Não tem problema. Talvez seja bom que ouçam.

A reunião durou três horas. Depois de contar que as sentinelas e os magos tinham voltado usando os bondes recém recuperados e ainda fora de operação sem autorização de seus donos, Márcio e Yoná discorreram sobre a miríade de marrotes, o demônio de Zebarãn e sua besta de fumaça. Contaram como souberam, nas duas cidades que passaram enquanto voltavam para casa, que a colônia vinha devastando pastos e florestas há dias, e que tinham cercado vilarejos, sem, contudo, atacá-los. Diziam que o feiticeiro que cuspiu ácido vinha bloqueando estradas e pontes, estragando as cercanias das cidades, queimando plantações.

— Vocês entraram em conflito com ele? — perguntou Jadhe, apontando a perna enfaixada de Yoná.

— Não, isso aconteceu quando saímos do cerco que ele fez.

— A coisa que a criatura erupuiu da goela era ácida e forte. Perdeu as propriedades algumas horas mais tarde, porque eu recolhi um pouco do material pra estudar a caminho de casa — explicou Márcio, fazendo Pablo arquear as sobrancelhas. — Mas nós encostamos enquanto ainda estava fresca. Yoná se desequilibrou e eu a segurei.

— Devo mais agradecimentos à Ártemis — falou Yoná, taciturna. — Não fosse o encantamento de cura que ela nos ensinou, eu teria perdido a perna...

— O que vocês pretendem fazer a respeito disso, sentinelas? — indagou Dulião de repente, balançando a banha volumosa acumulada nos braços para cruzá-los em pose de cobrança.

— O que *nós* vamos fazer a respeito? — Pablo devolveu a pergunta.

— Sim, o que *vocês* vão fazer — insistiu Irvana. — Pelo visto, a criatura que apareceu estava no Nepcoutem. Algum amigo de Zebarãn, alguém que gostava dele...

“*Alguém que não era subordinado a Zebarãn*”, pensou Jadhe, e dividiu, por comunicação psíquica, o pensamento com os amigos, fazendo Márcio se sobressaltar. Fazia tempo que não recebia uma mensagem mental, e ele estranhou o modo como ela ecoou embotada, muito diferente do ar cristalino costumeiro das missivas da sentinela da água.

— E *vocês* são responsáveis por isso. *Vocês* soltaram esse monstro, e ele está atacando nossas terras. Aposto que Doniel está muito insatisfeito com o caso...

— Certamente que está; fugiu como um filhotinho, com o rabinho no meio das pernas, ele e as maricotas dele... — alfinetou Yoná.

Os membros da Aliança se empertigaram ofendidos, Yoná ergueu o queixo em desafio e, vendo que a situação poderia fugir ao controle, Diana interferiu antes que Pablo o fizesse.

— Nós vamos tomar algumas providências! — disse ela bem alto.

Irvana fez cara de quem estava achando aquilo suspeito:

— Que providências?

A moça pensou por um segundo, e antes que qualquer pensamento fosse trocado com os companheiros, explicou:

— Em primeiro lugar, precisamos saber o que se passa em cada regionalidade, por isso vocês vão para seus países e vão nos contar o que encontrarem.

— Que bobagem é essa, é alguma brincadeira? — esbravejou Minje com sua voz de falsete.

— Não me ofenda, senhor Minje — Diana pediu calmamente. — Eu lhes dei transmissores. Vocês, como representantes de seus reinos, impérios e países na Aliança Maior, vão voltar aos seus respectivos lares levando estes artefatos, e vão apurar o que está acontecendo realmente, e qual é a necessidade de nos envolvermos nisso. Não podemos ter certeza de que a criatura é uma ameaça para a Aliança, nem de que continua lá: quem sabe não é apenas um restolho condensado de magia consciente que escapuliu do Nepcoutem, e que está se dissolvendo enquanto vaga por aí? Pode ter desaparecido no meio do mar agora mesmo!

“Restolho condensado de magia consciente?” Pablo pensou, a mente conectada através de Jadhe às outras sentinelas.

“Eu tinha que inventar alguma coisa!” Diana pensou em resposta.

— Então, assim que vocês tiverem os dados, vão nos contatar. Estaremos preparados com nosso grupo de Águias para fazer o necessário: sair em batalha

imediatamente, ou organizar uma equipe de recuperação do terreno.

Irvana tamborilou os dedos no rosto. Provavelmente ela suspeitava de que havia algum truque na missão para os aliados, mas não conseguia pensar em como as sentinelas poderiam ter bolado algum plano secreto tão de repente, sem se reunirem a sós em nenhum momento, e não lhe ocorria que um deles pudesse ser telepata.

— Concorda com isso, general? — ela quis saber.

Pablo, prontamente, assentiu:

— Estaremos preparados para o que for necessário — disse ele.

A mulher bufou, olhou para os dois colegas baixinhos, um raquítico, o outro avantajado, e recebeu assentimento de ambos.

— Vamos consultar o Nominório e, se ele aceitar, conseguiremos o que pediram, mas é melhor que fique preparado para agir imediatamente e em poucos dias. Nós não vamos demorar a entrar em contato.

Pablo assentiu, sabendo que era verdade, e que aquela seria, também, uma ótima chance de descobrir como é que a Aliança Maior conseguia viajar tão rápido através do mundo sem passar pelos caminhos tradicionais.

Assim que o general designou um par de soldados para escoltarem os três aliados até o Portal, contudo, Márcio retomou a discussão.

— Não sei o que podemos fazer além de vigiar, Márcio, não vou enviar um batalhão atrás de um bruxo forte como esse que viaja voando com uma horda de marrotes! Não temos pessoal para isso.

— Também não sabemos qual é o plano deste homem, se é que ele tem um — disse a sentinela da água.

Uma nuvem de ruídos preencheu a cabeça de Márcio, e os olhares se voltaram para Jadhe. Ela tinha os olhos desfocados e parecia prestes a desmaiar.

— Você está bem? — Yoná perguntou com um vinco no meio da testa, mas Jadhe não respondeu. Márcio prosseguiu, sem tirar o olho da amiga.

— Pablo, aquela espalhafatosa disse que abriram um inquérito contra você. Por quê?

— Pela nossa união — foi Diana quem respondeu. — E pelo nosso filho a caminho.

— Querem terminá-lo rápido, mas Lavoér vai tentar atrasar o máximo que puder — disse Pablo. — Diana conseguiu espionar a reunião da Aliança, o cara está do nosso lado.

— E o que acontece depois de concluírem isso?

— Perdemos nossos cargos. Não só eu, mas todas as sentinelas. A Aliança nos quer fora daqui.

— Querem os Crimedéct'z — disse Jadhe, num transe. — Todos.

— Eles não acham que já têm as joias? — Yoná questionou.

— A ilusão não vai durar muito tempo — informou Diana. — Mas mesmo que dure, tenho a impressão de que aqueles velhotes têm um palpite de que o que demos a eles foram peças falsas. Além do mais, tem a língua de magia das verdadeiras, o tempo todo sussurrando nas almas das pessoas. Quando peguei Alibeth tentando entrar no nosso quarto, ela olhou para cima, bem para o lugar em que está o baú.

— Tem muita gente interessada em subir no Torreão, e nem sabem por que — Pablo confirmou. — Essas coisas deviam ter adormecido agora que não tem ninguém usando o poder delas, mas não fizeram isso.

— Além do mais — falou Márcio —, eles ainda não revistaram a fortaleza. Não conseguiram pôr as mãos nas coisas de Fauret, e não vão sossegar até terem certeza de que o finado general não deixou nada para trás que possa comprometê-los.

— Tenho a impressão de que eles nunca vão aceitar esta possibilidade — disse Yoná. — Estarão sempre pensando que temos alguma prova contra eles, mesmo se não tivéssemos nada. Nunca confiarão em Pablo porque não foram eles que o puseram aqui.

— De qualquer jeito, não podemos fazer muito a respeito desse processo — admitiu Pablo. — Sobre o estranho, teremos informações logo. Foi uma jogada

muito inteligente, Di, tirou um pouco de gente da Aliança daqui e, de quebra, vamos conseguir informações sem termos que deslocar ninguém.

— Então, por enquanto...

— Vamos aguardar. E vigiar.

CONJECTURAS DA SENTINELA DO FOGO

Pela janela do quarto de sua torre, Márcio vislumbrava Jadhe e Diana conversando no alto da muralha, as duas sorrindo, embora Jadhe continuasse com ar de doente. Havia uma menininha de cabelos vermelhos abraçada à Diana sacudindo um pássaro de papel enorme acima da cabeça. Márcio tinha recebido um medicamento na sala de cura para enxaqueca, e acabara de despertar de um sono reparador. A cabeça ainda latejava um pouco e seus pensamentos estavam embaralhados, mas sabia que agora que tinha acordado não conseguiria se desligar das ideias que o estavam perturbando.

Ele nunca conseguia se lembrar o nome daquele gato no seu colo. Malhado, Peludo, Orelhas, era algo assim, só tinha certeza de que fora ele o lambedor de Diana, ainda na forma de monstro. Não sabia porque o felino o elegera como companheiro, mas já o encontrara várias vezes no seu quarto, ou atrás de portas, ou nos corredores perto dele. Quando olhava nos olhos do bichano se perguntava quanto tempo ele já teria vivido e quem o teria transformado naquela fera bestial com características de dragão. Não achava que tivesse sido Zebarân, o rei morto parecia manter suas criações perto, dentro do próprio terreno, mas, se não tinha sido ele, quem então? Aquele bruxo insólito, que agora espalhava terror por Bhardo com um bando de artrópodes?

Se não podia fazer nada a respeito dele e de seu exército de besouros do deserto, ele tinha, pelo menos, que usar o tempo livre de forma produtiva, e a melhor forma de fazer isso era pesquisando, portanto, a sentinela do fogo não esperou estar completamente livre das dores para começar a trabalhar. Abraçou o gato e saiu dali, passando por uma fila de trabalhadores de Agerta que tinham vindo receber a segunda parte de seu pagamento pelos serviços prestados no baile promovido por Octoforte. Estava indignado com aquilo, mas Pablo não podia ter feito diferente. Enquanto quisessem manter o cargo e a liberdade, tinham que acatar as decisões dos mantenedores. Pelo menos algumas.

Cruzou o terreno até o prédio central, e foi assediado por trinta pessoas, entre soldados, funcionários, curiosos, repórteres e membros menores da Aliança, que queriam informações sobre o reerguimento dos bondes, sobre os novos monstros, sobre o retorno da expedição da Terra sem resgatados. Educadamente respondeu tudo o que podia — as pessoas precisavam de informações — e continuou seu caminho uma hora mais tarde.

A escadaria até o cume do Torreão tinha noventa e seis degraus e passava por quatro níveis. No terceiro ficavam os aposentos do general, mas não era para lá que Márcio se dirigia. Cruzou a segunda porta e entrou na Biblioteca Dourada, um amplo cômodo circular abarrotado de prateleiras e baús de madeira, couro e tecido, todos entulhados com livros, pergaminhos, panfletos e objetos estranhos.

Márcio apertou os olhos ao se deparar com os encapuzados Silenciosos. A presença deles o deixava inquieto. Nunca saíam dali, nem para comer, beber, dormir ou tomar banho, e ninguém era capaz de entender qual era a natureza das criaturas, contudo, como provocavam arrepios e nunca tinham feito mal a ninguém, eram deixadas em paz.

O rapaz escolheu uma cadeira, espalhou os artigos recortados pelo tampo, largou o gato, que fugiu, colocou o diário de Mayala em um canto e começou a folhear os livros que Jadhe tinha trazido de Crimehuór. O caderno de Mayala ele já quase perdera a esperança de entender, mas Ártemis deixara um material rico sobre a origem de seis das sete joias, cada história em um livro, além de um grosso volume meio borrado contando a própria biografia. Ele estranhou que Jadhe não os tivesse lido imediatamente, mas o comportamento da amiga andava estranho demais, e ele duvidava de que ela estivesse raciocinando direito.

— Sobre isso aqui vocês não têm nada a dizer? — Márcio perguntou de repente, erguendo os rabiscos de Mayala para os Silenciosos.

Curiosamente um deles voltou-se para Márcio; em seguida jogou a cabeça para trás, como se olhasse para cima. O capuz permaneceu fixo no lugar, e Márcio só percebeu um pouco de pele cinza sobre o queixo do ser. Seguiu a direção do que devia ser o olhar da criatura, mas só viu o símbolo de Octoforte cravado no teto, um pouco escondido por causa das estantes altas. Se o ente queria mostrar algo à sentinela, Márcio não conseguiu entender.

Voltou-se para os livros da Caçadora. Bateu, inquieto, os dedos pelas capas. Talvez ele estivesse louco, cogitando possibilidades absurdas que, no final, se revelariam

bobagens sem nenhuma relação com a noite que aumentava em Bhardo ou com o estranho feiticeiro, mas ele não ficaria em paz se não conseguisse organizar a bagunça de teorias que volitavam em sua mente.

Ninguém sabia como Ártemis tinha conseguido descobrir tanto a respeito dos Objetos Supremos, mas não era prudente pensar que a grande Caçadora houvesse imaginado os textos dela, por isso ele confiava que suas informações eram verídicas. Havia um livro grosso com a história do Medalhão dos Elementos e, possivelmente, uma explicação para os iagos neles, mas Márcio apanhou “O Tesouro de Caularom”, leu o livro inteiro por alto em pouco mais de uma hora, e ficou alguns minutos pensando. Depois revirou suas mais de cem páginas até localizar aquilo que queria.

Sem titubear, Landell ergueu a mão com a pedra e a pousou, ainda fechada, sobre a palma estendida de Plúnio, e colocou a outra mão sob a mão dele, como se esperasse aparar algo. Devagar, ela soltou a pedra na mão do menino, mas Plúnio não sentiu o objeto, pois ele tornou-se escorregadio e frio, e desapareceu em uma pocinha de água azulada.

— Não posso dá-la a você porque ela não existe em suas mãos — ela disse com simplicidade. — É uma pedra especial, que Caularom mandou para mim. Só comigo ela existe, por enquanto. Um dia ela estará forte o bastante para existir nas mãos de outros também.

E Plúnio, irritado, abaixou a mão e viu, na palma que Landell mantinha em posição de apara, a pedra azul intacta e reluzente.

— Não posso dá-la a você porque ela não existe em suas mãos... — o rapaz repetiu consigo mesmo. — Não posso dá-la a você porque ela não existe em suas mãos, exatamente como a pedra não existe mais fora das mãos de Jadhe...

O que foi que Shenu tinha falado? Que os Objetos Supremos podiam ser feitos a partir de uma alma racional. Fazia sentido... Só uma alma individual poderia ser tão poderosa para alimentar a magia daquelas coisas e não deixar que ela se esgotasse. Então as joias eram fonte de magia, e canalizavam e impulsionavam o poder de quem as usava de acordo com o poder do espírito do criador do Objeto...

E, se uma alma tinha sido fundida a uma joia, poderia ela se libertar? Poderia flutuar e, talvez, viajar para um outro corpo, e renascer no mundo dos vivos?

— Quantas divagações, meu rapaz! Mas está no caminho certo, com certeza está.

A sentinela quase caiu da cadeira ao ouvir uma voz tão perto soando naquela biblioteca vazia, a não ser pelos Silenciosos que andavam com passos de gatos de um lado para o outro atrás dele. Entortou o pescoço, pensando que, talvez, um deles tivesse resolvido se comunicar, mas os estranhos continuavam ocultos e não davam sinais de quererem dizer nada.

— Não seja bobo, não estão falando com você. Eles não podem falar com ninguém. São totalmente mudos!

O rapaz se voltou para frente e localizou a fonte da voz. Embora improvável, ele já tinha visto muitas das aparições daquela criatura para se surpreender ao descobrir que ela vinha de um vaso com um girassol pousado na extremidade da mesa à qual ele se sentava.

— Lhênus! Pensei que você estivesse... Não sei, morto!

— Morto?! — exclamou o rosto formado no miolo da flor, parecendo divertir-se.
— E como eu poderia? Sendo a representação da essência da sabedoria e da flora de Bhardo, eu só morreria se não restasse nenhuma raiz viva no planeta, nem um átomo de razão em nenhum canto, e isso é um tanto impensável de acontecer. Embora, muitas vezes, seja difícil aceitar o conceito de “sabedoria” que a mãe me deu.

— A mãe?

— Ora, não são só vocês, coisinhas de carne e osso, que podem ter mãe, sabia? Embora ela seja mais como um *pão* ou uma *mai*, uma mistura dos dois.

Márcio acenou para espantar da cabeça uma cadeia de perguntas que começava a se formar, e retomou o raciocínio anterior:

— Então você estava aqui o tempo todo?

— Hm... — fez Lhênus, os olhos voltados para um ponto imaginário bem no alto de uma estante. — Eu estive em muitos lugares o tempo todo. Estou em todas as raízes, e em nenhuma em particular. Gosto de estar em toda parte...

— Sei. Particularmente nas flores de girassol — comentou o rapaz. — Por que desapareceu?

— Rapaz, eu não desapareci. Vocês precisavam de uma ajuda e eu os ajudei. Mas ninguém vivo deveria ter tanto contato com os Senhores, então fui cuidar dos meus assuntos e os deixei cuidando dos seus. É óbvio que se saíram muito bem.

— Você não estava no Nepcoutem. Nenhum de *Vocês* estava.

— Não mesmo, é verdade. Nenhum dos Senhores entrava no território de Zebarã. Estávamos à volta, em Aduna, onde a magia dele não interferia na natureza. Mas deixamos o reino dele.

— Por quê? — questionou Márcio indignado. — Como Senhores, vocês poderiam tê-lo destruído há tanto tempo! Ele nunca teria alcançado o poder que alcançou!

— Ah, meu caro Márcio, acha que os Senhores são mágicos, e que só pensam nas artimanhas dos homens! Como toda pessoa, na verdade. Eu sou o maior interessando na sua espécie porque muitos de vocês têm uma sabedoria elevada. Mas não sou um mágico superpoderoso doido pra provar minha superioridade. Caularom não enfrenta um tubarão particularmente cruel e assassino para salvar um cardume de peixes, Scárfer não contém o vulcão Batráctero só porque é o mais ativo do mundo e está em erupção há dezoito anos. Como os outros Senhores, sou essência, não controlador. Mas pode ter certeza de que, neste exato momento, só uma pequena parte de mim está aqui. A maior parte está cuidando de outros assuntos. Mas essa parte maior está ficando cansada, desgastada...

Márcio esfregou os olhos, fatigado que estava daquela ladainha. Se eram essência, não controladores, que diabos Lhênus havia feito interferindo na vida deles desde a infância daquela forma?

— O que quer aqui? Agora, depois de tanto tempo, o que quer conosco?

— “Conosco”? Acho que, exceto pelos castigados aí atrás, só tem você nesta sala!

O rapaz olhou para trás, onde os oito Silenciosos haviam se aglomerado quietos, em aparente atenção à conversa.

— Castigados?

— Ah! Sim, sim... Estes oito foram castigados pelos Senhores muito tempo antes de existir Octoforte. Eles vivem aqui, e estão fadados a continuar aqui até que o universo entre em colapso.

— Eles vivem... estão fadados... por quê?

— Pare de balbuciar, Márcio Adenetti! Não é hora para discutirmos as punições dos Senhores de quando este tempo ainda nem havia começado.

— Então, o que é que você está fazendo aqui? — o rapaz se exaltou, e deu um tapa na mesa. — O que quer comigo?

— Acho, caro garoto, que você já imagina o que esteja acontecendo. E que tem outras perguntas a fazer além de querer saber da vida dos camaradas aí atrás.

A sentinela apertou os lábios e fitou Lhênus por longos segundos. Depois de tanto tempo sumido, e de outro tanto tempo agindo na surdina, cheio de mistérios, será que o Senhor estava ali para responder claramente as dúvidas dele?

— Muito bem. Então, imaginando que você veio para me contar algumas coisas que eu quero saber, eu perguntaria: as joias supremas foram mesmo criadas a partir do espírito de pessoas vivas?

O girassol soltou um muxoxo, expirou, e a flor debruçou-se para baixo, secou inteira e se esfarelou como uma planta morta há muito tempo. Márcio ouviu passos vindos de um corredor próximo e viu um garoto franzino, de cabelos vermelhos espetados no alto (coisa que o deixou perturbado, porque o faziam lembrar das horripilantes criaturas com quem ele se deparara em Terem), pele como a madeira do eucalipto e seis pequeninos olhos onde deveria haver só um par, todos parecendo minúsculas sementes de pimenta calabresa.

— Por que o espanto? O espírito é o elemento mais poderoso que compõe a alma humana. O diferencial dessas joias “supremas” — ele disse em tom jocoso — é que os criadores delas tinham espíritos muito especiais, poderosíssimos, e tiveram coragem de abrir mão de suas identidades para criar essas coisas quando se desprenderam do corpo.

— Então... Quer dizer que os Objetos têm personalidades? Desejos próprios?

— Não exatamente — disse Lhênus. Colocou as mãos sobre o tampo da mesa e os dedos se transformaram: engrossaram e se fundiram, e sulcos surgiram neles,

dando às mãos o aspecto de raízes expostas de grandes árvores. Os cabelos de Lhênus endureceram e ramificaram, e tornaram-se uma galhada sobre um corpo cascudo, como um tronco de madeira escura e cheia de lodo. — Quando fundiram seus espíritos a objetos inanimados, os criadores de cada um deles tiveram intenções diferentes. Lembra-se das lições de Ártemis? Energia formadora, seiva vital, espírito, identidade e princípio inteligente. Os Tesouros não têm a seiva vital, que é própria dos seres vivos, e a identidade foi suprimida no momento de sua criação, de modo que o espírito age com o princípio inteligente e de acordo com a última vontade do criador. No geral, as joias não têm consciência própria, ou então ninguém poderia controlá-las, mas guardam características de seus criadores. Por isso o Cetro da Luz dá ao portador o poder de *ver, enxergar*, pois o que seu criador queria é que seus irmãos percebessem as tramas do tio para jogar um contra o outro e fazer com que se matassem, para que só restasse ele para governar. O irmão que se sacrificou só almejava o equilíbrio e sua identidade impregnou a joia: ele não desejava que quem quer que a possuísse fosse enganado.

Márcio assentiu, e pensou em quem teria criado a Pérola Negra. Dos sete Objetos Supremos, era o único de que Ártemis não conseguira descobrir a história.

— Então, mesmo que o espírito criador das joias não seja mais o mesmo ser consciente que foi quando viveu, o que acontece se ele decidir abandonar o Tesouro? Voltar à vida, por exemplo? Ele pode fazer isso?

— Ah! Como eu disse, seu pensamento está na direção certa. Mas por que não vai direto ao ponto? Ayana costumava ser tão assertiva...

Ayana. Era como Lhênus chamava Ártemis, pelo primeiro nome dela. Márcio inspirou saudoso, queria que a mestra estivesse ali para lidar com aquele Senhor. Então perguntou de uma vez:

— Jadhe é Landell? Minha amiga Jadhe é a mesma Landell que criou o Tesouro de Caularom?

— Há, há, há, há, há!!! — Lhênus gargalhou, e seu riso foi ganhando corpo, como se fosse um adulto que chegasse à velhice de repente, tornando a risada faustosa e rouca. — Ayana era bem assim. Sinto falta dela... Mas ela não poupava grosserias. Costumava falar...

— Responda minha pergunta, Lhênus — disse Márcio subitamente, a voz baixa, mas logo em seguida engoliu em seco. Não costumava ser desrespeitoso com outra

pessoa, muito menos com um Senhor, mas sua cabeça voltava a doer e ele tinha a sensação de que Lhênus não conseguiria se concentrar nas respostas que precisava dar.

— Hm. Mais parecido com Ayana, afinal. Muito bem, sua amiga Jadhe *é e não é* Landell. Ela possui o espírito de Landell, o mesmo que passou à pedra assim que ela faleceu e tornou a joia uma coisa sólida. A alma deixou a pedra há alguns anos; vagou por aí, depois reencarnou. Voltou como a filha de Linarel, e tornou-se Jadhe. Parte da alma, pelo menos.

— Então elas *são* a mesma pessoa.

— É claro que não! Landell teve outra vida, outros pais, outro corpo, outra época. Jadhe nasceu diferente, teve outra história. A alma pode até ser a mesma, mas a identidade se forma a partir de outras coisas além da bagagem que se traz de outras encarnações.

Márcio abriu a boca algumas vezes para falar, mas não disse nada. Apesar de intrigado, não queria enveredar por aquele território de espíritos e vidas passadas que certamente o levariam a mais uma cadeia enorme de ideias que lhe tiraria a concentração e lhe daria outra grande dor de cabeça.

— Tudo bem, então é por isso que o Tesouro só existe nas mãos de Jadhe. Porque faz parte do espírito dela.

— Hm, captou bem o “espírito” da coisa, há, há, há...

— Se a essência de Landell deixou a joia, é possível que isso aconteça com os outros Objetos?

— Que percam o poder? Que as almas que os fabricaram deixem suas joias e voltem à vida? Talvez, mas, por enquanto, não vejo a intenção de nenhum deles em fazer algo assim. Landell/Jadhe sempre foi um caso à parte, ela nunca perdeu totalmente a identidade, mesmo tendo se entregado à pedra. É muito forte aquela lá. E quando decidiu abandonar a joia, foi porque percebeu que seu povo não precisava mais da proteção dela como precisou no passado.

A mente de Márcio fervilhava.

— Será que é possível saber com certeza? E se Zebarân conseguir desvencilhar seu espírito de dentro do Lampejo dos Desesperados? E se o espírito dele sobrepujar o

poder da alma da própria joia, e escapar?

— Você começou pensando direito, garoto. Mas está olhando para o lado errado —
Lhênus respondeu.

Um tom retumbante ecoou do alto do Torreão como o cântico de uma baleia, um tinido que reverberou pelas oito arestas de Octoforte, e que se repetiu seis vezes. Márcio desviou os olhos apenas um instante, e quando olhou de volta Lhênus não estava mais lá. Bufou irritado e colocou um livreto qualquer fininho no meio do seu para marcar a página que estava lendo. Embora Lhênus o tivesse deixado não com uma pulga, mas com um grande carrapato atrás da orelha, ele sabia que não conseguiria se concentrar nem um minuto mais, não depois de o sinete dourado tocar as seis vezes, pois aquele era o sinal de que alguém queria falar com as sentinelas, e que todas as que estivessem dentro da Fortaleza Dourada deveriam atender.

IRASCÍVEIS

Se os soldados e voluntários recrutados estavam tensos com a perspectiva de desembarcar no Continente Menor, não era nada comparado ao que Dominique sentia. Suas penas eriçavam e os calafrios que percorriam sua coluna eram tão intensos que o gênio pensou que estivessem erguendo os ossos de sua espinha. A sensação de pânico era imensa, e o desejo de que não fosse preciso descer ali era tão forte que coisas começaram a dar errado no navio; Nique percebeu que seu “talento” estava atuando novamente de forma perigosa, e decidiu decolar sozinho quando avistaram a linha de terra firme, com a desculpa de que queria localizar Shenu rapidamente.

Voou pelo máximo de tempo que suas asas permitiram, mas não teve pressa. Depois de três dias de céu e caminhada sobre o Continente, Nique entrou no território que antes pertencia a Zebarãn, e deteve-se em diversos pontos, observando, com alívio e alegria, as mudanças perceptíveis. Pequenos brotos verdes salpicavam o solo entre galhos mortos de velhos capões. O que antes era deserto seco e sem vida, agora estava cheio de sons e cores, e havia várias fontes de água que tinham acabado de surgir na face da terra.

Quatro dias mais tarde, o gênio chegou à fronteira da antiga Floresta Manazgul, que agora não tinha nada de mais atemorizante que plantas ressequidas e tocas de animais selvagens, e mal acreditou no que seus olhos viam. Planou pelas correntes de ar quente, e chegou ao mesmo monte onde ele e Pablo, pouco tempo atrás, haviam se entrincheirado, aguardando um sinal para atacar a Cidade Baixa e invadir o Palácio. Mas o que havia ali agora era algo bem diferente do que a relva dura que ele conhecera.

Guiado pela luz da lua vermelha e de centenas de pontos de luz que desvelavam um grande conglomerado de pessoas, Dominique visualizou um rosto bem conhecido e abriu um largo sorriso ao pousar à frente de Shenu, que sorriu de volta e o recebeu com um abraço emocionado.

— O que é isso amigo? Veio pra cá voando o caminho todo?

— Mais ou menos — Nique sorriu, respondendo e olhando em volta, onde muitas pessoas que os circundavam observavam com curiosidade. — O navio deve estar atracando neste momento, mas o pessoal vai levar vários dias de caminhada até aqui. É um navio de apoio, entende? Cheio de itens e gente para ajudar os sobreviventes.

— Tipo a equipe que chegou dez dias atrás?

O gênio olhou para onde Shenu apontava e reconheceu alguns rostos familiares. Antes que as sentinelas chegassem na ilha Agerta, os habitantes de lá organizaram um time de resgate para localizá-los; aquele barco tinha levado mais que quarenta dias para chegar ao Continente Menor por causa de uma tempestade, assim como seus bandeirantes tinham demorado um tempo bom para localizar a sentinela da sombra, o que era compreensível, já que não tinham um guia. No entanto, um grupo com vinte agertos se somava aos refugiados arrebanhados por Shenu, junto com mais uma quantidade de pessoas de aparência peculiar, que Nique não se lembrava de ter visto nem nas pinturas ilustrativas dos guias de viagem que costumava ler quando mais jovem.

— O que aconteceu? — Dominique perguntou. — Eu esperava te encontrar estropiado, vagando por aí... Achei que ia precisar de dias de procura pra te achar! Mas aqui está você, e parece que estou numa cidade! Quem é toda essa gente, são todos sobreviventes?

— Alguns sim, a maioria não. Muita coisa mudou, amigo — disse Shenu, sorridente. Um rapaz aproximou-se dos dois, um homem que tinha o mesmo rosto de Shenu. O gêmeo da sentinela acenou para três das pessoas altas e intrigantes, e em seguida deu um tapinha nas costas de Nique e fez um gracejo.

— Lembra-se de Férík? Imagino que sim, este rosto lindo é inesquecível, não é? — Shenu perguntou.

— Inesquecível. Eu sou muito inesquecível — Férík disse. — E você... Também me lembro de você, homenzinho voador. Eu me lembro de você, claro que eu lembro...

— Você veio sozinho, Nique?

O gênio assentiu, olhando nos olhos negros do amigo. Claro, Dominique já tinha dito que viera num navio cheio de gente, mas o que Shenu queria saber é se outra

sentinela tinha vindo com ele. Principalmente uma sentinela específica, uma que interessava tanto ao ex-andarilho quanto ao gênio.

— Não precisa fazer essa cara de cachorro que comeu o frango do vizinho, Nique. Sei que você e Jadhe estão juntos, e eu não tenho nada com isso, não quero me intrometer — Shenu deu uma risadinha de leve e olhou de lado um grupo de pessoas vestidas com túnicas e com arranjos grandes nas cabeças. — Perguntei por todos os outros; por ela também, mas não só por ela.

Dominique engoliu em seco.

— Não estamos juntos, não estamos... Eu não posso, ah, como explicar? — o rapaz começou a coçar a cabeça e suas asas se agitaram. — Eu tenho que saber, tenho que entender o que é essa coisa que eu tenho. E Jadhe está muito estranha. Muito estranha...

— Mais do que o normal? — Shenu riu.

— Trancamos as joias. Metemos elas num baú e as lacramos com magia. Você também vai fazer sua tranca mágica quando chegar lá. Todos sentimos falta delas, mas Jadhe... Ela está transtornada.

— Coisa esquisita, sempre achei ela tão responsável com relação a... a tudo! — Shenu comentou. — Quem sabe não é só a febre da separação do artefato? Eu fiquei em frangalhos nos primeiros dias aqui. Não sei por quanto tempo senti falta daquela coisa. Ainda sinto, se pensar muito... — o olhar da sentinela obscureceu, e Dominique teve que sacudir o ombro do amigo para despertá-lo do transe. — Desculpe. Vamos dar uma volta. Vou te mostrar o lugar.

Dominique se surpreendeu com o que viu. O assentamento que Shenu havia montado era uma verdadeira cidade de tendas, e, com a ajuda inestimável do inventivo povo adunino, era agora um lugar acolhedor e confortável, e Dominique mal acreditou quando viu as plantações em crescimento que os sobreviventes vinham cultivando. Os agertos estavam se esforçando para cumprir as ordens de Shenu que, surpreendentemente, estava à frente de tudo, e embora muitos contribuíssem, ficou claro para Dominique que tinha sido a sentinela das sombras que bolara todas as estratégias para manter as pessoas ativas, alimentadas, saudáveis e prosperando. Em breve, segundo ele, a próxima etapa de seu “plano” para o assentamento seria colocada em prática: substituir as tendas por casas de madeira e barro seguindo um projeto que ele estava desenhando junto com um

grupo de aduninos, e, assim, começar a criar uma cidade para que cada pessoa tivesse seu próprio espaço para viver.

— O que achou, amigo? — Shenu perguntou.

Era inegável que o ex-andarilho estava feliz com seu trabalho, e Dominique mal conseguia entender a mudança que havia se operado no amigo. Não foi necessário que ele lhe contasse toda a história que o tinha levado a Octoforte e ao resgate de seu irmão idêntico — que, por sinal, não saía do lado das sentinelas —, mas o desfecho daquela saga pessoal havia feito tão bem ao rapaz que o gênio acabou contaminado pelo bom humor de Shenu.

— É impressionante! E essas coisas? Como conseguiu plantar *isso*? — Nique apontou para um terreno onde grandes toras de madeira úmida sustentavam enormes cogumelos de meio metro de altura e chapéus cor de abóbora.

— São cogumelos colosso, deliciosamente comestíveis depois de cozidos. É a base da alimentação dos aduninos. Pelo que me disseram, eles chegam a mais de três metros!

— Isso é assustador — assombrou-se Dominique.

— É sim, eu sei, imagina uma floresta deles. Mas são uma fonte de energia fácil de produzir, rápida de crescer e preciosa neste lugar, que tinha tão pouca comida de gente — falou Shenu. — Mas logo vamos ter mais diversidade, as batatas-da-terra estão crescendo, tem cenouras germinando no berçário, e os agertos trouxeram um monte de mudas de temperos e verduras! Tem até feijão! Água não falta, tem chovido bastante, e os aduninos estão construindo cisternas ao redor da cidade, eles têm um sistema hidráulico bem interessante, vão nos ensinar a montá-lo aqui. Já temos seiscentos resgatados, mais duzentos aduninos e trinta insulares de Agerta, é uma vila e tanto! Claro, nem tudo vai às mil maravilhas, um monte de ex-escravos morreu, alguns doentes, outros que estavam além do alcance, perdidos em si mesmos. Também não chegamos a tempo em todas as prisões, tinha muita gente encarcerada que definhou até o fim...

O gênio firmou as mãos nos ombros do amigo, que tinha ficado transtornado por um momento. Fantasmas de pesadelos dificilmente abandonariam o rapaz; dificilmente abandonariam qualquer sentinela.

— Ei! Volte para essa imensidão fantástica que você fez. Salvou as vidas de todas essas pessoas duas vezes. Não se esqueça.

Embora Dominique se esforçasse para manter o ânimo do amigo elevado, ele mesmo também tinha o semblante cansado e um grande peso sobre os ombros.

— Está certo. Mas também sei que tem outro motivo para você ter vindo antes dos marinheiros. Lá — Shenu apontou uma direção. — Vai encontrar os gênios dos ventos.

Nique olhou na direção e localizou uma grande tenda de palha trançada, ligeiramente afastada das outras, com apenas duas lamparinas a óleo penduradas à porta. Dentro não parecia haver iluminação nenhuma.

— Descanse um pouco, vai precisar antes de lidar com essa gente — Shenu sugeriu.

O gênio sorriu e tirou um fardo de dentro da bolsa de viagem, que entregou para o outro.

— Tenho baralho, uma garrafa respeitável de licor-do-oeste, e...

— Minha viola! — Shenu deu um salto e, de supetão, deu um abraço apertado no outro. Quando o soltou, Nique percebeu que ele tinha os olhos marejados e o rosto tinha ficado vermelho, e olhava a viola como se ela fosse tão mágica quanto um Objeto Supremo.

— Não sabe a falta que eu senti disso aqui!

— É... Agora é só aprender a tocar — o outro provocou.

Animados, os dois entraram na tenda principal do acampamento, sempre seguidos por Férík.

* * *

Dominique foi apresentado a vários integrantes do povo adunino. A promessa de descanso ficou esquecida em algum lugar próximo à viola de Shenu — que fez imenso sucesso com ela entre as pessoas perdidas — e as regras do jogo do Escorpião, que Dominique e Shenu começaram a jogar, atraindo a atenção de vários curiosos, inclusive de muitos ex-escravos, e Shenu tomou nota mental de

que precisava aumentar as coisas divertidas para entreter as pessoas e distraí-las um pouco do trabalho. O efeito positivo era notável.

Os amigos entoaram cantigas conhecidas e envolveram os aduninos nas músicas, ainda que eles não entendessem quase nada. Algumas crianças ex-escravas tinham conseguido assimilar boa parte do idioma adunino, e foram as responsáveis pela comunicação, complementada por Fériik e pelo próprio Shenu, e muitos pensavam que o estrangeiro alado fosse algum tipo de criatura divina vinda dos céus. O gênio estranhou que estivessem tão assombrados com as asas dele, já que as pessoas tinham se acostumado a elas em Octoforte e em Agerta, mas, pensando bem, a maior parte do povo que ele encontrara pelo Continente Maior ou o tomava como aberração ou como um excêntrico, pois achavam que as asas eram um adereço, um brinquedo ou uma fantasia. A raça dos gênios era rara e vivia reclusa em Gehenmy, o que a transformava em lenda em quase toda parte do mundo, e pelo visto, nunca tinha existido em Aduna. Foi preciso muita explicação para convencê-los de que Nique não era milagroso, o que o fez pensar em como aquelas pessoas não sabiam disso se havia uma quantidade de gênios numa tenda bem próxima. Shenu, no entanto, não respondeu a esta pergunta, dizendo apenas que ele entenderia assim que fosse falar com os parentes.

Depois de uma refeição inesperadamente deliciosa formada por cogumelos colosso grelhados cobertos com creme de queijo de soja, outra iguaria que Dominique desconhecia até então, Shenu indicou um lugar em que o amigo podia dormir. A sentinela do vento se aninhou e dobrou uma asa sobre o rosto, a fim de evitar olhares abelhudos, e acabou adormecendo com mais facilidade do que achava possível. Despertou várias horas depois, e só então sentiu o corpo dolorido do longo voo, mas decidiu não procrastinar mais e visitar os semelhantes de uma vez.

— Só tome cuidado, pardal — disse Shenu, antes que o gênio decolasse. — Não sei se você percebeu, mas os sobreviventes estão muito, muito frágeis. E os gênios... Bom, talvez eles gostem de você, já que você é gênio também, mas eles não têm sido muito amigáveis.

Lançando um breve olhar para Fériik, que tinha uma expressão deslocada, Nique assentiu, e torceu para encontrar alguém entre os da sua raça que não estivesse tão fora da realidade como o irmão de seu amigo parecia estar.

* * *

Todos os olhares voltaram-se para o gênio sentinela quando ele passou pela entrada da tenda, e Dominique percebeu imediatamente que não seria fácil. Não havia muitos ali, mas eram muitos mais do que Nique jamais sonhou que existissem, e seu coração deu saltos impossíveis ao vislumbrar as silhuetas aladas de outros como ele, tantos membros de sua família.

A tenda estava às escuras, e a sentinela fez uma magia simples de ponto de luz para trazer um pouco de claridade para o ambiente, e assim que o facho brilhante clareou os duzentos indivíduos no interior, um murmurinho de protesto soou entre eles.

— Apague! Apague! Apague o fogo!

— Eu não... Me desculpem — disse Dominique, apressando-se em diminuir a luz ao mínimo possível.

O jovem caminhou entre os gênios, e o peso das torturas pelas quais eles deviam ter passado tornou-se tangível. Havia redes e camas armadas, mas a maioria das pessoas estava enroscada nalgum canto do chão, fechados dentro de suas asas, como se estas fossem escudos. Havia tonéis de água e baús com comida fresca, mas ninguém tocava neles. Em poucos instantes a maioria perdeu o interesse em Dominique, e o lugar caiu num silêncio profundo e pesado.

No entanto, um par de olhos permaneceu fixo no rapaz, e a sentinela, engolindo em seco, seguiu até ele. Era um homem mais velho e forte, de pele caramelo, como a da sentinela, e cabelos pretos e crespos em tranças e gomos duros. Suas asas eram cinzentas e falhadas, com várias penas faltando. Ele entortou a cabeça para um lado quando Dominique se aproximou, deixando ver, à fraca luz claridade que entrava pelas frestas, grandes marcas pretas formando padrões como garras no rosto do homem. O gênio se desesperou.

— Marcas de maldição — sussurrou a sentinela.

O homem entortou os lábios num esgar sem alegria.

— Não. São tatuagens. Marcas da nossa grei — respondeu com uma voz grave e poderosa. A sentinela correu os olhos pelos gênios ao redor, e viu que todos, homens, mulheres ou crianças, tinham marcas no rosto semelhantes às daquele homem.

— Todos temos, mas você não tem. O que quer dizer que é uma das crianças que não foi trazida pra cá, e que sobreviveu ao ataque. Quem é você?

O rapaz hesitou antes de responder, sem conseguir falar por um momento. A expressão “uma das crianças” ficou em sua mente. Havia então mais gênios livres além dele? Ártemis dissera que sim, mas Nique nunca conhecera outro. Afastou o pensamento e disse o próprio nome.

— Ah. Dominique. *Dhonmen Iqui*, Escudo de Dhonmen, filho de *Dhonmen Adge*, Espada de Dhonmen. Sua família costumava ser importante. Mas sua mãe morreu e seu pai... Bom, seu pai não está exatamente neste mundo. É aquele ali — o homem apontou.

Os olhos do rapaz se moveram muito lentamente na direção apontada por aquele gênio frio, cuja voz não tinha emoção. Alguns dos que o rodearam acompanharam o movimento, mas a maioria tinha se voltado para um canto e fugia da luz como se fossem morcegos. Na quina apontada pelo estranho havia um velho gênio de penas brancas reviradas de forma dolorosa. Ele abraçava as pernas e, quando Dominique se aproximou e tocou seu ombro, estremeceu e enterrou-se mais ainda em seu próprio abraço.

— Não vai conseguir nada dele, moleque — disse o estranho. — Nem da maioria de nós.

— Você me parece muito bem. Por que não está como eles? — perguntou a sentinela, desconfiada.

— Porque sou um dos fortes. E os fortes mantêm o controle. Sou Zizalétch, Mão de Zizaram. Líder. Imagino que tenha muitas perguntas, Escudo de Dhonmen. Venha, sente-se ao meu lado, porque eu também tenho muitas perguntas.

Nique estava achando aquilo tudo muito irreal, mas, pensando bem, toda sua vida de sentinela vinha sendo uma sequência de acontecimentos surreais. Aproximou-se do líder do clã sentindo a boca secar. Por toda sua vida tinha se perguntado de onde vinha; se alguma vez pertencera realmente à grei dos gênios de Gehenmy, que o mundo julgava estar extinta; quem eram seus pais verdadeiros; se teria irmãos ou irmãs; como seria viver entre pessoas que tivessem asas como as dele. Ultimamente vinha se perguntando como seria morar com um monte de gente que também podia realizar desejos. No entanto, ao se aproximar daquele homem que

era o chefe de seu povo, sentiu todas as perguntas se esvaírem, como se não tivessem importância nenhuma.

— Não sei em que eu poderei ajudar, senhor — começou a sentinela —, porque todas as respostas que tenho são as mesmas que meu amigo Shenu com certeza lhe deu.

— *Seu amigo Shenu?* — Zizalétch ficou consternado. — Eu não falo com “seu amigo Shenu”, nenhum de nós fala com “seu amigo Shenu”!

— Quer dizer... Shenu não esteve aqui? Não explicou nada a vocês? — indagou Dominique confuso, pois imaginou que tivesse sido a primeira coisa que o amigo teria feito.

— Um gênio dos ventos não conversa com os comuns, Dominique, filho de Domenadge! Um gênio só fala com outro gênio! — Algumas cabeças atrás do líder acenaram em concordância, e Nique entendeu que os gênios estavam mais interessados do que ele julgava por suas aparências frágeis. — Nós temos nosso orgulho.

— Nós temos nosso orgulho, temos nosso orgulho — cochicharam alguns, fazendo a sentinela se arrepiar.

— Então... Vocês não sabem de nada? O que fariam se eu não aparecesse aqui, se não houvesse nenhum outro gênio lá fora para contar para vocês tudo o que se passou?

— Um gênio descobre as coisas por si mesmo — respondeu o homem. — Você tinha uns poucos anos quando a grei foi enlaçada, mas com essa idade já tinha aprendido o orgulho gênio. O que aconteceu? Esqueceu-se de nosso principal ensinamento?

— Bati a cabeça naquele dia — disse Dominique. Não ia revelar que, na verdade, sua mestra tinha apagado acidentalmente mais memórias do que deveria com um feitiço potente demais. — Perdi as lembranças. Não me lembro de nada além do meu nome.

— Hm... — fez Zizalétch num forçado tom dramático. — E quem te ensinou a voar?

— Ártemis Caçadora, minha mestra. A mulher que me criou.

O líder franziu o nariz como se, de repente, um cheiro muito ruim tivesse chegado às suas narinas.

— Muito bem Dominique Escudo de Dhonmen, você tem perguntas e eu tenho respostas. Você passou muito tempo lá fora, mas pertence a este clã, e é um gênio do Senhor Zizaram, Senhor dos Ventos. É hora de tomar uma decisão nessa sua vidinha: eu vou lhe dar as respostas que quiser se você passar a ser parte da grei. Receberá nossa marca, como todos, e fará a promessa do orgulho gênio. Tudo o que você quiser saber, nós lhe diremos. Em troca, nunca mais falará com comuns. Poderá conversar com os gênios da grei das brisas de Gehenmy, se ainda viverem nas montanhas, é claro, formavam uma família pequena. Mas nunca mais entrará em contato com essa súcia que habita o resto do mundo.

— E se eu quebrar esta promessa?

— Então estará banido do clã para sempre. Nunca mais poderá nos ver ou entrar em contato conosco, porque não seremos mais sua família. Mas você não gostaria disso, não é mesmo?

— É claro que não.

— Então, fará a promessa.

— Eu farei a promessa. Agora mesmo, se quiser.

E assim Dominique fez. Jurou pertencer à grei dos gênios dos ventos, que preservava sua soberania sobre outros povos mantendo-se distante da corja dos ordinários e prometendo ter muitos descendentes gênios para perpetuarem a nobre raça dos filhos do Senhor Zizaram. Nique suave enquanto repetia a jura, temendo ser desmascarado a qualquer momento, pois não era um ator tão bom quanto Shenu.

Cada palavra que repetia lhe causava nojo. Obviamente, Dominique não cogitava levar o juramento a sério para o resto de sua vida, mas precisava das respostas que Zizalétch pudesse lhe dar, assim como achava necessário dar algumas explicações àquelas pessoas arrogantes, para que entendessem, quem sabe, que as tais pessoas ordinárias os tinham livrado de uma eternidade de servidão. Depois disso, o rapaz seguiria seu caminho, e nunca mais falaria com os parentes outra vez, mesmo que seu verdadeiro pai estivesse entre eles.

Afinal, não fora até ali à procura de uma família. Isso ele já tinha.

O APELO DA SENHORA DAS AREIAS

A barcão não tinha permitido que todos os aliantes voltassem para suas casas, mas aprovou o envio de alguns junto com membros menores da Aliança, para que fizessem a averiguação sugerida pelas sentinelas. Sete dias haviam se passado desde a partida dos missionários e as sentinelas receberam o primeiro arauto, uma jovem chamada Lingja, que tinha assumido o lugar de Alibeth, promovida a Passadante. A mensagem dela não tinha relação com o ataque de marrotes, mas com a investigação sobre Pablo, e o general se irritou, porque aqueles nobres imbecis estavam dando atenção a burocracias sem sentido ao invés de se concentrarem em coisas realmente importantes — assim ele desabafou, aos berros, com a mocinha, e Diana teve que interferir e pedir que o marido deixasse que ela recebesse o conteúdo do envio. A mensagem dizia que estava nomeado o Comitê Inquisidor designado para investigar e julgar as atitudes do general Pablo e seu relacionamento com a sentinela Diana, e que estavam iniciados os trabalhos de levantamento documental para tanto. A informação também dizia que logo uma pequena comitiva de inquisidores aportaria em Agerta para vasculhar os documentos da fortaleza.

O contato dos íterin'z através dos espelhos aconteceu três dias mais tarde e veio de Endris, íterin de Zebelim. Ela agora estava em Bellos, mas mesmo sem os bondes da capital para aquela cidade, Pablo não conseguia ver como a mulher poderia ter chegado ali tão rápido, se apenas um dia antes disse estar na capital Dagsháq. A cavalo, seriam pelo menos dois dias de viagem.

O general procurou se concentrar nas informações que ela e os outros membros passaram a transmitir, e deixou que Diana tentasse descobrir que modo secreto os nobres usavam para viajar. Até agora, porém, a sentinela não tinha chegado a lugar nenhum, e suas espionagens só descobriram que os tesoureiros Lavoér e Sália estavam empolgados com o estratagema de Pablo para redistribuir o ouro de

Octoforte e corriam feito loucos para dar cabo da tarefa antes de a Aliança mandar outros inspetores.

As informações de Endris, porém, eram preocupantes. O Imperador Ivelór requisitava soldados da fortaleza para auxiliarem na investigação contra a sombra alada, que assassinara todos os relojoeiros-mestres de Zebelim, além de vários aprendizes e muitos relojoeiros menores. Havia um perigoso rumor de que o fim dos tempos estava próximo, pois uma profecia dizia que ele viria quando todos os relógios do mundo parassem, acontecimento improvável que parecia cada vez mais possível. Pablo designou seis soldados de destaque intelectual para a tarefa, e prometeu que estariam em Ylhuah dentro do tempo normal de viagem. Os zebelinos, porém, não indicaram nenhum caminho mais fácil ou rápido que os soldados pudessem usar.

O presidente de Ylhuah, Gervóndt, estava feliz porque os ataques de marrotes estavam acontecendo longe de suas cidades, mas temia os ramaddron'z, que vinham ateando fogo a pequenas vilas de camponeses nas áreas rurais. Minje se tornara o contato de Algavar, e através do espelho, ele descrevia as mensagens que recebera dos quatro cantos do reino, que detalhavam destruição desde o Cabo Turvelineo até as Montanhas Másser, no extremo norte do reino. No entanto, os marrotes tinham desaparecido há alguns dias, e ninguém sabia onde tinham ido parar.

Silderéver começou a mandar relatos algum tempo mais tarde, mas através de Irvana, secretária de assinatura de Gehenmy. Os dois ainda estavam em marcha para Gehenmy em um comboio composto por uma carruagem e alguns cavaleiros de guarda, mas tinham pressa, pois receberam uma convocação oficial do Império exigindo seu regresso para auxiliarem em questões emergenciais. Isso deixou claro que, fosse qual fosse o método usado pelos aliados para viagens rápidas, ele não era flexível e não alcançava todas as partes do Meio do Mundo, ou Irvana e Silderéver já estariam diante do trono de seu governante.

Pelo que a mulher soubera, a situação do Império era caótica: para além dos ataques da horda de marrotes e seu comandante nefasto, Gehenmy estava dividido. Irvana falava pela parte do Império que mantinha o nome e era governada por Agamenon, um homem instável, tido por muitos como assassino. Pelo modo como ela falava, no entanto, Irvana tinha verdadeira paixão pelo déspota, e desprezava o novo reino Zavót, de Zoraya, a herdeira do trono por direito. E, além da dificuldade com a reorganização burocrática do governo, algo marchava na direção da gema do Império, uma massa lenta e silenciosa de indivíduos que os batedores de

Agamenon não foram capazes de identificar por causa da dificuldade de enxergá-los, tanto por não carregarem qualquer tipo de bandeira, tocha ou fonte de luz para seu próprio uso, quanto porque as luas estavam obscurecidas.

Dos outros lugares ainda não tinham notícias, apesar de um mensário recente indicar muitos pontos de caos no Meio do Mundo pela parada dos relógios. Dos relojoeiros que não tinham sido mortos poucos permaneciam nos cargos, a maioria se escondera e abandonara o trabalho. O Educandário Cerúleo, dedicado à formação de novos relojoeiros e astrolunólogo, onde Dominique e Jadhe estudaram, tinha fechado as portas sem previsão de ser reaberto. Enquanto o panorama não ficava claro o suficiente, a Aliança concordou com Pablo e Octoforte não enviou mais homens para lugar nenhum, afinal, era preciso saber exatamente para onde ir para não perder recursos mandando um grupo para o lugar errado.

Pablo estava prestes a se retirar para dormir, deixando Evondér a cargo da fortaleza e das comunicações, quando ouviu o sinete de chamado para as sentinelas, e debruçou-se na amurada da Torre da Terra, onde ficava a maior parte do tempo ultimamente por causa da central de recepção de Diana. Ao longe, pela cor das roupas e porte físico, identificou o subgeneral Evondér, Márcio, um par de soldados da fortaleza, e duas pessoas que ele não conhecia. Suspirou e desceu as escadas.

* * *

Quinze minutos mais tarde, as sentinelas Márcio, Yoná, Jadhe, Pablo e Diana, mais Lavoér, Sália, Evondér e os dois soldados, estavam em frente ao pedestal do sinete do Portal de Bhardo, e encaravam um casal de estranhos. Era uma mulher alta, de pele da cor da areia e cabelos castanhos e grossos presos em largas tranças compridas. Vestia-se com uma blusa justa e um par de calças folgadas, e um grande xale da cor da terra protegia os ombros nus, mas não disfarçava as curvas generosas dos seios e dos quadris. A beleza exótica e a postura altiva lhe conferiam uma nobreza natural, algo que Márcio só tinha reparado em Jadhe até então, e ele não pode deixar de pensar que ela parecia a materialização de um delírio, com suas sobrancelhas desenhadas com tamanha perfeição que pareciam molduras para os olhos verdes, e, embora as sentinelas não a conhecessem, perceberam, pela quantidade de esmeraldas no colar de ouro em seu pescoço e nas pulseiras que adornavam ambos os braços, e pela postura protetora do homem que a acompanhava, que devia ser alguém importante.

No entanto, ela estava ferida. Assim como o homem negro e forte, tinha dezenas de cortes pequenos e grandes espalhados pelo corpo.

— *Manhadrétsh Shiali, Xátra manhadrétsh*^[14]! — exclamou o homem, batendo uma comprida lança contra o escudo da armadura de seu braço, única parte restante da veste protetiva. Os estranhos fizeram um instante de silêncio, como se esperassem alguma resposta específica, e quando as sentinelas não se pronunciaram ele se agitou nervoso e ergueu a lança em ameaça. Surpresos, os jovens recuaram, mas a mulher ergueu a mão num sinal para parar.

— *Alenash Egór. Damerash nirash rivily enobaram* — ela disse, sem desviar os olhos das sentinelas. Pablo deu um passo à frente e a mulher se voltou para ele. — Meu nome é Shiali. Sou a Xátra de meu povo.

— Xátra? — perguntou Pablo vacilante, mas Yoná se adiantou.

— A líder dos flachinte'z! O povo das areias! — Dando um passo à frente, baixou a cabeça e levantou a mão direita sobre ela, mostrando três dedos, e repetiu aquela palavra estranha que o soldado havia dito: — *manhadrétsh Xátra!*

— *Tanáyrhêm, mararáss?* Fala a minha língua?

— Apenas estas poucas palavras — explicou Yoná, parecendo maravilhada com a presença da mulher. — Mas admiro seu povo. Aqueles que construíram um reino de prosperidade nas areias de Chivin e são abençoados com a proteção da Senhora Inish.

— Imagino que o motivo da visita seja ver com seus próprios olhos a grande Fortaleza Dourada que sua Senhora ajudou a construir — indagou Jadhe.

— Não posso negar que sonhei em caminhar entre os muros do Dilahratorn desde que ouvi falar dele, o que aconteceu só umas poucas semanas atrás, mas não é o que me traz aqui. Venho numa hora de grande escuridão em busca da única esperança que nos resta. Venho em busca das sentinelas e de seus poderosos tesouros mágicos.

Márcio sentiu um calafrio e o toque mental de Jadhe o alcançou de repente, unindo-os num pensamento único. A simples menção das joias atribulou os pensamentos dos cinco, que, involuntariamente, desviaram seus olhos para o

Torreão, para seu cárcere. Elas estavam lá, e a sedução mágica delas estendia seus braços tentadores.

— Diz que vem numa hora de escuridão — Diana falou, quebrando o magnetismo místico dos Tesouros. — Acaso isso tem relação com a horda de marrotes que vem atacando as terras de Algavar?

— Horda de marrotes?

— Besouros do deserto — explicou Yoná, pois o termo “marrote” não era conhecido em todo lugar.

Shiali franziu o cenho e trocou algumas palavras em sua própria língua com seu acompanhante. Ele respondeu alguma coisa, parecendo intrigado. — Besouros do deserto são histórias para assustar crianças — disse ela.

— Tem muitos monstros saindo das histórias e assustando mais do que crianças ultimamente — comentou Evondér num tom sóbrio.

A expressão da Xátra era de uma concordância preocupada.

— Não sei nada sobre marrotes — disse ela. — Mas vim falar de outros monstros.

Pablo não sabia se Jadhe fazia isso conscientemente, ou se já nem se dava conta de que estava entrando na mente das outras pessoas, mas seu pensamento foi invadido por um vislumbre de uma cena de batalha que ele não tinha presenciado. Viu homens de diversas etnias lutando lado a lado, e viu que os inimigos eram indivíduos que não estavam mais vivos. A cena foi rápida, mas suficiente para o general entender o quão grande era o problema que aquela mulher tinha em mãos.

Olhou ao redor. Curiosos já vinham se aglomerando em volta, todos querendo dar uma boa olhada nos recém-chegados de aparência tão peculiar.

— Vamos conversar num lugar reservado — disse ele. Então acenou para os soldados mais próximos, dois novatos que treinavam no grupo de mágicos de Diana, e fez um esforço para chamá-los pelos nomes: — Bártej, peça a uma camareira que sirva chá de lavanda na sala de estratégia. Semaran, ordene acomodações para nossos visitantes, eles precisarão de descanso depois da longa viagem que fizeram. Por favor, senhora, senhor, me acompanhem. Sentinelas, Evondér, venham também.

Shiali acenou brevemente em concordância, seus olhos fitando a cúpula do Torreão, e Pablo a conduziu através de Octoforte, passando pelos seiscentos soldados e outros cento e oitenta empregados que agora povoavam a fortaleza. No caminho até a sala, Pablo ainda pediu que outro soldado convocasse um curandeiro para se apresentar na sala de estratégia para fazer curativos e medicar Shiali e seu acompanhante, pois as bandagens que os dois usavam estavam gastas e sujas.

A mulher fitou o cume da grande abóboda de vidro incessantemente, no que era acompanhada por seu escudeiro. Ao chegarem à sala de estratégias, no entanto, ambos se sentaram nas poltronas macias oferecidas por Pablo e desabaram, a pose régia da mulher desapareceu, e as sentinelas viram o quanto a dupla estava cansada. Aguardaram a chegada da camareira e suas ajudantes com uma bandeja com xícaras de bronze, uma cesta de pães, outra de frutas e um bule, e só quando as mulheres deixaram a sala começaram a conversar.

— Imagino que este não seja o desjejum real com o qual Vossa Majestade está acostumada, mas deve nos desculpar, não estávamos esperando visitas tão ilustres — disse Márcio, pois Shiali não se servira de nada.

Shiali deu uma breve olhada na xícara, mas apenas suspirou. Seu escudeiro endireitou a postura ao lado dela.

— Não deve me chamar de Majestade, senhor. Me chame pelo nome que tenho ou por Xátra. Como posso chamá-los?

— Perdoe-me — Pablo pediu, percebendo que não tinha se apresentado. Em seguida, introduziu cada um dos presentes. — Estas são as sentinelas de Octoforte, Márcio Adenetti, Yoná Sanai, Jadhe de Crimehuór, Diana Adenetti, e este é o subgeneral Evondér. E eu sou o general Pablo Adenetti.

Os olhos de Shiali faiscaram levemente, mas se Pablo esperava que Jadhe captasse algum pensamento que explicasse aquilo, se enganou. Desde que entraram na sala, a corrente que unia os pensamentos das sentinelas tinha sido rompida, e o olhar da garota estava distante outra vez. A Xátra bebeu um pouco do chá.

— Adenetti. *Aden Yenetti*, imagino. Orvalho da Horta.

Márcio e Pablo trocaram um breve olhar, nenhum dos dois sabia a origem de seu nome de família.

— General, sentinelas, devem saber que meu povo não participa da Aliança Maior e nem pretende aderir a ela. Eu jamais estaria aqui, clamando por ajuda, se a situação não fosse tão urgente.

— Os Xátras de meu povo são ungidos por óleo de lírios-do-deserto na testa e nos pés. O extrato desta flor tão rara deve manter a mente aberta e limpa para que a Xátra possa enxergar as decisões corretas, e manter nossos pés no caminho abençoado por Inish.

— Poucas vezes a Senhora em pessoa apareceu para alguém. Quase sempre, Inish surgiu para Xátras ou para solitários que precisavam de orientação. Só houve uma ocasião em que a Senhora veio diante do povo todo, justamente para orientar sobre a necessidade do exílio de um Xátra que agia contra o bem comum. Não há uma única ocasião na história em que alguém tenha visto a Senhora mais de uma vez na vida.

— No entanto, somente neste último ano a Senhora apareceu para mim e para meu povo três vezes. Da primeira vez ela se mostrou apenas para mim, e me orientou para que guiasse o povo a uma guerra que não era nossa. Ela disse que o inimigo se ergueria, e que deveríamos estar preparados. Não entendemos o porquê precisaríamos nos envolver, mas não questionamos a decisão da Senhora. Marchamos para o meio da guerra entre Zefim e Yatzarem.

— Da segunda vez que Inish surgiu estávamos no caminho que ela indicou, e Ela nos alertou para que ficássemos atentos. O mundo haveria de mudar, e Ela seria a ordenadora. Esperamos, e o mundo tremeu, e o deserto mudou de rosto. Existem torres de pedra que tocam o céu agora, e elas não estavam lá dois meses atrás. Caminhamos entre elas até o Sul, e chegamos à batalha. Encontramos uma devastação tal que nenhuma guerra de homens poderia criar.

“*Uldomaratha*”, Márcio ouviu a voz de Jadhe, e relances daquela catástrofe submarina vieram à tona na memória do rapaz. Involuntariamente ele levou a mão ao pescoço, a lembrança do afogamento apertando a garganta.

— Então entendi que a Senhora jamais quis que nos envolvêssemos na guerra de outros povos. Ela nunca disse que precisávamos tomar partido, porque, na verdade, o que ela queria era que estivéssemos lá por eles, para ajudar os sobreviventes da transformação Dela.

— Acreditei de coração que fosse o fim. Quando os dragões lendários anunciaram a aniquilação de um lugar amaldiçoado além do deserto e do mar, meu povo celebrou, e vivemos dias de alegria.

— Nunca houve paz no campo de sobreviventes. Desde que os acampamentos começaram a ser montados, nós, flachinte'z, percebemos uma presença homicida, uma sombra que passava entre os homens e trazia morte e doença. Ouvimos falar de um monstro assassino, um homem de armadura lustrosa que matava pessoas, se banhava em sangue, e se regozijava com isso. E sofremos, porque vimos pessoas se esvaírem a olhos vistos. E tivemos peste, e tivemos fome. E sabíamos que algo estava errado, mas não podíamos fazer nada, porque a sombra não tinha forma, e não sabíamos o que estávamos vendo.

— Quando o Secular caiu tivemos paz por alguns dias, e pensamos que a presença maligna tinha sido uma magia escura do rei da terra Além-Mar. Se tivesse sido assim, a morte dele teria colocado fim no sofrimento, e deixado apenas as mazelas normais que as catástrofes trazem, e que não são poucas. Já seria o bastante para nos ocuparmos.

— Mas novos ventos surgiram, e eles trouxeram peste. Uma escuridão que veio do deserto e engoliu as estrelas e a lua verde. Tinha cheiro da podridão e deixou os homens apavorados. Foi suficiente para fazer o caos voltar aos acampamentos. Homens são criaturas frágeis de espírito: quando suas almas ficam atribuladas, eles tendem a perder o juízo e atacar uns aos outros. É por isso que existem líderes, e para uma multidão tão grande, foi necessário unir os três que tínhamos: eu, Dágaro Yatarram e Zéfira Calla, para manter as pessoas controladas.

— O Yatarram e a Zéfira estão trabalhando *juntos*? — Márcio se surpreendeu.

— Os dois exércitos se tornaram vítimas da onda. Os reis fizeram uma trégua tênue para lidar com os sobreviventes; no entanto, diante do novo inimigo, eles têm trabalhado como aliados. Um novo mal, uma nova escuridão, que não podemos combater sozinhos. O que os ventos trouxeram, desta vez, foi algo muito mais destrutivo. Um exército de não-vivos.

— Malditos? — Evondér, que não tinha recebido as imagens de Jadhe, indagou assustado.

Sem surpresa, as sentinelas assentiram.

— Milhares deles, enchendo a noite com o chiado do terror. São muitos para que possamos enfrentar, e eu temi pela gente que me acompanhava, temi pelos sobreviventes da grande onda, e temi pelo meu povo nas cidades do deserto, pois não sei o que é feito deles. Vieram os malditos como um enxame e, governando eles, veio um homem que campeia um monstro de fumaça.

As sentinelas se entreolharam, mas Jadhe perdeu-se novamente em si mesma com o olhar desfocado, e não percebeu quando Pablo fez um gesto tentando comunicar a ela que buscasse a imagem do indivíduo na mente de Shiali.

— Este homem, acaso é branco e baixo? Um ser mirrado com aparência doente?

— Márcio questionou, também percebendo a distância de Jadhe.

— Não. É um negro calvo e muito alto, e sua montaria é uma aberração em forma de leoa.

— Negro calvo... — Yoná mexeu nos cabelos. — Outro dos generais de Zebarã.

— Tem certeza? — Pablo perguntou, e Diana assentiu junto com a amiga.

— Vimos quando eles saíram do palácio atrás dos dragões — a loira falou.

— Então podemos supor que todos os que saíram do palácio estão vivos, já que dois deram as caras — Márcio indagou.

— Não sei, nós vimos quando aquela Alhena desapareceu bem na nossa frente — disse Yoná, e Diana assentiu em concordância.

— Mas alguns deles retornaram, e estão atacando terras a esmo — Evondér arriscou timidamente.

— A esmo não — disse Jadhe, fazendo os outros se voltarem para ela. A moça estava tão apática que Pablo se surpreendeu que tivesse ouvido as últimas falas. — Estão atacando lugares com pessoas. Com muitas pessoas.

— O bruxo do ácido e dos marrotes não atacou pessoas — contestou Márcio. — Atacou os arredores e deixou as pessoas vivas.

— Ele cercou as cidades. Isolou-as, destruiu plantações e envenenou veios d'água.

— E qual o sentido disso? — Diana questionou. — Para que essa destruição?

Ainda com olhar perdido, Jadhe respondeu:

— Porque, como Xátra Shiali falou, “homens são criaturas frágeis de espírito: quando suas almas ficam atribuladas, eles tendem a perder o juízo e atacar uns aos outros”.

Um silêncio perturbador tomou conta da sala. Um minuto mais tarde dois curandeiros bateram à porta, e Pablo permitiu que os homens trocassem as bandagens dos ferimentos de Shiali e de seu acompanhante. Os dois não relutaram: um corte no braço esquerdo do homem já dava sinais de infecção, e era improvável que ele conseguisse manejar de novo a espada com destreza.

— Não temos mais a quem recorrer. É por isso que estou aqui. Para avisá-los e para pedir ajuda em nome de meu povo, porque não sabemos o que é esse mal nem o que ele pode fazer. Qualquer reino a quem pedíssemos auxílio levaria muito tempo para nos enviar alguém. Vocês são a última esperança que temos, vocês e seus tesouros mágicos.

Um arrepio percorreu as costas do general e sua visão se aguçou, como se tudo no quarto tivesse ficado repentinamente mais claro e mais colorido. A simples menção aos Tesouros fez Jadhe despertar, e seu alerta atingiu os amigos de supetão. Mas, tão rápido a sensação surgiu ela desapareceu, Jadhe voltou às suas reflexões solitárias, e as sentinelas tiveram que engolir o susto e fingir que nada tinha acontecido.

Ligeiramente tonteado, Pablo ficou na dúvida do que pensar, mas um sinete diferente começou a tocar dentro dele, um alerta incômodo que parecia vir se formando há tempos e que, de repente, começava a tomar forma. Olhou para Diana, que o encarou de volta com desânimo, alisando o volume da barriga — seu filho —, e pensou ter ideia do que se passava na mente dela.

Afinal, as sentinelas eram apenas sete, duas delas estavam fora, e o exército de Octoforte era pequeno. Qual era, na verdade, a obrigação delas para com povos distantes, que nem tinham relação com a Aliança Maior? Com Zebarân destruído, será que os reinos de Bhardo sentiam que podiam recorrer aos jovens para contornar qualquer problema? Será que estavam sendo vistos como super-heróis pelo mundo? Eles não eram nada disso, e não podiam assumir tal papel.

— Xátra Shiali — Pablo respondeu cansado, desejando que Jadhe voltasse do mundo em que ela tinha se perdido e juntasse as mentes dos cinco de novo para

que ele pudesse se apoiar nos amigos —, a fama de Octoforte está muito além das nossas capacidades. Nem Chivin, nem Yatzarem, nem Zefim fazem parte da Aliança Maior, que é nossa mantenedora. Esta fortaleza não pode se envolver em todas as contendas de Bhardo, por mais justas que sejam.

O general viu Evondér arregalar os olhos espantado, certamente pensando que as sentinelas deviam resolver todo e qualquer problema ainda que fosse na superfície de Ginhaissu; porém ele viu, também, um certo alívio nos rostos de seus amigos, especialmente no da esposa.

Shiali levantou-se com postura de rainha, trocou algumas palavras com seu escudeiro na língua dos flachinte'z, e depois disse:

— Fui alertada de que poderiam responder desta forma — disse ela. — E que, se fosse esse o caso, eu deveria lembrá-los de que uma das joias que possuem, um desses Tesouros Supremos que os ajudaram a conquistar tudo o que têm hoje, foi fruto de um roubo. Vocês o roubaram do pescoço de Zéfira Calla e, portanto, devem um favor a ela, ou serão obrigados a restituir a joia à sua real dona. Qual será sua posição, sentinelas?

Pablo sentiu um mal-estar percorrendo seu corpo. Já tinha se esquecido de que a Pedra de Mavhtus, a sua joia, tinha sido roubada da rainha. Ártemis tinha lhes dito que fora bom para a Zéfira se livrar da coisa, mas ela precisava de ajuda, e usar este fato era obviamente o melhor trunfo de que dispunha para certificar-se de receber o apoio das sentinelas.

— Por favor, mestre Evondér, queira acompanhar Xátra Shiali e seu vassalo até os aposentos dela, e providencie para que lhes preparem um banho e lhes enviem a ceia mais tarde — antes que a mulher abra a boca para questionar, Pablo completou: — preciso me reunir a sós com as sentinelas. Terá minha resposta amanhã.

— Vai me trair — disse ela. — Dirá que os acusamos de roubo injustamente.

Os jovens soltaram exclamações ofendidas, mas Pablo respondeu calmamente:

— Não faremos isso, madame Shiali, porque somos mesmo os ladrões, roubamos a Pedra de Mavhtus. Evondér não sabia desse roubo, e agora que sabe, vai me cobrar a atitude certa a ser tomada. Eu teria que desmentir você e meu subgeneral, a quem

nomeei em público e por quem declarei minha total confiança, e isso não será fácil fazer.

Shiali pareceu conformada.

— Muito bem. Vou esperar pelo próximo dia.

* * *

Assim que os flachinte'z saíram da sala e Pablo se viu sozinho com os amigos, cruzou as mãos sob o queixo, apoiou o rosto e pediu:

— Ideias? Sou todo ouvidos.

— Então é assim? Primeiro Lhênus, depois a Aliança, agora os povos de fora da Aliança. Agora toda vez que alguém precisar resolver alguma questão vai dar um jeito de nos colocar no meio? — exclamou Diana, andando nervosa de um lado para o outro, mas sentando-se rapidamente de novo, ofegante e vermelha.

— Acho que você não entendeu bem o problema, Di — disse Márcio, servindo-se de uma grande caneca de chá. — Eles estão desesperados. Vieram a nós porque derrubamos Zebarãn e também porque derrotamos um exército de malditos na batalha de Agerta. Nos pedem ajuda porque conhecem nossa fama, porque sabem que podemos derrotar aquelas coisas.

— Vieram a nós porque temos os Tesouros — Jadhe murmurou.

— Eles não são da Aliança — ponderou Diana.

— E isso nos exime da responsabilidade? — questionou Yoná. — Agerta não faz parte da Aliança também, e nós estendemos as mãos e os braços para eles.

— Agerta é diferente — Diana falou. — O território da ilha é praticamente uma extensão de Cermalháct. Todos os moradores têm ou tiveram algum parentesco com soldados daqui. Além disso, eles enfrentaram o exército de Zebarãn junto conosco.

Pablo agitou a cabeça, levantou-se e respirou fundo antes de dizer:

— Mas Yoná tem razão. Vieram aqui em busca de nossa ajuda, não podemos simplesmente ignorar isso. Estão enfrentando um inimigo misterioso que tem uma

grande semelhança com o outro feiticeiro que atacou a equipe de vocês — apontou Márcio e Yoná com o queixo. — E eles têm razão: nós devemos um favor a eles. Roubamos a Pedra de Mavhtus. Se nossas intenções foram boas ou não, se fizemos melhor uso da joia do que a rainha, se ela está usando o fato para nos manipular, isso não importa. Mais do que a nossa honra, o boato de que uma das joias não é nossa por direito pode aumentar a cobiça em torno dela e das outras, e não precisamos de mais atenção do que já temos. Quem sabe, a Aliança maior pode usar isso como mais um argumento neste inquérito contra mim.

— Quem sabe o que a magia de atração daquelas coisas pode fazer com pessoas como essa Shiali — Márcio comentou. — Deu pra notar como ela estava sendo guiada para o Torreão, olhando pra lá o tempo todo.

— Tesouros incalculáveis...

— O que?

Apoiada na janela, Jadhe tinha o olhar perdido e mal parecia consciente dos amigos na sala com ela.

— De valor inestimável — ela murmurou outra vez.

Pablo a chamou: — Jadhe, você está prestando atenção? Onde está com a cabeça?

A garota voltou-se para o grupo com uma expressão distante e os olhos embaçados, sem fixá-los em ninguém. Era como se estivesse em outra sintonia, o que deixou os amigos inquietos.

— É possível que a influência das joias seja tão grande assim? — perguntou Diana, falando de Shiali, mas sem tirar os olhos de Jadhe.

— Elas continuam sendo o que são — disse Yoná. — Nós é que nos acostumamos demais com a magia delas.

Pelo modo sinistro como a sentinela da água olhava para o vazio agora, pelo modo irritadiço como os amigos vinham se portando desde que trancaram os Objetos no baú, pelos ataques de terror noturno que acometiam todos eles, Pablo perguntou-se se estariam tão acostumados assim com seus poderes.

— Muito bem, vou organizar uma missão.

— Sou voluntária — disse Yoná. — Estudei sobre o povo das areias no Educandário, e gostaria de aprender algumas palavras da língua deles.

Pablo andou pela sala pensativo por um momento, depois anunciou:

— Certo, mas preciso de Márcio também. O local que Shiali descreveu é imenso, e precisaremos de homens e bruxos. Vou pessoalmente para lá, junto com o pelotão do trovão e metade dos Águias. Minha intenção não é entrar em conflito direto com os malditos, mas criar uma barreira mágica para proteger as pessoas, algo que impeça o avanço das criaturas, mas não bloqueie nossos ataques. Enquanto isso, Evondér vai ficar no comando — disse o general, não sem um certo pesar.

— Por que você vai pessoalmente? — questionou Diana quase imediatamente.

— A Pedra de Mavhtus é minha, Di. Se vou ter que lidar com os reis, principalmente com a rainha de quem a roubamos, não posso deixar que outra pessoa assuma essa responsabilidade — depois, vendo a angústia da mulher, completou, com um toque afetuoso em seus ombros. — Eu vou voltar antes do nascimento do nosso filho. Quero ter certeza de que o mundo estará seguro para ele quando estiver aqui fora.

— Você vai pra guerra contra malditos e um bruxo que nem sabemos quem é. Quem me garante que vai voltar?

— Nós voltamos de um lugar do qual só uma pessoa tinha saído em oitocentos anos — Pablo sorriu levemente. — Eu vou voltar, e vou voltar inteiro. Não vai se ver livre de mim tão cedo.

E abraçou a mulher, enquanto pensava que, acontecesse o que acontecesse, ele iria cumprir aquela promessa. Mesmo que tivesse que abandonar tudo no meio do caminho.

* * *

— Em nome do povo das areias e da Senhora Inish, eu agradeço — Shiali baixou a cabeça, fazendo as muitas pulseiras e joias que usava tilintarem. — Quando partimos?

— Dentro de três dias — disse Márcio. As sentinelas tinham passado uma noite (clara como o dia) tensa, e agora, junto com Evondér, se reuniam com a Xátra e seu acompanhante para anunciar a decisão. Evondér exultava de orgulho por ter sido

informado de que ficaria a cargo de Octoforte na ausência do general. — Nossos homens já foram convocados, mas precisamos arrumar algumas coisas e a fragata que pode levar todo mundo está no Continente, e só retornará nesse prazo. Até lá, teremos tudo preparado.

— Nosso maior problema será com o tempo que levaremos para chegar até o local — disse Pablo. — Algumas linhas de bonde estão de volta nos lugares, mas é impossível mover nossa tropa neles, são muitas pessoas. Vamos demorar bastante para alcançar Yatzarem...

Shiali e seu escudeiro trocaram algumas frases apressadas. No fim, o homem assentiu, como se autorizando Shiali a dizer alguma coisa, fazendo Pablo se perguntar se ele era realmente um escudeiro da Xátra ou se tinha alguma outra função.

— A viagem será mais rápida do que pensam, sentinelas, pois vocês e seus soldados usarão um caminho que não é conhecido por muitos, um que me foi apresentado apenas alguns dias atrás, e que torna as distâncias mais curtas. Vocês usarão os Trilhos Interiores — a mulher falou num tom misterioso.

— E que caminho é esse? — perguntou Yoná, mas Shiali respondeu evasiva:

— O mesmo que a Aliança usa para chegar aqui rápido, o mesmo que os reis do passado utilizaram e de que os líderes de hoje ainda se valem. Mas não poderemos contar com cavalos ou grandes fardos, os homens devem levar apenas aquilo que puderem carregar. Vocês verão porquê quando chegarmos ao Continente Maior.

As sentinelas se entreolharam. Esperavam há tempos descobrir como a Aliança viajava tão rápido, mas não deixaram de ficar apreensivos. E, quando Pablo pensou que tudo estava resolvido e que as próximas horas seriam apenas de preparativos, Shiali conversou com o grande homem que a acompanhava, e inquiriu: — Sentinelas, quando nos mostrarão os Objetos Supremos? Eles serão imprescindíveis para a batalha, mas gostaríamos de vê-los pessoalmente antes.

Um segundo de silêncio enregelante. A telepatia de Jadhe invadiu as mentes dos jovens com tanta força que Márcio se desequilibrou, e tudo pareceu ficar um tantinho mais escuro. Todos sentiram medo da cobiça de Shiali, um desejo que dominava o coração daquela estranha, líder de um povo desconhecido, de forma avassaladora, os fazendo pensar em todas as possíveis consequências caso a Xátra enlouquecesse e decidisse lutar pelos Tesouros. Eles eram cinco e tinham confiança

que a venceriam e ao escudeiro sem problemas, mas e depois? Se a ferissem, se a matassem, teriam todo o povo das areias contra eles. E, se não acontecesse, se apenas os expulsassem dali, era possível que Shiali voltasse com um exército, coisa que várias outras nações poderiam fazer, principalmente as da Aliança Maior. Coisa que os soldados e os agertos também poderiam tentar.

Jadhe, movendo-se como um tigre, congelou os olhos lilases nos da mulher e respondeu com uma clareza que assombrou os amigos:

— Não. Nós os trouxemos de volta, mas não os levaremos. Infelizmente, nós os esgotamos. Usamos toda a magia que havia neles para derrotar o rei Zebarân, e não sobrou nada. Só o que resta é sua carcaça, que foi confiscada pelos aliados para averiguações. Não creio que voltarão a ficar depositadas aqui.

A tensão se dissipou um pouquinho. As vistas clarearam um tom. Shiali piscou várias vezes, atônita.

— Então não há motivos... Um punhadinho de pessoas não será capaz de suportar o grande exército de não-mortos! Não há esperança, eu não deveria ter vindo!

— Acalme seu coração, Xátra — Diana falou, e seu olhar firme um tanto brilhante demais transmitiu uma segurança inquestionável. — Você nos pediu auxílio, e se não estivéssemos em condições de ajudar, não colocaríamos nossos homens em perigo. Nosso grupo de magos é forte, e é único em Bhardo. Nossos soldados estão treinados, e temos nossa própria energia, pois sabemos usar nosso *mac*, e fomos treinados pela própria Ártemis Caçadora, que olhe por nós!

— Não precisamos das joias máximas para realizar sortilégios, pois nossa força em conjunto é capaz de proteger os que precisam — assegurou Yoná. — Confie que, se as joias não existem mais, é porque não são mais necessárias.

A Xátra suspirou, um tantinho mais aliviada, mas só um tantinho.

— É uma pena — disse Shiali, passando os olhos pelos muros dourados de Octoforte. — Eram mesmo tesouros... incalculáveis...

— Eram mesmo — Jadhe concordou, quebrando totalmente a corrente telepática e fazendo Shiali se voltar para ela. — Mas cumpriram seu papel. Venham, eu os acompanharei em um passeio pela fortaleza enquanto os homens se preparam.

E saiu guiando os visitantes, deixando os amigos pasmados enquanto caminhava à frente da dupla com os passos de predadora que Pablo só se lembrava de ter visto em Ártemis Caçadora.

— Por favor, Diana, certifique-se de que Jadhe tenha bastante serviço por aqui na minha ausência — disse o general para a esposa, com um vinco grande na testa. Depois, voltou-se para Evondér — você tem toda a autoridade para dar trabalho a ela, mas não a deixe sozinha. Tem algo muito, muito errado com nossa amiga.

— Sim senhor, vou botar um olho na fortaleza e outro na sentinela da água — disse o subgeneral.

— E eu vou colocar Ondily na cola da garota — disse Diana. — Fugir de mim ela até pode, mas não vai conseguir fugir de uma menina de cinco anos.

DESPEDIDA DE DOMINIQUE

Shenu ficou bastante irritado por Dominique se recusar a falar com ele ou com qualquer um dos membros do assentamento enquanto apanhava galões de água ou sacos de grãos para as refeições dos gênios, mas acabou entendendo os planos do amigo quando ele derrubou um copo de barro e exclamou, em alto e bom tom, que gostaria que o copo fosse de *prata*. “Prata” era a palavra que os dois costumavam usar quando queriam que Jadhe intermediasse uma conversa telepática, e Shenu entendeu que Nique precisava se comunicar daquele modo.

O andarilho não era tão talentoso quanto Jadhe e a conversa ficou falhada e foi muito dolorida, deixando os dois amigos com dores de cabeça pelo resto do dia. Porém, Shenu entendeu o plano de Nique, e não fez objeções, embora tenha ficado muito feliz ao xingar e reclamar de Dominique para Férík a cada vez que os gêmeos encontravam o colega sentinela.

Vinte dias foram gastos com ladainhas sobre tradições e costumes dos gênios, histórias que remontavam desde tempos imemoriais, as quais Dominique pouco assimilara. Algumas coisas, porém, martelaram sua cabeça como incoerências graves demais, como o fato de que boa parte da raça de gênios se concentrasse em cidades subterrâneas existentes em cavernas colossais de Gehenmy. Não importava para ele o espaço dentro da caverna: se havia um teto, então não havia liberdade, e, para ele, qualquer criatura alada tinha a obrigação de ser livre. Pensou argumentar, mas a grei se sentia muito confortável confinada naquela tenda baixa, o que para Dominique era um martírio.

Finalmente o líder entrou no assunto que o rapaz mais queria. Por uma semana a sentinela foi testada e instigada a usar seus talentos, o que ocasionou sérios acidentes. A princípio, os gênios demonstraram interesse em testemunhar o uso da *Dádiva*, como eles chamavam, mas à medida em que os riscos ficaram maiores, até os mais empolgados passaram a recear que o rapaz os colocasse em perigo. Zizalétch, por fim, contou o que sabia sobre aquilo.

Satisfeito e não conseguindo mais conter os ataques de ansiedade que lhe davam suores, lhe tiravam o ar e reviravam seu estômago a cada vez que entrava novamente na tenda dos gênios para ficar apertado com aquela quantidade de pessoas, Nique conseguiu chamar a atenção de Shenu e os dois se encontraram em particular, fora dos limites do acampamento.

— Eu não aguento mais. Chega pra mim, já ouvi o que eu tinha que ouvir, vou embora.

— É, essa gente é bem esquisita mesmo — disse Shenu.

Dominique encarou o amigo.

— Não sou eu quem vai defendê-los. Eles vivem em cavernas, por Zizaram!

Shenu sorriu.

— Olhe só, eu pedi uma coisa aos aduninos, e estará aqui em duas semanas, então fique por este tempo, e depois você vai embora.

— Uma coisa? Que coisa?

— Você verá. É interessante.

O gênio estava irrequieto, agitava as pernas e balançava os pés com frenesi.

— Ei, ei, acalme-se!

— Vão me esfolar vivo quando me virem aqui fora com você Shenu, já sou um pária!

O andarilho não estava nem minimamente preocupado.

— Sabe qual é o tamanho deste Continente Menor? Não é tão pequeno assim.

— Mas...

— Vou te pedir uma tarefa que mais ninguém pode fazer: um reconhecimento de campo. Vai levar uns papéis e uns lápis, um monte de provisões, e vai sobrevoar esta área. Faça um registro de fontes de água, da fauna que conseguir avistar, e de outros pontos geológicos. Será um mapeamento do que Zebarã manteve na

redoma dele, e do que podemos recuperar. Acha que dá pra fazer isso em quinze, dezesseis dias?

Dominique sentiu um alívio imediato, uma sensação tátil de tranquilidade. Aceitou a tarefa feliz, o que deixou Shenu calmo também: não só conseguiria um vislumbre das possibilidades que aquela terra nova ofereciam, como daria um tempo ao amigo para se recuperar do pânico claustrofóbico que o dominara naqueles dias na tenda, e não voaria sozinho feito louco mundo afora.

* * *

Por quatorze dias o gênio vagou pelo espaço de Aduna, voando e tomando nota do que via, pensando, a todo momento, que aquela era uma tarefa que agradaria a Márcio com a caderneta de notas dele. Anotou dados sobre animais, rios, nascentes, terra iniciando a brotação e manadas distantes que vinham se aproximando. Não pode contemplar todo o círculo do velho reino, a área era muito extensa, mas foi capaz de traçar um panorama amplo para os aduninos e a cidade de refugiados de Shenu.

Apenas no décimo quinto dia, já muito mais tranquilo e centrado, Nique percebeu o que Shenu tinha feito por ele ao incumbi-lo daquela missão. Seu pensamento estava mais claro, e ele agora julgava que sabia o que tinha que fazer quando retornasse a Octoforte. O único modo de manter todo mundo protegido, inclusive Jadhe, era abandoná-los e se afastar.

Não contou a Shenu sua decisão: queria se reportar a Pablo primeiro. Voltaria um dia para rever o amigo, mas só depois de encontrar um lugar onde não pudesse ferir ninguém com aquela sina.

Shenu havia lhe deixado um bilhete com o marujo Sulo, de Agerta, com um local de encontro, caso o gênio retornasse enquanto ele estava fora. Nique dirigiu-se então ao local marcado, e ao chegar lá deparou-se, além de Férik, com mais oito pessoas, oito aduninos altos, de pele e cabelos claros e emaranhados daquele jeito extravagante, vestidos com túnicas finíssimas, com cintos, braceletes, corpetes, colares, pulseiras e diademas de ouro, todos carregando casacões grossos de algodão e couro nos braços, com mochilas cheias de coisas, óculos engraçados e chapéus de couro mais curiosos ainda. Ludi, uma das organizadoras do grupo adunino, estava entre eles, e Nique notou que ela passava muito tempo fixando os olhos castanhos em Shenu.

— O que eles estão fazendo aqui? — o gênio perguntou, nervoso.

— Relaxa, amigo! Um monte de gente sabe do seu truque pra conseguir se aproximar dos gênios lá da tenda e todo mundo está feliz com as anotações que te pedi. Ninguém está preocupado.

— É, eu sempre disse que esses homens-pássaro são muito insuportáveis — disse Férík, e Shenu sorriu em concordância. Então, percebendo o estado de espírito nada elevado do amigo, falou:

— Ei! Você passou muito tempo com esses caras, mas eu tenho que te falar: seja lá o que te disseram, tente se lembrar de que eles estiveram presos aqui por vinte anos, e a perspectiva deles sobre todas as coisas não é nada otimista. Pense positivo!

— Impressionante ouvir conselhos de otimismo vindos de Shenu Argottem. Você mudou amigo!

Shenu sorriu.

— Já que você vai embora, os aduninos sugeriram que você levasse o presente deles para Octoforte.

— A coisa que você queria que eu visse?

Shenu assentiu.

— Uma mínima pequena oferenda de graças por que fizeram por a gente — disse um dos homens, sardento e de longo nariz aquilino.

— Sabemos que vocês ter problemas dificultosos para fazer o que fizeram — disse uma mulher de longos nós acobreados, como os de Ludi. — Deram para nós chave para porta da nossas casas. Deram de volta o mar.

Sem saber como responder, Dominique fez uma profunda reverência.

— Não vou embora agora, minha equipe ainda nem chegou aqui. Acredito que eles possam estar perdidos, estão cruzando o continente e não conhecem o território. Imagino que eu tenha que ir ao encontro deles...

— Só se você quiser — Shenu falou. — Um grupo de aduninos já encontrou o pessoal do navio e levaram um par de crianças que entende a língua comum e que estão... bem... menos alheios que o resto dos sobreviventes. Devem chegar aqui logo, logo.

— Como sabe que vão encontrá-los? — Dominique perguntou.

Férik bufou impaciente, e Nique não entendeu o porquê.

— Eu já disse, eu já sei, eu sempre entendi! Eles têm entendimentos comigo, falam com aparelhos comigo, com você também, mas falam comigo, e contam que estão perto, você não entende nada!

Dominique juntou as sobrancelhas, porque não entendeu nada mesmo.

— Os aduninos têm meios mecânicos de conversação. Não usam magia pra nada, mas conseguem esticar um fio pelo chão e fazer isso virar um comunicador. E o grupo que foi procurar o pessoal de Agerta está perto, daqui a uns dois dias estarão aqui. Você não precisa ficar. Se quiser ir para a fortaleza, eu recebo o pessoal sem problemas.

— Hm... Certo — falou o gênio, sem muita segurança de que deveria mesmo partir. Então falou: — Pablo quer que eu te convença a ir embora comigo — disse Nique.

Shenu sorriu.

— Eu sempre soube que ele não saberia viver sem mim — falou. — Eu vou voltar, só não vou fazer isso agora. Ainda preciso dar uma força aqui.

Dominique não insistiu. O que Shenu tinha feito ali, ainda que com ajuda, era incrível. Ele tinha recolhido e cuidado dos escravos remanescentes, tinha conseguido conversar com o povo de Aduna e, com a ajuda dele, tinha montado uma pequena cidade, e estava conseguindo manter as pessoas confortáveis, saudáveis, alimentadas e motivadas. Mais ainda: os sobreviventes o procuravam pedindo instruções, e ele tinha assumido a liderança de forma natural, sem imposição. Logo Shenu, que corria de qualquer responsabilidade, tinha se tornado um chefe.

— Direi para Pablo que você vai estar lá... em três meses, pode ser?

— Três meses é um bom intervalo — Shenu assentiu.

— Não demore mais que isso Shenu — Nique advertiu —, ou Pablo e Diana ficarão furiosos. Você tem que estar lá quando o filho deles nascer.

— Filho deles?! — o ex-andarilho se admirou. — E quando é que você ia me contar isso?

Nique fez uma careta.

— Não conversamos muito, não é mesmo?

— Foi meio difícil com você socializando com a genialidade dos gênios geniosos...

— Desculpe por isso — Nique pediu, envergonhado. — Ei, isso me lembra uma coisa! Isso é pra você — disse, entregando o espelho que Diana tinha enviado, cuja pedra era de um tom de azul pálido rajado com preto. — Toque na pedra e chame por Octoforte, uma sentinela deve receber sua mensagem. Vamos testar pra ver se funciona.

Shenu girou o espelhinho nos dedos e, desconfiado, fez o que Dominique pediu. Demorou alguns minutos, e o andarilho apertou os olhos de súbito, sinal de que sua vista tinha ficado embaçada momentaneamente, mas o reflexo de Shenu no espelho se turvou, desapareceu, e uma imagem esbranquiçada brotou nele: o rosto de Diana.

— Olá! — disse a moça do outro lado, acenando freneticamente, sua voz saindo fininha, como se viesse do fundo de um poço cuja abertura era a superfície do espelho. — Shenu, por Lhênus, como eu queria te ver! Está vivo!

Shenu riu.

— Vivo e bem. Impressionante! Quem fez isso?

— Trabalho de Diana — Nique respondeu, e a loira acenou sorridente. Estava com o rosto imensamente redondo e vermelho.

— A transmissão é só emergencial e a conexão mágica dura só alguns minutos — ela falou com urgência. — Shenu, você vai voltar?

— Dominique volta agora, Di, eu fico mais um pouco por aqui. Ainda tenho muito a fazer.

— Ou, ou, Pablo não vai gostar disso... Ele, Márcio e Yoná sairão em missão.

— Missão? — Shenu indagou.

— E Jadhe? Jadhe não vai com eles? — Dominique se intrometeu.

— Jadhe... Você vem logo, Nique? Ela está... Debilitada.

As penas das asas de Dominique eriçaram de preocupação.

— Vou partir hoje mesmo.

— Pode ser que ela ouça você...

A voz de Diana foi sumindo e a imagem desapareceu rapidamente, tornando o espelho comum outra vez. A pedra, antes rajada, estava lisa, mas pequenas ranhuras brotaram diante dos olhos dos rapazes, indicando que a magia começava a recarregar.

— Acho melhor eu me apressar — disse o gênio. — Não gostei do tom que Diana usou pra falar da missão dos nossos amigos, e menos ainda para falar de Jadhe. Vou tentar voar até o litoral e conseguir um barco para atravessar o Oceano; está cheio de navios de Darfindor e de Hadara no litoral. O mundo todo está curioso... Depois vou tentar conseguir uma condução através de Hadara, outra pelo deserto, outra no Meio do Mundo, e vou voar o tempo que puder. Daqui uns meses estou em casa. Quase compensa esperar e partir junto com o primeiro navio de Agerta, o capitão Sávio disse que pensa em voltar pra casa no início da próxima cheia da lua vermelha, apesar de que eu não sei como faremos para saber quando é se a Ramadissu não aparece mais no céu... — falou o gênio com desânimo, mas os aduninos se agitaram.

— Bom Nique, esse caminho é muito bom mesmo, me cansei só de ouvir, e, se quiser esperar, fique à vontade, apesar de que pode ser que você sofra algumas tentativas de homicídio durante o sono por causa de sua traição à grei. Mas você vai levar um presente, lembra?

— E o que...

— Alguns dos aduninos querem ir com você, imagino que entenda a curiosidade deles com o mundo lá fora. Escolheram Yuva-aya-num, Ay-kêh-yanum, Tuah-akêh-um e Maki-day-neem. Pode chama-los só pelo primeiro nome, Yuva, Ay, Tuah e Maki. Se eu tivesse que chamar Ludi toda hora de Ludi-êh-neem ia ficar doido...

— Mas, Shenu, eu...

— Daorim vai com vocês também. Ela já está grandinha, pode revezar um pouco na condução e sabe falar os dois idiomas, então vai fazer a tradução de diálogos...

— Shenu, eu não estou enten...

Férik bateu as mãos como uma criança diante de um bolo de aniversário. Os aduninos afastaram-se até dois grandes montes cobertos com tecidos grossos, que Dominique tinha pensado serem duas grandes tendas não acabadas, por causa da falta de luz. Seis puxaram os tecidos, que escorregaram pelo que havia sob eles, deixando o queixo de Dominique no chão.

— E este é o presente dos aduninos — disse Shenu, satisfeito. — Mande lembranças minhas para todos. Espero que faça uma boa viagem!

TRILHOS INTERIORES

— Traição! Vocês não têm honra? — vociferou o grande dragão vermelho.

— Ulanæ ramaddron é Ítaga! Você não é nosso imperador, Decaiko ramaddron — respondeu o líder dos dragões menores.

— Eu sou Ulon, e o serei até o dia de minha morte!

— Você já deveria estar morto! Devia estar preso e se soltou pela feitiçaria anormal daquela escória! Mas nós não nos vendemos como você, e nem permitiremos que você nos venda!

O dragão vermelho urrou e cuspiu um jato de fogo para os céus, tão intenso que, se um humano tivesse visto, teria pensado ser a explosão de um vulcão. Mas os sete vermelhos — três anciões e quatro jovens — discutiam no deserto montanhoso de Gehenmy, inacessível para as pessoas. Apenas os animais e as estrelas eram testemunhas da cisão entre dragões da mesma espécie, e a única iluminação naquela noite negra vinha das caudas flamejantes das feras escarlates.

— Tolos! O acordo que fiz garantirá a soberania de nossa casta, Garval, e a imortalidade para todos! Ítaga não tem maturidade para decidir pela família.

Os dragões jovens rosnaram. O menor deles pateou o chão.

— Obirtó — disse Decaiko raivoso. Não se conformava por não ter percebido que o jovem simulara estar morto através de magia, e queria garantir que, da próxima vez, o insolente morresse de vez.

— Você entregou sua alma a um homem — rosnou uma dragonesa de cauda de chama azulada.

O jovem dragão Garval continuou:

— Sabemos quais são as intenções daquele a quem você chama de mestre. Sabemos que ele deseja ser Senhor de Bhardo, que deseja a imortalidade e o poder. Não vamos compactuar com isso, Decaiko, e nem permitiremos que ele chegue ao trono.

— Nós nascemos antes dos Senhores do Mundo — a jovem fêmea continuou. — Temos obrigação de cuidar de Bhardo e zelar por sua segurança tanto quanto os Senhores.

— Vocês morrem! — o ancião Oléque gritou.

— Como deve ser! — Obirtó respondeu.

— Nós só devemos obrigações a Dhonmen, se um dia o Criador voltar ao Mundo. Os Senhores são nossos aliados, e não nossos mestres.

— Vocês não percebem — Decaiko sibilou, seu corpo sinuoso contornando picos de rochas e destruindo vários. — Os humanos são uma doença. Enquanto este mundo estiver povoado por eles, Bhardo vai sofrer. São uma praga!

Os olhos de Garval faiscaram.

— E foi para um deles que você entregou seu espírito.

Não haveria mais conversa. Os jovens guardas se ergueram nas patas traseiras em posição de defesa, e se prepararam para o ataque dos anciões. Eles os tinham deixado escapar, os velhos arrasaram vilas e campinas sem qualquer motivo, e Ulanae Ítaga estava furiosa. Que Dhonmen os ajudasse, mas iriam enfrentar os seculares imortais e tentar trazê-los de volta ao cárcere.

A guerra entre dragões vermelhos estava declarada.

* * *

— Vão precisar disso aqui — disse Diana, estendendo a Pablo um grande saco grosso cheio de quinquilharias. Eram coisas pequenas: brincos, anéis, penas, tinteiros, potes, pedras coloridas, e algumas emitiam brilhos estranhos. O saco estava cheio delas, e Pablo calculou que devia ter mais de duzentas pecinhas ali. — Os Silenciosos ficaram todos me encarando enquanto eu separava as coisas, e abaixaram as caras dentro daqueles capuzes quando eu saí. Fiquei arrepiada... Não sei se aprovaram ou não.

— O que é tudo isso? — Yoná perguntou, curiosa, puxando uma carta de baralho do saco.

— Objetos mágicos. Tinha um monte desses no Arsenal Mágico anexo à Biblioteca.

Márcio ergueu as sobrancelhas.

— Então Octoforte tem mesmo tesouros incalculáveis — disse ele.

— Vocês não podem levar “As Joias”, mas precisam usar artefatos para alimentar as bruxarias. Os Águias estão treinados no sortilégio da barreira incendiária, no feitiço escudo e em mais três ou quatro magias básicas — Diana explicou —, mas nenhum deles tem poder o bastante para ficar lançando feitiços sem parar. São só meninos, por Dhonmen!

Pablo assentiu. O grupo que Diana vinha treinando era composto quase que exclusivamente por jovens de menos de vinte anos. A maioria tinha entre quatorze e dezesseis, e só um par deles tinha aprendido a lidar bem com o *mac*. Os outros usavam magia através de itens ou fórmulas mágicas, não conseguiam fazer muita coisa além do que estavam treinados, e se esgotavam facilmente. Os exercícios nem podiam acontecer todos os dias, pois vários dos meninos desabavam e alguns ficavam até dois dias dormindo sem parar. Alguns pais mais zelosos tinham proibido que seus filhos ingressassem no grupo. Se aqueles artefatos estavam guardados para alguma ocasião, a ocasião era aquela.

— Mas não sabemos usar a magia de cada um deles — Márcio ponderou. — Pode levar semanas até aprendermos a usar cada item...

— Não vão precisar usar a magia própria de cada, só a energia mágica acumulada — disse Diana —, como Ártemis ensinou. Não precisam saber que o anel de pedra verde faz uma pessoa virar uma planta se você o apontar para o céu em dia de lua verde cheia; tudo o que precisa é enfiá-lo nalgum lugar, fazer o seu feitiço, e desviar o poder que ele tem para alimentar o que você quiser.

— A energia assim é drenada mais rápido — Yoná se lembrou das lições de Ártemis —, mas, com a quantidade de coisas que tem aqui, deve ser suficiente para proteger muita gente.

Pablo inspirou e arriscou um sorriso leve. Seu coração se encheu de esperança — esperança demais, que ele associou com a bagunça mágica que a Pedra de Mavhtus deixara no espírito dele —, mas não a deixou morrer. Abraçou e beijou Diana com gratidão: ela podia não ir com ele, mas tinha lhe dado a luz de que ele precisava para acreditar que voltaria vivo e para ela.

O batalhão e as sentinelas atravessaram, deixando o casal por último para lhes dar alguns instantes de privacidade.

— Você me protege — Pablo sussurrou para a esposa. — E eu te amo.

— Eu também te amo, Pablo Orvalho da Horta — Diana disse baixinho. — E espero que volte são e salvo para nós.

Ela levou a mão à barriga e ele se abaixou para beijá-la, sentindo os movimentos cada vez mais vigorosos do bebê. Diana acariciou os cabelos do marido, reconhecendo que, após a ocasião em que ele fora rude, Pablo vinha se esforçando ao máximo para se redimir com ela.

— Se ainda posso te pedir alguma coisa, como general, não como marido — ele falou —, entre no quarto do Torreão. Passe pela passagem que te mostrei; desça as escadas, com cuidado, por favor, e encontre a porta para o terceiro nicho suspenso. Os livros de Fauret estão ali, e há algumas anotações que fiz também.

— Quer que eu guarde para você?

— Não, quero que as analise. Incluí minhas notas na noite passada, enquanto você dormia. Tenho uma suspeita, precisaria de algum tempo para investiga-la direito, mas talvez você consiga fazer isso mais rápido e com mais eficiência que eu. Se precisar, chame Evondér, Udinia, ou alguém de confiança. Sália pode ser uma opção.

— Vou fazer isso — Diana garantiu, e Pablo se sentiu leve. Não era só uma paixão carnal que os unia, embora sua pele eriçasse cada vez que olhava para a mulher com atenção; não era só ternura, apesar do carinho e dos sonhos partilhados. Havia lealdade, entendimento, confiança.

“A palavra para isso é *amor*”, pensou ele, sorrindo para Diana, e um medo intenso cresceu nele de repente, de que aquela missão poderia lhe tirar aquilo para sempre.

— Cuide-se, meu *amor* — ele disse, enfatizando a última palavra para que a mulher se lembrasse dela o tempo todo em que ele estivesse fora.

— Cuide-se você também. E veja se volta pra nós, que não quero ficar viúva antes de nossa criança conhecer o pai.

Despediram-se, Pablo com o coração pesado, e ele atravessou.

* * *

O pelotão destacado por Pablo para acompanhar Shiali e seu escudeiro era composto de vinte magos Águias, entre bruxos mais antigos e recentemente recrutados, (Márcio e Yoná os selecionaram entre os que não tinham participado do levante das linhas de bondes, pois estavam mais descansados), duzentos e oitenta soldados, sendo setenta de cada tropa: trovão, fogo, som e também fauna, que respondiam diretamente ao general, e as três sentinelas. Enquanto a comandante Sovene, do Som, cuidava de pagar a fragata que os levaria ao Continente, o general dividiu os artefatos entre os magos e autorizou-os a usarem toda a energia que tivessem naquela missão.

Segundo Shiali, contando os refugiados civis, as caravanas de voluntários, os exércitos de Zefim, Yatzarem e também os flachinte'z, havia cerca de oitenta mil pessoas sitiadas no acampamento entre as Colinas Felhidas e a Cordilheira Ullinolvar, e ela acreditava que havia cinco malditos para cada humano vivo, pelo menos. A conta monumental deu um nó na mente de Márcio, e ele e Yoná se entreolhavam sem palavras, pois quatrocentos mil malditos para menos de quatrocentos soldados era uma tentativa de suicídio mais tola do que entrar no Nepcoutem e desafiar Zebarân. Mas Pablo tinha uma ideia, e a explanou para os amigos.

Quando o primeiro dia de viagem passou e as águas se tornaram calmas, o general convocou os homens para explicar o plano de combate, acompanhado de perto pela Xátra e seu escudeiro.

— Vejo que todos estão apreensivos com os números — ele começou. — Não precisam ficar. Não vou mandar nenhum de vocês para a linha de frente.

Shiali aproximou-se com expressão questionadora, mas deixou que Pablo continuasse. Márcio e Yoná postaram-se ao lado do amigo.

— O território onde esta batalha está acontecendo é muito vasto, e é mais que ingenuidade pensar que nosso pequeno grupo poderá vencer o inimigo num combate aberto — Pablo prosseguiu, e desenrolou um mapa de Yatzarem. Não estava atualizado, uma vez que o terremoto que originou a onda gigante também tinha modificado profundamente a geografia do Continente Maior, então ainda havia o Estreito de Bergháta ligando Yatzarem a Terem. Tomando a frente, Márcio desenhou, com um lápis carvão, uma linha no local para apagar aquela área que não existia mais, lembrando-se, com estranheza, que apenas alguns meses antes seus pés tinham passado por ali. Depois, Pablo tomou o lápis.

— Vamos nos dividir — Pablo traçou uma área onde Shiali apontou a localização dos resistentes, e a repartiu com duas linhas sobre os rios Ut’Siliu e Uter. — O pelotão de Yoná será o primeiro a parar quando chegarmos a oeste da Cordilheira Ullinolvar. Sete magos mais a tropa do som ficarão a leste do Ut’Siliú. Márcio ficará no território entre os dois rios, junto com mais seis magos e a tropa do fogo. Eu ficarei a oeste do Uter junto com o restante dos magos, a tropa do trovão e também a tropa da fauna.

— E o que pretende fazer? Espalhando os soldados assim, como espera enfrentar os malditos?

— Não pretendemos enfrentá-los, Xátra Shiali — disse Yoná. — O que vamos fazer é dar condições para que os seus soldados os enfrentem.

— Águias — disse Márcio —, sua tarefa será criar uma parede incendiária entre os amaldiçoados e os homens. Vamos erguer uma linha protetiva, que possa ser mantida quando retornarmos para casa.

Os magos cochicharam entre si, e Márcio percebeu a animação neles. Se estavam temerosos, ficaram confiantes. A magia para tal parede era simples, envolvia apenas mudar a organização dos elementos do ar para que ele entrasse em combustão ao menor atrito; era duradoura, poderia ser criada numa grande área, e não exigia o mesmo esforço físico que a criação de um escudo bloqueador inteiro. Se teriam objetos mágicos para alimentá-la, então, seria ainda menos dispendiosa.

— E o que vão fazer os soldados comuns?

— Nos proteger — falou Yoná. — Imagino que teremos que abrir caminho e empurrar os inimigos todos para o norte. Neste momento, todos terão que lutar. Depois, enquanto criamos a barreira, precisaremos que eles mantenham estes

amaldiçoados longe da linha enfeitiçada. E então quando ela ficar pronta, manteremos os magos em revezamento nos vértices para conservar a parede de fogo ativa.

— Enquanto levantamos a primeira esquina, levaremos os outros Águias mais cinquenta soldados meus e de Márcio conosco para as laterais — Pablo completou.

— Vamos cercá-los, estreitar a barreira, e queimá-los. Fauret tinha uns itens muito interessantes dos humanos, umas coisas que jogam um líquido inflamável amarelo, e que podemos queimar sem precisar gastar energia de artigos mágicos. Vamos usar isso, e labachas, tochas, óleo quente, tudo o que pudermos usar como combustível. E vamos nos unir aos homens das cidades resistentes pelo caminho, para aumentar nossas forças. Não sei se isso exterminará os malditos de uma vez, mas será suficiente para mantê-los longe por um tempo, até que os homens possam se reorganizar.

— E vão nos deixar depois disso? Abandonar os gloriosos reinos do Oeste à própria sorte e voltar para sua fortaleza escondida?

Pablo inspirou fundo, era preciso mais paciência do que ele tinha para lidar com aquela gente que, por ser líder, se achava mais importante que qualquer outra coisa, e ele estava se cansando disso.

— Parte dos magos ficará com vocês e manterá a barreira; parte dos soldados também ficará, pois vai ensinar as pessoas a produzir labachas, essas coisinhas aqui — ele apanhou uma esfera de três centímetros de diâmetro de dentro de um tonel cheio delas.

— Foi Ártemis que nos ensinou a fabricá-las — disse Yoná. — Não são mágicas, mas queimam rápido e são eficazes contra os amaldiçoados.

A Xátra não conseguiu encontrar palavras para questionar, mas o escudeiro dela a fez abaixar e falou qualquer coisa em sua própria língua à mulher.

— O que farão — ela perguntou — se o cavaleiro misterioso aparecer?

As sentinelas se entreolharam, preocupadas.

— Se ele aparecer, teremos que enfrentá-lo com tudo o que pudermos.

— Menos os Objetos Supremos, porque esses vocês não têm mais.

Márcio prendeu a respiração, pois sabia que Pablo estava prestes a explodir, e a menção à Pedra de Mavhtus e às outras joias não ajudaria a manter seu temperamento sob controle.

— Menos os Objetos Supremos — repetiu o general. — Porque, como dissemos, eles não têm mais poder.

Shiali não parecia acreditar, e Márcio se pegou pensando em como seria útil se tivesse toda a força do Cetro da Luz naquela situação. Talvez Pablo não tivesse tanta razão em manter as joias trancadas num momento como aquele. Mas, e se Shiali ou qualquer outra pessoa (ou várias pessoas) decidisse tirar um Tesouro da mão de uma sentinela no meio da batalha? Quão graves seriam as consequências?

Mesmo assim, ele bem gostaria de ter o Cetro consigo.

* * *

Antes de pisarem no continente, antes mesmo de descobrirem que caminho era esse que Shiali usaria para levá-los rapidamente à batalha, ouviram uma voz longínqua que se revelou vir do espelho de comunicação de Pablo. Do outro lado estava uma mulher feiosa de nariz torto, que o general reconheceu ser Nianca, íterin de Zebelim, uma das pessoas que mais queriam Pablo fora de Octoforte.

— Como pode sair para uma guerra sem o aval da Aliança Maior? *Nós* decidimos o que vocês devem ou não fazer, você não pode conduzir soldados de Octoforte ao seu bel prazer!

— Posso, pois sou o general — retrucou Pablo, esfregando os olhos, cansado e irritado por ter a visão comprometida, mesmo que por pouco tempo, por gastá-la na magia de comunicação com aquela mulher desprezível. — Eu tenho autoridade para isso.

— Os reinos de cortadores-de-cabeças não participam da Aliança! Não podem receber nossos recursos!

— Não se esqueça, íterin, de que os amaldiçoados são resquícios da missão que *vocês* ordenaram ao Nepcoutem — Pablo retrucou.

Nianca engoliu um palavrão, nenhum aliante esperava que as sentinelas voltassem a apropriação da missão contra a Aliança, e usasse o artifício para justificar outras missões da própria cabeça deles. Aquilo era um golpe.

— Vocês nem chegarão até lá a tempo! — ela se limitou a praguejar.

— Chegarão, pois irão pela estrada que vocês esconderam do mundo — Shiali empertigou-se, ergueu a voz, e tomou o espelhinho. — Trilhos Interiores... Um dia eles teriam que vir à luz, não? Um trajeto escondido sob a terra para assassinos reais e exércitos furtivos.

— Não ouse usar as passagens, Xátra, seu povo não tem nenhum direito sobre a estrada sob as montanhas...

Mas Shiali devolveu o espelho a Pablo, a magia esgotou-se e a comunicação cessou, e Márcio viu seu respeito pela mulher crescer um tantinho.

— Devem me acompanhar — ela disse.

Estavam nas proximidades do Vilarejo Tinórcio, mas Shiali não conduziu as sentinelas para lá. Dirigiu-se pela areia para o norte, seguindo a parede da falésia que cercava a praia, fazendo Márcio se lembrar, com incômodo, do paredão parecido que circundava a praia do Nepcoutem, pelo qual as sentinelas entraram no Reino Maldito. Depois de quatro horas, quando os soldados já estavam cansados da marcha constante, a alta parede perdeu altitude e afastou-se do mar, e Shiali se dirigiu para o interior de Zebelim, seguindo-a.

Mais uma hora depois e a Xátra encontrou o que procurava: em meio a cavernas e grutas que surgiam na rocha havia uma mais larga, com metade da altura de Yoná, que era a mais baixa sentinela.

— É por aqui que vamos — disse a mulher, e, curvando-se toda, passou pela abertura e foi engolida pela escuridão. Seu escudeiro precisou rastejar para passar.

Uma inquietação levantou-se entre os soldados, e Márcio ouviu muitos reclamarem de se enfiarem num buraco escuro de um lugar deserto, no meio de uma noite que não tinha luas e poucas estrelas. *Aliás*, pensou Márcio, *onde estão as luas e estrelas? Ao menos a verde e a vermelha deveriam estar no céu agora*. Inspirou fundo, apanhou a tocha de um soldado e passou pela abertura, seguido por Yoná e Pablo, que, lá de dentro, ordenou que os soldados os acompanhassem.

Como se para mostrar que eram mais corajosos que os homens comuns, a turma dos Águias entrou primeiro. Deparam-se com um largo salão, tão amplo que abrigou todos os soldados com folga, com teto alto e várias tochas apagadas

fixadas às paredes, as quais Márcio acendeu com seu *mac*. O fogo iluminou Shiali e, quando todos estavam lá dentro, a Xátra indicou um corredor.

As sentinelas acompanharam a mulher por ali, os soldados foram logo atrás, várias tochas acesas entre eles iluminando o percurso, que, mais e mais, parecia uma trilha que os jovens tinham percorrido ao fugirem do dragão Obirtó na floresta Lherád. Yoná notou a semelhança e mostrou aos amigos o piso pavimentado com pedras arredondadas e gastas, e várias aberturas redondas nas paredes.

Os homens não falavam, assustados que estavam com sons medonhos que vinham do escuro. Depois de duas horas andando no mais absoluto silêncio chegaram a outra câmara ampla, e Shiali parou. Apesar de liderar, a Xátra tremia, talvez pelo frio do subsolo e por usar roupas que deixavam os braços e costas expostos, mas Márcio achava que era por nervosismo. Foi a uma parede levando uma tocha e tocou fogo numa arandela. O fogo crepitou brevemente, depois espalhou-se como um trovão por todo o salão, criando um círculo de chamas ao redor dos homens.

Havia mais uma passagem à frente, larga o bastante para três elefantes emparelhados. Uma estrutura de metal sustentava cabos suspensos a vinte metros do chão, e neles estavam pendurados dois imensos carros de ferro quadrados, com uma abertura e espaço suficiente para centenas de homens.

— Os Trilhos Interiores são estradas de cabos e carros sob a terra e sob as montanhas. Vejam essas barcaças.

— E estas coisas viajam por *dentro* do mundo? — Yoná estava impressionada, os homens, agitados. — Precisa de magia para funcionar?

O escudeiro da Xátra foi a um canto e a tropa o viu puxar uma corrente presa a parede, próxima a uma espécie de mesa cheia de alavancas, botões e engrenagens. Os carros desceram através das pilastras lentamente, grossas correntes oleadas os sustentando.

— Não, usam peças mecânicas e... bem, a força do âmago do mundo. Nós viemos através desta “estrada” — Shiali falou. — É segura.

Márcio estalou os dedos e olhou para os amigos. Seus olhos passaram pelas paredes do carro e também pelas pedras do salão e reconheceu as ranhuras gravadas nas superfícies: tudo estava recoberto por aqueles símbolos que Mayala

reproduzira em seu caderno, os iagos, porém em tamanho gigante. Cada conjunto que preenchia uma linha do caderno tinha ali um metro de altura.

Pablo venceu a testa olhando para aquilo e depois para Márcio, incomodado de que aquelas insígnias estivessem aparecendo com tanta frequência ultimamente, mas assentiu com firmeza e entrou no vagão, seus homens com ele. Márcio e Yoná imitaram o gesto, mesmo sabendo que o general não estava nem um pouco confiante como queria demonstrar.

— Apaguem as tochas. Sentem-se um ao lado do outro, com as costas contra as paredes, e se segurem o mais firme que puderem — pediu Shiali. Relutantes, os militares concordaram, e logo a escuridão reinou. E, ao toque de uma alavanca, os vagões partiram.

Os grandes carros deslizaram pelos cabos como se estes nem existissem. Os homens se sentaram lado a lado e se agarraram a uma barra de aço que corria pela parede interna dos carros, mas muitos se soltaram e foram levados de um lado para o outro, sacolejando sem parar. Os vagões primeiro subiram com um ímpeto brusco; pararam na altura final dos cabos e os viajantes ouviram sons de catracas metálicas engrenando e elásticos sendo repuxados; o veículo sacolejou, possivelmente por ter sido encaixado nos trilhos suspensos, então disparou. Desceram por uma eternidade ao som da velocidade e de gritos dos soldados, e Márcio pensou que chegariam no centro do planeta, então começaram a subir. Quando perderam força e recomeçaram a cair, uma detonação externa os atingiu com uma rajada quente, que impulsionou o veículo duplo para cima, e ele subiu por quilômetros, até voltar a cair vertiginosamente, e a sentinela entendeu que quem quer que fossem os projetores daquela estrada tinham usado gêiseres subterrâneos e explosões de gás para impulsionar os carros.

Por horas os viajantes foram lançados de um lado para o outro em um sobe e desce infundável de estouros e velocidade. Aparentemente os desenvolvedores da trilha não estavam preocupados com a segurança dos passageiros, que dirá com o conforto, e quando os veículos finalmente desaceleraram num trecho reto até pararem completamente, as pessoas praticamente desabaram fora deles e amontoaram-se numa nova caverna, onde a maioria se encolheu pelos cantos colocando o estômago para fora e afagando machucados.

— Se eu tinha alguma ressalva em andar de bondes, nunca mais vou reclamar — Pablo comentou, meia hora mais tarde.

— Eu me sinto doente — disse Yoná, segurando o estômago.

— Você está bem — Shiali afirmou, e apontou para o escudeiro, que ainda não conseguira manter a coluna ereta. — Garmátch levou mais de meio dia para falar de novo da primeira vez. Nossa viagem atrasou por isso.

— Eu tenho quase certeza de ter visto movimento no caminho. Rostos, bichos talvez — disse Márcio quando recuperou a capacidade de respirar, e lembrou-se de que também teve a mesma sensação no caminho subterrâneo sob as montanhas de Lherád. — A Aliança fez isso?

Shiali trocou algumas palavras em sua língua com Garmátch e respondeu:

— Não. Este caminho é conhecido desde os tempos do Imperador, mas mesmo naquela época ele era antigo. Não se sabe quem o fez — o grandalhão acompanhante da Xátra falou mais algumas palavras, que Shiali ouviu atentamente e traduziu para as sentinelas e para os soldados que prestavam atenção. — Ele foi muito usado no passado, depois caiu no esquecimento quando, aparentemente, pessoas começaram a desaparecer dentro deles, grupos grandes. Só voltou a ser usado dois séculos atrás.

— Dois séculos? Na época da Revolução do Conhecimento — Yoná comentou, lembrando remotas aulas de História Geral no Educandário.

— Não foi quando foram desenvolvidos os bondes? — o jovem águia Navel intrometeu-se.

O grupo voltou-se para os gigantes vagões atrelados aos cabos, e não puderam deixar de notar a semelhança. Shiali fez uma pergunta ao escudeiro, Garmátch falou mais algumas palavras; ela passou a traduzir o que o homem dizia, e seu sotaque arrastado ficou mais evidente.

— Os fatos têm relação. Quando os reis voltaram a usar esses caminhos, decidiram estudá-los e tentar ampliá-los. O sistema interno destas estradas é muito complexo; os engenheiros atuais não chegaram a projetos tão perfeitos, que aliam cavernas naturais com caminhos escavados, jatos precisos de propulsão do núcleo de Bhardo, e instalação de cabos e roldanas onde nem se imagina ser possível alcançar. Mas de vez em quando alguém ainda some, então os reis do Oeste abandonaram as estradas, mas os do Leste continuam usando trechos, e fazem, inclusive, a manutenção dos trajetos.

— E quem será que construiu essas coisas?

A Xátra passou a pergunta de Márcio, que não parava de notar iagos por toda parte, para seu acompanhante, e ele respondeu com uma voz misteriosa. Quando Shiali traduziu, foi no mesmo tom.

— Mãos humanas não foram. Não perceberam o tamanho dos vagões?

Márcio olhou para trás, para o imenso carro duplo de paredes altas como três homens em que cabiam trezentas pessoas, e pensou que, se os donos dos olhos que ele sentiu em sua nuca no subterrâneo fossem proporcionais ao veículo, ele não queria descobrir mais sobre eles. Já tinha bastante monstros e desafios na superfície.

— Seu escudeiro parece saber muito sobre isso — observou Pablo.

Shiali ergueu as sobrancelhas.

— Ele não é meu escudeiro. Garmátch é o primeiro mandatário de Zefim. Viajávamos em três, juntamente com Morbadéu, segundo conselheiro do Yatarram, mas ele era um homem roliço. Não aguentou a viagem e foi consumido por malditos.

O pesar de Shiali pareceu sincero, e por isso as sentinelas ficaram em silêncio por um minuto. Logo, porém, os soldados começaram a se colocar de pé, mostrando que estavam se recuperando e inquietos para saírem dali.

— Onde estamos? — indagou Yoná, aproximando-se da saída.

Passada a tontura da viagem (que produziu uma grande dor de cabeça em Márcio, só para variar), a comitiva de Octoforte se viu numa ampla gruta de abertura como aquela de Zefim. No entanto, segundo Shiali, estavam nas Colinas Nascentes ao sul de Ylhuah, local que deveria levar mais de um mês para alcançarem se tivessem viajado a pé.

— Eu não sei que proeza os antigos fizeram, mas os vagões vão até o fundo do mundo e voltam como um espirro — disse a Xátra. — E, quando saímos, estamos muito mais longe do que qualquer outra forma de viagem teria nos trazido.

— Há muitas estradas como esta sob as montanhas? — Pablo questionou.

— Algumas. Só oito com vagões ainda em funcionamento, pelo que me disseram. Uma delas ia para o sul de Algavar, mas não sei se algum corajoso vai tentar conferir se ainda está de pé depois da manifestação da Senhora Inish. As que a Aliança Maior usa com frequência são esta aqui, a que liga o Lago Lhui com outra caverna aqui perto, e mais uma que vai dos arredores de I’Jaboris até Dagsháq, onde há uma parada, com a chance de continuar o caminho até o litoral de Zebelim, com a saída bem próxima a Bellos.

— E vamos usar estes trilhos mais uma vez?

— Duas.

Márcio inspirou, cansado e aturdido. Entrar em outro vagão daqueles era a última coisa que queria fazer, mas resolveu pensar nisso no dia seguinte. Por hora, ele acamparia com os soldados, para tentar, pelo menos, fazer o estômago e a cabeça voltarem aos seus respectivos lugares.

CHAVE DO ENIGMA

— E agora, o que fazemos?

O capitão esquadrinhou o horizonte com preocupação. As luas verde e branca deviam estar altas àquela hora, mas embora não houvesse nuvens, as estrelas tinham desaparecido e as luas também. Só a Lincariell se mantinha brilhante no firmamento.

No entanto, havia luz. Adiante, na descida do planalto, um grande incêndio queimava as árvores milenares da floresta tão adorada pelos gehenmos. A forma como o fogo se alastrava pelas copas a partir de uma linha quase reta sugeria que tinha partido do alto, de uma rajada de fogo. Uma rajada originária da garganta de um dragão, provavelmente. Era trágico, mas de outra forma a comitiva de representantes do novo reino Zavót não teria enxergado a horda que subia silenciosa e lentamente a colina. Uma horda de amaldiçoados.

— A Aliança Maior está fora do nosso alcance. Recuar. A Imperatriz Zoraya precisa saber o que está vindo para o novo reino.

* * *

Márcio ouvia um zunido agudo nos ouvidos e a cabeça pulsava como o coração de um beija-flor. Se tivesse ideia de que viajaria àquela velocidade e de que se sentiria tão mal depois, teria trazido algum remédio.

Estava largado no chão, longe do acampamento dos soldados, mas dentro do anel de fogo que ele mesmo acendera para proteger os homens enquanto as horas da noite passavam naquele território selvagem. Olhava para o céu tenebroso, sem estrelas, luas ou qualquer vestígio de luz, mas começou a sentir vertigem. Aquele poço negro em que tinha se transformado o firmamento parecia puxá-lo para o vazio.

Levantou-se e se surpreendeu com Yoná vindo na direção dele com uma cumбуca fumegante nas mãos. Já tinham feito a refeição, e Márcio não tinha a menor vontade de repetir o cozido de caramujos ingurgitados. Mas a amiga sentou-se ao lado dele, botou uma maçã descascada em uma de suas mãos e a cuia na outra, com um líquido verde e espesso dentro.

— Extrato de boldo e casca de maçã. Para sua dor de cabeça.

— Como soube que eu...

— Até a minha está doendo — disse ela. — Então imaginei que a sua devesse estar estourando.

O rapaz dedicou um sorriso à garota.

Yoná permaneceu ao lado do amigo em silêncio, e Márcio agradeceu por não ter que conversar. Minutos se passaram, talvez uma hora, até que a dor enfim amenizou. Quando conseguiu dar uma boa olhada ao redor percebeu que a maioria dos homens dormia.

— Pablo bem que podia se dar um descanso também — ele comentou, ao perceber que seu irmão vistoriava as armas nos fardos dos homens.

— Ele tem coisas demais para pensar — disse Yoná que, de sua parte, parecia estar também pensando em coisas demais.

Márcio ainda não estava com energia para um debate profundo, então não disse nada.

No entanto, ainda que seu corpo exigisse um sono reparador, sua mente clareava mais a cada momento. Ele via o acampamento, via os homens, a dor ia se afastando. Quando ela se foi de vez, tudo pareceu mais brilhante, mais simples, de um jeito similar ao que acontecia quando estava com o Cetro da Luz.

E ele enxergou a flâmula de Octoforte tremulando levemente na haste fincada na terra ao lado de um soldado. E se lembrou.

Levantou-se de repente, e Yoná teve um sobressalto. A moça o chamou, mas acompanhou o amigo sem receber resposta. Márcio saltou soldados estirados em sono profundo, arrancou a haste da terra e esticou o tecido, analisando a imagem.

— O que foi? Que aconteceu?

— Reconhece isso?

Yoná seguiu o que ele mostrava: o símbolo de Octoforte. À luz do fogo não era difícil de ver.

— O triângulo representando os três portais; dois círculos e uma foice, representando as três luas de Bhardo, uma estrela de oito pontas que é a Octestrel...

— Ou Lincariell, sei, sei, não é isso. Falo disso.

Ele apontou para as inscrições que percorriam a parte externa do triângulo, o lema de Octoforte. Estavam tão miúdas que ela mal podia ler, mas fez um esforço para entender a surpresa do amigo. Então arregalou os olhos.

— Mas isso...

— Está escrito em iagos. Em iagos!

— Como? Ninguém sabe decifrar...

Márcio foi se afastando dos homens e chegando mais perto do fogo. Pablo, ali perto, notou a movimentação, mas não fez menção de se aproximar.

— Era isso o que os Silenciosos apontaram pra mim no teto da biblioteca, estava lá o tempo todo!

— Mas...

— Quando o lema foi escrito na bandeira, quiseram usar um alfabeto que nenhuma nação pudesse reivindicar. Alguém sugeriu usar algo da Terra, mas acabaram preferindo pegar estes signos e usá-los como um código para o lema... Mas o escreveram na língua comum!

— Então... Mayala pode ter usado este código! — Yoná concluiu. — Se usarmos os símbolos da bandeira para fazer a correspondência com nosso alfabeto...

— Vamos decifrar o que tem no diário dele — disse Márcio.

Se o corpo da sentinela pedia descanso alguns minutos antes, o pedido morreu. O rapaz tirou o diário da mochila, um pequeno bloquinho de notas e um lápis terráqueo, feito com grafite, e começou a trabalhar, com Yoná, curiosa e prestativa, ao lado dele.

* * *

O casal trabalhou até altas horas da madrugada, quando os olhos de Yoná se recusaram a focar nos símbolos e a cabeça de Márcio voltou a latejar. Pablo finalmente tinha parado de se movimentar e adormecera uma hora antes disso e Márcio e Yoná já tinham recebido um ultimato de Shiali de que eles deveriam fechar os olhos, pois partiriam cedo no dia seguinte.

Nos percursos entre um local de entrada para um carro de bonde e o descanso para a etapa seguinte Márcio continuou a tradução, até ter um panorama mais ou menos formado sobre o que Mayala escrevera naquele amontoado de anotações. Yoná e ele analisaram o material juntos, e concluíram que muito do que estava ali não era trabalho de uma mente lúcida, o que deixou a garota um tanto decepcionada, dizendo que tinham perdido horas de sono a troco de nada.

Mas Márcio enxergava coisas que não casavam totalmente com a definição de um homem louco. Nas primeiras páginas, Mayala parecia firme e centrado, e sua escrita era coerente. Ele denunciava que Ólie Fauret fazia negócios escusos, e que mantinha relações duvidosas com os aliados, documentando segredos deles que a velha sentinela da sombra não suspeitava do que fossem. Márcio relacionou aquilo ao material que tinham descoberto no quarto do general, e concluiu que havia veracidade nas palavras do falecido mentor, ainda que pontuadas por repetições e excessos.

Do primeiro terço para frente, porém, a história ficava confusa. Mayala citava uma criatura tenebrosa que vagava entre as dimensões com o corpo invisível, e que só ele era capaz de ver porque o ser não conseguia ocultar seu *mac* de sombra, seu elemento. Por si só esta informação surpreendeu Márcio, que não sabia que Mayala tinha de fato a capacidade de controlar o *mac*, já que só havia registros de sentinelas usando *mac* e magia com regularidade até a época de Radamés.

Entretanto, os relatos não paravam por aí. O homem escrevera que foi por perceber a movimentação deste ser e do seu envolvimento com Ólie Fauret que ele tinha sido trancado em sua torre. Dizia que não podia sair porque as trevas não deixavam. Falava que estava sendo vigiado. Palavras idênticas se repetiam em

vários lugares nas páginas seguintes, até que, no final, soavam como uma reprodução escrita de um grito que ecoava, perdendo força à medida em que a mente de seu dono enfraquecia e as letras se tornavam maiores, mais retorcidas e espalhadas pelas folhas, ao invés de agrupadas em palavras e linhas. No entanto, o sentido geral continuava lá.

Mayala acreditava que Fauret confabulava com um ser capaz de viajar entre os Portais sempre que queria e sem que ninguém o visse, alguém de aura poderosa, e que não fazia parte da Aliança Maior. Um indivíduo que ensinou o falecido general a atravessar o Portal para a Terra sem correr riscos, e que o contratara para experimentar as coisas perigosas que havia nos frascos no quarto do general.

Alguém com tamanho poder e conhecimento não podia ser um bruxo qualquer, e mesmo com Yoná dizendo que aquilo tudo era confuso, e que não havia informações concretas, Márcio levou o caderno a Pablo.

A reação do general não foi muito entusiasmada.

— O que quer que eu faça com isso, Márcio?

— Não está vendo? Temos um grande problema aqui!

— Temos um grande problema *aqui*! — Pablo ralhou, abarcando, com um gesto, o campo apinhado de soldados adormecidos, descansando para a última etapa da jornada, no dia seguinte, quando alcançariam os pontos de embate, segundo Shiali. — O que quer que eu faça, que inicie uma investigação contra os atos passados de Ólie Fauret? Ele está morto!

— Eu disse a ele — Yoná comentou junto aos irmãos, olhando de esguelha para o escudeiro de Shiali ali perto. As sentinelas mantinham a conversa baixa, mas iam acabar atraindo a atenção da Xátra.

— Você não está enxergando! Fauret fazia o que fazia com a ajuda de alguém! Ele aprendeu a usar o Portal para a Terra porque *alguém* o ensinou isso! Não vê a gravidade que isso tem?

Pablo cruzou os braços.

— Não Márcio, me esclareça.

— Você não acha que um ser normal e mortal atravessou aquela passagem uma infinidade de vezes para saber quando, onde e em que estado se sai do outro lado após cada travessia, acha? — Os olhos castanhos de Márcio não se desviavam dos do irmão. — Alguém atravessou mil vezes para aprender o ciclo do acesso, e quem fez isso não se importava de que seu corpo pudesse ser desintegrado, de que pudesse ir parar em um tempo antigo ou novo, ou de que pudesse sair no meio de um oceano tempestuoso ou num deserto seco na Terra!

Yoná vincou as sobrancelhas e Pablo desfocou os olhos, lembrando-se dos gráficos que o intrigaram nos manuscritos escondidos de Ólie.

— Fauret tem uma pilha de anotações sobre o funcionamento do Portal para a Terra, e ele não era notório por ser um homem esperto. Não inventou aquela mecânica sozinho — disse Pablo.

— E, se alguém atravessou tantas vezes assim... — disse Yoná.

— É porque era imortal — Márcio sentenciou. — Alguém com tempo e sem medo de perder a vida.

— Então ele tinha negócios com Zebarã — Pablo concluiu. — Juntando isso com o relacionamento de Zebarã com a Aliança, temos uma rede de líderes muito mais suja do que eu imaginava...

Yoná se sobressaltou.

— Relacionamento de Zebarã com a Aliança?

— Não! Não era Zebarã, o rei era *macnór* do fogo, eu senti. Era outra pessoa. Alguém nascido da sombra. — Márcio interrompeu.

— E quem poderia ser? — Yoná exclamou, sem saber para qual surpresa dar mais atenção.

— A mesma pessoa que está tingindo a noite de preto e apagando nossas constelações.

Involuntariamente, os três olharam para cima. O céu estava muito mais vazio do que o normal, mas a Estrela Andante aparecia firme, próxima ao horizonte.

Pablo colocou a mão no ombro do irmão.

— Márcio, vá dormir.

— Mas...

— Não tem o menor cabimento achar que esse monte de garrancho em código de Mayala vale de alguma coisa.

O irmão mais novo puxou o braço e afastou-se um passo, irritado; quis gritar de raiva, mas conteve-se. Tinha quase três centenas de homens sob suas ordens, e Pablo costumava ficar instável se pressionado contra a parede.

— Nós precisamos fazer alguma coisa *agora*.

Yoná entrou no meio da discussão.

— E o que você sugere? Que Pablo convoque Dominique para que ele voe o mais alto que puder e abra o céu de novo? Nem sabemos o que se passa lá em cima, provavelmente estamos sob algum tipo de fenômeno, como um eclipse estelar, ou algo assim!

Com uma expressão, Pablo indicou que concordava com a amiga.

— O aliado de Fauret *era* Zebarân. Vamos averiguar isso com cuidado quando voltarmos e nossa tarefa aqui estiver concluída, mas agora *temos que descansar*. Concentre-se hoje porque amanhã... Amanhã podemos estar mortos.

Pablo saiu, menos preocupado do que seria esperado após sua constatação fatídica. Yoná ficou ainda um pouco ao lado de Márcio, mas logo afastou-se também. A sentinela do fogo, porém, não conseguiu afastar a sensação de que tinham um problema urgente bem diante dos seus narizes, e de que adiar sua solução só o estava tornando maior.

* * *

A velocidade da viagem foi impressionante, mas, ainda assim, foram gastos cinco dias até que a tropa de Octoforte chegasse aos pés das montanhas da Cordilheira Ullinolvar, do lado oeste. Soldados e sentinelas sentiam os corpos doloridos depois daquele caminho e havia uma tensão assustada entre eles, pois tudo era inacreditável, desde a condução oculta de um povo desconhecido às criaturas não humanas que estavam prestes a enfrentar.

Shiali conduziu o grupo por uma marcha de mais três dias a pé através da estrada no vale elevado entre as montanhas. O medo dissipou-se aos poucos, à medida em que a ocupação maior se tornava conseguir manter o batalhão alimentado. Tinham trazido provisões, mas não muitas, já que não dispunham de cavalos ou carroças, e a fauna da montanha era populosa em aves de rapina, difíceis de acertar em uma área de noite tão fechada. Sem a luz de nenhum luar, era quase impossível acertar uma flecha em um pássaro em voo, e a maior parte da caça se constituía de cobras, lagartos e pequenos roedores. No entanto tiveram sorte, e abateram várias emas de um grande grupo, além de coletarem alguns ovos de meio quilo cada um. Tiveram uma farta refeição e guardaram a carne que puderam, e quando o pelotão cruzou com um grande tamanduá-bandeira com seu filhote agarrado nas costas, Márcio não permitiu que ninguém os ferisse. Já tinham carne suficiente para a marcha até encontrarem a primeira cidade.

Acamparam e dormiram sua última noite de paz antes de prosseguirem a descida pelo flanco oeste da cordilheira até a planície abaixo, onde avistaram o primeiro ponto de batalha, em que um grupo diminuto de pessoas enfrentava uma extensão de amaldiçoados que mais parecia um manto de corpos semidecompostos. Ainda que já tivessem confrontado aquelas criaturas antes, os soldados e também as sentinelas tremeram.

Armando-se de uma coragem maior do que o juízo permitia, os combatentes se agruparam num círculo protegido por magia e por escudos e conseguiram abrir caminho através de uma área de menor densidade de malditos até chegarem à clareira dos humanos, cercados e protegidos por uma barreira precária de barris, troncos de árvores e escombros.

— O que aconteceu com o exército? — a Xátra perguntou àquele que parecia ser o comandante do acampamento, que não tinha mais que mil pessoas exaustas.

— Quem são vocês? — foi a resposta dele.

— Reforço — Yoná interferiu, pois ela seria responsável por aquela região. — Responda à Xátra: o que aconteceu aqui?

O homem não deu qualquer indicativo de que sabia o que era uma Xátra, talvez nem nunca tivesse ouvido falar dos flachinte'z, o povo das areias, mas a palavra “reforço” e as barreiras mágicas que Márcio e Pablo estavam instalando num círculo ao redor dos homens, dando aos resistentes tempo para respirar, trouxeram alívio.

— Há dias não existe mais um exército. Fomos subjugados — respondeu, e deixou os braços caírem e sua lança escorrer pelos dedos e chegar ao chão. — Até onde eu sei, sobraram uns poucos grupos como o nosso, clareiras no meio desta onda. Estivemos resistindo esse tempo todo por causa das crianças...

Os olhos do homem marejaram, e Yoná e Shiali perceberam, no centro da concentração, movimentos assustados na entrada de tecido.

— Quantas são? — Shiali quis saber.

— Adultos, uns oitocentos. Crianças são setenta, e há doentes — disse o homem. — Não temos mais comida. A maioria não aguenta mais.

— E você é o líder aqui? — A Xátra perguntou mais uma vez.

O homem, que devia ter pelo menos cinquenta anos, de barba espessa, pele escura, olhos cinzentos e ar de quem já viveu muito na vida, começou a chorar.

— Sou o único soldado que sobrou, o único com treinamento militar — ele explicou. — Eu era só um vigia... Mas as pessoas precisavam de liderança e eu... eu fiz o que pude... eu fiz o que pude!

Shiali mordeu o lábio, condoída pela tristeza do homem. Aquele soldado certamente tinha visto muito mais sofrimento do que aguentava e ela queria poder lhe dar a chance de sair da batalha, talvez colocá-lo na tenda com as crianças enquanto as sentinelas cuidavam do resto. Mas antes de tomar qualquer atitude, Yoná assumiu o controle e colocou uma mão no ombro do homem alto, alcançando-o porque ele estava encurvado sobre si mesmo.

— Qual o seu nome?

— Olvílio — ele soluçou.

— Você lutou com bravura, Olvílio. Agora, quero que recupere sua lança, junte os mais cansados e os leve para a tenda das crianças, para restaurarem as forças. Quando tivermos nos certificado de que o perímetro está seguro vou chamar você de volta, entendeu?

Olvílio aquiesceu, agradecido por ter alguém para lhe dizer o que fazer, e saiu imediatamente.

— Não pode tirar este homem de uma vez da frente de combate? — Shiali questionou quando o soldado partiu, e Yoná respondeu prontamente, ao mesmo tempo em que preparava suas armas para o combate.

— Olhe ao redor, Xátra Shiali. Tem um oceano de amaldiçoados cercando este barquinho. Precisamos de todos os pares de braços para não o deixar afundar. Olvílio fez um trabalho louvável conseguindo manter estas pessoas vivas no meio disso tudo. Ele está bem, vai se refazer — a sentinela girou duas espadas nas mãos. — Mas, quando tivermos garantido que nenhum morto ambulante vai conseguir nos atacar, é a ele que as pessoas aqui vão ouvir. Foi ele quem as salvou até o apoio chegar, entendeu? E é assim que vamos conseguir unir o exército humano novamente, através dos seus líderes.

— Acha possível ainda existir um exército humano? — Shiali parecia descrente.

— Tenho certeza de que sim — Yoná disse com firmeza, e partiu para junto de sua tropa, que, protegida pela barreira mágica que as Águias criavam, atacava e destruía dezenas de amaldiçoados de cada vez.

* * *

O círculo combustível foi erguido ao redor do acampamento, e pouco a pouco foi ampliado. De dentro dele, Pablo coordenou os soldados a atacarem com flechas flamejantes, abatendo um a um os monstros que insistiam em tentar romper a proteção. Apesar de muitos, os malditos não tinham disciplina, não faziam planos de ataque em conjunto e suas armas tinham lâminas gastas, quebradiças e enferrujadas, que se despedaçavam ao menor contato com as cotas de malha, o máximo em armadura que os soldados dourados tinham trazido devido à falta de equipamentos de locomoção. Os disparadores de líquido inflamável foram usados com gosto, o fogo produzido com a queima do líquido se espalhava com facilidade de um maldito para o outro, e Pablo pensou que, talvez, pudesse convencer Dominique a recolocar a Grava em funcionamento quando o amigo voltasse, porque ela tinha um tipo de disparo incendiário como o daquela arma humana. As criaturas voltavam a se formar quando atingidos por armas comuns, mas a cada vez com menos velocidade, até que, quando os yatzarem'z se recuperaram e juntaram suas espadas (e ferramentas de lavoura convertidas em armas) às dos homens de Octoforte, os malditos minguaram, seus corpos não mais se formaram, e os que permaneceram perderam a força e pararam de investir contra a proteção mágica.

Os humanos tiveram êxito naquela primeira batalha.

ESQUADRÃO DOURADO

As sentinelas, Xátra Shiali e Garmátch vaguearam por todo o Sul de Yatzarem resgatando ilhas de pessoas entre multidões de amaldiçoados, e unindo os homens em um bando maior. Conseguiram reaver também vários cavalos e reconquistaram o equipamento de uma caravana de mantimentos que tinha sido dizimada, mas que tivera o material conservado.

Os Águias nutriam escudos protetores em volta das pessoas usando mais energia do que tinham pensado a princípio, e labachas eram disparadas incansavelmente no exército inimigo, destruindo os corpos mortos, criando clareiras entre o bando e dispersando-os. Quando chegaram ao rio, Yoná ficou encarregada de defender os homens que tinham recuperado — cerca de dois mil, no total —, e os liderou a erguer uma barricada e um acampamento único. Em volta dele os Águias instalaram o campo incendiário, e usaram mais de cinquenta pequenos objetos mágicos, de anéis a copos de barro, para alimentá-lo. Yoná achava que a energia deles seria suficiente para manter o encanto ativo por pelo menos um mês.

Pablo, Márcio, Shiali e Garmátch prosseguiram e atravessaram Ut'Siliú, e entre a Mata de Lótte e as Colinas Ferlhidas a batalha foi ferrenha. Os malditos ali eram mais ágeis do que os primeiros que enfrentaram; no entanto, com a proteção equilibrada de magia e barreiras flamejantes, os humanos conseguiram abrir espaço entre eles sem nenhuma baixa. Márcio usava seu *mac* impiedosamente para incendiar grandes extensões de terreno apinhado de criaturas, e a todo instante se forçava a parar de pensar no Cetro da Luz, e em como ele seria útil. Sempre ao seu lado, Pablo lançava chuvas de raios sobre os inimigos, criando um espetáculo fascinante e terrível no escuro campo de batalha, e Márcio o ouviu comentar que gostaria de ter em mãos o precioso Tesouro com o qual poderia abastecer seu poder cem vezes, e rechazar aquela avalanche de amaldiçoados sem ficar esgotado com tanta facilidade. Pois o poder de controlar o elemento formador da alma era grande nos irmãos Adenetti, mas não infinito, e, apesar de ser de enorme valia, apenas alguns minutos podiam fazer Márcio e Pablo perderem a força nas pernas e braços, e ficarem o dobro de tempo no chão, recuperando as energias. Os dois se

revezavam para usar seus *mac'z* para que um sempre estivesse alerta enquanto o outro se recuperava.

Próximo ao Uter, a tropa das sentinelas alcançou o maior aglomerado de seres humanos até então. Eram mais de cinco mil, e, unidos aos três mil que tinham reunido, formaram um pequeno exército.

— Temos resistido sem esperanças — disse Aboot, o comandante do agrupamento, quando as sentinelas se apresentaram com seus magos e soldados. — Consegui juntar os soldados até agora, mas perdemos pessoas demais. Não tínhamos mais expectativa de sair daqui vivos. Muitos já se deram por vencidos... Sua chegada é...

— Providencial — completou Shiali, olhando, em seguida, para Pablo e Márcio, comprovando quão necessária era a ajuda deles.

— Não sei se será suficiente — o homem falou com desânimo.

Porém, mesmo com o cansaço da batalha, mesmo com a quantidade de feridos e com o desespero, ao ver os magos lançando encantamentos, os soldados de Octoforte vestidos com suas cotas e uniformes dourados, e as sentinelas confiantes, com espadas em riste e armas de disparo de fogo, não houve quem não sentisse que poderia haver uma chance.

Apesar da quantidade de amaldiçoados, a batalha naquele ponto foi rápida. Em pouco mais de um dia as sentinelas conseguiram conduzir os magos a protegerem todo o perímetro com escudos bem posicionados, Márcio liderou a criação da barreira protetiva utilizando mais oitenta dos itens mágicos e Garmatch orientou os mais cansados a fixarem tendas e exterminarem amaldiçoados conforme tinham feito nos outros acampamentos, mantendo o Sul o mais livre possível de inimigos. Desta forma, os homens teriam um caminho a seguir caso precisassem fugir rapidamente.

* * *

O esquadrão dourado, como vinha sendo chamado o grupo de Octoforte, descansou brevemente por um dia antes de continuar. Exausto, Pablo aceitou de bom grado os cavalos ofertados para que ele e seu pelotão continuassem. Próximo ao Ut'trux, o Rio da Noite, no entanto, o pelotão dele estacou. Adiante, um aglomerado de amaldiçoados tinha cercado um grupo muito iluminado de homens. Cada indivíduo

portava o que parecia ser uma lâmpada mágica, mecânica, ou algo assim, pois tinha um tom amarelo esbranquiçado firme, bem diferente do bruxuleante vermelho do fogo das tochas comuns que aclaravam outros grupos humanos.

— Feiticeiros? — Shiali cogitou, estreitando os olhos.

— Tenho a impressão de que não — disse Pablo. — Acho... Lembro de já ter visto aquelas luzes antes, só não sei onde.

Convocou apenas alguns homens do batalhão do trovão, e deixou Garmatch com o restante do grupo. Embora os soldados de Octoforte se dividissem em grupos de acordo com o elemento que a sua sentinela representava, a organização servia apenas para a distinção e separação e grupos, não para indicar poder. Nenhum soldado de Pablo podia lançar relâmpagos, assim como nenhum soldado do pelotão da fauna, que ele também liderava, podia distinguir as diversas espécies de seres vivos apenas por sua presença.

Por isso, ninguém percebeu o que eram aqueles estranhos de luzes peculiares até chegarem bem perto.

Pararam no alto da última colina em que ainda teriam alguma segurança e entenderam a cena: os indivíduos acuados não eram homens.

— São só issodin'z — constatou Sanhari Shiali. — Menos mal. Estamos perto da resistência principal e não perdemos nenhum soldado até agora.

Havia pelo menos cem issodin'z amontoados em um círculo apertado, lutando vigorosamente contra os saqueadores amaldiçoados. Mesmo à distância, os silvos dos não-mortos e os gritos estridentes dos issi'z chegavam aos ouvidos da comitiva de Pablo com clareza. Os seres, possivelmente parentes do ouriço-cacheiro, de menos de um metro de altura, pele bioluminescente e de carapaça cheia de espinhos longos, pareciam mais finos do que Pablo se lembrava, o que o fez pensar que seus espinhos já deviam ter sido usados como armas contra os inimigos. Resistiam, mas seria por pouco tempo, e quando o cansaço viesse com força, seria um massacre. Lembrou-se de quando os organizadores do Hiperbólico trouxeram exemplares daquelas criaturas para a corrida, quando Pablo acabou com as costas dilaceradas por montes daqueles espinhos longos e afiados. Lembrou-se, e os viu ali, cercados, e pensou que aquilo era justo, porque aquelas bestas eram carnívoras e loucas, e mereciam a extinção. Riu, contente porque alguns iam sofrer muito mais que a dor que ele experimentou quando foi ferido. E, mortificado, constatou

que acabara de sentir mais uma oscilação doentia de sensações que nada tinha a ver com a própria personalidade, ou com o que ele admitia sobre si mesmo.

— Vamos voltar — chamou Shiali, mas Pablo não se moveu.

— Não.

— General — Shiali se sobressaltou —, esses animais são praticamente monstros! Comem qualquer coisa que passe pelo terreno deles, inclusive carne humana! E soltam espinhos, você não pode imaginar como é ter um deles cravado no corpo...

— Ah sim, isso eu posso sim — Pablo sorriu, procurando um lugar para descer. — Mas vou ajudá-los.

— Isso é insanidade! Vai colocar homens em risco à toa! — Até os soldados se remexeram preocupados. Por que quer ajudar aquelas coisas?

Pablo olhou de novo para a massa fluorescente cada vez mais reduzida.

— Porque... Porque se fosse um bando de leões, de girafas ou de preguiças, eu faria o mesmo. Porque se Márcio estivesse aqui, ou Diana, principalmente Diana, fariam o mesmo. Nenhuma criatura merece morrer nas mãos dessas aberrações.

Shiali estacou, impressionada.

— Mas... Vai levar nossos objetos com você? Vai usar nossos recursos para criar uma proteção para eles?

— Não — Pablo começou a descer a colina. — E não quero ninguém comigo.

Alguns soldados deixaram escapar exclamações de protesto.

— Não vou enfrentar a horda, vou só abrir caminho para que eles tenham um escape — a sentinela explicou. — Fiquem para trás. Não pretendo demorar muito.

O general analisou o terreno: a maior parte dos malditos vinha do Norte, mas entre a colina em que estava e os issodin'z ilhados a concentração dos inimigos era menor. Os atacantes eram lentos, sua vantagem sobre os outros era seu número avantajado e a capacidade de lutar sem descanso: se lançasse um ataque efetivo de longe que pudesse dizimá-los por tempo suficiente, os issi'z teriam tempo para escapar. Olhou para o céu e suspirou, aliviado, porque ele estava encoberto: era

muito mais fácil canalizar os raios que estavam quase formados nas nuvens do que forçar moléculas a se chocarem para criar relâmpagos do nada. O corpo estava dolorido, mas o espírito estava descansado, o esforço que ele pretendia não seria tão exorbitante.

Mesmo assim, queria ter a Pedra de Mavhtus com ele.

Ergueu os dois braços, e quem estava nas proximidades não conseguiu se manter de pé. Até os cavalos dos soldados mais atrás se assustaram, porque o que desmoronou do céu sobre Pablo foi um feixe de energia colossal. A sentinela inspirou, luz e potência escapando de cada poro de sua pele; esticou os dois braços, e um rio de poder estourou a frente inimiga, vaporizando os malditos e abrindo um clarão entre eles. Só quando passou veio o estrondo, uma onda poderosa e grave, que manteve no chão os que tentaram se erguer.

A imagem lhe deu uma certeza: embora os homens estivessem tratando a ofensiva de amaldiçoados como uma guerra, não era aquela a definição correta: aquilo era uma infestação. Os semimortos podiam agir com brutalidade, usar fragmentos de roupas e brandir armas, mas não tinham estruturação militar, nem selecionavam com lógica os adversários, pois os issodin'z eram mais semelhantes a animais do que a homens. Estavam combatendo uma praga, não um exército.

Os issi'z mal compreenderam o que tinha acontecido, mas localizaram o caminho aberto e, no final dele, um humano com mãos fumegantes das quais fios elétricos fugiam. Correram por ali, e desviaram seu rumo para o sul, para longe das bestas anormais que não tinham coração nem carne viva. Passaram perto de Pablo, e lhe lançaram olhares intrigados, assustados, agradecidos. E, ainda que não fossem completamente inteligentes, Pablo tinha certeza de que, no fundo, entendiam o que ele tinha feito.

De qualquer forma, se os issodin'z estavam felizes ou não isso não importava: o principal Pablo fizera. Tinha sufocado aquela psicose momentânea que o fez achar graça na destruição de toda uma espécie por causa de um infortúnio bobo do passado. Superara aquela influência que a Pedra dos Opostos causara em sua mente.

Só que ainda desejava tê-la consigo.

* * *

Prosseguiram através do Uter até as terras de Zefim, e não houve tempo para apresentações e cordialidade com a pressão dos inimigos. O pelotão de resgate foi recebido com desconfiança por seu reduzido número, e o general Adenetti e Xátra Shiali tiveram a mais difícil das batalhas até conseguirem reorganizar os humanos e garantir a segurança de Zéfira Calla e Dágaro Yatarram.

As armas que disparavam líquido foram gastas até pararem de funcionar. Sem Márcio, grandes ondas flamejantes eram criadas pelos Águias através de magia, embora várias vezes menos potentes do que as da sentinela do fogo. Inspirados pelo esquadrão dourado, que lutava com *mac* e magia, os poucos homens que sabiam usar o *mac* abandonaram as restrições que tinham àquela capacidade, e passaram a usar o que sabiam a seu favor, fosse criar esferas de luz que iluminaram o campo para os aliados, fosse empurrar malditos para longe com golpes de vento, ou até manipular o magnetismo das rochas e atrair os amaldiçoados a partir das peças metálicas de suas roupas e armas, ajudando os soldados a dizimá-los.

A sentinela do trovão era a própria tempestade no campo de batalha, uma força da natureza, que devastava inimigos com sua espada feita de relâmpagos. A cada vez que bradava o feitiço *dandátrêie*^[15] e sua alma canalizava o *mac* na forma de arma, e sua dança formidável rechaçava dezenas de amaldiçoados de uma só vez, os Águias, inspirados, sentiam o próprio poder fluir com magnitude crescente, os soldados brandiam suas lâminas com mais vigor, e os resistentes percebiam a esperança se transformar em certeza de vitória. Pablo Adenetti, general e herói, era a luz sobre o mundo, e se ele estava ali, nenhum inimigo os venceria. A inundação de monstros foi repelida, e os homens conquistaram a vitória com a mesma tática usada antes, e Pablo, emocionado, constatou que não tinha perdido nenhum de seus soldados ou Águias em toda aquela missão.

* * *

Ao final de trinta dias, com o território humano razoavelmente retomado, Pablo achou que já havia segurança suficiente para que seus homens pudessem regressar para Octoforte e dar a missão por encerrada. O povo das areias teve um pensamento semelhante, e se organizou para voltar para suas terras, embora parte dele fosse permanecer com os zéfiros e yatzarem'z. Voltariam com mais ajuda em algumas semanas, mas precisavam se abastecer de mantimentos, e tinham que viajar para suas cidades fixas para consegui-los. Shiali conduziria os buscadores, pois também tinha que se apresentar às *Jaytatrêshey'z*^[16] de cada cidade para reforçar seu domínio sobre elas de tempos em tempos, e todas esperavam notícias

dos guerreiros que Shiali convocara. Era hora de olhar para seu povo, deixar alguns soldados descansarem e trazer outros novos, para que as notícias sobre tudo o que acontecera com os flachinte'z fosse conhecida e escrita na pedra.

— Que o chão seja firme sob seus pés, e que seu caminho seja abrilhantado pelas mais puras rosas selenitas. Inish o guarde! — A governante despediu-se do general Pablo Adenetti, por quem seu respeito tinha se tornado admiração.

Sem saber bem como responder e querendo demonstrar um sinal de respeito, Pablo cruzou os braços em “X” à frente do peito, as mãos fechadas, fechou os olhos e curvou levemente o pescoço, na saudação tradicional no Leste e em Octoforte.

— Tenha a proteção de sua Senhora para que Ela a ajude a guiar seu povo, Xátra Sanhari Shiali — desejou Pablo.

— O costume diz que devo enviar cartas para meus aliados, mas não há problema em fazer propostas pessoalmente — Shiali disse de repente, e Pablo aguardou que ela prosseguisse. Era esperado que ela pedisse para se unir à Aliança Maior, e Pablo já ensaiava mentalmente o discurso sobre os procedimentos para tal ingresso quando Shiali voltou a falar. — Pablo Adenetti, você é um general valoroso, um líder de grandes guerreiros, querido por seu povo e temido por seus inimigos.

O general olhou timidamente para Letho e Lanna, o casal de gêmeos Águias que o acompanhavam como escudeiros. Eram pouco mais que garotos, mas erguiam as fronteiras, orgulhosos de seu líder, deixando Pablo desconfortável.

— O-obrigado... Mas não creio que meus soldados possam ser considerados um povo...

— As pessoas da ilha Agerta são seu povo. E os barqueiros do porto de Zebelim falam de você como um rei.

Os barqueiros do porto de Zebelim? Pablo se surpreendeu. Mal via aquelas pessoas, nem sabia seus nomes. Mas, logicamente, eles deviam ter muitas notícias de Pablo, das sentinelas e das pessoas da ilha agora que Zebelim tinha barcas diárias para Agerta, e que o porto tinha melhorado tanto. Vagamente se lembrou de ter notado, quando sua fragata de soldados aportou lá, que o lugar tinha se tornado uma próspera vila em ascensão. Só não tinha refletido a respeito porque sua cabeça fervilhava com tantas obrigações que a maior parte das novidades passava como um borrão pelo seu cérebro.

— É muita consideração da parte deles — disse Pablo simplesmente.

— E é por isso que faço meu convite: una seu povo ao meu por laços inquebrantáveis.

Pablo não entendeu.

— A Xátra deseja... Se unir à Aliança Maior?

Shiali fez um gesto evasivo com as mãos, copiado pelas duas aias escudeiras que a flanqueavam, ou era o que Pablo pensava que fossem.

— Alianças de homens por papéis e palavras podem ser desfeitas tão rápido quanto os ventos desfazem dunas.

— Então...

— Proponho que façamos um rebento.

Pablo piscou várias vezes com força. Ao seu lado, Letho e Lanna engasgaram.

— Perdão... Um *reberto*?

— Um descendente do povo das areias e dos valorosos guerreiros de Octoforte! Um líder por natureza, respeitado pelo heroísmo de seu pai. Quem sabe, podemos ter a graça de gerar uma pequena *amash*! *Dash-agamam*!

— *Dash-agamam*! — Replicaram as mulheres ao lado dela, balançando os inúmeros apetrechos de ouro.

Shiali erguia a cabeça para falar, e parecia vislumbrar a imagem que fazia de uma filha de prestígio andando por aí.

— Uma *amash*? — Lanna murmurou a pergunta, e Pablo achou que ela não queria realmente ser ouvida, porque se encolheu toda quando a Xátra e suas duas acompanhantes se voltaram para a maga.

— Uma carregadora do nome de seu clã. Uma mulher.

— Entre seu povo são as mulheres que carregam o nome da família? — Pablo se surpreendeu. Não via nenhum problema nisso, até porque entre os órfãos não era

comum ter um nome de família, e as pessoas adotavam o lugar de sua moradia. Diana não se lembrava do antigo nome da família dela. Mas a tradição do Leste era passar o nome do pai para os filhos.

— Certamente. Os homens podem pensar que são os pais, mas apenas as mulheres têm certeza de que os filhos são delas — explicou uma aia de Shiali, para quem a Xátra olhou pedindo que fizesse a explicação. — Cabe a elas transmitir o nome do clã com segurança às futuras gerações.

— Ótimo argumento — disse Pablo, apesar de não ter gostado nada da história de “homens *pensarem* que são os pais”. Então tentou ser delicado, porque parecia que o assunto era bem sério para Shiali e também para as escudeiras dela, porque as duas tinham endurecido as posturas e cravavam olhos nos gêmeos magos, que emudeceram e deram alguns passos para trás. — Xátra Shiali, sou um homem comprometido. Sou casado com a sentinela da terra, e minha esposa já espera um rebento meu.

Shiali sorriu, exultante.

— Ela ficará honrada! O rebento dela terá grandeza, e será irmão ou irmã de uma líder flachinte! Podemos fazer os arranjos? Uma recusa não é adequada nem aceitável.

Pablo começou a suar frio. Olhou para os jovens atrás dele em busca de algum apoio, e viu Lanna morder o lábio apreensiva e Letho arregalar os olhos em sinal de que entendia a enrascada do general, mas não ia se meter.

— Caríssima Xátra, não é minha intenção ofendê-la — disse Pablo, arriscando um olhar rápido para a tenda do líder de Yatzarem. Dágaro Yatarram estava do lado de fora, e Pablo teve a sensação e que ele acompanhava a discussão com atenção, e de que se divertia com aquilo. — Mas, de onde venho, não é aceitável nem adequado que uma pessoa comprometida faça... Arranjos, como esse sugerido, para gerar rebentos com outra pessoa fora de seu compromisso. É um pacto de fidelidade para toda uma vida.

Shiali inspirou decepcionada.

— Vocês têm estranhos costumes de posse entre si — reclamou. — Não quer ao menos oferecer a proposta à sua esposa? Ela pode se felicitar pela ideia de uma irmã firme para o filho dela.

O general riu nervoso.

— Tenho certeza de que a ideia geraria muitos sentimentos em Diana, mas nenhum deles seria de felicitação — respondeu ele.

— Muito bem. Espero que retorne em segurança, Pablo Adenetti General. Levarei minha proposta a outro guerreiro de valor. Márcio Adenetti, quem sabe.

E saiu na direção da caravana de seu povo, já prestes a partir. Pablo ainda fez uma reverência enquanto ela se afastava, e ouviu o riso do Yatarram, ali próximo.

— Gente interessante esses flachinte'z, não é não? — comentou o soberano.

* * *

As sentinelas protetoras dos grupos humanos em Yatzarem e Zefim se comunicaram através dos espelhos mágicos. Márcio e Yoná fizeram seus relatórios ao general, e os três combinaram de retornar para Octoforte e mandarem outros magos para substituir os que estavam lá. A maioria dos bruxos não conseguia mais manter a concentração por mais de duas horas por dia, e se não fossem os artefatos que Diana recolhera da Biblioteca Dourada, não haveria mais proteção mágica.

— Porém vocês vão na frente — disse Pablo. — Dágaro Yatarram está convalescente e as caravanas de suprimentos estão desorganizadas. Shiali conseguiu reunir todo seu povo e partiu para o norte, para mais perto do deserto, onde ela acha que conseguirá uma orientação de Inish. Ela tem fé na Senhora dela. Se tivesse passado por todos os joguinhos de Lhênus...

— Pablo, você precisa voltar. Fizemos o possível, ajudamos as pessoas, nossos magos estão se revezando para a magia não esmorecer e estão ensinando outros. Nosso trabalho está feito — disse Yoná, e Márcio se espantou.

— Não parece você falando, Yoná. Pensei que você diria que temos que terminar de destruir todos esses malditos até o último antes de voltarmos.

— Talvez. Mas algo aqui não está certo — disse a mulher.

Pablo concordou.

— Não, não está. Lutamos bastante, usamos muita magia, mas, ainda assim...

— Foi fácil demais — completou Márcio.

Yoná ponderou: — Os malditos lutam, usam espadas, não se cansam, mas não têm liderança. Não têm medo de morrer, por isso atacam sem dó, mas sem se proteger. Nós os queimamos com labachas, eles desaparecem, mas sabemos que não morrem, então onde vão parar? Por que pararam de se regenerar depois que chegamos aqui?

— A mim pareceu mais uma infestação de uma praga do que o ataque de um exército.

— E onde está o líder deles? — Márcio verbalizou a questão que mais o incomodava. Onde estaria aquele homem que conduzira todos aqueles amaldiçoados até ali? — Será que está se reportando ao chefe dele?

— Ele não tem chefe Márcio, pare de insistir nessa história — pediu Yoná, mais cansada do que irritada.

— Mayala que o diga...

— Vão. Voltem para Octoforte — Pablo interrompeu. — Assim que puder, eu sigo vocês. Digam para Diana...

A conexão terminou, e a magia do espelho começou a se recarregar imediatamente, embora, como Márcio percebeu, mais devagar do que das outras vezes. A mágica naqueles objetos era limitada, e, se Márcio bem calculava, o de Pablo não funcionaria mais. Provavelmente o irmão estava se remoendo agora por não ter se comunicado com a esposa, mas, como general, ele precisava falar com Márcio e com Yoná, e para falar com os dois ao mesmo tempo, gastara todo o resto da magia.

O guerreiro de fogo se levantou e foi procurar Aboot para avisar que iria partir, e que deixaria magos e soldados sob o comando de Garmáth. O capitão não ficaria feliz, não tinha se afeiçoado ao grandalhão zéfiro, e disse para Márcio, mais de uma vez, que o exército só estava unido por causa da sentinela.

Olhou ao redor: tinham montado uma verdadeira cidade de tendas, e a visão não era bonita. Havia sujeira e gente doente por todo lado, mas, pelo menos, havia pessoas tentando ajeitar as coisas. Gente limpando, gente tratando, gente preocupada em conseguir mantimentos — esta sim, a parte mais difícil. Fogueiras

e tochas estavam espalhadas por toda parte, iluminando rostos cansados, onde a esperança ia dando lugar a novos receios. Enquanto caminhava, olhou para o céu: totalmente escuro. Não havia mais vestígios das luas, e as estrelas, antes tão brilhantes no céu de Bhardo, estavam apagadas. Umas poucas ainda resistiam bravamente ao pretume, mas aquelas menores tinham desaparecido. E a falta delas, o sumiço das luas e a paralização dos relógios astronômicos em grande parte do mundo estavam deixando as pessoas fora de rumo, como se não soubessem mais quem eram ou onde estavam.

Claro, estava no meio de um campo de batalha improvável, lutando contra quem já devia estar morto. Mas, mesmo assim, ao contemplar a única estrela firme e luminosa naquele breu, a grande Lincariell, Márcio não conseguiu deixar de lado a impressão de que estava preso numa armadilha engenhosa, da qual não havia escapatória.

MACRUX LIBERTADO

— E u não me reporto a você — a gárgula desafiou.

Adnail avançou. Logicamente, Verônica era mais alta e mais robusta; era uma gárgula de Agharta, afinal, mas não era imortal, e imortalidade era algo que deixava as pessoas muito corajosas.

A morena aproximou-se da mulher de pele cinza-azulada e segurou-a com sua mão delicada, com unhas pintadas de vermelho.

— Não estou pedindo um relatório, querida. Estou lhe dando uma ordem.

— Também não sigo ordens suas — Verônica insistiu, mas não com tanta convicção.

Adnail sorriu.

— Na verdade, você segue sim. Segue, porque fez um pacto com Macrux, e um pacto com ele é um pacto com *o veneno*. Por acaso, eu sou detentora do veneno também, não como criadora dele, mas como sua criação. E Macrux me ensinou alguns truquezinhos para conseguir que se cumpram minhas resoluções através das veias negras.

A companheira de Macrux tirou a mão do queixo de Verônica deixando a unha raspar a pele dura da gárgula. Desgostosa, Verônica pensou em atacar Adnail, mas a mera ideia fez sua cabeça doer e seu estômago embrulhar, e seus músculos se torceram dolorosamente, fazendo-a se curvar.

— O que está fazendo comigo sua...

— Cale-se — Adnail não estava nem minimamente preocupada. A magia extrapolava dos braços dela, conduzida por sua vontade, e torturava Verônica.

Também deixava a pele de Adna dolorida e sensível, mas nada com que ela não estivesse acostumada a lidar.

— Você vai ficar aqui. Vai preparar o cárcere do Sustentáculo e cuidar para que nenhum escravo fuja.

A gárgula ergueu olhos raivosos para a outra.

— Fique consolada, pois é o que seu mestre quer, e eu estarei em um lugar bem menos divertido.

— Onde você vai?

— Procurá-lo — Adna suspirou. — Naquela cova em que Zebarã vivia.

Ofegante, Verônica lutou para ficar de pé, usando as garras poderosas para se sustentar. Adnail permitiu que ela se erguesse, e apanhou uma capa volumosa feita de pele.

— Se está preocupada com o atraso na sua missão, não fique — disse Adna. — Macrux vai se voltar para mim, e não para você, quando descobrir que te desviei dela. Além disso — ela olhou para o interior da torre bizarra e fez um gesto abarcando os escravos que transitavam atarefados de um lado para o outro —, os servos são seus por este tempo. Pode fazer o que quiser com eles. — Os olhos escuros da morena faiscaram de malícia. — Só não os deixe fugir, não quero problemas para o meu lado.

Com uma piscadela Adnail saiu, deixando Verônica como senhora do Sustentáculo de Macrux. A gárgula olhou ao redor: a arquitetura exótica, os serviços com bandejas de comida farta e elaborada, os pequenos animais domésticos tratados como reis: gatos, coelhos, cachorros que cabiam na palma da mão. Cheios de brincos, perfumes, massagens.

Talvez acatar as ordens da mulher de seu mestre não fosse algo tão ruim.

* * *

Finalmente Adnail chegara, depois de tanto tempo, enfim a mulher o libertara do cerco de raízes do Senhor. A cólera de Macrux não podia ser maior.

— Eu vou destruí-lo, Lhênus, vou apagar sua existência! — vociferou o feiticeiro, os olhos injetados em fúria, seu poder derramando-se como torrente elétrica sobre o Senhor, que não se movia.

Lhênus não era mais que um monte de galhos e musgo em forma de um homem diminuto. Estatelado no chão, o Senhor não tinha o poder nem o vigor de toda sua grandeza, e mal tinha forças para se defender da rajada dolorosa de energia negra. Mas quando Macrux cessou o ataque e tomou fôlego, possuído de raiva, ele falou:

— Você já me destruiu, meu caro. Ou melhor, eu me destruí, quando escolhi você para salvar o oeste e impedir uma guerra... Quem poderia prever que o Imperador dos homens se tornaria seu maior algoz? Nem mesmo eu...

— Não é o bastante! Não é suficiente! Vai haver retorno pelo que me fez, e quem vai pagar o preço são aqueles com quem você tanto se importa: suas sentinelas protegidas! Ouça minhas palavras, vou destruí-las uma a uma!

O corpo do elemental fundiu-se rapidamente à rocha. Macrux ainda derramou sua raiva numa rajada explosiva sobre ele, mas Lhênus já havia desaparecido. Cento e quinze dias, foi o que disse Adnail. Por cento e quinze dias o velho o tinha mantido preso embaixo da terra, sufocando, mas incapaz de morrer. Ele ofegava, mal contendo a cólera dentro de si, e sua forma corporal se alterava incontrolavelmente, como acontecia com o Senhor, mas, no caso do homem, aquilo era resultado do veneno, que preenchia suas veias e extrapolava por sua pele, como se fosse uma entidade própria.

— Você demorou demais, Adnail! — O bruxo estrondeou.

Adna, mal-humorada, cruzou os braços sobre os seios volumosos, ressaltando-os ainda mais, e lançou os cabelos lisos e compridos para trás.

— Eu o encontrei. Foi mais que qualquer um dos seus lacaios fez. Você soltou seus três monstros por aí, e nenhum deles veio buscar você. Só eu vim. Devia me agradecer.

— Não seja insolente!

— Não seja insolente você! — Adna retrucou, e Macrux sentiu, em seu próprio corpo, que ela não tinha medo, mesmo ele parecendo uma besta de pesadelo. Rosnou como um lobo, mas a calma da mulher o fez voltar a si, e ele diminuiu. Seu

tamanho voltou ao normal, os espinhos que tinham surgido de sua pele desapareceram, e ele tornou a ser o belo e poderoso feiticeiro ruivo.

— Eu te procurei! Tenho procurado por você há meses, mas seu brinquedinho não me mostrava mais do que este terreno. Então vim ver se aquela coisa não estava quebrada. Vim procurar por você, e eu te libertei! E mereço mais que um monte de gritos.

— Você... será recompensada — grasnou o feiticeiro, dando o braço a torcer. Afinal, se ele se deixasse levar pela raiva poderia perder a sanidade, e uma eternidade de loucura não estava em seus planos. Então puxou Adnail para perto e beijou-a ardentemente, colando seu corpo no dela. — Será recompensada.

E, antes que dessem conta, os amantes se atiraram no chão sobre um bloco de pedra que um dia revestiu as paredes do palácio de Zebarã, e Macrux se deixou levar pela urgência do desejo e da fúria. Arrancou a pouca roupa da mulher com um puxão e lançou-se sobre ela com ardor. Daria a Adnail tudo o que ela quisesse, ah, daria, e também daria a cada um dos pupilos de Lhênus o fim que eles mereciam.

Ah, como daria!

Começando por aquele que estava mais perto.

NOITE ETERNA

PARTE II

ESPECTRO ROSADO

Ludi era uma surpresa atrás da outra, o que, por si só, não era surpresa nenhuma, dado o fato de que ela era membro de um povo que tinha ficado isolado do resto de Bhardo por quase um milênio. Sua língua era estranha, com muitas palavras para sensações e sentimentos, e poucas para diferenciar coisas simples, como granito de mármore, ou gaivota de galinha. Era uma mulher vibrante e direta, e, sendo alguns centímetros mais alta do que Shenu, já alto para os padrões do Meio do Mundo, também era imponente por natureza. A sentinela se surpreendeu quando percebeu que ela vinha dia após dia passar um tempo com ele, e mais ainda quando entendeu que ela demonstrava sentimentos reais pelo rapaz. Shenu tinha se acostumado de tal maneira a não ser correspondido que estava achando suspeito que uma bela mulher, de certa influência no povo dela, e com outras opções óbvias, tivesse decidido investir suas emoções no andarilho.

Era complicado estar com ela e manobrar a dificuldade de Férik entender as coisas. Seu irmão tinha ficado permanentemente perturbado pelo tempo preso no Nepcoutem, Shenu não o culpava por isso, mas às vezes ele tinha vontade de apenas dar um soco bem dado na orelha do homem para ver se ele se acalmava e parava de implicar com qualquer pessoa que chegava perto de Shenu, além de implicar com o próprio Shenu também. Ele não parava de irritar a sentinela, mas não era capaz de ficar sozinho por um dia inteiro.

No entanto, as coisas caminhavam, e Shenu, que começou agindo cautelosamente com Ludi, temendo ferir os sentimentos da moça ou ser julgado por algum comportamento imoral pelo povo dela caso investisse em beijos públicos ou outra forma de carinho, foi aprendendo as regras sociais dos aduninos, e descobrindo que eles eram menos recatados nos relacionamentos do que ele estava acostumado a ver no resto do mundo. Não sabia bem como se sentia a respeito disso, mas os estranhos não tinham nenhuma celebração de matrimônio: o casal ficava junto se queria ficar e pronto. E o povo de Aduna não tinha restrições quanto a Shenu e Ludi ficarem juntos: de fato, eles demonstravam grande apreço pelo homem, e o tratavam como herói.

Então Shenu decidiu abraçar a fama e permitir que aquela mulher entrasse no seu coração ressabiado. Quem sabe, poderia ser bom. Buscou a companhia de Ludi durante todo o dia de colheita dos cogumelos e compartilhou com ela a ceia de celebração pela boa safra, rindo com a dança dos aduninos, tocando alegremente sua viola na companhia de tambores e flautas trazidos pelos agertos, e felicitando-se por Férík rir com outros sobreviventes que, aos poucos, também recuperavam a alegria.

E justo quando Shenu pensou que seu *amyan-ay-achi* seria preenchido em alguns instantes dentro da tenda particular em que ele vivia, um calafrio percorreu sua espinha e tirou-lhe o ar. Afastou a mulher, que se assustou com o movimento inesperado e a preocupação que viu nos olhos dele.

Do norte e oeste, de além do assentamento, além do campo de cultivo, além da Fissura, algo erigiu: uma aparição que tingiu o céu de preto e escureceu as estrelas remanescentes, escondeu Ramadissu crescente e apagou completamente a imponente, mas distante, Ginhaissu. Vinha carregada de energia tenebrosa, que Shenu sentiu como filamentos prendendo-se em sua pele, nas costas, nos ombros. Energia mágica.

E vinha das ruínas enfeitadas do Palácio Nácar.

* * *

Márcio e Yoná fizeram a viagem de volta com apenas alguns dias de diferença. Nenhum dos dois, no entanto, arriscou-se a usar os Trilhos Interiores, e ambos acabaram cavalgando até o mais próximo ponto de bonde já consertado. Yoná esperou pelo companheiro no Vilarejo Tinórcio, e quando Márcio chegou, os dois trocaram os caros cavalos *yatzarem'z* por passagens baratas em uma barcaça coletiva, deixando os negociadores bem felizes, e viajaram para Agerta.

Tinham acabado de pisar na ilha e alguns integrantes da Aliança Maior, que tinha permanecido em Agerta — a íterin Nianca, o secretário de reuniões Ávila e Dulião, escrivão de arrecadação, além de Alibeth, agora Passadante —, vieram correndo tirar satisfações do porquê de as sentinelas terem saído numa missão para ajudar reinos que não faziam parte da Aliança, gastando recursos que a Aliança havia aplicado, levando soldados da Aliança que não poderiam se deslocar até o Continente Maior sem a Aliança mandar, e com armas do patrimônio bélico da fortaleza e da Aliança, e montes de coisas mais *da Aliança*.

Antes que a paciência de Yoná se esgotasse uma sombra passou sobre eles e caiu bem ao lado de Márcio. Com um sorriso, o rapaz se viu encarando o gênio Dominique, e sentiu um alívio imenso ao ver o amigo. De repente, percebeu o quanto estava exausto, e como gostaria de simplesmente jogar baralho sentado ao redor de uma fogueira num lugar qualquer.

As sentinelas se cumprimentaram com abraços rápidos. Não pararam para conversar ali, mas se dirigiram para o Portal quase correndo, tentando escapar da perseguição dos aliados e também do assédio de repórteres e de moradores, que brotaram quase imediatamente ao redor deles. Tinham muito o que discutir, mas queriam, pelo menos, estar dentro de Octoforte e junto com as outras sentinelas, só que os membros da entidade mantenedora não estavam dispostos a deixá-los em paz, e correram atrás deles falando bem alto, atraindo a atenção de muita gente, inclusive de umas pessoas estranhas, muito mais altas e de pele muito mais clara do que qualquer pessoa que morasse na ilha, ou mesmo que Márcio tivesse visto em qualquer parte do mundo, com cabelos enormes e emaranhados em cordas grossas como cipós. Ele chegou a diminuir o passo para encarar os forasteiros, mas, com o cutucão de Yoná, acabou atravessando o Portal aos trambolhões, os perseguidores atrás dos garotos.

A queda brusca na passagem fez Márcio levar um tombo na saída e embrulhou seu estômago, piorando um pouquinho o humor do rapaz. Nique o ajudou a ficar de pé e sair do caminho rapidamente, já que nunca se sabia quando outra pessoa poderia atravessar e cair em cima de quem estivesse parado no gramado. Assim que pisaram em Cermalháct um sinete tocou, anunciando a chegada de pessoas através da entrada de Bhardo. Em poucos minutos, vários soldados apareceram, inclusive Evondér, para recepcioná-los.

— Sejam bem-vindas sentinelas — ele foi dizendo, mas logo se conteve quando Nianca surgiu ofegante do Portal, já disparando palavras como um arqueiro lança flechas.

Irritado, Márcio se virou para ela:

— Muito bem, o que você quer?

— Explicações, e Dhonmen nos acolhe!

— Acabamos de voltar de uma viagem muito cansativa — falou Yoná, sem olhar para a mulher. — Estivemos em uma guerra e também em outra viagem por um

caminho muito estranho, um tal “Trilho Interior”, conhece?

A garota olhou para a mulher atarracada com tanta intensidade que Nianca chegou a cambalear nas próprias pernas, mas Dulião tomou a frente, empinando o nariz:

— Não é direito de vocês conhecerem esse curso!

— Que eu saiba, não foi você quem o construiu — Yoná retrucou.

Dulião deu um passo à frente disposto a brigar, desconsiderando seu físico débil e envelhecido, mas Márcio não queria uma discussão naquele momento. A Aliança estava lutando para destituir todas as sentinelas de seus postos, e ele não tinha ideia de como andava o julgamento de Pablo. Se as sentinelas lhes dessem uma razão, poderiam apressar seu destino.

— Estamos exaustos — ele falou, tentando soar conciliador. — Não podem nos dar algumas horas?

— Precisamos dar satisfações aos nossos líderes *agora* — disse o ruivo Ávila.

— O que vocês querem saber?

— Queremos falar com o general. Onde está Pablo Adenetti?

Dominique também se voltou para os amigos esperando a resposta. Márcio suspirou e respondeu:

— Com o Yatarram e a Zéfira. Os dois reis estão enfrentando um grave problema e ele vai ajudar a...

— Há! — Nianca gritou em triunfo, como se já esperasse por aquela resposta. — Claro! O general abandona seu posto. Clássico! Mas não tem problema, o inquérito começou há vinte e cinco dias, cinco dias atrás foi decidido que Pablo será julgado à revelia!

Evondér se intrometeu, nunca permitiria que alguém falasse mal de seu general na frente dele.

— Do que vocês estão falando? Não sabem que Pablo Adenetti é o guerreiro mais honrado, mais poderoso, mais dedicado que Octoforte...

Nianca não deu ouvidos e gritou junto com ele:

— Vamos destituí-lo! Tirá-lo do cargo! Pablo não será mais general!

Quando a discussão parecia encaminhar-se para uma briga feia, uma voz tranquila os interrompeu, e quando se voltaram depararam com um grande borrão louro que resfolegava no caminho até o Portal.

— Sim, vocês vão fazer isso — disse Diana, sorrindo para os amigos. Sália e Oneil, a escritã e o relator do Comitê de Inspeção da própria Aliança Maior, vinham andando ao lado dela, o homem com um livro grosso nas mãos, e uma menininha de cabelos vermelhos orbitava a louro, sorrindo e cantando sem parar. — No entanto, sugiro que leiam o quarto texto do compêndio dos generais de Octoforte primeiro. Foi escrito pela própria Aliança; portanto, vocês têm que respeitá-lo.

Oneil derrubou o livrão nos braços de Alibeth com um sorriso e uma piscadela. Embora Alibeth e Elzira, a outra escritã que compunham o Comitê, se mantivessem na caça de algo que pudessem usar contra as atuais sentinelas, Diana e Pablo tinham conquistado a lealdade daqueles dois e também de Lavoér, inspetor-chefe e irmão de Alibeth, e trabalhavam com afinco procurando brechas legais para usar *a favor* dos jovens. Diana mal olhou para os aliados; deixou que discutissem uns com os outros e derramou-se, com sua barriga protuberante, sobre Márcio, Yoná e Dominique em um abraço de saudade.

— Evondér, você é o subgeneral. Recepcione estes senhores da melhor forma possível e os ajude no que precisarem, tudo bem? — o homem assentiu, estufando o peito ao fazê-lo. — Sália, Oneil, sintam-se à vontade para voltar ao seu posto com Lavoér ou para acompanhar os seus colegas da Aliança. E vocês... — a moça se voltou para os amigos. — Não sabem a falta que senti de vocês! Lidar com tudo aqui tem sido... Complicado... Bom, do que é que eu estou falando? Vamos entrar, não vamos? Ondily, porque não nos mostra o caminho mais rápido para a Torre da Terra?

— Para a Torre da Terra! — exclamou a menina, saltitando à frente do grupo.

* * *

Contra a vontade, Shenu mandou que Pogo, o cão orelhudo, ficasse para trás, junto à viola, e seguiu para o norte por aquela terra que deixava de ser árida aos poucos.

Era fantástico que uns poucos meses de chuva pudessem ter transformado o solo daquela forma, dando vida a plantas rasteiras e pequenos arbustos, atraindo roedores, cobras furtivas e lagartos para a região, mas o terreno nos arredores dos restos do Palácio Nácár ainda estava longe de ser agradável. Olhando para a Fissura, à esquerda, Shenu pensou que em breve deveria conduzir uma expedição até o início daquele cânion, já que os aduninos tinham lhe contado que, em seus pergaminhos de história, aquilo um dia fora um rio, e que provavelmente estava bloqueado. A sentinela não queria forçar a natureza a se transformar abruptamente, mas a ideia de que havia um rio doce represado, esperando para correr por ali, lhe dava esperança de que, um dia, aquele buraco poderia deixar de ser uma mácula na terra e transformar-se em reduto de vida.

Com a escadaria destruída, a sentinela teve que descer até o fundo da Fissura e subir para o planalto alto, do lado norte, por escadas precárias e apoios suspeitos. Claro que, mesmo se a escadaria dourada estivesse de pé, ele não subiria por ela, ainda que toda a magia abominável estivesse extinta. Preferia arriscar o pescoço um pouco mais adiante e aproximar-se das ruínas pela lateral.

Deveria estar sozinho, já que nenhum adunino queria chegar perto do símbolo de poder do tirano morto. Entre eles, que não tinham nenhum domínio sobre o *mac*, menos ainda sobre a magia, as faculdades de Zebarân eram inexplicáveis e ainda mais terríveis do que para os bhardanos, e o medo que tal poder despertava era ainda reforçado pelos mitos daquele povo. Já os escravos sobreviventes tinham disseminado um curioso tique de jamais olhar na direção dos escombros do castelo e, se por acaso o fizessem, se ajoelhavam e tocavam o chão com a testa uma vez, ou murmuravam uma praga, ou um pedido de proteção a um Senhor, geralmente Ebegne ou o próprio Dhonmen, antes de voltarem ao que estavam fazendo.

Assim se formam os rituais religiosos, Shenu pensava quando via a cena.

Dado o grau de repulsão que aquele lugar despertava, Shenu pensava que as sentinelas nem precisavam ter se preocupado em enfeitiçar o lugar para afugentar invasores, se bem que parte daquele incômodo devia ser causado justamente pelos feitiços dos sete. Ele bem queria manter-se longe dali também, como qualquer pessoa sã; no entanto, gostasse ele ou não, ainda era sentinela, e aquela infâmia no mundo era um pouco responsabilidade dele também. Não que o encargo o incomodasse: no passado, podia ter pensado em fugir das missões loucas dos amigos, mantendo-se nelas apenas por interesse próprio, mas agora ele sentia um orgulho gostoso em dizer que era *Um dos Sete de Octoforte*. Por isso, ainda que não quisesse ir às sobras daquele lugar hediondo, não pensou em se esquivar da

tarefa. Havia algo errado com as ruínas do Palácio Nácar: algo viscoso e pungente emanava de lá, como uma praga, e Shenu tinha que descobrir se era algum resto de magia, uma doença sendo espalhada, ou alguma coisa diferente.

Tinha certeza de que estaria só, mas havia um indivíduo que fugia a qualquer regra, e Shenu o sentia aproximando-se oculto, como uma alma penada.

— Não precisa se esconder, eu não ligo se vier comigo.

— Como você soube que eu estava aqui?

Shenu deu de ombros e esperou Férík chegar perto.

— Meu *mac* está ativo — respondeu. — É difícil te ver por causa da escuridão, até sentir sua sombra é complicado. Mas a Lincariell está aqui em cima, o brilho dela te iluminou um pouco e eu percebi.

Férík emparelhou com o irmão e Shenu sentiu sua coragem diminuir um tanto bom.

Onde foi parar o céu? Pensou.

— Eu vou entrar lá?

Shenu meneou a cabeça.

— Não, você fica bem aqui. Aquilo lá está enfeitiçado, e não quero ter que te tirar de uma prisão mágica nunca mais.

— Mas eu tenho...

— Que ficar aqui — Shenu insistiu. — Esperando que eu veja o que está acontecendo lá. Se eu precisar de ajuda, vou te chamar.

Férík não parecia feliz em atender a ordem de Shenu, mas a sentinela confiava que ele esperaria. Nos últimos dias, Shenu e Férík tinham se tornado bastante companheiros, ainda que de um modo muito peculiar.

O andarilho parou poucos metros antes do que deveria ser a barreira mágica dele e dos amigos e ficou boquiaberto: não havia mais escombros. Não sentia a vibração característica de lugares enfeitiçados, nem a repulsão que seu encanto deveria

causar, o que indicava que o sortilégio das sentinelas tinha fracassado. Não havia sinal também do mármore que refletia tons do arco-íris em lugar nenhum, nem das grades de ferro gigantes que recobriam as torres idênticas na entrada do edifício, e que tinham ficado expostas sobre a pilha da última vez que vira aquilo.

Precisou de um momento para se lembrar de respirar, porque a visão de grandes e sólidas paredes pretas dominando o que devia ser uma pilha de pedaços o fez tremer. Apertou o lábio, um frio incontrollável espalhando-se por seu corpo, fazendo-o lembrar dos feitiços que Zebarân lhe lançara durante a luta contra ele. Apavorou-se com a ideia de ter que passar por aqueles muros e ver o que havia entre eles, pois uma luz frágil e esverdeada vinha de algum ponto no cerne da nova construção, mas lembrou-se de que seu *mac* poderia funcionar por ele, sem colocá-lo em perigo.

Olhou para a Lincariell, e a estrela pareceu brilhar em resposta. Inspirou profundamente, expirou em seguida, e com a expiração estendeu sua própria sombra e a fez se encontrar com a sombra da primeira parede. Um fragmento de seu espírito sentiu a projeção levemente escura das outras paredes, e deslizou através dela. Fechou os olhos, e foi distendendo o sentido por sombra atrás de sombra, até ingressar no interior do lugar.

Abriu os olhos. Não sentiu nenhuma presença viva lá, nenhum sombreamento móvel, e pensou que aquela coisa podia ter sido montada por uma ação dos fragmentos do Saldraléctér, o gigante tesouro mágico de Zebarân, quebrado por Márcio e Jadhe.

— Sabia que devíamos ter destruído esse negócio de uma vez — murmurou. Em seguida, voltou-se para Férik. — Espere mais um pouco, vou lá dentro e ver se consigo pensar num jeito de derrubar isso aqui.

Entrou. Férik, apesar de não adentrar o monumento, ficou bem próximo e esperou. Shenu afundou na escuridão, mas o brilho tênue que vinha de lá se intensificou em uma explosão de luz esverdeada emergindo do miolo, e engoliu a sentinela. Com o coração disparado, Férik deu dois passos adiante, mas não conseguiu se forçar a dar mais um. Ouviu um grito dolorido, de gelar os ossos, seguido por um som gutural de algo sendo arrastado.

Chamou por Shenu e começou a chorar de pânico. Então a luz diminuiu e ele viu Shenu correr em sua direção.

— Chame Pablo! Chame o general! — gritou a sentinela tentando sair dali, mas seu corpo foi puxado bruscamente no momento em que ele lançou algo para o gêmeo, e um bramido de dor ecoou no lugar.

Férik se abaixou e mal conseguiu conter a tremedeira para recolher o que Shenu tinha atirado: uma bolsinha que ele carregava presa ao pescoço, e que Férik sabia que continha um espelho que o rapaz de asas dera a ele, e outra coisa, que caiu um pouco adiante.

Um fragmento de cristal rosa.

Apanhou os itens e correu em disparada.

O PLANO DO IMPERADOR

— Imperatriz Zoraya? Quais são vossas ordens?

Os olhos verdes da moça estavam tingidos com o rubro da luz do incêndio. Seu povo, tão machucado pela recente guerra civil, tão ávido pela construção de uma nação independente, e ainda tão jovem, não tinha poderio para resistir à investida por muito tempo. Não havia magos, não contavam com um exército grande. Era uma questão de dias para que as barreiras flamejantes caíssem e as horrendas criaturas invadissem, isso se as bestas vermelhas não voegassem sobre o cerco e atacassem a cidade antes dos malditos. Já tinham destruído as plantações e exterminado o gado, de qualquer jeito. Se não conseguissem ajuda logo estariam condenados, mas seus arautos não puderam viajar para o sul para tentar uma adesão à Aliança Maior, que tinha Ylhuah e Zebelim como integrantes.

A soberana suspirou, conformando-se com sua única opção.

— É possível enviar uma comitiva para o oeste? Para o território de Gehenmy?

— Mas senhora, Agamenon...

— Não temos opção. Se meu tio puder enviar seu exército para livrar nosso povo deste mal, seremos novamente seus súditos, e eu me renderei como prisioneira ou como o que ele quiser. Separe um grupo de soldados e comece...

— Senhora, me perdoe — o ministro de guerra interrompeu, e os soldados na saleta se voltaram para ele, que se curvou ante o peso da notícia que tinha para a Imperatriz. — Não podemos chegar à capital de Gehenmy. Não podemos sair daqui.

— O cerco está tão fechado? — perguntou a mãe da soberana, e o ministro baixou os olhos, assim como alguns soldados de seu agrupamento.

— Não conseguiremos sair, mas não teríamos para onde ir — o mestre-de-guerra disse com pesar. — Um arauto chegou há pouco vindo de lá. Farbula caiu, assim como Carjei e a Jerseláv. Agamenon está morto. O general e mandatário Silderéver faleceu antes dele. A maioria dos líderes morreu num ataque surpresa dos vermelhos e do bruxo líder deles. O homem solta ácido da garganta, e derrete homens...

— Então não temos onde buscar ajuda — constatou madame Maiíz, mãe da Imperatriz.

Zoraya apertou os olhos; sua visão ainda era jovem, mas já dava sinais de enfraquecimento e ela enxergava as coisas mais distantes embaçadas.

— Talvez... Podemos tentar uma última alternativa — disse a moça, e todas as cabeças se ergueram e todos os olhos brilharam em desespero por qualquer esperança, por mais frágil que fosse. — Ministro, prepare seu grupo. Vamos abrir caminho à força pelo litoral; os malditos não entram na água do mar.

— Não temos barcos para o povo todo...

— Não vamos para alto mar, vamos cavalgar pela praia até o início da floresta fria.

— *Vamos?* — a soberana Maiíz, mãe de Zoraya, questionou.

— Preciso ir com eles, e você precisa manter nossa gente unida, minha mãe. É nossa última opção: pedir ajuda a *elas*.

— Eles quem?

— Os parentes da grei de Miwa. Os gênios que meu tio Agamenon não conseguiu vender para Zebarân. O clã das brisas. Eles vivem nessas montanhas.

— Se é verdade, como poderão nos ajudar? Era um povo pouco numeroso, serão pouquíssimos os sobreviventes...

— Não importa — Zoraya afirmou determinada, e seu tom seguro, diante de todo aquele desastre, instilou um pouquinho de confiança nos homens ao redor. Afinal, havia um motivo para a terem seguido e desistido de Agamenon, um homem com tanta experiência. Zoraya encontrava caminhos quando ninguém mais via luz. — Vamos oferecer o que eles quiserem, vamos dar terras e títulos, garantias de

segurança, vamos nos ajoelhar perante eles e jurar nossa servidão, se for necessário.

— E o que vamos pedir em troca?

— Um *desejo*.

* * *

Sentada sobre o parapeito, Adnail balançava o pé descalço e olhava para baixo. O castelo estava pronto: uma construção viva de artérias pretas, canais que drenavam a seiva do mundo e alimentavam a magia do lugar. Macrux era mestre naquilo, pegar uma energia pura e transformá-la em matéria-prima para seus próprios propósitos, e, invariavelmente, ele conseguia o que queria. A única coisa que a incomodava era que ela não sabia exatamente *o que* ele queria.

Lá embaixo, no pátio cercado por várias torres pretas e oleosas, estava o Saldraléctér. O feiticeiro tinha juntado todos os pedacinhos da coisa e os colocado no lugar, desde os maiores até os microscópicos. Eles não estavam unidos, não tinham sido soldados de novo, mas era só uma questão de tempo, e o prisioneiro ia servir a este propósito. Quando a joia terminasse com ele estaria completa outra vez, o rapaz não existiria mais, e Macrux teria disponível o poder que Zebarã condensou naquela coisa por quase um milênio.

Parecia um bom plano, mas Macrux era um homem apaixonado, por isso a escolha daquele prisioneiro específico. Certamente usar a alma dele para refazer a joia era também uma vingança. Reconquistar o Cristal Rosa, contudo, tinha sido uma adição recente ao plano original, pois o feiticeiro não esperava que ninguém fosse capaz de destruí-lo, para começo de conversa.

Adnail continuava sem saber o que era o plano completo, e isso a incomodava mais que tudo. Saltou da sacada para o aposento daquela torre, caminhou como um felino até seu companheiro e apertou os lábios em repulsa ao se aproximar dele: o ruivo estava sentado num trono pulsante que lembrava um monte de cérebros. Macrux podia ser belo, altivo e imponente, o maior feiticeiro de todos os tempos, mas tinha um péssimo gosto decorativo. Os olhos do homem não se voltaram para ela; estavam esbranquiçados, fixos no fundo da esfera de cristal suspensa no ar em sua frente, e ela sabia que ele vasculhava, através daquilo, todo o mundo de Bhardo.

Arriscou uma olhada no objeto também, e por vários minutos acompanhou a visão de regiões em que os aliados do Imperador faziam o que o mestre tinha mandado, até não aguentar mais ficar calada.

— O caos pelo caos. Você passou dois séculos organizando sua volta para Bhardo, e depois ainda procurou qualquer coisa aqui por quase duas décadas. Pensei que seu plano fosse um pouco mais... elaborado.

Ela sentou-se numa grande poltrona dura num canto da sala e observou o feiticeiro sair de sua concentração e olhar para ela com um sorriso presunçoso.

— Só porque o marinheiro não sabe o que existe do outro lado do mar, não significa que o continente não esteja lá — falou ele.

— Então me dê uma luneta e me faça enxergar terra firme! — pediu ela, não contendo a ansiedade e divertindo o homem. — Você planeja, mas me deixa no escuro. Até agora, não vi nenhuma justificativa para essa matança aleatória. Daqui a pouco você alcança seu objetivo e eu nem sei qual é... Sei que você quer chamar a atenção de alguém e que quer dominar o mundo, mas ainda não sei para quê.

Macrux sorriu, e recostou-se no trono. Adnail percebeu que ele estava ponderando a respeito do pedido dela. Ela sabia que a curiosidade o divertia, e que ele gostava de estar sempre no comando, mas também sabia que, em algum momento, ele precisaria dividir seus projetos, fosse para assustar, fosse para receber aplausos, e este alguém era sempre ela.

— Adna, nestes séculos que estamos juntos, quantas vezes você se encontrou com um Senhor?

A mulher deixou escapar uma risadinha de escárnio e passou a mão pelo longo cabelo.

— Você está brincando, não é? Seu querido mestre Lhênus te ama, volta e meia dá as caras por aqui.

— Lhênus é um caso à parte. Exceto ele, quantas vezes você esteve diante de um Senhor? — Ela ficou em silêncio, refletindo, pois tal encontro nunca tinha acontecido. — Nós estivemos na Terra por muitos anos, e aquele mundo tem uma quantidade excepcional de fés, credos, crenças, religiões, dogmas, seitas. Quantas vezes lá você esteve diante de um deus? Ou de um santo, ou de uma aparição? —

Adnail entortou o queixo um pouquinho. — E em Agharta, quantas vezes você presenciou a aparição de um *Bhrahim*?

— Onde você quer chegar com isso? — ela perguntou com uma pequena ruga na testa. — Está sugerindo que os Senhores não existem?

— Não, eles existem — Macrux levantou-se e andou na direção dela. — A existência de Lhênus é a principal prova, mas não a única. No entanto, eles não se comunicam com pessoas ordinárias; na maioria das vezes, nem aparecem para elas.

— Então...

— Certa vez Lhênus me explicou: em Bhardo, pelo menos, para um Senhor atender pessoalmente a convocação de um humano, este humano deve ter feito ou ter poder para fazer algo extraordinário, algo tão grandioso que não possa ser ignorado, que altere o curso dos eventos naturais. E ele também contou que os Senhores não são tão diferentes assim dos mortais, não *essencialmente*. Seus espíritos foram criados da mesma forma, mas eles têm funções específicas e são eternos.

— Então você quer domínio total para atrair a atenção de um Senhor? Não precisava de tanto, é só chamar e o velho aparece aqui!

Macrux puxou Adnail, trocou de lugar com ela e sentou-se, colocou-a em seu colo, e deixou que as mãos dela deslizassem pelo seu dorso.

— Não tenho intenção de dominar o mundo, nem é de Lhênus que quero chamar a atenção; aliás, com tanta intromissão, eu desconfio que ele não vá resistir muito tempo no posto.

— O que é que você quer fazer então?

— Desfazer a civilização — respondeu o feiticeiro, saboreando a confusão de Adnail. Esperou alguns minutos, mas a mulher não verbalizou mais perguntas, só o fitou com tanta intensidade e sem piscar que Macrux acabou sorrindo e cedendo.

— Entenda: os homens não passam de um tipo de animal. Porém, para formar a sociedade, com sua civilidade, suas cidades organizadas, seu governo, seu modo de viver, e diferenciar-se dos outros animais, o homem precisa de quatro pilares, os Pilares Fundamentais, que os Senhores ensinaram a eles no início de tudo.

— Que são...

— Tempo, Espaço, Satisfação e Segurança. O Pilar do Tempo, ou seja, a capacidade de contar as horas, os dias, quanto tempo falta para a lua nascer, para semear e para colher, para a próxima enchente ou para a próxima seca, ou quanto tempo de vida uma pessoa ainda pode ter. O Pilar do Espaço, que é a delimitação das cidades e vilas, do espaço que as pessoas precisam para se relacionar uns com os outros, para que possam desenvolver habilidades, política, relacionamentos, invenções. O Pilar da Satisfação, que é a capacidade de satisfazer suas necessidades básicas sem precisar enfrentar a natureza: a agricultura, para saciar a fome; os poços e cisternas, para armazenar a água; os dutos de saneamento, para realizar a limpeza; as criações, para obter carne, couro e lã. E, por último, o Pilar da Segurança: a sensação de confiança que as pessoas têm quando os três pilares estão em ordem e não há epidemias nem guerras acontecendo.

Adnail fez um beicinho e coçou o pescoço, e o bruxo sentiu o incômodo dela em sua própria pele. A mulher estava desconfortável em pensar que seu companheiro ia destruir o que tornava os homens humanos.

— E você quer varrer isso? E fazer as pessoas virarem o quê, cachorros?

— Como eu disse, preciso de algo grande, suficiente para atrair um certo Senhor.

— E quem você quer chamar?

Ele olhou fundo nos olhos dela, e Adnail soube que ele esperava choque.

— Zey.

— Zey? Senhor dos condenados? O Senhor que castiga as almas dos criminosos? Para quê?

— Para desafiá-lo. E tomar o lugar dele.

Adna saltou do colo do homem.

— Quê? Tomar o lugar *Dele*?

— Um mortal pode tomar o lugar de um Senhor desde que o supere num desafio que envolva o elemento que este Senhor governe. Lhênus é o elemental da sabedoria e da flora e eu não governo a flora, meu *mac* é o da sombra. Poderia usar magia, mas a magia usa o *mac* para funcionar, muito poder se perde no caminho,

eu desconfio que não seria eficaz contra um Senhor num duelo. Pelo mesmo motivo, não escolhi desafiar Caularom, Inish, Scárfer ou Zizaram.

— E por que não Zaunér, Senhor das Sombras? Por quê Zey?

Macrux se divertiu: Adnail estava realmente assombrada. Depois de tanto tempo e tantas armações, ele não imaginava que ela se sentiria assim com alguma coisa.

— Zaunér é um Senhor Maior, não pertence a Bhardo, mas ao Cosmos. Se o que Lhênus contou no Naelimdér^[17] estiver certo, ele tem tarefas em muitos mundos, e está distante dos homens de tal forma que mal tem um pensamento humano, e é justamente a ideia de perder a humanidade que me fez perceber que tenho que me tornar um Senhor.

— Ainda não entendi.

— O Elixir é falho. É poderoso e eterno, nos mantém vivos infinitamente, mas nos tira a vontade de permanecer alertas, devagarinho nos transforma em coisas como plantas. E eu não quero desaparecer.

A mulher admirou-se.

— A imortalidade verdadeira. Mas por quê Zey, por que não Ebegne, e por que matar meio mundo?

— Ebegne lida com almas menos perturbadas. Ele julga e deixa entrar os mansos, e manda para Zey dar jeito naqueles que não podem passar pelos Campos Brancos sem deixar pegadas. Zey está mais próximo às pessoas do que qualquer outro Senhor; ele governa almas, julga-as, pode manipulá-las, pode tirar quem ele quiser do Nepcoutem e trazer de volta. E o melhor jeito de chamar sua atenção é enviando para ele uma torrente de espíritos de uma vez, e, para isso, preciso matar muita gente. Se for pensar bem, não estou acabando com ninguém: matar é só separar carne e espírito. Todos continuam existindo, só... Em outro plano — ele abanou a mão com displicência.

Adnail se afastou.

— *Pode tirar quem ele quiser do Nepcoutem, é?* — ela disse, e cruzou os braços.

— Você está movendo céu e inferno. Isso tudo é para trazer *ela* de volta?

A mulher empinou o nariz quando Macrux se levantou, e não se deixou abalar. Ele bufou e se afastou, mas respondeu.

— *Ela*, que você menciona, não está no Nepcoutem, eu tenho certeza. Aquele lugar é para almas pesadas, almas como a minha ou a *sua*. Acredite quando eu digo que aquela mulher não faz parte de meus planos. Estou movendo céu e inferno porque não quero ir para nem um dos dois. E não se apegue à possibilidade de trazer mortos de volta: quando a próxima etapa do meu plano estiver concluída, poderei fazer isso mesmo antes de me tornar Senhor, esteja esta alma no Nepcoutem ou no Nepasiar.

E saiu da sala para voltar ao prisioneiro, que já estava recuperando a consciência depois da última surra, deixando Adnail remoendo as implicações do plano do seu homem.

* * *

O feiticeiro meneou a chibata mais uma vez. A labareda produzida pela arma lacerou o corpo do rapaz e fez um sulco fumegante na pele nua. O cativo não gritou nem gemeu, já não tinha forças para isso. Mal se mantinha desperto. Fazia duas semanas que estava sob o domínio do estranho, e não conseguia entender o que é que ele queria, afinal. Ele o feria, mas quando o deixava perto de perder a consciência pela dor, o curava com magia. Então vinha uma mulher, e o forçava a comer e a beber. Ele apagava, despertava sozinho, e ficava assim até o homem surgir novamente.

Eles se encaravam e, embora Shenu não se lembrasse dele, este parecia conhecê-lo bem. A raiva que descarregava com aquele chicote feito de brasas era muito pessoal, e o prisioneiro não podia imaginar o que tinha feito para despertar tamanha ira.

Ártemis o tinha ensinado a empurrar a telepatia sobre a mente de uma pessoa para enxergar as intenções dela. Shenu nunca tinha conseguido fazer isso de forma sutil, como Jadhe, ou imperceptível, como fazia a própria Caçadora, mas naquela situação concluiu que não havia nada a perder. Se o feiticeiro percebesse o que a sentinela estava tentando, e ele certamente perceberia, iria castigá-lo, mas, pelo jeito, a surra viria de qualquer maneira.

Em um momento de pausa entre uma cura e uma nova saraivada de golpes, Shenu concentrou todos os seus pensamentos no homem, na mente do homem. Tudo ao

redor ficou um tantinho difuso e sem cor, só o indivíduo importava, os passos dele, o ritmo de sua respiração.

Um vislumbre, uma cena, uma projeção dentro da mente do andarilho enquanto a imagem que os olhos viam continuava sendo o rosto do inimigo. Ele estava de costas, mas não deu sinais de ter percebido a investida ou, se percebeu, de se importar com ela. As imagens continuaram a surgir, junto com sons, como se Shenu sonhasse acordado, cada vez mais vividamente: a ponte entre as mentes ficava mais forte.

Do outro lado, Macrux estalou o pescoço e se virou para o refém. Brandiu a arma com ardor, sem preocupar-se com o que o andarilho enxergava de seu passado. Que visse tudo, que fosse testemunha do glorioso milênio de vida do imortal Macrux, antigo Imperador do Oeste, futuro soberano de Bhardo. Esperava que a Lincariell brilhasse em pânico ao ver o que ele fazia com aquele rapaz, e que o dito “herói” desse um jeito de chamar seus queridinhos de Octoforte, ou talvez Lhênus. As sentinelas viriam por ele.

Brandiu o azorrague novamente e acertou o peito do rapaz. Ele urrou e não conseguiu suportar acordado. Desmaiou, a conexão telepática desapareceu, e pendeu sob o próprio peso.

* * *

Era surpreendente que, mesmo no fim do sexto mês de gravidez, Diana aparentasse ainda tanto fôlego. A moça conduziu os amigos rapidamente através do gramado interno para a Torre da Terra sem pausas, mesmo depois que Estetil tentou segurá-la pelo braço, dizendo que queria conversar com ela a sós, ou quando vários soldados abordaram o grupo para cumprimentar as sentinelas recém-chegadas e perguntar a respeito dos que não tinham retornado ou do general. Livrou-se de todos com gentileza, porém, quando entraram na torre e Diana fechou a porta atrás de si, respirou fundo, mexeu no anel em seu dedo com adorno de raio, símbolo de seu casamento com Pablo, e Márcio viu seu semblante completamente vermelho e teve medo de que ela passasse mal.

— Você está bem? — Dominique perguntou preocupado, colocando a mão sobre um ombro dela.

— Só um pouco sem ar, mas já vai passar. Por que você não traz Jadhe aqui? Não sei se ela sabe que vocês chegaram.

— Onde ela está? — o gênio perguntou imediatamente.

— Na biblioteca! — exclamou Ondily, sorrindo feliz por participar da conversa.

Dominique sorriu de volta, afagou os cabelos da menina, agradeceu e pediu licença aos amigos.

— Vamos, vamos subir — Diana chamou. — Mas vamos devagar, porque senão eu não chego lá em cima...

— Você está enorme! — Yoná exclamou, admirando a nova forma da amiga.

— Também acho. Será que são dois? Só gostaria que meu marido estivesse presente, onde se meteu o general? Agora sou eu que quero saber.

— Falei a verdade, Pablo ficou com os reis, mas virá logo — disse Márcio. — Tentou te mandar uma mensagem, mas a magia se esgotou...

— Hm! Só porque estou impossibilitada de fazer viagens perigosas ele me vem com essa. Vai se ver comigo quando chegar...

— Di, temos muito o que conversar e investigar — Márcio falou, temendo perder tempo e ser interrompido outra vez.

— Temos mesmo. Estamos no meio de situações... Ameaçadoras, posso chamar assim — falou Diana.

A grávida parou um minuto e ficou em silêncio, tomando fôlego. Depois terminou de subir o lance de escada que faltava, abriu o alçapão e saiu no alto da Torre da Terra. Só quando se sentou em frente ao centro de recepção dos espelhos recuperou o fôlego e voltou a falar:

— Melhor eu começar antes que um aliante dê as caras por aqui. É o seguinte: tivemos muitos visitantes.

— De que tipo? — Yoná perguntou.

— Ladrões. Alguns são mercenários, outros agem por conta própria, mas suspeito que uns bons deles estavam contratados pela Aliança Maior. Tenho quinze presos nas celas da muralha externa, mas todos já têm ordem de deportação para

“julgamentos justos junto ao júri da nobre entidade que representa a soma dos reinos unidos do Oeste”.

— Que seria...

— A própria Aliança Maior.

— Canalhas! — Yoná martelou a mão esquerda com o punho direito fechado. — Nos tiram a tarefa para não descobriremos que foram eles mesmos a pagar os bandidos!

— Sim, mas alguns casos foram de pessoas agindo sozinhas. A coisa está ficando cada vez pior, mais perigosa. O segundo a ser preso foi um meninote de treze anos que estava tentando escalar as pedras do Torreão de mãos nuas pelo lado de fora!

— A simpatia dos Tesouros está se estendendo — Márcio constatou.

— Dobrei o número de guardas nas portas do Torreão, mas mantenho espelhos voltados para eles o tempo todo e os vigio sem parar. Não confio de que os soldados não acabarão cedendo à magia de atração, mesmo que não saibam o que ela é.

— Quando Pablo voltar, precisaremos de um novo conselho, novas diretrizes — afirmou Yoná. — Precisamos tomar outra decisão com relação àquelas coisas, uma que as coloque de vez fora do alcance de qualquer um.

— Também acho, mas temos outro problema — Diana continuou, os olhos esquadrinhando os arredores, inclusive o alto. — Vou falar rápido porque estamos só nós e daqui a pouco Nique e Jadhe vão chegar, e o gênio não esconde muito bem os pensamentos da leitura da nossa amiga telepata: Jadhe está doente — disse Diana, suspirando, fazendo Yoná e Márcio arregalarem os olhos. — Ela tem tido desmaios, muitos dias de febre, e anda rondando o Torreão. Acho que não tentou de novo abrir o baú, tanto porque sabe que não vai conseguir destrancar todos os feitiços, quanto por respeito a mim, porque seria muita covardia passar por cima de uma grávida. Mas ela quer aquela coisa, ela quer muito, e isso está consumindo a alma dela.

— A Jadhe tem ajudado bastante! — Ondily falou alegremente, alheia à conversa dos adultos, e falando a primeira coisa que lhe veio à mente.

— É verdade — Diana acariciou os cabelos da menina. — É verdade mesmo. Ela tem lidado com os invasores, e cada dia que passa tem mais deles; treina os magos comigo, participa e lidera os treinos táticos, criou um grupo de escribas dedicado a registrar os fatos ocorridos no Nepco...

— Aduna! — Ondily gritou.

— Aduna! Isso aí! E também ajuda Evondér com as questões que Pablo deixou ao encargo dele, como organizar os mantimentos, controlar as finanças e coordenar a nossa relação com a ilha. Mas...

— Garanto que não é só ela que sente falta dos Crimedéct'z — disse Yoná. Sei que elas são o que são, e que podiam ter nos destruído, mas...

— Mas mais de uma vez eu me peguei pensando em como teria sido mais fácil proteger as pessoas com o Cetro — confessou Márcio, cabisbaixo.

— Eu entendo — Diana concordou. — Tem horas que me pego pensando se Pablo tem tanta razão em mantê-los trancados. Mas a dele, especialmente, é perigosa demais para ficar andando por aí.

— Você disse que Octoforte está em situações ameaçadoras. Jadhe está no meio disso?

A garota apertou os olhos. Márcio teve a impressão de que a cunhada sentia um cansaço extremo, e teve certeza de que não era só pela gravidez.

— Ondily, xodó da Di, busca uma coisa para a gente comer? E uma garrafa de água também? Tem tudo isso na cozinha da torre.

A ruivinha deu um gritinho de “sim, mamãe”, e saltou de seu lugar, correndo para atender o pedido de Diana, que ainda gritou para ela:

— Não corra pela escada! Não quero que você quebre a cabeça! — Mas Ondily já tinha desaparecido. — Essa menina... É muito esperta, está muito grudada a mim. Quem estava com ela... Ainda bem que são da Terra.

— E por quê? — Yoná perguntou, confusa.

— Porque se fossem bhardanos eu iria até eles e não sei se os deixaria vivos. Ela era puro osso e cheia de machucados.

— Ela te chamou de mãe — comentou Yoná, e Diana, mordiscando o lábio com um sorriso de genuína alegria, respondeu:

— Pablo e eu a adotamos oficialmente.

Yoná bateu palmas e Márcio sorriu. Então ele já era tio, afinal.

— Não fique preocupada, minha irmã — disse Márcio, pousando as mãos nos ombros da cunhada e a puxando para um abraço de congratulações. — Você sempre foi uma boa mãe para ela.

A mulher sorriu, grata.

— Só tenho medo disso por causa das ameaças da Aliança. Já estou pensando no que fazer quando meu marido chegar, vão querer prendê-lo tão logo pise os pés aqui e, bem, vocês sabem...

— Vamos planejar uma fuga para vocês dois — anunciou Yoná. — Usaremos uma das passagens do Torreão, faremos um plano para passar Ondily primeiro, deixamos uma balsa à sua espera. Vocês não ficarão presos pelo crime de terem filhos.

Márcio arregalou os olhos e o queixo de Diana caiu.

— Nunca pensei em ouvir um plano de deserção vindo de você — disse o rapaz.

— Não é deserção quando percebemos que estamos servindo uma entidade que só atende finalidades hipócritas, e que condena aqueles que usam o poder para atos grandiosos a favor de todos, e não da minoria que eles representam.

Diana e Márcio se entreolharam e fizeram um gesto de aprovação.

— Gostei do discurso. Pode usá-lo quando se candidatar a um cargo burocrático em algum governo... — Márcio comentou, mas levou um empurrão de Yoná que, ele sabia, era avessa a organizações políticas.

— Obrigada Yoná, talvez eu e Pablo precisemos mesmo deste plano. Sobre Jadhe, não sei se ela é uma ameaça para nós ou não — disse Diana. — Vocês vão perceber que ela não está bem, mas não acredito que faça algo contra nós, pelo menos não deliberadamente... Mas temos recebido relatos de fora daqui. Mensageiros chegam à Agerta todo dia com notícias de ataques de dragões e de marrotes, as pessoas da

Aliança vêm pedindo nossa ajuda constantemente, Evondér mandou vários dos nossos para missões por aí.

Um leve ruflar de asas indicou a chegada de Dominique, que pousou suavemente no meio do piso da Torre. Em seguida a porta do alçapão se abriu, e o braço muito branco de Jadhe empurrou a madeira para fora. Logo a moça se juntou aos amigos, trazendo duas grandes garrafas de barro e vários copos nos braços, e acompanhada de Ondily, que vinha com uma cesta enorme de pães. Com um grande sorriso no rosto, ela abraçou os amigos um por um.

— Estivemos preocupadas — disse Jadhe. — Depois do que houve em Gehenmy, sem poder contatar vocês todos...

A garota olhou para Dominique, mas o gênio não sustentou o olhar dela. De repente, o rapaz sentiu um calafrio e seu raciocínio ficou embaralhado, e levou alguns instantes para ele perceber que era a telepatia de Jadhe se derramando sobre o grupo, pois já tinha se esquecido de como era a sensação.

— Olha aí mamãe, a Jadhe está fazendo frio de novo!

Os cinco jovens se voltaram para a pequena Ondily, que, travessa, apontava para Jadhe com um sorriso meio torto. Por consequência, Jadhe balançou a cabeça e a sensação se dissipou, e Diana começou a rir.

— Temos uma pessoinha entre nós que não tem travas na língua!

— O que é bom — Jadhe falou, servindo os copos com água para Diana e Ondily e com vinho para o restante do grupo. — Porque me obriga a me policiar. Tem horas que simplesmente não me lembro desta telepatia.

Jadhe falou com leveza, mas Márcio se apavorou ao perceber a palidez modorrenta que tomava a pele dela, junto com olheiras cinzas, a boca ressequida e branca e uma magreza anormal. Dominique, perto dela, tinha uma expressão aflita ao analisar a amiga.

— Não é de se estranhar que a Aliança esteja tão irritada conosco — disse Yoná, retomando a conversa, sem fazer comentários sobre a aparência de Jadhe, mas não desviando os olhos dos ossos muito aparentes das clavículas da moça. — Pelo que você descreveu, o mundo está em colapso, incluindo os reinos que mantêm Octoforte de pé, e nós saímos para ajudar reinos que não têm este apoio.

— O que é o texto que você pediu para que lessem sobre destituir um general? — Nique quis saber, e largou a mochila de viagem sobre a mesa de granito para poder beber.

— Só podem destituir um general vivo e não criminoso na presença dele ou por conclamação unânime das sentinelas — Diana respondeu. — Pablo imaginou que a Aliança Maior ia decidir o tal processo sem ele aqui, mas Lavoér conseguiu encontrar este termo.

— Aposto como querem colocar alguém deles no posto — Márcio arriscou. — Silderéver, talvez, ele é chefe de guerra...

— Silderéver não — Jadhe atalhou, e olhou para Diana. — Ele está morto.

A notícia pegou os jovens de surpresa.

— O quê?

— O que aconteceu?

— É uma das notícias que tivemos de Gehenmy. Ele estava a caminho da capital para atender o chamado urgente do Imperador Agamenon. Recebemos um pedido de ajuda através do espelho — disse Jadhe. — Mas a comunicação foi cortada, não porque esgotou a magia, mas porque ele foi atacado.

Diana continuou dando uma olhada rápida para Ondily para certificar-se de que a menina não estava prestando atenção, porque brincava com os pertences de Dominique: — A última imagem foi dele caído sem vida, e de um homem pisando no seu peito.

— Um homem?

— Um homem corpulento... Que vimos no castelo daquele colega.

Perturbado, Márcio deu um gole no copo de vinho, mesmo sabendo que aquilo lhe traria uma bela dor de cabeça logo mais. O mundo estava em colapso, o céu escurecera, relojoeiros estavam mortos, capitães de Zebarân atacavam com exércitos de monstros, e ele não conseguia ver a conexão.

Mas a Lincariell continuava lá, firme e intacta.

Por que só aquela estrela continuava inalterada? A não ser que...

— Olha mamãe, tem um homenzinho aqui dentro!

Márcio bufou com a interrupção, mas o “homenzinho aqui dentro” que Ondily tinha encontrado era o espelho de Dominique, que estava acionado e mostrando uma imagem conhecida.

— É Shenu! — disse o gênio, apanhando o objeto das mãos da menina e, por sua vez, tendo ele retirado de suas mãos por Diana.

— Vamos aumentar isso aqui — disse a loira, e colocou o objeto no centro da mesa. Em seguida, a moça fez uma série de gestos com os dedos, tocou em três pedras da mesa, e o rosto do andarilho apareceu no espelho grande na frente dos jovens.

Pela expressão tresloucada no rosto do rapaz, algo estava errado. Ali, no centro da imagem, debruçado sobre seu pequeno transmissor, estava a sentinela das sombras, não alegre como sempre, nem taciturno, como tinha sido nos dias sombrios da última jornada. O cabelo desgrenhado e cortado de qualquer jeito, a pele macilenta e desbotada e os olhos saltados, Shenu parecia louco.

Dominique debruçou-se sobre a mesa para ver melhor e Márcio empurrou suas asas para que elas não atrapalhassem a visão. — Shenu! — Márcio chamou, mas não houve resposta. Com o olhar alucinado, o rapaz estendeu as mãos e mostrou uma coisa que tornou o ar de Cermalháct muito menos respirável.

Um grande pedaço de cristal cor-de-rosa.



Capítulo 27

MANOBRAS POLÍTICAS

O feiticeiro podia ter seus planos com aquela pobre sentinela, mas Adnail não suportava mais aquele lugar. Nenhum conforto, nenhuma distração, só gritos de dor e horas de magia curativa para que Shenu pudesse aguentar mais dores. Cansada, pediu uma montaria ao companheiro, e ele lhe fez uma serpente de fumaça, e lhe garantiu que ela voaria com a mulher como qualquer fantasma de trevas faria.

Desgostosa, Adnail aceitou a forma da cavalgadura. Preferia usar uma figura esbelta, como um cavalo alado, ou mesmo as panteras que Macrux fizera para os cavaleiros dele, mas a cobra cumpriu seu papel. Levou-a, através do céu, a atravessar o Oceano e depois o Continente até o território de Gehenmy, onde recebeu a companhia de Numaquim, que disse ter sido invitado pelo mestre. Ambos então desceram no Sustentáculo.

Primeiro, Adnail displicentemente apanhou uma balestra do arsenal de exposição que Macrux mantinha pendurado ao longo de todas as paredes no hall de entrada e brincou de tiro ao alvo com um escravo que já estava bem distante da torre.

Certamente ele pensara que conseguiria escapar já que o lugar estava sob os cuidados de outra pessoa, e, sob o poço de nanquim que era o céu, achou que teria cobertura e que não seria visto. Adnail percebeu o movimento dele nos arredores prontamente, e proferiu montes de xingamentos baixinhos direcionados a Verônica. Era possível que outros tivessem escapado em dias anteriores, mas agora que o plano do companheiro estava em andamento, não fazia diferença se o foragido contasse o que tinha visto para alguém. O problema é que ela teria que escolher mais escravos, e Adna não estava com paciência para aquilo.

Numaquim se ofereceu para cuidar do fujão, mas acertar servos em corrida no escuro era um esporte interessante, e a mulher fez o silêncio ser preenchido com urros a cada seta cravada no infeliz. Atirou dez vezes, acertou quatro flechas. Não atingiu nenhum ponto vital, mas deu-se por satisfeita. Se ele conseguisse chegar a uma cidade e sobreviver era porque merecia viver, mas uivos próximos ululavam no vento e cheiro de sangue era um poderoso atrativo para os lobos dos montes.

Entrou, Numaquim atrás dela, como um fiel guarda-costas. Vistoriou o quarto de testes. Analisou cada frasco, cada vidro, e viu que a maioria estava intacta, pronta para a fase de experimentação, mas algumas tinham falhado miseravelmente. Aquelas coisas precisavam de atenção constante, e sem o feiticeiro por lá, ninguém deu continuidade ao trabalho. Fora uma pena perder Ólie Fauret, pois ele fazia aquele serviço sem perguntas, mesmo que nunca tivesse sabido com o que estava lidando. Umas gordas moedas e algumas lições sobre como atravessar para a Terra sem ser desintegrado pelo Portal tinham sido bastantes para calar o homem por anos, e Macrux não precisava se envolver pessoalmente com aquelas coisas perigosas, que ocasionalmente o deixavam debilitado.

Fechou a porta e continuou seu percurso pelo Sustentáculo. Avaliou o cárcere, e aprovou o reforço na cela, executado com esmero. Se o feiticeiro pretendia aprisionar Lhênus ali, como ela imaginava, precisaria usar uma grande quantidade de magia, mas a parte estrutural estava bem sólida. Fora um trabalho coordenado por Verônica, mas logicamente era um projeto de Adnail. Macrux iria gostar.

Em seguida e acompanhada por perto por Numaquim, dirigiu-se para o quarto de descanso, que ela fazia questão de manter com a aparência dos quartos de grandes mansões que conhecera na Terra. Uma cama enorme com dossel de cortinas enfunadas, um grande ofurô com água magicamente sempre limpa e quente, lustres e móveis soberbos, que contrastavam com todo o resto do Sustentáculo. Abriu a porta de uma vez e encontrou exatamente o que imaginava encontrar.

— Quantos estão faltando?

A gárgula se encolheu. Não esperava rever a dona do lugar tão cedo, nem estar largada na gigante cama do quarto dela com pouquíssima roupa e acompanhada de dois escravos quando a reencontrasse. Mesmo que Adnail tivesse autorizado qualquer coisa que a gárgula quisesse, Verônica não achava que a consorte do mestre estaria feliz com a cena. Caiu do colchão e arrastou o lençol largado para se cobrir enquanto se recompunha e formulava a resposta.

— E-eu... De-dezoito. Estão se escondendo. Está nos semanários da região... Mas não pude continuar, não pude! Fui impedida por...

Havia montes de papéis esparramados pela escrivaninha e pelo chão do quarto. Adnail enrugou o nariz, a gárgula vinha acumulando uma quantidade de objetos inúteis e tinha trazido tudo para dentro do quarto, e aparentemente não fazia a limpeza do aposento com regularidade. Havia formigas por todo canto, e algumas moscas também, apesar de os escravos terem ordens expressas para manter tudo asseado. Certamente a criatura tinha lhes dado ordens para não mexer no recinto enquanto ela estava no comando.

Os escravos saíram de cabeça baixa, seus semblantes perturbados irritando a anfitriã.

— Eu dei os nomes e endereços. Com certeza deixaram utensílios para trás. Não pensou em fazer algum feitiço para indicar a localização desses homens?

Os olhos de Verônica aumentaram ainda mais. Ela suava e os dedos das mãos se agitavam o tempo todo.

— Não sou bruxa — disse ela. — Não sei fazer nenhuma magia, usei um truque humano para fazer o tal ponto de luz que precisei aprender para uma coisa... Não me lembro o que...

— O teste para sentinela — Adnail falou, percebendo que a sanidade da mulher estava por um fio. Aparentemente ela estava perdendo a memória, e a soberana notou como era curioso o efeito que seu veneno tinha em determinadas pessoas. Qualquer um decidiria parar de cumprir ordens que estivessem lhe fazendo mal, como eliminar todos os principais relojoeiros das capitais bhardanas. Mas Verônica tinha se transformado. Aprendera a gostar daquele serviço sujo, e já tinha tirado a vida de muitas pessoas além das que o mestre ordenara. Além disso, regalias como

tárez suficientes para comprar luxuosas acomodações e o serviço extra de tomar conta da residência do mestre, usando de todas as suas benesses, pelo visto compraram a gárgula de vez.

— Vou conseguir! Eu sei que vou conseguir! Espere e verá que eu vou conseguir!

— Acalme-se. Não vim te cobrar nada, garanti que você não seria punida. Mas devolva a lista.

As unhas da gárgula estavam estiradas em forma de garra e ela relutou, a boca aberta, em entregar o papel.

— Numaquim — Adnail chamou, e o negro calvo passou pela porta do quarto, olhou a bagunça de Verônica e fez uma careta de nojo. — Você não tem tido muito trabalho para liderar os malditos, então fique com isso. Dê cabo destas pessoas.

O homem baixou a cabeça em consentimento e saiu sorrindo após um afago de Adna no peito dele.

— M-m-m-m-m-mas...

— Eu tenho mais o que fazer aqui, Pápero e Rasfát têm que lidar com os ramaddron'z e com os marrotes, e por isso Macrux deu outras instruções sobre o plano dele, mas não está dispensando você. Considere seu trabalho com os relojoeiros finalizado antes do previsto, porque você está designada para uma nova tarefa.

— Qual?

A imortal tirou um pequeno frasco de um bolso no interior do volumoso casaco de pele. Instilando ideias fugazes na mente da gárgula através do veneno que as conectava, entregou o vidro nas mãos cinzentas de Verônica, que o abriu e viu um líquido negro como tinta.

— Já ficou tempo demais longe da família. Porque não faz uma visita à sua querida tutelada? Aposto que aquela loira ficará espantada de te ver novamente em casa.

Um singelo sorriso surgiu nos lábios da mulher.

Ao olhar pela janela do vagão da carruagem, Pablo não pode deixar de sorrir. Os malditos tinham sido afastados, e os grupos remanescentes que ainda insistiam em atacar eram contidos facilmente pela barreira incendiária e por guerreiros, sem necessidade de combate direto. Ele havia acompanhado o árduo trabalho daquela gente, e o que tinha sido um campo de desolação agora se transformara em pequenos vilarejos de eficientes barracas de lona. As risadas das crianças correndo entre elas o fez pensar que, daqui a poucos dias, poderia apresentar seu próprio filho para aquela meninada. Então se lembrou de que, tecnicamente, ele já era pai, e a constatação o fez sorrir e pensar no que poderia fazer para conquistar a ruivinha a quem agora ele chamava de filha.

Estalou o pescoço, cansado, desejando muito ter a companhia de sua esposa, pois certamente os reis não ficariam felizes por vê-lo. Levou a mão ao pingente do colar que Diana fizera para ele em seu casamento, sentiu a superfície do diamante, tão familiar ao tato. Era o momento de anunciar sua partida, e tanto Zéfira Calla quanto Dágaro Yatarram tinham dado indícios de que usariam a história do roubo da joia para chantageá-lo com a intenção de que ele permanecesse ali e ajudasse mais. Ironicamente, apesar de a Pedra de Mavhtus ter acabado nas mãos de Pablo, ele tinha sido o único que não participara do roubo dela.

Foi deixado sozinho dentro de uma tenda de tecido verde e ficou andando de um lado para o outro, analisando o bordado nos tecidos de fibra de abacateiro, lembrando-se de Diana, sob uma tenda como aquela, em Agerta, poucas semanas atrás, pacientemente contando histórias sobre as aventuras das sentinelas às crianças da ilha, ensinando truques mágicos, sempre com Ondily em seu colo, e pensou, mais uma vez, que o bebê que estava por vir seria muito sortudo em tê-la como mãe. Imaginou uma casa no Continente: uma grande cabana de pedra, com vários quartos para Ondily, o bebê, e quantas crianças mais viessem, com janelas grandes e espaço para porcos e galinhas. E para aqueles gatos, porque não admitiria que dormissem mais no mesmo quarto que ele, tinha notado uma melhora crescente em sua saúde geral agora que se afastara dos bichanos alérgenos. Seria uma vida boa.

Por sorte não demorou muito para que o grupo dos reis chegasse, pois Pablo pendia de sono àquela altura, e já tinha começado a sonhar acordado. Vários pajens abriram caminho para Dágaro Yatarram, um homem robusto de pele escura, com cabelos entrelaçados com pendentos metálicos e um pesado manto de peles sobre o peito nu. Veio mancando, apoiado num cajado e ladeado por dois homens armados. Em seguida, os pajens ajudaram uma mocinha negra que mal entrara na puberdade a segurar o tecido do lado oposto para a entrada da soberana de Zefim, Zéfira

Calla, uma negra de baixa estatura, mas cuja postura ativa era tão imponente, com seu manto branco e os adereços elaborados e altos na cabeça, que espargia poder.

— Salve Dágaro Yatarram! — disseram os soldados, e todos dentro da tenda, inclusive Pablo, repetiram a saudação.

— Alegrias para nossa Zéfira! — exclamou a jovem que acompanhava a soberana de Zefim, numa saudação com que Pablo agora já estava acostumado, mas que lhe parecera muito estranha no início. A explicação era simples: um soberano só estaria feliz se seu povo estivesse feliz, por isso era sempre desejado que os líderes fossem alegres ou felizes. A réplica, no entanto, não era repetir a frase, mas bater palmas cinco vezes, como todos fizeram.

— Zéfira Calla, Dágaro Yatarram — Pablo falou, primeiro cruzando os braços com as mãos fechadas em “X” sobre o peito, no gesto tradicional de cumprimento de Octoforte, e depois estendendo as palmas abertas para os monarcas, a cabeça abaixada, em sinal de submissão. — Estou aqui para informar minha partida. Seu povo está em segurança, meus magos ensinaram sua gente a reproduzir a barreira mágica, é hora de enviar meus homens de volta e retornar. Devo regressar para meu posto imediatamente.

— Soubemos deste seu desejo. No entanto, general Pablo Adenetti — começou Calla, os olhinhos miúdos cravados em Pablo. — O senhor foi o vencedor da primeira corrida Hiperbólico que meu reino realizou, um ano e meio atrás.

— Sim senhora.

— E, se não me, falha a memória, o senhor recebeu um prêmio gordo por essa vitória. Um adereço completo feito de *sblinc*’z, um colar e um par de brincos, além de cem moedas de ouro.

— Sim senhora.

— Mas, aparentemente, o prêmio não foi o bastante. Teve que levar a joia real também. Se a tivéssemos aqui, não precisaríamos da sua magia para proteger as pessoas. Mas você quer ir embora e nos deixar sem a joia e sem sua própria proteção também.

Pablo inspirou profundamente. Queria muito que Diana estivesse ali. Ou Márcio.

— E seu ato impensado provocou uma guerra entre nossos povos! — esbravejou Dágaro. — Meu filho está morto! E toda essa gente foi afetada pela onda por sua causa, porque estavam aqui em combate! Não vamos deixar que vá embora, você tem uma dívida conosco! Até o Zefir morreu e a mulher dele teve que assumir!

A postura de Calla se transformou como um pássaro abrindo asas, e a mulher cresceu e tornou-se austera.

— Olmavh pereceu no campo de batalha fugindo, sem glórias, e junto com muitos outros.

Pablo percebeu todos na tenda encolhendo-se diante da rainha, até mesmo o Yatarram.

— Ele não era o Zefir, Dágaro. Eu sou a herdeira do trono, ele era apenas meu marido, e usava a Pedra Dúbia para me manipular e controlar o trono. Está melhor enterrado do que merece.

O Yatarram engoliu em seco. Sem se intimidar, Pablo falou diretamente à soberana.

— Zéfira Calla, Dágaro Yatarram, quero deixar claro que a falecida Ártemis Caçadora, que, no final, se tornou também minha mestra, me explicou toda a situação que levou seus reinos a declararem guerra. Imagino que estejam a par do fato de que o roubo da joia real, embora tenha sido um ato vil e traiçoeiro, foi cometido por um motivo justo, que culminou com a queda do rei tirano, o que foi bom para todos.

— General Pablo, estamos mais do que cientes de tudo isso, mas ninguém pediu para você se enfiar nas terras obscuras. No fim das contas, ele não fazia mal pra ninguém, se não mexessem com ele — disse o Yatarram.

— Não nos entenda mal, estamos gratos pela ajuda que seu grupo tem dado aos nossos flagelados — completou a Zéfira. — Mas foi sua intrusão num assunto que não era problema para ninguém que libertou essas criaturas que nos atacaram.

Pablo tamborilou os dedos de uma mão nas costas de outra e respirou fundo, contendo a raiva que começava a borbulhar no peito. Aqueles nobres empinados não entendiam, não tiveram as entranhas transformadas em mármore e espalhadas pelas veias do castelo daquele feiticeiro, não ligavam para o que acontecia com os montes de escravos, mesmo com os que tinham sido raptados de suas terras.

Ignoravam, e gostavam da ignorância, mas Pablo não ia permitir que o colocassem contra a parede.

— Não libertamos amaldiçoados — disse ele. — Fomos atacados por um deles depois do Hiperbólico, muito antes de enfrentarmos o rei. Não vou aceitar essa culpa, Calla, Dágaro, e depois de quase dois meses aqui ajudando e orientando seus povos, não vou tolerar que me cobrem mais favores usando a Pedra de Mavhtus como argumento.

Os soldados do Yattarram moveram-se preparando-se para uma ordem de ataque, mas Dágaro ergueu uma mão, contendo-os.

— General Pablo, é melhor que pese o tom com que fala conosco. Não se esqueça de que está tratando com soberanos aqui!

— Tenha calma, Dágaro — Calla pediu, embora os olhos dela apoiassem a ameaça do outro. — Não queremos empalar nosso herói mundial...

Pablo coçou a cabeça. Estava fisicamente cansado, mas lidar com aquela gente, depois de tanto tempo tratando com os políticos da Aliança Maior, estava esgotando sua capacidade de raciocínio. O pior é que não conseguia se sentir ameaçado, não depois de tudo o que tinha vivido: mesmo que houvessem cem soldados com lanças apontadas contra ele, e mesmo sem estar com a Pedra em mãos, ele agora conhecia o próprio poder, e sabia que podia se safar de qualquer perigo. Mas Diana gostaria que ele tentasse resolver as coisas com diplomacia, e ele apertou os olhos e tentou pensar no que a esposa faria no lugar dele.

— Imagino que vocês queiram que eu devolva o Objeto Supremo.

— É de se esperar — resmungou a Zéfira.

— Porém, é meu dever como sentinela e como general zelar pelo equilíbrio. Vossa majestade esteve sob a influência da Pedra por vários anos, mas nunca usou a magia dela. Eu fiz uso dessa magia, e não posso admitir a possibilidade de que ela volte para as mãos de um governante, ainda que seja a senhora, Zéfira Calla.

— Como ousa?!

— Insolente!

— Ordinário!

O rapaz sabia que as reações seriam exageradas, e torceu para que não precisasse lutar e partir imediatamente como um fugitivo, debandando com seus homens. Mas Calla continuava tranquila e com os olhos fixos no rapaz e ergueu a mão, pedindo para que os outros se acalmassem.

— Jovem general, não quero esse Tesouro. A Pedra Dúbia... Qual é mesmo o real nome dela?

— Pedra de Mavhtus — respondeu Pablo.

— Mavhtus... Suponho que este Mavhtus tenha sido alguém importante.

— Mavhtus foi um dragão. Há um livro que conta a história de amor e ódio entre ele e Demírie, a moça que devia matá-lo para conseguir sua própria liberdade. Quem o transcreveu foi a própria Ártemis. Se quiser, posso mandar uma cópia ser confeccionada para Vossa Majestade.

O semblante de Calla se iluminou de repente.

— Eu agradeceria — ela respondeu. — Mas realmente não me interessa por ter a coisa de volta. Ela é amaldiçoada, me tirou de meu lugar de direito por vários anos... e é encantadora ao mesmo tempo.

— Mas por causa dela meu filho foi morto! — Dágaro exclamou, e seus assecclas se colocaram em posição ofensiva outra vez.

— Olmávkh era um tolo, me traía como pessoa, como esposa e como rainha porque queria poder e queria gastar todo o cofre do reino. A única coisa boa que fez foi promover o Hiperbólido, ideia minha, por sinal. Mas ele não era assassino, Dágaro, e não tinha nenhum interesse em travar uma guerra com você por que ele não tinha pulso para isso.

Dágaro estalou os ossos das costas e franziu o cenho, ponderando se acreditava ou não na rainha. Então coçou a barba, jogou os cabelos para trás, e decidiu-se:

— General, se não vamos conseguir mantê-lo conosco, pode, pelo menos, nos fazer um último favor?

Pablo ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Se estiver ao meu alcance...

— Testemunhe nosso acordo de paz.

Sem querer, o general afrouxou um pouco os músculos do tórax, percebendo o quanto estivera tenso até ali, mas estranhou: — Acordo? Mas vocês já não estão em paz?

— Estamos em trégua, não é a mesma coisa — disse a mocinha frágil ao lado de Calla, falando pela primeira vez durante aquela conversa e colocando-se ao lado de sua rainha. — Mas o baixar-aço não durará para sempre se não houver um acordo de paz.

— Um acordo duradouro — disse um dos assecclas de Dágaro.

— Se não for assim, quem vai reivindicar os acampamentos que os homens criaram? — perguntou o Yatarram.

— Nosso povo se misturou, os soldados se ajudaram na agonia da tragédia, se apoiaram diante do inimigo comum... — disse Calla.

— Mas precisamos colocar ordem nisso! — Dágaro afirmou, e seus olhos se fixaram na Zéfira em frente a ele. — A quem esse povo vai obedecer? A mim ou a você? E quem vai liderá-los?

O guerreiro da tempestade esfregou as sobrancelhas e sentiu o estômago doer outra vez, coisa que vinha acontecendo com frequência nos últimos meses. Pelo tom ofensivo, e, mais ainda, pelo modo como Dágaro fuzilava o general com olhos injetados, Pablo percebeu que um dos medos daqueles líderes era de que as sentinelas assumissem o controle de alguma forma, e que tomassem os reinos para si. A chegada oportuna de seu grupo com seus magos causara um impacto e tanto, e Octoforte tinha adquirido grande respeito.

— Esta crise toda foi declarada quando o príncipe de Yatzarem foi assassinado, estou errado? — perguntou.

Dágaro olhou para a sentinela com maldade.

— Nós já tínhamos nossas desavenças — falou a Zéfira Calla. — Mas nunca teríamos entrado em guerra se não fosse por esse fato.

— E ele era o único filho do soberano, o único herdeiro ao trono! — exclamou um dos guerreiros que acompanhavam o Yatarram.

Os homens na tenda desviaram seus olhos para o chão, pesarosos com a lembrança do príncipe.

— O trono de Yatzarem é uma honra e um fardo. O príncipe nunca quis assumir esse posto — disse o Yatarram, e Pablo enxergou, de repente, um homem de meia idade cansado e entristecido por baixo daquele manto pesado. Com os olhos perscrutando cada pessoa na tenda, Dágaro continuou: — Meu filho era um caridoso. Ele usava o título de Yatar para ser recebido pelas pessoas e descobrir suas necessidades. Ele as ajudava. Erguia casas, dava serviço, procurava curas. Embora elas tenham tombado, foi ele que conseguiu o acordo para a instalação das nossas três linhas de bonde. Ele saberia liderar essa gente na recuperação de suas vidas e até contra os malditos sem precisar de magia ou de soldados de fora. Nunca teve a pretensão de assumir a postura dos grandes Yatarram'z, de conquistadores, temidos e imperiais, e justamente por isso era um governante por natureza.

Pablo abaixou a cabeça, tentando vislumbrar uma saída. A situação era muito mais delicada do que ele imaginava.

— A morte do meu filho foi mais que o extermínio de um príncipe. Rogér Yatar era amado, e foi por amor a ele que todo o reino foi às armas, nada mais faria o povo entrar em guerra sem pensar. Quando o mataram, tiraram mais do que o herdeiro da coroa, tiraram a certeza de uma liderança próspera. Então houve a guerra, e a onda, e os malditos. Não há mais esperança para os yatzarem'z.

As últimas palavras do Yatarram saíram quase sussurradas, num luto que cobriu de sombras aquela sala. Dágaro se deixou largar numa cadeira simples, mesmo que todos os outros se mantivessem em pé.

— Compartilho do seu pesar, Dágaro Yatarram, mas sou forçada a reafirmar que não foi pela ordem do Zefir que o príncipe caiu. O reino de Zefim não é responsável pela morte de Rogér Yatar — disse a rainha Calla.

Tiraram a esperança do povo, Pablo pensou. Olhou para a fresta da tenda por onde era possível ver uma nesga do acampamento iluminado pelas grandes chamas que demarcavam o centro de cada barreira incendiária. Poucos malditos ainda perambulavam além das barreiras, não bastantes para intimidar as pessoas, e muita gente andava entre as vielas organizando e limpando. Ali, bem perto, uns parezinhos de olhos curiosos espiavam os líderes através da senda: um monte de crianças pequeninas empilhadas umas sobre as outras como um totem humano. O coração de Pablo se aquietou e ele vislumbrou uma saída.

— Dágaro Yatarram, olhe para fora — Pablo apontou, e quando o Yatarram e os outros olharam, as crianças fugiram gargalhando. — A esperança existe. As atitudes de seu filho tinham a intenção de melhorar a vida das pessoas, de dar alegria a elas, exatamente como o reino Zefim diz que os governantes devem agir — os acompanhantes dos soberanos, no fundo da tenda, agitaram-se de braços cruzados. — Vocês, nobres, não podem permitir que este impasse leve o povo de volta às armas. Esta gente já sofreu demais, e não precisa de mais conflitos. São tempos negros os que vivemos, restaram poucos sobreviventes entre os homens do Sul, e esses poucos não merecem que seus governantes deixem paixões antigas sobressaírem a tudo o que viveram nos últimos meses! Vocês destruirão ambos os reinos se tentarem forçar estas pessoas a se posicionarem umas contra as outras novamente, depois de enfrentarem tantas atrocidades juntas!

— Imagino que tenha uma sugestão — falou Dágaro, e Pablo percebeu que, apesar de o homem se mostrar tão arredio, estava ansioso por uma proposta.

— Zéfira Calla, Yatarram Dágaro, talvez possamos negociar a paz a partir dos termos propostos antes de esta guerra começar.

A mocinha que acompanhava a rainha revirou os olhos, e as outras pessoas da sala pareceram decepcionadas, mas Pablo sabia o que estava fazendo. Ártemis lhe contara que as exigências iniciais de Yatzarem para que se evitasse a guerra era que Zefim lhe desse as Colinas Felhidas, um pagamento em dez baús de ouro e mais dez mulheres jovens da família real, para que com elas o rei tivesse filhos sucessores, pois sua única companheira falecera muitos anos atrás. Insultado, Zefim respondeu que queria uma retratação na forma de toda a região da Mata de Lote e mais quinze baús de ouro.

— Eu jamais mandaria entregar mulheres do meu reino como se fossem peças de coleção! Isso é um ultraje! — asseverou Calla, fazendo tilintar cada pequenino pingente metálico do adereço da cabeça.

— Zéfira Calla, sabe que o pedido foi pura provocação — respondeu imediatamente o Yatarram. — Eu tentei resolver a questão com diplomacia, mas seu finado esposo não sabia agir dessa forma e preparou o exército! Eu não poderia recuar diante de dez mil homens armados.

— Por favor, senhores, acalmem-se — pediu Pablo, colocando-se no meio dos dois. Os assecclas de Dágaro já tinham levado as mãos aos cabos de espadas e punhais, preparados para uma possível luta contra a protetora de Calla, o que Pablo

achou insanidade: a garota era pouco mais que uma menina. — Obviamente foi provocação, e eu não esperaria que fosse de outra forma. — Os reis continuavam se fuzilando com os olhos. — Senhores, por favor.

Mesmo sendo pelo menos dez anos mais jovem do que Calla e, talvez, vinte anos mais novo que Dágaro, mesmo sendo apenas o general encarregado de uma fortaleza de muitas nações com um efetivo minúsculo, Pablo viu os reis, assim como as outras pessoas na sala, o encararem respeitosamente, como se aguardassem instruções.

— Vamos esquecer das terras requisitadas em cada lado da barganha, pois nem sabemos o que sobrou dos territórios anteriores. Vocês terão que se contentar com o que restou de cada lado.

A mocinha coçou o queixo. Calla mexeu os ombros, incomodada. Um soldado de Dágaro empinou o nariz bem alto.

— Vamos esquecer, também, dos baús de ouro. Chega a ser estupidez exigir recompensas econômicas de um ou de outro num momento como este.

Os acompanhantes dos reis assentiram discretamente. Pablo percebeu que estava conseguindo algum resultado.

— Só nos resta resolver a última questão.

— É um absurdo requisitar dez donzelas de meu povo! Não vou concordar com algo assim, jamais!

— Preciso concordar com Vossa Majestade — Pablo respondeu rapidamente, antes que o Yatarram dissesse qualquer coisa que pudesse elevar os ânimos novamente. — Requisitar dez moças é uma ofensa. Mas, talvez, o casamento entre o soberano Dágaro e *uma* zéfira seja uma solução razoável.

Dágaro olhou para Calla, e Calla desviou o olhar. Todos os outros presentes na sala observavam apreensivos.

— Mesmo que seja apenas uma mulher, eu não posso oferecer uma zéfira ao soberano de outro país. Todas as pessoas do meu reino são livres para terem suas próprias escolhas.

— Não acredito que seja necessário oferecer alguém como um prêmio — disse Pablo, olhando outra vez para Dágaro. Era um homem de meia idade, um combatente forte e viril, completamente lúcido e de aparência bem cuidada, que não hesitou em pegar armas e lutar lado a lado com seus homens para defender seu povo. E, afinal de contas, era um rei, e depois de ver o que a fama tinha feito consigo e com os amigos, Pablo compreendia, mais ou menos, como a cabeça de algumas pessoas funcionava com relação aos poderosos. — Tenho absoluta convicção de que há, agora mesmo, entre as mulheres de Zéfim, muitas que desejariam ocupar este lugar de boa vontade.

— Poderíamos organizar uma competição... — sugeriu um guarda de Dágaro que tinha se mantido calado até aquele momento.

— Ou um baile... — falou a mocinha zéfira, sonhadora. Aparentemente a ideia lhe agradava.

— Uma apresentação de habilidades — opinou outro acompanhante do Yatarram.

— Seria uma celebração amistosa, poderia virar um festival — disse um terceiro guarda.

— Seria o começo de uma nova nação, um único grande povo formado de Darfindor e Yatzarem! E todos os anos esta data seria comemorada na cidade criada entre as duas nações! E seria uma linda festa, onde os enamorados escolheriam se casar! — suspirou, exagerada, a acompanhante da Zéfira Calla.

Mas Pablo sabia que a única pessoa que deveria opinar sobre aquilo era quem se mantinha em silêncio. Olhou para o Yatarram, e desta vez a coroa com presas de metal lhe pareceu mais brilhante. Mas o soberano riu.

— Agora eu é que estou me sentindo um troféu — falou, e continuava com os olhos cravados em Calla. A rainha, por sua vez, o fitava de volta, e seus olhos negros faiscavam de um jeito que Pablo suspeitara que aconteceria. Faiscavam com expectativa.

— São muitas ideias interessantes, mas acho que não vamos precisar de tudo isso — ela disse, e virou-se para a garota que a acompanhava. Pablo franziu o cenho: será que a rainha ia oferecer aquela menina como esposa para o rei? Ela não devia ter chegado nem aos quinze anos.

Mas a Zéfira tocou no rosto da menina e, percebendo a semelhança, Pablo entendeu que a jovem era sua filha.

— Eu tenho muitas filhas, Dágaro Yatarram. Muitos sucessores ao trono de Zefim.

— Eu não quero nenhuma das suas filhas — disse, de repente, Dágaro.

— E eu não estou oferecendo nenhuma delas — Calla tirou cuidadosamente o grande adorno que usava na cabeça, símbolo de sua governança. Em seguida entregou o objeto nas mãos da filha, e num gesto que assustou todos os presentes, ajoelhou-se diante do governante de Yatzarem.

— Há muitos anos, quando nossos reinos eram rivais e meus pais negociaram meu casamento com Olmavh, esta chance nos foi negada. Mas, se me aceitar agora, eu serei sua consorte. Deixarei o trono de Zefim para minha filha mais velha e passarei a viver em Yatzarem com você. Ainda sou forte, ainda posso lhe dar um descendente — disse a rainha Calla, e seus olhos estavam baixos, fitando o chão.

Pablo achou que Dágaro só demorou tanto para responder por que, como todos os presentes, estava assombrado com a oferta da rainha. Mas, assim que o choque passou, ele caiu de joelhos ao lado da mulher e segurou o rosto dela entre as mãos. Ele tremia e tinha os olhos marejados, Calla tinha o semblante petrificado, e Pablo soube que havia mais no passado daquelas duas pessoas do que ele poderia imaginar. Quando Dágaro sorriu e puxou a rainha para um abraço houve um exclamações e suspiros, e uma comoção inesperada do lado de fora da tenda fez Pablo rir, percebendo que toda aquela conversa tinha sido observada.

— Então será assim! — bradou, feliz, Dágaro Yatarram, pegando a sorridente Calla em seus braços. — Vamos ter uma união!

* * *

— Já parte tão cedo? — a moça de pele de ébano perguntou.

A música lá fora continuava, embora menos frenética. Depois de quatro horas de dança e risos, as pessoas começavam a se acalmar.

— Minha obrigação aqui acabou — Pablo respondeu, ajeitando a tira da mochila no ombro. — É hora de voltar para minha casa.

— Gostaria de dizer — Lárith começou, sem muita certeza de como prosseguir. Tinha recebido a coroa da mãe com grande apreensão, e, apesar de que teria Calla ao seu lado no início, seria sua a tarefa de governar Zefim em meio àquele caos. — Eu não tinha muita confiança em você. Havia esperança, mas a esperança de um tolo. E você, suas sentinelas, seus magos, e sua tropa conseguiram. Eu preciso dizer...

Gilmáq, conselheiro de Zefim, que acompanhava a próxima Zéfira, disse algumas palavras na língua que usava, e um rapaz miúdo as traduziu.

— Estávamos errados sobre você. É um líder nato, muito mais engenhoso do que poderíamos esperar. Xátra Shiali pediu para que eu lhe transmitisse seus agradecimentos. Minha mãe, por sua vez, disse que se algum dia precisar de algo dos nossos reinos, estaremos aqui.

Pablo agradeceu com um cumprimento formal.

— E eu, como general, quero lembrá-los de que Octoforte estará sempre no mesmo lugar. Mas seria muito bom se os senhores pudessem integrar a Aliança Maior; do contrário, tenho certeza de que serei destituído do cargo. A decisão de vir aqui não teve o aval dos mantenedores.

Lárith assentiu, disse que pensaria a respeito, e os três se retiraram da sala e deixaram o rapaz sozinho, com um sorriso satisfeito.

Minutos depois, quando Pablo prendia as fivelas do coturno, outra pessoa entrou na sala.

— Dágaro Yatarram? — a sentinela se surpreendeu. — Creio que seja apropriado dizer... Alegrias ao senhor! — E bateu palmas cinco vezes.

O soberano riu.

— Não pense que não percebi o que você fez, rapaz — disse o homem sentando-se na cadeira de balanço, único móvel, além da rede para dormir, na pequena tenda designada para o descanso de Pablo antes da viagem de volta.

Pablo fingiu surpresa.

— O que eu fiz?

— Seu joguinho de palavras. Você não pensou nesta solução ali na hora, como deu a entender, não é mesmo?

No lugar de responder, o rapaz voltou a amarrar as fivelas.

— Você sabia que Zéfira Calla jamais aceitaria dar a mão de uma mulher do reino dela sem consentimento. Sabia que ela era contra essa ideia de um baile de pretendentes, já que ela mesma foi obrigada a participar de um e casar-se com o desgraçado do finado marido dela.

Pablo limitou-se a encarar o homem nos olhos. É claro que Pablo tinha buscado informações sobre os reis durante aquela excursão, mas ele não tinha certeza se Dágaro estava feliz ou bravo, e não era prudente irritar um rei sem ninguém mais por perto, mesmo sabendo que o rei em questão não tinha a menor condição de vencê-lo num duelo com aquela perna.

— Obrigado — disse o Yatarram. — Não tem ideia do que fez por nós... Do que já passamos...

Pablo expirou aliviado.

— Cuide dela, Vossa Majestade. Sejam felizes, e façam paz entre seus reinos, uma paz duradoura, e preparem-se juntos. A escuridão que se abateu sobre estas terras, ela ainda não se dissipou. Está esperando alguma coisa... Só não sei o que.

Um pesar escureceu os olhos do soberano.

— A celebração de nossa união será uma luz para nossa gente. Teremos música e dança, comida, na medida do possível. Um último alento antes do que quer que tenhamos pela frente. Obrigado. Pelo que fez por mim e pela Zéfira, pela ajuda de seus homens, por ensinar nossos soldados a fazer as magias para afastar os *umneconi*'z^[18]. Você vai levar meus agradecimentos e isto.

O homem entregou um rolo de papel nas mãos de Pablo, lacrado com uma fita vermelha. Curioso, o rapaz abriu e leu seu conteúdo.

— Uma promessa de união à Aliança Maior — constatou o general. — Obrigado!

— É o justo.

— Teria sido ótimo se Shiali tivesse feito isso ao invés de dar uma sugestão tão...

— Comprometedora? — comentou o Yatarram. — Serei eternamente grato ao povo deles, e erguerei um altar a Inish nos moldes do que os flachinte'z considerarem apropriado, mas que têm costumes estranhos essa gente, ah, eles têm.

Os dois se cumprimentaram novamente.

— Cuide-se, e cuide de seu povo, Dágaro Yatarram.

— Não vai ficar para o casamento? Acontecerá no dia depois de amanhã.

— Sinto muito, majestade, mas preciso voltar para Octoforte. Minha mulher espera por mim com nosso filho a caminho. Ele deve chegar em breve.

Dágaro sorriu também, e seus olhinhos brilharam por baixo do emaranhado de cabelos grisalhos.

— Cuide dela então. Faça uma boa viagem, sentinela Pablo Adenetti, general de Octoforte!

— Obrigada, majestade. Com sua licença...

Mas, quando já tinha saído da tenda, Dágaro o chamou novamente.

— Quase me esqueci — ele tirou uma espada de cabo preto e roxo da bainha e estendeu-a para o rapaz. — Calla pediu-me que a entregasse a você.

Pablo tomou a espada das mãos do rei e reconheceu-a imediatamente.

— A espada de Shenu! Nós a deixamos com a rainha quando roubamos a Pedra de Mavhtus. Não era nossa intenção compensá-la, é claro, mas amenizar o malefício do roubo. — O rapaz testou o fio da arma e concluiu: — Uma espada mágica, da qual já gastamos a magia, de lâmina torta e sem gume. Não deve servir nem para cortar uma maçã...

— Não, não serve! — o rei riu, e a cada minuto que passava, parecia rejuvenescer um pouquinho. — Mas ela a guardou com intenção de devolvê-la. Disse que agradece o presente, mas prefere que vocês o levem, já que pode ter algum valor sentimental, apesar de eu ter lhe dito que é pouco provável, uma vez que o antigo general não quis levá-la embora.

Um clique repentino. A leve conversa se tornou um mau agouro tão rápido quanto seria se Pablo estivesse sob o efeito da magia de Mavhtus.

— O antigo general? Que antigo general?

— Ólie Fauret, *seu* antigo general! Ele esteve com a Zéfira Calla pouco depois de vocês fugirem do campo da corrida Hiperbólico. Testou a espada, depois foi embora. Vimos ele de novo outra vez no meio do campo de vítimas, logo depois que a onda arrasou com tudo e estava aquele caos. Sumiu após os dragões mensageiros espalharem a notícia. Talvez tenha se afogado.

Pablo apertou o cabo da espada. A sensação de urgência o dominou por completo. *Por que não tinha dado ouvidos ao falatório de Márcio?*

Apanhou o espelho de comunicação e acionou a magia. Nada, nenhuma resposta. Chamou novamente, esperou, começou a murmurar o nome da esposa com impaciência, sobressaltando o Yatarram, mas continuou sem réplica.

— Qual é o problema general, o que foi que eu falei?

— Ólie Fauret já estava morto muito antes de entregarmos esta espada à rainha, e se havia algum bruxo se passando por ele, não podia ser Zebarã, porque Ártemis vigiou a assinatura espiritual dele para garantir que não sairia do Nepcoutem enquanto estivéssemos indo até lá. Também não foi um dos generais que estão por aí com essas bestas de fumaça, porque eles também estavam no castelo com o tirano.

— Então...

— Quem é este homem eu não sei. Mas se usa o rosto de Fauret, é porque tem algum interesse em Octoforte, e, neste momento, só tem duas sentinelas guardando aquele lugar, e uma delas é minha mulher.

A RETOMADA DAS JOIAS SUPREMAS

— *Mailinde Zoraya*, é com humildade que venho à vossa grandiloquente presença apresentar-me e mostrar as graças de minha...

— *Niv Irvana*, eu conheço você. Levante-se, não estamos no salão imperial de Agamenon e você não está diante da Imperatriz de Gehenmy. Este é o reino Zavót, e, pelo jeito, não vai durar nem um ano completo...

Irvana levantou-se e estapeou o vestido coberto de terra. Não sabia se a soberana estava irritada ou se tinha sido gentil, mas estava feliz por ter alcançado o abrigo. Como íterin da Aliança Maior, ela e Silderéver tinham sido convocados de volta pelo Imperador, mas sua comitiva fora cercada por um grupo de bestas horrendas de carapaça vermelha, e só ela e dois guardas que conseguiram escapar. A mulher engolira o orgulho, deixara o Imperador, de quem também era amante, para trás, e aceitaria que Zoraya a colocasse em uma cela escura e suja, se ela assim desejasse, para retribuir todas as maldades que Irvana já tinha lhe feito durante a contenda pelo trono de Gehenmy. Desde que ficasse longe das criaturas vermelhas e do diabo cuspidor de ácido, ela não se importaria.

A soberana do novo reino olhou para sua mãe e para dois homens imponentes que Irvana não reconhecia, novas faces em uma nova nação. Não conseguia interpretar o que estavam pensando, o que fariam com ela, e começou a imaginar que a desmembrariam e a jogariam para os demônios em repreensão pelos seus erros passados. Colocou-se de joelhos e começou a suplicar.

— *Mailinde Zoraya*, por favor...

— Pare de falar, Irvana. Fique de pé. Você e seus guardas são bem-vindos a ficar. Podem encontrar roupa e comida na tenda central de socorro. Vá para lá, se recomponha, e depois, se quiser, pode vir para cá.

— Mailinde, Vossa Graça é de uma generosidade magnânima, o brilho de sua existência...

— Já disse que não sou meu tio, e também não sou meu pai, pare com essa ladainha — Zoraya atalhou, sua voz se erguendo um tantinho, seu semblante, no entanto, imutável. — Se quiser, volte e permaneça no paço; se preferir, pode arranjar o que fazer na cidade. Só espero que saiba: sua estadia aqui não lhe garante segurança.

— Mas, minha senhora...

— Eu não vou lhe fazer nada, nem nenhum dos meus homens. Mas estamos sitiados pelos exatos monstros que você viu lá fora. Foi sorte ter conseguido chegar aqui, e espero que esta sorte dure mais um pouco e se estenda para quem está ao seu redor, porque vamos precisar dela. Pelas últimas notícias que tive, seu amado Imperador não teve a mesma felicidade...

Abismada, Irvana curvou a cabeça e saiu na direção da tenda de socorro pensando que a Aliança devia ter deixado as sentinelas em paz para que pudessem lidar com aqueles monstros por eles.

* * *

— Shenu? — Márcio chamou, mas do outro lado do espelho o amigo continuou com o olhar vidrado cravado nos olhos de Dominique.

— O que ele tem? — perguntou uma voz anasalada e de forma um tanto acusadora. Márcio se voltou e viu Nianca, acompanhada de Dulião e de Carelát, íterin'z de Zebelim e de Ylhuah, que, de algum modo, tinham alcançado as sentinelas.

— Carelát? Você não devia estar em I'Jaboris com seu pai? — Yoná questionou assim que viu o garoto, porque era Doniel que costumava aparecer em nome do presidente.

— Sou tão íterin quanto o conselheiro, e vocês me devem respeito — o rapaz respondeu, mas foi cortado pelo homem do espelho.

— Eu vou. Chamar o general... Eu... O castelo... Maldito Cristal! Meu maldito... O castelo está lá, e ele... Eu vou chamar o general, chamar o general...

Dominique pousou bem ao lado de Márcio espalhando penas para todo lado, colocou a mão no ombro do amigo para que ele parasse de gritar para chamar a atenção de Shenu, e explicou:

— Este não é Shenu.

As aliantes fizeram um monte de contestações, como “está doido? ”, “perdeu o juízo? ”, “não reconhecem seu companheiro de armas? ”, mas suas vozes sumiram subitamente, e eles não entenderam porquê. Nique agradeceu Yoná, a mão presa em forma de garra, segurando, entre os dedos, os sons dos aliantes. Sabiam que o gesto teria represália, mas a verdade é que nem Yoná nem as outras sentinelas se importavam mais com manter a impressão de estarem sob controle dos mantenedores.

O gênio estalou os dedos na frente dos olhos do rapaz e o fitou atentamente. Outros membros da Aliança surgiram no alto da torre, deixando as sentinelas inquietas.

— Pode me ouvir? Férik?

Férik, Márcio pensou. Então aquele era o irmão de Shenu.

— É o gêmeo de Shenu. Ele era prisioneiro do Nepcoutem... Férik, esta comunicação é precária. O que aconteceu com você? Onde está Shenu? Porque você está com essa coisa na mão?

— Ninguém devia ser capaz de apanhar uma lasca desse cristal — Jadhe murmurou, preocupada.

Férik fixou os olhos em Dominique, mas não parecia ter capacidade de falar racionalmente. De repente, foi tomado por uma urgência lunática, aproximou-se mais do espelho, deixando só um grande olho à mostra, e, embaçando o vidro com seu hálito, falou:

— Ele prendeu Shenu. Prendeu minha cópia. Um castelo de piche... Shenu está no castelo de piche! Eu tenho que avisar o general! O Abominável está de volta, ele está de volta! E ele vai comer o coração do Shenu para viver de novo! Ajude! Me ajude!

A imagem desapareceu.

— Você está louco?! Todos vocês estão?! Vão seguir os delírios de um lunático em busca de um inimigo que não existe!

— Baixe seu tom de voz, Nianca, ou Yoná vai arrancar seus sons pra sempre! — gritou Dominique. Foi uma resposta ao último dos vários berros que a mulher proferira sobre a muralha de Octoforte, altos o bastante para se fazerem ouvir por todos os cantos da fortaleza e atrair a atenção de cada soldado e de mais um monte de aliados, como certamente era a intenção da mulher. — *Nós* somos autoridades aqui!

— Por pouco tempo. Enquanto isso, tenham responsabilidade! — Dulião, ao lado de Nianca, rugiu, e empurrou Nique em provocação, mas cinco lanças foram apontadas para ele no mesmo instante: as pontas das armas de Evondér, que antes de ser subgeneral fora o homem que Shenu nomeara capitão do batalhão das sombras.

— Respeite as sentinelas, ou sairá daqui com uma lança no peito! — ameaçou o homem.

Dominique continuou com a postura ofensiva, mas Márcio tocou a lança do soldado e os guardas abaixaram as armas. Dominique expeliu o ar dos pulmões de uma vez para se acalmar e olhou sobre o parapeito da muralha: lá embaixo o silêncio imperava, e todos os olhos estavam voltados para a confusão. Respirou fundo, sentindo a tensão dos amigos se espalhar como navalha por sua carne, dividida através da ligação de Jadhe, de repente ativa. Pensou em que gostaria que Ondily voltasse ali para cima, Diana a tinha mandado descer há alguns minutos, e que falasse alguma coisa para fazer Jadhe parar.

— E o que vão fazer, *sentinelas*? Vão sair, é isso? Vão deixar Octoforte desguardada? Isso é ridículo.

Dominique abriu a boca para retrucar, mas sentiu um toque no ombro e voltou-se para olhar. Hesitante, Evondér pediu para ter a palavra e conversar com os líderes da Aliança Maior como subgeneral que era, e Nique lançou um olhar rápido para Márcio e para as meninas, que aquiesceram. De repente, ficou curioso para saber como o homem iria lidar com a situação, e se passou por sua cabeça que ele poderia ordenar que não partissem em missão, ele não se importou: afinal, se Shenu precisava de ajuda, nenhuma das sentinelas ficaria de mãos atadas por causa de política.

— Subgeneral? Não existe esse cargo! Você não passa de um soldado comum — desdenhou Dulião, mas Diana interferiu.

— Não existia, é verdade. Mas o general tem a prerrogativa de criar os postos que ele quiser desde que não ultrapasse o ordenamento, e ele criou o que Evondér ocupa. Pablo fez muitas mudanças. E vocês vão respeitá-lo pelo que ele é: nosso subgeneral.

Talvez porque Diana nunca parecia irritada, ou talvez porque estivesse grávida e ofegante, os membros da Aliança resolveram concordar em deixar o homem falar.

— Vocês têm razão em uma coisa: nem todos vão para Aduna. Eu, como subgeneral, não vou, portanto, a fortaleza não ficará abandonada. Até o breve retorno do general Pablo, eu respondo por ela. E Diana também não sairá daqui. Os outros vão em missão.

— Que conveniente! Ficar seguro e mandar outros fazerem o trabalho, e manter a mulher do general aqui para que ele possa encontrá-la feliz e sorridente quando chegar!

— Não, não é conveniente — Evondér revidou. — Sou o subgeneral, é meu dever ficar. E não é possível que você considere normal enviar uma mulher no estado de espera avançado em que Diana está para qualquer missão, sendo ela esposa de quem quer que seja. Eu não faria isso nem se fosse *você* essa mulher que estivesse esperando um bebê.

Justina, calculadora da Aliança, e Dulião, escrivão de arrecadação, olharam de lado para Nianca, o último apertando os lábios para não rir, mas Nianca, de cabelos desgrenhados, rugas saltadas e rosto roxo de irritação, parecia possuída, e gritou com muita maldade:

— Eu só não sei porque estão pensando em partir daqui com essa pressa toda: mesmo que essa mensagem seja verdade, os navios para Aduna levarão semanas para chegar; até lá, o homem já estará morto a essa altura!

Márcio aproximou-se de Dominique temendo que o amigo fizesse alguma coisa impensada, mas foi Jadhe que tomou a frente. Com o rosto vermelho e desfigurado por uma carranca apavorante a moça voltou-se para Nianca, e a mulher, quarenta anos mais velha e vários centímetros mais alta, se encolheu um pouquinho.

— Shenu Argottem é a pessoa mais resiliente que conheço. Se vai resistir ou não pelo tempo que levarmos para chegar até lá não é problema de vocês. Se tivermos que trazer o corpo dele de volta, então que seja. Mas torça para que ele volte vivo ou para que a coisa nos mate também, porque, se voltarmos aqui sem ele, pode ter certeza de que precisaremos descontar nossa frustração em alguém — Jadhe parou, mas o chiado continuou, e Diana chegou perto da amiga para fazê-la entender que devia cessar aquela telepatia.

Os doze aliantes que tinham se acorado no alto da torre se remexeram inquietos. E mesmo que as sentinelas pensassem o mesmo que Jadhe, a ameaça dela somada ao brilho branco que dominou os olhos da moça provocou arrepios até em seus companheiros.

— Agora, se nos derem licença, parem de nos importunar porque temos mais o que fazer — disse Yoná, e, olhando para os amigos, se retirou. Evondér, como o protocolo, foi o último a deixar a presença dos líderes, embora tenha transparecido sua inquietação de ter que seguir para o mesmo lugar que aquela assustadora sentinela da água.

* * *

Embora Evondér fosse o subgeneral, na ausência de Pablo as sentinelas acabaram se voltando para Diana, como se ela compreendesse o que Pablo ordenaria naquela situação. No entanto, Diana achava que o que tinha que ser feito era exatamente o que Pablo não faria. Após ouvir os relatos sucintos de Dominique, de Márcio e de Yoná, sobre suas respectivas missões, ordenou:

— Evondér — ela disse, quando as sentinelas e o subgeneral chegaram ao Centro de Treinamento Militar —, por favor, envie alguém para auxiliar o Prefeito Íneo a lidar com os aduninos que vieram com Dominique, eles devem estar perdidos em Agerta. Depois peça para que o comandante Bardáct negocie a contratação de um barco pequeno para partir em três dias para o Continente Maior, pois ainda tem muitos agertos em Aduna e não vamos conseguir nenhuma embarcação direto antes disso. Márcio, Nique e Yoná terão que descansar por hoje, mas precisarão partir com urgência e logo.

— Sim, minha senhora.

— Também precisaremos de mentores para substituir Jadhe no treino militar, e encontrar alguém para me ajudar nas práticas mágicas — Ela levou a mão à barriga

e suspirou, cansada. — Vou cuidar para que as sentinelas durmam um pouco agora. Se precisar de nós, estaremos nos aposentos do Torreão.

— Todos vocês? — Evondér estranhou, mas Diana acenou afirmativamente. — Claro, minha senhora, não guarde preocupações.

— Não guardarei.

Apesar da mostra de cansaço de Diana, a loira não demonstrou a exaustão que aparentava segundos antes depois que as sentinelas cruzaram a porta para dentro da torre de menagem. Fechou as folhas do portão atrás de si e usou uma trava para bloquear a entrada.

— Para que isso? — Jadhe perguntou, curiosa.

— Para não sermos incomodados — respondeu Diana.

O grupo seguiu os passos da moça escada acima, e Dominique, solidário, apoiou a gestante na subida. Passaram diante das portas abertas da Biblioteca, e Márcio franziu o cenho ao ver que os oito Silenciosos estavam enfileirados lado a lado olhando para o corredor — aquelas criaturas nunca se comportavam de forma normal —, subiram mais um pouco e passaram pelas portas do dormitório do general, mas continuaram subindo, até chegarem ao amplo espaço murado de ameias estreitas, onde se apoiava a base da grande coroa de Octoforte: a cúpula cristalina de vidro facetado e transparente em forma de chama, que sempre chamara a atenção de Dominique. No baile, uma pira central fora acesa, e sua luz, refletida pelo vidro, se transformou num impressionante farol, ainda que inútil, já que estava sempre claro na Encruzilhada. Porém, após o que tinha visto acontecer no Palácio de Zebarân, quando as sentinelas conseguiram quebrar o Cristal Rosado que cobria o salão do palácio e transformara seus fragmentos em verdadeiras lanças, ele se perguntava se quem projetou aquela torre imaginou que estava construindo um potencial amontoado de lâminas apontadas justamente para quem ela devia proteger.

Enquanto subiam, pequenos estouros pipocaram no couro cabeludo do gênio, como um formigamento intenso. Estranhou, pois não parecia a sensação que tinha quando *desejos* eram realizados, e, após uma breve troca de olhar com Márcio, acabou se voltando para Jadhe e entendeu que a sensação vinha da telepatia dela, de uma aflição incontida por se aproximar do lugar onde estava trancado o Tesouro

pelo qual ela tanto ansiava. Respirou fundo, e preparou-se para interferir, se a amiga perdesse o controle.

A alta muralha, junto com o teto envidraçado, criava a ilusão de estarem dentro de uma sala de estar, e não no que devia ser uma última defesa do baluarte. A tina onde se acendiam as piras, com o diâmetro de um homem, estava afixada no centro do espaço circular, mas nada os lembrava de que estavam numa construção destinada à guerra. Havia banquinhos, duas mesinhas, uma cadeira de balanço e, desde a última vez em que pisara ali, Nique viu acrescentado um pequeno colchão sobre uma espreguiçadeira. Os gatos das sentinelas estavam por ali, cada um em um lugar, descansando preguiçosamente sobre os vãos da amurada. Não parecia um canto usado para relaxar, porém: havia papéis e livros esparramados nas mesas, muitos, inclusive, sobre o colchão, e neles havia desde mapas e notícias à correspondência dos líderes da Aliança Maior.

Exasperada, Yoná vincou as sobrancelhas ao olhar para a amiga.

— Então é aqui que Pablo está avaliando o material de Ólie Fauret? Colado com o lugar onde prendemos as Joias Supremas, bem pertinho da influência delas?

Os estalos telepáticos de Jadhe reapareceram e dominaram a espinha do gênio. Nique prendeu a respiração esperando uma reação da loira, mas aparentemente nem a grosseria de Yoná era capaz de mudar o bom humor de Diana, que sorriu sem graça.

— Na verdade, quem vem fazendo isso sou eu — disse Diana. — Por ordem de Pablo, mas ele não escolheu o lugar. Eu precisava de um espaço seguro para guardar os manuscritos de Fauret, e como o Torreão já está recebendo segurança, achei que seria adequado.

— E você encontrou alguma coisa que nos ajude a ir para Aduna rapidamente? É por isso que nos trouxe aqui em cima? — Yoná perguntou.

— Não, o mais rápido que posso imaginar seria com Melvim, mas não acho que ele atenderia nosso chamado. Não tem nada de magia nesses registros, e isso é bem esquisito — ela disse, e viu cada um dos amigos se apoderar de uma anotação ou caderno e analisar seus conteúdos. Havia desenhos de pecinhas, diagramas complicados para montar artigos impossíveis de identificar, receitas de remédios, contas, fórmulas e muitas coisas mais.

Márcio folheava as páginas com urgência crescente, balançando a cabeça e chamando a atenção dos outros.

— Manuais para entender coisas humanas, fórmulas para fazer coisas humanas, registros de compras feitas na Terra!

— É. Achei dinheiro terráqueo em um buraco no colchão e fotos com nomes, horas e lugares. Acho que Ólie sabia quando e onde sairia na Terra em cada ida até lá, e não queria despertar suspeitas passando pelos mesmos lugares várias vezes.

— E isso — a sentinela do fogo agitou um dos cadernos nas mãos, olhando primeiro para Yoná, depois para os outros — é prova de tudo o que Mayala falou! Ele só teria acesso a tudo isso com ajuda de alguém, de um imortal!

Yoná pensou em protestar, mas Diana falou primeiro:

— O pior foi o livro de notas sobre processos experimentais. Aquelas coisas que você e Pablo encontraram? — Diana olhou para Dominique, e o gênio não precisou de mais explicações para saber que ela falava dos frascos com líquidos suspeitos que ele e Pablo tinham enterrado em uma mala vedada. — Eram *doenças*. Acreditam? Doenças de gente, pragas de frutas, males de animais. Tudo da Terra, e ele registrava como cada uma se comportava em bichos nossos! Ele testava aquilo em animais! — A telepatia de Jadhe cessou, tamanha a repugnância que dominou o grupo. — No caderno ele fala de alguém, um mentor, pra quem ele devia entregar essas notas. Nem imagino quem seja.

Márcio olhou de um jeito fulminante para Yoná, que o encarou de volta.

— Ainda não acho que seja uma pessoa nova: Zebarân era notório por fazer experiências — disse a moça. — Mas não tenho ideia de como provar isso a você e nem acho que seja relevante agora.

— Não, e não é por isso que estamos aqui — chamou Diana, fazendo os amigos lembrarem da urgência que tinham. — Precisamos destrancar o baú dos Objetos, e por isso viemos para cá.

Diana sabia o efeito que causaria nos amigos. Destrancar o baú com os Crimedéct'z? Mesmo com Pablo tendo expressamente proibido os amigos de tentarem se aproximar daquelas coisas?

— Não vamos precisar disso para trazer Shenu de volta! — Yoná protestou. — Não vamos mais tocar nessas coisas!

— Não vou obrigar ninguém a usar nada. Mas não sei até onde Pablo tem razão em mantê-las trancadas, e tenho minhas suspeitas de que a Aliança vai descobrir nossa farsa em poucos dias, e isso os atrairá de volta para cá. Posso estar muito enganada, mas tenho quase certeza de que esse resgate será classificado como insubordinação, e que usarão isso para executar o processo de Pablo, anular nossa nomeação e colocar alguém deles no posto, e vão acabar encontrando nosso esconderijo. E aí, meus amores, sacudida de mão e tchauzinho para nós, não teremos nenhum direito de ficar com as joias e eles terão *regimentalmente* direito a elas, mesmo que não seja o justo.

— Isso se algum dos capangas deles não conseguir acessar o Torreão antes mesmo de nos tirarem dos nossos postos — Jadhe comentou.

— Podemos manter que as peças falsas que demos a eles eram verdadeiras — Dominique sugeriu. — E que, quando perderam totalmente o poder, mudaram de forma, de cor, e ficaram como vão ficar, e que não sabemos de mais nada sobre o assunto.

Mas Jadhe contestou, e suas palavras não saíram gentis:

— Não seja ingênuo, eles nunca acreditarão nisso. Nunca vão nos dar paz, teremos que defender os Tesouros quando sairmos daqui.

— Por isso pedi para Evondér arrumar o navio para daqui a três dias — Diana explicou. — Porque vocês não vão embarcar nele. Vão partir amanhã, e vão sair daqui disfarçados. E vão levar os Objetos Supremos.

Uma leve brisa uniu as mentes dos jovens, pois Jadhe se impressionou. Yoná, no entanto, ficou sobressaltada:

— E você? Você vai ficar?

— Eu não saio daqui sem meu marido — Diana respondeu. — Mas vou ficar bem. Vou preparar uma rota de fuga, como Yoná sugeriu, para quando Pablo voltar, e vou colocar tudo o que for importante para nós na primeira caverna de turmalinas da ilha, aquela em que as minas já se esgotaram. Direi a eles que vocês fugiram

antes que eu percebesse, mas terei minha escapatória preparada para quando Pablo voltar. As mães da ilha me ajudarão.

— Puxa! — Márcio exclamou, sorrindo. — Shenu realmente te ensinou a mentir numa velocidade respeitável!

— Verdade, vou ter que fazer a coisa ser bem real. E vocês não vão levar nem o Medalhão dos Elementos, nem a Pedra de Mavhtus. Vou ter que mantê-los comigo.

— E eu não quero a Pérola — Yoná falou, e Márcio sentiu uma ponta de pânico na voz dela.

— Mas... Como vamos tirar as joias daí? São seis feitiços protegendo elas, um deles é o de Pablo e ele não está aqui — comentou Dominique, apontando o baú.

Jadhe fitou Diana, que devolveu o olhar.

— É arriscado — a sentinela da água falou.

— Eu sei, mas vou me proteger — Diana respondeu.

— O que? O que é arriscado? — Márcio quis saber.

— A solução é quebrar o feitiço do general — Yoná respondeu pela amiga, adivinhando. — Bom, somos cinco, acho que damos conta...

— O feitiço dele lança relâmpagos em quem tentar enfrentá-lo — a loira informou.

Os amigos olharam para a grávida e todos desviaram para a barriga dela, então Dominique se manifestou:

— Vamos desfazer nossos próprios feitiços, mas você fica de fora desse último — disse ele. — Somos quatro e damos conta, seu bebê não tem nada a ver com isso.

* * *

Márcio colocou os gatos escada abaixo, e sua visão duplicou a imagem dos animais quando encarou os olhos da Sra. Patinhas. Torceu para que fosse só um sinal leve de cansaço, e que não interferisse no seu sortilégio, porque ele não era muito talentoso na bruxaria, então trancou o alçapão de entrada para se assegurar de que ninguém subiria ali de forma nenhuma.

Diana, aliviada com os cuidados dos amigos, suspirou, e começou a repuxar os nós mágicos que usara para lacrar a caixa, e não teve a menor dificuldade ao desfazer seu próprio encantamento, um globo de magia que manteria o invasor petrificado. Com elegância, ela realizou gestos delicados e precisos, entoou palavras que ressoavam com poder, e desviou só um pouco de energia das pedras da própria Octoforte para dissipar a condensação mágica.

Yoná foi a próxima a agir e desfazer seu encantamento. Além de ter elaborado uma forma de manipular o menor ruído que uma pessoa fizesse nas proximidades para que se tornasse uma fagulha cortante, produzindo os famosos cortes nos braços que vários soldados (e Jadhe) tiveram, ainda havia uma segunda camada de encantamento, que amplificaria qualquer som mil vezes, tornando-se uma sirene ensurdecadora. Fez vários gestos com as mãos, moldando o seu nato *mac* do som para que se tornasse energia, e que esta anulasse o invólucro de feitiço. Sem conseguir superar a própria barreira sozinha, precisou recorrer à elementos externos, e teve que apanhar em seu quarto alguns enfeites de pedrarias e um violão para produzir notas sonoras, todos presentes que ganhou de admiradores. Ninguém sabia tocar músicas, mas Dominique raspou as cordas e fez sons que ajudaram a alimentar o *mac* de Yoná. Seria melhor que houvesse grandes barulhos, sinetes, música alta, mas não podiam se dar ao luxo de fazer estardalhaço, ou chamariam atenção indevida. Umas poucas notas e a força estocada nas pedras tiveram que bastar para Yoná.

Márcio não tinha feito um feitiço relacionado com o fogo, como era de se esperar: manipulara seu *mac* para transformá-lo em luz. A magia não era difícil, o fogo emitia luz, e, em magia, *mac*'z eram mais simples de se converter em elementos correlacionados do que em coisas distantes; mesmo assim, o poder empregado por Márcio naquele encantamento era enorme, e, se libertado, era capaz de cegar um indivíduo. A exemplo de Yoná, a sentinela do fogo teve que usar ingredientes externos de onde tirar energia para elaborar o contrafeitiço.

Tudo o que existe possui alguma quantidade de energia, é claro, mas Ártemis havia ensinado as sentinelas de que o segredo era reconhecer a quantidade de poder de cada coisa. Seres vivos têm muita energia, muito mais do que qualquer coisa inanimada, mas muitos elementos inertes possuem uma quantidade extraordinária de poder, e Márcio tinha aprendido que tinta era algo que carregava uma boa dose de potência que podia ser convertida em magia, talvez pelas possibilidades que ela tem de registro. Buscou dois potes na biblioteca, logo abaixo, e os usou como fonte para desmanchar o poder e, como tinha acontecido com quase todas as pedras que Yoná trouxera, ao final os potes — não só a tinta, mas também os recipientes —

tinham se tornado montinhos de cinza esbranquiçada, que se desintegraram com um sopro.

Dominique tinha usado a magia para criar uma barreira e prender a vontade do vento dentro dela. Foi Ártemis quem o ensinou a fazer isso, de modo que quem conseguisse passar pela contenção libertaria uma grande ventania, que jogaria as pessoas longe. O feitiço em si foi fácil de superar, e o vento só seria surpreendente para quem não o estivesse esperando; entretanto, com uma nota de chateação, o gênio percebeu que só um terço do *mac* que ele concentrara ali emanou de volta.

— Precisava ter transformado o *mac* em energia mágica — comentou Diana. — Magia perdura, mas *mac* é energia natural, que se dissipa fácil.

— Só você pra decorar todas as teorias, Diana... — Nique respondeu, à guisa de desculpas.

Jadhe, entretanto, não tinha usado mais que um sopro de magia para prender o *mac* da água e do frio ao redor do baú, mas o poder dela não parecia ter dispersado nem um pouco. Assim que quebrou o domo de magia o *mac* emanou veloz, e o topo do Torreão ficou coberto de gelo. A moça, no entanto, abriu os braços e conteve o poder de olhos fechados. Um instante de frio cortante se derramou sobre os jovens, mas não mais que isso. Sem um som nem um brilho sequer, o gelo desapareceu, o frio deu lugar à temperatura amena de sempre, e Jadhe, emudecida e trêmula, ficou diante do baú, ávida para destrancá-lo.

O mais difícil veio depois, quando enfrentaram o poderoso encantamento do general.

Diana precisou lançar um encantamento de ilusão para que os clarões daquela magia não chamassem a atenção de ninguém, e ficou grata pela defesa não produzir sons muito altos também, ou seria muito mais difícil esconder o que estavam fazendo. Depois se afastou, descendo um lance de escadas, e por mais duas horas as sentinelas lutaram contra o feitiço de Pablo, que lançou relâmpagos para todo lado e queimou os jovens. Quando enfim as trancas se soltaram, os quatro jovens estavam marcados com queimaduras feias e Diana precisou fazer rápidos feitiços curativos antes de prosseguirem com a abertura do baú. Exaustos, mas ansiosos, empurraram o tampo do baú para longe.

Dominique sentiu ânsia de vômito: o Lampejo dos Desesperados exalava um cheiro nauseabundo, como carne apodrecida num pântano lodoso.

— Só digo uma coisa: — disse Nique — isso aí eu não carrego de jeito nenhum!

— O Lampejo não vai sair daqui — disse Diana com uma careta de nojo. — Mas a Cuzpola vai. — Apanhou a esfera, evitando encostar no Lampejo, e a entregou nas mãos de Yoná. — Era você quem costumava tomar conta dela, e já que não vai levar a Pérola...

Yoná apanhou a bússola em forma de globo e fitou brevemente o interior dela, onde brumas pardacentas se enrolavam e espiralavam, iluminando o entorno numa luz amarelada, mas Nique percebeu que ela fazia força para não ceder à tentação de olhar para o orbe negro, que cintilava de leve, como se a chamasse.

— Mais alguém vai apanhar alguma coisa? — Diana perguntou, ofegante, e Nique pensou em como era assustador o tamanho da influência que aquelas coisas tinham sobre eles. Mesmo assim, pegou, relutante, o Relógio do Último Tempo, torcendo para que não precisasse usá-lo, porque ele podia apagar a existência de espaços inteiros, e temia que, mesmo usando a energia dele só para manter outros sortilégios de magia, pudesse se descontrolar, fazer um desejo indevido, e acabar acionando a relíquia e causando uma tragédia.

Márcio, que não tinha problemas com o artefato que costumava carregar, apanhou o Cetro da Luz na mesma hora, e Jadhe estendeu a mão para tocar o Tesouro de Caularom, fazendo os amigos prenderem a respiração.

— Mas onde ele está? A pedra azul não está aqui, onde está? — Dominique se alarmou, e então, voltando-se para Jadhe e vendo um sorriso sinistro na amiga, um sorriso malicioso, acusou — Você... Você a apanhou! Você a tirou daqui antes!

Jadhe não respondeu, mas o olhar gelado, seguido de uma queda brusca de temperatura e um peso enorme na cabeça, fez o gênio se calar. A moça voltou-se para o baú e estendeu a mão para o fundo, onde umidade havia manchado a madeira. Perto da mão dela minou uma pequena quantidade de água, que foi aumentando, formando uma pequena poça, se solidificando e adquirindo a coloração azul. Num instante já não havia água no baú, mas a pedra engastada no centro de hastes metálicas presas a uma corrente de prata, que ela apanhou e colocou no pescoço, sem, no entanto, desviar os olhos dos de Dominique.

— Você gosta de me acusar de coisas... Se eu tivesse apanhado o Tesouro — disse ela com uma seriedade assustadora — não teria feito mais do que usufruir de um

direito meu. A pedra é *minha*. Mas eu não conseguiria quebrar o feitiço de Pablo sem ajuda.

Dominique não disse nada, e Márcio, ao lado dele, franziu tanto o cenho que seus olhos desapareceram sob as grossas sobrancelhas.

Diana apanhou o Medalhão dos Elementos e Dominique notou como ela pareceu feliz ao tocar a joia. Devia ser exaustivo lançar feitiços para ensinar os soldados sem se valer de nenhum objeto mágico e grávida, e mesmo que Nique pensasse que deviam ter muito discernimento com aquelas coisas, sentiu-se bem ao saber que a amiga estaria de posse do Medalhão enquanto estivesse ali sozinha. Para o bem e para o mal, as sentinelas e Octoforte tinham atraído atenção demais, e nenhum dos amigos queria deixar a moça desprotegida num momento tão delicado. Ela colocou seu cordão em volta do pescoço, e passou as outras joias — a Pérola Negra, a Pedra de Mavhtus e o Lampejo — para uma caixa menor, tomando cuidado para não tocar com as mãos nuas em nenhuma, pois isso intensificaria a sedução delas. No entanto, Márcio avançou para o baú e fez a garota se encolher.

— O que vai fazer? — perguntou a moça, tentando disfarçar, sem sucesso, a impressão de estar defendendo as joias da investida de Márcio.

— Quero levar o Lampejo.

— O Lampejo? Por quê? — questionou Jadhe.

— Você não pode tirar este troço daqui, é o lugar mais seguro para ele — insistiu Yoná.

— O lugar mais seguro para ele é onde a maioria de nós estiver — Márcio contestou. — Diana ficará sozinha aqui, e, de todas as joias, esta é a que eu menos gostaria que parasse em mãos erradas.

Discretamente, Dominique concordou, embora Márcio soubesse que o desagradava muito estar na companhia daquele Tesouro específico. Em silêncio, as meninas acabaram anuindo, e Márcio tomou a joia com cuidado e a prendeu ao cinto. Seria arriscado carregá-la, provavelmente ele sentiria os efeitos do Lampejo muito rápido, mas Márcio tinha medo de pensar no que aconteceria se algum descuido conseguisse se apossar daquilo e libertar a alma de Zebarân, ainda que não tivesse certeza de que isso fosse possível. Porém havia outro motivo para que Márcio

quisesse levar a joia, e ele preferia não insistir com os amigos sobre ele, porque eles não queriam aceitar a possibilidade.

E se houvesse outro inimigo? E se esse inimigo fosse tão forte quanto Zebarân? Melhor ter consigo uma arma capaz de prender alguém tão poderoso... Só por garantia.

Então Diana fez uma sequência de movimentos e murmúrios, lacrou a caixinha com as joias restantes e ficou olhando para ela por um tempo.

— Você está ficando poderosa como bruxa — Yoná comentou.

— Não é poder, é ciência — retrucou Diana. — Ciência da magia. Existem centenas de encantos simples, mas a maioria dos bruxos de hoje se concentra em aprender meia dúzia para enfeitiçar coisas para vender. Como eu não preciso vender magia para viver, posso estudar os princípios e entender como criar outros. Ártemis trouxe bastante material para isso. Mas, enquanto estiverem fora, vou parar minhas pesquisas. Preciso preparar o enxoval, e não quero nenhum aliante me pegando de surpresa. Vou guardar meus apontamentos e os livros da Caçadora na mesma gruta em que estão as coisas para a fuga. Não vou deixar essas criaturas sórdidas da Aliança Maior colocarem as mãos nos escritos da mestra.

— Mestra Ártemis... — Jadhe sussurrou, nostálgica.

— Mas ainda continuamos no mesmo impasse — disse Yoná. — Estamos realmente atrasados. Como vamos para Aduna em pouco tempo? E como vamos sair daqui imediatamente? A não ser que você saiba como é que a Caçadora fazia, eu não vejo maneira de chegar lá rápido. Abarcão vai nos barrar antes que deixemos a ilha.

Dominique interrompeu Márcio antes que ele sugerisse alguma coisa.

— Acontece que eu tenho exatamente o que nós precisamos.

ZIZERVÁLIDO

Márcio ficou tão ansioso com o problema de Shenu que queria sair imediatamente, mas depois de uma discussão, Dominique explicou que a viagem seria extenuante, e que as sentinelas precisariam estar em sua melhor forma física, coisa que nem Márcio, nem Yoná, nem Dominique, estavam, pois tinham acabado de retornar. Quando desceram da Torre da Terra Diana precisou praticamente ser carregada por Márcio e Nique, pois, embora ela se esforçasse para não demonstrar cansaço, a barriga estava pesando muito, ela sentia falta de ar o tempo todo, as tarefas de Octoforte não eram de todo inofensivas, e o cansaço por ter feito e desfeito tantos feitiços ajudou a convencer os outros a permanecerem ali por um dia.

Embora fosse um dia de descanso, logo nos primeiros minutos após despertar ficou evidente que não teriam paz. Agora tinham as joias em mãos, e ocultas ou não, seus poderes estavam nitidamente acordados. As sentinelas eram assediadas o tempo todo diariamente, mas nada se comparou ao que aconteceu naquele dia, quando todos os olhos se voltaram para os jovens, todos os moradores quiseram uma palavra, uma olhada, um toque, um favor. E, se isso não fosse o bastante para comprovar a influência das coisas, as próprias sentinelas sentiram mudanças em seus humores, em suas capacidades, e, ao final do dia, Márcio tinha a impressão de que poderia iluminar o mundo sozinho, se quisesse. E isso não era bom, pois significava que os Objetos estavam ainda mais poderosos do que quando foram apanhados.

Na primeira hora do dia da viagem as sentinelas se encontraram de bagagens e armas prontas em frente ao Portal. Não houve um comunicado oficial aos soldados, — Márcio, aliás, sentia que estava em falta com os homens tanto de Octoforte quanto de Agerta por sair daquele jeito sorrateiro —, mas alguns poucos que acompanhavam Evondér e Diana testemunharam a despedida inquietos, sentindo o assomar de uma ameaça maior que a compreensão, pois seus líderes mal tinham chegado e já saíam desesperados.

Ondily se soltou de Diana e abraçou Jadhe pela cintura antes de correr de volta para a fortaleza, pois tinha feito amizade com a moça que ajudou a mãe dela a preparar roupinhas para o bebê. Estavam prestes a cruzar o Portal e Márcio já sentia alívio por não ter sido visto por ninguém da Aliança Maior, quando ouviram uma gritaria e viram Lavoér e Alibeth, aos tropeços com grandes mochilas penduradas, correndo ao seu encontro.

— Esperem por nós! — gritaram. — Esperem por nós!

— Ei, ei, ei, ei, vocês não vão — interrompeu-os Evondér.

— Vocês vão precisar de ajuda com a contabilidade da viagem e para catalogar os êxitos conquistados com a derrubada do reino do rei obscuro — disse Lavoér, muito vermelho e tomando fôlego.

— Não, vocês não vão de jeito nenhum!

Com cara de que não estava satisfeita, Alibeth retrucou:

— Deixe-me ser mais clara: vão precisar de gente da Aliança para legitimar a missão — disse a mulher. — Se não nos levarem, vou imediatamente à senhora Nianca falar sobre a o abandono das sentinelas de seus postos. Se formos juntos, na volta vocês terão testemunhas da necessidade dessa... Disso.

Alibeth não parecia ver nenhuma necessidade *disso*, pelo modo como falou.

— Por que querem ir? — Márcio questionou.

— Meu serviço no cofre está finalizado! Já fizemos o levantamento, e Sália vai terminar todas as destinações e relatórios — falou Lavoér, com uma piscadela discreta para Diana. — E convenci minha irmã a nos acompanhar para que ela veja com os olhos dela a grandeza das sentinelas e do general, e o quanto o serviço de vocês é crucial e o quanto a Aliança Maior está sendo desonesta! Por favor, nos deixe ir senhor Márcio, por favor!

Márcio olhou para os amigos em busca de algum apoio. Encontrou quatro pares de olhos tensos, e piscou duas vezes para Jadhe, mas Evondér falou em voz alta antes que a moça recorresse às faculdades mentais.

— Vocês querem espiar as sentinelas — ele afirmou.

— Imagina! — Alibeth suspirou.

— Vamos ajudar na missão! E ver um pouco do mundo lá fora... — Lavoér falou com voz de lamento.

Diana então se decidiu. Assentiu para Evondér, e este deu a sentença:

— Tudo bem. Lavoér, Alibeth, vocês vão.

Protestos de um lado, exultação de outro lado, os irmãos correram para o Portal, não dando chance para que ninguém falasse outra coisa.

— O que está fazendo, Diana? — indagou Yoná.

— Tenho monitorado estes dois desde que chegaram aqui — disse a loira. — Coloquei escutas. Lavoér não têm intenções ruins, só quer um pouco de aventura, mas Alibeth é traiçoeira, e como são irmãos, Lavo pode acabar entregando os planos de Pablo, confiando que ela mudou de lado. Além disso, podem ajudar no caminho do Nique.

— Di, são dois balofos — Yoná falou sem delicadeza. — Se temos que levar alguém, deviam ser soldados. Eles vão nos atrasar.

— Com sua licença, senhora Yoná, mas a senhora Diana pensou na forma política de lidar com a situação — Evondér, muito cuidadosamente, se intrometeu. — A Aliança não vai gostar de jeito nenhum quando souberem que vocês partiram, mas a companhia dos dois pode acalmá-los.

— E por que você está tão preocupada com legitimidade? — Márcio questionou, já cansado de lidar com toda aquela politicagem. Cada dia que passava ele sentia mais vontade de dar as costas e nunca mais voltar a Octoforte.

Diana se aproximou dos amigos e abraçou, desajeitada, cada um deles. — Confie em mim, irmão, e confie em Pablo. Talvez, quando vocês voltarem, nada disso importará mais, mas preciso mantê-los satisfeitos por mais um tempinho. É o melhor modo de deixá-los distraídos o bastante para não olharem com atenção demais para onde não queremos.

— Vão descobrir que as joias estão ativas e conosco — Jadhe comentou.

— Não tem problema. Quando voltarem, teremos que escapar com elas de qualquer jeito, se não quisermos que nenhum líder doido se apodere delas. Não escondam nada. E tragam Shenu de volta — ela pediu.

Os jovens se entreolharam. Pelo vinco e pelo zumbido mental de Jadhe, nem mesmo ela sabia do que é que Diana falava, apesar de ter ficado com a loira por mais tempo que os outros, mas Evondér sorriu confiante.

— Cuidem-se — disse o subgeneral. — Mas sejam rápidos. Se não derem notícias por espelhos em até duas semanas, vou mandar um navio procurar por vocês, com ou sem autorização dos nossos mantenedores.

* * *

Abarcão e Mandredom se entreolharam com carrancas feias estampadas nos rostos. A sensação de terem sido feitos de palhaços era humilhante, mas por ser compartilhada entre os dois maiores nomes da Aliança maior e com os Senestére'z, todos aparecendo em imagens borradas nos espelhos de comunicação do centro dos aliados, tornava-se raiva, e uma raiva direcionada: raiva daqueles que deveriam ser seus subordinados. À sua frente, o que parecia ser um dos Objetos Supremos deteriorava-se a olhos vistos, lascas de sua superfície desprendiam-se com um brilho quase imperceptível, e desapareciam, exibindo um artefato desgastado, amassado e pouco “supremo” por baixo.

— Eu quero aquelas joias — falou Ivelór, ameaçador. — Agora.

Claro que ele queria. Todos as queriam.

— Chega de mandar aprendizes de ladrões. Convoque os caçadores — Abarcão falou a Mandredom. — Todos eles. Se não nos entregaram os Tesouros por bem, o farão por mal.

* * *

Mais uma vez diante do Portal, Márcio sentia os joelhos tremerem. Já fazia um mês desde sua última visita a Bhardo, e diferente de quando era mais novo, agora a travessia lhe causava falta de ar, dor de cabeça e tremedeira. Apertou com força o embrulho de tecido que envolvia o Cetro da Luz, a joia de ponta de foice que ele conquistara nas ruínas protegidas por gatos-dragões que, transformados em gatos normais, foram resgatados por Pablo e que agora se enroscavam em seus pés, como

em despedida. Era irônico: fora seu irmão quem salvara os bichanos de um bando de malditos, mas Pablo era alérgico e passava mal ao ficar no mesmo quarto que eles por muito tempo.

Tomou fôlego como se fosse mergulhar num rio gelado e percebeu seus amigos fazendo o mesmo; dentre todos ele era o menos nervoso, e isso o assustava, principalmente por Yoná, que estava taciturna e não altiva como costumava ser. Posicionou-se ao lado dela, pronto para segurar sua mão, se ela quisesse.

Avançaram para a lâmina luminosa; Márcio prendeu a respiração o frio o envolveu como um manto mortífero. Deu mais um passo, e seus pés tocaram um chão macio, como se pisasse num grande colchão. Já não podia enxergar nada ao redor, só percebia vagos contornos de Yoná bem ao lado dele. Avançou mais uma vez, a luz o abraçou, fria, brilhante, veloz. Um túnel de claridade o capturou, e ele perdeu a noção de corpo. Não podia ver seus dedos, sua pele, nada de si, mas sentia um gelo cortante passar por ele, e podia ver explosões luminosas. Era luz, e de repente era treva, e na escuridão havia cores e estrelas. E havia calor, e passava por ele e estourava em sua pele em pequenas fagulhas, e, num instante, estava colocando um pé em frente ao outro e saindo do túnel de energia para entrar no Mundo de Bhardo.

Do patamar as sentinelas desceram os olhos pela escada na pedra até o Fortim de Agerta, a fortificação de três muralhas construída pelos habitantes. Agora, mesmo dali do Portal, era possível ver o intenso movimento dentro da construção, não de soldados, mas de mercadores e turistas, gente que queria conhecer o local onde os moradores de uma terrinha perdida no meio do mar tinham derrotado um exército de bestas, e onde a fama das sentinelas começou a se formar. Lá embaixo, Lavoér e Alibeth conferiam seus pertences dentro de mochilas enormes, um como uma criança prestes a embarcar numa excursão educativa, a outra irremediavelmente entediada.

— Tem algum jeito de chegarmos a este seu transporte sem passar pela cidade? — perguntou Jadhe, preocupada com a atenção que o grupo despertaria.

— Não vamos nem até o fortim. Venham comigo.

Nique conduziu os amigos até o meio da escadaria e então chamou Lavoér e Alibeth. Os dois desceram correndo e ofegantes: Lavoér já tinha passado do ponto de roliço, mas Alibeth não estava em melhor forma, e Nique não via como a viagem contribuiria para a saúde dos dois. Voltou-se para o paredão e apontou uma

senda larga o bastante para uma pessoa passar abaixada. O gênio teve um acesso de ansiedade ao entrar, mas encolheu as asas, se enfiou na caverna, e guiou os amigos.

Não percorreram mais que trinta metros até enxergarem a praia oposta ao litoral do vilarejo. Com Márcio iluminando o caminho com um pequeno ponto de luz aceso na palma da mão, saíram para a noite, tingida, naquele momento, pela gigantesca e cheia lua verde, tão apagada no céu, e Márcio fez um comentário sobre aquilo não estar certo, pois as luas tinham desaparecido do resto do mundo. Nique não disse nada: no céu de Aduna ele pensou ter avistado as luas e as estrelas em seus respectivos lugares, mas não era a melhor pessoa para discutir a respeito porque não andava com cabeça para astros e cosmos. Logo Larehssu e Ramadissu surgiram crescentes, mas, se tudo corresse como Nique queria, eles já estariam longe até lá.

A estreita faixa de areia grossa à frente era limitada, à direita e à esquerda, por paredões de rocha pontuadas por grutas, uma das quais era aquela que Diana escolhera para guardar seus pertences para uma possível fuga com Pablo. Não havia ninguém à vista: aquele ponto havia sido usado como porto de apoio dos agertos durante a batalha contra o exército de Zebarân, de onde poderiam partir com barcos ocultos caso fosse necessário evadir, mas, em tempos de paz, o pedacinho de areia ficava deserto, pois as minas de turmalinas ficavam em cavernas acessíveis por caminhos mais largos.

— Muito bem Nique, já pode nos dizer qual é esse jeito que você tem de viajar — disse Yoná de repente.

— Eu já sei, eu já sei! — disse Lavoér, apontando como uma criança pequena, a despeito de seus quase quarenta anos. — É uma labacha voltiva, é isso, com certeza!

— Que diabo é uma labacha voltiva? — Nique perguntou. — Eu nem sei o que é isso!

— Então são asas removíveis com acoplagem cinturada — sugeriu Alibeth com tédio, e Márcio ergueu a sobancelha.

— O que é que vocês dois andam lendo por aí?

— Você não está pensando em tentar chamar um antigo amigo nosso, está? — Jadhe perguntou, e Márcio levou uma mão ao peito. — Sabe que Melvim não vai

aparecer desta vez...

— Não, não vou chamar Melvim — respondeu Dominique e olhou Márcio de esguelha, pensando em como ele ficaria feliz em rever o animal, mas a tartaruga marinha, de mais de cem metros, já tinha feito mais que o bastante.

— Então... Não está pensando em chamar nenhuma outra criatura, não é? — Jadhe perguntou, alarmada. — Porque eu não monto naqueles bichos nunca mais, pode esquecer!

— Do que vocês estão falando? — perguntou Lavoér.

— Dos zaundron'z — Yoná disse, andando com cuidado pela praia estreita atrás de Dominique, que se equilibrava com precisão com a ajuda de suas asas. — Quando estivemos no Nepcoutem voamos com alguns deles. Jadhe não gostou muito do passeio.

— Nenhum de nós gostou — comentou Márcio. — Fiquei cheio de espinhos.

— Não vamos viajar com zaundron'z — Dominique anunciou, parando finalmente onde queria. Uma lona enorme cobria alguma coisa que estava apoiada no paredão rochoso à frente, e sob a claridade tão frágil os companheiros não conseguiram distinguir o que era. Márcio desembrulhou o Cetro da Luz do lençol em que o escondera, o cravou na areia e puxou a lona, voltou e concentrou sua energia nas mãos, transferindo-a para o Cetro, ativando seu poder e fazendo-o se iluminar e revelar o que havia sob o tecido.

Alibeth deu um salto.

— Isso... Isso... Está...

A mulher levou a mão ao peito como se estivesse sufocando, e Nique teve receio de que o impacto do acionamento da magia fosse demais para ela.

— É, é, está funcionando — Yoná a cortou. — E está conosco.

— Mas vocês não podiam! Não podem...

— Por isso estamos com eles, Beth — disse Lavoér meio sem fôlego e com um sorriso torto. — Para anotarmos tudo o que estiver em desconformidade com a Aliança.

— Um ultraje! Vocês roubaram a Aliança! Têm escondido a verdade sobre... Que coisa é essa?!

O grupo voltou-se para o volume iluminado pelo Cetro, e sua luz se refletiu em um monte de peças metálicas. Sorridente, Dominique contemplou os rostos perplexos dos amigos e os olhos arregalados de Lavoér e Alibeth. Ninguém sabia o que dizer, mas ele entendia perfeitamente o que pensavam. Era magnífica. Uma barcaça de madeira escura finamente trabalhada, onde uma cobertura de couro era presa às laterais e poderia facilmente proteger seus tripulantes contra o frio e o vento. Os entalhes suaves revelavam uma precisão manual delicada. Não era grande, provavelmente acomodaria no máximo dez pessoas em uma viagem rápida; para uma viagem longa, como a que fariam, os seis ficariam confortáveis. Mas o mais impressionante não era a barcaça, mas a outra parte do tal veículo: uma máquina de metal, com engrenagens, molas e alavancas de madeira e aço revestidas de ouro, construída para simular a forma de um grande pássaro, uma coruja talvez, com olhos de engrenagens e vidro e uma cauda sinuosa em gomos. No alto da cabeça da criatura artificial havia amarras de couro e uma alavanca maior que as outras, e, abaixo dela, torcidas sobre a areia, quatro correntes de ferro estendiam seus aros até a madeira da nau, prendendo-a à máquina.

— Eu sei o que é isso! — exclamou Yoná de repente, e pelo tom de voz, Nique soube que estava irritada. — Eu sei o que é isso! Como você pode, seu grande idiota, você é sentinela! Tem que dar o exemplo!

— Veja se aponta esse dedo grande para outro lado! — o rapaz pediu, mas ria. Era melhor ver a amiga ranhetar do que tê-la amuada pelos cantos, como uma menininha assustada. — E o que é que você pensa que é isso?

— É um *avião*! Você o trouxe do mundo dos humanos! Trouxe da Terra!

Dominique balançou a cabeça com uma risada e alçou voo até a cabeça de metal da máquina.

— E como é que eu ia passar com um troço desse tamanho pelo Portal sem ninguém ver? — ele perguntou. — Além do mais, isso não é um avião, nem é coisa de humanos.

— Acho que aviões não têm rosto, Yoná — disse Jadhe, andando ao redor da barcaça.

— Existem vários tipos de aviões — comentou Lavoér, com jeito de entendido. — Alibeth, venha ver isso aqui, olha essas engrenagens! Deixariam os relojoeiros de I’Jaboris completamente doidos!

— Então, o que é?

— Isto, senhorita zangada, é uma máquina genuinamente bhardana, que não usa nenhum líquido explosivo e fumacento para funcionar. Ele voa na base do esforço, acionando e impulsinando os pistões lá em cima com a força de nossas pernas e transferindo a potência para as asas através de vapor, elásticos e juntas oleadas. É um *zizerválido*.

— Um zizer...

— *Zizerválido?! —* desta vez foi Jadhe quem exclamou. — Uma máquina do Nepcoutem?! Isso é coisa de Zebarãn!

— Não, não é, se acalmem! — pediu Nique, planando de volta para o chão. — Estas máquinas foram criadas pelos aduninos. Quando o cara conquistou Aduna e escravizou parte do povo, ele se apoderou da tecnologia que tinham. Vocês viram alguns zizerválidos saindo do Palácio de Zebarãn com feiticeiros.

— É, mas aqueles pareciam outras coisas... — disse Márcio.

— Pareciam besouros — Dominique falou. — Porque eram feitos para uma pessoa só, e eram antigos. Esta coruja é recente, foi nos dada de presente em reconhecimento por libertarmos o território deles.

— Então, enquanto Zebarãn ficava fazendo maldades, os aduninos continuaram com suas vidas e criaram coisas novas e bonitas — comentou Alibeth, analisando a máquina com interesse renovado. — Fascinante!

— Então vamos viajar nisso aí até o Continente Menor? Quanto tempo vai levar? — Jadhe perguntou.

— De três a cinco dias, eu acho. Mas temos que nos revezar nos pedais, e, já que quiseram vir conosco, vocês também vão ter que ajudar, Lavoér e Alibeth.

Os irmãos se sobressaltaram, mas prontamente acenaram em consentimento, e, talvez por pensar que descobrir mais engenhocas aduninas poderia lhe render contatos no alto escalão dos reinos, Alibeth mostrou-se muito mais animada.

— Como quiser, senhor Dominique! Seremos seus braços e pernas pelo tempo que desejar! — Lavoér entusiasmou-se.

Nique riu da determinação dos dois, pensando que, se qualquer um deles conseguisse fazer a máquina funcionar por quinze minutos seguidos já seria mais do que o esperado. Os dois saltaram para dentro da barcaça e começaram a se ajeitar, mas as sentinelas não pareciam tão ansiosas para fazer a mesma coisa.

— Tem certeza de que sabe fazer essa coisa funcionar? — Jadhe perguntou.

— Claro que sim, como acha que ela veio parar aqui? Eu vim voando, é claro!

— É lógico que você veio voando, *gênio* — comentou Yoná, de mal humor, dando um peteleco em uma das asas dele.

— Bom, eu gostaria de poder contar com os donos dela, mas os caras que me trouxeram estão descobrindo Agerta e não vieram com a intenção de voltar tão cedo. Além disso, teríamos que ir até a cidadela e nosso sigilo iria para o espaço. Se não fosse seguro, eu não estaria aqui, mostrando-a para vocês. Se essa coisa cair sobre o mar, eu não consigo voar com todo mundo para a terra firme — disse Dominique.

— Eu sei, você só leva Jadhe. — Márcio brincou, mas logo em seguida fez uma careta arrependida: a garota espalhou uma chuva de tensão, resultado de seu constrangimento, e a irritação fez Nique se desconcentrar e pensar que Márcio precisava emudecer por um tempo. Foi um deslize, mas o desejo foi atendido, e Nique se culpou ao perceber o olhar feio que Márcio fez para ele logo depois de dar uma dolorida mordida na própria língua.

— Ai, que frio de repente! — Alibeth comentou, puxando um grande xale da mochila.

— Tudo bem, e que caminho vamos fazer? — perguntou Yoná, fingindo não ter percebido nada.

— *Bol...* — Márcio começou, mas teve que sacudir a cabeça e fazer uns barulhos com a boca para fazer a língua voltar ao normal. — Se vamos pelo ar temos opções. Imagino que a mais segura seja o caminho dos navios: cruzar o Continente Maior pelo ar até o Nep... Até Aduna. Ainda não me acostumei a chamar aquele lugar pelo nome certo.

— Quais são as opções? — Jadhe indagou, e Márcio respondeu:

— O caminho oposto, é claro! Ir para o leste!

Jadhe, Yoná e Dominique se entreolharam, e depois olharam para Márcio como se aquela fosse a coisa mais surreal que ele já tinha dito.

— Quando Lhênus nos falou que teríamos que ir ao Nepcoutem, pensei que já tinha ouvido a coisa mais imbecil de toda a minha vida — murmurou Nique, agitando as asas.

— E mesmo assim você foi — Márcio retrucou.

— Como acha que essa coisinha passaria pela Grande Tempestade? — Jadhe questionou.

— Não *através* dela, é claro, mas *por cima* da tempestade.

— Não seja idiota, Márcio! — protestou o gênio. — A Grande Tempestade é o próprio coração de Zizaram, o Senhor dos Ventos! Que altura você acha que ela tem? Nós nunca conseguiríamos chegar lá em cima!

— Não acham que estão sendo um pouco exagerados? — Alibeth intrometeu-se, apoiando na beirada da barca. — Quero dizer, há décadas nenhum navio tenta passar por aquele lugar, nem se sabe se a tempestade ainda está lá...

— Está — Jadhe afirmou com uma segurança assustadora. Ela fitava o escuro Leste com um ligeiro brilho branco emanando de seus olhos, as mãos fechadas sobre o Tesouro de Caularom. — Está onde sempre esteve, e não vai sair dali nos próximos cem anos.

Alibeth duvidou: — Como é que você pode saber?

Jadhe não respondeu.

— Certo, mas a altura das tempestades...

— É imensa, seu grande baiacu — retrucou Yoná. — Não te passou pela cabeça que acima da tempestade deve fazer um frio miserável?

— Além disso, acima de certa altura não tem ar suficiente para respirar — disse Dominique. — Sei disso por experiência própria.

— Se tem tanta vontade de morrer, fique à vontade pra conhecer o olho da tempestade de pertinho — disse Yoná cruzando os braços. — Mas não agora que estamos querendo salvar nosso amigo. Faça isso depois.

— Está decidido, caminho normal e seguro. Sinto muito, mas não vamos nos arriscar a entrar de propósito numa onda gigante de ventos — disse Jadhe, e Márcio suspirou, conformado. Observou os amigos se dirigirem para a nau, mas antes de assumir seu lugar no comando do pássaro, Yoná o segurou com um sorriso triunfante.

— Você não tem conserto! Sua curiosidade te levou para o pior lugar do mundo, e ainda assim você quer conhecer outros tão ruins quanto aquele!

— Sou tão irresponsável assim? — Márcio perguntou, sentindo-se realmente estúpido.

— Muito! — disse a garota. — Mas é bom saber... Bom saber que ainda é o mesmo de sempre.

— A barca se chama *caronagem* — Dominique informou. — Soltem a lona e se acomodem aí dentro. Vão perceber que é bem confortável viajar no zizerválido. Eu vou começar o caminho, depois paramos e eu ensino para o próximo como continuar — Dominique falou.

Inspirando fundo, voou à cabeça do pássaro, prendeu as pernas na máquina com as amarras de couro, então começou um exercício semelhante à caminhada, pisando nas engrenagens sob os pés e levando as alavancas que segurava para frente e para trás, e logo seu coração estava batendo muito rápido. Seria sua última missão com os amigos antes da despedida final, quando ele partiria para a solidão e não machucaria mais ninguém com seus *desejos*.

Não, não iam ver a Grande Tempestade de perto. Yoná estava certa, Márcio era irresponsável querendo passar por um lugar tão perigoso, e eles tinham que pensar em Shenu primeiro. Talvez, no futuro, Dominique faria uma pesquisa sobre o fenômeno. Quem sabe se observar como o tal tufão permanente funcionava não ajudaria a entender os que aconteciam em terra? Seria interessante. Por hora, levar o zizerválido até Aduna já seria aventura suficiente.

Pois não tinha comentado com os amigos que quem conduzira o zizerválido até Agerta foram três pares de aduninos experientes, e que ele mesmo nunca dirigira aquela coisa.

APROXIMAÇÃO DA TEMPESTADE

— Não devia ter vindo — disse a gênio com os olhos fixos na moribunda, as asas cor de estanho estremecendo.

— É a última esperança de meu povo — gemeu Zoraya, plenamente consciente de que aquelas seriam suas últimas palavras. Só seis de seus homens chegaram às montanhas, apenas quatro tiveram condições de levá-la até as cavernas dos gênios, mas nenhum poderia garantir sua sobrevivência. Zoraya perdera a perna e parte do braço para os malditos, sua morte vinha galopando, e naquele derradeiro instante, tinha que tentar salvar sua gente. — Meus homens são testemunhas: se me concederem este único *desejo*, serão nobres em meu povo. Terão concessões, terras, ouro. O que quiserem! O que eu peço... O *desejo* que eu peço... Que a montanha do vale trema, e que as pedras de seu cimo desabem sobre o vale e fechem o acesso da legião às pradarias do novo reino. É meu desejo que...

Mas seus olhos perderam a luz, e Zoraya morreu, sem saber o que responderia a chefe da grei das brisas, de gênios das montanhas.

Trêmulo, o ministro pousou a mão sobre os olhos da Imperatriz e cerrou suas pálpebras, enquanto a sua mão pousou na adaga da cintura, pronta para acertar o corpo de sua senhora se ela desse sinais de que se reergueria como maldita. Em seguida, seu olhar suplicante recaiu sobre a gênio, que não deu sinal de estar abalada com a morte de uma soberana de tanta importância bem em frente a ela.

— Pode realizar o desejo de minha dama? — o agora líder do povo de Zavót perguntou.

A gênio suspirou e olhou para o homem com ar cansado.

— No passado, eu nem falaria com vocês — ela disse. — Nosso orgulho era grande... Mas os tempos são outros; seus monstros são meus monstros.

— Então pode nos ajudar? — o soldado menos ferido perguntou, cheio de expectativa.

A mulher olhou para o fundo da caverna, onde jovens gênios se enfileiravam sob lamparinas a óleo, na entrada da incrível cidade que conectava galerias subterrâneas.

— Sua líder nos prometeu muito, apesar de não termos interesse nessas ofertas. Queremos nossa paz, e teríamos paz se os zumbis não estivessem subindo o vale para atacar tudo o que encontram. Ajudaríamos se pudéssemos, mas a verdade é que o dom que vocês procuram não existe nos meus meninos. Ele se foi, junto com os descendentes das grandes linhagens que detinham este poder. Sinto de verdade, porque seria uma esperança para nós também.

Um ruído ergueu-se da floresta, um chiado repentino e alto que fez gelar o coração dos presentes. Num segundo sua origem se viu: árvores caíram, pedras rolaram, bestas de chifre de besouro e caudas duplas de escorpião surgiram da poeira, e suas carapaças vermelhas brilharam por um instante sob as luzes das luas branca e vermelha, antes de elas serem engolfadas completamente por um manto de escuridão que abraçou tudo e todos.

A gênio e o ministro se posicionaram lado a lado. O corpo de Zoraya tremeu num espasmo anormal. Cliques e zurros aumentaram, aproximando-se.

— Estamos condenados — sentenciou o homem.

* * *

Nique sabia que seus amigos não confiavam naquela engenhoca de metal dourado, mas ele tinha visto o que o aparelho podia fazer. Os donos dele tinham feito a viagem com suavidade e graça, e em apenas cinco ou seis dias teriam chegado na ilha; porém, por serem os pioneiros de seu povo a se aventurarem fora do território de seu continente, além de precisarem vencer alguns medos, como o de Yuva e Ay, de que não houvesse terra além do pélago, Dominique ainda teve que direcionar a curiosidade, principalmente de Maki, para que fizessem as paradas mais ou menos ao longo do caminho para Agerta, e não se desviassem para as cidades do Continente Maior. Os atrasos alongaram o trajeto para dezenove dias, quando pousaram suavemente naquele pequeno fragmento de praia escondido dos olhos da população agerta. Foi uma viagem memorável, mas, com a ajuda da menina Daorim, Nique entendeu os comandos básicos da nau passados por Tuah e por Ay,

e soube que ela poderia refazer o caminho em menos de uma semana. Agora, porém, que era ele quem devia orientar o grupo, o gênio não se sentia tão confiante assim.

Viu um rosto surgir debaixo da asa do equipamento, e logo em seguida Jadhe se içou para cima, colocando-se ao lado do rapaz, antes que o aparelho saísse do chão.

— Lembra do que eu disse quando Yoná descobriu que eu sou telepata? Eu posso ouvir pensamentos tão altos que pedem para ser ouvidos. Bom, você está praticamente implorando para alguém te ouvir. Chega pra lá.

Com um sorriso constrangido, mas agradecido, Nique deixou que Jadhe o ajudasse a destravar a máquina e, depois que ela afixou as amarras de segurança nas pernas e na cintura, ele explicou à amiga o que sabia sobre o funcionamento do zizerválido. Jadhe descobriu que girando um pequenino par de chaves se abria uma caixa de controle, onde ficava embutido um leme que o gênio não tinha percebido. Astuta, a moça vasculhou a mente do amigo sem a permissão dele, e viu suas lembranças de como os aduninos pilotaram o veículo, então os dois começaram um movimento de caminhada sobre uma engrenagem semelhante a uma escada, e as asas metálicas começaram a se esticar. Os dois seguraram uma alavanca de segurança, e, quando a envergadura estava distendida ao máximo, ouviu-se um estalo alto, as extremidades bateram de uma vez, levantando a coruja dourada do chão e levando o balaio atrelado a ele com seus quatro passageiros.

Feliz, Nique uivou para o fino luar da minguante Ramadissu, e ouviu os amigos, lá embaixo, pendurados na barçaça de madeira, fazerem o mesmo. Jadhe, porém, manteve-se quieta.

Lavoér e Alibeth ficaram exultantes com a surpreendente corrente de vento quente, com a visão do mar ficando pequenino, lá em baixo, transformando a ilha Agerta em um pontinho mais escuro no meio de uma superfície de um tênue matiz de verde, e com o céu estrelado sem nuvens que parecia mais próximo. Márcio e Yoná, entretanto, se acomodaram cada um em um canto da barçaça e mantinham seus olhares perdidos na direção do Continente Maior, onde os sobreviventes da uldomaratha e do ataque de amaldiçoados tentavam, bravamente, reconstruir uma civilização.

* * *

— O que está acontecendo aqui? Que balbúrdia é essa?

— Senhora Diana, senhora Diana!

Imperturbável, Diana bebia lentamente a caneca de chá entre um bocejo e outro, e mal ergueu as sobrancelhas quando um grupo de moradores da fortaleza entrou aos trambolhões dentro da sala de estratégias do Torreão e interrompeu uma reunião entre ela, o subgeneral Evondér, o comandante Bardáct, a Águia Dánae e os inspetores Sália e Lavoér. Na sala pequena ingressaram, de uma vez, os seis contadores, dois pamperis e um mantenedor, e Diana logo notou que todos eram detentores de cargos ligados às finanças e ao patrimônio de Octoforte, e teve certeza de que o assunto deles tinha relação com a reunião que ela acabara de iniciar, e que versava sobre o cofre do baluarte.

Um dos homens se adiantou, sua voz se sobrepôs às outras, forçando os outros a se calarem.

— Peço desculpas pelo modo como entramos aqui, minha dama sentinela — disse o homem, um negro imponente que fazia a alta Diana parecer pequena. — Fomos surpreendidos por um bando de pessoas daquela Aliança que disse que é nossa sustentadora. Eles trouxeram montes de papéis — duas contadoras derramaram uma pilha de rolos com aspecto oficial na mesa em frente à sentinela. — Exigiram acesso ao cofre e...

O grupo todo disparou a falar de uma vez e muito rápido.

— E... E... Desculpe senhora!

— Não sabemos explicar, não...

— Eles estão furiosos! Disseram que vão mandar prender...

— Um de cada vez, um de cada vez — pediu o comandante Bardáct.

— Vão prender todo mundo! Falaram em...

— *Execuções!* Falaram em crime!

— Estão nos acusando, dizendo que os contadores...

— Execuções? — questionou a líder dos Águias, Dánae.

— Nos chamaram de ladrões!

— Vão nos aniquilar, nos encarcerar, vão...

Diana riu, e as pessoas silenciaram. Bebericou mais um pouco do chá e explicou com uma voz tranquila.

— Não vão fazer nada. Estão irritados, mas não vão fazer nada, porque não cometemos nenhum crime. Fizemos tudo dentro da legalidade.

— Do que está falando, senhora? — perguntou Evondér, coçando a barba castanha.

— Tem a ver com os ordenamentos do senhor Pablo?

— É o que estou pensando? — inquiriu a jovem Sália, cujos olhos brilhavam de excitação.

A sentinela acenou em concordância. — Tenho certeza de que sim — disse. — Hum, eu queria deixar todo mundo curioso mais tempo, mas meu chá está muito quente. Muito bem, eu explico, é tempo de a bebida esfriar e eu não queimar minha língua. É o seguinte: a Aliança não conseguiu as Joias Supremas. Deve ter descoberto que as que lhe demos são falsas — os presentes se entreolharam em choque —, e devem imaginar que não temos intenção de entregar as verdadeiras nas mãos deles. O passo mais óbvio seria arrumar uma ordem com os governos aliados para vasculhar o cofre e tentar encontrar os artefatos supremos no meio das montanhas de ouro que eles acham que tem lá.

— Mas não tem nada! Estão furiosos porque acham que nós roubamos os cofres!

— Acham que desviamos tárez!

— Eu juro, senhora, juro que não pegamos nada, fizemos todas as contas devidamente...

Diana se levantou e saiu de trás da mesa. Foi até os funcionários e, com um sorriso e com um gesto simples, pediu ao grande contador que se levantasse, pois ele tinha caído de joelhos e seus olhos estavam úmidos e apavorados. Em seguida, olhando para Sália, que olhou de volta de um jeito ardiloso e com o queixo empinado, Diana pegou um calhamaço de papéis da gaveta de uma estante:

— Levante-se Miralgo. Comandante Bardáct, peço que faça a gentileza de convocar um grupo de soldados e escoltar nossos eficientes contadores de volta ao cofre para que eles apresentem esta documentação aos nossos queridos mantenedores. Imagino que... — ela forçou a memória — o tesoureiro Uláq esteja

presente, talvez a calculadora Justina... Aquele velho babão Dulião, ele é escrivão de qualquer coisa da divisão de finanças. Com certeza aquela Nianca decrépita está lá, Elzira e Oneil, do Comitê de Inspeção, também... Quem mais?

— Algremir, íterin de Ylhuah, os de Algavar, Brendo e Jhália... — o mantenedor respondeu.

— E o pessoal da segurança.

— Chárilith retornou? — Diana se surpreendeu, pois sabia que o capitão de guarda era cedido pelo falecido Imperador Agamenon, e a situação de Gehenmy não era propícia para que militares fossem desviados de seus postos originais.

— Não, senhora, não há notícias dele — disse Timim, pamperis direto de Pablo. — Estava no comboio de Silderéver.

Diana não conseguiu sentir pesar, e pensou que as descobertas que Pablo tinha deixado para ela sobre os aliantes tinham matado um pouquinho de sua compaixão.

— Que grupo é este de escudeiros então?

— O líder é Omaline, de Zebelim, e há uns vinte escudeiros...

— A Aliança só tem oito, a maioria deve ser caçadores contratados — Evondér comentou.

— E os chefes — a contadora que tinha falado de “execuções” lembrou num tom soturno. — O Nominório e o Selemen.

— Abarcão e Mandredom — o sorriso de Diana se ampliou. — Vão ficar muito insatisfeitos quando lerem os documentos.

— Minha senhora, por favor, acalme nossos corações — implorou o contador Miralgo, que continuava ajoelhado. — O que são estes documentos?

Diana olhou para Sália, que empinou mais o queixo e balançou a cabeça, fazendo os cabelos curtinhos muito lisos balançarem de um jeito engraçado.

— Comprovantes das transações do nosso general Pablo Adenetti — a inspetora respondeu. — Provas de que todo o ouro que sumiu dos cofres foi usado como doação, pagamento, distribuição ou patrocínio para coisas que o general resolveu

apoiar ou fazer, e que tudo, tudo mesmo, foi feito em conformidade com os regimentos de Octoforte.

Miralgo olhou para o maço de papéis como se fosse um filhote de pônei.

— Leve isso para a Aliança — insistiu Diana. — Eles não vão gostar, ah, não vão não, mas não vão poder fazer nada além de espernear um bocado.

Quando o grupo saiu e só Diana, Evondér e Sália ficaram na sala, o subgeneral perguntou:

— E agora, senhora? O que podemos esperar dos aliados?

— Eles só têm mais um passo a dar: voltar aqui com uma ordem de prisão para Pablo e outra de fechamento. Provavelmente vão fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

— E o que podemos fazer para impedir? — Sália perguntou.

Diana sentiu pena: apesar do pouco tempo que fazia que a Fortaleza de Muros Dourados estava aberta, seus residentes tinham criado uma lealdade inédita ao lugar e às sentinelas, e Sália, que viera inspecionar, se apaixonara pelos ideais de Pablo Adenetti, e compartilhava daquele sentimento com os soldados.

— Nada, garota. Este lugar está condenado — disse Diana devagar, mas sem derrotismo. — Porém, por enquanto, ainda estamos aqui, então vamos aproveitar nosso chá.

E voltou a tomar sua bebida que, depois daqueles minutos, estava na temperatura ideal.

* * *

Nique e Jadhe conduziram o zizerválido até que a ilha Agerta ficasse fora do alcance da visão, e logo o gênio pediu para trocar com alguém, para que ele pudesse explicar aos outros como funcionava aquela máquina. Quando Márcio subiu na engenhoca através de uma frágil escada de correntes e degraus finos, porém, teve certeza de que o amigo só saiu tão rápido de seu posto porque Jadhe emanava uma aura de irritação tão forte que parecia uma bolha de vento ao redor dela, chegando a pressionar fisicamente a pessoa ao lado. Com Márcio, porém, ela ficou mais calma. Na caronagem, no entanto, Yoná estava silenciosa e Dominique

acabou emburrado, e nem a paisagem mais fabulosa foi capaz de dissipar o mal-estar e tirar a imagem que pipocava na cabeça dele, e não era Shenu preso ao berilo maligno. Era Márcio se prontificando a ser o primeiro a subir nas asas do veículo e ficar com Jadhe lá em cima.

Seguiram para o oeste e voaram sobre o Oceano dos Dragões até Terem, onde Márcio e Jadhe decidiram pousar na praia para revezarem a tarefa. A viagem até ali foi tranquila, quase sem contratempos, a não ser por atravessarem a formação em V de um bando enorme de patos migratórios e por avistarem, ao longe, o voo dançado de dois pequenos dragões verdes enamorados. Conduzir o zizerválido não era exaustivo; a não ser pelo esforço inicial de girar a engrenagem-escada que dava o primeiro impulso, manter as asas do equipamento batendo era bem menos cansativo do que se poderia esperar, mas, mesmo assim, os jovens estavam com as pernas doloridas depois de quatro horas de exercício.

O pouso não foi nada delicado; apesar de terem entendido como devia funcionar, o aparelho praticamente colidiu com o chão, e, por sorte, não acertaram as árvores próximas. Ninguém se machucou e o dispositivo sofreu só alguns arranhões, então os pilotos desataram as correias e escorregaram pelas asas da grande coruja, que parecia mais e mais uma criatura viva aos olhos deles, mas não como uma coisa amaldiçoada, como os navios de Zebarân. O zizerválido era quase carismático.

— Vamos fazer um lanche rápido — Márcio pediu. — Não sei quanto a vocês, mas eu quero ficar por aqui só o mínimo necessário.

Como que atraídos por um ímã, as sentinelas voltaram os olhos para as sombras sob as copas. Lavoér e Alibeth não sabiam nada sobre aquele lugar, os jovens não tinham contado a ninguém os detalhes sobre o que tinha acontecido antes de entrarem no Reino Maldito, mas Márcio não se esqueceria jamais dos dias em meio à destruição causada por ondas gigantes, ou da quantidade de feras e bichos venenosos por que tiveram que passar no escuro absoluto, e muito menos das criaturas tenebrosas que queriam fazer espetos de sentinelas. Os sibilos daqueles selvagens ainda ecoavam no fundo de sua cabeça: *saaa... ciii...*

Em meia hora tinham comido todo um pão recheado que Diana colocara na bagagem, com Jadhe e Márcio devorando cada pedaço com mais voracidade que o normal, e os aliados se ofereceram para pilotar. Apesar de ficarem receosos, as sentinelas concordaram (mentalmente) que deviam dar a eles a chance de se mostrarem produtivos, o que também aliviaria os militares da constante vigilância sobre os Objetos Supremos por alguns momentos, pois os irmãos aliados,

voluntariamente ou não, encaravam os fardos em que as sentinelas carregavam os Tesouros incessantemente. Jadhe levou-os à plataforma de controle, prendeu as pernas dos dois às correias de segurança, entregou-lhes capacetes e óculos especiais, encontrados sob os bancos da caronagem, e instruiu-os sobre a movimentação do equipamento, enquanto, na parte de passageiros, os amigos ajeitavam seus pertences com segurança, e Dominique resmungava hora ou outra.

Márcio sabia que o amigo não estava passando por bons momentos, mas achava que aquele novo mau humor estava muito direcionado a ele. Então o gênio lhe disse uma coisa que o fez entender.

— Parece que você se dá muito bem com Jadhe, não é? Ela não enche aquele balão de energia escura em volta dela quando está com você.

— Isso é sério mesmo? — Márcio perguntou baixinho, tomando cuidado para tentar bloquear os pensamentos e impedir a amiga de ouvir aquela baboseira.

— Sei lá. Quando está perto de mim sobra farpa mental pra todo mundo. Cheguei a ficar com as mãos azuis de frio... Agora, com você, a coisa é diferente. Ela fica até alegre.

Márcio arrancou da mão do gênio a corda em que Dominique apertava mais nós do que o prudente, percebeu um olhar discreto de Yoná, que fingia afofar sua mochila, e falou, raspando as palavras:

— Eu não sei o que você esteve fazendo nesse tempo Dominique, mas Yoná e eu estivemos contendo uma infestação de mortos-vivos. Chegamos junto com você, e você vem com essa sessão de ciúmes? Pare de tratá-la como uma cobra venenosa como vem fazendo, e quem sabe as coisas mudam. Eu sei o que ela é pra mim, tente descobrir o que ela é pra você. Mas, se isso for muito difícil, pelo menos lembre-se de que a vida de nosso amigo está em jogo!

Os rapazes ainda se fitavam quando Jadhe escorregou pela asa do pássaro, deu um impulso para saltar sobre a alta lateral da barcaça dos passageiros, e caiu com graça sentada em um banco.

— Alibeth parece ter entendido a coisa, mas acho que Lavoér vai ter um bocado de trabalho. Tenho quase certeza de que vamos ter uns sacolejos fortes, mas acho que eles conseguem pilotar por meia hora, pelo menos. Pediram para chamá-los por

Beth e Lavo, acho que estão se sentindo mais à vontade do que deveriam... O que foi?

A garota levantou-se e parou de falar quando percebeu o silêncio tenso entre os amigos. Os rapazes trocaram um olhar faiscante, Yoná desviou os olhos e continuou afofando a mesma mochila, e, de repente, tudo ficou mais gelado.

— Viram alguma coisa na mata? Estão começando a decolagem, mas posso pedir para que se apressem.

Ela olhava para a linha do bosque alarmada, certamente pensando que os amigos tinham percebido algum perigo, mas Dominique sacudiu a cabeça.

— Não seja boba, Jadhe, estamos perto da praia e não vimos nada. Você está imaginando coisas.

Quando se sentaram e os gritos entusiasmados dos irmãos lá em cima preencheram o silêncio, Jadhe olhou, calada, de um amigo para o outro, e conteve a capacidade psíquica por entender que, o que quer que tivesse acontecido, tinha se passado entre eles.

* * *

Contra todas as expectativas, Lavo e Beth conduziram o zizerválido por duas horas completas e fizeram uma descida muito mais suave que a dupla anterior, parando o aparelho na faixa de areia gelada da praia sul de Terem. Estavam seguindo mais ou menos o mesmo caminho que as sentinelas tinham feito para chegar ao Nepcoutem, e Alibeth ficou encantada com a fogueira que Márcio acendeu com um estalar de dedos, parecendo, a cada hora, mais animada com a jornada.

— Eu nunca estive num lugar tão frio! — disse a mulher, depois de pentear os cabelos loiros só para voltar a trançá-los. — Se eu fosse você, dama Yoná, faria umas tranças também. Lá no alto o vento é tão forte que acho que meus cabelos ficaram com mais nós que todas cordas de um galeão. É terrível!

— Mas é inspirador estar tão alto! — exclamou Lavoér, com ar sonhador. — Quando voltarmos, acho que vou escrever um conto. Sobre um homem pássaro. Muita gente nem imagina como é suave voar.

— Voar não é “suave” — Nique comentou mal-humorado, mas fez Lavoér sorrir.

— Pelo menos temos sapatos desta vez — murmurou Márcio.

— E agasalhos. Não imaginam o frio que passamos da outra vez que fizemos uma fogueira nesta praia — comentou Yoná, mas quando os aliados pediram para que eles contassem mais sobre aquela desventura, ela mudou de assunto rapidamente, e Márcio sussurrou um “deixa pra lá”. Com um movimento de mão apagou a fogueira, usando seu *mac* de forma praticamente inconsciente, e rumou para a barça.

Se Nique e Yoná conversaram lá em cima os passageiros não puderam ouvir, mas dentro da caronagem a viagem assumiu um tom amistoso, com Lavo e Beth contando como o pai deles, o senhor Lavóy, criara os filhos com histórias sobre a infância em Octoforte, e como gostaria de ter voltado a viver entre os muros dourados, que deixara para se casar. Márcio percebeu Alibeth mudando rapidamente de posição, envolvida pelo charme não dos artigos mágicos mais poderosos do mundo, mas da aventura. E, quando os irmãos perguntaram sobre o que aconteceu em Terem, Jadhe disse que, um dia, pretendia fazer igual Ártemis Caçadora e deixar tudo em um livro, mas que naquela noite, dirigindo-se outra vez para o Continente Menor, lugar onde sua mestra tinha perdido a vida, não iriam relembrar os infortúnios que tinham passado. Jadhe e Márcio foram dormir, pois o próximo turno seria o deles, deixando os irmãos entretidos com um jogo de peças de madeira que a toda hora escorregavam do tabuleiro com o balançar da barça no vento.

A INVESTIDA DA ALIANÇA MAIOR

A luz rosa e branca o envolvia e aquecia sua pele. Sua visão já estava turva, e sua audição, já comprometida por golpes anteriores, estava cada vez pior. Ele parecia enxergar tudo através de uma névoa. Seus braços estavam dormentes, não tinha mais força nas pernas para se manter em pé. Despencava, sentia a pressão do próprio corpo contra os pulmões sufocá-lo. Então, quando estava prestes a perder os sentidos, o monstro o libertava. Rosnava, feroz, como a sombra de um animal violento. Então vinha a mulher novamente, tratava suas feridas, lhe dava água, lhe dava pão. E ele adormecia, torcendo para que tudo não passasse de um sonho, e os rostos que ele reconhecia como sua família surgiam em sua mente.

A cada vez que reabria os olhos, a sombra tomava a forma de um deles. Ele via Márcio brandindo o chicote feito de brasas, e via Jadhe açulando a pedra maligna, e via Dominique, e via Pablo e via Yoná, e ele entendia qual era a intenção daquele estranho: queria transformar Shenu num traidor. Talvez tivesse dado certo, não fosse por ter usado o rosto de Diana, pois Diana, ele sabia, jamais seria capaz daquela monstruosidade. Cada vez que a sombra maligna se transformava na garota, Shenu se lembrava de quem era, de onde estava, de que aquilo era uma mentira e do que precisava fazer para manter a sanidade. Turvava sua mente, de forma que o homem não conseguisse entender o que se passava nela, e disfarçava seus pensamentos. E rezava, como nunca rezara na vida, para que Dhonmen tivesse piedade dele, e lhe desse forças para aguentar, ou as tirasse de uma vez, para que morresse enfim.

* * *

Viajaram naquele mesmo ritmo três dias inteiros, quando tiveram que fazer uma pausa maior. Não que os viajantes precisassem descansar: apesar de os irmãos inspetores não conseguirem manter as pedaladas por mais que três horas, mesmo assim cada dupla tinha pelo menos sete horas de descanso, o que era o bastante

para dormir e repor as energias. Mas as engrenagens do zizerválido estavam muito quentes e precisavam de manutenção: parafusos precisavam ser apertados, juntas tinham que receber óleo, e cordas elásticas precisavam ser esticadas. Acamparam num ponto avançado da praia sul de Terem, tão deserto quanto qualquer outro, embora fosse possível avistar, ao longe, contornos e luzes tremulantes de barcos pesqueiros atrás de cardumes de sardinhas.

As consultas à Cuzpola se mostraram menos reveladoras do que os jovens gostariam. Embora a bússola apontasse o local onde Shenu se encontrava, ela se recusava a exhibir uma aproximação do lugar de qualquer forma que pedissem, e Yoná, inquieta, passou a questionar a forma voluntariosa como a Cuzpola agia, como se também ela fosse um Objeto Supremo. Márcio não disse nada, mas achou bem possível que a hipótese fosse verdadeira.

Ao se prepararem para a partida, o grupo teve a chance de trocar de parceiro nos pedais, e Márcio aproveitou para pedir que Yoná o acompanhasse até o final do caminho. Não que estivesse preocupado com os ciúmes de Dominique, mas os manuscritos de Mayala ganhavam força na mente dele cada vez que outra estrela desaparecia, e achava que Yoná poderia entendê-lo.

— Olha só, eu sei... que você está nervosa por... voltar àquele lugar. Nós todos... estamos, mas sei que você e... Diana passaram por maus bocados na floresta... amaldiçoada. Sei que está... com medo, mas... esse silêncio todo não é a solução — disse Márcio pausadamente, ofegante por falar enquanto pedalava a engrenagem da máquina.

Yoná lançou um olhar furioso para o garoto.

— Como assim “sabe que estou com medo”? Do que é que você está falando?

— Ora Yoná — ele tomou fôlego. Desejava ter aquela conversa em outro lugar, ou, pelo menos, parar o exercício para dialogar direito, mas dentro da caronagem sempre haveria outras pessoas, e a melhor privacidade que teriam seria trabalhando para fazer a coruja bater asas. — Todos sabemos que você e Di viveram um pesadelo com aquelas monstruosidades que o rei maluco colocou em Manazgul.

Os olhos da garota ficaram sombrios e o rosto se contraiu.

— Eu sei que aquela pedra maldita mexeu comigo — disse ela, os olhos cravados à frente, onde um verdadeiro espetáculo fazia os passageiros da barca abaixo

apontarem e suspirarem: a lua branca minguante derramava luz sobre a vasta floresta de Terem, estrelas esparramavam-se cintilantes como joias, à esquerda, na direção do polo sul, e enormes blocos de gelo branco banhados pela iluminação pareciam flutuar fluorescentes no vazio no longínquo horizonte do Oceano Bruzombo, enquanto, para o interior da mata, grandes nuvens de chuva desfaziam-se sobre as árvores.

Só que, mesmo que fosse a fase minguante da lua branca, Larehssu devia emanar mais claridade, e não deveria estar sozinha, tampouco. Márcio bem sabia que aquela era uma noite também da lua vermelha, que não era vista em lugar nenhum, assim como boa parte do firmamento do leste e norte, atrás deles.

— Toda vez que fico perto daquela coisa tenho pensamentos estranhos — confessou Yoná de repente. — Penso o tempo todo no meu cabelo, na minha pele, na minha aparência, entende? Quando precisei usar muito o poder dela, eu queria mais. Queria a beleza dos outros, a juventude dos outros, o *tempo* dos outros, de *todos* os outros. E eu queria arrancar tudo o que podia de quem estivesse perto de mim, e mal me dava conta de quem era amigo e quem era inimigo — ela olhou para o rapaz. — Acho que Yara nunca usou a Pérola daquela forma. Quem quer que tenha criado aquela coisa, deve ter sido uma pessoa muito cruel. E, talvez, eu seja cruel também...

As preocupações de Márcio ficaram ainda maiores.

— Eu sei que a Pérola Negra te influenciou muito — disse ele. — E que você reencontrou a sereia, e que esse reencontro não foi fácil. Diana me contou.

— Diana tem a língua de um tamanduá — Yoná comentou, mas não parecia aborrecida.

— Ela também contou coisas que você disse a ela... Sobre como você já conhecia Ártemis desde a infância, e por que sabia que ela era realmente a Caçadora das lendas antigas...

— E você quer conversar sobre isso? — a garota perguntou, irritada. — Sobrevoando Terem, viajando para um resgate, e você quer outra vez falar sobre a minha vida?

Márcio bufou.

— Eu gostaria, mas não agora, nem hoje. Outro dia. Só falei sobre isso pra dizer que entendo o quanto você está assustada...

— Eu, Yoná da tribo Sanai, sentinela do som, aquela que derrotou a sereia, liderou o batalhão do som na batalha de Agerta e criou o ribombar de uma tropa dragões sobre o palácio do rei sinistro, que liderou homens contra a avalanche de malditos; eu, assustada?

— Uau, quanta modéstia... — Márcio zombou.

— Não estou assustada com nada — a garota empinou o queixo e sacudiu de leve o rabo-de-cavalo, num gesto que Márcio sabia ser pura pose: havia uma boa dose de medo na postura da amiga.

— Então, se não está com medo e está longe da Pérola Negra, por que não me ajuda a entender? Mayala estava certo: Ólie Fauret estava trabalhando para alguém. Este alguém deve estar ordenando os ataques ao Continente; afinal, se não for assim, então eles estão agindo por conta própria, liderando hordas de monstros, e estariam fazendo isso sem motivo nenhum. Se essa pessoa, este mentor, está arquitetando algo tão grande contra tantos lugares, pode estar por trás do que está acontecendo no céu, sobre nós todos. E a Lincariell, eu acho que...

— Não tem nada estranho no céu, Márcio, não existe poder grande o suficiente para enfeitiçar o céu inteiro! Nem Zebarã conseguiu estender seus poderes desse jeito, e ele bem que tentou.

O rapaz ergueu as sobrancelhas com aquele rompante.

— Não? Não tem nada estranho acontecendo? A não ser que as estrelas tenham resolvido tirar uma soneca, mais de dois terços delas sumiram! por Dhonmen, você conhece as constelações! — Yoná franziu a testa de um jeito que a deixou cem anos mais velha. — O que é que estamos indo fazer? Visitar Shenu na casa de campo dele?

— É exatamente sobre isso que eu estou falando: será que não temos problemas suficientes aqui no chão? O céu é território dos astros; lá não temos poder e ninguém pode mexer. Se tem alguma coisa acontecendo fora do mundo, nas luas ou nas estrelas, deixe que aconteçam por lá! Não existe nada que possamos fazer quanto a isso.

— Por que você não me escuta? O inimigo, desta vez, pode ser muito maior do que pensamos, a Lincariell pode estar...

— Você está procurando dragões em ovos de galinha, Márcio! Não existe outro inimigo, só aliados daquele que derrotamos! Vamos organizar uma ofensiva contra eles e ter nosso momento de descanso e prestígio. Aí você poderá estudar o céu, as estrelas, e o que quiser.

Márcio se irritou, Yoná não o deixava nem terminar de falar.

— Você está sendo uma grande...

— Grande o que? — a garota perguntou, fixando os olhos negros nos dele. — Grande o quê, seu bocó sem juízo?

O rapaz trincou os dentes de raiva.

— Sabe de uma coisa? Eu espero que você esteja certa. Por que, se não estiver, eu vou falar dessa sua arrogância para o resto da sua vida. E não se esqueça: quem veio com ofensa foi você!

E passou a pedalar ainda mais rápido, o rosto cravado num ponto à frente, mal se dando conta de que estava levando a nave para o meio da tempestade que se formava.

* * *

Sentada num almofadão sobre uma das cadeiras de pedra do centro de recepção de mensagens mágicas da torre da Terra, Diana reforçava um a um os encantamentos para o funcionamento dos espelhos. Era incrível que tivesse conseguido receber uma mensagem de Aduna, mas ela suspeitava de que o encantamento daquele espelho tinha se esgotado totalmente, e tentava descobrir algum elemento que sustentasse o sortilégio por mais tempo. Ondily vinha lhe ajudando enquanto brincava: Diana pedia uma série de coisas, como ervas de tempero da cozinha de Octoforte ou coisas de seu quarto, e Ondily se divertia com um bando de crianças da ilha de Bhardo enquanto procurava os itens preciosos para a mãe.

A rotina era a mesma de sempre, porque Diana tinha medo de não abastecer sua mágica de forma eficiente e ficar sem notícias. Teria que pensar em outra forma de fazer aquilo funcionar, porque estava preocupada demais com os amigos e com Pablo, mas, por aquele dia, se deu por satisfeita. A sentinela já estava prestes a

descer quando ouviu um alarido vindo do andar térreo de sua torre e Ondily subiu correndo, acompanhada de mais três crianças de bochechas vermelhas.

— Tem um monte de gente querendo pegar você mamãe! — a ruivinha gritou, e se atirou, apreensiva, num abraço desajeitado em Diana.

— Me pegar?

— Gente do Continente — falou Néraldo, um garoto gordinho filho de um soldado do Fortim.

— Do Continente? Da Aliança Maior?

As crianças concordaram.

A balbúrdia aumentou na torre, e sons de várias vozes de adultos preencheram o ambiente. Colocando-se à frente das crianças e com a mão na barriga, Diana desceu lentamente os degraus, sentindo os chutes possantes do filho no ventre, como se estivesse nervoso.

— Não têm autorização para passar, nossa sentinela está em serviço! — ouviu a voz do comandante Bardáct, do seu batalhão.

— Insubordinação! Motim! Vocês todos serão presos! — a bem conhecida Nianca gritou de volta.

Diana decidiu interferir:

— Quem será preso?

— Ali! Peguem-na! Prendam-na! — gritou um homem grisalho que Diana não conhecia, mas que, pela capa pomposa e pelo colete cheio de insígnias, devia ter um alto posto dentro da Aliança Maior.

Uma quantidade de guardas se espremeu pela entrada da torre tentando passar por Bardáct e por oito soldados dourados para chegar até Diana, mas, apesar de as crianças terem se assustado e se escondido atrás da loura, a sentinela não se abalou. Ergueu uma mão e fez movimentos com os dedos, convidando seu *mac* a se aglomerar ali. Em seguida, concentrou-se e canalizou a energia para as rochas da torre e para os minérios no chão, e antes que pisassem no primeiro degrau das escadas, pedras se ergueram e fizeram os homens da Aliança caírem.

— Muito bem, aliados, percebo que estão muito interessados em minha companhia, mas não vejo necessidade de ordenarem a nenhum dos seus lacaios que me prendam — disse a mulher bem rápido. — Se me fizerem o favor de serem educados, posso recepcioná-los no salão do Torreão e entender o que querem aqui.

— Não precisamos sair daqui, a senhora está presa, senhora Diana!

— A sentinela Diana salvou a vida de todos vocês, seus ingratos, ao destronar o rei maldito, e agora vocês vêm...

— Acalme-se, mago Amandiê. Baixe a guarda, comandante Durval. Comandante Sovene, soldado Nélio, capitão Airele, por favor, desçam as armas — Diana foi pedindo, e, à sua voz tão suave, os homens e mulheres foram obedecendo, e os caçadores da Aliança Maior, intimidados por tamanha calma, acabaram baixando a guarda também. A própria Diana não diminuía suas defesas, porém: o Medalhão de Ariell não saía de seu pescoço, oculto dentro da roupa, e ela usaria sua magia num segundo, se fosse necessário, ainda mais com as crianças atrás de si. — Estou presa por qual motivo?

— Por falsificação — exclamou o velho Abarcão, mancando por causa da perna gasta pela idade, e por isso chegando por último. Trazia uma velha lâmpada à óleo na mão, que Diana reconheceu imediatamente: tinha disfarçado aquela peça para que parecesse feita de ouro e pedrarias, não de aço comum e enferrujado. Não sentiu nem sombra de magia nela.

— Dissemos que as joias tinham perdido seu poder. Devem ter perdido a aparência também — a sentinela se fez de desentendida.

— Atrevida! Tentou nos ludibriar! — acusou Jhália, chacoalhando os montes de pulseiras como uma cobra cascavel.

— Nega o engodo?

A loira coçou a cabeça. Estava cansada, e aquelas pessoas a estavam deixando nervosa. Olhou ao longe e viu Evondér aproximando-se com a comandante Udinia em seu encalço e uma boa quantidade de soldados, funcionários e curiosos, gente de Agerta que estava desfrutando de um dia de folga dentro de Cermalháct, onde tinham claridade abundante e um lago de água doce em temperatura agradável que não deixava as pessoas afundarem. Esperou que muitos estivessem perto para responder.

— Nominório Abarcão, o que pode me dizer sobre direito de propriedade?

O velho deu um passo para trás, a carranca se fechando numa repreensão ofendida. Nenhum aliante se pronunciou.

— Segundo o regimento de Octoforte, o que for conseguido por seus membros é da fortaleza — Diana respondeu, ante o silêncio do ancião.

— Portanto pertence à Aliança Maior! — vociferou Abarcão.

— Eu poderia discutir isso com você por mais tempo — respondeu Diana, mantendo a voz baixa. Estava ficando sem fôlego outra vez, mas não queria deixar transparecer fragilidade perante aquelas pessoas. — Por que o que é da Fortaleza Dourada *não* é da Aliança Maior. São entidades diferentes.

Ali perto, Sália concordou com a cabeça, mas não teve coragem de falar nada em voz alta.

— No entanto, só vou entrar na discussão de quem tem a posse dos Crimedéct'z. Cada um deles tem uma história, foi recuperado em um ponto, tirado de um povo... Se for para devolver a alguém, não seria justo devolvê-los às pessoas que deveriam ter a posse deles? O Tesouro de Caularom à cidade Madhêtrand; a Pedra de Mavhtus à zéfira Calla; o Lampejo dos Desesperados às sentinelas Jadhe e Dominique, herdeiros de Ártemis Caçadora, e por aí vai. Se precisarmos recorrer a um Juízo Inter-Reinos¹⁴, sabem que perderão a causa.

— Está brincando com fogo, sentinela Diana — ameaçou o homem grisalho, e Diana adivinhou que aquele fosse Omaline, substituto de Chárilith, novo Capitão de Guarda Aliança Maior. — Guardas, prendam-na!

Antes que qualquer soldado dourado pudesse protestar e que qualquer guarda avançasse dois passos na direção da sentinela, Diana estendeu as mãos espalmadas para baixo e fez a terra ondular, derrubando todos os guardas de uma vez.

— Cheguem perto de mim mais uma vez e ficarão presos em celas de pedra — a mulher ameaçou.

— Desacato. Desordem! — berrou Nianca.

— Não precisamos nos ater ao caso dos Objetos Supremos — bradou Mandredom, os cabelos desgrenhados e brancos o fazendo parecer louco. — O general já foi julgado e condenado, mas, pelo visto, ele já fugiu — berrou o homem importante outra vez.

— Selemen Mandredom, não é? — Diana perguntou, enquanto caminhava devagar na direção da saída para o gramado, empurrando os soldados, as crianças e o grupo da Aliança com ela.

— Nossos escudeiros estão aqui para prender você e seu homem — o velho ignorou a pergunta da sentinela.

— Seus escudeiros e um monte de caçadores — Diana observou, pois reconheceu as botas altas e as vestimentas parecidas com as roupas que Ártemis usava quando estava em serviço. — Como se fossemos criminosos...

— Você e Pablo Adenetti formaram família! Foram contra os preceitos de ordem desta entidade! — gritou uma mulher, e Diana se voltou para ela. Já estavam todos fora da torre e sob a luminosidade dos Portais.

— E você é...

A mulher ergueu o nariz bem alto e meneou de leve a cabeça ao responder com uma voz fanhosa.

— Bruzine, interin de Gehenmy.

Ainda que não fosse do feitio de Diana rir das pessoas, ela não conseguiu segurar daquela vez, pois a voz de falsete soava como alguém fazendo uma imitação tosca de algum animal engraçadinho. No entanto, não se sentiu tão mal por isso quanto era seu normal, talvez por ter descoberto o quanto a maior parte daquela entidade era corrupta e imoral.

— Perdão! É que essa voz e este nome de buzina combinaram muito bem!

Outras pessoas riram, e mulher ficou roxa.

— É Bruzine sua... Sua...

— Já te disseram para tomar cuidado? Os íterin'z de Gehenmy costumam ter fins trágicos? Um morre, do outro não se sabe...

— Como ousa ser tão insolente com nossos pares políticos? — a mulher exclamou, e ignorando os muitos soldados e o fato de Diana estar grávida, avançou para a sentinela numa pose de ameaça.

No entanto, Diana não estava surpresa nem se sentia ameaçada. Depois da descoberta do esvaziamento dos cofres, esperava que a Aliança atacasse logo, e sabia que não perderiam a oportunidade de fazê-lo enquanto a gestante era a única em Octoforte: era o momento perfeito para tirar as sentinelas do caminho e vasculhar o prédio em busca das joias.

Os soldados dourados se adiantaram, colocaram-se em frente à líder; as crianças gemeram, se encolheram junto às pernas de Diana; a grávida colocou a mão sobre a cabeça de Ondily; os escudeiros e caçadores se levantaram; o bando de íterin'z se agitou em expectativa; várias pessoas ao redor pararam para assistir a captura...

Mas Diana inspirou intensamente e quando expirou uma onda de *mac* fez o chão tremer e pedras foram erguidas. Paredes de rochas atroaram e levantaram os agressores, atirando-os longe, derrubaram-nos com ossos quebrados e maxilares deslocados, e os aliados não conseguiram ficar de pé com o tremor. Os velhos gritaram, e os soldados dourados deixaram os queixos caírem com espanto enquanto as crianças dançaram animadas.

As pedras baixaram de volta ao chão, deixando um sulco enorme no local de onde tinham emergido.

— Achei que tivesse sido clara. Senhores aliados, o que querem não é minha prisão: são as joias. Que fique claro que, embora eu saiba que a minha recusa em ser levada é um ato de insubordinação contra meus pagadores, eu não vou permitir que vocês fiquem borboleteando livremente, não enquanto sou a única sentinela aqui. Fiquem sossegados que logo o lugar será de vocês, mas, por hora, não são bem-vindos.

— E onde pensa que vai chegar com isso, sentinela Diana? — esbravejou Abarcão, levantando-se com a ajuda de Nianca, um braço dobrado em um ângulo estranho, ódio transbordando na saliva que escorria pela boca, como uma cobra venenosa. — Não percebe que os guerreiros são *nossos* guerreiros? Nós pagamos os soldos deles, nós temos o controle sobre suas ações. Está querendo o que, tomar esta fortaleza à força? Com que exército? Acha que os homens serão leais a você quando ficar evidente que não pode pagá-los?

Diana olhou ao redor. Os homens tinham se mostrado leais a ela e às sentinelas, e ela sabia que tinha a fidelidade dos agertos, mas havia aqueles que vacilariam caso uma decisão como aquela fosse colocada sobre suas cabeças. Era hora de mostrar seu trunfo.

— Esta fortaleza não pertence a um rei ou rainha, e eu não sou nenhuma dessas coisas, é verdade. Mas também é verdade que, exceto por abrigo e comida, vocês nunca ofereceram nada aos soldados — os olhos azuis da moça rutilavam com ferocidade. — Nenhum soldado gastou os tárez que ganhou aqui, nenhum soldado teve família, nenhum viajou ou fez qualquer coisa no Mundo de Bhardo depois de ingressar em Octoforte. Isso porque este prédio não é usado como fortaleza, não há muito tempo.

Ela sorriu. Os aliados não esperavam o que ela diria a seguir, mas começaram a suspeitar. Abarcão ficou rubro, Jhália abriu a boca e não conseguiu falar nada, e Nianca disparou a falar, tentando sobrepujar a própria voz à de Diana.

— Isso aqui é uma prisão — Diana falou.

Os soldados dourados se remexeram sem entender. Evondér, Udinia, e outras pessoas olharam de Diana para os aliados esperando explicações. Estetil estreitou o espaço entre eles, Diana percebeu que ele tentava se posicionar ao lado dela. A loira evitou a aproximação do soldado, mudou de lugar e andou um pouco na frente de todos fitando seus magos, militares, funcionários, amigos.

— Pablo começou a suspeitar antes mesmo de as missões começarem, mas só depois que chegamos e vimos o que Ólie Fauret tinha escondido é que ele teve certeza. No início pensamos que vocês usavam a fortaleza só como um cofre, um lugar para esconder dinheiro sujo.

— Não se atreva a continuar; se tem amor à vida, não se atreva...

— Mas ele deixou os documentos comigo, e eu, Sália e Evondér fizemos uma pesquisa.

— Melhor parar por aí...

— Cale-se já!

As pessoas se voltaram para o subgeneral e para a relatora do Comitê de Inspeção.

— Ligamos as coisas. Relatórios de ingresso, registros de nascimentos de pessoas da ilha Agerta, unidos a notícias que Fauret cuidadosamente recortou de mensários ano após ano, ou anotou de próprio punho... Montes dos órfãos que foram acolhidos aqui tinham origem nobre — disse o homem.

— Bastardos — Sália explicou. — Gente que foi escondida aqui, que ficou sem família porque devia ter direito a heranças, a títulos, à nobreza.

Diana sabia que Sália estava particularmente abalada com aquela parte das revelações porque ela mesma era uma bastarda renegada pelo pai, ainda que não tivesse ascendência nobre.

— Vários de vocês são descendentes de guerreiros, de líderes, de reis do Continente Maior — gritou Evondér para que todos o ouvissem. — Ou de prisioneiros, bandidos de quem as pessoas do Continente queriam se livrar. E isso inclui Agerta, já que a cidade da ilha é quase uma extensão da fortaleza.

Nas proximidades, o burburinho aumentou entre civis que só estavam ali por curiosidade.

— O que espera conseguir com isso, mulher? — Mandredom cuspiu as palavras, enfatizando “mulher” como se fosse grave ofensa. — Que os reis assumam os filhos errantes? Que os coloquem na linha de sucessão? Eles estão melhor alocados aqui que em qualquer lugar no mundo!

— Não. — Evondér mandou alguns soldados flanquearem Diana, e Udinia se postou ao lado da sentinela, que continuou falando com segurança. Estetil aproveitou o momento para colar ao lado da moça em uma postura protetora, e Diana decidiu ignorá-lo: tinha algo muito grave a lançar para todos antes de lidar com as investidas de um rejeitado inconformado. — Mas espero que eles se voltem contra aqueles que tiveram coragem de vender pequenas vilas de seus próprios povos em troca de dinheiro para aumentar o patrimônio particular.

A revelação emudeceu os aliados. Aqueles fatos nunca tinham sido enunciados de forma explícita.

— Como...

— Foi o que vocês fizeram com a vila Etténe, a minha vila, não foi? Pablo achava estranho o ataque de sambukeiros em uma localidade tão afastada do mar. Foi o

que fizeram também com Miwa, a vila dos gênios. Vendida integralmente para mercenários. Imagino quanto Zebarân não deve ter pago por tantos escravos alados. E foi o que fizeram com pelo menos mais dezoito vilas, vilarejos e comunidades mínimas, e era o que pretendiam fazer com Agerta, ainda que não fossem detentores dos direitos deste território, não fosse por uma intervenção inesperada. A intervenção dos militares pertencentes a Octoforte.

Não houve reação dos aliados, pois as pessoas, inclusive os guardas da própria aliança e os caçadores, gente de patente menor e que não sabia nada daquelas artimanhas, se voltaram estupefatos para os líderes da organização. Aquilo não era só a acusação da existência de uma conspiração corrupta, mas de traição contra a própria humanidade.

— Soldados! — Diana chamou, tirando seus homens do estupor.

Num segundo, duzentas lanças e espadas estavam apontadas para o grupo de quarenta pessoas da Aliança.

— Acompanhem estes senhores até o Portal. Que fiquem em Agerta, se for da vontade do prefeito Íneo, mas aqui vocês não têm mais asilo. Eu reivindico esta fortaleza em nome das sentinelas e do general Pablo Adenetti.

Soldados e civis, até mesmo guardas aliados e caçadores, urraram em aprovação.

— Vai se arrepender disso, sentinela — disse o Nominório, o semblante carregado de ódio.

— Talvez — Diana respondeu. — Mas hoje não.

NO ASSENTAMENTO DE ADUNA

A máquina raspou no cume das árvores e desceu violentamente, rasgando uma clareira na floresta. O vento gelado ululava acima, e os viajantes esticaram a lona nas amarrações ao longo da barça para se protegerem do aguaceiro. O espaço ficou apertado para os seis, mas ficaram abrigados do frio e do vento, e esperaram a chuvarada passar torcendo para que o pássaro metálico estivesse inteiro quando tudo terminasse.

Dominique mal esperou que a lona estivesse totalmente descoberta para sair, mesmo estando dentro de Terem, aquela floresta cheia de criaturas estranhas, e mesmo que tudo ao redor estivesse molhado. Alibeth parecia partilhar da mesma agonia por ficar confinada àquele espaço fechado, e quando saiu, Nique se preocupou que ela pudesse ter uma crise nervosa e parar de respirar.

— Estou bem — disse a mulher, sorvendo o ar em lufadas generosas. — Só preciso de uns minutos.

A coruja não estava avariada, mas Márcio teve que aquecê-la usando seu *mac* para que as engrenagens secassem. Quando tudo estava pronto, ele jogou-se dentro da barça e, sentindo o cansaço por uso excessivo de suas energias, anunciou:

— Tudo certo para partir, mas não posso começar o revezamento agora, preciso descansar um pouco.

Imediatamente Jadhe se colocou de pé, e olhou inquisitiva para o gênio. Seria normal esperar que o rapaz a acompanhasse naquela tarefa, e Dominique sentiu o sangue esvair-se de seu rosto. Ouviu um estalo conhecido, acompanhado de um zumbido baixo e uma onda de náusea atacou seu estômago. Debruçou-se na beirada da barca e vomitou.

— Acho que o problema dele com apertamentos é maior que o seu Beth! — exclamou Lavoér, balançando os braços compridos e roliços. — Bem, senhorita Jadhe, acho que posso acompanhá-la, se não se incomodar, é claro.

Se Jadhe ficou chateada soube disfarçar muito bem, porque abriu um sorriso meigo e chamou o senhor para o trabalho. Na barcaça, Márcio e Yoná se sentaram opostos um ao outro, cada qual com o rosto voltado para uma direção diferente, mas uma sorridente Alibeth se acomodou bem junto a Dominique.

— Não se preocupe, senhor sentinela dos ventos, se algo lhe acontecer, eu cuido de você!

Nique apertou os olhos quando viu Márcio erguer uma sobrancelha.

* * *

O gênio não sabia se Jadhe tinha sentido os pensamentos ou as emoções dele, porque apesar de tentar bloquear a mente, estava cada dia mais difícil impedir que a telepata visse qualquer coisa. Ele sabia que a estava magoando, e também estava consciente de que o que mais queria era abraçá-la, expor os sentimentos que guardava no peito, e ficar ao lado dela para o resto da vida.

Mas o líder do clã dos ventos o alertara: a maioria dos gênios não desenvolvia a mágica capacidade de realizar desejos. Dos que tinham esse poder, quase todos só conseguiam usá-lo para encontrar um par de meias perdido, ou espantar nuvens de chuva por uma hora para que o céu estivesse estrelado quando voasse com a pessoa amada. Pouquíssimos gênios na história demonstraram poderes além disso, e Dominique não precisava de uma análise completa para saber que se encaixava nesta estatística. Seus dons estavam cada vez mais presentes e Zizalétch dissera que aquele tipo de magia não ia acabar. Era como um novo sentido a que ele só tivera acesso depois de crescido e ele precisava se concentrar muito para conseguir contê-lo.

O problema é que, como o chefe também o alertara, ele ainda estava longe do autocontrole, as pessoas de quem ele mais gostava seriam as primeiras a ficar no caminho, e os *desejos* tendiam a se realizar de modos estranhos. Toda vez que ficava perto de Jadhe, a garota sofria tropeções ou pequenos acidentes apenas porque ele desejava tê-la nos braços, e ele não podia arriscar a vida dela daquela forma. Ela podia se machucar seriamente se um *desejo* torto a fizesse quebrar uma perna para cair no colo dele, ou ficar doente, só para que ele pudesse cuidar dela.

Coisas perigosas já tinham acontecido tanto à garota quanto aos seus melhores amigos, e, segundo o líder da grei, havia um precedente na história em que um gênio morreu porque uma gênio com a *dádiva* queria que ele chegasse mais rápido até ela. Foi apanhado por uma ventania tão forte que o arremessou para perto da moça, que aparou o amado já sem vida aos pés dela.

Se Ártemis estivesse viva, Nique pensou, ela saberia o que fazer. Ela sempre sabia o que fazer.

Entristecido, voltou os olhos para o céu, onde a reluzente Lincariell, surgida há pouco tempo na sinistra noite vazia, piscava insistentemente, enquanto o ranger do metal anunciava a partida do zizerválido para a última etapa daquela viagem.

* * *

Márcio sentia as pernas tremerem pelo esforço, e quando os elásticos arrebentaram e a nave desabou no chão, poucos metros antes do que seria um pouso suave, ele reconheceu que não teria conseguido pedalar aquela engrenagem muito mais, de qualquer jeito. Precisou de uma hora completa de descanso para conseguir voltar a caminhar, e mesmo assim sentiu os músculos arderem como se estivessem prestes a se romper também. Pelo menos ninguém tinha se machucado, apesar de o zizerválido ter ficado seriamente danificado.

— Imagino que esta engenhoca não seja feita para longas viagens — comentou Lavoér, analisando os restos de borracha arrebentados e algumas engrenagens soltas.

Nique coçou a cabeça. — Na verdade é sim, por que será... Quando fui para Agerta os aduninos pararam mais vezes, resfriaram a máquina, e passaram óleo nas engrenagens, e... E... Trocaram os elásticos duas vezes...

— *Trocaram os elásticos?* E você se esqueceu de mencionar este detalhe? É manutenção, Dominique, *manutenção!* — Yoná perguntou, enfurecida, enquanto massageava o tornozelo torcido na queda.

— Eu nem me lembrei — o rapaz admitiu.

— Não importa, minha gente! — disse, efusiva, a irmã de Lavoér, sacudindo para longe um monte de folhas secas que tinham a mesma cor dos cabelos dela. — O

importante é que estamos todos bem e felizes, e que chegamos inteiros, e que estamos muito perto do nosso ponto almejado!

Lavoér lançou um olhar confuso para a irmã, cuja conduta tinha se transformado ao longo da viagem. Nique percebia os olhares incisivos da mulher na direção dele e não dizia nada, mas sabia que aquele comportamento estava deixando as coisas entre ele e Jadhe ainda piores. Os dois não tinham tido chance de conversarem, e Nique se arrependeu do desejo de que algo acontecesse para afastá-lo de Jadhe, já que acabou fazendo dupla com Beth nos pedais, a aliante mudou de postura, começou a fazer insinuações românticas para o gênio abertamente, e passou a dizer que defenderia as sentinelas contra a Aliança a todo custo.

Ao sair da barcaça, ventos misteriosos, que só Alibeth sentiu, a desequilibraram, e ela agarrou o braço de Dominique para se amparar. Num reflexo, Nique a puxou pela cintura para ajudá-la, e a mulher, aproveitando-se da situação, agarrou-o como um bicho-preguiça e tascou-lhe um beijo na boca, deixando os outros, especialmente Jadhe, constrangidos.

— Ah, meu protetor! — ela exclamou em seguida. — Me perdoe, mas não vi modo melhor de demonstrar o quanto me sinto grata pelo salvamento! Acredite, pode pedir de mim o que quiser. O que quiser!

Nique cogitou pedir que ela virasse pó, mas logo bloqueou a própria mente: com sua sorte, Alibeth provavelmente se transformaria em uma amaldiçoada capaz de evaporar em nuvens de poeira, e voltaria a surgir para morder os pés de Jadhe. Provavelmente o beijo tinha sido benéfico, Jadhe se afastaria mais dele, e isso, apesar de fazê-lo sofrer demais, era a única coisa que poderia protegê-la, ainda que ela não soubesse disso e que não fosse este seu desejo de verdade. No fim, apenas bufou e saiu pisando firme à frente de todos, porque sua cabeça estava um caos.

Lembrou-se de Pablo e de que o amigo tinha passado por algo semelhante meses atrás, quando precisou parar de pensar na esposa, pois a Pedra de Mavhtus fazia com que seu amor se tornasse ódio e ele desejasse matá-la. Pensou em como queria que Pablo estivesse ali, pois ele sabia o que Nique estava passando. Depois pensou em como era estranho querer que justamente o general estivesse ali, já que Pablo era a pessoa com quem ele tivera mais problemas quando se juntou ao grupo de sentinelas. Então se lembrou de que não devia desejar nada sobre ninguém, e parou de pensar em Pablo ou em Jadhe ou em qualquer outra coisa.

Alheia à aflição interior que dominava o gênio, e aborrecida com os sorrisinhos abobados de Alibeth, Yoná voltou-se para a garota com um grave tom de reprovação.

— Será que já podemos continuar nosso caminho?

Beth saltou em pé, unindo as mãos, excitada.

— Ah! É claro que sim! — disse, e ela e Lavoér saíram na frente, o homem olhando animado cada pedrinha no caminho, a mulher saltitante, como um coelho numa plantação de cenouras. — Os senhores nunca estiveram aqui, não é, senhora Yoná? — perguntou Alibeth, chamando Yoná de senhora ainda que soubesse que a sentinela era solteira e mais de dez anos mais jovem que Alibeth. — Ah, é claro que não, vai ser um encontro interessantíssimo, sabe? Eles têm a pele branquinha como a sua, Jadhe — ela disse, e passou de leve um dedo pelo braço da garota, e, se viu, fingiu não perceber o olhar fulminante que a sentinela da água lhe lançou. — *Nique* me contou. Só que deviam aprender a lavar os cabelos, é terrível como deixam emaranhados, eu vi o grupo que ficou em Agerta. Acho que são loiros em sua maioria, embora aquele Maki-day-neem seja ruivo. Ah, eu adoro cabelos ruivos! Mas me fazem lembrar daquela sua amiga, a traidora... Como era mesmo o nome dela?

Dominique viu Márcio estreitar os olhos. Se aquela cena toda tinha por objetivo se exhibir para o gênio, não era definitivamente uma ideia segura fazer isso obrigando Márcio a se lembrar de Verônica.

— Beth, acho que um pouquinho de silêncio não faria mal — sugeriu Lavoér, percebendo, finalmente, que sua irmã estava passando dos limites.

— Foi você que me disse que eu devia conhecer melhor as sentinelas para poder julgá-las! — a mulher exclamou, mas ficou quieta quando alcançaram a estrada para o assentamento enquanto orbitava Dominique como se ele fosse uma grande lamparina e ela uma mosca interessada.

Quando chegaram às instalações, porém, até mesmo Beth se aquietou.

— Onde estão as pessoas?

No local onde deveriam estar as cabanas elegantes e as primeiras casas de barro só restavam barracas vazias. Alguns cachorros rondavam pilhas de feno em busca de

migalhas, mas, fora eles, não havia ninguém à vista.

— Lá! — avistou Jadhe. — Há duas pessoas se afastando daqui.

Eram altos e claros, com cabelos em cordas de grandes volumes, e estavam vestidos com túnicas brancas com detalhes vermelhos e azuis, como pinturas.

Márcio tentou gritar algo para eles, mas os dois se assustaram e começaram a correr, e só então se deu conta de que não entendiam a língua comum do meio do mundo.

— Eu aprendi algumas coisas enquanto fiquei aqui. — o gênio falou, então gritou:
— *Aha-maan adamayliin. Anai-lauinui naië.*

— O que isso quer dizer? — quis saber Yoná.

— Quer dizer: “sou amigo. Por favor esperem”.

Os estranhos estacaram, e pareceram ponderar se deviam acreditar ou não. Acabaram esperando que o grupo de Octoforte se aproximasse, e observaram, com desconfiança, Dominique se aproximar, erguer as sobrancelhas e repetir as palavras anteriores.

— O que é isso com as sobrancelhas? — Márcio perguntou.

— É assim que dizem “olá”.

O casal disse algumas palavras, e Dominique respondeu com uma sequência de outras palavras hesitantes, que para Márcio soaram como um monte de *ams* e *oms*. Aparentemente tinham reconhecido o gênio, e enquanto falavam os outros observaram, tentando captar algum sentido, mas sem entender nada de verdade.

— Jadhe, você consegue... Você sabe... — Márcio perguntou.

— Ler o que estão pensando? — ela respondeu baixinho. — Não consigo entender muita coisa. Estão falando, então estão colocando os pensamentos na ordem que a língua deles exige, e isso embaralha as coisas, porque é diferente de como nós pensamos. Mas estão preocupados.

Imagens do agrupamento cheio de vida surgiram na mente dos amigos, pois Jadhe transferiu o que via por comunicação psíquica aos companheiros, e Márcio se

assustou de que os vislumbres fossem tão claros. Depois de retomarem as joias, o comportamento de Jadhe tinha dado uma guinada e voltado ao normal, pelo menos com a maioria dos amigos. Com Dominique era outro assunto.

Havia aduninos e gente comum, certamente sobreviventes do Nepcoutem, assustados perante uma escuridão adensando-se sobre eles, e a imagem ficou escura e tudo desapareceu. Então Márcio, Yoná e Jadhe se viram diante do gênio acenando uma despedida para o casal, e se voltando para o grupo.

— E então?

— Levaram todo mundo para fora daqui — disse Dominique num tom preocupado.

— Você perguntou por quê? — perguntou Yoná.

— Não consegui entender bem. Disseram que a “manta” voltou, ou alguma coisa do tipo, alguma ameaça — explicou, fazendo um pequeno teatro com as mãos. — E foram embora porque ficaram com medo de serem trancados de novo. Estes dois estavam tentando levar alguém que não quis sair.

— Isso não tem cabimento — Jadhe comentou. — A “manta”?

— Eles explicaram mais, mas não compreendi. Só sei que estão assustados — o gênio respondeu, e esfregava as mãos num claro sinal de ansiedade.

— Só pode ser um dos generais de Zebarã — disse Yoná, mas Jadhe ponderou:

— E se não for? E se ficou algum resquício de magia maligna aqui que não conseguimos conter?

Yoná puxou a corrente onde Márcio mantinha preso o Lampejo dos Desesperados, trazendo à tona o poder do Objeto Supremo.

— Quer coisa mais poderosa e maligna que isso aqui? — ela disse, e todos ao redor deram um passo para trás. Alibeth chegou a ter ânsias de vômito, e só melhorou quando Márcio puxou de volta o Lampejo para dentro do casaco e o escondeu sob a capa de couro. — Zebarã está acabado, e está trancado aí dentro, não tem nada mais poderoso que essa joia aqui.

Nique revirou os olhos ao ver o espanto nos colegas da Aliança Maior: ninguém no mundo, além das sentinelas, sabia, até aquele momento, que a alma de Zebarã

tinha sido presa dentro do Objeto Supremo.

— Então... Esta é uma Joia Máxima? — Lavoér perguntou, enfrentando as náuseas e aproximando-se de Márcio, tentando espiar a peça de novo.

A sentinela fechou a capa completamente.

— É, e vai ficar longe dos seus olhos — falou, e voltou para Nique. — Eles disseram mais alguma coisa? — Márcio perguntou. — Sobre de onde vem essa coisa?

Nique apontou para o norte, para uma direção que nenhuma sentinela gostaria de se dirigir, bem abaixo de onde a Lincariell brilhava enlouquecidamente, com mais intensidade do que jamais tinha sido vista. O mesmo local onde a Cuzpola apontava a presença de Shenu Argottem.

— As ruínas do Palácio Nácar.

* * *

— Finalmente — disse Macrux, os olhos cravados nas imagens projetadas no interior do orbe translúcido.

— Eles estão quase no castelo — constatou Adnail, falando com o homem através da sua imagem projetada na parede de aço espelhado. — O que tanto você espera que aconteça?

Os olhos do homem não tinham resquício de luz, eram dois poços de escuridão.

— A alma que eu queria finalmente chegou.

CASTELO DE PICHE

Se o zizerválido estivesse inteiro, os jovens levariam pouco tempo para chegar até Shenu, mas, com a máquina quebrada, precisariam caminhar, o que tomaria vários dias, já que teriam que cruzar a Fissura. Decidiram instalar os dois inspetores numa das tendas do acampamento, e, desta vez, os irmãos não reclamaram de ficar. Vasculharam todas elas para ver o que os nativos tinham deixado para trás, e Dominique sentiu uma pontada no peito para cada tenda vazia que abriam: só algumas semanas antes tinha visto aquele lugar repleto de gente, com centenas de ex-escravos voltando à vida, plantando e colhendo, reaprendendo a viver. Agora, tudo parecia assombrado outra vez.

Uma das tendas, no entanto, não estava vazia: encolhido num cantinho, encontraram um homem esfarrapado murmurando coisas sem sentido, seus olhos pretos perdidos e cheios de pavor.

— Shenu? — Yoná se surpreendeu, mas Dominique chegou mais perto.

— Não, é Férik. Ei, pode me ouvir?

O gênio chamou o rapaz, mas este se encolheu quando a sentinela tocou o ombro dele, e continuou murmurando.

— O rei do castelo de piche... O castelo de piche... O Abominável do cristal... Come o cristal, come piche o cristal, o cristal do general...

— Está doido. Perdeu a noção! — exclamou Lavoér.

— Pode ser, mas eu gostaria de ter um espelho de *prata* — disse Dominique, torcendo para que os amigos entendessem. — Seria bom se houvesse alguma coisa de *prata* por aqui, talvez o reflexo dele num espelho de *prata* o ajudasse a lembrar de quem ele é.

Os outros não entenderam à princípio, mas quando o rapaz falou a palavra “prata” pela terceira vez, Jadhe se lembrou do código para usar sua telepatia.

— Que negócio é esse de prata? Se quiser um reflexo é só arrumar um espelho qualquer, se quiser eu tenho um de cobre que é tão bom quanto qualquer outro — criticou Alibeth, sem compreender.

“O que quer que eu faça?” Jadhe falou por pensamento.

“Tente ver alguma coisa na memória de Férík, faça com que todos nós enxerguemos a mesma coisa, e vamos tentar fazer parecer que estamos adivinhando o que aconteceu”.

Involuntariamente Márcio assentiu, e apertou os olhos aliviado por ter sido o único a fazê-lo. Se todos tivessem feito algum gesto de concordância ao mesmo tempo, dariam ideias a Alibeth.

Nervoso, tentando imaginar como é que Pablo conduziria aquela situação, Dominique continuou:

— Férík, pode olhar pra mim? Nos meus olhos? Lembra-se de mim?

O homem entortou a cabeça para o lado e apertou os lábios. Fechou os olhos em consentimento, e Yoná passou uma toalha molhada na testa dele.

— O general — Férík murmurou. — Falar com o general...

— Eu sou amigo do general, Férík. Lembra? Sou Dominique. Conheci você no Nepcoutem.

O homem estremeceu ao ouvir aquele nome. Todos no quarto se mantiveram num silêncio absoluto, as respirações suspensas, como se o ar tivesse se tornado subitamente menos respirável, e voltavam seus olhares para Férík. Aproveitando o momento, Nique lançou um olhar discreto para Jadhe, que começou a investir contra a mente do rapaz.

Um encontro inesperado: dois estranhos, um deles alado, saindo das árvores tortas da mata ressequida. Quem eram eles? Tinham derrotado um bando de arquedemon'z, assado os monstrengos feito carne de churrasco.

— Lembra-se do momento que nos conheceu? — Dominique perguntou, aproveitando a lembrança que Jadhe conseguira extrair. — Fugíamos do local onde matamos um bando de arquedemon'z. Você estava lá, lembra?

— A-ham — Fériik assentiu com um murmúrio, e abraçou os joelhos.

Fériik tinha que ter cuidado para usar o artefato, se vissem que ele estava com um comunicador, seria seu fim. Nenhum rebelde o perdoaria pela traição: jamais poderia morrer, mas ele seria torturado eternamente das piores formas possíveis. E o perdão não fazia parte do vocabulário daquela gente amarga. Tinha que contar sobre os estranhos com muito cuidado.

Uma imagem, o rosto de uma mulher loura de olhos esquisitos e vidrados. Ex-rebelde, agora bruxa, e doida pra judiar dos outros. Traidora, feito ele.

Yoná estremeceu: ela e Diana conheciam aquele rosto: Alhena, a transformista que as enfrentara ante os portões do salão principal do Palácio Nácar. Ártemis Caçadora pareceu muito feliz ao mordê-la e transferir veneno doloroso para o pescoço dela, e as meninas não ficaram comovidas com a cena.

— Você se lembra de ter nos entregado? Lembra-se de que era um espião dentro do grupo de rebeldes, e que usou um espelho mágico, ou coisa assim, para se comunicar com os feiticeiros do rei e avisar da nossa chegada?

O tom de Nique era calmo, não acusatório, mas mesmo assim Fériik começou a chorar.

— Senhor Fériik, ninguém o está julgando — disse Jadhe delicadamente, aproximando-se do homem e colocando sua mão sobre a dele, que estremeceu e a retirou rapidamente, como se tivesse levado um choque.

— Ninguém pode condená-lo pelo que aconteceu neste lugar — disse Lavoér, sentando-se próximo ao homem, apesar de sua irmã cruzar os braços numa pose de que ela sim o julgaria e condenaria.

— Eu não tive uma escolha...

Uma explosão de sentimentos, vontade de lutar, era tão forte, tão estranha! Centenas de rebeldes partindo para a fenda, criando confusão lá embaixo. Ele sonhara com isso, mas nunca pensara que aconteceria de verdade. Aqueles dois,

só com palavras... E ele estava com medo, com muito medo. Os marrotes eram horríveis...

Antes, muito antes... Seis picadas de marrote. O veneno não seria mortal nem fora dali, mas as picadas eram doloridas e queimavam. E foram seis! Nas pernas, no braço, uma no pescoço e outra na barriga. Dias enrolado como um feto, com sede e com febre, até a dor passar. Quanto tempo depois? Não saberia dizer.

Então, o marrote sobre ele. Um ferrão erguido, outro vindo pelo lado. Um buraco escuro e uma tábua de madeira. Uma bela toca.

— Lembra-se de ter medo? — Márcio arriscou, entrando no jogo também. Talvez você tenha fugido do campo de batalha. Talvez tenha se escondido...

— Eu me escondi, eu me escondi! Eu entrei num buraquinho, e eu fiquei ali, eu fiquei bem encolhido, até que eu não ouvi mais barulhos e eu saí... E eu não vi ninguém! Só tinha eu! Só eu, só eu... eu...

Havia rugidos e cheiro de enxofre, estava quente, houve fogo e clarões, e estrondos como um furacão, e medo, muito medo, muito medo.

Uma voz contando uma mentira, dizendo que ele estava livre. Ele não acreditava. Então, houve solidão. Um mundo de terra vazia, de rocha vazia, e uma ou outra silhueta aparecendo lá longe, gente que também estava sozinha. E não tinha nenhuma besta.

— Você vagou sozinho por muito tempo... Até encontrar-se com alguém. Alguém que pensou jamais ver de novo — disse Nique, sabendo que, depois daquilo, Shenu tinha saído em busca do irmão, e que não devia ter demorado a encontrá-lo, já que era telepata também.

Um rosto igual ao dele! Um rosto igual ao dele! Devia estar morto! Não devia estar ali!

Dias e noites querendo matar o homem igual a ele! Mas o homem estava muito ferido, muito pior que ele. Ele tinha que ajudar o homem... O homem de rosto igual ao dele...

— Eu achei o irmão. Meu igual me achou. Eu queria que ele tivesse morrido. Que tivesse sido ele ao invés de mim. Eu queria isso muitas vezes... Eu queria matar ele quando ele me achou. Mas eu não matei ele. Eu cuidei. Eu cuidei...

Dois moleques brigando numa praia. Quem era quem? Difícil dizer. Quem visse de fora não saberia. Mas ele sabia quem ganharia: ele ganharia. Shenu era sempre o mais fraco. Um fracote, um pintinho assustado que corria para a mãe. Bateu em Shenu, bateu muito. Shenu nunca mais ia fazer aquilo. Nunca mais ia beijar a garota de quem ele gostava. Ele já tinha batido nela, e ela era só dele. Tanto fazia se queria ele ou Shenu, os dois não tinham a mesma cara? Se tinham, ele ficaria com ela.

“Eu já bati nela! E eu mato ela, se não quiser eu”, dissera. Besteira, tinha só doze, como poderia matar alguém? Por outro lado, tinha batido demais no irmão paspalho, quem sabe o que aqueles machucados fariam dentro dele. Assustou-se. A cara do idiota estava toda inchada. Ele tinha que estar respirando. Não queria fazer nada tão grave, só dar uma surra no imbecil. O que faria se ele morresse? Como se olharia no espelho depois? Eles tinham que ter a mesma cara?

Não esperava o golpe. Um soco bem dado o tirou do chão e fez o céu balançar. “Nunca mais vai encostar nela! Eu não vou deixar, entendeu? Não vou deixar”. O segundo golpe foi como um martelo no ouvido, e ele ficou com um zunido até o mundo voltar ao lugar. Não esperava aquilo, não sabia que Shenu sabia socar e bater e revidar. Por que nunca tinha revidado antes? Porque Shenu tinha que defender a garota desta vez... Antes eram só os dois, e ele apanhava. Ele sempre apanhava dos outros também. Mas Shenu não ia deixar ninguém bater na garota de novo, assim como nunca tinha deixado nenhum irmão bater em Maiga, e não deixaria ninguém chegar perto de Sai Shizi. Nem naqueles cachorros pulguentos dele. O irmão tinha o coração no lugar.

Apagou. Tudo foi uma grande escuridão. Os braços foram puxados, depois as pernas. Abriu os olhos, e a cabeça olhava para a praia de cabeça pra baixo. Viu o irmão, todo amarrotado, olhando feito um cadáver para ele. Estava zozinho, não conseguia entender. Estava sendo levado. Shenu estava escondido atrás das pedras grandes. Só via os olhos dele, a cabeça dele.

Sentiu ondas frias nas costas, entrou água nos ouvidos, que ainda zuniam. Sentiu-se suspenso, depois um baque no fundo de madeira do barquinho. A cabeça estava doída, mas levantou-a o suficiente para ver, e começou a berrar. Gritou para Shenu, para Astur e para Oushu, gritou os nomes de todos os irmãos. Sabia o quanto estava desesperado porque gritou o nome do pai também. Mas ele tinha atraído Shenu para aquela praia porque era afastada e ninguém ouviria gritos. Então, ninguém ouviria ele. Levou outro soco na cara, desta vez sem nem um pingote de complacência, e foi calado.

O barquinho era um sambuk, e ele estava condenado.

Pior: por mais que quisesse culpar Shenu por aquilo, sabia que a culpa era só dele.

Lavoér deu uma tossidinha nervosa e chamou as sentinelas de volta ao quarto de recuperação, e só então Márcio percebeu que tinha se distanciado da realidade por vários minutos, acompanhando as lembranças que afloraram na cabeça de Férik. Olhou para os amigos e os encontrou pálidos e paralisados, o que já estava chamando a atenção de Alibeth também. Ainda bem que o homem tinha dito palavras pesadas antes daquele “apagão” para justificar o momento de perplexidade dos amigos.

Então tinha sido assim que o gêmeo de Shenu tinha sido levado para o Nepcoutem, e por isso o andarilho se culpara tanto por toda a vida. Quando viram Shenu naquele estado, todo cheio de hematomas, deviam ter pensado que ele tinha feito algo grave contra Férik, ou, se Shenu tinha contado sobre o sambuk, poderiam ter presumido que ele tramara para que o irmão fosse levado. Claro, pais amorosos acreditariam no filho, ou, pelo menos, iriam investigar, mas aparentemente os pais de Shenu não formavam exatamente uma família “normal”.

— Shenu já tinha te contado essas coisas? — Yoná perguntou ao gênio, tanto sobre o que Férik dizia em palavras sobre o reencontro deles, quanto pelo que eles viam em pensamento. Dominique balançou a cabeça em negativa.

— E o que fez com ele, Férik? Queria matá-lo, mas cuidou dele? E depois? — Jadhe instigou.

Férik dando água para Shenu. Shenu tossindo, se recuperando muito devagar. Shenu era mágico agora... Um pequeno feitiço, e tinham uma fogueira para assar os peixes que apareceram nos riachos. Então Shenu já estava bem, e fizeram um abrigo. Outros escravos espalhados por ali...

Pessoas bem vestidas, limpinhas, de túnicas branco e ouro, e outras com roupas azuis ou vermelhas. Cabelos tão arrumadinhos! Ele queria cabelos daquele jeito, como tinham que ser, feito cordas de cera. Tinha vindo do céu? Aduninos, foi o que disseram. Gente que tinha ficado presa entre os anéis de magia do Abominável, fora do Círculo de Maldade dele, sem poder sair do Continente Menor, nem falar com ninguém.

— Depois apareceram os aduninos e ajudaram vocês? — Márcio questionou, juntando as imagens com o que ele já sabia ter acontecido.

Uma tenda tão bem-feita! Montes de aduninos bonitinhos e limpinhos ajudando os miseráveis escravos. E Shenu tão paparicado! Até se curar. Shenu era um bom irmão, mas ele nunca diria isso. Foi até o fim do mundo para resgatá-lo. Era um grande herói, um grande homem...

— Eu fiquei na tenda, e o irmão também. Aqueles aduninos me ajudaram. Trataram de mim. Me deram comida, cama, remédio. Aí vieram os soldadinhos de fora, gente de todo mundo apareceu aqui. O homenzinho de asas. Eu não gostava. Só Shenu sabia tudo, então iam atrás dele e o deixavam fraco. Cansado. Bobo. Feliz... Eu não queria, então eu saía. Toda vez que os estrangeiros chegavam, eu ia embora.

— E o que aconteceu depois, Férik? O que aconteceu com Shenu? Por que ele não está aqui com você? — impacientou-se Yoná.

— E como você conseguiu esta coisa? — Dominique completou, apontando para a lasca de cristal rosa apertada na mão do homem.

Névoa escura, preta, envolvendo-o. Úmida, um cheiro acre de mofo e coisas podres. Cheiro de magia. Cheiro de morte.

Shenu pedindo para ele esperar. A voz soando como do fundo de um poço. Ele entrando nas ruínas. Uma luz vinda delas.

— Esse fragmento estava nos destroços — o gênio afirmou, aproximando-se, sua voz ficando mais urgente. — Shenu foi um dos que fez a magia para afastar as pessoas, mas não conseguiria entrar, não sem todos nós juntos *com* os Tesouros Supremos para desfazer os encantos.

— Espera... Vocês criaram um feitiço para impedir as pessoas de entrarem? Podem fazer isso? — Alibeth exclamou, e Márcio viu os olhos de Lavoér brilharem de excitação. A mulher, no entanto, ficou incomodada por saber que havia magias que impedissem alguém de ir aonde queria, e puxou o grande bloco onde tomava notas.

— Tenho certeza de que funcionou. Deve ter ficado um pedaço do cristal fora das ruínas — Jadhe sugeriu. — Mas por que Shenu daria essa coisa amaldiçoada pra você?

Não eram ruínas, não eram ruínas, não eram ruínas! E ele podia entrar, não tinha nada que o impedisse de entrar! Era um castelo, um palácio de cordas pretas, raízes oleosas rastejantes, um prédio vivo amarrado nas sobras do que tinha sido o castelo do Abominável! Não eram ruínas!

— Não eram ruínas! — Férík berrou de repente. — É outra coisa! É uma coisa viva, uma coisa má! E a barreira... não tem barreira! — Agora ele olhava diretamente nos olhos de Dominique, e falava mais rápido e com mais clareza do que tinha feito até então. — Ele foi lá porque sentiu, eu fui junto! Eu vi animais entrando, ratos, esquilos, urubus, e vigiamos, mas nenhum saiu. O lugar virou uma coisa, uma coisa viva, é um monstro! Está comendo carne, e quando entramos lá...

Paredes viscosas com bulbos pulsantes; luzes roxeadas, líquido viscoso escorrendo até o chão de pedra branca. Luz branca e verde, luz invadindo o lugar, penetrando as narinas como se fosse um cheiro... Luz, cheiro, estática, coisas pinicando a pele... Magia! Magia poderosa e perigosa! E uma coisa, uma pedra gigante e toda encraquelada, uma coisa gigantesca suspensa no meio do salão macabro por correntes: o Cristal Rosa de Zebarân, a pedra que as sentinelas quebraram. E estava...

— A pedra viva está se consertando sozinha! Está se soldando!

— O quê?!

A grande massa de estilhaços rosados flutuando em meio à luz branca palpitante...

— Isso não é possível, Férík! — Yoná falou num tom sobressaltado.

— Não, não, não, não, não... — Dominique repetiu, sacudindo as asas e os cabelos. Jadhe levou a mão ao peito involuntariamente.

— Nós arrebentamos aquela coisa! — Márcio exclamou, a voz um pouco acima do normal. Não podia evitar, estava assustado, e a sombra de desespero que envolveu os quatro só tornava as coisas piores. Ao seu lado, Lavoér arregalou os olhos, certamente espantado por descobrir que as sentinelas sentiam medo, e Alibeth chegava à conclusão de que não tinha feito um bom negócio ao acompanhar os jovens àquela missão.

— O lugar foi abaixo! Não tem como nada se regenerar, Zebarân está morto, a pedra dele não pode existir ainda! — disseram as meninas, uma completando a

frase da outra.

— Férik — Márcio chamou cauteloso, assumindo o interrogatório de Nique ao perceber que o gênio havia emudecido. — Férik, me escute: aquela pedra não pode se regenerar sozinha. É um objeto mágico e foi destruído, ele não tem vida: só um mago poderosíssimo conseguiria criar uma mandinga como a que você descreveu.

O homem agarrou a frente da camiseta de Márcio e chegou a sentinela bem perto do seu rosto. Seu olhar era alucinado, as veias estavam saltadas, a pele estava empapada de suor.

— Eu sei o que eu vi! — berrou, e depois sua voz se alternou em tons agudos: — Eu sei o que eu vi, eu sei o que eu vi, *eu sei o que eu vi!*

Mas ele não precisava dizer mais nada para convencê-los, pois a imagem que a memória de Férik invocara, e que Jadhe conseguia enxergar e passar para os amigos, era real demais para ser uma alucinação.

Um farfalhar de penas, Dominique afastou-se de Férik e se encolheu junto ao canto mais afastado da tenda, olhando para os amigos, em especial para Jadhe, atordoado. Um embrulho se formou no estômago de Márcio, e um calafrio lhe cortou as costas, e quando o nó na garganta veio acompanhado de lembranças daquele salão destruído em que haviam derrotado o rei, com a imagem de Jadhe perfurada por um pedaço do cristal, e depois a morte de Ártemis, ele percebeu que o que estava sentindo era a perspectiva do gênio.

— Férik — chamou Márcio, novamente se aproximando com cautela. — Como este pedaço da pedra está com você? E onde está Shenu?

— Shenu é um bom irmão... — o homem balbuciou. — Um bom irmão. Melhor do que devia ser.

— Responda à pergunta — Nique exclamou, sobressaltando todos com sua urgência.

Férik voltou olhos cheios de lágrimas para o gênio.

— Ele me deu pra entregar para o general — disse, passando o pedaço do Saldraléctér às mãos de Márcio. — Talvez ele não fique inteiro se um pedaço estiver faltando. Ele disse...

Dedos de luz envolvendo-o como tentáculos, um empurrão nas costas, um grito. “Chame o general”, e jogou a pedra, e o espelho. Tentáculos de luz chamuscando a pele dele, queimando ele, e levantando ele no ar. E ele foi esticado que nem massa de pão, e ficou preso lá no alto, no meio de um monte de luz, com correntes brancas como os dedos da morte amarrando os braços dele. A coisa pulsou mais rápido.

— Féri! — desta vez foi Yoná quem gritou.

— Ele me mandou fugir. E ficou lá — voltou a chorar. — Ele está lá, ele ficou lá. A coisa está comendo ele... Comendo o espírito dele!

* * *

Se os jovens tinham pensado em descansar antes da caminhada, o pensamento se esvaiu junto com o encontro com Féri. Tão logo prepararam os itens mais básicos, as sentinelas se puseram a caminho do Palácio Nácar, deixando Féri aos cuidados de Alibeth e Lavoér, que ficaram muito gratos por não acompanharem a excursão. Partiram a pé na direção apontada, avançando muito mais rápido do que qualquer um gostaria.

— Vamos pegar nosso amigo e dar o fora daqui — disse Dominique, sem tentar disfarçar o nervosismo.

Durante o trajeto acamparam apenas quando a exaustão os impedia de continuar, e prosseguiram tão logo suas forças tinham se recuperado. Márcio ateava fogo ao redor dos acampamentos em que dormiam para espantar os animais; Jadhe fazia minar água limpa do solo para que não tivessem que carregar cantis e procurar veios que os atrasassem; Dominique caçava com agilidade enquanto voava, e Yoná preparava carne e curava pés feridos com magia. Rezavam para que Shenu estivesse vivo; rogaram para que Lhênus surgisse e lhes desse explicações sobre tudo aquilo, mas o Senhor não se manifestou. Não discutiram sobre usar ou não o poder das joias: simplesmente o fizeram. Pablo não estava ali para censurá-los.

Quase não conversavam, porque o terror de saber que algo maligno estava tomando forma, e que rumavam exatamente para o coração desse “algo”, os mantinha em silêncio. Assim desceram por escadas débeis para o fundo da Fissura, a atravessaram, subiram pelo outro flanco por improvisações precárias, mas marcharam determinados, usando *mac* e magia quase instintivamente, de forma que coisas comuns como machucados pequenos, fome ou frio não os atrasassem.

Os olhos dos quatro estavam cravados no monte de destroços ao longe que, aos poucos, ia se avolumando. A Cuzpola foi consultada mais uma vez, e confirmou que o ponto marrom sobre a vista da área, correspondente a Shenu, continuava no meio das ruínas.

Márcio olhou para o céu, bem acima de onde estavam. Viu uma grande extensão de firmamento muito mais escura do que deveria estar, pois, apesar de Ginhaissu não iluminar muito, ainda assim sua luz em quarto crescente atingiria o mundo, e agora mal enxergavam a própria silhueta dela. Além da ausência de todas as luas, quase todas as estrelas que ele conhecia haviam desaparecido.

Mas uma delas continuava lá. Fixa, brilhando com a intensidade de sempre, até mais forte. Aquela mesma estrela errante permanecia acima, ainda que ela estivesse brilhante daquela mesma forma alguns dias atrás em uma posição completamente diferente no céu da ilha Agerta. Márcio finalmente compreendeu o que aquele astro significava no exato momento em que Dominique tomou impulso e voou na frente até a fonte de luz, vários metros adiante, onde devia estar um amontoado de destroços, e a sentinela do fogo teve que deixar sua revelação para depois. Apressaram o passo e, alguns minutos mais tarde, encontraram o gênio pairando no ar, incapaz de avançar sozinho, pois o que havia diante deles não eram os destroços e pilhas do mármore iridescente que compunham as paredes do palácio.

Os escombros tinham sido agrupados e reordenados, e um monumento surgira no lugar. Não havia um único sinal das pedras claras de brilho arco-íris do antigo lugar, pois tudo estava coberto por uma substância preta semelhante a piche, e, quando os jovens se aproximaram, descobriram que as paredes não estavam imóveis: estremeciam ligeiramente, pulsavam, e delas emanava um cheiro como ferrugem. Suas torres altas e afiadas como agulhas estendiam-se na direção do céu, e seu interior estava iluminado por uma claridade intensa, que escapava por minúsculas frestas ao longo das superfícies.

Ao se aproximarem, Márcio percebeu que suas tentativas de se manter calmo não estavam dando certo, porque o coração estava acelerado, a respiração não era mais natural, e suas mãos estavam tão suadas que o Cetro da Luz escorregava por elas. *Má ideia carregar dois Objetos Supremos numa mesma expedição*, pensou ele, já que o Cetro e o Lampejo estavam reagindo ao seu estado de espírito, mas cada uma ao seu modo, e ele só conseguia se sentir mais zozinho e nervoso do que deveria.

— Que porcaria é essa? — Nique indagou.

— O Cristal Rosa não pode ter criado isso tudo, pode? — Jadhe questionou, a voz um tantinho mais aguda do que o normal.

— Nós quebramos aquela coisa! — Yoná protestou. — Nós destruímos aquele negócio, ele ficou em pedacinhos!

— Fériik disse que ele estava se reconstituindo...

— Mesmo se sobrasse alguma magia nele Márcio, uma joia mágica não precisa de alguém que a controle para fazer alguma coisa? — Jadhe perguntou. — Objetos inanimados não têm vontade própria!

— O Tesouro de Caularom estava agindo por conta própria — o gênio se lembrou. — No Palácio de Landell, quando o apanhamos, era a própria joia que estava criando mecanismos de defesa para não ser encontrada...

Márcio olhou para Jadhe e para o Tesouro de Caularom e lembrou-se das conjecturas que fizera antes de partir naquela missão. Abriu a boca para falar, mas percebeu que o que tinha para dizer levaria tempo demais; entretanto, tinha certeza de que as coisas não tinham acontecido bem como os amigos pensavam.

— Isso vai além de tudo o que pensamos — disse Yoná. — Temos que avisar Pablo e Diana. Precisamos trazer os Águias e colocar fim neste troço antes que ele faça alguma coisa... mais maligna.

— Não temos tempo. Shenu está lá dentro — disse Jadhe de repente.

Nique tirou uma adaga da cintura e apertou firme o cabo dela.

— Ele não pode estar lá dentro. Não pode ter ninguém lá dentro, fizemos uma magia, nós fizemos uma droga de barreira mágica, ninguém poderia entrar lá dentro!

Jadhe virou-se de frente para Dominique e reafirmou:

— Ele está lá dentro. Sinto a mente dele em sofrimento. Ele está vivo, mas perturbado. Precisa de nós.

Márcio olhou para os amigos e percebeu que os três pareciam ter congelado num momento, como se estivessem esperando uma ordem. Depois que Pablo tinha

assumido o posto de general ele havia se tornado um líder natural, e ali, entre os quatro, faltava um comando. Decidiu tomar uma atitude.

— Muito bem — disse a sentinela do fogo, voltando-se para o prédio. — Escutem. Eu vou. Cada um de nós passou por algo aqui, e não é justo exigir que todos entrem neste lugar com a mesma convicção, portanto...

— *Peraí*, quem foi que te nomeou chefe de alguma coisa? — perguntou Yoná.

— Eu tenho dois Objetos Supremos, mais que qualquer um de vocês. Por isso, acho que é meu dever...

— Não faça isso — disse o gênio com um sorrisinho sem graça no canto da boca.
— Você não tem a mesma classe de Pablo.

Márcio riu. Com “classe” Nique falava sobre as explosões gritadas do irmão. Yoná sacudiu os cabelos, empinou o nariz e seus olhos assumiram um brilho de aço.

— Certo, vamos recuperar nosso amigo. E não pense em mandar em mim, Márcio Adenetti, eu não vou obedecer a você — ela disse, e saiu marchando na frente, resoluta, na direção do prédio.

Os jovens não tiveram dificuldades em entrar na construção, mas à medida em que avançavam suas pernas começavam a pesar, seus corações ficaram descompassados e as bocas ficaram secas. A barreira mágica que tinham criado para impedir as pessoas de acessarem os restos do paço claramente não existia mais, e qualquer um poderia entrar ali, se quisesse, apesar de Márcio duvidar muito que alguém, de boa vontade, adentrasse aquela construção. Na medida em que se aproximavam, o cheiro acre ficava mais pungente e transformou-se em algo ácido e nauseabundo, como as entranhas de um animal carniceiro. As sentinelas tiveram que cobrir suas bocas para seguirem em frente.

De perto, as colunas cilíndricas eram ainda mais impressionantes do que à distância, e a telepatia de Jadhe voltou a se descontrolar. De repente, tudo parecia um tanto surreal, um pesadelo sufocante. Havia, de cada lado, escadas largas de seis degraus levando a patamares abertos entre os obeliscos, e quando passaram entre elas Márcio sentiu um calafrio na espinha. A coisa negra que cobria toda a extensão visível parecia um labirinto de artérias coronárias, e um líquido transparente descia por elas. Uma névoa espessa adensava o calor e impedia que vissem muito do chão, mas podiam sentir os pés tocando num solo macio, diferente

demaís do chão de pedras polidas que havia antes ali. Filamentos tremulantes se entrelaçavam entre as torres, formando emaranhados negros que pareciam teias de uma aranha muito grande. E, por todos os lados, um som retumbante preenchia o espaço, uma batida grave e baixa que soava no compasso da palpitação da luz esverdeada que, fosse por ilusão, fosse a realidade, fazia as paredes se moverem, parecendo respirar. Tudo o que conseguiram falar foi através de sussurros, pois Jadhe não conseguiu concentrar-se o suficiente para intermediar a conversa mental.

— Onde ele está, Jadhe?

— No meio dessa coisa.

— Este lugar... ele está...

— Não diga “vivo”, Dominique, já passamos por isso dentro daquele navio amaldiçoado.

— Mas ele parece estar...

— Márcio, você não pode...

— Sinceramente, eu não estou muito certo se quero ver a verdade sobre este lugar. E se o Cetra me mostrar que estamos caminhando para o estômago de um monstro de magia?

— A luz vem dali. De trás daquele muro.

Tomando fôlego como se estivesse prestes a entrar num lago turbulento, Márcio acompanhou a parede até o alto, onde viu que o lugar não tinha uma cobertura: entre o complexo de teias viscosas e grandes massas macilentas era possível vislumbrar a Lincariell, que brilhava solitária exatamente sobre o castelo. Aumentou o passo, sentiu a mão de Yoná fechar-se em seu antebraço direito, ultrapassou o obstáculo.

O RAPTO DA PRINCESA

Por um momento, os jovens pensaram que seriam ofuscados pela intensidade da luz, mas uma vez que os olhos se acostumaram puderam enxergar os contornos de sua fonte. A chuva de fragmentos, que antes formava o Cristal Rosa de Zebarã, agora estava agrupada numa imensa esfera de estilhaços, e a luminosidade esverdeada vinha de cada pedaço do berilo, que nada mantinha da cor original. A bola estava suspensa quinze metros do chão, conectada ao restante do prédio pelas cordas pegajosas, algumas transparentes, outras pretas, e seu brilho aumentava e diminuía num ritmo que lembrava uma respiração.

E, preso à joia estilhaçada, desacordado, enlameado, os braços, os pés e o pescoço amarrados por aquela teia preta, estava aquele que as sentinelas tinham ido procurar.

— Shenu! — chamaram os quatro.

— Eu vou até lá — disse Dominique, preparando o voo, mas Márcio interveio.

— Espere! Não toque nele, não ainda.

— Precisamos tirá-lo de lá! — Jadhe protestou, mas Márcio não estava gostando nada daquilo. Ninguém por perto, e seu amigo atado daquele jeito... Não parecia coisa apenas de uma joia mágica descontrolada. Voltou-se para Yoná.

— Pode mandar uma mensagem para ele? Chamá-lo através do som?

A garota assentiu. Colocou as mãos em concha na frente da boca, e falou baixinho dentro dela. Quando terminou a frase, lançou-a no ar e, usando seu *mac*, fez com que as ondas de som propagadas dentro de sua mão não se dispersassem e chegassem ao ouvido de Shenu.

— *Pode me ouvir amigo? Viemos buscar você!*

Shenu apenas balançou de leve a cabeça, como se sacudido no meio de um sono profundo.

— Me deixem tentar — disse Jadhe, e fixou o olhar no rapaz. Através da telepatia, ela o chamou.

Márcio sentiu um baque na testa, a visão ficou escura por um instante, e quando deu por si, Jadhe tinha sido arremessada e caía de costas no chão a três metros de onde estava.

— O que foi isso?! — Nique perguntou, voando rapidamente para ver se a garota estava bem.

— Foi ele! — Jadhe respondeu, surpresa. — Shenu revidou, me atacou com uma espécie de... safanão mental!

— Telepatas podem fazer isso? — perguntou Yoná com desconfiança, ao que Jadhe respondeu:

— Eu não sei! Nunca ataquei você, ataquei?

— Chega, eu vou tirá-lo de lá — disse Dominique, e antes que Márcio pudesse protestar, o gênio já decolara e voara para o prisioneiro.

O gênio parou no ar, batendo asas para se manter mais ou menos na frente de Shenu, e analisou o rosto do amigo. Chamou-o, mas nada aconteceu. Então o abraçou e apoiou os pés no amontoado de pedaços do Cristal Rosa, que, de perto, estavam bem mais fundidos do que as sentinelas percebiam do chão, e deu um impulso com os pés e com as asas, tentando arrancar o prisioneiro das amarras gosmentas.

Um súbito clarão ofuscou o lugar, e quando Márcio enxergou outra vez, Nique também tinha sido lançado longe, e se estatelara na parede de uma daquelas colunas horrendas. Yoná e Jadhe já se dirigiam ao rapaz para ver se ele estava bem quando ouviram um baque pesado e se voltaram para Shenu.

Que tinha se soltado dos barbantes, e caíra daquela altura com um peso que não era o dele, e que formou uma pequena cratera no chão.

— Shenu? — Márcio perguntou.

A sentinela das sombras ergueu a mão, ainda com os olhos fechados, e Márcio sentiu uma pancada acertá-lo no peito e ele também foi arremessado sem fôlego.

— Ah não. De novo não — murmurou Yoná.

— De novo o que? — Márcio perguntou, quase afônico.

— Shenu está sendo controlado por alguém... Talvez pelos restos do Saldraléctér — constatou Jadhe.

— É, e eu já lutei com ele assim antes. Quando Yara dominou vocês dois — disse Yoná, olhando para Márcio.

De repente, Shenu abriu os olhos, e não havia sinal de íris neles. Estavam tomados de preto, de um jeito que fez o estômago de Márcio revirar. Deu um grito grave e longo, e os jovens estremeceram ao perceber que nem o brilho da joia maligna conseguiu iluminar além das colunas mais próximas do centro da construção, pois o poder da sentinela das sombras obscureceu o resto, criando uma redoma de treva sobre o grupo de sentinelas. Uma ventania infausta soprou de todas as direções convergindo para o rapaz, e Márcio teve certeza de que, de algum jeito, aquele poder todo fatalmente os iria ferir.

— Shenu! — Dominique chamou.

— Não vamos ter que lutar com ele, vamos? — Yoná quis saber, já se colocando na posição de defesa de uma luta corpo a corpo.

— Talvez não — disse Márcio, aumentando o tom de voz, pois a lufada ululava como uma besta lamuriosa. — Jadhe, congele as pernas dele!

A moça assentiu, abaixou-se com um joelho no chão, colocou as mãos sobre a terra e um caminho de frio partiu delas na direção do amigo.

Antes que a rajada chegasse até ele, Shenu abandonou a invocação de poder e voltou-se para o grupo. Fechou os punhos e posicionou-se como se fosse atacar, e, embora permanecesse imóvel, quando o gelo tocou os pés do rapaz o poder de Jadhe estacou e não conseguiu avançar. O duelo de *mac'z* criou uma onda de choque e as outras sentinelas foram remetidas para trás; Shenu abriu as mãos e fez um gesto de empurrão, lançando um feitiço que transformou o próprio *mac* em uma corrente elétrica, que viajou *através* do gelo. Fagulhas e estalos estouraram no ar, e Jadhe convulsionou num turbilhão de luzes, eletrocutada.

Nique gritou por Jadhe e voou para socorrer a amiga, e Márcio e Yoná se voltaram para a sentinela das sombras. Aquela transformação elétrica estava muito além dos talentos mágicos normais de Shenu, e Márcio teve certeza de que ele não estava apenas sob a influência dos restos da joia mágica de Zebarân: havia *alguém* por trás daquilo, uma pessoa. Gritou, tentando chamar o amigo à razão, mesmo sabendo intimamente que não iria funcionar. Sentiu o próprio corpo aquecer, pediu para que Yoná se afastasse e emanou uma torrente de chamas de suas próprias mãos.

O fogo não atingiu Shenu: antes de chegar a ele, as chamas se dividiram em jatos que passaram de cada lado do andarilho e se dissiparam rapidamente. Jadhe estava desacordada, Yoná levou a mão ao cabo da espada, assim como Dominique, Márcio já preparava um novo jato, mas antes que pudesse lançar seu poder sentiu o equilíbrio falhar e foi tragado pela terra, transformada num poço de areia movediça.

Dominique agiu rapidamente e voou na direção do amigo, enquanto Shenu caminhava a passos lentos na direção dos quatro. O gênio segurou o braço de Márcio e puxou-o para cima, e quando Márcio conseguiu se segurar na borda sólida da armadilha mágica, ouviu Shenu murmurar um mantra numa língua desconhecida, e o gênio foi puxado por mãos invisíveis. Daquele jeito, Shenu ia acabar quebrando as asas de Nique, e Márcio, pendurado como estava, mal podia se sustentar, que dirá impedir o possuído de concretizar o golpe.

Ouviu um grito, Yoná atacou o andarilho com o cabo da espada, a força foi suficiente para desestabilizar a magia dele e libertar Dominique. Shenu se virou para a garota e ela disse qualquer coisa; em seguida gritou com todos os seus pulmões, usando o *mac* do som para amplificar as ondas sonoras e atingir o adversário, que foi atirado de costas.

Yoná tentou socorrer Márcio de volta à terra, mas Shenu levantou-se rápido demais, e quando a garota se virou, pronta para lançar mais um grito violento, caiu de joelhos, apalpando o rosto e a cabeça. Virou-se para Márcio e os olhos dele se arregalaram de espanto: a bruxaria de Shenu tinha feito todo o rosto de Yoná desaparecer.

Dominado por aquele poder destrutivo, o andarilho se colocou em pé novamente e seu *mac* avolumou-se sobre o grupo, escurecendo os arredores ainda mais: quanto mais sombras Shenu invocava, maior era a energia que ele podia transformar em bruxaria. Márcio observou Dominique adejar e teve uma ideia desesperada.

— Precisamos de vento! De uma grande coluna de vento!

— Um tornado? — o gênio se espantou. — Eu nunca consegui um tornado!

As trevas rugiam e espiralavam, e um fragor dolorido roncou nos ouvidos dos combatentes.

— Então *deseje*, gênio! Não precisa ser forte, só precisa desnorteá-lo! Desça um tornado sobre Shenu! — Márcio tinha que gritar, pois a concentração de poder era estrondosa. — Rápido, Yoná não tem muito tempo!

Nique obedeceu, e, fosse impressão ou não, Márcio sentiu estalos pelos braços, num sinal de estática que ele quis relacionar com a realização de um *desejo* do gênio. Enquanto o amigo subia e a figura de Shenu ficava borrada na escuridão que ele invitava, Márcio içou-se para fora da poça movediça e abraçou Yoná, torcendo para que seu gesto a ajudasse a conter o desespero da asfixia pelo menos por um segundo.

Súbito as sombras se ampliaram e Shenu tomou um grande fôlego, pois o poder de que precisava já estava em suas mãos. Voltou seu rosto para o alto, para o lugar onde estava Dominique, e estendeu as mãos; mas antes que pudesse lançar qualquer encantamento, um dedo escuro e sibilante desceu das nuvens e caiu sobre o bruxo de uma vez, numa monstruosa coluna de vendaval espiralado.

Imediatamente Yoná sorveu o ar e Márcio viu novamente suas feições, e pensou que nunca tinha visto a moça tão miseravelmente apavorada. Apertou-a no abraço, e esperou que Nique voltasse ao chão, mas quando o gênio apareceu e praticamente ficou ao lado dos amigos, o tornado continuava dançando e ganhando força.

— Não consigo controlá-lo! — gritou o gênio.

— Use o poder do Relógio! — Márcio gritou de volta.

Dominique sacudiu a cabeça pois a ideia não lhe agradava, mas apanhou o Relógio do Último Tempo, aquele que supostamente era o Tesouro mais perigoso e destrutivo de todos. Convocou o poder da joia sem saber o que estava realmente fazendo e sentiu a energia passar através de seus braços e peito na direção da coluna e sorver sua energia, consumindo-a, fazendo a ventania apaziguar. Entretanto o próprio Tesouro era voluntarioso, e vários dos monólitos sombrios explodiram em nuvens de poeira e fagulhas.

— Nique! — berrou Yoná, quando chispas de eletricidade estouraram ao lado dela.

— Pare esta coisa! — Márcio berrou, e jogou-se no chão para evitar ser atingido pelos filamentos de energia que estrugiam em volta e faziam as rochas que tocava se desintegrarem.

Mas Dominique tinha outra ideia. Não, ele não ia parar a descarga da joia: ia controlá-la. Pensou em Ártemis, sua mestra e mãe, morrendo na frente dele, pensou em Jadhe ferida, pensou no poder destrutivo do Objeto Supremo, e *desejou* saber, *desejou* entender. E soube que conseguiria.

Pressionou o mostrador mágico contra o chão e viu, dentro dele, os ponteiros imantados do tempo deslizarem perigosamente para a posição de acionamento. Apertou a joia com uma mão, e a outra estendeu na direção dos restos do Saldraléctér; como um animal que percebe a ameaça, a luz da pedra fragmentada pulsou mais rápido e um lamento espectral veio dela, os suspiros finais da joia maldita do rei. A corrente de magia atravessou o corpo de Dominique e ele *desejou* que desse certo; os cordões de luz amarela alcançaram os obeliscos do Castelo de Piche e explodiram no pulsante cristal fragmentado.

Nique gritou, o poder do Relógio era amplo e fez seu corpo retesar de dor; seu coração foi comprimido e não havia espaço para respirar; sentiu as ondas de poder do Saldraléctér invadirem seu espaço e o atacarem. Mas a coisa estava enfraquecida, e o Relógio tinha sua própria alma. O poder dele envolveu o tesouro de Zebarân num engradado de força, e barras luminosas comprimiram os restos do cristal. O gênio vacilou, suas mãos não puderam suportar tanta força, e ele *desejou* que acabasse logo. Sentiu o estalo dentro dos ouvidos, as mãos formigaram, e entendeu, de repente, o que devia fazer com seu próprio poder para que o desejo funcionasse. Apertou o Relógio com mais força; transferiu seu *mac* para a Joia Suprema, então obrigou-se a puxar a energia de volta para si, e um clarão esticou-se dos fragmentos da pedra do rei para dentro do mostrador. E cessou de uma vez, deixando no ar um zumbido de estática e uma nuvem de poeira.

Yoná foi até o gênio, temendo que ele não conseguisse conter o Relógio, mas Dominique estava bem e a luz que vibrava no Objeto Supremo diminuía até evanescer por completo, e seu portador, exausto e trêmulo, desabou de lado, sem forças para se levantar.

— Sumiu. O Saldraléctér se foi! — Márcio constatou, olhando, por todo lado, sem encontrar nem sinal dos fragmentos.

— Como se nunca tivesse existido — disse Yoná, quando o chiado de estática se desfez.

Márcio deixou os amigos e foi até Shenu, e o encontrou desacordado em meio a um monte de entulho. O rapaz gemeu, prestes a acordar, mas Márcio logo percebeu que, o que quer tivesse acontecido com ele, não era culpa do Saldraléctér. Sem camisa, o peito de Shenu ainda estava inchado e cheio de músculos e veias pretejas, e os olhos abertos continuavam sem sinal de presença humana, revirados e negros.

A sentinela agiu rápido antes que o amigo acordasse, e tocou, com a ponta do Cetro da Luz, a testa do rapaz. A luz do Objeto cresceu e envolveu o andarilho, mas a treva que permeava Shenu brigou e relutou em abandoná-lo. Márcio investiu mais energia, suas mãos aqueceram; a sombra tremulou, mas continuou firme. A sentinela do fogo respirou fundo, buscou o *mac* e canalizou-o para a Joia Suprema, que brilhou; o Cetro emitiu uma luminosidade cálida, que permeou a pele de Shenu. A sombra o deixou, um ser de escuridão que dispersou no ar assim que abdicou do corpo de seu hospedeiro.

Shenu estremeceu e se sacudiu, como se acometido por um pesadelo, o inchaço diminuiu e desapareceu, os músculos voltaram ao normal e as íris surgiram novamente, pretas e brilhantes, no meio de órbitas brancas. Por fim, os vasos negros dissiparam-se de sua pele e ele abriu os olhos de vez, o brilho da vitalidade voltando a eles.

Márcio expirou. Yoná mancou até se aproximar de Shenu, deixando Dominique onde estava, pois o resgatado não tinha força nenhuma para se mover. Mas, ao invés de agradecer, rir ou chorar, Shenu olhou para os amigos alarmado.

— Não deviam ter vindo aqui...

— Viemos buscar você — disse Márcio, pensando no que diria Pablo quando lhe contassem como fora a missão de resgate e por que estavam tão arrebatados.

— Se eu te encontrar dominado por magia maligna mais uma vez, eu juro que dou as costas e te deixo como está — comentou Yoná, passando as mãos pelo nariz, pela boca e pelos olhos.

Shenu tentou levantar-se e cambaleou, então apoiou-se sentado e começou a resmungar “não, não, não, não, não”.

— Era uma armadilha! — disse, por fim.

Congelados no momento, os sentidos das sentinelas se aguçaram para qualquer ataque, mas Shenu expirou de cansaço. Ainda sem levantar, Nique girou o pescoço e, alarmado, perguntou:

— Onde está Jadhe?

Onde ele tinha deixado a amiga inconsciente não havia nada. Chamou o nome dela numa voz rouca, mas não adiantou.

A princesa dos indarae tinha sido levada.

* * *

— Ela se foi Nique, ela se foi! — Shenu gritou, tentando fazer o amigo se acalmar. Dominique tinha tentado voar algumas vezes, mas estava exaurido, e ele acabara de despertar de um desmaio. Já queria decolar de novo, mas, desta vez, Márcio e Yoná o pressionaram no chão. Sentado, também exausto, Shenu continuou: — Você não vai vê-la do alto. Ele a levou.

— Quem a levou? — Yoná perguntou, e Nique finalmente se acalmou, não por aceitar a impossibilidade, mas por não encontrar forças nem para mover o pescoço.

— A gente pode falar sobre isso voltando para o acampamento?

— Não vamos sair daqui! — Nique exclamou. — Eu não saio daqui até encontrá-la!

— Este *desejo* não vai se realizar. A essa altura, ela já está no Continente Maior — disse Shenu, tentando ficar de pé.

— Responda, Shenu! Quem levou Jadhe? O que querem com ela?

— Caras... Vocês não vão acreditar...

— Isso a gente vê — Márcio falou. — Quem a levou?

O andarilho ajudou Márcio a sustentar Dominique para que comesçassem a se afastar dali, mas virava a cabeça para várias direções, hora fitando uma estrela,

hora admirando uma árvore, e Márcio teve medo de que o amigo tivesse perdido um pouco do senso, como tinha acontecido com o irmão dele.

— Não vamos chegar ao acampamento em menos de cinco dias! Precisa nos explicar o que está havendo! — Yoná pediu.

— Quem a levou?! — Dominique esbravejou, parando de andar e largando-se no chão. Conformado, já que também precisava muito de um descanso, Shenu sentou-se na terra também.

— O nome dele é Macrux.

— Macrux? — Yoná repetiu. — E nós o conhecemos?

— Ah, conhecem sim, todos conhecemos — respondeu Shenu. — Ele é o Imperador.

Márcio puxou na memória os nomes de todos os imperadores que conhecia, e não se lembrou de nenhum Macrux.

— Imperador de onde? — Yoná perguntou. Talvez fosse o nobre de algum povo de Aduna. Mas Shenu riu nervoso e respondeu com um dedo apontado para o céu.

— O Imperador do Oeste, minha gente. O cara que roubou o Sol.

Yoná e Dominique se entreolharam tentando processar a informação, mas Márcio encaixou rapidamente todas as peças que tinha juntado desde que decifrara o código de Mayala e concluiu que agora tudo fazia sentido.

— Eu não fiquei doido.

— Tudo bem, conte o que aconteceu — pediu Dominique.

— Certo. Quanto tempo fiquei aqui?

Márcio pensou. — Férík se comunicou conosco há onze dias...

— Onze dias, mais os dias que ele deve ter vagado por essas bandas sozinho... Tenho a impressão de que foi mais ou menos um mês — completou Shenu. — Corja pulgenta! Cara, vou ter muitos problemas...

— Essa coisa começou a se espalhar um mês atrás. Senti como uma nuvem de tempestade chegando, mas não na minha pele: eu senti no espírito, se é que me entendem. Senti com o *mac*. No começo fui só eu, mas em menos de um dia a massa de escuridão ficou visível a olho nu, e lembrei de Yara e daquela nuvem que ela produzia com a Pérola, e achei que não faria mal dar uma olhada.

— Mas Yara morreu — Yoná afirmou, e ficou claro o quanto era importante para ela que aquilo fosse verdade.

— É, ela morreu sim, mas... Bom, podia ser algo do tipo. A propósito, você acabou com a minha audição quando você e ela gritaram no meu ouvido daquela vez. Só posso entender as coisas quando olho para os lábios das pessoas, pensem em como tem sido pra mim aprender a língua dos aduninos...

Márcio não disse nada, preferiu não revelar que Yoná acabara de gritar novamente no ouvido de Shenu e que isso, provavelmente, tinha aumentado o estrago, mas percebeu que era essa meia surdez de Shenu que o estava deixando mais estranho que de costume.

— Você roubou minha boca — Yoná acusou, e Shenu olhou para ela curioso.

— Eu não sei fazer isso — ele disse.

— Mas foi o que você fez.

Shenu deu de ombros.

— Pelo menos você a tem de novo. Meu ouvido não volta mais. Estamos quites.

Novamente Márcio não disse nada para não interromper a narrativa, mas pensou que devia lembrar de contar ao amigo que a magia dele quase matara Yoná.

— Quando eu cheguei havia esse monte de colunas babosas, e uma nuvem no chão. A coisa, o Cristal, estava brilhando, mas bem menos. Eu entrei para investigar e Fériik foi atrás de mim. Acreditam? Ele anda atrás de mim em qualquer lugar agora. Depois de passar a vida toda me culpando por ter deixado que ele fosse levado, sabem o que ele me falou quando o encontrei? Me chamou de idiota. Eu disse: *Fériik*, e ele me disse: *você é um idiota*. Depois cuidou dos meus machucados, porque eu estava um caco, e começou a andar atrás de mim feito uma sombra.

— Quando entramos naquele lugar eu espalhei meu *mac*, mas não vi nenhuma pessoa. Achei que era seguro, mas aí e eu vi a coisa, e soube que tinha algo errado na hora. Havia uns pedaços colados nos outros, como se a pedra estivesse se consertando. Então peguei uma lasca e achei que, se um pedaço faltasse, a coisa não poderia ficar inteira. Mas, quando ia sair, o Cristal acendeu e umas... Umas...

O rapaz ergueu os pulsos e olhou para eles, estremecendo, e não foi capaz de completar o que ia dizer.

— Então você foi amarrado — Dominique o ajudou. — Por aquelas cordas negras.

— É, por aquelas *veias*... Veias mágicas do Saldraléctér.

— E você ficou preso ali desde então?

Shenu ficou de pé e os outros seguiram seu exemplo. O esgotamento inicial já tinha passado e sons bestiais brotaram da escuridão.

— Tem hienas nessa área, não gosto de como elas riem... Vamos andando enquanto conto — o andarilho pediu, e logo recomeçou a narração: — Joguei o espelho e a lasca para Fériik e gritei para ele buscar ajuda e que avisasse o general. Ele entendeu a parte do general, suponho, porque conseguiu entrar em contato com vocês. Mas ainda bem que não trouxe mais ninguém, porque não tinha como me tirar de lá.

— No início nada aconteceu. Fiquei um tempo preso, gritando por ajuda, com fome e com sede. Tentei me livrar das amarras com força, com magia, com *mac*, mas nada acontecia. Fiquei preso que nem um “X” de costas para a luz, sem ninguém por perto.

— Aí eles apareceram. Um casal, um ruivo alto, — ele disse, medindo a altura do homem com as mãos — com jeito de militar. A mulher era alta também, morena de cabelão preto e cara debochada. No começo não diziam nada, só ficavam ali me olhando feito marrotes espiando carne podre. Eu gritava e perguntava o que queriam, mas eles não falavam. Já tinha me conformado que fossem me deixar morrer, mas então...

A voz dele vacilou e levou as mãos ao tórax, o que fez Márcio gelar. Yoná o fez parar de andar e o segurou de frente a ela. O colete esfiapado que o amigo usava mal cobria sua pele, e era possível ver uma porção de cicatrizes grossas mais ou

menos retas. Com uma gentileza que Márcio nunca tinha visto na garota, Yoná afastou o tecido do colete e deixou o peito do rapaz à mostra, e os três viram, aterrorizados, que as costas, o peito e os braços de Shenu estavam cobertos de cicatrizes de chibatadas e queimaduras.

— Ele fez isso com você? — Dominique perguntou.

O rapaz puxou o colete de volta para o corpo e voltou a andar.

— Essas são só as recentes. O cara vinha, — ele moveu o braço como se brandisse um chicote — eu gritava, apagava, acordava, estava livre, no chão, mas sem força pra nada. Aí a mulher me dava água, comida e me curava com magia. Ela *me curava*, aquela vaca! Eu apagava outra vez, e quando dava por mim, estava preso de novo.

— E o que fizeram com Jadhe? — Nique já estava ficando impaciente.

— Eu vou chegar lá, se acalme — Shenu respondeu, não exatamente tranquilo, mas cansado demais para andar ou falar mais rápido. — Perguntei muitas vezes o que queriam, nunca tive resposta. Os primeiros dias foram assim, depois a coisa mudou. Ele começou a vir transformado... Se disfarçava de vocês. De todos vocês! E percebi que ele tentava invadir minha mente, me forçar a acreditar que eram vocês que estavam me dando aquela surra.

— Só que não foi uma coisa muito inteligente. Sabem, Yoná bem combinava com aquele chicote e toda aquela raiva, eu também não arriscaria provocar a fúria da Jadhe com aquele brilho matador que aparece nos olhos dela de vez em quando, e acho que até Pablo seria capaz de uma coisa assim contra alguém de quem não gostasse, mas Diana segurando um troço daqueles? Nem chovendo bolinhas amarelinhas... Um mês... A Di deve estar enorme...

— Sim, ela está, mas o que aconteceu depois? — Márcio cortou, e teve que repetir a pergunta olhando Shenu bem de frente para ele ouvir.

— Bom, eu notei que ele só se disfarçava de vocês. Se fosse alguma coisa contra *mim*, ele teria se transformado em Fériik ou em Ludi, mas ele não apareceu sob a forma dela nenhuma vez.

— Sobre a forma de quem? — Yoná perguntou.

— Ludi. Ela é adunina. É uma... Uma...

Pelo visto, não era só a audição de Shenu que estava com problemas, já que ele tinha dificuldades em terminar várias frases diferentes.

— Namorada — Nique falou pelo amigo.

— É complicado.

— Hm... Eu pensei que...

Márcio começou a dizer, mas mordeu a língua, pois, pelo olhar repressor de Yoná, aquele não era assunto para ser levantado na frente de Dominique, que encolheu os ombros. Mas Shenu deu um sorriso maroto e olhou para cima. — A vida é curta, rapazes, e as luas mudam de fase. Eu não sou homem de lamúrias.

Uma voz repentina sobressaltou os jovens.

— Não, não é homem de lamúrias. É homem de surpresas e sustos, de lamúrias não...

— Férik! — Nique, Márcio e Yoná exclamaram, mas Shenu, cruzou os braços e enfiou as mãos dentro do colete.

— Como chegou aqui? — Yoná questionou, olhando ao redor. Não havia muitos lugares para se esconder, só moitas e árvores secas, mas o escuro era tão denso que não seria preciso uma camuflagem elaborada para manter uma pessoa oculta.

— Duas pessoas. Eu não quero aquelas duas pessoas junto de mim, duas pessoas cheias de fricotes! Eu fui embora e eu mandei eles embora.

Shenu encarou Férik.

— Você mandou quem embora?

— Acho que sabemos — disse o gênio. — Lavoér e Alibeth, os inspetores da Aliança Maior. Vieram conosco. Mandou eles embora pra onde?

— Mandeí eles embora — Férik respondeu simplesmente.

Yoná não estava satisfeita: — E como veio parar aqui?

Shenu respondeu pelo irmão: — Como eu disse, Férík é minha nova sombra. Deve ter seguido vocês quando soube que viriam pra cá.

— E nós nem percebemos? — Dominique se alarmou.

Márcio, de repente, olhou para o céu.

— Temos sido seguidos há muito tempo sem perceber.

Shenu apenas continuou a falar e a andar.

— Se vai vir junto é melhor se apressar, ninguém vai parar pra te esperar — falou, e Férík enfiou as mãos dentro do próprio casaco igual ao irmão. — Conheci Ludi aqui, mas o cara não estava interessado em usar a imagem *dela* contra mim, só a de vocês, e ficou claro que, o que quer que ele quisesse, era sobre nós, sobre as sentinelas de Octoforte. Então eu fiz uma loucura e baixeí a guarda. Eu deixei ele entrar.

— Na sua mente? — Dominique se espantou.

— É. Eu precisava saber quem era o cara e o que ele planejava, e só dava pra ter uma ideia se eu invadissem a mente dele, coisa que só consegui fazer parando de me preocupar com minhas defesas. Vocês sabem, eu não tenho nem um décimo do controle da nossa amiga da água.

— Aí eu vi tudo. Eu vi... Tanta coisa! Ele é Macrux, o imortal que enfeitiçou a luz do Sol, e ele viveu vagando por aí entre os mundos. Ólie Fauret, aquele calhorda, era amiguinho dele. Um peão idiota que estava sendo usado, mas, recebendo anéis de ouro e aprendendo os ciclos do Portal para a Terra, vendeu-se num instante. Imbecil, se Verônica não o tivesse matado, ele teria morrido em um ou dois anos por causa dos testes que fez em si mesmo.

Yoná comentou:

— Diana encontrou notas; não imaginamos que fizesse em si mesmo.

— Doenças. Pragas. Da Terra — falou Shenu. — Coisas que ele experimentou para ver se combinavam com outra coisa que ele tem. Um tipo de fluído, o mesmo que cria essas gosmas pretas.

— E o que ele quer fazer com isso? — Márcio se alarmou.

— Isso eu não consegui ver, faz parte do plano dele, mas não pode ser nada bom, não é? O cara e a mulher dele passaram um tempão na Terra, e só uma pessoa os viu atravessar o Portal, meu antecessor — Shenu parecia desesperado, e Mário se virou para Yoná furiosamente, com uma expressão de “eu não disse? ” — Foi Macrux quem ensinou tudo o que Zebarân sabia, foi quem o transformou em imortal! Está por trás de tudo, foi por ordem *dele* que Zebarân selou o Portal para Cermalháct!

— Mas por quê? — Yoná questionou, reconhecendo, em desespero, que devia ter ouvido Márcio com mais atenção.

— Para prender todo mundo aqui dentro. Impedir as pessoas de terem pra onde fugir.

Márcio sentiu uma ligeira pontada de dor de cabeça. Impedir as pessoas de fugirem *de um planeta*? Isso significava que ele planejava algo de proporções inimagináveis.

— Acho que as coisas que eu vi foi ele quem me deixou vê-las. Eu não sei qual é o objetivo dele, isso ele não me deixou ver. Mas envolve o mundo todo, e não é coisa boa. Só que ele vai nos atacar primeiro, atacar Octoforte, porque está furioso com nossa interferência destruindo o território de pesadelo do aprendiz dele, e tal.

Dominique puxou Shenu obrigando-o a parar de andar, e implorou: — Onde está Jadhe, Shenu? Onde ela entra nisso?

— Eu não consegui entender o que ele quer com ela — Shenu respondeu, as sobrancelhas apertadas num esforço para se lembrar de mais alguma coisa. — Mas ele acha que Jadhe tem algo de que ele precisa, e pretende tirar isso dela.

— O Tesouro de Caularom? — Yoná sugeriu.

— Eu não sei, mas não acho que seja a joia. Ele pretende *criar* alguma coisa, e Jadhe entra na receita de algum jeito...

— Alguma coisa terrível, não é? — Márcio perguntou, preocupado com Dominique. O amigo estava a cada momento mais enjoado.

— E isso importa? — Shenu respondeu. — Ela não vai sobreviver ao processo.

Nique cobriu a boca com a mão fechada, e não era o único prestes a ter um colapso nervoso.

— Vamos atrás dela, cara — disse Shenu, mas, apesar de tentar soar confiante, a sombra que encobria os olhos dele era nítida demais para ser ignorada.

— Como? Não sabemos onde ela está!

— Eu sei que ela foi para o Continente Maior, mas isso não importa, importa? Vamos usar a Cuzpola. Mesmo que tirem a joia dela, Diana já conseguiu nos achar no meio da floresta só pedindo com jeitinho.

Nique olhou para Yoná e a garota colocou-se na defensiva.

— Me dê a Cuzpola.

— Não vou entregá-la.

— Eu preciso ir agora, entregue-me a Cuzpola!

Shenu empalideceu um tantinho com a discussão.

— Amigo, se você sair voando sozinho daqui, vai estar sozinho para enfrentar esse cara. Você mal consegue ficar de pé!

— Vamos voltar ao acampamento, apanhar os espelhos de Diana e falar com Pablo. Voltaremos para Octoforte e reagruparemos nossos soldados. Usaremos todo nosso efetivo — disse Márcio, mas teve a impressão de que Dominique mal escutou.

— Mesmo se você conseguisse voar sozinho direto para onde Jadhe estiver, não vai ser mais rápido do que com a máquina — Shenu falou confiante. — Só precisamos fazer a manutenção dos elásticos.

— A máquina? — Nique se engasgou.

— Vocês vieram no zizerválido, não foi? Onde ele está?

Nique passou as mãos pelo cabelo e agitou as asas, e Yoná suspirou, desolada demais até para se exasperar com o gênio.

— Dominique se esqueceu de que devíamos ter trocado os elásticos no meio do caminho.

Férik soltou uma risada nervosa: — Há! Gênio genial. Muito esperto de sua parte. Eu poderia usar a máquina agora, seria muito útil.

— Você poderia? — Nique franziu os sobrolhos, mas Shenu interrompeu:

— Ele se enxerga no centro de tudo, não estranhe. Mas isso complica as coisas.

— Talvez consigamos algum navio para nos levar até o continente — disse Márcio, pensando nas opções.

Nique já estava calculando se valeria mais a pena voar até alguma das distantes cidades de aduninos para tentar conseguir outro zizerválido, ou se seria prudente partir sozinho, quando um som misterioso preencheu o ambiente. A brisa que varria a estepe ganhou força, e, em meio ao vendaval, um som ritmado se distinguia. Vinha do Leste, da direção oposta à que tinham vindo. Não conseguiam enxergar claramente, porque embora o planalto pobre se estendesse vazio por muitos quilômetros, o céu era de uma escuridão impenetrável, e uma nuvem de poeira levantada pelo vento forçava os olhos a ficarem apertados. Mesmo assim, viram algo vindo na direção deles: algo no céu.

— Márcio — Shenu apontou para o Cetro. — Use essa coisa.

O garoto fechou os olhos e respirou fundo, cobrindo o nariz com uma das mãos para não aspirar areia. Deixou sua energia ser canalizada para o cabo do Cetro da Luz, e sua ponta em forma de foice começou a brilhar. Apontou o Objeto para a coisa em movimento com a certeza de que enxergaria um zizerválido adunino, mas viu outra coisa.

— O que é, ainda não enxergou? — Yoná perguntou impaciente.

— Não tenho certeza do que estou vendo... — ele disse, e baixou a joia. Seja lá o que fosse estava se aproximando, e se dirigia, indiscutivelmente, para o grupo.

O vento abrandou de repente, o barulho ficou mais forte, e era como o som de cobertores sendo sacudidos com muita força. O som batia e voltava, como asas. Quando se aproximou, o grupo viu que não era um único ser, mas cinco criaturas voadoras.

— São... só pássaros — disse Dominique.

— Pássaros enormes — Shenu completou.

Não eram máquinas voadoras, mas seres vivos, e pousaram graciosamente em frente aos membros do grupo. Mesmo com todos os voos que tinha feito na vida, Nique nunca tinha deparado com criaturas semelhantes. Se tivesse visto uma pintura, diria que se tratavam das arraias do fundo do mar que avistaram quando viajaram em Melvim; porém aqueles espécimes eram maiores, com quatro metros de envergadura. Seus corpos não eram lisos como os dos peixes tampouco: eram cobertos por uma pelagem curta de um tom de azul acinzentado. Mantinham-se em pé sobre duas patas grossas e nodosas, como as das galinhas, suas caudas terminavam em pontas que pareciam flechas, e os olhos enormes e negros brilhavam de um jeito que os faziam ter a sensação de já tê-los visto antes, mesmo sabendo que isso era impossível.

— O que são esses bichos? — Yoná perguntou num sussurro.

— Não faço ideia — disse Shenu. — Nunca vi um desses.

— Eu sim — Márcio aproximou-se e sorriu para os amigos sentinelas. — E vocês também. Não se lembram?

Dominique se aproximou de uma das aves e olhou fundo nos grandes olhos brilhantes do animal. O pelo dele era um tanto mais claro que a dos outros, e o bicho pareceu acompanhar com a cabeça o olhar do gênio. Nique tinha certeza de que já tinha visto aqueles olhos antes, mas a lembrança lhe fugia.

— Não pode ser! — Shenu exclamou, estendendo a mão e tocando a cabeça do mais escuro dos bichos, enquanto Yoná alisava o pelo rajado de outro. — *Zaun?*

Nique afastou os cabelos e voltou-se para Márcio, que tinha uma das mãos no Cetro e a outra pressionando a têmpora direita. *Zaun* — palavra da língua antiga que significava “negro” — foi o nome que Shenu dera para o cavalo preto que ele montara tempos atrás, quando os jovens encontraram sete animais selados num estábulo abandonado.

Pensando bem, aqueles cavalos eram bem estranhos...

E os olhos daquele bicho voador esquisito definitivamente eram familiares.

— Você não está doido, amigo — disse Márcio, aproximando-se do gênio. — Nenhum de nós está. Estes *são* nossos cavalos!

— Como podem ser? — sussurrou Yoná.

— Eles nunca foram animais comuns, não é? — Shenu comentou.

— Não, e Jadhe sabia disso, ela sabia! — Márcio exclamou, animado. — Ela ficou com aquele papo de que era tudo postura e tal, mas ela sabia *disso*! Sabia que eles eram quem são!

— Você não tá falando coisa com coisa — Shenu protestou, mas Márcio estava excitado.

— São monstros amigáveis, eu acho que gosto de vocês — Férík falou baixinho, alisando a cabeça do mais claro de todos, que curvou o corpo bastante para que o homem pudesse alcançá-lo.

— Não faz diferença! O que interessa é que são nossos aliados! E vieram nos buscar!

— Você lê pensamento também é?

— Não, mas o Cetro me ajuda a entender intenções.

— Por quê? Por que são nossos aliados se nem os conhecemos? — Yoná perguntou desconfiada.

— Mas nós os conhecemos — disse Márcio, aproximando-se de uma das aves, o que tinha a pelagem mais azulada. O bicho baixou a cabeça e fechou os olhos, e deixou que Márcio o acariciasse. — Não é mesmo? Eles são os Silenciosos de Octoforte.

— Aqueles encapuzados sinistros que moram na biblioteca? — perguntou Dominique. — Aqueles caras são pessoas!

— Não, não são — disse Márcio. — São espíritos. Lhênus disse alguma coisa sobre não poderem falar, que isso faz parte do castigo deles...

— Lhênus?! — exclamaram as outras sentinelas juntas. — Quando foi que ele falou com você?

— Na fortaleza — disse Márcio. — Não tive tempo de contar, e ninguém me deu a chance de conversar sobre isso.

Shenu fingiu não perceber a tensão entre os três e comentou:

— Bom, se vieram nos buscar, vamos partir com eles.

— Partir? — questionou Yoná. — Assim, simplesmente?

— Eu acho que sim; se não, por que eles estariam aqui?

— E o que fazemos com nossos inspetores? — Márcio perguntou, e, ácido, Dominique respondeu:

— Deixamos onde estão. Estão a salvo, e nós estaremos a salvo deles.

— E para onde vamos? — Yoná perguntou, a mochila com a Cuzpola em posição, caso os amigos decidissem procurar Jadhe primeiro.

Márcio, prontamente, respondeu:

— Para Octoforte. Recuperar nossas forças, reagrupar, e planejar mais um resgate.

Dominique concordou com um aceno, deixou-se envolver pelo abraço de uma das estranhas criaturas, mas quando o ser bateu o par de asas externas e subiu ao céu, seu pensamento era um só: tomar a Cuzpola antes que Yoná percebesse o que tinha acontecido e voar bem rápido assim que pudesse.

O DESAFETO DA GÁRGULA

— O que essa aí está fazendo aqui Macrux? — questionou Adnail, e não conseguiu esconder a raiva: seu rosto, todo contraído, se tingiu de roxo. Mas o bruxo não estava nem minimamente preocupado: sorria cobiçoso olhando para a moça, sabendo que, quando conseguisse o que queria dela, teria tudo. Não respondeu à mulher, apenas continuou estático, observando a prisioneira desmaiada no chão da cela.

— É por causa *daquela lá*, não é? — Adna acusou, e sua voz se tornou mais estridente. — Depois de tudo isso, continua sendo tudo por causa *dela*! Toda sua conversa de que eu serei sua Imperatriz, e você ainda busca por *ela*! Por isso trouxe a menina, para tentar *trazê-la* de volta!

O homem continuou inabalável. Ele só conseguia enxergar a garota, a última peça que faltava para que se tornasse mais poderoso que qualquer um. Mais até do que os Senhores do mundo.

* * *

— Vá buscar água, já está na hora de ferver o chá!

— Não está na hora não, mãe, ainda são as horas de sono!

— Menino, é claro que não! Olhe para o céu! As estrelas...

Sóhra saiu para o jardim e encontrou o filho de olhos fixos num ponto acima do abacateiro. A torre da Prefeitura, sempre iluminada, assomava ao fundo, e era possível ver o mostrador do Relógio Cardeal. A esfera das horas estava paralisada sobre um horário no meio da madrugada, e a esfera dos minutos percorria seu caminho numa velocidade incondizente com a passagem do tempo. A mulher olhou para seu relógio de bolso, e Feneto, seu filho, puxou o que ele tinha no cordão do pescoço. Ambos agiam de forma estranha e marcavam horários diferentes.

— Onde estão os Relojoeiros? — pensou Sóhra com apreensão. Os homens, que se revezavam na torre, eram muito bem pagos para manter aqueles relógios precisos e imantados, para que guiassem os maquinários individuais que as pessoas carregavam consigo.

Uma balbúrdia vinha da cidade, sinal de que outras pessoas estavam preocupadas com a parada do tempo.

— Podemos olhar o céu, a Demírie sempre está no fim do horizonte quando as horas de sono terminam — disse Feneto, e ele e a mãe olharam para o ponto onde a estrela devia estar.

Mas a estrela Demírie não estava lá. Desaparecera, junto com muitas outras que serviam de guia todas as noites, ainda que a abóbada estivesse limpa, sem nuvens, deixando Sóhra, Feneto, e todos os moradores de Dagsháq desorientados.

* * *

Márcio mal conseguia acreditar em como estava viajando desta vez. Provavelmente não devia mais se espantar com os meios de transporte que arranjavam, não depois de bondes, tartarugas marinhas submarinas, dorso de dragões, ou máquina voadora movida a pedaladas, mas aquilo era, sem dúvida, uma das experiências mais esquisitas pela qual já tinha passado.

Quando Shenu foi até Zaun, Márcio notou que o bicho tinha dois pares de asas sobrepostos. O pássaro abraçou a sentinela das sombras com o par interno, tomou impulso e pulou, batendo as asas externas e se distanciando a uma velocidade inacreditável. Agora os cinco voavam apertados pelos entes que voavam emparelhados, e Márcio se sentia como um bebê recém-nascido todo enrolado, mal podendo se mover nas asas de Pôlo — o nome de seu antigo cavalo pardo, com o qual ele achava que devia nomear o ser. E, embora o vento fosse inacreditavelmente forte, as criaturas voavam tão perto umas das outras que os quatro, com a ajuda desastrada, mas telepática, de Shenu, conseguiram se comunicar (Férik fora deixado de fora desta conversa), e Shenu voltou a contar o que ele tinha visto na mente do tirano Macrux.

“Coisas terríveis. Ele vagou por aí, por outros mundos. Aí resolveu que ser imortal não era lá tão divertido, porque a fórmula que ele usa faz a pessoa entrar em um tipo de coma de vez em quando, que dura várias décadas, e resolveu procurar uma saída. Procurou Senhores dos outros mundos, deuses, santos, tentou uma barganha

com eles, mas não foi atendido. Então pensou em alguma coisa relacionada a Lhênus, algo que o nosso Senhor da Sabedoria disse a ele há muito tempo, e elaborou um plano. Já tentou pegar Jadhe quando criança, outra vez no Educandário, atraindo-a para fora de Crimehuór; quando não conseguiu da segunda vez, tentou localizá-la por um tempo, aí achou melhor não esperar mais porque sentia a hibernação se aproximando e ficou receoso de não acordar nunca mais dessa vez. Foi quando acionou Zebarãn e as coisas começaram a acontecer. O pior é que ele consegue ver tudo! Tudo mesmo, tudo o que fazemos. Aliás, tudo o que qualquer um faz! Ele tem um agente secreto que mostra tudo para ele, algum tipo de magia que o permite enxergar qualquer parte do mundo. E eu não consegui ver o que é! ”

Entretanto, Márcio sabia o que era, e voando daquele jeito, tão próximo do limite do céu, ele tinha certeza.

“*Eu sei*”, ele pensou, e os amigos se esforçaram para olhar para onde ele apontava com a ponta do queixo.

— Só vejo o céu... — Nique gritou, e sua voz não foi ouvida no vento, mas não tentou falar outra vez, pois enxergou o que Márcio mostrava.

Ali, bem perto das cabeças deles, pairava com seu brilho fixo a gigante Lincariell, a estrela de Ariell, a maior do céu bhardano, e também a única que não tinha uma posição fixa.

“*Onde está a estrela Ártemis, Dominique?*”

— A que brilhou mais forte quando minha mestra se foi? — o gênio interrogou bem alto, e olhou exatamente para o local onde a estrela devia estar.

“*Por pensamento vai ser mais fácil te ouvir, gênio*”, Shenu sugeriu.

“*Na Constelação do Navegante, exatamente no mesmo lugar de sempre*”, pensou Márcio. “*A Lincariell não é uma estrela.* ”

“*Márcio, ela está aí desde...*”

“*Desde que Ariell morreu, Yoná. Ou melhor, desde que ele desapareceu enfrentando o Imperador. Nenhum livro e história fala sobre a morte dele, sobre o encontro do corpo do herói ou do seu enterro.* ”

Uma súbita pancada na testa fez Márcio ficar tonto, e quando se recuperou percebeu que algo também tinha afetado os amigos.

— Desculpem! — Shenu berrou, e o rapaz percebeu que a pancada fora resultante do toque telepático de Shenu sendo rompido. — Já disse, não tenho a afinação de Jadhe.

— Não tem afinação nenhuma! — Nique exclamou e Shenu mal percebeu, e Márcio teve certeza de que Macrux o tinha permitido deliberadamente ver sua mente.

— Os Objetos Supremos foram criados a partir das almas de pessoas — Márcio explicou, gritando o mais alto que podia para tentar fazer com que Shenu ouvisse. — Foi você quem disse isso! Foi por isso que você aprisionou o espírito de Zebarân no Lampejo, para que ele não se associasse ao Saldraléctér e ele não se tornasse um Objeto Supremo!

“E o que isso significa?” O andarilho restaurou o elo mental, fazendo as cabeças dos amigos latejarem dolorosamente.

“Acho que Macrux criou a Lincariell! Ela deve ser um objeto mágico, tão Supremo quanto os nossos, uma coisa flutuante que paira acima do mundo e é ligada a ele! E ele usou o espírito do homem que tentou matá-lo para isso”.

“Isso é insanidade!” Exclamou Yoná, mas Márcio soube, pelas emoções que vinham dela e dos amigos através da ponte, que estavam convencidos.

“Tem mais”, continuou. *“Acho que sei o que Macrux quer com Jadhe”.*

Dominique quase quebrou o pescoço ao olhar para Márcio, mas Férík interferiu de repente:

— Eu acho que eu não quero mais voar no passarinho, me leva de volta!

Os olhos do homem estavam cravados à frente, e Márcio seguiu a direção deles. Seu estômago revirou. Lá embaixo o solo desapareceu abruptamente, a terra avermelhada do Continente Menor deu lugar ao infinito escuro de águas bravias, e as ondas mais altas quase os tocavam com suas cristas. Aquele não era o Oceano Vermelho. Em menos de uma hora, os pássaros tinham cruzado dois terços da extensão do Continente Menor e agora rumavam para o oeste, para o Oceano dos Dragões, o caminho mais curto para se chegar à ilha Agerta.

Diana perdera a conta de quantas vezes tinha repetido a mesma história, mas os pequeninos adoravam quando ela contava como tinha derrubado água mágica na cauda flamejante de um dragão vermelho e ele a perseguira pela floresta adormecida. Claro, quando narrava para as crianças ela não mencionava os ossos sob o chão de folhas secas, nem dizia que tinha praticamente surtado quando tocara no Medalhão dos Elementos (aliás, ela trocava o Objeto Supremo por um baú de sblinc'z, ou coisa do tipo). Agora ela fazia um penteado nos cabelos ruivos de Ondily tramando-o como uma cesta de vime, os meninos trocaram o pedido, e Diana falava sobre as comidas estranhas da tribo Sanai, e o que elas fizeram com o estômago de Pablo, coisa que ela achava importante porque humanizava um pouquinho a imagem que os garotos tinham dele, já que, depois de se tornar general, Pablo andava tão ocupado e estressado que não sorria muito.

Ao terminar a narrativa, as crianças se levantaram e fizeram uma roda no gramado interno em frente à torre da sentinela, repetindo uma música engraçada que ela conhecia desde sua infância. Pablo pouco brincava na época, estava sempre preocupado cuidando dela e de Márcio, mas os outros órfãos costumavam dançar junto com eles, assim como Verônica. Então balançou a cabeça e alisou a barriga, tentando afastar a lembrança da gárgula, e pensou que, dentro de alguns anos, seu filho estaria ali no meio da roda, e Ondily ensinaria a ele aquela canção. Começou a cantarolar, seguindo a melodia dos meninos.

— Você está feliz? — perguntou alguém atrás dela.

Diana virou-se na cadeira de balanço e encontrou Estetil. Já passando dos quarenta anos, o homem tinha um semblante cansado e olheiras arroxeadas, mas a moça não conseguiu sentir pena dele. Evondér o tinha escolhido como seu braço direito por ser capitão do batalhão do fogo, e ele demonstrara ser um soldado valoroso e fiel. As marcas da responsabilidade o tornavam mais respeitável; no entanto, ele vinha se acercando de Diana há semanas, e ela estava se cansando de afastar suas novas tentativas de conseguir a atenção dela. A pergunta a pegou de surpresa, e a moça demorou um segundo para responder.

— Mais do que nunca — ela disse, sorridente.

— Mesmo com tudo o que ele está fazendo?

Despreocupada, a mulher apanhou um pãozinho caramelado e o mordeu.

— Pablo? O que ele está fazendo, Estetil?

— Olha tudo o que você passou por ele! Para que perigos ele te arrastou!

Diana se espantou que Estetil estivesse entrando num assunto tão pessoal com ela, mas, na verdade, os dois tinham convivido por muitos anos antes de aquela aventura toda em Bhardo começar. Era difícil para a mulher associar a vida antiga e pacata na fortaleza com a sua nova realidade, como se a velha Diana e a atual não fossem a mesma pessoa. Pensou que devia ser mais difícil ainda para quem conhecera as sentinelas antes entenderem as mudanças pelas quais elas tinham passado, e se sentiu cansada. Além de ter que lidar com aquela gente da Aliança, com os preparativos para a chegada de seu filho, com a ocultação de vários itens em uma das cavernas mais inacessíveis de Agerta, onde seria possível se esconder com Pablo e o bebê quando precisassem fugir (e ela achava que este momento se daria logo), e do nervosismo por não ter notícias de seu marido, não queria ter que lidar com as antigas investidas de Estetil. Vagamente ela se lembrava de como Verônica o incentivava a tentar um relacionamento com Diana, mesmo que a moça sempre o tivesse afastado. Achava que ele tinha deixado tudo no passado, que ela tinha sido bem clara da última vez que conversaram, quando ele tentou arrastá-la à força para longe de Octoforte. Agora, porém, a sentinela não se sentia mais na obrigação de ser delicada para não magoar os sentimentos dele. Não tinha mais energia para tanta sutileza, e não queria mais ninguém tentando separá-la de Pablo. Aquele assunto já estava mais que encerrado, e ela tinha muita coisa mais na cabeça para se preocupar do que bobagens sem sentido fomentadas por uma traidora.

— Pobre de mim, arrastada pelos cabelos... — a moça suspirou, sorridente. — Puxa vida, você acha mesmo que eu não tenho personalidade.

— Você se tornou sentinela por *ele*!

Ondily perdeu seu lugar na brincadeira e correu para o colo de Diana. A sentinela lhe deu um beijo na bochecha, enfiou um punhado de flores de lavanda nos cabelos da menina e colocou um guardanapo com pedaços de bolo de fubá nas mãos dela.

— Não coma tudo de uma vez, ou vai crescer milho na ponta do seu nariz! — advertiu, e viu a criança se afastar girando, fazendo o vestidinho vermelho balançar. — Você tem seu jeito todo próprio de ver as coisas, mas tudo o que você

sabe sobre Pablo veio da boca de Verônica, e eu só descobri o que ela é há pouco tempo. Só agora vejo o quanto ela tentou estragar a minha vida, aquela minhoca traiçoeira...

— É mentira então? Você não é sentinela por causa dele?

A mulher encarou Estetil nos olhos, e o homem quase não suportou o olhar fixo daquelas grandes íris azuis.

— Quando os testes foram abertos, Pablo disse que queria tentar um lugar nas torres, mas que, se fosse meu desejo, ele largaria tudo e iria para Bhardo comigo — ela contou, e sentiu o rosto enrubescer, como sempre acontecia quando ela se lembrava de algo sobre o marido que a tinha deixado feliz. — Disse que, se eu desejasse, nós juntaríamos nossas economias de soldado e compraríamos um pedaço de terra, ou buscaríamos uma cidade em Algavar para eu montar um café, e ele seria um alfaiate ou um vendedor.

— E depois ele se inscreveu...

— *Eu* me inscrevi primeiro. A vida que Pablo queria, eu sempre quis também. Eu o amo, amo desde menina, desde antes de Octoforte, desde quando éramos crianças e vivíamos em Etténe. O que Verônica tentou fazer as pessoas acreditarem nunca existiu: eu nunca tive dúvidas! Meu único problema, antes de começar a namorar com ele, era saber se *ele* gostava de mim ou não. Mas isso já faz muito tempo, foi em outra época, em outra vida. Agora estamos unidos, esperando um neném, e quero esperar um monte de outros filhos de Pablo depois deste. Ele é meu companheiro e sempre será, mas não é meu dono: eu escolhi a história que tenho tanto quanto ele.

— Ele deixou você sozinha! Você está sozinha! — falou o homem, ajoelhando-se ao lado dela, mas Diana não se deixou abalar. Levantou-se, afastando-se do rapaz, indo na direção da mesinha com lanche para as crianças montada do lado de fora. Correu os olhos pelo pátio e viu Evondér e Udinia sentados no gramado ali perto. Resolveu mudar de abordagem.

— Você está passando dos limites, Estetil! Sempre foi um soldado leal, Pablo confia em você, sua atuação na Batalha de Agerta foi decisiva para nossa vitória, o que está acontecendo?

— Desculpe! A atração... Estar perto de você é difícil, é magnético! Seria diferente se eu fosse sentinela... Ou se *eu* fosse general.

— Se... Se você fosse...

Diana se enfureceu.

— É isso o que você acha de mim? Que eu persegui Pablo por pensar que ele seria general, isso é absurdo!

— Eu poderia ser a sentinela do fogo! — desabafou, e a conversa exacerbada do capitão, que cada vez falava mais alto, começava a atrair a atenção de vários soldados.

— Se você tivesse passado nos testes e Pablo não, mesmo que eu tivesse conseguido passar, eu teria abandonado tudo, e eu e Pablo estaríamos vivendo numa terrinha nossa, talvez em Agerta, talvez em Algavar.

Desolado, o homem olhou lacrimoso para a moça.

— Então... eu nunca tive chance?

Ela sorriu e balançou a cabeça numa negativa.

— Você esteve perseguindo o fantasma de alguém que nunca existiu — ela respondeu.

— Podemos... pelo menos... ser amigos? Eu preciso estar perto de você, preciso ter certeza de que você está feliz...

— Não — Diana respondeu sem pestanejar. — Estetil, eu não deixarei nada interferir na felicidade da minha família de jeito nenhum. Não precisamos de mais proximidade do que já temos aqui.

O homem ficou ofendido.

— Você acha que eu teria coragem de te fazer algum mal?

— Ah, Estetil, as pessoas podem ser tão imprevisíveis! — ela falou, e afastou-se do homem, enquanto sua memória buscava Verônica, Shenu, Jadhe, Yoná, todos os segredos que descobrira de cada um deles, e como esses segredos tinham moldado

quem eram hoje. Viu o capitão se afastar, e vários soldados observando-o com olhares enviesados e ficou pensativa.

Não, o capitão, sempre tão fiel a Octoforte, não tinha resolvido se declarar para Diana de repente. Desde que Diana o rejeitara, alguns anos antes, o soldado mantinha-se respeitoso e galante. Ainda que tivesse lá seus olhares enciumados vez por outra, Estetil se mostrara devotado a Pablo depois da batalha e obediente ao seu posto. Aquela atração não tinha revivido do nada.

Eram os Crimedéct'z. O Medalhão em seu pescoço, a Pérola e a Pedra de Mavhtus em sua torre. Eram as joias, chamando homens e mulheres, convidando-os a se aproximarem. Ela não se espantaria se a partir daquele momento passasse a sofrer ataques diários de pessoas tentando assediá-la, tocá-la, roubá-la.

As crianças agora brincavam de esconder. Ela tinha que repensar as defesas de sua torre e medidas protetivas para os Crimedéct'z e para seu bebê. Não podia contar só...

Uma sombra tênue foi projetada no gramado, uma sombra difusa. Uma sombra vagamente familiar...

Uma sombra *nada* familiar. A única criatura alada que projetava sombras tênues através da luz difusa dos três Portais era Dominique, que fazia isso quando voava baixo, mas o gênio estava muito longe.

Um arrepio percorreu seu corpo. Voltou-se para sua torre e, sem nem olhar para o capitão Estetil ali perto e sua expressão confusa, subiu arfante a escada circular. As joias estavam lá, e algo lhe dizia que ela precisaria de uma imediatamente.

Não percebeu que Estetil subiu correndo atrás dela, nem que Evondér e Udinia, intrigados com a movimentação, correram para a torre também. Não percebeu que, quando entrou no próprio quarto, as cortinas balançavam, embora não houvesse vento em Cermalháct. Só notou que havia algo errado, e soube que tinha que proteger seu filho, então fez uma coisa intuitiva, que não vira em nenhuma literatura bruxa: criou um invólucro mágico envolvendo apenas parte de seu corpo: seu ventre.

Chegou ao baú ao lado da cama onde guardava as joias supremas, que estava lacrado. Levou os dedos ao Medalhão; virou-se para a porta e viu Estetil entrando

às pressas, e Evondér e Udinia tropeçando sobre ele. E soube o que aconteceria um instante antes de ocorrer.

A punhalada veio pelas costas, a dor irradiou do meio da coluna; em segundos seu vestido estava molhado, e ela não sabia com o que. Tocou o local, e trouxe os dedos de volta para a frente do rosto, dedos sujos de sangue. Suas pernas perderam a força, o quarto girou; cambaleou e Udinia a aparou. Quando conseguiu erguer o rosto viu aquela que um dia foi sua melhor amiga, sua tutora e sua irmã.

No parapeito, Verônica gargalhava satisfeita. Seus olhos injetados estavam arregalados brilhando alucinadamente de júbilo, as asas, conquistas recentes, estavam esfoladas e rasgadas em alguns pontos, e as garras das mãos e dos pés estavam lascadas. A gárgula se tornara um verdadeiro monstro. Evondér e Estetil tentaram acertá-la com espadas, mas a criatura era veloz e, mesmo armada apenas com o punhal, usou sua cauda espinhosa para se defender e derrubar os homens.

Diana conseguiu murmurar uma pergunta.

— Por que?

— Porque você sempre teve tudo! — berrou a gárgula, saltando da janela e mantendo-se no ar do lado de fora, longe do alcance das espadas. Jogou o punhal para dentro do quarto e gritou: — Sempre teve *ele*! Agora Pablo não vai ter mais ninguém!

E voou em disparada para o Portal, enquanto uma chuva de flechas adejava na direção dela.

BRUXOS E DRAGÕES

A urgência havia dominado Pablo. O general deixou ordens ao comandante Vardo, de seu batalhão, para que ele organizasse os Águias e os soldados de Octoforte e retornassem para a fortaleza o mais breve possível, e, sozinho, apossou-se de um cavalo e disparou através das terras enlameadas, deixando homens e malditos para trás. Não usou os Trilhos Interiores para voltar, pois não tinha certeza de que conseguiria localizar as passagens, nem de que saberia acionar os mecanismos certos sem a orientação de Shiali, então escolheu seguir para Zatzanil, a capital de Yatzarem, através da estrada que passava entre as montanhas da Cordilheira Ullinolvar.

Apesar de seu receio de encontrar sozinho o misterioso homem que controlava o exército de malditos, ou de ser encurralado pelos não-mortos ou mesmo por marrotes e o comandante deles, Pablo não deparou com ninguém. Sua inquietação, no entanto, só piorou com o silêncio, pois ele sentia que não era normal. Ali, com montanhas próximas em qualquer direção que se olhasse, não havia destruição provocada pela onda gigante, tampouco vilarejos com seres humanos que pudessem ter sido atacados, então era de se esperar que Pablo encontrasse vida selvagem pelo caminho. Quando saiu da tenda de Dágaro e Calla, preparou-se para enfrentar desde cobras venenosas a crocodilos e escorpiões, quem sabe até *vaiates* — pássaros vorazes por carne viva. Porém, ele não ouviu sibilos, urros, movimentos, farfalhares.

Entretanto, os insetos e animais pequenos eram frequentes, e seu maior desafio foi desviar de uma grande área que parecia saída de um pesadelo, onde uma colônia absurdamente grande de aranhas bloqueava a estrada. Por sorte Pablo havia montado uma fogueira bem perto da miríade de aracnídeos, e antes de retomar a cavalgada caminhou um pouco com uma tocha acesa buscando algo para caçar, pois só por isso conseguiu enxergar as teias. Ele nunca tinha visto aranhas como aquelas, com corpo do tamanho de limões, patas gordas e atrofiadas, e pelo tamanho das presas, e pelo modo como as mais próximas correram pelo chão na direção dele, com duas patas frontais erguidas, ele achou por bem não conferir se

eram venenosas ou não, nem tentar abrir caminho entre elas. Melhor perder um ou dois dias e chegar vivo ao seu destino.

Quase duas semanas mais tarde e já nas proximidades do Vale Coutem, o cansaço batia forte e Pablo não percebeu que as pranchas de madeira do piso da ponte do rio Yatzarem não estavam conservadas. Sobre uma forte correnteza o chão cedeu, e a sentinela e seu cavalo despencaram. Desesperado, Pablo se agarrou às cordas arrebitadas; conseguiu prender o corpo o suficiente para não ser arrastado, e se içou para cima. O animal, porém, não teve a mesma sorte.

Esgotado, culpando-se pela morte do equino, o general se perguntava se teria sido a melhor decisão vir sozinho. Estava isolado numa terra hostil, quase sem comida e sem comunicação, sem ter mais que um mapa, o céu e uma bússola simples para se guiar. Nem nessas coisas ele tinha certeza de poder confiar, pois depois do terremoto e da onda não era possível ter certeza de que aquela região continuava intacta. Sem uma só estrela na noite para orientá-lo, a única coisa a que ele se agarrava era à bússola, e rezava para que esta não o deixasse perdido também.

Estava na margem leste do Ut' Yatzarem, e as colinas que envolviam o Vale Coutem estavam bem próximas, mas ele não as enxergava por causa da escuridão. Havia nuvens, mas nenhuma lua, nenhuma estrela, nenhum relâmpago. Só um vazio acima, um vazio negro, e ele tinha a sensação de que tinham coberto o mundo com uma redoma como se cobre um bolo. Era sufocante.

Sentado em frente ao fogo para se aquecer, Pablo revirava o espelhinho que Diana lhe dera, arrependido por não ter se dedicado mais às lições de magia, porque assim poderia fazer aquela coisinha voltar a funcionar. A solidão não era amiga, e sua mente pensava que tudo estava errado, que ele devia ter feito tudo diferente. Agora encontrava-se no meio do nada, com a terrível sensação de que algo ruim estava em curso, e que estava de mãos atadas. Tinha saído de Octoforte há muito tempo, Diana já estava avançada na espera e ainda preocupada com ele, que não mandava notícias. Ele devia ter deixado o posto de general, abandonado as joias, o povo de Agerta, as sentinelas, pego Diana e fugido para o Continente.

Mas ela nunca aceitaria deixar todos para trás. E, se tivéssemos fugido, quem garante que não teríamos que lidar com um exército de malditos ao redor de uma casinha no campo, quando nosso filho estivesse recém-nascido e nós estivéssemos sozinhos, sem poder nos defender?

— Perdendo a fé nos Senhores e em si mesmo? — uma voz perguntou ao lado dele.

Pablo voltou-se rapidamente e se deparou com um ser comprido, de cabelo feito de folhas vermelhas, como no outono, e pés nodosos voltados para trás. Sua pele de madeira nova rangia à medida que ele se movia, e quando se sentou em frente a Pablo e fixou os olhos de guaraná nos do rapaz, o general bufou e cruzou os braços.

— Lhênus. Já tinha pensado que você estava morto.

— Há! Seu irmão disse o mesmo quando me viu.

Ávido por notícias, Pablo interrogou:

— Meu irmão? Você falou com Márcio? Quando?

— Oras, Pablo Adenetti, você não tem que se preocupar em sair dessa situação em que se colocou? Afinal, não é aqui que você deveria estar.

O corpo do Senhor se transmutou, tornou-se fino e frágil, com membros feitos de gravetos quebradiços, e as folhas vermelhas caíram e deram lugar para outras, estas grossas e suculentas, muito verdes. Flores desabrocharam de pendões que brotaram de seus braços, pequeninos ramalhetes brancos que pareciam feitos de cera.

— Para que os pés voltados para trás?

— Para deixar pegadas erradas — Lhênus sorriu ao responder, e seu rosto formou sulcos profundos.

— Vou voltar ao meu caminho tão logo eu esteja seco — respondeu o rapaz ríspido.

— Não vai chegar lá nunca se for a pé.

— Não me diga...

— Sabe, se um Senhor aparece para qualquer mortal que não vocês, sentinelas, ele é recebido com grande pompa. As pessoas comuns nos temem e nos reverenciam. Não sei se foi a Pedra de Mavhtus que te deixou tão grosseiro, ou se foi Ayana que te ensinou mal.

Pablo não estava com paciência para aquela falácia. Lhênus podia ser um Senhor, e em outra situação ele devia venerá-lo, mas aquela entidade tinha alterado sua vida. Claro, ele não podia dizer que fora ruim, afinal, não sabia o que teria acontecido se não tivesse sido levado com Diana e Márcio para Octoforte, poderia ter morrido de fome ou se tornado um pedinte aos sete anos, com um irmão de três e uma amiga de quatro para cuidar. Mesmo assim, ele se sentia usado.

— O que quer que eu faça? Os bondes que Márcio consertou estão distantes, não encontrei uma viva alma por estas bandas, nem mesmo um bandido, não vou conseguir navio, cavalo, carroça... balão... magia, nada! O que me resta é caminhar e...

Algo ocorreu ao rapaz, um truque que Ártemis tinha ensinado somente a ele, que poderia levá-lo rapidamente onde quisesse, mas que era extremamente arriscado.

— E nada. É melhor deixar esta ideia de lado. Você nunca usou isso aí, e Ártemis só viajava desse jeito porque sabia que não podia morrer.

— Então... Pra que é que você veio?

O Senhor olhou para o céu como se procurasse algo, e Pablo ouviu o som da ventania aumentar. A sentinela franziu o cenho.

— É pena que você não veja, mas as estrelas estão brilhantes nesta noite. Ouça, tem alguém se aproximando. Zizaram concordou em me ajudar a empurrá-los para o seu lado... Aproveite a chance.

— Aproveite a chance? Chance de que?

— Ora, de conseguir uma carona!

O som do vento aumentou e Pablo olhou para o norte, para a direção do barulho. Quando olhou de novo, Lhênus havia desaparecido, e, incomodado por não saber o que estava acontecendo, Pablo apagou o fogo e esperou.

Um clarão vermelho iluminou, de repente, o rio e a ponte. Confuso, Pablo ficou paralisado, esperando um sinal. Ouviu um ronco ao longe que parecia uma trovoadas, mas não sentiu o formigamento nas pontas dos dedos que sempre ocorria quando a chuva estava próxima. Um estrondo sacudiu o chão, e pedras se soltaram do alto das colinas e rolaram para baixo. A sentinela se preparou para correr, se precisasse, mas a avalanche fora longe. Uma rajada de fogo cortou o céu e

desapareceu de repente; um urro animalesco fez o chão estremecer, e um vulto enorme surgiu de relance no alto, iluminado pelo fogo, e desapareceu rapidamente, seguido por um som de algo muito grande cortando o ar. Pablo soube o que era.

Imediatamente, o general correu na direção do som e tateou dentro da camisa à procura da Pedra de Mavhtus, antes de se lembrar de que não a tinha trazido com ele. Praguejou, pensando que não fora sua melhor decisão manter as joias trancadas, porque, provavelmente, aquela era uma ocasião em que a Pedra seria muito útil. Os roncares e estrondos ficaram mais próximos e a terra estremeceu com mais intensidade. Ele se desequilibrou, mas recuperou-se rapidamente, e abaixou-se quando um jato de fogo cortou o ar perto de onde ele estava, e crestou uma rocha próxima.

Uma enorme pata vermelha, com garras do tamanho de gatos, desceu veloz sobre o rapaz, e, por puro reflexo, Pablo invocou o velho feitiço “Plactu”. A pata bateu no escudo de força, o animal foi impulsionado para trás, e Pablo o viu escorregar pelo declive do agrupamento de rochas.

Estou virando especialista neste feitiço escudo, pensou, e analisou rapidamente a cena.

A última rajada de fogo incendiara árvores de uma área extensa ao redor do rio. O dragão vermelho caído era pequeno, devia ter menos de vinte metros da cabeça à cauda flamejante, e tinha dificuldades para se levantar. Ao longe, o terreno seguia se elevando, e uma cascata larga e volumosa marcava a divisa entre a planície de rochas arredondadas e o planalto de onde Ut’Yatzarem vinha. Lá no alto, perto do início das quedas, outra fera muito maior rugia e lançava uma cortina de chamas para o céu, e Pablo estremeceu, pois conhecia aquele dragão: Decaiko, o rei dos vermelhos, aquele que as sentinelas derrotaram na batalha de Agerta.

Mas, se Pablo estava surpreso em rever o ramaddron, não se comparou ao pavor de ver aquele homem próximo dele. Um guerreiro corpulento, vestido com uma armadura preta e lascada, de barba clara e olhos cor de sangue por trás do capacete de batalha. Aquele homem que se parecia com um urso e que devia estar morto há muito tempo, desde que Shenu o atirara do alto da escadaria de Zebarân antes de os jovens enfrentarem o feiticeiro maldito. Mas ele estava vivo e estava ali.

Por que está aqui?

Decaiko bateu com o par de patas mediano e rugiu. Suas asas se estenderam como uma mortalha sobre a planície poeirenta, e ele avançou para o dragão menor, sem perceber a presença de Pablo. Abaixado, o rapaz se esgueirou por trás de pedras e viu o bruxo apontando sua espada para o dragão pequeno, os olhos fixos nele. As seis patas da fera menor se uniram, e o general percebeu que o animal estava preso. Decaiko tomou fôlego, pronto para lançar uma rajada mortífera no dragão adversário...

Inspiração. Expiração. *Espero não estar cometendo um erro.*

Pablo estendeu a mão para o alto e sentiu a eletricidade nas parcas nuvens acima. Concentrou-se brevemente, seu espírito transformando-se em energia, e deu um puxão, atraindo o raio para baixo, e o estouro desabou diretamente no feiticeiro. O homem ficou preso num clarão que durou um instante, seguido por um trovão retumbante que fez as rochas mais sólidas tremularem, e deu ao dragão menor a chance de se livrar da magia aprisionante e voar para longe.

O bruxo-urso ficou inconsciente, Decaiko se afastou em perseguição ao outro dron, e Pablo se perguntou qual era a chance de carona que Lhênus sugerira. Tomado por uma esperança repentina, foi direto ao aliado de Decaiko, esperando que houvesse algo com ele – um veículo, uma magia, um mapa — que o general pudesse usar. O bruxo estava queimado e desacordado, mas estava vivo.

Urros assombrosos ecoaram pela mata próxima, e as silhuetas dos dragões cresceram, iluminadas pelo fogaréu, que só aumentava. Pablo arrastou o feiticeiro para longe do fogo, e quando o homem gemeu e meneou a cabeça, ameaçando acordar, o rapaz apertou as mãos e usou a energia de seu espírito para fazer magia. Não seria tão potente quanto se estivesse com a joia, mas teria que bastar.

— *Gouty acranvát anázi'z, acranvát balizi'z, acranvát andamorem, gouty* — sibilou devagar, torcendo para ter falado direito, caminhando em volta do feiticeiro e percebendo a magia dar resultado. Primeiro as pernas dele, depois os braços, ficaram imóveis, colados no corpo. Por fim o corpo todo ficou rígido como uma escultura, o homem acordou atordoado e Pablo se apressou: Decaiko ainda não o tinha visto, mas quando acontecesse, não descansaria enquanto não arrancasse a cabeça do general, ele tinha certeza. Inspirou profundamente, controlando o embrulho no estômago por ter realizado o encantamento, o ar faltou dos pulmões. Retomou a respiração, vasculhou as vestes do homem, mas não descobriu nada, então, irritado, agarrou o colete dele e forçou seu pescoço para cima.

— Por que você está vivo? — perguntou. — Você era um dos congregados de Zebarán, e eu tenho certeza de que ele não te levou para lá há pouco tempo. Devia ter morrido junto com ele! Por que está aqui?

O homem abriu os olhos, mas logo que viu a sentinela segurando-o, começou a rir.

— Qual é a graça? Eu posso te matar agora mesmo se não me disser o que eu quero saber, então é bom começar...

— Pode me matar? Mesmo?

Pablo sabia que não. Se pudesse, aquele raio já o teria feito.

Sentindo a raiva crescer, a sentinela deu um soco com toda força no peito do homem, que tossiu e cuspiu sangue, mas permaneceu rígido. Pablo sentiu uma fúria desmedida agigantar-se em sua alma, mas antes que fizesse qualquer tentativa de se controlar percebeu, surpreso, que o corpo do adversário, embora ainda preso no feitiço, estava se desfazendo, se esfarelando, como se fosse feito de serragem.

— Você nem imagina o que vem por aí, soldadinho — riu o homem. — Sua mágica não terá efeito contra ele; quando o Imperador atacar, nenhuma pedra da sua preciosa fortaleza ficará de pé, e o mundo inteiro será dos imortais de Bhardo!

— Não... Não, não, não! — Pablo exclamou, assistindo, impotente, a decomposição do feiticeiro sob seus dedos.

Exatamente como tinha visto acontecer várias vezes com os malditos. “Almas amaldiçoadas”, Dominique dissera. “Enfeitiçadas para jamais abandonarem seus corpos mortos e putrefatos”. Só que aquele bruxo não parecia morto ou putrefato.

Algo pesado desceu dos céus com um assovio ensurdecador, e, como um cometa, os dois dragões caíram embolados no rio à frente de Pablo. O rapaz percebeu que o menor estava muito debilitado, e apesar de Decaiko também estar ferido, as chamas na ponta da cauda dele ardiam com exuberância. Pablo não sabia o que tinha motivado a briga, mas, ao olhar para a estrondosa batalha de gigantes, tomou uma decisão, rezando para que o Tesouro Supremo que carregara por tanto tempo não tivesse lhe tirado o juízo de vez, e que aquela determinação fosse correta. Quando chegou bem perto dos ramaddron’z Decaiko finalmente o viu; golpeou o menor com a cauda e o lançou contra um monte de rochas; urrou e lançou uma rajada de chamas na direção do rapaz.

— *Lemne* — disse Pablo, e invocou um relâmpago que, transformado pela magia, se tornou água, que caiu sobre o dragão e apagou o fogo antes que ele chegasse à sentinela.

Não foi uma magia perfeita, mas serviu ao seu propósito; porém a energia do relâmpago se dissipou rápido e a água criada evaporou num instante.

— Você não devia estar vivo! — rugiu Decaiko.

— Coincidência, você também não! — respondeu Pablo.

— Eu sou Decaiko, Ulon Ramaddron! Minha vida é infinita! — Ele rosnou, e atacou mais uma vez, chicoteando com a ponta da cauda na direção de Pablo. O rapaz saltou e rolou para perto do dragão menor, e, para bloquear o ataque, convocou imprudentemente um raio atrás do outro, e eles estouraram como bombas sobre Decaiko. O monstro abriu suas seis asas negras, e quando as bateu, Pablo viu que estavam chamuscadas e esburacadas. O ramaddron estava queimado, seu corpo estava dominado por espasmos horripilantes, mas a fera ria.

— Você não precisava ter assumido esta briga, rapaz — ele disse. Abriu os olhos e fitou a sentinela do trovão, enquanto se afastava dali. — Mas já que o fez, vai ter que enfrentar as consequências.

E voou para longe, até desaparecer noite adentro.

O rapaz ficou observando, pensando em porquê Decaiko e aquele feiticeiro o tinham deixado vivo, fugindo praticamente sem lutar. Ele sabia que tinha usado muita energia, mas, se os dois eram mesmo imortais, como dissera o feiticeiro, certamente conseguiriam se manter em pé até esgotarem as forças da sentinela. Então ele ouviu um ronronado alto que vinha do segundo dragão.

— Eu devo minha vida a você, pequeno — disse o dragão, mal conseguindo se levantar. — Meu povo lhe será grato e retribuirá, caso tenha a chance.

A sentinela se aproximou hesitante, sem ter certeza de não haver perigo.

— Isso se eu sobreviver para contar a eles o que ocorreu.

Havia um grande buraco no corpo da fera e muito sangue saía por ali. Outros ferimentos menores estavam espalhados pelas patas e asas, mas Pablo não

precisava ser especialista em dragões para saber que aquele machucado maior era mortal.

— Talvez eu possa ajudar você — disse, e começou a realizar uma quantidade de feitiços curativos que Ártemis lhe ensinara para funcionar só em humanos.

— Você não me conhece — o dragão rosnou, debilitado, mas Pablo, sem tirar os olhos da ferida, respondeu:

— Se aqueles dois estavam atacando você, então estamos do mesmo lado, e isso é suficiente para mim.

Aos poucos, a perfuração foi fechando. Pablo usou tudo o que se lembrava, toda a força que tinha, um pouco dos elementos dos arredores — água do rio, algumas pedras, algumas plantas, e exauriu a energia formadora de vários minérios. Não usou animais: espíritos com identidade individual, mesmo dos menores seres, eram sempre mais poderosos que aqueles que compartilhavam espíritos, como as plantas, mas usá-los destruía aquela identidade, e a filosofia de Ártemis era de que nenhum bruxo era gabaritado para decidir qual espírito merecia ou não este fim, e as sentinelas seguiam os preceitos da mestra. Também não usou seu próprio sangue porque magias que incluem elementos de seres racionais, mesmo que só de partes destes seres, eram complexas, e ele não tinha esse nível de conhecimento.

No final, exausto, perdeu a luta para o sono, e a última coisa que viu foi que o ferimento, embora não tivesse fechado completamente, tinha ficado bem menor do que antes.

* * *

Antes de abrir os olhos, Jadhe deixou seu *mac* se estender para além do corpo e tocou com ele a água que se infiltrava pelas paredes, a umidade impregnada no ar parado e o veio d'água que passava sob o solo centenas de metros abaixo dela, e soube que não estava mais em Aduna, pelo menos não no mesmo lugar em que tinha perdido a consciência. Demorou alguns instantes até seus olhos se acostumarem com a escuridão e ela compreender o ambiente e notar as barras de ferro lustrosas: estava numa cela subterrânea, um lugar escuro e úmido, e não havia sinal de seus amigos por perto.

Não era a primeira vez que Jadhe despertava dentro de uma cela: ainda criança, fora presa num engradado de gelo construído especialmente para ela, já que não

havia prisões em Madhêtrand até então. No entanto, ainda que acreditasse ser inocente na época, ela sabia quem a tinha trancado lá e porque tinham feito aquilo. Agora ela não fazia ideia do que estava acontecendo, e a sensação de sufocamento apertou seu peito e tirou seu ar.

Preciso ter calma.

Telepatia. Era sua melhor chance, com certeza. Do modo como estava nervosa, provavelmente seus amigos já teriam notado o descompasso de seus pensamentos se estivessem por perto; como ninguém aparecera ainda, ela tinha que se concentrar e tentar encontrar outra pessoa, qualquer uma.

Deixou a mente se expandir. Percebeu pequenos animais perto, escorpiões, ratos, e abraçou as pernas e congelou um pequeno espaço abaixo de si, criando um banquinho de gelo para ficar um pouco acima do chão. Continuou abraçando as pernas, cada vez mais assustada por não conseguir sentir nenhuma pessoa próxima. Expandiu a mente mais; procurou por um andar inferior, compreendeu que estava no ponto mais profundo daquele lugar, então passou a procurar acima. Apoderou-se das mentes de aves e de roedores e olhou através de seus olhos: havia espaços sobre ela, cômodos, que ela apenas conseguiu vislumbrar. Era uma visão turva, a conexão só durava um segundo, mas era melhor que nada. Estava nas profundezas de uma espécie de torre, talvez um castelo, mas não poderia ter certeza sem encontrar a mente de uma pessoa, alguém com discernimento para entender o espaço como outro ser humano. Mas só deparou com o vazio.

Então ouviu uma risada perto dela, e seu estômago revirou.

— Princesa Jadhe de Blando, finalmente acordada — disse uma voz masculina. — Que poder extraordinário! É natural, não é? Seu *mac*, você nem precisou pensar para fazer esse banquinho de gelo aparecer. E a comunicação psíquica! Vai longe, tão longe! Impressionante!

Aterrorizada, Jadhe cravou os olhos na direção da voz. Ela tinha muita consciência do poder que tinha. Sabia, desde criança, que sua capacidade para controlar a água e o gelo eram anormais, mesmo comparadas com os mais fortes *macnór'z* de outros elementos, e a telepatia que ela desenvolveu era um dom tão raro, tão mal visto e tão temido, que não havia histórico em lugar nenhum sobre alguém com um talento nem parecido com o dela. E, naquele instante, ela soube que estava diante de um gigante, pois, depois de mestra Ártemis, era a primeira vez que se deparava com alguém capaz de se esconder deliberadamente da mente dela.

— Quem é você? — ela perguntou, sem conseguir se mover.

— Ah, tanto poder! Sabe princesa, nós já nos encontramos antes, mas na ocasião eu não estava preparado para o que iria presenciar. E, depois, fui afastado de você. Lhênus e Caularom, pode imaginar? *Dois* Senhores trabalhando para me manter longe de você todos esses anos. Foi inteligente da parte deles colocá-la sob a proteção de Ártemis Caçadora, a monstra do meu pupilo Zebarân. Quanta ironia...

A mente de Jadhe trabalhava sem parar; dezenas de vozes passaram pela memória dela, mas ela não conseguia associar o estranho com ninguém que se lembrasse. Então ele apontou o indicador para o teto e chamas surgiram em velas no alto de um lustre de madeira, e a luz cálida iluminou o homem e o local. O recinto era ainda menor do que Jadhe tinha percebido, guinchos de ratos assustados foram ouvidos das reentrâncias das paredes feitas de rochas enormes, e havia lodo cobrindo cada centímetro visível. Era uma espécie de masmorra apertada, talvez apenas um porão, a cela em que ela estava presa era um cubículo de quatro grades de barras grossas e lustrosas que iam do teto ao chão, e Jadhe não viu sinal de tranca ou porta. Dava a impressão que o homem a tinha colocado ali e instalado as barras depois, em volta dela.

Mas a atenção da sentinela pouco se deteve nos detalhes do ambiente. Seus olhos se desviaram para o estranho, e, de repente, ela pensou que iria desmaiar. Uma dor fininha perpassou sua cabeça, uma enxurrada de lembranças veio com ela, e ela soube quem era ele. O estranho encapuzado que destruíra sua vida, o forasteiro que fizera seu poder despertar com toda intensidade e se descontrolar quando ela tinha só dez anos. O estranho que matara seus pais e sua irmã, e que fizera fogo violeta crepitar e consumir iglus no país de gelo. O homem de cabelos vermelhos e olhos sem cor era o indivíduo que destruíra sua vida.

E, pelo jeito, ele queria mais.

— O que quer?

— Você tem algo muito especial, princesa Jadhe. Algo de que eu preciso.

A garota levou a mão ao cordão do Tesouro de Caularom e apertou a joia. Não ia deixar aquele homem ficar com ela, não sem lutar. Seu terror se ampliou, e uma camada de gelo estendeu-se dela pelo chão e pelas paredes, transformando o limo em cristais azulados.

— Ah, o Objeto Supremo! Não é isso o que eu quero.

Os dedos da moça afrouxaram um pouco, e a joia começou a brilhar num azul profundo, refletindo as batidas cada vez mais intensas do coração da portadora. Se não era a joia, o que aquele homem queria afinal? Sua mente não conseguia invadir a dele, sua memória não encontrava nada que justificasse aquela perseguição. O homem soprou de leve, uma fumaça roxa escapou dos seus lábios e subiu para o alto da cela.

Jadhe olhou para cima, e tremia por temer o que iria ver. Teve certeza de que a fumaça cairia sobre ela e sugaria sua vida, como acontecera antes, quando a sombra da sereia Yara a transformara em um saco de ossos e quase a matara. Mas o vapor não desceu: concentrou-se em algo lá no alto, algo suspenso por correntes, próximo ao teto da prisão, algo que ela não podia identificar. Uma luz violeta piscou brevemente; a nuvem desapareceu, entrando na coisa presa no alto; a luz voltou a brilhar de leve e começou a se intensificar. Um fiapo brilhante violeta, fino como um fio de cabelo, desceu do alto devagar na direção de Jadhe; ela se afastou, mas ponta da corda luminosa desviou a rota como se tivesse vida própria, e perseguiu Jadhe dentro da cela até tocar o braço da garota. Ofegante, a jovem sentiu a coisa espetá-la e penetrar sua pele, e uma conta de luz brilhou mais forte, saindo da garota e indo para o alto, deixando-a zonza.

— O que é isso? O que está fazendo? — ela gritou horrorizada, tentando arrancar a linha da carne, mas fazendo emergir apenas físgadas mais dolorosas e uma gota de sangue. Do alto outros fios violeta desciam, clareando a coisa suspensa pelas correntes: um livro de capa de couro preto, cujas páginas abertas brilhavam com a luz das contas de energia transportadas de Jadhe para ele.

O homem riu.

— Pode ficar com o Tesouro de Caularom, Jadhe de Blando, ele não me servirá para nada. O que eu quero é sua alma.

E gargalhou enquanto Jadhe gritava, lutando contra novos filamentos vampiros que a atacavam e roubavam sua existência.

* * *

— Você disse que o “seu povo” seria grato. Você é de uma família diferente de ramaddron’z? — Pablo perguntou ao acordar. O dragão ficara ao redor do rapaz e

velara por ele enquanto estava inconsciente.

— Não existem outras famílias de dragões vermelhos. Somos todos membros de uma única raça.

— Mas você atacou seu rei. Isso não é contra as regras do seu povo?

Empertigando-se, a fera ergueu a cabeça e sacudiu a pequena galhada marrom, orgulhosa.

— O ancião não é meu rei! Eu sou Ítaga, Ulanæ Ramaddron, rainha dos dragões vermelhos! Decaiko foi líder há séculos, mas ele abraçou a causa do feiticeiro e rejeitou a morte — disse a dragonesa, e Pablo engoliu em seco: não tinha percebido que ela era fêmea. — Agora ele acordou da hibernação e quer que nossa raça o siga cegamente. Absurdo! Meu povo não vai se sujeitar aos desejos desse humano! Sem ofensa.

Cambaleante, Pablo viu várias escamas lascadas e um pedaço da galhada quebrada na fera, e a dragonesa o fitava com grandes olhos castanhos.

— Desculpe-me, foi o melhor que consegui fazer. Ártemis poderia ter curado você toda.

— Desculpá-lo? — ela sorriu e abaixou o rosto, ficando muito próxima do rapaz.

— Se não fosse por você eu estaria morta!

Rajadas de vento sopraram mais fortes, e com elas veio um farfalhar familiar, um sonoro bater de asas. Delicadamente dois ramaddron'z pousaram nas sombras das pedras da cachoeira, trezentos metros distante, mas o fogo rubro de suas caudas os iluminou e Pablo notou que não tinham nem metade do tamanho de Decaiko.

— Ulanæ Ítaga, não conseguimos contê-los — disse um deles.

— As asas do ancião os levaram mais rápido que uma tempestade — disse o outro.

— Sabíamos que isso aconteceria — Ítaga respondeu, embora parecesse decepcionada. Os dois dragões se aproximaram da Ulanæ, e quando notaram as feridas que Pablo não pode curar e o jovem ao lado da dragonesa, cravaram todos os pares de patas no chão e se puseram em prontidão para atacar.

— Baixem a guarda, o rapaz me salvou — disse a Ítaga. — É um bruxo, mas não está do lado do feiticeiro.

— O feiticeiro — Pablo repetiu, ainda sentado no chão. Seu corpo tremia e ele suava frio, e tentava controlar a respiração e diminuir a sensação de exaustão, temendo uma convulsão. — Podem me dizer quem é?

— É uma longa história, mas eu posso contá-la — disse um dos dragões, enquanto o outro, virando a cabeça de um lado e do outro, analisou a sentinela de um jeito perturbador, e Pablo teve a desconfortável sensação de já o ter visto antes.

Porém a palavra “longa” falou mais alto na mente do general.

— Em outro momento, talvez — Pablo respondeu, e voltou-se na direção das colinas escuras. A essa altura, ele tinha certeza de que só encontraria cinzas quando conseguisse chegar a Octoforte, porque aquelas crias de Zebarân certamente atacariam Agerta e também o Portal.

Seu desespero devia ter transparecido, pois Ítaga perguntou:

— Diga-me, rapaz, há algo que eu possa fazer por você?

— Eu preciso ir para casa. Preciso mesmo ir para casa...

— E onde é sua casa, amigo? — o dragão mais falante perguntou, enquanto o outro, que se mantinha ligeiramente afastado, continuava a observar com interesse.

Pablo apontou com a cabeça. — Além do Oceano, na ilha Agerta.

— Ah! Você é sentinela! O feiticeiro está enfurecido com você — exclamou Ítaga com satisfação.

— Comigo?

— Com você e com os outros de você. Os Breus nos contaram, vocês arrasaram a área do carcereiro imortal — disse o dragão falante. — O tal Zebarân, maior aliado do feiticeiro. Melhor ficar preparado, agora há pouco os anciões falaram sobre o bruxo querer retaliação contra sua equipe antes de continuar o que está fazendo.

Pablo esqueceu-se de respirar.

— Não se preocupe, vai chegar em casa em pouco tempo — assegurou Ítaga, vendo a aflição do homem. — Obirtó, venha cá!

Um peso gigante desceu até o estômago de Pablo.

— Uou, uou, uou! Eu sabia que te conhecia! — exclamou, colocando-se de pé num salto. — Você tentou nos matar em Lherád! É você!

— Eu não tentei matar ninguém, vocês jogaram água na minha cauda! — protestou Obirtó, colocando-se atrás dos outros num instante.

— Você é aliado de Zebarãn! — o rapaz acusou. — Você tentou me matar! Achei que estivesse morto!

Ítaga se postou ao lado de Obirtó, e o terceiro dragão fechou as asas e saiu de lado, parecendo se divertir com a discussão.

— Acalmem-se os dois! — urrou a dragonesa, e voltou-se para Pablo. — Entenda, pequeno bruxo, Obirtó é um jovem. Ele jamais pensaria em contestar as ordens de um ancião, de qualquer um deles. Os jovens têm um grande respeito à hierarquia. Mas, quando Obirtó faltou em proteger o que Decaiko mandou que protegesse, o velho o mandou para a morte.

— Foi só por muita sorte que me salvei...

— Até que aquelas lições funcionaram! — comentou o terceiro dragão em meio a uma risada roncada, mas ele logo ficou calado quando Ítaga o repreendeu exibindo suas presas.

— Ele se fingiu de morto — a dragonesa continuou. — Usou truques humanos de magia para fingir que a cauda estava apagada, e nós o tiramos de uma geleira no Bruzombo! O Oceano mais gelado do mundo... Foi difícil chegar até lá, e Obirtó ficou dias debilitado e esperando ajuda. Ramaddron'z nunca deveriam atacar uns aos outros. Ele é totalmente leal à espécie.

— Você colocaria sua mão no fogo... — Pablo perguntou, mas depois reformulou o pensamento. — Quero dizer, você colocaria sua cauda na água por ele?

— Eu colocaria — a Ulanæ respondeu. — E, para retribuir meu salvamento e compensá-lo pelo que aconteceu entre vocês no passado, Obirtó o levará até seu lar, e ficará a sua disposição pelo tempo que você julgar necessário.

— O que? Ulanae, por favor, pense bem...

— Está decidido, dragão — a líder reforçou. — No caminho, Obirtó pode contar a você a história do feiticeiro. Só peço que seja razoável, pequeno bruxo, e que o libere de volta para nós o mais rápido possível. Estamos no meio de uma guerra, e nosso lado não é imortal como o outro.

ADNAIL

— Vocês soltaram os zaundron'z. Obrigado por isso. Minha raça é meio parente dos Dragões do Breu — disse Obirtó.

Pablo mal percebeu a última frase do ramaddron. Seus olhos estavam cravados na crescente e apagada lua verde, mas sua cabeça repassava a história de Obirtó. Então Zebarân não era o mentor de toda aquela bagunça? Havia outro bruxo, mais terrível e mais influente, tão prestigioso que controlava Zebarân e Decaiko, o antigo rei dos dragões vermelhos? Tão poderoso que era capaz de enegrecer o céu e transformar luas em meros espectros, e apagar as estrelas? E esse homem, esse tirano que atravessara séculos por mundos diferentes fazendo maldades em todos eles, esse louco, era ele que queria o Portal fechado? Era ele que as sentinelas tinham desafiado ao juntar os Objetos Supremos?

No que foi que Lhênus nos meteu? Pensou o rapaz.

O ramaddron mudou a posição das asas e planou numa espiral descendente em direção a Agerta. Pablo mal tinha percebido a ilha se aproximando depois de três dias de voo, e teve que se agarrar à galhada de Obirtó para não se desequilibrar. Embora um pouco trabalhoso, o voo não foi desconfortável, pois os ramaddron'z não tinham espinhos na beirada das escamas, como os dragões pretos: suas asas eram de penas, não de couro, e o espaço em que Pablo encaixara as pernas era fofo e quente.

A fera pousou num rochedo perto da floresta, longe do porto e do arco da cidade, inclinou-se para trás e lançou uma rajada de chamas para o alto, que fez Pablo se assustar.

— Para que isso?!

— Ah! Vai dizer que você nunca sentiu vontade de soltar uma baforada quente depois de uma longa viagem sobre o mar?

Pablo meneou a cabeça. — Márcio vai te entender — disse, então desmontou e pediu a ele que o acompanhasse até Octoforte.

— Ora, não vai me liberar?

— Ainda não — disse o general. — Preciso que você atravesse comigo. Você vai se desculpar com minha mulher, porque a mocinha de cabelo amarelo que você atacou em Lherád foi ela. Então você vai contar isso de Imperador para ela e para os soldados, depois eu te dispenso. Essa história é inacreditável demais para que eu a narre sozinho.

— Sei — retrucou o dragão, acompanhando os passos do rapaz e saltando para a estradinha de terra e areia. — A verdade é que você bem que está gostando de ter um dragão de montaria...

O general não respondeu, só acenou para que a fera o acompanhasse.

Logo que Obirtó ficou à vista das pessoas que lotavam a entrada da cidade houve um tumulto geral, mas Pablo apressou-se em colocar-se à frente da fera e anunciar que ele era amigo.

— Ele me trouxe aqui, está comigo, ele está comigo — foi dizendo à medida que caminhava pela vila de Agerta.

O povo se acalmou, e muitas crianças se aproximaram para espiar o dragão enquanto ele passava pelo calçamento da praça.

— Será que você não pode voar até o Portal? — pediu Pablo. — Me espere no patamar, eu chego num minuto.

— Não precisa, eu sigo por aqui mesmo — disse o ramaddron, observando os moradores com tanto interesse quanto eles o observavam.

— Certo, só tome cuidado — pediu a sentinela. — Não bata esse rabo nas casas.

Mas a preocupação de Pablo se desviou rapidamente. Muitos turistas caminhavam animados entre os moradores, mas entre os nativos, especialmente entre aqueles que Pablo reconhecia como seus soldados dourados, uma sombra de pesar pairava e os fazia desviar o rosto quando cruzavam com o olhar do líder. O rapaz se apressou, entrou na estradinha que levava ao Fortim e ao caminho para a escada ao Portal.

Passou pelas três passagens bloqueadas do bastião de Agerta com a tensão surrando o peito a cada novo portão fechado. O Fortim tinha sido construído por sugestão de Ártemis, e fora usado com propósitos militares uma vez, mas, desde que a fatídica Batalha de Agerta se encerrara, os portões de seus três arcos nunca mais foram fechados, e o lugar, seus depósitos e seu salão, vinham sendo usados por feirantes, turistas, até para festivais. Agora, porém, Pablo só via soldados armados dos pés às cabeças, como se preparados para a guerra. Ao atravessar o terceiro portão, Íneo, o prefeito, cruzou com ele, e ao reconhecer o general parou e segurou-o com as duas mãos, uma terrível tristeza no semblante.

— Senhor sentinela general do trovão! — ele exclamou, seus lábios tremeram e seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sinto muito, senhor Pablo, sinto mesmo! O que pudermos fazer... Agerta estará sempre aqui por você, saiba disso!

E soltou o general, retomando seu caminho de volta à cidade, fazendo Pablo se desesperar. A sentinela correu pela escadaria, e mal percebeu que Obirtó voava acima dele, acompanhando-o.

Juntos, o homem e o dragão se atiraram na lâmina gelada no patamar da escada, e Pablo foi arrebatado por um corredor de frio e luz. Sombras surgiram nele, e a escuridão o envolveu completamente, e estrelas surgiram e ele sentiu calor. Não podia respirar nem abrir os olhos; ao mesmo tempo estava livre e via e sentia tudo. Subitamente voltou a perceber o peso do corpo, a plenitude da viagem interdimensional cessou, e ele se viu de joelhos na relva rasteira de Cermalháct, a Encruzilhada entre as dimensões.

— Uh! Isso foi... Avassalador! — exclamou o dragão com sua voz retumbante, aparentando estar feliz.

Pablo mal registrou o comentário do dragão: uma fileira de arqueiros se posicionara em frente ao Portal e, ao depararem com a fantástica criatura, exclamaram “dragão”, e atiraram na fera, mal percebendo a presença de seu general.

Por reflexo, o rapaz fez um movimento de mãos, e com magia criou uma onda que se chocou contra as flechas e as fez perder o impulso e cair. Obirtó piscou paralisado, e os soldados, atônitos, baixaram os arcos e enxergaram a sentinela das tempestades.

— Ele está comigo! — esbravejou Pablo, sua poderosa voz retumbando. — Baixem as armas. O que está acontecendo aqui?

Atordoados, os soldados fitaram o líder e se mantiveram imóveis, incapazes de falar. Passavam os olhos do dragão às flechas no chão, e então voltavam a olhar para o general sem mover os lábios. Um deles se destacou e veio de encontro a Pablo e ele reconheceu, com alívio, Yoná, vestida com a armadura dourada das sentinelas.

— Pablo! — exclamou, e ele ficou ainda mais aflito: o rosto da amiga estava todo contorcido numa expressão preocupada, e ele entendeu que algo muito grave havia acontecido.

— O que está acontecendo? Guardas paramentados no Fortim de Agerta, uma linha de defesa em frente ao Portal, o que é isso?

A garota olhou desconfiada para o dragão vermelho, reconhecendo a familiaridade.

— Obirtó — disse Pablo. — O mesmo dragão que nos perseguiu em Lherád. É uma história comprida; ele está do nosso lado agora. Foi quem me trouxe aqui — voltando-se para a fera, pediu: — Por favor, espere um pouco. Volto assim que descobrir o que está acontecendo.

— Claro, claro... Eu não tenho nada mais importante a fazer mesmo, nenhum lugar para ir...

— Comandante Sovene, assuma a vigilância — disse Yoná, e Pablo viu a soldado assentir com uma expressão determinada.

— Fomos atacados — falou a garota, conduzindo Pablo na direção do portão de Octoforte, redecorado com labaredas talhadas na madeira com fogo de verdade de Márcio. — Três dias atrás, Octoforte foi invadida.

— É por isso toda a vigilância?

— Sim — Pablo não estava gostando nada daquilo, ele e Yoná entraram no gramado interno da fortaleza, e cada rosto que passava por ele, desde soldados a crianças, desviava o olhar deliberadamente ou fazia expressões de tristeza. O homem não sabia para onde sua amiga o estava levando, mas, como rumavam para o prédio central, pensou que fossem subir o Torreão.

— Foi o Imperador? Ele já se mostrou?

Yoná pareceu surpresa com a pergunta, mas balançou a cabeça em negativa.

— Alguém se feriu? Alguém morreu? Diga-me Yoná, alguém morreu?

Ele sentia a magia da Pedra de Mavhtus impregnando o ambiente, e teve certeza de que ela estava por perto e tentando transformar sua aflição em prazer, mas seu espírito estava fechado: não ia permitir que nada tirasse sua concentração. Alarmou-se: os Tesouros estavam notadamente livres, seu charme expandindo-se e afetando as pessoas. A maioria não percebia a ação da magia com tanta nitidez, mas as sentinelas estiveram de posse daquelas coisas por tempo demais, e suas almas se aproximaram mais do que a prudência permitia das almas das joias que cada um carregara. Pressentia as outras influências, mas não podia discernir quais outros Tesouros, além da Pedra de Mavhtus, estavam ativos, e temeu que o ataque tivesse sido contra eles, e que tivessem conseguido levar algum.

— Escute — a garota parou, e ergueu o queixo para olhar no fundo dos olhos do amigo e pedir: — Você vai ter que ser forte Pablo, muito mais forte do que foi até agora.

Então percebeu onde estavam: em frente à entrada para a Casa de Cura. Deixou Yoná para trás e correu para a entrada com mil pensamentos rodando em segundos. Algo muito ruim havia se passado, algo com algum de seus amigos. Teria sido Márcio? Não sabia o que poderia fazer para vingar seu irmão se ele estivesse ferido. Shenu, talvez? Ele estava longe, à própria sorte. Dominique com seus desejos? Algum deles teria dado errado? Um terrível acidente que tivesse ferido Jadhe, como o gênio temia?

No fundo ele sentia, e a certeza de quem era a vítima cresceu a cada passo que dava na direção da sala de repouso. Passou por muitos soldados e várias enfermeiras, mas percebeu-os como fantasmas cruzando seu caminho. Ao lado da porta principal, no entanto, encontrou Shenu, que mesmo sendo igual ao irmão Férik, era inconfundível. Envolveu-o com um só braço, e o amigo não disfarçou o ar de pranto.

— Você está bem — Pablo afirmou, mas só um segundo de observação foi necessário para que ele visse hematomas e cicatrizes em cada pedacinho de pele visível na sentinela das sombras. Shenu não disse nada, apenas indicou a entrada

da sala, e Pablo encontrou Márcio olhando para o chão, o rosto inchado de lágrimas, desolado.

— Márcio — chamou, mas seu irmão não conseguiu encará-lo de volta.

O general voltou-se para a Sala de Cura. A sala era grande e tinha várias camas, e quando a gravidade exigia, as cortinas eram fechadas sobre o leito do paciente, e ninguém podia ver lá dentro. Naquele instante, Pablo desejou não ir até aquele dossel fechado e não ver o que havia do outro lado das cortinas. Obrigou as pernas a se moverem, ainda que elas parecessem feitas de mel. Atravessou a sala e afastou o tecido, e pelo tempo que ainda vivesse, sabia que jamais esqueceria aquela visão.

Havia três pessoas de pé aos pés da cama dela: Udinia, Estetil e Evondér. Eram duas camas cercadas por aquele mesmo dossel, mas Pablo não conseguiu ver quem estava na outra, pois a pessoa estava coberta por uma manta. Uma curandeira passava uma toalha molhada na testa da moça inconsciente, respirando com dificuldades, e uma fagulha estourou do nada no ar sobre o corpo dela. A pele da mulher estava escurecida, cinzenta, tomada por teias de filamentos escuros, pretos e roxos, e ela transpirava muito.

— Di? — ele chamou, e caiu de joelhos.

Um segundo depois, Márcio, Shenu e Yoná afastaram as cortinas e se aproximaram dele.

— O que... O que... Aconteceu algo com o bebê, é isso?

Ele tocou a barriga da esposa, depois seu rosto, e segurou uma das mãos ferventes dela entre as suas, mas Diana não esboçou reação.

— Foi a gárgula — Udinia respondeu.

— Verônica?

— Ela cruzou voando o Portal, ninguém a viu — disse Evondér. — Achamos que Diana pressentiu ou viu algo, porque ela subiu na Torre da Terra e pegou o Medalhão. Mas, quando subimos atrás dela, já era tarde...

— O que ela fez? — Pablo perguntou, avaliando rapidamente o corpo da esposa.
— Como ela deixou a Di assim?

— Um golpe de adaga — Estetil respondeu, e se entregou a um choro convulsivo.
— Uma perfuração, ah! Um furo enorme!

A curandeira resmungou inconformada.

— Como pode, como aquela menina pode fazer isso, eu cresci com ela! Me desculpe, eu sinto muito, meu querido, sinto muito!

Enxugando os olhos num lenço amarelo, a moça saiu do dossel, e Udinia a acompanhou à outra cama para avaliar a pessoa oculta.

— Mas, mas... Mas... Ela perdeu muito sangue? — Pablo perguntou. Não fazia sentido para ele, não depois das muitas vezes em que ela e os amigos tinham sarado com magia de perfurações terríveis. — Por que ela não se tratou? Por que vocês não a curaram?

— Ela fechou o ferimento sozinha, general — explicou Evondér. — No entanto...

O homem apanhou a adaga que Verônica tinha lançado e a entregou a Pablo. Havia algo viscoso impregnado na lâmina, e Pablo teve o impulso de testar o gume.

— Não faça isso — advertiu Márcio. — É veneno. Outra pessoa já fez e...

— Quem? Quem testou a adaga?

Todos se voltaram para a cama ao lado de Diana. Só agora Pablo percebia que o montinho de lençóis era muito pequeno. Aproximou-se e afastou o tecido, descobrindo o topo vermelho da cabecinha ruiva de Ondily. E desabou de uma vez.

— Por que fez isso, meu bem? — perguntou e, não suportando a cena, a curandeira, Udinia, Evondér e Estetil saíram do recinto, deixando as sentinelas e Ondily sozinhas.

A menina estava acordada e sorriu ao ver Pablo. Tocou, com sua mãozinha pequenina, o rosto do homem, mas logo fechou os olhinhos de novo, e Pablo viu as raízes negras do veneno se infiltrando no rosto e nos braços da menina.

— A Di falou que ela podia ser minha mamãe também — disse a menina, e as lágrimas minaram instantaneamente dos olhos de Pablo.

— Ninguém a viu entrando no quarto — disse Yoná. — Ela ouviu quando alguém disse que deviam testar o veneno e... Bom, ela quis ajudar, e acabou se cortando. Diana fechou o machucado num segundo, mas o veneno já estava lá.

— E por que Diana não acorda também? Ondily está consciente, por que Diana não está?

— Ela acorda! Eu vi ela acordar! — exclamou uma voz no canto do quarto, e Pablo se assustou ao constatar que Férík estava lá.

— Como é... — começou a perguntar, mas Shenu atalhou:

— Ela tem momentos de lucidez — disse. — Mas o encantamento está consumindo muito dela.

— Que encantamento?

— Pablo... — chamou a voz fraquinha da moça, e o general correu para vê-la. Diana despertou, mas seus olhos miúdos e inchados denunciavam que logo apagaria outra vez.

— Di — Márcio não conseguiu suportar e se afastou do dossel, no que foi seguido por Shenu. Mas Yoná permaneceu ao lado da amiga, e Pablo se apoiou na força dela para se manter forte também.

— Mande aqueles dois deixarem de ser moles. — A loira falou. Sorria, como se estivesse apenas resfriada, ainda que a voz fraca denunciasse a fragilidade.

— Que encantamento é esse?

— Antes de ser atacada, Diana teve uma espécie de intuição — Yoná respondeu. Ela fez um encanto com o Medalhão.

Novamente Pablo percebeu o estalar de uma fagulha no ar, acima de onde Diana estava deitada, e sentiu que a energia que criara aquele estalido vinha da esposa, da mão dela.

— Pegue, a Pedra de Mavhtus. Desculpe, mas precisávamos das joias, desfizemos seu feitiço — disse Márcio, passando o pequeno baú através da cortina. Pablo abriu-o e encontrou a Pedra, e não fez nenhum questionamento sobre os amigos terem arrombado o lacre dele; colocou a corrente em volta do pescoço, e percebeu

que Yoná usava uma corrente parecida enrolada no pulso, por baixo da manga da blusa. A Pérola devia estar com ela. Talvez a presença das joias explicasse parte daquela sensação de estática, do zunido nos ouvidos, dos pelos arrepiados, do embrulho no estômago e das faixas fugazes de cores que apareceram na sua vista.

— Ela usou a joia para criar uma barreira — disse Yoná. — Um escudo envolvendo o bebê. Nem o veneno nem a faca o atingiram, e ela tem mantido essa proteção mágica desde então, blindando o filho de vocês do veneno até o nascimento.

— Mas isso... Isso...

— Está minando as forças dela mais rápido do que em Ondily. Salvar o bebê é tudo o que ela pode fazer. Esta poção... Achemos que é a mesma de Zebarã. A única pessoa que conhecíamos e que sabia algo sobre ela era Ártemis, mas ela nunca encontrou uma cura, sabe disso. Não tem chance, Pablo.

— Não é o mesmo veneno — disse Pablo, aturdido. Suas palavras saíam enroladas, embargadas na garganta pelo choro que ele não conseguia suprimir. — É parecido, mas o que amaldiçoou Ártemis tinha o sangue de Zebarã, então não é o mesmo. Por que quem fez este foi o Imperador.

Diana voltou a abrir os olhos, e Pablo aproximou-se dela. Tocou sua barriga com uma mão enquanto a outra acariciava os cabelos da mulher, e sentiu o bebê mexer dentro dela. Não conseguiu deixar de sorrir, e então começou a chorar com o que ia pedir para a esposa.

— Cesse a magia — sussurrou.

— Não pode me pedir isso, Pablo — Diana respondeu calmamente, e Pablo abaixou a cabeça e apertou os olhos, pois sabia que a mulher estava certa. Então Diana meneou ligeiramente a cabeça e apontou para a cama ao lado: — Contei a ela que seria minha filha. Não posso te pedir para fazer o mesmo agora, mas...

Pablo colocou um dedo sobre os lábios da esposa, e a silenciou.

— Você não pode ter um filho que não seja meu, esposa — disse. — Ela é minha, tanto quanto é sua.

Os lábios pálidos da mulher se abriram num sorriso emocionado, mas débil. Então falou, desta vez num tom mais grave: — Vai fazer o que puder? Vai tentar salvá-la?

Incapaz de falar, Pablo acenou um “sim”.

— Quando o bebê nascer vai ser complicado... Você vai cuidar dele, não vai? Vai cuidar dos dois?

— *Nós* vamos cuidar...

— Promete? Promete que vai cuidar deles? — a moça insistiu.

Mal conseguindo mover os lábios, Pablo não resistiu aos enormes olhos azuis da esposa. Balançou a cabeça afirmativamente e sorriu, sem querer pensar no que aquela promessa significava para Diana. Ele beijou os lábios da mulher, apavorado por nunca os ter sentido tão rígidos, e quando se afastou ela estava dormindo novamente.

Yoná ergueu as sobrancelhas. — Então você já sabe do Imperador?

— Ajudei alguém que me contou uma história muito convincente... — ele disse, enxugando lágrimas, e percebeu que Yoná parecia ter muito a dizer. Perguntou: — Como sabe sobre ele?

Em poucas palavras tropeçadas, a garota relatou o que tinha acontecido a eles em Aduna, e também falou sobre o rapto de Jadhe.

— Dominique não chegou a atravessar o Portal para cá: me derrubou e tirou a Cuzpola de mim assim que tocamos no solo de Agerta. Saiu tonteado na mesma hora em direção ao Continente, e nem pensamos em segui-lo porque as coisas não param de acontecer com ele por perto. Pessoas tropeçam, rodamos nos tiram do rumo, pássaros atacam, tudo para nos distrair e deixá-lo ir sozinho.

— Pardal estúpido! Vai se matar sozinho! — Férík berrou, imitando o que Shenu tinha falado na hora em que Dominique fugiu.

— Então este homem, este Imperador, resolveu se mostrar totalmente para nós — Márcio questionou.

— Macrux é um homem espalhafatoso, jovens. É inacreditável como ele conseguiu permanecer nas sombras esse tempo todo — disse uma voz do lado de fora das cortinas.

Sentindo o sangue ferver, Pablo saiu do domo das cortinas. Yoná o seguiu, e encontraram Shenu e Márcio sentados em leitos vazios, os dois fitando o ente em pé num canto da sala.

— A tensão nesta sala é palpável, meus caros. Não os culpo, o peso de portar as Joias Supremas...

Pablo não deixou o homem terminar de falar. Agarrou o pescoço dele com uma mão e o prensou contra a parede, e os amigos apenas observaram.

— Eu estava me perguntando se você ia ter coragem de dar as caras agora, *Senhor da Sabedoria* — disse ele, enfatizando as últimas palavras com um tom de ironia.

Mas o ente, num estranho misto de marrom e caramelo, transformou-se na frente das sentinelas: sua pele endureceu e se esfacelou, seus olhos se solidificaram e os cabelos, um emaranhado de fios duros que mais pareciam galhos pequeninos, caíram, e o homem se tornou um grande tronco apodrecido. As folhas de um vaso perto da janela aumentaram de tamanho e um botão surgiu no meio delas, o broto de um grande lírio branco, que abriu e impregnou o ar com um perfume amargo. No miolo da flor, um rosto se formou, e se dirigiu aos jovens:

— Ayana realmente ensinou-lhes muito mais do que deveria. Ela tinha o mesmo desrespeito, senhor Pablo Adenetti.

— Desrespeito? — Pablo esbravejou. — Minha mulher está morrendo, minha... minha *filha* — ele tremeu para completar a frase, pois não queria que a primeira vez que chamasse Ondily por “filha” fosse num momento em que poderia perdê-la. — Jadhe sequestrada, Shenu torturado por semanas só para atrair nossa atenção! Nossa família está se *desfazendo*! E você sabia.

— O que eu sabia, senhor general? — Lhênus perguntou, as pétalas brancas se desfazendo e caindo, o miolo transformando-se numa grande pinha.

Foi Yoná quem respondeu:

— Crianças selecionadas para, se a situação aparecesse, terem motivos pessoais para enfrentarem Zebarãn. Você nos meteu nisso!

— E você sabia — Márcio, enxugando o rosto, apoiou os amigos. — Sabia o tempo todo que o verdadeiro inimigo não era Zebarãn. Você tinha consciência do que ia acontecer se nós o desafiássemos.

— Como eu poderia ter consciência, meninos?

— Você é um Senhor! — Shenu acusou, e mantinha os olhos fixos em Lhênus, atento aos lábios mutantes do velho para não deixar de perceber nenhuma palavra.

— Você pode prever tudo o que vai acontecer!

No meio do silêncio nervoso que se seguiu, pontuado pela respiração ofegante de Pablo, que parecia um antílope prestes a disparar, Lhênus riu. A pinha que era seu rosto murchou e caiu, e no lugar dela o cabo cresceu e engordou, e dele brotaram ramos enrolados de parreira, que se tornaram cabelos de um rosto formado no tronco da nova planta.

— Meus caros soldados, eu não poderia saber o que estava por vir por que o futuro não está escrito! Quando a grande Luz criou os Senhores, ela nos fez para que pudéssemos criar outras coisas e outras formas de vida, e ela fez isso para que pudéssemos *viver* vidas diferentes, criar destinos e histórias, separar nossas essências, nos tornando indivíduos diferentes. Qual seria o sentido de tudo isso se o futuro já estivesse escrito?

— Então... — Pablo, respirando fundo, ponderou. — Você não sabia de nada? Não imaginava nada do que ia acontecer conosco?

— Eu sou o Senhor da Sabedoria, Pablo Adenetti, o que significa que devo ser sábio o bastante para entender os sinais. Eu me lembro de cada detalhe do passado, vejo todo o presente, e por isso posso intuir o que vai acontecer no futuro, mas isso não quer dizer que o futuro será como eu acredito que vá ser. Tenho a terrível tendência de acertar minhas previsões, mas elas não são mais que isso: conjecturas de alguém com informações e memória privilegiadas.

— Você arruinou nossas vidas! — acusou Pablo, aproximando-se perigosamente de Lhênus outra vez.

A ira do Senhor tomou forma: a pequena planta ao lado da janela cresceu; seu tronco expandiu-se e raízes se estenderam dele, estouraram o piso de lajotas douradas e se enterraram no chão; galhos nodosos e grossos tomaram todo o teto da sala de cura e derramaram cipós por todo o lugar, bloqueando as janelas e portas, prendendo as sentinelas num círculo abafado de vegetais.

— Eu fiz o que era preciso para manter a ordem neste mundo, Pablo Adenetti! Venho fazendo isso há séculos! Não apenas aqui, em Octoforte, mas dentro das

famílias reais, no corpo docente de Educandários, no cerne das mentes de quem toma decisões importantes em toda parte do mundo! Selecionando jovens talentosos, influenciando altos comandantes a escolherem seus sucessores com inteligência — trovejou o Senhor, e sua voz fez o coração de cada sentinela perder o compasso. Depois continuou falando mais lentamente, suas folhas verdes tornando-se amarelas e caindo numa chuva de outono. — Eu conheço a natureza de Macrux, e sabia que, algum dia, ele voltaria ao Mundo de Bhardo. Entendam meninos, eu ajudei a selecioná-los por seu passado, pela magnitude de seus espíritos, e provável facilidade para controlar o *mac*, o que se mostrou verdadeiro, mas eu não poderia prever que Macrux decidiria voltar a Bhardo agora, ou que acionaria Zebarân, ou que trancaria o Portal. Se eu não tivesse interferido em nada, vocês nunca teriam se encontrado: suas vidas teriam permanecido no curso de antes, o que significa para você, senhor Pablo Adenetti, ter sete anos, cuidar sozinho de um irmão de três e de uma amiga de quatro, no meio de uma floresta cheia de perigos, após o trauma da trágica morte de seus familiares. Admitam, provavelmente estariam todos mortos.

— Então devemos ser gratos — o general questionou.

— Eu jamais desejei que algo ruim acontecesse a vocês, sentinelas — os galhos que cobriam toda a sala desapareceram lentamente, deixando no lugar um fino tronco claro com um rosto similar a uma raposa encravado. — Como nunca desejei, por exemplo, o fim que teve a jovem Zoraya após minha influência na decisão de seus seguidores de a apoiarem no novo reino. Mas não tenho competência para mudar o que já sobreveio.

Por um momento os jovens ficaram sem palavras. A impressão que Márcio tinha era a de que tinham chegado a um beco sem saída, e que o teto estava prestes a desabar sobre suas cabeças. Shenu perguntou:

— O que esse homem quer com Jadhe ,afinal?

— Shenu Argottem, como eu já disse em outra ocasião não posso dar a vocês informações que não possam conseguir sozinhos. Porém, acredito que o senhor Márcio Adenetti, curioso e astuto como é, já desvendou este enigma.

Todos os olhares se voltaram para Márcio, inclusive o de Lhênus. Um leve movimento nas cortinas que envolviam os leitos de Diana e Ondily indicaram que a sentinela, lá dentro, também estava atenta à conversa, e Pablo apressou-se a ficar junto da esposa.

— É verdade, não é? — Márcio perguntou, e Lhênus, transformado novamente em pessoa, um menino de cabelos de palha e olhos de uva, assentiu.

— O que é Márcio? — instigou Yoná.

— Boa coisa é que não é... — Férik comentou, e Pablo olhou para Shenu, que devolveu o olhar com um pedido mudo de “paciência”.

— Tudo bem — Márcio começou a falar, tomando fôlego e despejando as palavras muito rápido: — Bom, objetos mágicos são criados a partir de coisas comuns em que um mago põe seu poder. Quando a energia de um objeto mágico é usada, a coisa deixa de ser mágica, como a espada de Shenu. Fica, no máximo, uma assinatura espiritual, que some com o tempo.

O andarilho assentiu.

— Mas não é isso o que acontece com os Supremos. Aliás, desde que começamos a usar a magia deles, a coisa só piorou. Então você perguntou, Shenu, perguntou como pensávamos que os Objetos Supremos tinham sido feitos. Você trancou a alma de Zebarân dentro do Lampejo dos Desesperados para evitar que se juntasse à joia mágica dele, e criasse um novo Objeto Supremo, um Tesouro praticamente indestrutível, como cada um dos sete que possuímos.

— Quando voltamos para casa e Jadhe recuperou os livros de Ártemis, eu os estudei. Ártemis conseguiu escrever a história da criação de seis dos sete Tesouros. Isso porque a sétima joia, a Pérola Negra, foi o próprio Macrux quem criou, não foi?

Ele olhou para Lhênus de um jeito mais acusatório que nunca, e Yoná se mexeu desconfortável no lugar. O Senhor confirmou a suspeita.

— Como percebeu isso, jovem Márcio?

— Por que nós sete fomos escolhidos por você — disse o rapaz. — Você tem influência sobre nós. Mas Ártemis... Você nunca a viu como uma pessoa comum, não é? Ela era sua amiga. Você a considerava sua igual. Conversava e contava coisas a ela, porque nunca influenciou a vida dela, não foi você quem definiu quem ela era. E por isso também você não teve coragem de contar a ela sobre Macrux, por isso nunca lhe falou sobre a Pérola Negra, por arrependimento de ter ajudado o Imperador no passado.

— Perspicaz como sempre, jovem Márcio — Lhênus observou.

— Mas você lhe contou tudo sobre os outros Tesouros. Inclusive sobre o Tesouro de Caularom.

Márcio apanhou o livro escrito por Ártemis, abriu em páginas que ele havia marcado com tecido rasgado e começou a ler:

...Landell ergueu a mão com a pedra e a pousou, ainda fechada, sobre a palma estendida de Plúnio, e colocou a outra mão sob a mão dele, como se esperasse aparar algo. Devagar, ela soltou a pedra na mão do menino, mas Plúnio não sentiu o objeto, pois ele tornou-se escorregadio e frio, e desapareceu em uma pocinha de água azulada.

— Não posso dá-la a você porque ela não existe em suas mãos — ela disse com simplicidade. — É uma pedra especial, que Caularom mandou para mim. Só comigo ela existe, por enquanto. Um dia ela estará forte o bastante para existir nas mãos de outros também.

E Plúnio, irritado, abaixou a mão e viu, na palma que Landell mantinha em posição de apara, a pedra azul intacta e reluzente.

— Acho que estou começando a entender... — murmurou Yoná.

— Eu não — Shenu falou, e Pablo, com o olhar de uma fera acuada, indicava que também não tinha acompanhado o raciocínio do irmão.

— Olhem só: quando Landell recebeu a pedra enviada pelo Senhor Caularom ela começou a depositar o próprio *mac* da água nela, e a transformou num objeto mágico. Ela passou a vida tentando fazer a joia se tornar forte o bastante para existir nas mãos de outras pessoas do seu povo, sem precisar da presença dela. Sabemos que ela conseguiu isso porque a joia continua aqui, e foi usada muitas vezes pelos blanno'z para construírem outras partes do castelo, as cidades e tudo mais. O próprio Ariell usou a joia para enfrentar o Imperador, e ele nem era descendente do povo de Landell.

— Só que eu acho... Eu acho que o Tesouro de Caularom só se tornou forte e sólido nas mãos de outras pessoas *depois* que Landell morreu. Porque eu acredito que, para manter a joia com seu povo, Landell transferiu seu próprio espírito para a pedra, e sua alma se tornou o Tesouro de Caularom.

— E o que isso tem a ver com Jadhe? — perguntou Pablo, e Márcio continuou.

— Tem a ver que tudo mudou com o nascimento da nossa amiga. Disseram para ela que o povo começou a temê-la quando ela nasceu porque foi salva por um estranho que desapareceu na neve, um estranho que, pelo que sabemos hoje, é Caularom — ele falou, olhando para Lhênus, que confirmou a história que o próprio Senhor havia contado tempos atrás. — E que, desde o nascimento, Jadhe demonstrou poderes extraordinários. Mas eu acho que não foi por isso que as pessoas ficaram com medo, eu acho que algo maior aconteceu, algo que abalou a fé das pessoas e as fez acreditar que nossa amiga era uma enviada de Zey. Eu penso que o Tesouro de Caularom passou a desaparecer quando Jadhe foi concebida.

— Como “desaparecer” se está conosco? — Yoná questionou.

— Algum de vocês chegou a tocar na joia, além de Jadhe? A única vez em que ela entregou o Tesouro para alguém foi para Dominique, e vocês viram o que aconteceu.

— A joia quase congelou o braço dele... — Pablo murmurou.

— E depois se tornou água. Quando Jadhe a toca ela volta a ser uma pedra, mas quando está longe dela, o Tesouro se desfaz e se torna água. Foi o que aconteceu quando ele ficou trancado no baú: nós abrimos a caixa e havia uma poça, que Jadhe tocou e transformou de volta em diamante. Quando vocês entraram no Palácio de Landell não foi ela quem encontrou a joia?

— Dentro de uma fonte de água enfeitiçada — Shenu confirmou.

— Mas o que isso quer dizer? — Pablo insistiu.

— Quer dizer que o Tesouro de Caularom não é mais um Objeto Supremo. É só um objeto mágico muito poderoso, como eu imagino que seja também a Pérola Negra, porque o espírito de Landell, a alma que o alimentava, não vive mais dentro dele. Landell abandonou a joia e nasceu num corpo humano novamente. Nasceu

como Jadhe, e é por isso que a joia só existe nas mãos dela, porque é parte do espírito dela, e de mais ninguém.

Pablo ficou boquiaberto. Lutando para se manter acordada, Diana fitou Márcio com um sorriso no canto dos lábios, e Márcio soube que ela acreditava nele. Shenu fez menção de dizer alguma coisa, mas Yoná falou primeiro, voltando-se para Lhênus, cuja forma se transmutara para uma planta de folhas finas e orquídeas negras estranhíssimas, que pareciam morcegos.

— Isso é possível? Jadhe ser Landell?

— Sim e não, Yoná Sanai — respondeu o Senhor, sua voz agora fina e infantil vinda da menor das flores da planta. — Entendam: o que forma uma identidade não é apenas a alma que ela tem, mas a vida que ela leva. Landell era a herdeira do líder de um povo escravizado, se apaixonou pelo filho do homem que aprisionou seu povo e veio ao mundo com a incumbência de liderar sua gente para a liberdade. A vida que ela levou, as pessoas que ela amou, a família que ela teve, os sete filhos, os muitos netos, o casamento com o príncipe Plúnio, que se tornou herói ao salvar o palácio da destruição após uma forte nevasca, anos depois da morte da esposa, embora isso não venha ao caso... Enfim, toda a vida que aquela alma levou transformou Landell em quem era.

— Márcio fez todas as associações corretas. Landell entregou sua alma à joia ao morrer para que o Tesouro pudesse proteger o povo dela, o que aconteceu diversas vezes. E, quando a proteção mágica se tornou desnecessária, Landell abandonou o Tesouro e sua alma reencarnou, e voltou como Jadhe. Uma parte do espírito dela, no entanto, ficou presa na joia, o que ainda causa grandes transtornos à menina. Jadhe sentia o Tesouro chamando-a, clamando pela sua dona, forçando-a a se lembrar de que ela não estava completa. Vocês perceberam o quanto ela ficou atordoada ao trancarem a pedra azul no baú: o chamado para que as duas partes estivessem juntas era mais forte que a razão. Mas Jadhe e Landell, apesar de serem a mesma alma, com os mesmos poderes e muitos comportamentos semelhantes, não são a mesma pessoa. A pessoa que Landell foi jamais voltará a existir. A alma, esta é uma só. Compreendem?

Alguns assentiram, outros balançaram a cabeça em negativa. Pablo, que era muito racional e não conseguia pensar nessas coisas, apenas fitou o chão.

— Então a Pérola Negra não tem uma alma? — Yoná questionou, olhando para a manga da blusa onde o artefato estava escondido.

— Ele é como o Saldraléctér — Márcio explicou. — Um estoque muito volumoso de *mac* guiado por um feitiço, no caso, o de sorver a vida de outros para transferi-la ao portador.

Diana arriscou uma pergunta com a voz fraca:

— Imagino que esta tenha sido a primeira forma de imortalidade que Macrux testou, estou certo?

Lhênus assentiu.

— E como isso explica o sequestro da nossa amiga? — perguntou o general, segurando a mão de Diana com delicadeza; a mulher tinha febre alta, mas suas mãos suavam frio.

— Não foi a primeira vez que ele tentou levá-la, foi? — Shenu perguntou. — Foi ele quem invadiu Madhêtrand quando ela era criança. Não estava em busca da joia, estava procurando por ela.

As quinze orquídeas negras, com filetes que pareciam barbas, balançaram concordando, e suas pétalas ficaram mais claras e vermelhas.

— Por quê? — Pablo indagou. — E como ele sabia dela?

Algumas flores murcharam, outras cresceram e se fundiram num tronco grosso de uma árvore pequenina e espinhosa, de copa estreita. Uma grande flor de pétalas cor-de-rosa e amarelas brotou bem rápido, e no centro dela surgiu um rosto humanoide, que sorriu, encorajando Márcio a falar.

— Ele quer a alma dela — disse o rapaz. — A alma poderosa e milenar de Landell. Quer aprisioná-la em outro Objeto Supremo, um feito por ele. E ele pode fazer isso porque já fez isso antes. Com Ariell — olhou para Pablo, o único que ainda não tinha ouvido a teoria sobre a Estrela Andante. — A Lincariell não é uma estrela, Pablo, é um Objeto Supremo. O Imperador aprisionou o espírito de Ariell nele, e vem usando essa estrela como espiã. Foi assim que ele viu Jadhe e descobriu os poderes dela.

— Ele vai matá-la — Shenu murmurou, e Yoná murmurou de volta:

— Ele vai matar todos nós.

— Não vai me matar também — Férik arregalou os olhos e falou cruzando os braços. — Eu não tenho nada com isso.

Shenu suspirou. — Você não quer pegar uma bolachinha? Aposto que tem montes delas na cozinha.

Férik pareceu tentado, mas logo depois apertou os olhos e enterrou-se mais fundo na cadeira, indicando que não sairia dali de jeito nenhum.

— Nós precisamos desafiá-lo. Temos que enfrentá-lo, como fizemos com Zebarân — falou Yoná, imprimindo mais convicção à voz do que sua postura denunciava.

O senhor suspirou, seu caule engordando e clareando, brilhando na bioluminescência dos vagalumes, e o rosto tomou a forma da cabeça de um gafanhoto.

— Zebarân tinha um ponto fraco: ele fez experiências com a mesma peçonha que podia matá-lo e criou vários monstros assim, mas cometeu o erro de fazer isso com Ayana Ártemis, que conseguiu dominar o veneno e ainda usar a maldição a seu favor para tornar-se mais forte e mais ágil. Além disso, quase todo o poder dele estava dentro daquele cristal, ele não usava mais sua própria força em combate há séculos e, na verdade, nunca foi um homem de lutas, só de magia. Macrux... Ele não cometeu estes erros. Envenenou muitos, mas nenhuma de suas criaturas pode se apropriar do elemento e usá-lo contra o mestre: ele criou um pacto no código da poção e aquele que tentar traí-lo será destruído antes que o toque. Claro que não existe ninguém invencível, mas seria preciso dedicar sua alma à magia por tanto tempo quanto ele para ter chance de derrotá-lo e, até lá, ele já estaria mil anos à frente.

— Podemos ter uma chance unidos...

— Não têm, Márcio Adenetti, não têm.

O recinto ficou em silêncio ante tamanha desesperança.

— E que espécie de joia mágica ele quer fazer? O homem já é imortal, o que mais ele pode querer? — Yoná inquiriu.

A porta da Sala de Cura se abriu de repente. Os jovens olharam para o umbral e a luz exterior os ofuscou. Uma silhueta feminina delineou-se contra a luz, e, por um momento, Márcio delirou que pudesse ser Ártemis Caçadora de volta à vida. Mas,

quando seus olhos se acostumaram e a pessoa entrou no recinto, viu que a moça era muito diferente da falecida mestra, e Shenu deu um salto e se colocou em pé.

— Você! — exclamou, apontando com as mãos em garra. — A vaca! A mulher do bruxo!

Férik ergueu os punhos como um lutador, Márcio e Yoná sacaram suas espadas, Pablo apenas ergueu os olhos.

— Como entrou aqui? Como passou pelos soldados? — Yoná tentou olhar no pátio para ver se havia alguém abatido, mas não percebeu nenhuma movimentação anormal.

— Não foi difícil — disse a mulher, e se sentou em uma cama, indiferente às espadas apontadas para ela. — Baixem essas coisas, não vão fazer nada com isso.

— Adnail, minha cara! — exclamou Lhênus, e sua forma se transformou rapidamente no menino de orelhas triplas e rosto envelhecido que os jovens haviam conhecido no Templo de Areia, e que se apresentara como Carvalho. — Não posso dizer que seja um prazer revê-la, mas sem dúvida é uma surpresa!

Adna afastou o capuz do manto branco e puxou a trança dos cabelos volumosos para o lado. Sentou-se com as pernas cruzadas, e o vestido um tanto ousado não ocultou as coxas generosas e morenas da mulher. O movimento deixou seu colo à mostra, e Márcio percebeu que ela tinha a intenção de deixar os rapazes encabulados ao exhibir tanto de suas formas. No entanto a atitude não surtiu efeito, e nenhum deles baixou sua guarda.

— Onde está o Imperador? — Shenu perguntou.

— Não está no meu bolso, se quer saber — disse ela, fingindo olhar dentro da roupa.

— O que você quer? — Pablo levantou-se e tomou a dianteira.

A mulher encarou o general, e quase com displicência voltou-se para Diana e demorou-se um pouco na barriga da jovem, até que Pablo, acometido por um surto raivoso, segurou-a pelo manto e a fez ficar em pé, sem se importar se lidava com um homem ou uma mulher. Perguntou, bem perto do rosto dela.

— O-que-você-quer? — repetiu, os amigos se posicionando atrás dele, em apoio.

— Eu vim oferecer ajuda — ela respondeu, cuspiendo as palavras. — Mas, se preferir deixar sua mulherzinha virar um cadáver podre e baboso que anda e morde, não se preocupe em me ouvir.

Imediatamente o general soltou a mulher.

— Que espécie de ajuda?

Adnail olhou para fora através de uma janela, e seu olhar se deteve no alto de uma das torres de sentinelas. O domo do Torreão de facetas envidraçadas cintilava, espalhando a luz difusa dos portais. A mulher suspirou, e Yoná apontou para algo no braço dela: veias escuras nasceram na altura do pulso e se estenderam, enraizando-se para o alto, tomando seu braço.

— O veneno que a mascote injetou na sua esposinha... Existe uma planta no Norte de Darfindor, um arbusto espinhento e raro que cresce no pico dos Montes Curtos e que dá um fruto azul, o *gomará*. Se fizer a poção para combater pneumonia, mas usar o caldo de uma dessas ao invés do extrato de laranja-do-cantão, e acrescentar três gotas de sangue de dragão vermelho, mais três gotas do sangue do doente, poderá curar a menininha e sua esposa. Do jeito que ela está usando magia eu não sei se ela aguenta, mas normalmente ela funciona até o oitavo dia da infecção, depois disso não tem mais volta.

— Vimos Alhena morrer em poucos instantes com o mesmo veneno — Yoná contestou.

Adnail olhou para ela.

— O *Elixir* é um *ingrediente*, garotinha, não um veneno completo. Vocês viram *uma* amaldiçoada usar a versão grosseira de um veneno feito a partir da combinação do Elixir com sangue do portador — no caso Zebarãn —, em alguém; uma versão bem mortífera, que, sem dose, mata rápido. Zebarãn fazia as combinações dele, Macrux faz as suas. O Imperador gosta do drama, e este veneno específico demora para agir para que as pessoas sofram em torno do moribundo, para que a degradação seja lenta e dolorida.

Sério, Pablo perguntou:

— Por que eu acreditaria em você?

— É a única esperança que você tem de não perder sua mulher e seus filhos — ela respondeu, quase sem emoção, mas controlava a respiração com dificuldade. — Se quiser, pode ficar aqui e apreciar o desenrolar do veneno. Eu garanto: o final não é mais bonito do que agora.

Num movimento brusco, Pablo empurrou Adnail e correu para o Torreão, e Márcio soube que ele só iria apanhar uma arma e partiria imediatamente atrás de qualquer coisa que pudesse curar Diana. Shenu correu atrás dele, Férík seguiu o irmão sem tanta pressa, e Yoná e Márcio mantiveram as armas apontadas para a mulher. Márcio tinha certeza de que a comparsa do Imperador tinha ido ali com segundas intenções, e quando tivessem dado as costas, ela revelaria seu golpe e lançaria um feitiço ou coisa assim contra eles.

Mas ela apenas voltou a se sentar e ficou olhando Diana, enquanto as marcas pretas continuavam a escalar seus braços. Algumas já atingiam o pescoço, e, quando Márcio se deu conta de que a pele da mulher começava a se fragmentar, entendeu o que estava acontecendo.

— Você... o traiu!

Sorrindo sem nenhuma alegria, ela começou a falar num tom debochado, quase entediado.

— Macrux quer a eternidade. Tudo o que ele faz é em busca disso. Ele nem iria olhar para vocês se não tivessem se colocado bem no nariz dele. A culpa da sua situação é só sua... E do seu amigo Senhor, claro.

— Quer... a eternidade? — Yoná perguntou, baixando um tantinho a espada. — Mas ele já é imortal, não é? O que mais pode haver para ele?

— Ele é *imortal*, não *eterno*, existe uma diferença — a mulher explicou, como se fosse óbvio, seus olhos negros voltando-se para as sentinelas. — Ele usa artifícios para evitar a morte, mas são apenas artifícios. O primeiro deles foi a Pedra das Vaidades — Adnail fez uma careta enojada —, essa coisa medonha... Mas depois ele criou o Elixir, e é o que o mantém vivo desde então... Que *nos* mantém vivos. É o mesmo que ele colocou no meu sangue, no de Decaiko, no de Zebarân, e Zebarân usou o próprio sangue para criar outras maldições horripilantes. Mas só Macrux sabe todos os segredos do Elixir. Só que nem o Elixir pode mantê-lo neste mundo indefinidamente, e ele sabe disso. O único jeito de ser eterno é mudando.

Transformando sua própria natureza — ela cravou os olhos em Lhênus, e os jovens olharam para o Senhor. — O único jeito é virar um Deles.

O queixo de Yoná caiu, e Márcio balançou a cabeça.

— Virar um...

— Como assim?

— Ele pode fazer isso?!

— Qualquer espírito pode reclamar o lugar de um Senhor — disse Lhênus. — Desde que esse espírito tenha mais poder do que o próprio Senhor para controlar o elemento que o Senhor governe.

Espantada, Yoná perguntou:

— E qual elemento Macrux controla?

— Ele é um *macnór* das sombras — Adnail respondeu, e um fragmento de pele solidificada se desprende dos dedos dela; a mulher estava se desfazendo. — Mas não tem talento suficiente com o *mac* para disputar o lugar de Senhor do Escuro com Zaunér.

— Então...

— Então, meninos... — disse Lhênus, e as sentinelas se voltaram para ele, surpresas com a voz cansada do elemental, e o viram transformado num velho encurvado e pequenino, de barba formada por flores pendentes e cabelo de musgo, como um busto malfeito esquecido num armazém. — Então ele se concentrou no único trono que pensa ser capaz de alcançar: o trono de Zey.

— Zey, o Senhor do...

— Do Nepcoutem, o verdadeiro Nepcoutem, o reino para onde as almas pesadas são mandadas para pagar pelos seus erros. Mas ele entendeu tudo errado... Ele pensa que Zey é um Senhor maldoso, que gosta de torturar as almas dos condenados. Por isso incentivou tanto Zebarã em sua loucura de tornar um pedaço do mundo dos vivos uma réplica dessa terra de sofrimento — Lhênus explicou, em tom de lamento. — Ah, se ele soubesse que a verdade é tão diferente...

— Diferente? — foi Adnail quem perguntou, e Márcio notou que estava curiosa. Pelo visto, ela, como todas as pessoas que ele conhecia, acreditava que Zey fosse o Senhor atroz que torturava almas corrompidas.

— Zey é um agente de purificação — explicou o Lhênus, seu corpo se tornando esverdeado, um bico maciço surgindo no lugar do nariz. — Não é uma criatura ruim, ele apenas aplica as punições adequadas a cada espírito, de acordo com seu crime. Ele também é responsável pela recuperação dos enfermos, almas debilitadas que chegam até ele depois de sofrerem demais em vida, tanto que não são capazes de perdoar. Imagino que esteja com bastante serviço no momento, depois de vocês terem enviado tantos enfermos para ele — disse, e Márcio entendeu que ele se referia aos milhares de escravos que finalmente tinham deixado a vida quando as sentinelas destruíram a barreira do reino de Zebarã.

— Então, se ele tomar o trono de Zey... — Adnail indagou.

— Vai ter que fazer tudo o que o Senhor faz.

— E como é que ele tomaria o trono de Zey? — Márcio perguntou, com a guarda já totalmente baixa.

— Esse é o plano dele — respondeu a mulher. — Ele precisa criar uma comoção gigantesca, algo que seja impossível para o Senhor ignorar. E ele acha que vai conseguir isso abalando os Pilares da Humanidade.

— Pilares da...

— Os quatro pilares que fazem os homens diferentes dos animais — Yoná explicou bem rápido. — O Pilar do Espaço é a delimitação de assentamentos humanos, cidades, vilas. O Pilar da Satisfação é o que mantém as pessoas satisfeitas o suficiente para poderem se dedicar à outras atividades, sem dependerem de caçar ou coletar comida, e tem relação com o cultivo de alimentos, de animais para fabricar tecidos, estruturas para transporte, como os bondes, e estoques de remédios. O Pilar da Segurança é o sentimento de confiança que as pessoas têm em se manterem saudáveis e vivas, e é estremecido com guerras e pestes. E o Pilar do Tempo é a capacidade...

— De medirmos nosso tempo? — Márcio questionou. — Por isso a escuridão no céu, nos privando de nossos astros, e por isso Verônica matou todos aqueles relojoeiros!

Adnail revirou os olhos: — Por favor, aquela coisinha cinza só conseguiu fazer metade do trabalho, o resto Rasfát teve que dar conta.

— Então ele trancou o Portal para que não houvesse para onde fugir. — Márcio concluiu.

— Ele pretende matar pessoas — Yoná entendeu. — Muitas pessoas.

— Metade da população do mundo — disse Adnail, balançando a trança. — Ou mais, até Zey dar as caras e lutar com ele, como ele quer. E transformar Bhardo num mundo de sombras totais, sem nenhuma luz. Com tudo o que ele já fez, não duvido que esteja próximo disso.

— Então ele roubou mesmo a luz do Sol, e agora está roubando a das estrelas e das luas — questionou Márcio.

— Ah! Agora você entendeu!

— E para que ele precisa do poder de Jadhe, se o objetivo é se tornar eterno desse jeito? O que ele pode querer com o poder sobre a água e o frio?

— Ele quer a menina, mas não é pelo *mac* de água que ele está interessado, não: o que ele quer é uma alma que tenha voltado. A alma de uma pessoa muito poderosa, que tivesse vindo antes e que mantivesse o mesmo poder nesta vida. Claro, ele suspeitou de muitas pessoas, mas Jadhe! É impossível não ter certeza de que ela é Landell.

— Os Senhores são poderosos e coisa e tal, mas existe uma lei que nenhum deles pode burlar: uma vez morto, as almas não podem ocupar o mesmo corpo. Ele acha que, se usar a alma de Jadhe, vai conseguir criar uma joia capaz de trazer os mortos de volta de acordo com sua vontade. E não quer só a própria eternidade: quer controlar a dos outros também. E trazer alguém que já se foi há mil anos de volta.

Como poeira, os dedos de Adnail se desfizeram. Os pés e as pernas enrijeceram e quebraram, e se dissolveram rápido. Márcio e Yoná se afastaram, vendo a pele se desprender do rosto e dos cabelos da mulher. Ela apertava os lábios e seu rosto enrubescia enquanto suprimia gemidos de dor.

— Vocês sempre formaram um casal estranho, Adnail. Um casal que se completava na maldade — disse Lhênus. — E isso me faz perguntar: por quê? Por que agora?

Com um último olhar cansado e sem emoção, a companheira do feiticeiro se voltou para fora, para Octoforte.

— Eu sempre estive lá. Sempre fui o sustentáculo dele, e agora isso? Tudo o que ele fez foi por causa *dela*. Sempre. Uma mulher que se foi quando ele nem imortal era, que não sabe nada sobre quem ele se tornou. E eu? Mulher dele por mais de quinhentos anos, qual é o meu lugar nisso? Me cansei de ser espectadora.

E se desfez em pó.

SENHORA DO GELO

— Me deixe ir no seu lugar! — pediu Shenu, implorando para que Pablo permanecesse na fortaleza e deixasse que ele fosse em busca do tal fruto azul.

— Não! — vociferou o general. — Eu não posso ficar, eu... Só tenho cinco dias!

— Você acabou de chegar de uma guerra...

— Você também — Pablo retrucou, os olhos sofridos passando rapidamente pelas marcas nos braços do amigo. Inspirou. — Escute, nenhum de nós está em melhor condições que o outro, e eu sou marido dela antes de ser general. Eu já devia ter desertado há tempos.

— Como vai chegar lá a tempo? É do outro lado do mundo, nem com os bondes você conseguiria...

Um rugido sacudiu as paredes e os jovens ergueram os olhos. Atrás dos muros, próxima ao Portal para Bhardo, uma coluna de fogo subiu de repente e desapareceu logo em seguida. Palmas foram ouvidas, e Pablo voltou-se para Shenu:

— Eu tenho minha carona — e correu para se despedir da esposa.

Márcio, Shenu e Yoná correram para fora e se depararam com o dragão vermelho fazendo poses, abrindo asas e mostrando garras, tudo a pedido dos soldados e das crianças, que apontavam admiradas. Férik estava lá, batendo palmas e dando vivas mais que qualquer um. Quando viu os três chegando, Obirtó perguntou com sua voz retumbante:

— E então, querem ouvir meu rugido agora? Ou vocês também querem uma grande labareda do poderoso ramaddron Obirtó?

Shenu fez um bico com os lábios, repetindo silenciosamente o “O” de Obirtó, e Yoná confirmou: aquele era mesmo o dragão que os tinha perseguido antes.

— Nós já vimos mais disso do que gostaríamos — disse Yoná.

— Ah. São vocês — disse o dragão, desanimado.

Pablo apareceu esbaforido e passou pelos amigos como um vendaval. Márcio segurou-o e o fez parar, e viu o rosto inchado e os olhos vermelhos de quem tinha chorado recentemente:

— Octoforte precisa de seu general, e Diana precisa de você. Deixe-nos ir em seu lugar.

Mas Pablo tocou o ombro do irmão, e Márcio viu uma transformação no rapaz. Seu semblante ficou mais leve, límpido, feliz, e, de repente, Márcio sentiu que tudo estava correndo como deveria ser, e que tudo ia ficar bem.

— Enquanto eu estiver fora você está no comando, Márcio Adenetti, sentinela do fogo, junto com o subgeneral Evondér. Cuide de Diana e de Ondily por mim, ajude Dominique a trazer Jadhe de volta, se puder, e proteja a ilha. Entenda irmão, eu preciso fazer isso.

O coração de Márcio se encheu de orgulho e de coragem enquanto via Pablo subir nas costas de Obirtó e partir com ele através do Portal em busca da cura para sua mulher. Os soldados e as outras sentinelas permaneceram alguns instantes naquela mesma posição, de peitos estufados de inspiração, olhando para o local por onde seu líder desaparecera rumo a mais uma missão heroica.

Minutos depois, Márcio se odiou por não ter percebido que Pablo usara o poder da Pedra de Mavhtus sobre eles.

* * *

— O exército escarlata está pronto — disse Rasfát, admirando, da sacada do Sustentáculo, a vastidão de bestas vermelhas que clicavam tenazes enormes e agitavam asas encouraçadas. Os sete ramaddron’z anciões encaravam os marrotes com desagrado. Macrux havia apresentado os insetos gigantes e acéfalos como membros do exército vermelho: uma grave ofensa para os dragões, o que, ao invés de perturbar o feiticeiro, o divertia.

— Quando tudo acabar, o mundo estará a meus pés e minha joia estará completa
— Macrux falava mais para si do que para seus discípulos. — Vamos, a hora é agora!

— Mestre, não é perigoso abandonar a prisioneira sozinha, sendo ela quem é? Não deveríamos deixar alguém para vigiá-la?

O Imperador olhou de viés para a passagem que levava ao calabouço. Sentiu com prazer a magia refletir-se em sua pele em filamentos gelados pelos braços, transformando sua energia explosiva em correntes frias, sinal de que a absorção da alma de Jadhe estava se concretizando com normalidade. Sorriu.

— Não há necessidade — disse. — O corpo da garota está ali, mas o espírito já foi absorvido pela minha joia. Não resta quase nada dela ali dentro.

Rasfát insistiu. — Mas, tratando-se da indarae...

— Jadhe, Landell, não importa! — exclamou Pápero. — Ninguém pode escapar da armadilha do mestre Macrux.

O Imperador riu com a bajulação.

— Além disso, ela não ficará sozinha, se está com tanto medo.

— Adnail ficará...

— Adnail está morta — afirmou friamente o bruxo. Embora seu espião não pudesse ver o que acontecia na Encruzilhada, ele sentira a imortalidade dela se desfazer e se dispersar em sua própria pele. Não teve um grande choque: se ela morreu sem que ele lhe tirasse a vida, significava que o tinha traído, o que também não era surpresa, visto que havia tempos que a mulher dava sinais de que poderia fazer isso. Morreu contando àqueles moleques o que não demorariam muito para saberem. Provavelmente por causa da grávida. Adna sempre teve uma queda pelas grávidas, talvez porque o Elixir a deixara estéril. O único de quem ele poupava a fertilidade era ele mesmo, mas nunca conseguiu entender porque deixar filhos parecia tão interessante para sua companheira; afinal, ele tinha matado todos os que teve. Talvez fosse por isso. Ou por causa de Ganeo. Adnail tinha enfiado na cabeça que Macrux queria ressuscitar aquela que fora seu amor na juventude, antes de ele se tornar Imperador. A morena era uma tola... Sim, Ganeo foi uma

motivação por muito tempo, mas não mais, não agora, embora a própria Adna, com sua obsessão, não tivesse deixado Macrux se esquecer da falecida.

Por hora, o feiticeiro se contentava em ver a expressão horrorizada de Numaquim, com quem Adnail mantinha encontros esporádicos, e que nutria um desejo intenso pela mulher.

— Ela está morta, e vai permanecer assim por um tempo. Mas, com minha joia, poderei trazer pessoas de volta. Ela vai abandonar o reino dos mortos mais cedo do que pensa.

Naturalmente, Macrux não pensava em trazer Adnail de volta tão cedo, um traidor seria sempre traidor, mas achou que Numaquim precisaria de um incentivo para permanecer fiel, pelo menos até o momento em que não fosse mais útil.

— E qual será nosso destino senhor? Vamos espalhar os exércitos pelo Continente Maior?

— Não — o bruxo respondeu com firmeza, e qualquer resquício de luz desapareceu de seus olhos. — Vamos marchar para Octoforte.

— Mas, meu senhor... — Numaquim começou.

— Não seria mais eficiente continuar a atacar o continente? — sugeriu Rasfát. — Todas as regiões estão vulneráveis; temos os dragões, os marrotes e os malditos, se os unirmos num só exército tomaremos o mundo!

— Sim, e quando a morte se espalhar pelos campos, o senhor se erguerá e convocará Zey para o duelo, e o vencerá, e todo o Mundo de Bhardo sucumbirá ao seu comando, mestre! — inflamou-se Pápero. — Nós seremos seus selemen'z, e nenhum reino, e nenhum general, e nenhuma sentinela será páreo para o Imperador Macrux!

— Basta! Basta, todos vocês — estrondeou o monarca, e os homens fizeram silêncio. — Sim, o Continente Maior está arrasado, mas os povos estão reunidos em torno de uma esperança. O Sul foi devastado, os sobreviventes foram atacados pelos umneconi'z, mas um grupo mínimo de soldados e bruxos veio em seu auxílio, conseguiu proteger o que sobrou dos homens e ainda unir seus soberanos. Os ramaddron'z anciões entraram em conflito com os jovens, e estes últimos estavam prestes a perder sua líder quando um humano — um único *humano* —

interferiu, e salvou a dragonesa. Colocamos os bondes abaixo, mas um bando de homenzinhos pôs várias pilastras e alguns carros de volta aos seus lugares. Enviamos nossos exércitos para todas as regiões, mas fomos barrados em Darfindor por meia dúzia de Dragões do Breu, que afirmam que não vão deixar ninguém dominar as terras que eles reivindicaram, pois estão inspirados nos moleques que destronaram o antigo carcereiro deles.

— A luz que as sentinelas de Octoforte trouxeram para o mundo precisa ser apagada. Enquanto as pessoas tiverem esperança de que têm poder para enfrentar qualquer coisa vão acreditar que milagres, como a derrota de Zebarân, são possíveis. Zey não atenderá meu chamado enquanto essa Fortaleza Dourada estiver de pé como um farol guiando desamparados. As sentinelas assumiram importância demais para o povo, e será sobre escombros dourados que vou desafiar o soberano do mundo inferior.

— Meu senhor! — Pápero inflamou-se em admiração.

— Eu vou até lá, e quero os dragões comigo — abaixo, Decaiko urrou em aprovação, e lançou uma rajada de fogo. — Quero os séquitos de marrotes e nove mil malditos. E quero vocês, generais. Mas não desanimem, o caminho até lá é longo, e poderão fazer o que quiserem durante ele.

Os generais urraram de contentamento. Macrux saltou do parapeito, seu corpo demudando em escuro, e caiu, transformado num grande equino de fumaça. Fogo saía de suas ventas, embora não tivesse cabeça, e quem olhasse a aberração encontraria a loucura, pois a figura mutante desafiava a lógica. Seus generais se lançaram atrás dele, Pápero e Numaquim sobre panteras de escuridão, Rasfát nas costas do dragão-rei ancião. Partiram de Gehenmy levantando uma nuvem de terror e voaram para Agerta, espalhando caos e morte por onde passavam.

* * *

Fraca e nauseada, Jadhe sentia suas forças se esvaírem. Não só se sentia doente, como passara a alucinar. Suas lembranças estavam embaralhadas, e ela via coisas que nunca tinha vivido, mas eram lembranças tão nítidas que, por vezes, se perguntava se não seriam reais. Via um castelo de pedra e um garoto pálido de olhos azuis. Sentia que o amava, mas lembrava-se de que não podia confiar nele inteiramente. Voltava à Ártemis, e se lembrava de sua vida, dos colegas do Educandário, de Dominique e das sentinelas. E, quando pensava em Octoforte, tentava se livrar dos filetes luminescentes que afundavam em seu corpo e que

continuavam a surgir, sugando mais e mais de sua essência. Então sua mente era levada para longe, e ela via através de uma lente azul, e muitas pessoas passavam em sua frente, e ela sentia que era totalmente poder. Esforçava-se para voltar para a realidade, pois começava a se esquecer de respirar, e sabia que seu corpo não resistiria muito mais. Pior: cada vez que sua mente apagava, fragmentos de sua consciência enxergavam sua cela de outro ponto de vista, como se ela visse de cima, de dentro da coisa que arrancava sua alma à força, e entendeu que estava morrendo.

Não me resta nada, pensou, já admitindo a derrota.

Um bater de asas chamou sua atenção e ela teve esperanças de que fosse Dominique. Quando ergueu os olhos, porém, viu uma silhueta muito diferente, e instintivamente estendeu sua telepatia. Não importava mais dominar seu dom: naquele momento ele era a única coisa que lhe restava.

— Eu tinha certeza de que estava aqui! Ele não me disse que estava, mas eu senti! Eu sinto, eu sinto! — sibilou a mulher das sombras. — Ele me mandou vigiar você, e disse para não tocar em você, mas ele não está aqui para me impedir agora, e ele me prometeu! Ele prometeu!

— Verônica — Jadhe murmurou, perturbada com as asas da colega. Quando a conheceu, a gárgula escondia muitos segredos, inclusive aquelas asas.

— Ele não precisa da pedra, só de você — a mulher ficou sob a luz das velas que iluminavam a masmorra. Os olhos dela estavam enormes sobre olheiras fundas como poças. — Entregue-a!

A gárgula estendeu as garras através das barras da cela, mas não conseguiu alcançar o pescoço da sentinela. Jadhe torceu para que, talvez, a mulher estivesse louca o suficiente para arrancar a prisioneira dali para chegar ao Tesouro de Caularom, mas achava que Macrux devia ter colocado algumas defesas mágicas além das barras ao redor de sua própria joia em criação. Os olhos das duas se encontraram e Jadhe suspirou, completamente derrotada, vendo a loucura dominando a gárgula que tirou a vida do próprio pai e traiu os amigos.

Os amigos...

A lembrança dos rostos das sentinelas veio misturada a outros que tinham vivido há muito, muito tempo. Ela conhecia aquelas pessoas, sabia seus nomes, e teve

vontade de revê-los, de lembrá-los, de reviver aquela outra vida, aquele outro tempo, de se deixar levar para a joia de Macrux, onde sua alma ficaria suspensa e ela poderia sonhar para sempre.

Mas um senso de urgência se apoderou da garota. Verônica xingava e ainda tentava alcançá-la com as garras, mas a imagem das sentinelas, que insurgiram no pensamento da gárgula, deu um semblante apavorado à criatura. O que teria acontecido para deixar Verônica ainda mais desarvorada?

Juntando a determinação que lhe restava, Jadhe forçou sua consciência a se estender até a mulher mais uma vez. Era difícil chegar às memórias dela, os pensamentos da gárgula eram um caos se comparados ao de um ser humano. A sentinela suave, seu corpo perdendo completamente as forças; deixou-se pender, presa pelos braços às agulhas amaldiçoadas, concentrando toda sua energia nos pensamentos de Verônica.

Viu uma garota de pele cinzenta escondida nas sombras. Sentiu um coração de gárgula espancar o peito com a chegada de três estranhos ao lugar que ela mais odiava. Sentiu que esse coração pulsava por um rapaz que nunca a quis nem como amiga. Sentiu ódio dele, ao mesmo tempo em que o desejava.

Concentrou-se mais; forçou a mulher a pensar nas partes mais doloridas; empurrou, invadiu, viu através dos olhos dela: se virasse tutora do menino, estaria sempre com ele. Não lhe foi permitido, lhe ofereceram o moleque menor, irmão do rapaz, e ela sentiu ódio. Não queria trabalho com uma porcaria pequena correndo atrás dela. Teria que se contentar com a loira, de quem o rapaz parecia cuidar. Sentiu raiva por desejar alguém que queria viver para sempre naquele lugar execrado, e que não tinha rancor de Ólie Fauret. Ninguém tinha rancor de Fauret além dela! Começou a se afeiçoar à menina, então viu a traição: a loira beijava o rapaz que ela amava. Quis matá-la, matar os dois!

Ela sempre odiou Diana, concluiu Jadhe, e, sem perceber, concentrava todo o seu pensamento, e forçava seu espírito a se reconstituir, a se reintegrar.

A mão de Verônica tremia. Estava rígida como uma estátua paralisada no tempo, e não fosse pelo suor que cobria seu corpo todo, poderia se passar por uma pedra. Jadhe forçou ainda mais, e começava a ficar com raiva. Viu como a gárgula aticou outros rapazes para cima de Diana, como quase convenceu um deles a sequestrar a loira, como ela tentou separar a amiga de Pablo, viu como ela atraiu a sentinela da terra para uma armadilha, e como quase a matou ainda na adolescência. Sentiu a ira

inflar no peito da criatura quando percebeu que sua cilada não só não matara a loira, como a aproximara de vez do rapaz.

Sentiu o amargor de ser escolhida sentinela, mesmo tendo feito tudo para não conseguir o posto, e viu tantas imagens fantasiosas que Verônica criara sonhando com a morte do pai. Sentiu — e sentiu no próprio peito, pois começava a ficar assustada com o que iria ver, e mal percebeu como suas pernas voltaram a se sustentar e como sua respiração voltara a ter um ritmo. Sentiu o prazer asqueroso que a mulher tivera ao matar Fauret e Miriér, o inocente que tivera o infortúnio de se apaixonar e se casar com ela.

Verônica queria parar naquelas lembranças, mas Jadhe a obrigou a avançar. Havia algo espinhoso crescendo no coração da gárgula, uma satisfação doentia por algo que também lhe causava repulsa. Jadhe tinha medo do que iria encontrar; seu coração bateu forte, o Tesouro de Caularom reacendeu sua luz e banhou a escuridão do calabouço de azul. O ar ficou frio; fractais de gelo delicados se formaram nas paredes e se estenderam, e Jadhe, enjoada, assustada, mas determinada, forçou a mente da criatura a se lembrar do que ela teimava em esconder da sentinela. Verônica lembrou-se da cólera ao saber do casamento de Pablo com Diana, e jurou que acabaria com a vida dos dois quando tivesse oportunidade. E, quando soube que a moça esperava um filho, os últimos resquícios de sanidade a abandonaram. Ela sonhou e sonhou com a morte da sentinela, do mesmo jeito que tinha idealizado a morte do pai. Por fim, chegou àquela lembrança que tanto a perturbava. E Jadhe viu, repetida e repetidamente, o momento que a besta perfurara Diana com o punhal envenenado, e sentiu o prazer da mulher ao saber que daria fim àquela que ela tanto odiara e do filho que ela carregava, filho do homem que, se não era de Verônica, não seria de mais ninguém.

— Di!

* * *

Nique se lembrava de pensar na ingenuidade de Márcio ao cogitar passar através da tormenta que tinha o tamanho de um Continente inteiro. Então, veio a calmaria, e um calor inesperado os banhou, e as criaturas afrouxaram o aperto e eles mal puderam enxergar, porque uma luz magistral impregnava o ambiente dentro da tormenta. O gênio apenas conseguiu vislumbrar que, lá embaixo, onde os ventos tocavam o oceano, algo verde e sólido pairava acima do nível do mar, algo grande. Algo como uma ilha.

Não teve tempo para pensar ou para olhar mais porque tudo escureceu logo, o abraço voltou a ficar apertado, tanto que pensou que não sairia dele com as asas inteiras. A violência do furacão tornou o voo instável, a dificuldade de respirar era enorme, mas quando acabou, Dominique teve a sensação de que haviam se passado apenas alguns minutos.

Provavelmente, ele e os outros tinham ficado dias no voo, pois a fome e a sede que ele sentiu quando deu por si em pé na ilha Agerta, não eram compatíveis com o tempo que a viagem pareceu tomar. Mas foi um percurso tão estranho, e, Nique suspeitava, com magia envolvida, que lhe pareceu um sonho.

Assim que pousaram e que os estranhos soltaram as sentinelas, Dominique fez um desejo: *desejou* uma oportunidade. A chance veio quando o Silencioso que levava Yoná abriu as asas com ela sobre uma área de grandes pedregulhos lodosos, e a moça, já tonta pelo caminho, se desequilibrou, e com isso não viu o gênio voar para ela. Ela mal teve tempo de perceber que ele tomara a Cuzpola. Desejos pequenos se realizaram ainda em Agerta: pedras rolaram, os amigos escorregaram, um torceu o pé, outro teve um acesso repentino de tosse, e ninguém conseguiu segui-lo. Desde então, ele voava sem parar. Cruzara o Oceano dos Dragões usando, sem permissão, barcos de pesca como pontos para descanso. Quando os homens o viam permitiam que o gênio ficasse, mas Dominique quase levou um arpão no estômago ao se aboletar no mastro de um deles sem se anunciar. Depois, no continente, só parou para comer, beber ou dormir quando as necessidades se tornavam tão gritantes que embaçavam seu pensamento.

Sabia que estava perto, pois o ar era gelado. Aquela região de Gehenmy não era tão fria nesta época do ano, e a peculiar formação de nuvens circulares sobre um monte não muito distante lhe dava a certeza de que estava no lugar certo. Teve medo de se aproximar, Jadhe poderia estar... Por tudo o que Nique se lembrava de como Jadhe ficava doente, e como ela vinha agindo nos últimos tempos, e agora aquela manifestação de poder, Jadhe talvez tivesse...

Estendeu as asas e viu o céu mudando de cor. Trovões violentos estouraram dentro das nuvens, e a revolução no firmamento mais parecia um mar revirado por tempestades. Decolou e voou o mais rápido que conseguiu para o centro da tormenta, e *desejou*, de todo coração, que Jadhe estivesse viva.

Sentiu dor pelo esforço excessivo, o esgotamento das últimas missões cobrando seu preço. Os Silenciosos podiam ter feito o trabalho pesado, mas deixaram as

sentinelas quase sem ar, apertando-os forte para que não fossem levados pelos ventos exorbitantes da Grande Tempestade.

Finalmente via o lugar: uma construção encrustada no flanco de uma íngreme montanha nua na cordilheira do extremo leste de Gehenmy. Sentiu um calafrio: aquilo ficava no meio do nada. Não havia estradas para a torre, não havia portão em sua base, não havia sinal de civilização por perto. O prédio não parecia nenhuma construção que ele já tinha visto: era quase como uma caixa de vespas, e ele se pegou imaginando que espécie de imortal milenar iria querer viver num lugar assim. Não sentiu qualquer estouro ou espasmo característico que indicasse que seus *desejos* de gênio estivessem funcionando, e continuou voando para lá. Uma luz forte brilhou dentro do lugar, e Dominique voou mais rápido, mas foi detido por uma rajada de vento que o jogou longe.

Não comigo, pensou ele. Acionou seu *mac*, e percebeu cada corrente de vento que o empurrava. Sua energia não era mais inexperiente como antes, e agora ele conseguia “enxergar” na pele os caminhos do ar como se fossem estradas para levá-lo onde queria. Recuperou o equilíbrio, e os ventos o carregaram ainda mais rápido para frente, para o Sustentáculo.

Um grito soou da construção e reverberou pelos vales entre as montanhas, e Nique voou ainda mais veloz, sentindo gelo formar-se em suas asas, estreitando os olhos para não ser atingido por blocos de granizo que voavam em sua direção. Colocou o braço à frente do corpo, estava próximo, ia se lançar através da janela...

* * *

A fúria foi maior que ela, foi imensurável. Num instante, não era mais Jadhe, tampouco era Landell: ela era espírito e era água. Espalhou-se pelo calabouço e sua vibração pulsou num fulgor branco que ofuscou Verônica; a sentinela desfez-se em fragmentos de neve, que se lançaram através das grades, das janelas, e viraram tormenta. Ela não podia ser contida, e ninguém, nem o poderoso Imperador, poderia trancá-la numa pedra. Tudo ao redor congelou, o corpo de Jadhe dissolveu-se em água, e Verônica, desesperada, correu escada acima, fugindo da torre o mais rápido que pode. O Tesouro de Caularom, enlouquecido e totalmente ativo, refulgiu como uma supernova em nascimento, criando uma esfera de puro poder.

* * *

O gênio quase se chocou com a gárgula, e no segundo em que se cruzaram no ar, teve um vislumbre da expressão de terror nos olhos dela. Não pensou em parar a inimiga: lançou-se dentro do prédio, onde um muro de gelo crescia pelas pedras e estendia-se por todo canto. Raios estilhaçaram as encostas da montanha, a neve despencou furiosamente num redemoinho congelante, e Nique foi atirado para a parede oposta da torre quando toda a estrutura começou a vibrar. Pedras foram arrancadas do teto, abrindo o cômodo para a escuridão noturna, e o rapaz apertou as asas junto ao corpo para evitar que elas ficassem coladas no gelo.

— Jadhe! — gritou, sabendo que, em minutos, não restaria muito calor nele para continuar se movendo.

Preciso encontrá-la!

* * *

A voz chegou aos ouvidos dela como um sopro espectral, uma vibração de outro mundo. Ela não estava mais ali, não era mais alguém: era apenas presença, a força fria e volátil do sangue do mundo. A consciência era completa, era extensa e implacável, e ela era cada molécula de água do mundo, cada gota que corria nos rios, nos mares, no suor do rosto dos trabalhadores ou entranhada no fundo da terra. Sentia as nuvens, e estendia-se, gelada, por elas, através delas, dentro delas.

— Jadhe! — A voz soou novamente, e fez sua essência vibrar.

Ela reconhecia aquele toque, aquele som, aquela alma.

* * *

Os dedos enrijeceram; Nique tremia, despreparado que estava para enfrentar um frio tão torrencial. *Preciso encontrar Jadhe, desejo encontrá-la*, pensou com fervor, com o controle adquirido recentemente, e, de repente, todo seu corpo estava estalando como fogos de artifício. O prédio tremeu; pedras de gelo e pedaços do teto desabaram sobre ele e bloquearam a saída pela janela. Ele tentou passar para o quarto anexo, mas um novo estouro nos ouvidos o fez parar, e uma pedra maior que ele mesmo despencou em seu caminho. A única passagem restante era a escada para baixo; as vigas de madeira do teto envergaram e algo pesado despencou no meio do quarto, errando Dominique por poucos metros. Ele saltou, equilibrou-se com ajuda das asas, esforçando-se para manter-se de pé no chão vacilante; jogou-se na passagem para a escada; rolou vários degraus e só parou no andar inferior.

O gelo expandia-se estreitando o espaço para se mover: em pouco tempo tomaria todo o interior da torre ruída. Nique avançou para a porta de um cômodo que lhe parecia promissor, mas a *dádiva* de gênio ainda estava ativa, e um estalo na nuca que o fez pensar que o pescoço ia se soltar da cabeça o fez estacar, e gelo arrancou pesadas grades da janela de ferro e barrou a entrada para o recinto, deixando só um alçapão no chão livre. A sentinela se lançou rapidamente para as folhas de ferro; puxou-as, mal conseguindo fechar os dedos sobre as alças de metal pela rigidez dos membros, lançou-se para o interior escuro.

E chamou o nome dela novamente, pois Jadhe estava ali, mas não estava ao mesmo tempo.

Suspenso sozinho no espaço, o Tesouro de Caularom pulsava em luzes azuis e brancas, e suas hastes giravam, aumentando e reduzindo o diâmetro, um verdadeiro coração glacial. Tudo era neve, gelo e frio, e Nique soube que, se não alcançasse a moça naquele momento, ela estaria perdida para sempre. Pequenas fagulhas ainda espocavam em suas têmporas quando ele tomou sua decisão.

Os ventos cortantes o empurraram para longe, mas Dominique avançou. Lutou contra a paralisia que dominou seus músculos, sentindo que, a qualquer momento, sua pele se partiria e ele se transformaria num bloco inanimado. Encolheu as asas mais ainda e estendeu os dedos. Se pudesse alcançá-la talvez a trouxesse de volta, mesmo que a joia arrebetasse suas mãos e arrancasse seus dedos. Alcançou o Tesouro, tocou-o com a ponta das unhas; tentou chama-la só mais uma vez, mas apenas conseguiu pensar no nome dela...

E em seu rosto misterioso e nos olhos puxados e lilases que o olharam com tanta intensidade na praia de Agerta, quando ele deveria ter lhe dado aquele beijo...

Ficou paralisado. O gelo o acobertou, e Nique não pode mais se mover. Seus olhos ainda enxergavam através de uma cortina distorcida, as últimas imagens que veriam antes de seu coração parar completamente, e ele via a joia, vibrando, pulsando, girando, o novo coração de Jadhe...

Que estacou de repente, inerte. Um estouro surdo reverberou de fora do bloco em que estava preso, sentiu uma onda atravessar sua pele e, quando passou, todo o gelo se desfez, e o gênio caiu no chão coberto com um metro de água.

Não conseguiu mover o corpo, mas pode abrir os olhos. Ao redor, tudo tinha se transformado numa escuridão de pedras e madeira desmoronadas e inundadas.

Procurou com os olhos, mas não viu ninguém.

Não conseguiu forçar o corpo a se mexer voluntariamente: embora estivesse livre do gelo, sua pele estava enrijecida e fria, e sua consciência falhava. Estava tomado por espasmos convulsivos, a água ainda era gelada o suficiente para machucar, mas a sensibilidade do gênio já não existia mais. A piscina, no entanto, foi desaparecendo rapidamente, e a umidade aglomerou-se num único ponto, e, agrupada, ergueu-se numa forma feminina, uma mulher feita de água. O corpo tomou cor, consistência, solidez; Jadhe ressurgiu inteira, e quando seus olhos lilases se abriram e encontraram Dominique olhando para ela, ela sorriu.

Tremendo, a garota se recuperou antes do amigo, engatinhou até ele e o abraçou.

Nique sorriu, sem conseguir pronunciar palavras, mas Jadhe, também enrijecida de frio, baixou o rosto até ele e beijou suavemente seus lábios, e, se o gênio ainda tinha dúvida de que seu coração teria calor bastante para voltar a pulsar, ela se dissipou naquele instante.

CAVALGANDO EM RELÂMPAGOS

Pablo prometeu liberar Obirtó assim que o dragão o deixasse em Darfindor, próximo ao local onde Adnail disse que o rapaz encontraria a tal planta. A promessa fez o dragão viajar mais rápido que o vento usando torrentes quentes de ventania que só os seres alados conheciam, e apenas dois dias mais tarde a sentinela já se despedia da fera vermelha.

— Você vai precisar de ajuda para voltar rápido, ou vai chegar depois do prazo — disse o dragão, e Pablo suspeitou de que a fera começava a simpatizar com ele. Durante aquelas breves viagens, os dois tinham conversado um bocado e Pablo tinha passado uns maus pedaços segurando-se ao pescoço do animal através de correntes enregelantes do Norte.

— Eu sei como ir para casa ainda mais rápido do que viemos para cá. Só não teria forças para fazer o caminho duas vezes — disse a sentinela, fazendo mistério. — Vá. Procure Ítaga, conte o que Adnail nos falou sobre o Imperador. O que quer que ele esteja planejando está prestes a acontecer, se já não começou.

— Boa sorte na sua procura, homenzinho. Veja se toma cuidado com meu bocadinho de sangue que não costumo distribuí-lo por aí. Eu torço para que a companheira sobreviva. Seria interessante conhecê-la sem tentarmos matar um ao outro — disse, e com uma lufada de chamas bateu asas, levantando uma nuvem de poeira e espalhando penas pretas por todo lado.

No pico da montanha nua, Pablo pisou firme, cuidando para não escorregar. Os braços e as pernas estavam arranhados e tinha torcido um tornozelo, o mesmo da perna dura que já o obrigava a mancar, e assim andou por muito tempo. Não quis gastar energia com uma magia curativa, pois sabia que precisaria de cada centelha de poder que pudesse produzir para voltar para casa como Ártemis tinha lhe ensinado.

Não queria admitir, mas estava desorientado. A Cuzpola vinha sendo a principal fonte de orientação das sentinelas e, na falta dela, os jovens tinham usado mapas enfeitados. Agora, usando apenas a orientação comum por bússola e mapas geológicos precários, Pablo estava tendo dificuldades em se situar na escuridão. Márcio tinha razão: a noite era muito mais profunda do que o normal, mas o fato de estar a uma altitude de quase três mil metros não ajudava sua cabeça a funcionar. O coração estava disparado, e ele não tinha certeza se era pela falta de oxigênio, pelo frio, por ter de volta a influência da Pedra de Mavhtus ou simplesmente pelo cansaço de procurar a tal planta há horas.

O pior é que não estava enxergando nada apropriadamente. A vista estava embaçada por causa da altitude, mas não era esse o problema: sua percepção das coisas estava distorcida. Muitos barrancos lhe pareciam intransponíveis quando, na verdade, eram apenas saliências, enquanto outros pareciam rupturas fáceis de passar quando poderiam ser fatais. Os arranhões e o tornozelo foram todos provocados por essas más interpretações, e Pablo temia que um ferimento mais sério comprometesse sua viagem de volta.

Tudo por causa da joia, pensou.

Para se certificar de ter forças bastantes para o caminho de volta, Pablo tinha trazido a Pedra de Mavhtus com ele, mas agora ponderava que talvez essa não tivesse sido uma boa ideia; afinal, com ela no bolso, ele não conseguia ter certeza de nada do que via. Até algumas cores mudavam aos seus olhos, e ele precisava parar, respirar fundo e se concentrar em limpar a mente de qualquer sensação, boa ou ruim, que pudesse ser transformada no oposto.

Por fim, quando se convenceu de que nada do que fizesse o pouparia dos efeitos do Tesouro, decidiu prendê-lo entre um conjunto específico de rochas. Marcou um lugar magicamente com uma chama laranja que podia ser vista de longe, e continuou seu caminho, deixando-o para trás.

As joias tinham sua sedução natural, leve, imperceptível, quando inativas. Quando as sentinelas começaram a usá-las, a atração ficou maior, mais nítida ainda quando em contato direto com a pele de seu portador. Agora, mesmo quando inativas e longe das mãos de quem carregava, era possível notar o encanto agindo, mas ainda era mais tolerável do que segurá-las com as próprias mãos junto de si.

Imediatamente sentiu-se mais consciente do próprio corpo e dos arredores, e, na medida em que se afastava, situou-se naquele ambiente inóspito: as pontas

escarpadas das montanhas mais altas de Darfindor miravam o céu como lâminas agourentas, e os picos eram estreitos e sem vida. A maioria das rochas era escura, mas havia veios prateados entre elas, vestígios dos metais que compunham a geologia local. Quase nenhuma luz tocava a região; uma camada densa de nuvens cobria o firmamento, e não se transformaria em chuva tão cedo. Não relampejava, e os globos de luz que Pablo produzira com magia eram instáveis, pois ele tinha dificuldade em se manter alerta com toda aquela pressão nos ouvidos. Tentou acender uma tocha, mas o fogo apagou com facilidade, e percebeu que só perderia tempo insistindo naquilo.

Preciso de luz. Preciso imediatamente de luz.

— Não devia fazer isso, rapaz. Está arriscando seu pescoço. Se você morrer, quem vai ajudar sua família?

Pablo inspirou profundamente para acalmar o coração. Olhou ao redor, onde não havia nenhuma planta, nenhuma grama, nenhuma árvore morta.

— Pelo menos aqui você podia me deixar em paz — falou sem se virar, sabendo que a voz que falava vinha de Lhênus.

— Você precisa chamar o dragão de volta. Recupere a joia e volte. Sua família...

— O que você quer é o general que vai liderar os homens contra o seu Imperador — Pablo acusou. — Eu criei o cargo de subgeneral; se Evondér não suportar, Márcio assumirá o comando.

— Ah, Pablo! Ártemis era muito mais experiente do que você! Vai se matar!

O céu estava encoberto, mas mesmo que estivesse livre, ele não veria a estrela Ártemis, não ali. Mas Pablo pensou nela, tão brilhante na Constelação do Navegante, e tomou uma decisão. Ignorou Lhênus, e torceu para que ele se calasse. Não queria gastar energia, e esperava conseguir voltar sem o poder da Pedra de Mavhtus, que certamente o transformaria no lunático que atacou a própria esposa meses antes, mas estava ficando sem opções e o tempo se esgotava rapidamente. Respirou fundo e ergueu as duas mãos para o alto.

A eletricidade se formou aos poucos. Primeiro ao redor de seus pés, condensando as partículas agitadas do ambiente, fazendo-as vibrarem e se chocarem umas contra as outras. Subiu pelas pernas, garras invisíveis com estouros imperceptíveis. Ao

mesmo tempo, as nuvens sofriam com arrebentações involuntárias: uma erupção de íons e elétrons maníacos, desesperadamente atraídos para o solo. Carga se chocou contra carga, e o raio caiu sobre Pablo, e muitos outros caíram nos arredores após aquele, iluminando a paisagem ameaçadora com uma sequência de rasgos no céu.

Não muito longe, Pablo as viu: pequeninas árvores que cresciam próximas aos espigões mais altos. Enquanto a rajada de relâmpagos reverberava pelo espaço ele não identificou nenhuma delas aparentemente acessível, pelo menos não caminhando tradicionalmente.

Hora de testar as lições da mestra, pensou.

* * *

— Sobre liderança, imagino que era nisso que você estava interessado. Só tenha em mente que a *ordem superior* pode ser um feitiço de rápida execução, mas dura só alguns minutos.

— Espero nunca precisar dele...

— Quanto ao outro assunto...

— Eu gostaria de aprender.

— Não é algo para uma pessoa normal aprender, Pablo Adenetti. Vai acabar se matando.

— E se não for uma escolha? E se minha vida depender disso, e não houver opção?

Ele sabia que havia uma grande probabilidade de aquilo acontecer, dadas as peculiaridades do lugar para onde ia.

— Olha só, eu te ensino a teoria, mostro como eu faço, mas não vou ajudá-lo a usar esse recurso. As chances de você acabar espalhado por aí, vagando pelo cosmos, são gigantes.

— Eu posso usar a magia das joias para isso. Posso usar a Pedra de Mavhtus...

— Sua joia não é garantia de nada, e caso ainda não tenha notado, você não está no controle dela como pensa. Vou te mostrar como se faz, mas depois é melhor esquecer este assunto. Cavalgar relâmpagos não é um meio seguro de se viajar.

Condensou mais uma vez o *mac* das tempestades. Seu corpo todo vibrou como uma grande antena, e ele liberou o ar dos pulmões. Tremia tanto de frio quanto de nervosismo, e pensou que, na pior das hipóteses, se ele não conseguisse, pelo menos se reuniria com Diana do outro lado.

Eu tenho que conseguir. Tenho uma filha agora, e outro que ainda nem nasceu. Três pessoas dependendo de mim.

O raio desabou sobre ele, mas, desta vez, Pablo não foi apenas o condutor da energia. Tirou ligeiramente os pés do chão naquele átimo de segundo, e a pele, os ossos, e todo o corpo se dissolveram em energia pura, que foi carregada pela corrente ao céu, e viajou incontrolável até cair, num estrondo que sacudiu os picos, arrancando rochas de seus lugares, a cinco metros da planta pretendida.

Até o sangue de Pablo tremulava quando ele se enxergou outra vez, e sua carne ainda oscilou em espasmos de energia antes de se estabilizar e voltar a ser como era. Ou quase, pois boa parte de suas roupas tinha desaparecido. O som explodiu nos ouvidos logo depois, numa onda impressionante que o fez balançar. Ao menos não sentia mais frio, mas sua cabeça estava tão zozna que ele achou melhor não tentar raciocinar muita coisa, apenas se concentrar na tarefa.

Perscrutou ao redor, e viu um abismo monumental entre ele e o pico seguinte, onde o arbusto estava, com três frutos gigantes pendendo de seus galhos. Olhou para baixo, onde as rochas no fundo apontavam como lanças para o alto. A melhor garantia seria usar novamente o trovão para chegar ao outro lado, mas percebeu o quanto tinha ficado cansado, e, como precisava demais daquele truque para voltar para casa, tentou um salto simples para o lugar mais perto do destino.

Quase escorregou; suas mãos alcançaram uma parede lisa cheia de musgo e ele perdeu o equilíbrio, mas foi salvo por uma saliência providencial que sustentou seus pés. Escalou alguns metros, muito consciente de que, se sucumbisse ao vento, sua queda seria longa e ele terminaria empalado no cume afiado de uma montanha. Seus dedos roçaram as raízes da planta e ele conseguiu alcançar o galho mais baixo. De perto aparentava ser uma árvore não mais alta que Ondily, mas nodosa e com tantas folhas miúdas que parecia crescer ali há séculos. Encontrou apoio para a mão e içou-se alguns centímetros para cima, finalmente tocando o fruto desejado. Puxou-o, arrancando-o do galho resistente; equilibrou-se com um pé e uma mão no cume e outro pé num cimo próximo, ficando suspenso no meio de dois picos a

quatro mil metros de altitude, e prendeu a respiração, temendo que até a menor batida de seu coração pudesse fazê-lo tombar. Uma rajada de vento quase o varreu para longe, mas ele se segurou, e quando a potência dela diminuiu um pouco, Pablo lançou-se para a montanha, e agarrou-se o mais firme que pôde.

Conseguiu arrancar os outros dois frutos, que eram desproporcionalmente grandes para o tamanho da árvore. Envolveu a perna num cone de rochas baixo, sentindo suor escorrer pelo rosto: teria que sair dali com o trovão, e teria que conseguir fazer isso mantendo os frutos e também o frasco contendo o sangue de Obirtó, cedido pelo dron, inteiros durante toda a viagem de volta. Segurou-os no braço direito e ergueu o esquerdo para cima, e mentalizou uma breve prece para Uttouér, Senhor dos Sons e dos Trovões, pedindo sua benção. Concentrou-se, e fez fluir o *mac* novamente, e foi carregado por ele até o pico onde deixara a Pedra de Mavhtus. Ao enxergar soltou um suspiro de alívio, pois conseguira reconhecer e canalizar corretamente a energia das frutas e do sangue, e eles estavam inteiros. Apanhou a joia, começando a se sentir fraco e gelado.

Ainda tenho muito chão pela frente, pensou, e mirou o ponto mais distante em que conseguiria chegar com seus relâmpagos. Tomou fôlego e iniciou a saraivada de raios que o levariam a Octoforte, o rosto de Diana no pensamento o tempo todo.

* * *

Inacreditavelmente, os dois estavam seguros numa espécie de bolsão formado no desabamento, e Nique suspeitou de que isso tivesse relação com a sequência de *desejos* realizados, que incluía encontrar Jadhe “em segurança”. A garota apanhou dois pedaços de tábuas dos restos da construção e, com as mãos trêmulas e azuladas, fez um floreio que afastou a umidade da madeira, deixando-a completamente seca. Trouxe as ripas mais para perto do gênio e tentou acender um fogo com magia. Murmurou *scárfh*, *scárfér*, *saeras*, várias vezes, palavras em bhardanathé antigo para “fogo, fogueira e calor”, mas nenhuma delas surtiu efeito. Então Nique cobriu a mão dela com a sua e tomou a dianteira.

— *Scárfh* — disse uma vez só entre um bater de queixo e outro, e uma pequena chama irrompeu na tábuas, abençoadamente iluminando e aquecendo. Depois tomou a mão dela e a apertou nos braços, envolveu-a em suas asas, e acariciou seu rosto, entrelaçou seus dedos nos dela, testando os polegares, ainda insensíveis. — Você nunca foi uma boa bruxa.

Jadhe sorriu.

— Eu via tudo Nique! Tudo! Eu via a água em todas as suas formas... Eu *era* a água. Via cada molécula em cada milímetro do oceano, e dentro de cada ser vivo, e dentro da terra, nas nuvens, nos gêiseres, nas geleiras e nos aquíferos, nos rios, nas poças formadas pelas chuvas! E eu também sentia todos os outros Senhores. Inish é a Senhora dos Minérios, e eu podia senti-la dentro dos seres vivos e dentro das plantas, e no céu, e nos rios, e no fundo do planeta! Podia sentir Scárfer, o Senhor do Fogo e do Calor, e o sentia no centro do mundo, nos vulcões e nas fogueiras, nas chamas das velas e também no mínimo calor do coração dos tubarões nos oceanos gelados. Sentia Zizaram no céu, nas nuvens e nos bolsões de gás subterrâneos, e na respiração das borboletas. Sentia Lhênus em tudo, pois há sabedoria na organização de cada partícula deste mundo, e ele está presente. E... E eu sentia Caularom, e ele abria caminho para mim. Ele me estendia seu reino e se afastava para que eu tomasse seu lugar... Ele não tinha raiva nem alegria, não estava triste, tampouco. Parecia só... resignado. Como se aceitasse em paz que eu assumisse o lugar de Senhora da Água do Mundo de Bhardo.

Nique sabia que devia manter a expressão neutra, mas não conseguia disfarçar o espanto. Estava tão assustado quanto maravilhado, e independente do que tinha acabado de acontecer entre eles, não sabia se devia continuar a tratar Jadhe como sempre ou se devia começar a reverenciá-la. E não ajudava muito a forma como a telepatia da garota o atingia. Era involuntário, Jadhe tentava controlar as sensações, mas eram tão mais fortes que ela, tão intensas, que ela não conseguia evitar que Nique vislumbrasse um pouco do que ela tinha vivenciado, e sentia como se estivesse tentando se manter estável voando no meio de um furacão.

— Ent-tão v-você... — Era difícil falar, a hipotermia teimava em puxar a mente dele para o limbo e o frio não deixava seus maxilares se abrirem corretamente para formar palavras. Decidiu pensar, sabendo que Jadhe o ouviria. “*Agora você é uma Senhora?* ”

Jadhe piscou várias vezes.

— É claro que não! — Todas as sensações cessaram por completo. — Se eu tivesse me tornado uma Senhora eu não estaria assim agora — ela apontou para o próprio corpo. — Deixei isso pra trás, e para sempre. Eu voltei.

Dominique estremeceu e sentiu um gelo na boca do estômago. Sentiu uma chibatada no tórax que o atingiu como um choque, e percebeu que aquele formigamento vinha da moça, e que ela estava tão nervosa quanto ele.

“E por que você voltou? ”

— Ouvi você me chamar — ela disse. Nique tocou o rosto dela com delicadeza, e a pele geralmente fria de Jadhe estava quente. — Você salvou minha alma. De novo.

O gênio tentou perguntar algo, mas foi impedido por uma sucessão de tremores fortes que tomaram seu corpo e produziram câimbras em suas asas. Os dedos das mãos estavam escuros, e ele torcia para que nenhum deles estivesse perdido.

— Quando nos encontramos pela primeira vez — Jadhe explicou — eu estava prestes a desistir. A me entregar para o rio. Eu tinha dez anos, achava que era um monstro, que tinha tirado a vida de todos os que eu amava. Os que sobraram da minha vila tinham me condenado à morte, e eu estava sozinha no meio de uma floresta da qual eu só tinha ouvido falar em histórias. Não tinha ninguém. Eu pensava... Que se entrasse na água e deixasse ela me levar, a dor iria embora.

Nique, que nunca soube daquelas coisas, *desejou* conseguir um pouco de calor para poder abraçar a moça. Ao invés disso, ela o abraçou, e seu corpo já não estava frio.

— E eu *via* coisas. Via e ouvia coisas, vozes e imagens que estavam distantes. Havia a telepatia, que só aparecia às vezes e me deixava confusa, porque eu não sabia como lidar com ela, mas as *coisas* que me tiravam do eixo, que me faziam ficar tonta e desmaiar não vinham da expansão cognitiva, e eu sabia disso. Sabia que não era normal. Agora eu entendo: eram chamados do poder de Landell, meu poder. Parte do meu espírito estava lá e gritava para que eu voltasse, para que eu o recuperasse. E isso me fez parecer doente... ou louca.

— Voc-cê... n-nunca p-parec...

— Louca? — a garota sorriu. — Pareci sim. E por isso achei... O rio era tentador, entende? Mas você apareceu e eu achei que fosse um *zanmae*.

O rapaz arqueou as sobrancelhas. “*Um o que?*”, pensou, e Jadhe ouviu a pergunta.

— É uma figura da crença blannae. Um coletor do Além que vem para separar a alma do corpo. Ninguém me disse como seriam, mas eu pensava neles como sendo muito bonitos — ela corou e olhou para o lado. Nique sorriu ao perceber que ela já estava quente o bastante para corar, enquanto a pele dele ainda estava terrivelmente arroxeadada. — Além disso, eu nunca tinha visto nem ouvido falar em pessoas com asas. Você era pra mim... divino.

“E, por isso, ficou meses sem falar”.

— Não, eu entendi rápido que você não era nada sobrenatural, acho que a mudez também tinha relação com a distância da joia. Mas você e Ártemis me acolheram ... Me trouxeram de volta para o mundo dos homens.

“E você quase foi embora dele agora há pouco”.

— Mas ouvi você, e me lembrei de quem eu sou.

Nique sentiu a garganta secar. Temia que aquele momento chegasse, que Jadhe dissesse que tinha visto todo o seu passado e que iria assumir sua verdadeira identidade. Ela era Landell, senhora dos indarae, e podia reclamar a coroa de toda a Terra dos Cristais, o Continente Gelado inteiro se curvaria perante ela.

— E v-você é Land...ell, a rainha d-de seu po-povo — o gênio falou.

— Não, Nique, não, essa vida já se foi — ela disse com urgência, segurando a mão dele entre as suas pequeninas. — Eu posso ser parecida com ela porque nasci no mesmo povo; posso ter até o mesmo sangue que ela porque sou sua descendente, mas não sou ela, não mais. Eu sou Jadhe, filha de Linarell e Évio, irmã de Inaiyume e aprendiz de Ártemis Caçadora. E sou orgulhosa sentinela de Octoforte, e... — sua voz ficou mais baixa e vacilou ao concluir. Sem conseguir falar, Dominique ouviu em seu pensamento:

“Sou apaixonada por você. ”

Ela fitou os olhos dourados do gênio como se eles tivessem um poder magnético sobre ela. Nique olhou fundo naquele lilás, tentando absorver a verdade por trás daquelas palavras, pois não acreditava que fossem verdade.

— Há quanto tempo? — perguntou num sussurro.

Uma imagem surgiu na mente do rapaz, e veio acompanhada de emoções avassaladoras: a floresta ao redor, medo e solidão, os sons das feras, a certeza de morrer logo. O frio, a culpa, a certeza da insanidade, a aceitação de um destino merecido. Então uma sombra, um rapaz de ar curioso, de olhos de ouro e asas de cisne, que desceu dos céus e lhe estendeu a mão, e ela teve a certeza de estar diante de uma divindade. O coração disparou e ela ficou sem ar, e Jadhe seguiria feliz o *zanmae* para onde ele quisesse. Lembranças do primeiro encontro deles.

“*Sempre*”, confessou.

— Você veio por mim — disse ela, afagando o rosto do gênio. Dominique, que ainda não confiava na própria voz tremendo como estava, sorriu outra vez. — Não tem mais medo dos seus *desejos*?

Nique não olhou para ela imediatamente ao responder, pois sentiu que, se olhasse, talvez perdesse a coragem outra vez, ou talvez ela lhe pedisse para se afastar. Quando falou sua voz saiu num murmúrio, mas firme:

— Eu te amo, Jadhe. Não dá pra desejar isso menos. Desisti de tentar.

Ela tocou queixo dele de leve e o fez olhar nos olhos dela. “*Eu sempre amei você*”, repetiu ela dentro da mente dele, fazendo o rapaz estremecer. O gênio sentiu-se envolvido num calor que não era físico, um fervor que tomou o estômago, o peito, e se insuflou em seu rosto, tirando seu fôlego. A mente de Jadhe estava tão aberta que abraçava a dele numa redoma só, e ele sentiu o coração dela disparar enquanto o seu próprio batia sem compasso. Desta vez, porém, não havia ninguém para atrapalhá-los, e ela não estava às portas da morte: tinha renascido, voltado do mundo dos espíritos, e ele jamais fugiria dela outra vez. Aproximou-se e seus lábios tocaram os dela gentilmente, depois com urgência, sentindo, na maciez de pele cálida da mulher, seu corpo aquecer mais rápido do que qualquer incêndio. Deixaram a intensidade do momento carregá-los, de uma vez e definitivamente, um para o outro.

* * *

Quando se afastaram finalmente aquecidos, Dominique conseguia mover até os dedos mínimos dos pés e Jadhe sorria, e a maré telepática que passou pelo gênio era de uma tranquilidade que Dominique jamais tinha experimentado vindo da garota. “*Princesa*”, ele se lembrou. “*Será minha rainha para sempre*”.

— O que pode não ser muito — disse Jadhe, de repente séria. — Precisamos sair daqui. Diana...

— O que tem Diana?

Jadhe pensou em Verônica e em como tinha visto a punhalada na amiga através da mente da gárgula, e Dominique enxergou tudo como se ele mesmo tivesse pensado naquilo.

— Isso... Eu saí de lá sem... — sussurrou o gênio.

— Já tinha acontecido — a moça falou.

— Droga! Mas ela não é a única em perigo.

— O Imperador...

— Você sabe do Imperador?

— Foi quem me prendeu aqui — disse a moça, e, através da ponte mental, vislumbrou o que Dominique sabia sobre o homem, e também passou a ele as lembranças sobre o que tinha acontecido a ela, sobre o que vira e ouvira, tanto quando estava presa, quanto quando se espalhou como neve nos arredores da torre, totalmente livre, e percebeu o asqueroso exército de bestas rumando para Octoforte, alastrando terror no caminho.

— Não vamos perder tempo — o rapaz ajudou a moça a se levantar e, embora soubesse que deveria ficar preocupado com o embate por vir, não pode deixar de sorrir ao pensar que estava voltando para Octoforte com sua *companheira*.

Então desviou os olhos e enxergou o Tesouro de Caularom, ou, pelo menos, o que costumava ser a joia.

— Mas... A pedra...

O grande diamante azul que pulsava luminoso entre hastes circulares estava totalmente apagado. A pedra não era mais azul nem transparente: havia se tornado um fragmento sólido e sem graça de rocha cinza e, em volta dele, as hastes jaziam inertes no chão, não mais atraídas pela gravidade enérgica que as mantinha em eixo com a joia. Não passavam de anéis de metal sem utilidade.

— Como...

— O poder que havia no Tesouro de Caularom era meu — explicou a moça. — Fazia sentido manter esse... esse *meu* poder na pedra enquanto era preciso garantir que as pessoas do povo de Landell tivessem acesso a ele, para zelar por sua segurança. Eu *estava* dividida. Mas isso acabou. Este Objeto Supremo não existe mais.

— E o poder dele...

A garota levantou-se, apanhou a pedra cinzenta e a girou entre os dedos. Depois a atirou para trás, e Nique a viu se espatifar, desaparecendo numa nuvem de pó.

— Voltou para o lugar dele, que é comigo. Agora estou inteira e nunca mais vou ficar presa numa coisa outra vez.

O gênio olhou por trás do ombro, onde a cela em que Jadhe ficara confinada ainda estava inteira, e onde o livro abjeto podia ser visto, a capa presa por correntes a um suporte ao teto, filetes violáceos pendendo dele, dançando sem luz, as páginas balançando lentamente, impulsionadas pelo calor da fogueira das sentinelas.

— E quanto àquela coisa? Acha que ainda é perigosa?

Com os olhos brilhando brancos, Jadhe pousou a mão no chão e criou um caminho de gelo até o artefato. Ao tocá-lo o gelo recuou, como se a magia negra do Imperador repelisse o poder da garota, mas Jadhe insistiu, e cobriu completamente a coisa. Tirou a mão do chão e comprimiu os dedos com força, e o gesto foi refletido no gelo sobre o artefato. Com um ruído agudo o bloco rachou, espalhando uma chuva de lascas translúcidas que, a exemplo do Tesouro de Caularom, foram reduzidas a pó antes de tocarem o chão.

Boquiaberto, o gênio fitou o espaço onde o artefato de Macrux tinha desaparecido, pensando em como tinha sido cego.

— E eu preocupado que meus *desejos* pudessem fazer um armário cair sobre você ou coisa assim... — comentou.

Abraçou Jadhe e juntos abriram caminho para saírem daquele entulho todo e voltarem para casa.

* * *

O esconderijo de Macrux ficava na encosta leste das montanhas mais ao sul de Gehenmy, e Nique levou duas horas para voar com Jadhe até Carjei, cidade que os dois costumavam visitar quando a trupe de artistas nômades aparecia nas redondezas do Educandário. Lembraram-se juntos de aventuras passadas ali, mas não valia a pena rememorar nada daquilo, pois, quando chegaram à urbe, a realidade os atingiu como um soco.

Do alto, não podiam visualizar muita coisa porque, exceto pela constante Lincariell, não havia mais nenhuma luz no céu, nenhuma estrela, nenhuma lua, mas

quando pousaram na muralha da cidade, a claridade do fogo descortinou a visão: Carjei estava destruída. Os grandes prédios de três andares, onde várias gerações das famílias construía seus lares, arderam em chamas, já apagadas. Havia sulcos nas ruas que indicavam locais onde jatos de fogo se alastraram e se extinguiram.

— Dragões — murmurou Jadhe.

Andaram lentamente, sem ter coragem de atender aos diversos lamentos. Havia pessoas em sofrimento ali, pessoas demais, mas o Imperador seguira seu caminho, e Octoforte era seu alvo. O máximo que Jadhe se permitiu fazer foi puxar a umidade do solo para a superfície para encher poços secos, para que as pessoas pudessem ter uma chance de apagar os focos de fogo e de se hidratarem. Seguiram na direção da plataforma de bondes que tinha sido reconstruída por uma equipe local, torcendo para que estivesse de pé.

Se Nique estivesse forte o suficiente, teria feito os ventos juntarem nuvens de fumaça e encobrirem o céu, pois elas já tinham se dissipado e tudo estava claro, e a visão que a Lincariell proporcionava a Macrux era limpa e abrangente.

— Eu costumava fazer pedidos à estrela — murmurou, fitando inconformado o que ele agora sabia ser o espião do Imperador milenar.

— Todos fazíamos isso — disse Jadhe, também de olhos cravados na luz. — Em toda parte. Mas vamos acabar com isso. Tirar essa coisa dali e parar esse louco.

— É o que você quer? — o gênio perguntou, apertando a mão dela. Jadhe voltou-se para ele como se jamais tivesse visto o gênio na vida. — Quero dizer, você está livre agora, livre da joia, livre de tudo. Pode viver a vida tranquila que sempre sonhou, e ninguém poderia culpá-la por isso.

— O homem tentou trancar minha alma dentro de uma pedra cheia da peçonha fedorenta dele — a moça falou, e Nique viu o familiar brilho branco emanar dos olhos dela. — Matou minha família e criou o veneno que amaldiçoou nossa mestra. Quer algo mais pessoal que isso? Agora quer ser um Senhor, *um Senhor!* Mesmo se um de nós, ou nós todos, resolvermos dar as costas agora, ele vai nos perseguir, e, se não o fizer, não haverá ninguém no caminho dele e ele vai amaldiçoar o mundo todo, todas as pessoas! Além disso, eu vi o próximo passo dele Nique, e ninguém, *ninguém* estará a salvo.

— Que próximo passo? — Dominique indagou, já desanimado.

— Quando nos derrotar, porque ele tem certeza de conseguir isso, e invocar Zey, se o Senhor não aparecer, ele vai lançar uma última coisa no mundo: pragas. São doenças de todos os tipos, agressivas ou brandas, montes de coisas contaminadas que ele trouxe do mundo dos homens. Aqueles frascos que Pablo encontrou no Torreão? São dele, coisas dele, experiências dele. Havia muitas mais aqui, prateleiras e mais prateleiras. Estavam naquela... Naquele lugar em que você me achou, mas ele os carregou consigo. Vão se espalhar pelo mundo todo e matar gente e bichos sem o menor critério.

— Nem ele tem poder para controlar isso! — o rapaz se alarmou.

— Não, não tem, mas é imortal, e não está preocupado. — Ela sorriu com malícia.
— Ah, mas ele não faz ideia de com quem está lidando...

Um calafrio subiu pela espinha do gênio com o tom imponente da garota, aquele tom que ele associava com sua parte “Landell”, e o pensamento fez outra questão se sobrepor à preocupação com o inimigo, algo que, para ele, era ainda mais perturbador.

— Quer dizer então que você... Você é mesmo *ela*? Você é Landell?

Jadhe piscou de volta um tanto confusa.

— Quer dizer... Você se lembrou? Do seu... Da sua vida anterior?

— É, eu acho...

Jadhe não precisou dizer muita coisa mais, pois as emoções dela ficaram confusas e transbordaram.

— Jadhe! — ele sibilou, mas enxergou uma menina de cabelos pretos, olhos azuis e puxados e rosto redondo, e depois outra menina menor, magrinha e de olhos verdes, e soube que as duas não tinham vivido na mesma época. As aparições pareciam estranhas, mas Nique achou que as mais antigas eram as que apareciam borradas, e por que Jadhe tinha um leve carinho nostálgico.

— São como sonhos muito bonitos... — ela sussurrou, sem olhar para o rapaz.

— Então... Se lembrou *dele* também, não é?

Toda a inundação mental de Jadhe cessou completamente.

— *Dele?* Dele quem?

— Sabe de quem! Oras... O livro da mestra fala dele... Era seu companheiro afinal, não era? Plúnio?

Realizada, a garota sorriu.

— Como é possível, Dominique de Crimehuór, ter ciúmes de alguém que morreu há uns dois mil anos?

Neste momento, os jovens estacaram. Atrás de um emaranhado de árvores chamuscadas, a estradinha fazia uma volta para o leste, e, na descida, conseguiram visualizar a plataforma de bondes.

Destruída.

O FIM E O COMEÇO

— O que vamos fazer? — Jadhe perguntou, levando a mão à cabeça.

Dominique não falou nada. O cansaço o estava consumindo. Se estivesse em melhor forma, teria dito que carregaria Jadhe voando até Octoforte, mesmo sabendo que seria insanidade, e que nem um dragão faria uma viagem àquela distância sem pausas. Contudo, o esgotamento era tanto que falava mais alto que sua imensa vaidade, e Dominique se calou.

— Lhênus bem que podia aparecer por aqui...

Um estalo pequeno, um zumbido. Montes de pontos de luz piscaram em sua vista. Sim, o gênio tinha *desejado* algo!

— E seu *desejo* se realizou, meu caro gênio! — uma voz grave soou às costas das sentinelas.

— Lhênus! — exclamaram Jadhe e Dominique, e abaixaram suas cabeças, em reverência.

A árvore chamuscada, antes sem vida, de galhos finos e ressequidos, moveu sua copa nua como uma mão de mil dedos. Os jovens não puderam enxergar o rosto que havia em seu tronco, mas sabiam que ele estava lá, junto com mais duas pessoas.

— Ora, ora... Vocês são os dois discípulos de Ayana Ártemis que mais conviveram com ela, e são os únicos que guardam respeito por mim. Que curioso!

— Por favor, Senhor, não fale da minha mãe — pediu Dominique.

— Hm, você está bem contente de chamar a mulher de “mãe”, não está? Claro que está. Ela deve estar feliz, esteja onde estiver...

— Chegamos a pensar que o Senhor estivesse morto — disse Jadhe.

— É só ficar um tempinho longe e todo mundo pensa que estou morto. Não me admira que Macrux tenha ficado tão chateado por ouvir o mesmo tipo de conclusão — o Senhor replicou.

— Veio para nos ajudar? — Dominique suplicou.

— Aquele demônio está indo para a ilha. Precisamos voltar. Precisamos avisá-los, precisamos ajudá-los...

— E ajudar Diana, de algum jeito!

A árvore ficou subitamente imóvel, mas uma luz diminuta surgiu atrás dela. Um menino de rosto rechonchudo e pele manchada surgiu, e havia cogumelos orelha-de-pau brotando de várias partes de seu corpo. A luz vinha de sua pele, luminescente como algumas flores que brilham no escuro nos confins de Crimehuór, e as figuras que vieram com ele, e que se mantinham em silêncio, se aproximaram.

O semblante do elemental era triste.

— Silenciosos! — Dominique exclamou, e deu um passo involuntário para trás. Não tinha exatamente confiança nas criaturas.

— Espíritos — Jadhe constatou, aproximando-se de um deles com reverência. — Que tipo de sortilégio os mantém prisioneiros deste mundo, uma maldição?

— Está certa em dizer que são prisioneiros, mas não por uma maldição — Lhênus respondeu. — Os Calados de Cermalháct foram castigados pelos Senhores. Não podem morrer nos corpos metamórficos, e devem passar a eternidade em Cermalháct. Uma pena muito dura, se querem minha opinião. Algumas vezes consigo uma concessão especial, para que saiam e me ajudem com alguma tarefa, e geralmente eles ficam contentes com isso.

As criaturas se aproximaram e se abaixaram para olhar as sentinelas nos olhos, pois eram muito altas. Os capuzes escondiam suas formas reais, mas Jadhe enxergou dois pares de olhos enormes brilhando para ela, e apesar de tentar, não conseguiu se comunicar mentalmente com aquele em sua frente, apenas sentir vibrações de emoções. Os dois estavam empolgados.

— Só sei é que agradeço que estejam do nosso lado — disse Nique.

Um bramido soou ao longe, alarmando o grupo.

— Ramaddron'z — disse Jadhe. — Estão em luta. Os vermelhos conseguiram apoio dos Dragões do Breu, e estão tentando parar os imortais.

— Como sabe disso? — Dominique perguntou.

Lhênus sorriu satisfeito.

— Ela sabe porque é quase uma Senhora, e seus poderes, tanto de *mac* quanto os telepáticos, estão em seu máximo, porque quase se tornou uma de nós agora há pouco. Mas não fique tão animada, Jadhe de Blando: essa expansão mental toda vai diminuir com o passar dos dias, e você vai voltar a se sentir... Bem, você mesma.

— Se tivermos alguns dias, isso vai ser uma sorte — a moça comentou.

— Então vamos nos apressar. Vocês vão nos levar, como nos buscaram em Aduna?
— o gênio perguntou às criaturas, e ambas assentiram de um jeito estranho, que fez Dominique ter calafrios.

Os corpos mudaram. Num instante, as capas das criaturas se alongaram e dividiram, e a escuridão não permitiu que as sentinelas enxergassem toda a transformação. No instante seguinte, porém, a fluorescência de Lhênus aumentou, os silenciosos se aproximaram, e Dominique deu mais um salto para trás e xingou bem alto. Jadhe abriu a boca em espanto, e não conseguiu fechá-la.

— Eles vão levá-los por terra e pelo mar. Não poderão fazer muito mais que isso para ajudá-los, já foi bem difícil convencer Scárfér a autorizá-los a deixarem sua prisão mais uma vez. — Enquanto falava Dominique sentiu os olhos pesarem, e a estafa se abateu de uma vez sobre o rapaz. Sua mente ficou confusa, e ele temeu desmaiar e deixar Jadhe sozinha naquela situação, prestes a ser envolvida pelos tentáculos daqueles seres bizarros que pareciam polvos, mas que tinham cara de cavalos marinhos, mas percebeu que ela também balançava nas próprias pernas, e teve a impressão de que algo tocava suas asas. — Tentem manter a esperança acesa, mesmo que tudo pareça escuro. De um jeito ou de outro, o mundo que vocês conhecem está prestes a mudar. Façam o possível para serem parte do que virá a seguir.

O casal apagou.

* * *

Pessoas gritaram quando o raio desabou tão próximo à cidadela, e muitas gritaram novamente quando a luz continuou fulgurando na areia estalando e lançando jatos de eletricidade que estouraram e explodiram ao redor. Pablo era pura energia, e se não fosse a mente fixa em seu propósito, teria deixado essa energia se dissipar. Ele seria raio, seria luz e seria som — seria elemento.

Mas Diana precisava dele, e o rosto da esposa em seu pensamento foi tudo o que precisou para reagrupar as moléculas do corpo e voltar a ser uma pessoa outra vez.

Espero ter mantido tudo no lugar, pensou, torcendo para que o subconsciente tivesse conseguido agrupar todos os órgãos nas posições que deviam ter.

Cruzou a ilha, ignorando — porque não se sentia capaz de se comunicar — os moradores que tentavam falar com ele, ou tocá-lo, ou reverenciá-lo. Parou, no entanto, quando o prefeito saiu da Casa de Ordenação e correu para saudá-lo.

— Sentinela general! — Íneo exclamou, mas não estendeu a mão para apertar a de Pablo. O general tremulava como uma flâmula, e sua pele brilhava e espocava com centelhas elétricas.

— Eu vi — Pablo começou, mas teve que respirar fundo várias vezes antes de continuar. — Bestas. Um exército delas. Não sei quantas, mas são muitas. Estão vindo. Acho que para cá.

— Para Agerta? — o Prefeito se apavorou, as pessoas que formaram um círculo ao redor dos líderes murmuraram amedrontadas. — O que poderiam querer em Agerta?

— Coisas que este grupinho infame de representantes militares da nobre Aliança Maior tiveram o topete de ocultar de todos nós.

Mandredom, o velho de ar tresloucado e cabeça grande demais para o corpo mirrado, vinha na direção de Pablo, seguido de perto por três ínterin'z.

— Insurreição. Amotinado, exatamente como a mulherzinha.

A menção à esposa chamou a atenção de Pablo.

— O que tem Diana?

— Como se não soubesse! Entrincheirada na nossa fortaleza, instilando mentiras contra nossos homens, desertora e traidora, é o que ela é!

— A sentinela Diana lançou acusações severas contra a Aliança Maior antes de ser lesionada, caro general.

Pablo, que tinha ideia do que estas acusações tratavam, olhou para o Prefeito, depois voltou-se para Mandredom e cravou os olhos nos do homem.

— E por que estes homens continuam em liberdade?

Um reboião percorreu a multidão acompanhado de burburinhos. As pessoas em volta, e Pablo reconheceu alguns caçadores da ordem de Ártemis entre elas, se entreolharam, sem certeza do que deviam fazer, afinal, eram dois líderes poderosos se enfrentando.

— Com o devido respeito, senhor Pablo, ela não entregou evidências de suas acusações. E, além disso, nem temos como encarcerar os aliados, a não ser que seja em Octoforte.

O Selemen sorriu.

— Os únicos que serão presos serão vocês, sentinelas. Nunca mais verão as estrelas da constelação do...

— Nem você — Pablo interrompeu, a voz saindo rouca. — Se não me deixar passar.

Mandredom revirou os olhos para o alto, mas logo voltou a encarar Pablo.

— Para fazer o que, pegar sua mulher e fugir, deixando a ilha ao sabor das monstruosidades? — berrou uma mulher que Pablo não conhecia, mas que devia representar Gehenmy, pois tinha seu brasão em broches que ornava as fivelas de seu espartilho. — Eles estão vindo por culpa de vocês!

— Não vim para fugir.

— Mas o que é que estas criaturas podem querer em Agerta? — Alin, soldado do Fortim de Agerta, repetiu a pergunta de seu prefeito.

— Aquilo que as sentinelas esconderam de seus devidos donos! — exclamou uma voz ressequida, e Pablo se voltou para olhar. O Nominório vinha marchando na direção do general com uma grande comitiva abrindo passagem por entre as pessoas atrás dele. — Querem os Tesouros Supremos, obviamente!

— Os Tesouros das sentinelas não têm mais poder — um soldado do fortim gritou, mas Pablo ergueu a mão para calá-lo, pois a Pedra de Mavhtus estava ali, e, embora não brilhasse, fez cada coração ao redor se acelerar.

— Mentimos — disse Pablo, e sentia a boca seca e a urgência de cada segundo perdido na praia, mas estava cercado pelo grupo da Aliança e pelos moradores que, apesar de se mostrarem fiéis à fortaleza, também já tinham demonstrado instáveis ante os Crimedéct'z. Estava cansado, mas teria que acionar o poder de Mavhtus mais uma vez. — Mentimos para proteger vocês e para preservá-los da influência dessas coisas. Os Tesouros são danosos demais para que qualquer povo tenha o poder deles.

— E quem é você para julgar como os Tesouros devem ser usados? Quem são as sentinelas para escolherem os critérios de uso das joias do mundo? — a velha Nianca elevou a voz. — Por que deveríamos confiá-las a vocês?

— O Senhor Lhênus confia no nosso julgamento — Pablo falou com convicção, mas percebeu várias pessoas, muitas delas moradores de Agerta, darem um passo à frente, diminuindo o cerco ao general. Se precisasse, escaparia com mais um relâmpago, mas aquele truque poderia machucar muita gente, e Pablo não estava confiante de que conseguiria se reagrupar mais uma vez, não tão cedo.

— O Senhor Lhênus? O Senhor da Sabedoria? — a cantora Jhália indagou, cheia de incredulidade. — O Senhor não fala com mortais!

— Vocês dizem que Ele fala com vocês — falou Mandredom. — Tudo o que temos é a sua palavra. Ninguém sabe o que aconteceu realmente dentro do reino fechado, só sabemos o que vocês dizem...

— Eu sei o que aconteceu, eu estava lá! — alguém exclamou no meio da multidão. Pablo voltou-se e localizou Férik no meio das pessoas, e sentiu uma vibração curiosa vinda dele: lealdade. Talvez quisesse compensar a traição passada.

— Os Dragões do Breu espalharam o que fizemos pelo mundo todo, vocês também os ouviram.

— A palavra de um louco e de um monte de animais — a ínterin Nianca falou, a voz carregada de desprezo.

O cerco sobre Pablo apertou mais um pouco. Se fugisse com o relâmpago só provocaria mais alarde, e transformaria a ilha inteira em inimigos ao lado da Aliança, mas as pessoas não tinham consciência do tamanho do perigo que vinha. Ele os viu quando era energia, os sentiu quando a chuva os atingiu, e eram muitos. Tinha que fazê-los entender e tinha que salvar sua mulher.

Não queria ter que apelar para a Pedra de Mavhtus sobre os moradores de Agerta, mas fazê-los compreender a situação levaria muito tempo, se é que o deixariam falar, e a Aliança não estava interessada em explicações: eles queriam as joias a qualquer custo, e a de Pablo estava bem ali.

Seu corpo ainda não estava completamente sólido, seus braços e dedos estremeciam, desapareciam e se iluminavam, e rastros de energia subiam conduzidos através dos pelos de seus braços nus, mas a estranheza da situação não estava assustando as pessoas, sinal de que a sedução da joia tocara a todos. Eles se agigantaram sobre a sentinela, e Pablo concentrou-se na Pedra de Mavhtus e nas batidas do próprio coração para acionar a magia dela. Expirou, com o ar o artefato exalou cheiro de chuva; chegou ao espírito das pessoas, e Pablo sentiu, atingindo as paredes de seu coração, as sensações de cada presente. Seria trabalhoso mudar emoções tão variadas, então o general concentrou-se em fazer algo diferente.

Atraiu os sentimentos difusos de todos e encheu-os com pavor. Que sentissem medo, medo demais, e que desejassem fugir bem rápido dali.

— Ouçam vocês — falou, com a certeza de que seria ouvido e de que as pessoas fariam o que ele dissesse. — Os Objetos Supremos não valem de nada. São inúteis diante do que está chegando. Não têm poder suficiente, e é indiferente nas mãos de quem eles estão, mas as sentinelas que os guardam conseguem manipulá-los e farão o possível para protegerem vocês.

Cabeças concordaram de um jeito meio hipnotizado, e Pablo pensou que podia ter se excedido. Deu de ombros: pensaria nisso mais tarde, se houvesse um “mais tarde”.

— A prioridade é armar os soldados para defenderem a ilha e colocar os vulneráveis nos barcos para a fuga. Rayór, você é capitão no Fortim de Agerta: organize a evacuação junto com o prefeito.

— O primeiro navio que mandamos a Aduna atrás de vocês retornou há dois dias com os marinheiros, senhor general — informou Íneo, num tom monótono e de olhar vidrado que Pablo ignorou novamente.

— Ótimo — o navio era grande, muitos poderiam se acomodar nele e partirem da ilha em pouco tempo. — Ordene que ele leve mães e crianças. Aliantes, sintam-se à vontade para se unirem aos soldados nas linhas de defesa, ou procurar esconderijo, ou buscar um lugar num navio de fuga. Eles estão chegando.

Deixando as mais de duas mil pessoas que o observavam num estupor vazio, Pablo virou as costas e correu para Octoforte, e apenas Férik o seguiu.

* * *

Férik não conseguiu acompanhar o passo da sentinela. O general era rápido, e o gêmeo de Shenu não estava em sua melhor forma. Vinha comendo o quanto aguentava e se aproveitando dos presentes que seu irmão tinha ganho, e engordara bastante. Também não fazia qualquer tipo de exercício, porque não lhe convinha. Não intencionava virar soldado ou qualquer coisa que exigisse esforço físico. Já tinha andado e trabalhado demais no Nepcoutem.

Aquelas sentinelas o deixavam incomodado. Ele as tinha traído, mas elas cuidavam dele. Tinha sido o irmão ruim, mas Shenu o procurara e o libertara. Ele podia ir embora, mas não queria, e não tinha disposição para pensar a respeito do que sentia ou do que deveria fazer. Então decidiu ficar com Shenu, e que seria leal aos amigos dele, se não pedissem para ele lutar.

Por isso não foi procurar seus outros irmãos, nem queria ir embora de Agerta ou de Octoforte, e por isso seguiu Pablo e viu quando ele disparou ordens, falando sobre um ataque iminente de marrotes, fazendo um monte de soldados correrem pela Encruzilhada e se prepararem para a guerra, enquanto fazia o caminho até a sala de cura, entrava no recinto, passava por outras pessoas, quando o homem subitamente parou de falar, murchou, e caiu de joelhos.

Teve que abrir caminho entre um monte de soldados e funcionários. Localizou Shenu e aproximou-se dele como se o irmão fosse um ímã que o atraía, e passou os olhos pelo círculo de gente antes de olhar para a cama da convalescente: Márcio estava ali também, mas ele não viu Yoná, e achou que ela devia ter corrido para terminar a poção com os ingredientes que o general Pablo trouxe. Comandantes e capitães observavam logo atrás, e Evondér e Udinia o cumprimentaram com o

olhar, mas Férík viu aquele bizarro Estetil franzir o nariz quando o encarou. Ficou irritado: Férík não gostava nem um pouco daquele capitão, era um intrigueiro que cheirava a falsidade. Mais duas dúzias de pessoas se espremia na sala de cura ao redor deles, e, apesar de as sentinelas não estarem prestando atenção, Férík notou que nem todas estavam ali por causa da moribunda. Pareciam libélulas com olhos desfocados, e tentavam chegar mais perto, ver mais perto, sentir mais perto.

— Shenu, será que eu sou tão inteligente assim? — ele sussurrou para o irmão, chamando a atenção da sentinela. — Esse monte de gente aqui está querendo olhar para esse monte de prendas mágicas de vocês. Vão dar o bote quando vocês menos esperarem.

Saído do estupor, Shenu sacudiu a cabeça e olhou ao redor. Piscou forte para afastar lágrimas e percebeu que Férík tinha razão, então ordenou que as pessoas debandassem e dessem espaço à família de Diana. Só permitiu que Evondér, Estetil e Udinia ficassem ali porque os três tinham presenciado o ataque à moça, e estavam genuinamente abalados.

Só então Férík voltou a olhar para Pablo. O general se ajoelhara ao lado da esposa e segurava sua mão, mas balançava a cabeça em negativa o tempo todo. O peito de Diana levantava e abaixava muito lentamente e com grande dificuldade. Ela estava coberta com uma manta pesada, mas havia sangue em alguns pontos.

De repente, Yoná veio apressada da saleta de remédios, trazendo um copo com um líquido fumacento que fez os olhos de Férík arderem.

— Dê para ela — a mulher entregou o copo na mão de Pablo, e saiu de novo. Rapidamente voltou com outro copo, e pediu para que Márcio administrasse o antídoto em Ondily.

Pablo fez a poção passar rapidamente pelos lábios de Diana, mas o líquido escorreu pelo canto de sua boca. Seus olhos se abriram ligeiramente, seus lábios delinearam um breve sorriso, seu semblante era sereno.

— Di...

O azul dos olhos da mulher perdeu o viço, seus lábios cerraram. Em um derradeiro esforço, a bela dama ergueu a mão fechada e a pousou sobre a do esposo. Suspirou uma última vez, uma vela apagando-se com um sopro, e Pablo sentiu deslizar para seus dedos o anel que ele tinha feito para ela como símbolo de seu compromisso.

Ela partiu.

— Não... Não...

— Chame mais alto! Chame ela mais alto! — Férík pediu, mas Shenu o conteve, e ele ficou arrasado quando viu o irmão prender o fôlego para segurar um choro.

— Tarde... Tarde demais... — Pablo murmurou.

* * *

Férík não conseguia tirar os olhos da moça. Chegou mais perto, tocou-a com o indicador, e se assustou quando Shenu o puxou outra vez para que Pablo não batesse nele por importunar a falecida. Férík não queria ofendê-lo, mas nunca tinha visto uma pessoa morta antes, e era estranho para ele que ela não despertasse, como ele tinha visto acontecer tantas vezes no Nepcoutem.

Mas um som estridente transformou a depressão cinzenta do quarto numa súbita explosão de lampejos de cores. Um choro fino e soluçado, seguido por uma voz infantil de menina. O cortejo fúnebre paralisado voltou suas atenções à fonte dos sons, farejando o ar em expectativa.

— Não tão tarde — disse Yoná, surgindo da saleta de administração de remédios.
— Não tão tarde!

Entre o choro e o riso, a moça entrou no quarto carregando um pequeno embrulho numa manta amarela como se fosse a coisa mais preciosa que suas mãos já tinham segurado, a despeito dos tesouros fabulosos que ela já tinha visto na vida. Olhava embevecida para o pacotinho, que se mexia, deixando ver uma pequena mãozinha fofa de pele frágil, tão branquinha quanto a da mãe. Pablo girou lentamente o pescoço, como se o som viesse do fundo do oceano.

— Você salvou seu filho, Pablo! Seus filhos!

— Ondily — Pablo murmurou o nome da menina. — Ela...

Da cama ao lado de Diana surgiu a mãozinha da menina, que logo apontou a cabecinha ruiva de trás da sentinela do fogo. Estava abatida, tinha veias roxas marcadas sob a pele, mas estava viva. O general olhou para a menina, e em seguida pousou os olhos no embrulho nas mãos da amiga, sem conseguir se obrigar a ir até

lá. Para isso teria que soltar a mão fria de Diana e, se fizesse isso, ela estaria perdida para sempre.

— Pode tirar aquilo dela, Márcio? — pediu Yoná, enxugando lágrimas e balançando a criança, num descontrole muito incomum para ela, mas tomando a frente da situação. Márcio apanhou o que ela queria: o Medalhão de Ariell, que Diana segurou até o momento de sua morte, e que lhe deu forças para manter o veneno afastado de seu filho até o parto prematuro. Exibindo o bebê a Udinia, Yoná falou delicadamente: — Diana tinha poucas chances, Pablo, e sabia disso. O parto... Bem, ela usou as últimas forças para fazer o bebê chegar. Sua tarefa não foi em vão, você conseguiu salvar duas vidas, as vidas de seus *dois* filhos, porque o veneno passou para ele quando nasceu. Não fosse por você ele não teria chance. Levante-se! Conheça seu filho!

Yoná implorou, mas sua voz era tão firme quanto uma casa de sal. Com movimentos dolorosos, Pablo colocou-se de pé e Márcio ajudou a ampará-lo. Cuidadosamente Yoná pôs a criança nos braços do general, mas Pablo não parecia ser capaz de reconhecê-lo; sequer conseguiu olhar para o menino. Seus olhos fitavam o vazio, e Márcio, temendo que o irmão o deixasse cair, tomou o sobrinho e deixou que Pablo se sentasse novamente.

— Deixe, Yoná — Shenu pediu. — Deixe. Ele vai voltar a si.

Mas Férík achou que ninguém naquela sala parecia ser capaz de voltar a si depois daquela morte.

OS ESPELHOS DE DIANA

Pablo se transformou numa estátua de cera, mas sentiu quando Márcio pressionou seu ombro com a mão livre e o fez sentar de novo ao lado do corpo de Diana, que Yoná gentilmente cobriu com um lençol.

Um alarme soou na fortaleza que fez o sangue de Márcio gelar, um som que ele jamais tinha ouvido antes. Uma longa e lúgubre sirene, logo acompanhada de um retumbante clangor de corneta.

— O que foi isso? — perguntou.

— Os espelhos da Diana — murmurou Shenu. — É o sinal de que Bhardo está pedindo socorro.

Márcio, Shenu e Yoná se entreolharam e, em seguida, olharam para Pablo. O general nem sequer piscou.

A sirene soou novamente, e foi como um choque obrigando o maquinário do cérebro de Márcio a trabalhar. O sobrinho recém-nascido chorava clamando pelo leite que nunca chegaria da mãe; a segunda corneta avisava que o problema era urgente, e Márcio tinha a incômoda sensação de que poderia ser mais terrível do que qualquer expectativa.

— Ele precisa de uma ama de leite — sussurrou Yoná, correndo para a porta de repente: um terceiro sinete tenebroso reverberou da Torre da Terra como um eco dos outros.

— Vão — disse Márcio, incluindo com o olhar Shenu, Evondér e Yoná. — Vão rápido.

— Mas... — Yoná começou olhando do bebê para Pablo, mas Márcio a paralisou:

— Confie em mim. Você é o subgeneral e vocês as sentinelas: têm que liderar os soldados. Pablo precisa de tempo e o bebê precisa de leite. Vou arrumar as duas coisas e vocês vão ver o que está acontecendo. Vão agora!

Os três saíram e Márcio os viu dispararem para a torre de Diana. Apertando mais uma vez o ombro de Pablo, Márcio enrolou bem o recém-nascido e chamou Estetil e Udinia, os dois à porta da sala de cura, e viu quando parte da comitiva da Aliança Maior seguiu Evondér e as sentinelas para a Torre da Terra enquanto as ínterin'z Nianca e Bruzine vinham na direção de Márcio, com ares de quem iria aumentar a confusão. Apressou-se. Entregou a criança nas mãos de Udinia e, em seguida, buscou Ondily, que cabeceou de um lado para o outro. Enrolou-a em outra coberta e a entregou nos braços de Estetil.

— Vocês conhecem Alin e Giviah, os pais do menino que Dominique apadrinhou — afirmou, sabendo que Udinia havia conhecido a família poucos dias atrás. Os capitães acenaram afirmativamente e Márcio, sentindo os pelos da nuca se arrepiarem ao som de uma nova corneta e de mais um sinete agourento, deu um beijo na testa da ruivinha, agora acordada, e sorriu para ela; em seguida beijou a testa do sobrinho, sentindo-se nauseado, como se estivesse se despedindo das crianças para não mais vê-las. Olhou pela última vez para Pablo, e como ele não demonstrasse reação, disse com urgência:

— Levem os meninos para a família dele — segurou firme as mãozinhas de Ondily. — Vê esse bebezinho, Dily? É seu irmão — a menina arregalou os olhos e tocou a mão do bebê com curiosidade e um pouco de susto, pois ele não parava de chorar. — Não deixe que te separem dele de jeito nenhum, ele é sua família, e você tem que protegê-lo. — Em seguida, voltou-se para Udinia: — Já está arranjado para que a esposa de Alin seja a ama do menino, foi a própria Diana quem... Enfim, eles vivem no gomo dos hibiscos, casa dos golfinhos. A criança veio antes do tempo, é frágil, precisa de cuidados. Peçam-lhes que cuidem dele e que fiquem com Ondily também até que uma sentinela vá buscá-los.

— Você não vai conosco? — Udinia perguntou em desespero, o rosto manchado de lágrimas. — Você e Pablo pelo menos...

— Se eu estiver certo — a quinta corneta estremeceu as paredes de pedra dourada, fazendo lascas se soltarem —, tem inimigos vindo atrás de *nós*. E nós vamos enfrentá-los.

Nianca e Bruzine pararam junto aos homens, cruzando os braços. Mal perceberam a menina ou o bebê, a despeito de o garoto chorar insistentemente.

— Mas... Pablo não está...

— Ele vai despertar — Márcio disse com segurança. — Agora vão.

Udinia saiu imediatamente, mas Estetil colocou Ondily no chão e a menina olhou desamparada do rapaz para o tio.

— Se estão vindo atrás de vocês, então é um risco absurdo transportar os filhos do general, não é? — Nianca perguntou, e Bruzine, colocando-se ao lado do capitão, fez um gesto com os lábios em concordância.

Estetil falou: — Me desculpe Márcio, mas não dá para arriscar meu pescoço desse jeito... É muito...

Novo sinete. Desta vez ele não parou de soar, ficou ecoando indefinidamente pelas paredes.

“*Venha rápido pra cá*”, Márcio ouviu a voz de Yoná; não era um pedido telepático, mas um sussurro que a moça tinha feito chegar aos ouvidos dele através do som. Udinia parou alguns metros à frente, no gramado interno, ainda carregando o bebê, mas insegura de prosseguir sozinha para o Portal para Bhardo, pois uma quantidade elevada de soldados transitava de um lado para o outro da abertura.

Tomado de desprezo e controlando-se para não deixar o *mac* aquecer seu corpo mais do que o necessário, Márcio agarrou o colarinho de Estetil com uma mão e o pulso de Nianca com a outra, pensando em como era possível que tão pouco tempo atrás tinha considerado aqueles dois como pessoas a serem respeitadas por suas lideranças.

— Você vai fazer o que eu disse, Estetil, porque eu não fiz um pedido, eu dei uma *ordem*! Eu sou Márcio Adenetti, sentinela do fogo, e você é capitão do meu batalhão e me deve obediência — soltou o rapaz e o pulso de Nianca e virou-se para Ondily: — meu bem, corra para junto do seu irmão e fique perto dele — a menina, mais ágil do que Márcio pensava ser possível para quem acabou de retornar de uma convalescença debilitante, obedeceu, e Márcio continuou, sabendo que tinha deixado uma queimadura no braço da mulher e destruído totalmente a

frente das vestes do capitão: — Vocês dois *vão* garantir que essas crianças cheguem bem até a família de Alin e *vão* se certificar de que estarão saudáveis quando eu for procurá-los. E adivinhem só: eu tenho certeza de que vão fazer isso, sabem por que? Porque duas das sentinelas são telepatas, uma delas tão poderosa que pode localizar qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Jadhe, se lembram dela? Ela vai voltar aqui logo. Se as crianças não estiverem bem e juntas quando procurarmos por elas, Jadhe saberá, e garanto que, se ela não acabar com a vida de vocês, eu acabo! Vão!

Nianca praguejou, mas ela e Estetil acabaram saindo dali, e Márcio jurou que, se algo acontecesse àqueles meninos, Estetil e a Aliança pagariam o mesmo preço que Zebarân.

— Você vai se dar mal — disse ainda Bruzine antes de sair. — A Aliança já deu todas as ordens: vocês serão presos, Dhonmen nos apoia! Em algumas horas os caçadores chegarão e vocês serão sentinelas na prisão!

— Dhonmen, Dhonmem, vocês adoram berrar o nome do Senhor da Criação — Márcio reclamou, depois provocou: — Sabe de uma coisa? Ele não está ouvindo; se estivesse, já teria cortado a língua de vocês pra não ter que ficar escutando suas bobagens em nome *Dele*.

A nova ínterin se abismou com a ousadia da sentinela.

— Vai ser ótimo ter caçadores aqui — Márcio retrucou. Gente treinada. Quem sabe se eles dão conta de matar alguns marrotes. — Depois, tomado de raiva, pediu: — Acorde! Estamos sob ataque, e os casos políticos da Aliança não valem mais nada! Ajude os meninos e torça para sobreviver, porque o mundo está acabando!

Sem saber o que responder, Bruzine saiu, mas parecia amedrontada o suficiente para Márcio pensar que faria o que ele pedira.

— Volte pra nós irmão — falou Márcio ainda, e, com o coração apertado, olhou, pela última vez, para o corpo daquela que ele tinha como irmã, apanhou sua joia e deixou Pablo só com sua dor.

* * *

Todas as torres eram exatamente iguais, mas cada sentinela podia modificar seu interior como desejasse. Ao subir os degraus para o topo da torre de Diana, Márcio

não conseguiu deixar de se maravilhar com o que a moça tinha feito nas paredes de pedra: com o dom para controlar os minérios, ela transformara as superfícies comuns em cristais delicados multicolores, e com magia tinha criado pequenas fontes de luz que ressaltavam imagens de tartarugas, dragões e gatos com traços infantis, imagens de cristal que contavam as aventuras das sentinelas de um jeito bem especial, preparadas com carinho para o filho por chegar.

Empurrou o alçapão com os antebraços e subiu ao centro de recepção ao lado dos amigos, bem no momento em que outra corneta começava a soar. Dos espelhos dispostos naquela parede, apenas oito não refletiam nenhuma imagem. Todos os outros tinham rostos esperando por respostas, líderes de Zebelim, Asegar e Ylhuah, nações orientais do Continente Maior, e todos relatavam a mesma coisa: ataques de uma legião de bestas que marchava para o leste.

— O que vamos fazer? — perguntou Yoná, totalmente alarmada.

— Convocar os magos — respondeu Márcio, apertando o Cetro da Luz na mão. — Todos eles. Como fazemos para...

— Márcio, não podemos — disse Shenu, e olhou para Evondér, tão desnortado quanto as sentinelas. — Pablo é o general, só ele pode dar um alarme deste tamanho!

Márcio fez um “não” com a cabeça e olhou para Evondér. — Você é o subgeneral. Deve assumir o lugar enquanto ele está ausente.

Tomado pela surpresa, o queixo de Evondér tremeu. Embora tivesse recebido o título de subgeneral, isso não poderia prepará-lo para organizar a defesa mágica de mais de vinte localidades diferentes em Bhardo, e o homem trocou um olhar apavorado com Yoná.

— Não tenho experiência com esse tipo de situação, eu...

— Não podemos fazer nada — disse Shenu, e em seguida olhou de Yoná e Márcio para Evondér. — Você foi nomeado pelo general...

— E só você pode comandar essa situação, ou dar um jeito para que ela mude — disse a moça, erguendo as sobrancelhas de um jeito muito significativo.

Evondér entendeu e aquiesceu imediatamente. Correu à beirada da torre, olhou para o gramado, onde uma grande quantidade de soldados já aguardava instruções,

e disse bem alto para que todos ouvissem:

— Eu, Evondér, desisto do cargo de subgeneral! Passo a Márcio Adenetti, sentinela do fogo, esta tarefa — em seguida, voltando-se para o rapaz e ajoelhando-se em frente a ele, pediu: — Dê suas ordens, senhor, e eu seguirei até a morte!

— Ótimo — Márcio assentiu. — Então você volta a ser comandante da sombra. Chame os comandantes e convoque os magos, todos eles.

— Pra onde nós vamos? — Shenu perguntou. A ideia inicial era a de que, se aquele sistema de sirenes fosse acionado, as sentinelas atendessem o chamado, mas com tantos espelhos pedindo ajuda de uma vez, teriam que escolher algum.

No entanto, Márcio não tinha nenhuma intenção de mandar uma missão para o Continente Maior.

— Para Agerta — falou. — Estão vindo para nós.

* * *

Udinia caminhou apressada em direção ao Portal, temendo que a demora em atender as necessidades do bebê pudesse prejudicá-lo de alguma forma. Fazia muitos anos desde que segurara uma criança tão pequenina nos braços, e o nervosismo tinha tomado conta dela de tal forma que se perguntava se não teria sido melhor ter voltado a ser tutora ao invés de soldado, apesar de que qualquer opção a levaria para aquela mesma situação. Bem junto dela, Estetil e Nianca resmungavam que deviam acompanhar Bruzine, que tinha ido buscar os guardas da Aliança para prenderem as sentinelas.

Então a terra saiu do lugar, e Udinia teve que se agachar para não deixar o bebê cair.

— O que foi isso? — indagou Nianca atordoada.

Uma comoção surgiu na frente do Portal para Bhardo e diversos soldados atravessaram para lá enquanto algumas pessoas chegavam correndo, gritando que o mundo estava acabando e monstros das trevas estavam atacando a ilha. Com uma careta de terror, Nianca firmou os joelhos e encaminhou-se decidida à lâmina de luz, mas não àquela que conduzia à Bhardo.

— O que está fazendo? — exclamou Udinia.

— O sensato — Estetil respondeu pela mulher, e tomou o bebê do colo da comandante. — Se a ilha está desmoronando, que juízo nós teríamos de levar crianças pra lá?

— Não podem estar falando sério, estão fugindo? Vocês dois? Dando as costas para suas obrigações?

A velha Nianca estalou os ombros, impaciente.

— Fique aqui se quiser, eu é que não vou por meu couro na linha das flechas! Não vim aqui para entrar no meio de uma guerra!

— E vai para a Terra? — Udinia se espantou. Tinha ouvido o que podia acontecer com quem cruzava aquele Portal específico, perdera amigos assim, além de que, do outro lado, ninguém tinha certeza do que podia encontrar.

— Se quer mostrar para Evondér que pode ser uma grande guerreira, digna dele, fique à vontade, mas eu não preciso provar nada a ninguém — Estetil falou, cheio de desprezo, fazendo Udinia se irritar.

Com o pulso preso na mão fechada do homem, Ondily cambaleou.

— Então me devolva os meninos. Eles não têm nada com isso, e os dois precisam de cuidados.

— Eu não faço questão nenhuma de levar moleques — disse Nianca, mas Estetil apertou ainda mais o braço de Ondily, fazendo-a gemer.

— Mas eu faço.

Nianca apressou-se na fuga, Estetil foi atrás dela arrastando Ondily, mas Udinia seguiu o homem implorando para que parasse. Ela conhecia o coração de Estetil, e sabia que ele não faria nenhum mal às crianças, pelo contrário: talvez, em nome de sua antiga paixão por Diana, pensasse em formar uma espécie de família na Terra, deixando para trás tudo o que sabiam sobre passagens dimensionais, magia e sentinelas.

— Você já passou da idade de ter filhos, Udinia — Estetil lançou com malícia. — Essa opção te foi negada porque você decidiu viver aqui. Pablo e Diana não respeitaram isso, e veja o que aconteceu: ela está morta, ele está chorando por ela, e os dois atraíram um grande perigo para cá. Pense bem: você foi tutora. Quer levar

os meninos para o meio de uma guerra? Um recém-nascido e uma garotinha doente? Eu não vou levar os filhos dela para lá, e Pablo... Se ele sobreviver, que conviva com isso.

De repente, Udinia se pegou imaginando uma vida com aqueles meninos, uma opção que ela sempre pensou não existir para ela. Olhou para Nianca, uma mulher com quem ela nunca simpatizara, e que agora esperava pela decisão dela e de Estetil por temer ir sozinha para aquele mundo bizarro. Poderiam dizer às crianças que ela era sua avó. Uma família e uma vida nova, um recomeço. Era tentador...

Ela assentiu.

— Me larga, me larga! — pedia Ondily.

No campo sem vento, a voz de Márcio ecoou pelo gramado com ordens aos soldados, que responderam a cada frase com fervorosa devoção. Ondily continuava a se debater.

— Fique boazinha, Dily, que vamos para um lugar muito, muito melhor — Udinia apanhou o bebê de volta e Estetil prendeu a menina no colo.

Seu coração bateu mais forte, rezando para que Inish fizesse a passagem ser segura naquele instante.

— Não vamos perder mais...

No entanto, quando se viraram, descobriram que não estavam sozinhos.

— Sentinela Shenu? — Estetil perguntou, engolindo em seco.

— Não — disse Udinia —, é o irmão demente dele.

— Não podem levar eles — Fériik falou, apontando para o bebê e para Ondily.

Ninguém tinha notado que ele seguira as crianças, mas Fériik tinha se afeiçoado àquela mocinha de cabelos vermelhos que achava muito interessante que ele tivesse um irmão igualzinho a ele. E Fériik pensou que, talvez, pudesse ajudar o bebê de Pablo. Ele tinha traído Pablo, tinha traído os amigos do seu irmão, e eles o tinham acolhido. Talvez, se conseguisse cuidar dos meninos, sua consciência ficaria em paz, e ele não poderia fazer isso se tirassem as crianças dali e as afastassem do pai. Então não podia deixar que os levassem.

Udinia e Estetil praticamente ignoraram sua presença e seus protestos. Porém, quando ficaram de frente para o Portal para a Terra, descobriram que havia mais uma pessoa ali. E, desta vez, Udinia ficou gelada.

* * *

Ele olhou assustado para o quarto abandonado e o sinete reverberante chegou aos seus ouvidos de uma vez, como se tivesse acabado de despertar. Imediatamente não entendeu o que se passava: suas mãos estavam frias e sem força, seu corpo se recusava a se levantar, o estômago vazio não queria ser saciado e sua única vontade era voltar para aquela poça de nada em que sua alma estava jogada instantes atrás e desaparecer nela. A esposa estava morta, e ele não conseguiria respirar sem ela. Queria morrer, precisava morrer.

Mas havia algo bem no fundo de sua consciência o instigando a voltar, uma chama sutil que crescia lentamente naquele fosso, até que ficou impossível ignorá-la. Ouviu uma voz impossível chamar por ele, e quando se deu conta, viu-se sentado no chão ao lado da falecida, ainda segurando sua mão fria. Levantou-se, sentindo a energia voltar como se empurrada à força para dentro dele. Olhou para a cama, onde um lençol cor de sangue cobria a silhueta daquela que o acompanhara a vida inteira, a mulher que Pablo jurou que amaria até a morte. Não esperava que ela viesse tão cedo.

Passou a mão pelo cabelo com o olhar fixo naquele lençol, incapaz de removê-lo ou de desviar os olhos. “*Pablo*”, ele ouvira a voz chamando, duas vezes. O sentimento de urgência aumentou e a corneta do Torreão soou, agitando as ondas de seu espírito e trazendo-o de volta ao chão. “*Pablo*”. Ele não podia dizer se tinha sido alucinação ou se o espírito de Diana o avocou, mas tinha certeza de que a voz da esposa o tinha tirado daquele transe catatônico, assim como tinha certeza do porquê tinha feito isso. Ele tinha dois filhos pequenos agora, que estavam lá fora e precisavam dele.

— Adeus, meu amor — ele disse num sussurro quase imperceptível.

No entanto, antes de deixar a sala de cura, uma brisa anormal agitou as cortinas do lugar e fez Pablo novamente se virar para a cama de Diana. A lufada de ar levantou o lençol, mostrando o corpo sem vida da mulher, que lentamente foi perdendo os contornos, dissolvendo-se, transformando-se em pó. E o pó foi levado pela brisa e desapareceu pela janela.

— Minha amiga, o que fizeram com você?

Se não fosse a única de sua espécie, Udinia talvez não a reconheceria. Quando menina, Verônica tinha sido vaidosa e se vestia com as roupas caras que Fauret lhe trazia; adulta, tinha se tornado uma mulher elegante, mesmo com aquele rabo e aquelas grandes patas com garras. Ela sempre tinha mantido uma linha. Agora, porém, a gárgula usava um collant de cores vivas e decotes provocantes, com só algumas peças de armadura protegendo o busto, a cabeça e os ombros, num conjunto que parecia uma fantasia. Os cabelos tinham crescido e caíam lisos até os ombros, e havia asas nas costas da mulher, um par encouraçado muito pequeno para o corpo dela. Mas o que mais a distanciava da Verônica que Udinia conhecera e que vira crescer eram os olhos. Nada neles havia mudado, exceto aquele brilho maníaco que luzia agora, fazendo a aparência da criatura, sempre amenizada pelo seu jeito debochado, se tornar feroz, desmascarando a besta que havia nela.

Udinia, porém, tinha visto aquela garota crescer, e tinha esperança de que, se conversasse com ela, conseguiria chamá-la à razão. Ou, pelo menos, arranjar tempo para fugir.

— Verônica, tenha firmeza! — pediu a comandante, com um tom terno que sempre usava com os órfãos de quem cuidara, quando estes estavam muito tristes. — Ficar em Bhardo por tanto tempo foi uma tragédia, mas ainda há tempo para consertar as coisas, você pode vir com a gente e...

— É o filho dele? — a gárgula perguntou, indiferente. Os olhos avermelhados estavam cravados no bebê como se ele fosse um filhote de coelho e ela uma raposa faminta. Discretamente, Férik chegou mais perto de Udinia.

— Sim. É o filho *deles*. É o filho de Diana. É o filho da sua protegida. O que você fez? Por que fez aquilo?

— Faça-o parar — Verônica mandou, pois o bebê tinha recomeçado a chorar a plenos pulmões. — Faça-o parar!

— Não posso! Ele tem fome, precisa de uma ama-de-leite! A mãe dele não está mais no mundo dos vivos. Mas ainda podemos...

— Vamos levá-los para a Terra — disse Estetil, chamando a atenção da gárgula. Nervoso, desceu o olhar para a mão dela, pousada displicentemente no cabo de uma espada curva embainhada. Sacudindo o braço de Ondily com violência, Estetil apontou a menina: — Eles adotaram essa aqui. Venha conosco! Vamos criá-los, Verônica! Vou cuidar do menino como se fosse meu filho, e ele jamais ouvirá falar de Bhardo, de Octoforte, de sentinelas, de nada disso! Venha conosco, e vamos deixar para trás toda essa história.

Ao redor, uma corneta soou por Cermalháct, fazendo estremecer as estruturas daquele frágil ecossistema incrustado entre três universos. Engolindo o choro, Nianca esgueirou-se para trás, fechou os olhos e deixou-se cair para dentro do Portal, fugindo sem ser percebida. Verônica estendeu os lábios num esgar que não chegou aos seus olhos e a tornou ainda mais apavorante.

— Levá-los pra lá? Para a Terra? — Ela desceu os olhos para Ondily, e eram olhos insanos. — Diga, já ouviu falar de gárgulas humanas?

O homem balbuciou qualquer coisa e moveu-se agitado, buscando desesperadamente uma escapatória, e Fériik aproximou-se mais um pouquinho de Udinia, colocando-se entre a mulher e Ondily, presa pelo braço de Estetil, pronto para apanhar o bebê e a garota assim que surgisse uma chance.

— Nós podemos resolver isso Vê, podemos dar um jeito, podemos...

— Eu vou dar um jeito com certeza — disse a gárgula, sem tirar os olhos de Ondily, que encarava Verônica com mais bravura que qualquer dos adultos presentes. — Esta aqui vai sumir rapidinho, ah, se vai! Sempre *detestei* esta menina! E esta cria horrorosa vai junto num segundo...

Num movimento veloz, a gárgula vergastou a cauda espinhosa na direção do bebê... Udinia mal enxergou, só se deu conta do que aconteceu quando um jorro quente de sangue espirrou em seu rosto, tingindo-a de vermelho.

PAI

A corneta soou. Pablo tinha uma vaga lembrança de Márcio tomando providências para que seus filhos fossem levados em segurança dali. Achava que o irmão tinha mandado que o bebê fosse levado para Agerta, para a família de Alin, que tinha uma criança pequena, o que, provavelmente, era a decisão mais ajuizada. Olhou pela janela e viu a agitação dos soldados no gramado convergindo para a Torre da Terra. Ele devia se apressar e liderar os soldados para cobrir a fuga dos civis, Octoforte e Agerta não tinham capacidade para vencer o exército que se aproximava.

Mas algo lhe dizia que precisava estar em outro lugar. Imediatamente.

Saiu da sala de cura com um gosto amargo na boca e correu para a escadaria do Torreão, temendo encontrar, a cada lance de escadas, o corpo da mulher reanimado pelo sortilégio do inimigo, pois não se enganava: a poeira em que Diana havia se transformado era a mesma dos malditos.

Quase arrancou a trava do alçapão ao sair para o alto da grande torre da cúpula envidraçada, agora vazia, e correu para olhar para o Portal para Bhardo. Não conseguiu identificar ninguém no meio do tumulto de pessoas que entravam e saíam, mas tinha certeza de que, pelo tempo que tinham partido, seus filhos já deviam estar do outro lado, em Agerta. Contudo, a inquietação e a sensação de urgência não o abandonaram.

— Por favor, Diana, se estiver aí, me guie na direção certa — murmurou de olhos fechados, abrindo-os em seguida e fitando novamente o Portal. A corneta tocou outra vez e a voz de Márcio soou imperiosa, instigando os soldados às armas. Era isso. Provavelmente os filhos estavam bem, e ele precisava juntar seus cacos e soldá-los de novo no general de Octoforte. Desceria correndo para o meio da batalha...

A não ser que houvesse algo onde não devia estar... Algo na direção dos Portais que deviam estar inutilizados... Como silhuetas entrecortadas à luz mortiça da

passagem para a Terra.

Uma forma vagamente conhecida com um par de asas desproporcionais nas costas.

A mente mal tinha juntado as informações do que via quando ele estendeu o braço para o alto, clamando por um raio naquele espaço onde jamais havia surgido uma nuvem de chuva sequer.

* * *

Udinia cambaleou atônita quando o homem tombou a seus pés. Estetil havia se lançado em frente a ela para proteger o bebê, o filho de Diana, aquele que ele queria que tivesse sido seu filho. A comandante piscou várias vezes, sem conseguir sustentar as imagens que testemunhava, e Férik, aproveitando o momento, arrancou o menino dos braços dela e puxou Ondily, agora livre, para si.

A gárgula arrancou brutalmente a ponta da cauda cravada no homem, olhando-o com desprezo. Estetil agonizava em uma poça de sangue, e Verônica, num sorriso que exibiu presas animais, saltou sobre ele, cravando as garras dos pés em seu peito.

— Ela não vai deixar descendentes neste mundo nem em nenhum outro! Ela não vai deixar sementes, nem filhas adotivas, nem ninguém para se lembrar dela!

— O menino... É filho... de... Pablo... também — Estetil engasgou com o próprio sangue.

Insensível, a gárgula passou a fina unha afiada como faca pelo rosto do homem, abrindo um corte.

— Só me interessaria se fosse meu — disse ela no ouvido do moribundo e, num movimento rápido e brutal, rasgou um talho na garganta do soldado e o empurrou com o pé, dando as costas a Estetil para que morresse sozinho.

Férik fugia em direção ao Portão Sombra de Octoforte puxando Ondily por uma mão e carregando o bebê no outro braço. Era sedentário e estava fora de forma, não tinha ido muito longe, mas mesmo que fosse forte e rápido não teria se afastado o suficiente para que a gárgula não o alcançasse. A fera chicoteou a cauda em Udinia jogando a mulher longe; saltou e bateu as asas em frenesi, e lançou-se sobre o homem e as crianças com a cauda e as garras dos pés e das mãos preparadas para arrebanhá-los. Ia estraçalhar todos eles, criança, bebê, homem, ia arrebanhá-los e ia

comer a carne dos mais novos, e depois extrairia o Medalhão de Ariell da mão morta de Diana e sua felicidade seria completa. Talvez ainda decepasse a cabeça de Pablo do pescoço só por diversão. Já que ele nunca seria dela, não havia motivos para deixá-lo vivo.

O homem ofegava, a menininha gritava, o bebê esgoelava, e Verônica sentia o fedor do medo e do suor empapuçando a carne tenra, esticou-se no ar, parou as asas, e estendeu a bocarra numa abertura cavalgar...

O golpe foi certo e providencial.

A assassina foi jogada vários metros adiante com a explosão cega, e Férík só conseguiu manter o menino firme nos braços quando caiu porque foi amparado por alguém. Dily tinha sido derrubada à frente e estava tão apavorada que não conseguia nem erguer o rosto do chão, os olhinhos vidrados refletiram a redoma de eletricidade pura.

Pois Pablo havia chegado com o raio, e suas emoções extravasavam qualquer barreira do corpo ou da mente. Fagulhas de aura criaram uma gaiola de energia e a sentinela, enfurecida, virou os olhos para trás, para o ponto onde a besta havia se estatelado cheia de queimaduras, desacordada. Tinha conseguido alguns minutos.

— Férík — chamou, e o som do trovão rugiu sobre eles. — Férík!

O homem balançou a cabeça para mostrar que estava escutando, embora sua expressão fosse desnorteada. Pablo tirou o filho dos braços do homem, um menino de basta cabeleira loira, tão pequenino, com tão pouco tempo naquele mundo, e já um sobrevivente. Sorriu emocionado, sabendo que aquele poderia ser o único contato do filho com qualquer dos pais, mas jurou que, se pudesse, viraria o mundo ao contrário, mas buscaria aquelas crianças. Ocorreu-lhe que ainda não havia dado um nome ao bebê; Diana tinha lhe dito que tinha escolhido um, mas que só lhe diria depois que ele voltasse.

Dobrou gentilmente a manta que envolvia o menino, que tinha silenciado, talvez assustado demais com o estrondo do trovão, e o estendeu ao irmão de Shenu, que o apanhou de volta.

— Confio a você, a você e a mais ninguém, os bens mais preciosos que tenho na vida — ele disse, rezando para que Férík tivesse mesmo mudado e honrasse aquele

voto de fé. — Leve-os para onde Márcio pediu, cuide para que fiquem bem até que eu possa buscá-los. Ei, cardeal...

Ele chamou, sabendo que Ondily mostraria alguma reação, pois era como Diana a chamava por causa do cabelo cor de fogo. A menina apoiou-se nos braços e se sentou, e Pablo a ajudou a ficar em pé, segurou seu queixo e a fez olhar para ele. Ajoelhou-se, colocando-se no nível dos olhos dela, e sentiu uma pontada atravessar o coração ao ver aqueles olhinhos cheios de lágrimas, olhinhos que, pelo amor de sua esposa, ele aprendera a amar também.

— Sabia que você agora é minha filha, cardeal? Então preste atenção, porque meus filhos devem ser grandes heróis, e nunca perdem a coragem! — a garotinha levantou os olhos para o pai, e um brilhinho sutil cintilou no fundo deles. — Eu sou o mestre deste lugar, e como um bom general, vou acabar com o monstro — Ondily olhou para a gárgula, que começava a despertar metros distante. — Mas preciso que você me ajude. Ajude a tomar conta de seu irmão, porque ele ainda é muito pequeno e muito fraco, e cuide de Férík, porque ele não conhece muito bem as coisas por aqui. Pode fazer isso?

— Eu não quero ir Pab... *Pa*... Não quero ir embora!

Ela agitou a cabeça, um chorinho soluçante formou-se em seu peito, mas Pablo segurou o rosto da menina entre suas mãos e beijou sua testa.

— Eu prometo que você vai ficar bem, os dois vão. Acredita em mim?

Ondily mordeu o lábio e assentiu. Pablo beijou sua testa e a abraçou.

— Ótimo. Agora vão. Vão!

Sem mais demora, Férík chamou Ondily e os dois, levando o bebê, correram para Bhardo, e com a proteção mágica lançada por Pablo, mais a aura elétrica que o rapaz tinha transferido a eles, o general tinha convicção de que chegariam ilesos ao seu destino.

Então se voltou para o demônio estatelado adiante. Era hora de fazer aquela mulher pagar.

* * *

O trovão estrugiu sobre Cermalháct causando pânico entre os homens, e Yoná precisou usar o *mac* e espalhar uma mensagem sonora poderosa, que soou bem alto junto aos ouvidos de cada pessoa, para acalmá-los. Por ser um local muito pequeno e sempre claro o raio toou como uma bomba, mas as sentinelas logo entenderam que se tratava do poder de Pablo, e Shenu procurou a mente do amigo para descobrir o que estava acontecendo. Em poucos segundos conseguiu chegar ao general, viu a gárgula cinzenta puxando uma ampola de uma corrente e liberando um fino pó no ar.

— Pablo! — Shenu chamou, tanto em pensamento como em voz alta, e Márcio e Yoná olharam aflitos na direção do Portal para a Terra, onde silhuetas delinearam malditos do nada.

“*Fiquem fora disso*”, mandou o general, e Shenu engoliu em seco. Passou a mensagem para os amigos, e Márcio, endurecido, assentiu.

— Deixe-o — disse, e ergueu a mão para paralisar o início de protestos de Yoná.
— É direito dele.

Um homem carregando um embrulho e uma criança passaram correndo ao largo de Octoforte; Márcio reconheceu os cabelos vermelhos de Ondily, e as sentinelas se viraram instintivamente para a direção de onde tinham vindo. Contemplaram pequenos relâmpagos serpenteando à distância; a luminosidade constante de Cermalháct vacilou, e borrões de sombra cinza rasgaram o espaço, fazendo os soldados estremecerem. Férík atravessou para Agerta e os jovens observaram enquanto ele desaparecia.

Uma nova forma emergiu do poço de luz, um garoto de não mais que dez anos, que atravessou o gramado aos tropeções, cruzou o Portão Fogo e foi amparado por vários soldados, fazendo todo o exército silenciar.

— Que mensagem você traz? — perguntou Yoná, sua voz soando clara em toda a fortaleza.

Ofegante, ele disse.

— A ilha... Os barcos... Estamos sob ataque!

— Temos menos tempo do que imaginávamos — Shenu falou.

Entre os soldados murmúrios assustados arrastaram-se como pólvora acesa, inflamando temores e desconfianças.

— Onde está nosso general? — alguém indagou.

— Onde estão as outras sentinelas? — outra voz se ouviu.

— O que está acontecendo? Quem está atacando a ilha?

— Cermalháct está se despedaçando! — uma cozinheira exclamou quando a claridade oscilou novamente, tornando o espaço ligeiramente mais sombrio.

Márcio sentiu o temor dos homens e sentiu também a desolação que ameaçava dominar os corações de seus companheiros. Jadhe estava perdida, possivelmente morta; Dominique tinha partido à sua procura, e era provável que tivesse encontrado seu fim no caminho, pois Macrux não deixaria seu empreendimento mágico desprotegido. Diana se fora, e sua morte tinha tirado todo o brilho da alma de Pablo, e os filhos deles, que deviam formar uma família tão bonita, fugiram e, com sorte, estariam sendo evacuados junto com os moradores da ilha em que cada um dos soldados tinha uma parte da família, e Shenu e Yoná, levados por tudo aquilo, sentiam a onda avassaladora da fatalidade, como se até agora só tivessem adiado o inevitável. Unir as sete joias, salvar Agerta do dragão imortal, destruir o rei maldito e reconstruir civilizações pareciam atos vazios, uma briga de gatos contra leões, e se as sentinelas sentiam isso, se até os capitães mais devotados como Evondér e Durval aceitavam a fatalidade, deixando os olhos baixarem ligeiramente enquanto esperavam pelas ordens de seus líderes, então nem os soldados, nem os órfãos, e nenhum morador de Agerta tinha esperanças de vencer aquela guerra. Tinham aceitado a derrota antes de a batalha começar.

Com os olhos cravados na lâmina imperturbável de luz do Portal, Márcio teve uma ideia, uma chama que brotou em seu espírito e cresceu, aquecendo-o e o deixando, se não feliz, de certa forma em paz. Deixou o *mac* fluir pelo corpo, ergueu o Cetro da Luz e bateu sua extremidade no chão, portando-o como um cajado. A ponta em meia lua do Objeto tornou-se incandescente, e o corpo de Márcio coberto pela armadura completa e dourada da fortaleza refletiu esta mesma brasa, e não houve homem ou mulher que conseguisse desviar os olhos dele. Cruzando os braços em “X” sobre o peito com os punhos fechados, ainda com o Tesouro preso entre eles, a sentinela proclamou:

— Eu juro servir à Fortaleza dos Muros Dourados Octoforte como sentinela, zelando pela vigilância de minha torre, pela defesa das muralhas que me protegem, seguindo as ordens de meu general, cuidando de meu pelotão, e vivendo sob os preceitos da honra, da lealdade, da coragem e da justiça. Como sentinela de Octoforte juro nunca abandonar meu posto, que é meu até o dia de minha morte, e, como sucessor de Ariell, juro que seus feitos serão lembrados para sempre, e que jamais permitirei que o inimigo que ele combateu se levante novamente sem que minha espada se interponha em seu caminho. Minha total servidão ao Mundo de Bhardo, ao Mundo de Agharta e ao Mundo Terra, pela paz e equilíbrio entre os três, eu juro!

Shenu endireitou as costas, Yoná ergueu o queixo um tantinho e balançou os cabelos. Entre os soldados, uma onda de inquietação os agitou. Aquele era o juramento de uma sentinela, o compromisso mais grave que um soldado poderia fazer com Octoforte, algo que muitos daqueles homens tinham tentado ter a honra de proferir.

— Eu juro servir à Fortaleza dos Muros Dourados Octoforte — Márcio recomeçou — como seu soldado, defendendo as muralhas que me protegem, seguindo as ordens de meu capitão e da sentinela que eu represento, obedecendo ao meu general. Juro honrar os feitos do grande herói Ariell, e que jamais permitirei que o inimigo que ele combateu se erga novamente sem que minha espada se interponha em seu caminho! Minha total devoção a Octoforte, eu juro!

Desta vez a comoção que se espalhou entre os homens foi maior, pois aquele era o juramento que eles haviam feito ao se tornarem soldados.

— Amigos, parceiros de estrada, colegas, tutores, funcionários, nestes juramentos nós nos relembramos do verdadeiro inimigo, aquele que Ariell combateu. Chegou a hora de provar que estas não são palavras vãs. Chegou a hora de descobrir quem é este oponente, e colocar nossas espadas no caminho dele. Pois este homem, esta criatura que se auto proclama Imperador, este feiticeiro, não poupará nenhuma vida em seu curso de destruição.

Um raio ribombou próximo ao Lago Borbulhante, e lascas de energia estouraram na Torre do Vento, quebrando parte da cúpula suspensa. Impressionados, os homens viram Pablo baixar uma espada feita com lâmina de energia sobre o monstro que havia sido a sentinela da fauna, e a gárgula aparou o golpe com uma arma aparentemente comum. Márcio aproveitou o momento e olhou para os amigos, que aquiesceram.

— Homens! — chamou Yoná, sua voz era dura e imperiosa, e os soldados cravaram os olhos nela. — O bruxo que caminha sobre nós é o mesmo que ameaçou o mundo há mil anos, e se ele foi derrotado uma vez, pode ser derrotado de novo!

— Não temam a dor e a morte; temam a derrota sem luta, pois nela não há glória! Ergam suas espadas e preparem-se para a batalha, pois se o inimigo quer nossas vidas, que elas o acompanhem até o mundo dos mortos! — exclamou Shenu, e levantou sua espada bem alto com um urro poderoso, que ecoou por toda Cermalháct e foi repetido por cada soldado de pé naquele gramado.

Márcio, imitando o gesto, teve que apertar os lábios para não deixar transparecer o quanto era incoerente ouvir Shenu falando de glória.

— Soldados de Octoforte! — convocou, e quinhentos homens presentes atentaram para seu comando. — Formação de travessia!

— O que está fazendo? — indagou Shenu preocupado.

— Levando os soldados para Agerta.

— Mas a fortaleza...

— Vai continuar de pé se defendermos o Portal — o rapaz respondeu à Yoná. — Mas não vamos conseguir fazer isso daqui, não temos visão nenhuma de um possível ataque. Se Pablo não tivesse visto o exército e Diana não tivesse feito os espelhos, não saberíamos de nada. — Homens! Deixem que Pablo vingue a morte de nossa amada Diana e destrua a traidora; vamos todos esvaziar Octoforte e resguardar o Portal com nossas vidas!

Estendeu o Cetro na direção da passagem e um facho de luz dourada iluminou um caminho pelo qual os soldados avançaram atrás das sentinelas, com brados enérgicos.

E Márcio teve a sensação de que o fim estava mais próximo que nunca.

* * *

— Você a matou — Pablo acusou numa voz controlada. Toda sua atenção estava na barreira de íons que seu corpo eletrificado produzia atrás de si, e que geraria uma descarga de raios em qualquer criatura que tentasse atravessá-la e perseguir seus

filhos. Não duraria muito tempo, mas ele garantiria que permanecesse ativa pelo menos por tempo suficiente para que Férík os levasse para Bhardo. Respirou fundo e concentrou-se na Pedra de Mavhtus, tirando um pouco da energia dela para alimentar a grade, e naquele momento em que pensava em Diana e preocupava-se com Ondily e com o bebê, suas emoções eram tão firmes que percebeu que a joia não conseguia alterá-las.

— A única coisa que pedi àquele homem que se dizia meu pai foi que não desse o cargo a ela. Mas não, Diana conseguia tudo o que queria, tudo de todo mundo! Eu não vou deixar que a cria dela fique viva! — vociferou a gárgula.

Sem pensar, Pablo açoitou o ar com o antebraço e provocou uma corrente elétrica que estourou sobre a gárgula; Verônica foi jogada para o alto, mas tomou o controle do corpo, abriu as asas e pairou de volta ao chão.

Um cheiro ácido elevou-se da terra e Pablo o reconheceu imediatamente. O pó que a mulher espalhou rodopiava e tomava forma, a forma de pessoas, cujos corpos há muito deviam ter se decomposto. Nacos de carne faltavam em diversas áreas, mandíbulas estavam expostas, órbitas estavam vazias, e roupas esfarrapadas cobriam ossos. Diferente de quando se deparou com eles antes, aqueles malditos não tinham carne putrefata em esqueletos desconjuntados, mas eram pessoas fortes com horríveis ferimentos fatais, e, não fosse por seus olhos vazios, poderiam ter tombado em combate naquele momento. O general rosnou como um animal acuado, e o espaço ao redor refletiu seu estado de espírito em nuvens escurecidas, que rajaram o domo da Encruzilhada. Esticou a mão, onde fez surgir uma tremulante espada de trovões.

— Temos um problema, porque eu não vou deixar que você tire aquelas crias do mundo.

Atordoada pelos raios e com queimaduras menores no couro grosso de gárgula, Verônica sacou a espada de folha fina da bainha à cintura, e a apontou para a sentinela.

— Pablo, Pablo, você seria capaz? — a gárgula perguntou, levantando-se e caminhando sinuosa em direção ao rapaz. — Sempre foi tão politizado... Acha que pode mesmo lutar contra uma velha amiga?

Os malditos se aproximaram ziguezagueantes na direção do rapaz; dois se destacaram e se dirigiram para a fortaleza. A qualquer momento seriam

estraçalhados pela barreira de relâmpagos, e o rapaz sentiu que o controle emocional lhe escapava.

— Você não passa de uma anomalia! Uma parasita que viveu sob o nosso teto! — esbravejou, e zurziu a espada sobre a gárgula, que aparou o golpe com sua lâmina comum e gritou ao receber um choque da arma energética.

Arfante, Verônica apoiou as mãos no chão para recuperar o fôlego, mas Pablo não queria estender a luta. Aquela mulher miserável tinha matado a esposa dele, mas também tinha tirado a vida de muitos outros inocentes, e Pablo não achava que ela merecia a consideração de uma luta justa. Cortaria a cabeça dela fora e queimaria os restos com uma saraivada de raios que estremeceriam Octoforte, e nem o pó sobraria para fazê-la voltar como amaldiçoada.

Mas, ao erguer a espada tremeluzente sobre a cabeça do monstro, o grupo de malditos o alcançou e o cercou, e eram muitos, mais de quarenta, que se lançaram sobre ele de uma vez. Surpreso, pois esperava que os mortos-vivos fossem mais lentos, foi obrigado a se jogar no chão e rolar para longe do círculo das criaturas no exato momento que sua barreira de íons explodia e condensava relâmpagos sobre os dois que tentavam chegar ao prédio. Apoiou os braços atrás da cabeça no chão, deu um impulso com as pernas e colocou-se de pé, sentindo a barreira de íons se desmanchar; invocou *dandátrêie* e materializou uma nova espada de *mac* em cada mão, mantendo-se de frente ao grupo de inimigos e também de sua líder, que se posicionava no meio deles.

Atirou-se sobre os demônios, rasgando carne e ossos com lâminas sobrenaturais, enquanto Verônica, feroz, aguardava em meio às criaturas com um sorriso doentio.

* * *

Os soldados estavam em formação, enfileirados de acordo com o elemento de seus batalhões. Evondér, de volta ao posto de comandante do batalhão da sombra, erguia o queixo, desesperado para se mostrar digno de confiança e seguir qualquer ordem, desde que não fosse ele a dá-la. As peças de metal das armaduras de Octoforte tilintavam, seria o primeiro uso delas. Cinco Águias de cada grupo usavam uma capa curta carmim sobre o peito como uniforme, e os dois capitães e o comandante se postavam à frente dos homens. Na ameia, sobre o portão do fogo, as sentinelas empunhavam suas armas, e Márcio não esperou que todos estivessem quietos ou alinhados para começar a dar as ordens.

— Comandante Vardo! — Márcio chamou, e o homem estufou o peito. — Escolha quinze soldados, encham os bolsos com labachas e leve-os para a batalha no Portal da Terra. Equilibrem a luta do general Pablo enquanto ele enfrenta Verônica, não permitam que os malditos o atinjam. Quando eles tiverem desaparecido atravessem para Bhardo. Vão!

Imediatamente o comandante do trovão se virou, escolheu seus soldados, e o grupo saiu em disparada.

— Pelotão da sombra, água e ar — o rapaz continuou —, vocês se reportam a Shenu. Ajudem as naus na Praia Cintilante a embarcar civis. Dividam-se, entrem e deem cobertura à fuga.

Shenu assentiu.

— Águias sob meu comando, usem o feitiço do véu para encobrir os navios, eles precisam ficar invisíveis — a sentinela da sombra ordenou. — Não quero que nem um raio dessa coisa — ele apontou o Cetro da Luz — seja capaz de iluminar as naus. Soldados da água, vocês vão ajudar nos remos a impulsionar as embarcações para que sumam daqui mais rápido que um furacão. Sombra e vento vão ficar nas defesas!

Com um urro, Shenu ajeitou o Lampejo dos Desesperados na corrente, e ergueu a espada no alto. Rugiu, todos os soldados rugiram com ele, e o pelotão marchou para o Portal.

— Guerreiros da terra e do som, vocês vão ficar no Fortim de Agerta junto ao Portal e se reportam a Yoná — com bravura, a garota concordou.

— Não vamos deixar nada passar para este lado!

— O resto de vocês vem comigo. Vamos dar cobertura ao grupo de Shenu por terra. Quando a ilha estiver evacuada vocês vão embarcar no navio que estará esperando por nós. Não vamos dar a Macrux a chance de tirar mais vidas. Partimos hoje, pois não vamos deixar que nossas famílias sofram nas mãos desses monstros; vamos nos reagrupar em Zefim para que nosso exército possa se juntar aos do Meio do Mundo, voltaremos aqui com um milhão de homens e derrubaremos o Imperador como fizemos com Zebarân!

— Hu-ah, hu-ah! — berraram os homens, e, em formação, as sentinelas liderando os soldados, marcharam para o Mundo de Bhardo, sentindo a esperança e o medo dos homens se mesclarem numa confusão de expectativa.

Antes de atravessarem, Shenu sorriu nervoso e perguntou aos amigos sentinelas:

— O plano é evacuar a ilha toda?

— Acha que esses homens têm chance contra os marrotes? — Márcio perguntou de volta, engolindo em seco. — Não são imortais como os escravos, vão morrer num instante, sem contar o que aquele... Demônio pode fazer. Cuspidor de ácido...

— Mas vocês sabem que nós não podemos partir, não sabem?

Yoná olhou para o amigo com um sorriso determinado, e Márcio sorriu também.

— Vamos tirar as pessoas daqui e cumprir nosso destino — falou a garota, um brilho de espada nos olhos. — Por que, depois de todas as chances que tivemos de morrer, acho que já passamos da hora de deixar o mundo dos vivos.

Atravessaram.

* * *

Pablo abaixou-se e golpeou com a espada da mão direita, ceifando as pernas dos malditos e arrancando vários membros, mas, ao invés de tombarem, os monstros se transformaram em pó e seus corpos rapidamente se materializaram de novo. No meio de todos, Verônica ria alucinada, e Pablo, envolto numa névoa de fúria, enxergava a gárgula, mas não conseguia chegar perto dela. Afastou dois malditos com o cotovelo, usou sua concentração para convocar uma rajada de raios que vergastou as criaturas e muitos não voltaram, mas seis se debruçaram sobre o general de uma vez, sufocando-o e atacando-o; Pablo se desconcentrou e perdeu uma das espadas, e as criaturas o atacaram com garras de ferro e sabres enferrujados; o general centrou seu *mac* na altura dos olhos, sentiu uma estocada no abdômen, um rasgo na coxa, ativou a Pedra de Mavhtus, e uma bomba de choque estourou os malditos, os fez voar pelo ar e tirou o sorriso do rosto da gárgula.

Enquanto as criaturas voltavam a se formar, a gárgula bateu asas tentando voar para longe, mas Pablo correu até ela e seu poder invocou uma massa de nuvens que envolveu a mulher no ar e fez as asas dela pesarem. Mãos seguraram os pés do

general; ele foi puxado, caiu e sentiu mãos se fecharem sobre seus tornozelos e o arrastarem para trás.

A escolta do general chegou como uma trovoadas, e suas espadas foram implacáveis. Soldados atacaram com fogo e metal, e cravaram as lâminas nas criaturas semimortas prendendo-os ao chão e libertando Pablo. Lançaram as esferas de fogo de Ártemis Caçadora, e elas queimaram os monstros e desestruturaram o pó que os compunha, fazendo-os sumir de uma vez por todas.

— Deixe-os conosco, senhor! — exclamou a jovem Dêssah, que Pablo reconhecia pela bravura demonstrada na Batalha de Agerta. — Pegue a traidora por nós!

Sacudindo o punho em agradecimento pela providencial ajuda, o homem se levantou e correu atrás da inimiga, já muito perto do Portal para a Terra. Afastou-se da luta contra os malditos e estacou no gramado, estendeu as mãos espalmadas para o alto, deixando seu espírito reconhecer as cargas elétricas da névoa dos Portais; condensou-as e moldou-as em raios horizontais que cortaram o céu e abateram a pérfida poucos metros antes de ela fugir, deixando-a estatelada.

Pablo aproximou-se rápido, temendo que a sequência de golpes ainda não fosse suficiente para retê-la no chão. Ao aproximar-se, porém, percebeu que ela não se moveria mais: estava tomada por espasmos e tinha quebrado uma das asas e uma perna. Ela gemeu ao deparar com os coléricos olhos cor-de-mel do rapaz, que a pressionou contra o chão com um joelho.

— Ela te amava — ele disse, incapaz de entender como aquela mulher, que toda a vida se disse irmã de Diana, tinha sido capaz de fazer o que fez. Mas a resposta pegou Pablo de surpresa e lhe deixou com um gosto amargo na boca, um gosto repugnante.

— E eu amava você — ela disse.

Implacável, a demente ergueu um punhal escondido rapidamente para golpear o rapaz, mas Pablo era muito mais rápido. Seu *mac* transbordou, transpassou o pescoço da mulher e rasgou o corpo dela, que deixou a lâmina envenenada cair a milímetros do estômago do general. A luz se esvaiu dos olhos da gárgula, e Pablo, enojado, se afastou dos restos imundos da criatura sobre uma poça de sangue negro.

FÔLEGO

O poder emanava dele espontaneamente, e à sua passagem as estrelas desapareciam. Em breve, nenhuma das luas seria vista em lugar algum, do mesmo jeito que ele havia feito com o Sol, e o Mundo de Bhardo se tornaria realmente o que o nome sugeria: o mundo da sombra, e a sombra era Macrux.

Sorria feroz ao fitar a ilha à distância. Ali estavam os últimos inimigos que ainda se atreviam a levantar-se contra ele. Insurgentes, é o que eram, apenas insurgentes. Em poucas horas seriam varridos da existência, e a esperança que eles ainda carregavam seria levada para sempre, Macrux desafiaria o Senhor do Nepcoutem, tomaria o seu lugar, seria coroado Imperador da Morte, e, enfim, seria eterno.

Que lhe importava se Adnail, a mulher que o acompanhara por meio milênio em todas as tramas que ele maquinara, tinha sido infiel e agora estava morta? Ele surpreendia-se por ter demorado tanto a acontecer. Que lhe importava que seu maior aliado, o temível e ao mesmo tempo covarde Zebarãn, estivesse morto, e se suas terras não eram mais uma extensão do poder de Macrux sobre Bhardo? Que lhe importava se todos os seus congregados debandassem naquele momento? Em algumas horas sua Joia das Almas estaria completa, e, com o poder *daquela* alma, da Senhora Landell, que atravessou o tempo e renasceu na pele de Jadhe, com o poder dela em suas mãos, poderia trazer de volta à vida quem ele quisesse, e também mandar para o outro lado quem lhe interessasse, não importando a magnitude de seu poder.

Talvez ele trouxesse Ganeo de volta, a mulher que ele amara quando ainda era mortal, e faria com que ela aplaudisse de pé sua determinação e seu poder. Talvez trouxesse Adnail, ou alguma de suas outras amantes. Poderia trazer Zebarãn e refazer o reino dele. Não faria muita diferença, na verdade, não quando ele se tornasse um elemental.

Só mais algumas horas.

Agerta era ainda um pontinho no infinito escuro adiante. Quando pisasse na terra as últimas estrelas teriam desaparecido para aquela gente, e o desespero seria instaurado. Antes disso havia muito que podia ser feito, porque ele não pretendia deixar que navios de refugiados escapassem de seu julgamento.

Acenou para seus três comandantes. Ululando, Rasfát deu um salto sobre-humano e pousou no pescoço do imenso rei dragão; Decaiko bateu suas poderosas asas negras e ergueu-se no céu, no que foi acompanhado por outras quatro feras. Pápero e Numaquim chamaram suas montarias de treva, e as nuvens pretas com forma de panteras sustentaram o peso de seus cavaleiros e os carregaram pisando na superfície do oceano, e o aporte dramático dos selemen'z à ilha em veículos sobrenaturais seria um empurrão rumo à destruição do Pilar da Segurança.

Contudo Macrux queria mais, queria garantir que não restasse um único agerto vivo para acender uma mínima fagulha de esperança depois que tudo estivesse terminado, pois aquela gente, que vencera os monstros de Zebarân uma vez, tinha determinação demais no coração. Estendeu os braços e deixou seu poder fluir através do veneno que preenchia suas veias, o mantinha vivo, e também o ligava a cada amaldiçoado que ele havia criado. Despertou seu gigante mais temido, e ofereceu a ele um banquete de reis.

* * *

Sons de batalha chegaram aos ouvidos das sentinelas assim que elas atravessaram o Portal e os soldados de Octoforte desembainharam suas espadas imediatamente, preparando-se para a ação. Márcio esperava encontrar a ilha praticamente deserta, mas o Fortim de Agerta estava apinhado de soldados, e estes estavam engajados numa disputa desleal contra um enxame de besouros do deserto, os marrotes. As criaturas vermelhas tinham dois metros de altura, carapaças rígidas e uma pinça chanfrada formando a cabeça. Tinham asas e dois ferrões enormes, e, se Márcio achava que sabia como eles lutavam, descobriu que não fazia ideia de com o que estava lidando. No Nepcoutem os monstros erguiam-se nas patas traseiras, deixavam os outros três pares suspensos, e atacavam com os ferrões e com investidas da pinça grande, mas ali eles tinham se jogado ao chão, mantendo os quatro pares na terra, ganhando agilidade. Só então ele entendeu porque eram chamados de “besouros”, pois sua carapaça colou-se ao corpo escondendo as caudas e os ferrões, e um chifre como o dos besouros-brigões levantou-se da pinça superior, transformando os bichos em armas blindadas.

Em pânico, Márcio percebeu que os marrotes só não tinham invadido o Fortim e atravessado o Portal porque um grupo de Águias tinha criado uma barreira protetora sobre o lugar, envolvendo a escadaria e a própria passagem, igual à que Shenu tinha conduzido na batalha anterior. Porém, apesar de haver mais de cinquenta magos naquela defesa, o número de marrotes era gigantesco, e aparentemente eles não se importavam de ser jogados metros distante pelo escudo mágico, e continuavam se atirando contra a parede.

— Márcio...

— Vamos tirar esses homens daqui — Márcio disse e Shenu assentiu. — Yoná, cuide do Portal; Shenu, esconda as entradas das cavernas para a Praia Cintilante; eu vou dar cobertura a vocês e ajudar o fortim.

Shenu assentiu e ele e Márcio lideraram os soldados em marcha descendo os cinquenta degraus da escadaria até o fundo do vale, onde o salão principal do bastião encobria algumas das passagens para as cavernas.

Márcio prosseguiu com seus homens cruzando a abertura oposta, que dava para o segundo pátio.

— Águias do vento — Shenu mandou —, para as amuradas! Façam uma barreira autômata para durar duas horas. Depois desçam aqui com os soldados de Agerta. — Imediatamente os homens selecionados cruzaram o portão e se espalharam pelo forte. Sem tomar fôlego, Shenu prosseguiu: — Comandante Durval, lidere os guerreiros da água nas grutas e embarquem imediatamente nos navios dos moradores. Esperem meu sinal. — Os convocados passaram pelas duas entradas para as passagens subterrâneas. — Águias da sombra, Diana os ensinou a fazer o *feitiço do véu* — Shenu prosseguiu, e sentiu um nó na garganta ao falar o nome da amiga. Em uma fração de segundo, teve a impressão de ver o borrão louro da silhueta dela entre os magos, e só então lhe ocorreu que ela não estaria ali. Ele tinha acabado de vê-la partir, mas, embora tivesse chorado, sua cabeça ainda não tinha registrado o que o fato representava. E significava ausência.

Percebendo a hesitação, o águia Enarmond sacudiu o ombro de seu líder e o chamou de volta à realidade. Shenu olhou de novo, não viu ninguém parecido com a falecida, piscou forte e obrigou-se a focar no presente. Não podia se permitir pensar em outra coisa. Nem o Senhor lhes dera esperança de vencer, então veria a amiga em breve. Tomou fôlego para dar as instruções seguintes:

— Lancem o feitiço do véu nestas entradas. Tem que ser um feitiço autômato, e tem que durar por duas horas também. O restante vá para as cavernas. Comandante Evondér, você os lidera — ele disse. — Coloque vinte homens em cada navio que espera os soldados de Octoforte e divida o restante entre os navios dos civis, lancem os feitiços do *véu* e *camaleão* nas embarcações para que reflitam a água do mar. Com sorte, a soma vai ser suficiente para encobrir os barcos por inteiro.

— Não será tão difícil imitar o exterior — comentou um soldado próximo à porta, e os homens no salão se voltaram para ele. — Não há lua e as estrelas estão apagadas. O mundo está na inteira obscuridade.

Shenu abriu caminho entre os homens seguido por vários curiosos, e todos olharam pela porta, para a noite. Além de umas poucas estrelas, não havia luz no céu bhardano.

A sentinela inspirou fundo e deixou que sua alma penetrasse nas sombras da ilha. Esperava sentir algo sutilmente diferente nas sombras, mas o que percebeu foi tão intenso e tão pernicioso que ele cessou o contato com o elemento em poucos segundos, como se a própria escuridão fosse peçonhenta.

— Mais um motivo para se apressarem — falou. — Esta noite não é normal. Não sei se é feitiço, se é um gás tóxico ou se é o coração do mundo ficando negro, mas quanto antes saírem daqui melhor — disse ele.

Seus olhos se voltaram para o alto da escada, de onde Yoná o observava sustentando parte da barreira mágica em frente à passagem dimensional. Seus pensamentos se uniram numa breve troca telepática que o rapaz conseguiu fazer e, mesmo distante, ele soube que a amiga sorria. De repente Yoná se sentia grata por Shenu possuir aquele dom que ela tanto repudiara a princípio, e, assim como ele, ela estava feliz por encontrar seu destino ao lado dos companheiros.

Os homens se espalharam, os que deviam ir para o porto desapareceram entre as rochas e Shenu ficou satisfeito com o resultado do feitiço do véu que o restante realizou. Não impediria ninguém de passar por ali, pois a ilusão não era material, mas o encantamento criara convincentes paredes de rocha, que Shenu fortaleceria com alguns truques a mais quando os soldados partissem. Deu ordem para que os bruxos seguissem o restante do grupo, se juntassem aos navios e que ajudassem na defesa das naus.

Ao perceberem que a sentinela não se movia na direção das fendas, os homens paralisaram. Alguém segurou o pulso do rapaz e, quando Shenu o encarou, percebeu que era Férík.

— Vi você fugir com os filhos de Pablo!

— Eu deixei eles com a família que o chefe pediu, a mulher deu leite para o menino — Férík se explicou, os olhos enormes. — Botei todos eles num barco.

— Devia ter embarcado junto! — Shenu brigou, pois Férík não era soldado nem bruxo.

— Eu vou. Eu falei que vou pra menina. Eu vim buscar você.

Shenu encarou o irmão e percebeu que não adiantava mentir. Não podia dizer a verdade, porém, não em voz alta, embora os soldados provavelmente soubessem qual era: as sentinelas iam ficar. Os soldados do vento começaram a aparecer no salão trazendo os magos cansados de Agerta com eles, e aumentaram o número de pessoas apinhadas no recinto apertado aguardando a confirmação das instruções, como se não acreditassem no que ouviam, pois o consenso era de que ficariam juntos e se reuniriam depois para traçar um plano de retomada da ilha.

De repente, sem que nenhuma palavra fosse dita, Shenu sentiu a atmosfera mudar, o ar ficou impregnado com um curioso cheiro de chuva, toda a esperança foi roubada daqueles homens, e um primitivo instinto de autopreservação os dominou. Um som de explosão reverberou num ponto acima, as paredes do salão estremeceram, e Shenu os instigou mais uma vez.

— Os homens e mulheres naqueles navios esperam por vocês! Não podem deixá-los à própria sorte! Vão, e cuidem para que haja arqueiros e magos bastantes em cada navio para proteger os indefesos! Vão!

Desta vez, não houve quem pensasse duas vezes, e Shenu observou filas de soldados desaparecerem chocando-se contra a pedra ilusória que disfarçava a passagem. Em poucos minutos, todos tinham passado.

Menos Férík, que continuou encarando Shenu como um cachorro encarando o dono.

Ouviram um barulho vindo da entrada leste e, ao se voltarem, viram Pablo entrando no fortim girando a Pedra de Mavhtus entre os dedos, e Shenu entendeu o

que tinha sido a mudança súbita na atitude dos soldados.

— Eu precisava garantir que protegessem os navios — o general falou.

— Não vão se sentir assustados demais para lutar, caso precisem?

Mais uma explosão soou à distância e acima, e cascatas de pó se desprenderam das pedras do prédio.

— Quando chegarem lá, estarão tão confiantes de que podem vencer qualquer inimigo que lutarão até suas últimas forças. Vou garantir isso. — Pablo disse, e apontou Fériik com o queixo. — Só não posso fazer nada por este aí. Ele continua não tendo sentimentos decifráveis que eu possa mudar...

— E você continua sendo um covarde! — Fériik gritou para Shenu, segurou seus ombros com as duas mãos e o sacudiu em frenesi. — Por que quer lutar, se é um covarde? Por que não vai embora? Você é um covarde! É um covarde! Tem que fugir como todo covarde foge!

Shenu e Pablo se entreolharam. Pablo pousou a mão no ombro de Fériik:

— Você salvou meus filhos, e eu serei grato a você para sempre — disse. — Provou que é tão digno de confiança quanto seu irmão. Mas, se eu puder pedir mais uma coisa, peço que cuide deles até minha volta; Ondily precisa muito de alguém em quem ela confie por perto, e ela não conhece bem a família de Alin. Encontraremos vocês assim que pudermos.

Pablo cruzou o salão e saiu na direção da ilha deixando os gêmeos, mas não antes de sentir o bruto toque mental de Shenu e ouvir sua voz num “*obrigado*”.

Cuidadosamente, Shenu pousou as mãos nos ombros do irmão, e sentiu mais um pedaço do coração se despedaçar ao ver o rosto de Fériik se desmanchar numa careta chorosa.

— Vá para os navios e encontre os filhos de Pablo. Fique com eles e os proteja. Eles são minha família, tanto quanto você.

— Mas...

— Você ainda não viu nenhum dos outros irmãos desde que voltou! Não acha que é hora de revê-los? — A sentinela empurrou o gêmeo para o corredor oculto.

— Eu te odiei! — Férík berrou, parando antes de passar. — Eu te odiei a vida toda, e tive inveja, e... e... e... eu tive saudade... E eu tive...

Um nó se formou na garganta de Shenu, os olhos arderam; ele sabia que se sucumbisse não conseguiria se conter, seria levado para um lugar de recordações que ele não podia ver naquele momento. Aquela podia ser a última vez que via Férík, e, sem querer, pensou em Ludi, que certamente estava furiosa por Shenu não ter se despedido, e pensou em como sua vida poderia ser diferente caso o louco que vinha chegando tivesse resolvido cumprir seu plano só dali a cinquenta anos. Sorriu, então, ao perceber que, se Macrux tivesse escolhido qualquer outra época para fazer o que queria, talvez não houvesse ninguém para enfrentá-lo, e ele estava satisfeito por ser este homem.

— E agora você está partindo — disse o rapaz, e a sombra do velho andarilho, de vida sofrida, mas alegre e de bom coração, surgiu, e apagou o desespero de Férík com mais eficácia do que qualquer golpe de magia. — E eu vou ficar. E você vai contar pra todo mundo que eu não sou esse covarde de que você falou esse tempo todo, seu bicho feio! Agora vai, que eu já perdi tempo demais aqui. Veja se fala para os filhos de Pablo que os pais deles também são grandes heróis, não tão grandes quando o poderoso tio Shenu das sombras, é claro, mas alguma coisa perto disso. Vai logo!

Numa tentativa estranha de sorriso, Férík acenou em despedida e, finalmente, deu as costas e entrou na passagem.

A sentinela estalou os dedos e tirou a capa. Preso à armadura reluzente que usava, o Lampejo dos Desesperados balançou à sua cintura, lançando fantasmagóricas sombras ao salão a cada vez que um fino relâmpago sem som bruxuleava dentro dele. Um daqueles raios pertencia a Zebarãn, Shenu sabia, e, se ele tinha botado o tirano ali dentro, quem sabe não pudesse fazer o mesmo com o mestre dele? Se a derrota era certa, não faria mal algum acreditar em um milagre.

* * *

Só ao chegar ao portão principal é que Márcio teve uma ideia do que tinha acontecido de verdade até aquele momento.

A proteção dos magos estava ativa, e ele achava que resistiria por algumas horas conforme Shenu tinha pedido, mas só uns poucos globos de fogo se chocavam contra ela. Ao longe e além do fortim, Yoná tinha posicionado soldados e magos

em cada um dos degraus da escadaria, e eles ainda não tinham tido trabalho. O portão principal fora arrombado e a sentinela passou por seus estilhaços com o Cetro firme na mão, ordenando aos seus homens que esperassem seu sinal para atacarem. Saiu para encarar a ilha.

Entre as rochas que flanqueavam o caminho para o forte a visão era grotesca. Corpos se espalhavam despedaçados e queimados, e nem crianças haviam sido poupadas. Muitos tinham malas ou cestas perto delas, alguns tinham caído abraçados a pães, outros aos filhos pequenos. Foram atacados enquanto iam para o refúgio, os monstros os tinham estraçalhado.

Mas nenhum deles estava à vista, apesar de Márcio poder ouvir os cliques de suas pinças e o ruflar de asas de besouros ao longe.

Chegou à cidade, pontilhada por focos de incêndio. Viu movimentos furtivos atrás de casas e dentro da fonte da cidade, e entendeu que os marrotes o estavam evitando. Provavelmente aquele era um grupo pequeno, um destacamento enviado para atacar de surpresa e testar as defesas do inimigo antes de o exército principal chegar. Tinham conseguido eliminar parte dos soldados de Agerta e expulsar os moradores; fizeram com que os feiticeiros da ilha gastassem a magia que poderiam usar num combate obrigando-os a criar às pressas o feitiço-escudo no fortim para proteger os refugiados; agora o que restava do poderio bélico de Agerta estava nas naus que abandonavam a ilha, e a única expectativa era a de que conseguissem se distanciar e se ocultar. Aqueles marrotes tinham atingido seu objetivo, não lutariam de novo a menos que fossem instigados, ou que seu mestre chegasse.

De onde estava, Márcio costumava poder vislumbrar uma nesga de mar reluzindo no fim da ilha, sempre refletindo as luas coloridas daquele mundo. Naquela noite, Larehssu estaria cheia, Ginhaissu também, e Ramadissu estaria quase em sua fase mais brilhante, e a intensidade de suas luzes seria tão grande que fariam o oceano emanar luz. Mas não havia nada no fim da ilha, como se um manto tivesse encoberto o mar e aquele fosse o fim do espaço. A sentinela olhou para o alto, para o céu, e a respiração ficou um tantinho mais difícil. Pois o que costumava ser um céu estrelado e belo, hora coberto por nuvens, hora cenário da dança das três luas, era agora um teto preto e sem vida, uma sufocante escuridão de nada.

Nada, a não ser a Lincariell.

Alguns soldados se juntaram a Márcio e o rapaz sentiu o medo deles, que não era muito diferente do que ele próprio sentia. Todos tinham os olhos na estrela andante

de Bhardo, que costumava ser um sinal de esperança dos povos, sempre a mais brilhante. Mas algo havia acontecido a ela: sua luz, sempre branca, estava vermelha, contaminada por algum mal tão imponente que fora capaz de afetar até o mais querido astro de Bhardo, e os homens estremeceram.

— O que aconteceu com a estrela? — alguém sussurrou a pergunta.

— Estamos perdidos! *Perdidos!*

— Fiquem atentos — pediu Márcio, percebendo movimentos furtivos dos marrotes com o canto dos olhos. — Eu vou descobrir o que está havendo.

— Mas como...

— Senhor...

A sentinela ignorou os soldados. Afastou-se alguns passos deles para evitar que sua aura ferisse os homens. *Hora de entender algumas coisas*, pensou. Fechou os olhos, inspirou profundamente, e deixou que o poder de seu *mac* aquecesse o corpo e se estendesse à joia suprema, ativando sua magia.

Sentiu o artefato sorvendo a energia do corpo dele e a magia do Objeto começou a funcionar. Toda a ilha se tornou clara, como se um holofote tivesse sido aceso sobre ela, e Márcio viu os besouros monstruosos se escondendo atrás de cestos e casas, e viu as árvores do Bosque Norte agitadas pelo vento salgado do mar, e viu os brotos de hortaliças das plantações do sul abandonados, e viu os bodes e cabras trazidos do Continente subindo os rochedos por saliências impossíveis. Olhou para o céu, mas não viu nada. A única mudança no firmamento era a cor da Lincariell, que, aos olhos de Márcio, sob o poder do Cetro da luz, tinha voltado a ser branca.

Porém o rapaz percebeu que o manto da noite tremulava, como um tapete puído que, quando agitado, deixa entrever o que há por baixo dele, e Márcio vislumbrou nergas das luzes das estrelas. O véu de magia que encobria o céu era denso, a sentinela precisaria usar mais energia se quisesse descobrir a verdade.

Inspirou mais fundo, pensou no sacrifício de Diana pelo filho e tomou uma decisão. Abandonou a cautela e libertou toda a energia da qual tinha sido feita sua alma, e a transferiu para o Cetro da Luz. O Objeto vibrou e ele o agarrou com a outra mão, mantendo-o firme e fixo no chão, e o pontal de foice se acendeu e iluminou tudo ao redor. Márcio continuou empurrando energia para o artefato,

sentiu o coração disparar, os músculos enrijecerem e a pressão comprimir seu corpo todo, tirando-lhe o ar; rugiu como um leão, o espaço ficou quente, os homens abriram um arco em volta dele, mas não se afastaram. Seu corpo ferveu, o sangue correu mais veloz em suas veias, o aqueceu e ele começou a brilhar incandescente, como se houvesse lava sob a pele. Os soldados se afastaram, incapazes de permanecerem perto da sentinela; a ilha tornou-se borrada, o Cetro ficou pesado, e, quando Márcio olhou para a joia, viu nela três pares de olhos encrustados no Tesouro, e um deles estava fechado. Gritou com o turbilhão que corria dentro dele, e obrigou-se a emitir tudo o que tinha de energia; pedaços de tecido das roupas que vestia queimaram, o metal da armadura ficou tão quente que poderia fundir a qualquer momento, Márcio sabia que não conseguiria manter a proteção da própria pele por muito mais tempo e que teria queimaduras sérias se não parasse, mas só precisava forçar mais um pouco, mais um pouco...

O terceiro par de olhos se abriu, e a corrente de poder cessou de uma vez. E Márcio viu TUDO.

O véu espesso de magia abandonou o céu e o que havia além dele era tão esplêndido que ninguém acreditaria se não visse com os próprios olhos. Um mar de estrelas, muitas mais do que ele jamais tinha visto, cintilava no alto; as três luas estavam no auge de seu esplendor, e uma grande claridade dourada banhava o distante horizonte oeste como se o céu estivesse em chamas, fazendo o oceano refulgir em cores e sombras surreais.

Por vários minutos Márcio não conseguiu se concentrar, tamanha era a magnificência do cenário descortinado. Entretanto a agitação dos soldados o trouxe de volta à realidade, e ele virou-se para os homens e viu suas feições se transformarem em semblantes de terror. Ele olhou para o Portal, e não decifrou o que via, pois tudo parecia igual, e, ao mesmo tempo, dobrado, como se o espaço ao redor daquela passagem fosse diferente, fragmentado, multiplicado. Contemplou o firmamento e localizou a estrela, mas ela não era mais uma estrela: Lincariell era uma joia, um enorme e brilhante ovo de cristal com uma pedra luminosa dentro, uma gigante sbinc, que seus olhos carregados de magia enxergavam de perto. Toda a luz do céu proibida aos homens estava presa naquele Tesouro com formato de olho; o espírito de Ariell, cativo naquela coisa, via o mundo do alto, e através dele o inimigo sabia tudo, pois havia criado o Objeto Supremo.

Mas havia um brilho à distância que refletia parte da alma de Ariell, e Márcio soube que, fosse o que fosse, Macrux não sabia da existência dele. Estava além do

alcance da visão da sentinela do fogo, atravessando o oceano na direção da ilha, mas Márcio o sentia reverberar na mesma frequência da estrela.

Ariell não derrotou Macrux. O herói não passa de mais uma vítima. O Imperador desapareceu do mundo porque quis. Márcio pensou, e logo entendeu que não poderia repetir aquilo em voz alta. Os soldados confiavam no herói, o mundo todo acreditava que o paladino Ariell tinha se sacrificado e expulsado o inimigo, e esta era a única garantia que tinham de que poderiam vencê-lo novamente. Se soubessem que viviam há mil anos sob a sombra do déspota, quanta coragem restaria nos corações deles?

Uma mão tocou o ombro do rapaz e, sem cortar a conexão de energia, Márcio viu seu irmão. Ficou impressionado por Pablo não se queimar na redoma de calor liberado por ele, mas o Cetro já estava completamente alimentado de poder e não exigia tanto assim de Márcio para manter a magia ativa. Ao contrário de todas as pessoas para as quais Márcio olhara, o semblante sereno de Pablo não se alterou. Não havia pânico, não havia desespero, e a língua de magia que emanava da Pedra de Mavhtus, que normalmente transformavam as emoções de quem a usava, não afetava o general. Aparentemente, o homem estava em paz.

— O que você vê? — ele perguntou, e Márcio baixou os olhos e forçou o Cetro a mostrar as forças do inimigo que se moviam em direção à ilha.

Uma nuvem cinzenta crescia, e logo atrás dela uma massa vermelha zunia de encontro à ilha. Márcio sentiu o sangue gelar: aquela parede de inimigos ia muito além do que os poucos soldados que restavam em Agerta poderiam suportar, mas o exército de bestas não era tudo. Veloz, o grande Decaiko voava mais rápido que qualquer criatura, e um feiticeiro corpulento equilibrava-se em pé sobre seu pescoço em pleno voo. Ele não era o único dragão, mas outras doze feras se mantinham mais além, engalfinhadas numa luta titânica entre si.

Márcio forçou a vista além e vislumbrou os outros dois comandantes daquele exército de contrassensos, ambos galopando sobre a água, como se esta fosse sólida, em grandes felinos de bruxaria. Entre eles localizou o coração daquela hoste demoníaca: numa improvável balsa dourada com forma de cubo, cruzando o oceano a uma velocidade surreal, o homem se aproximava de Agerta. Em poucos minutos estaria sobre a ilha, seu enxame amaldiçoado já a teria alcançado, e ele passaria entre os soldados como um ceifador. Era um feiticeiro e era um homem, mas também era sombra e era um monstro, e sua imagem se alternava entre o

bruxo ruivo e uma grande massa de carne amorfa com membros conflitantes, e Márcio não podia dizer qual era sua verdadeira forma.

— É muito ruim? — perguntou Shenu, surgindo à direita de Márcio, os olhos cravados no escuro sob a cidade vazia, exatamente como Pablo.

— Pior do que você pode imaginar — Márcio respondeu, cessando a magia do Cetro. No mesmo instante, os olhos desapareceram do corpo da joia, e Márcio se perguntou se apenas ele os tinha visto, ou se Pablo e Shenu puderam vê-los também. — Mas vi algo útil: o ponto fraco dos marrotes. É preciso acertar entre as pinças da cabeça quando estão em pé, ou cortá-las fora quando estão enrolados como besouros e formam esse chifre.

Uma pancada do lado da cabeça fez Pablo cambalear e foi a ignição para a enxaqueca de Márcio começar.

— Desculpem — disse Shenu, pois a dor fora causada pela invasão da telepatia dele unindo os companheiros. — Acho que piorei ao invés de melhorar nisso.

Mesmo assim, a artimanha surtiu efeito, pois instantes depois ouviram a voz de Yoná sussurrando instruções para derrotar os marrotes: ao receber a informação mentalmente, ela fez sua voz chegar aos soldados através do *mac*.

O vento mudou; uma nuvem de pó com cheiro de excremento e decomposição chegou, anunciando o fim da trégua. Os marrotes, que se escondiam nas sombras, saíram de suas covas, alguns erguendo-se nas patas de trás e exibindo as caudas bifurcadas, outros mantendo-se com os quatro pares no chão sob o casco de besouro. Soldados tremeram atrás das sentinelas e dentro dos muros do fortim, pois, na cidade, malditos começaram a tomar forma a partir do pó.

— Muito bem — Pablo apertou o cabo de uma espada comum quase com carinho. Em seguida repetiu para os amigos: — Muito bem. Shenu, Márcio, foi uma honra acompanhar vocês a tantas aventuras.

Os dois homens sorriram de volta, e cada um apanhou uma espada. Seria a primeira e última vez que as armaduras douradas completas, com a capa verde-mar das sentinelas de Octoforte, seriam usadas em um combate verdadeiro.

— Soldados de Octoforte, ao combate! — exclamou o general, e na frente de todos os soldados ele ergueu sua arma, e partiu para o centro da cidadela. Raios

estouraram sobre marrotes antes que Pablo chegasse aos inimigos, e o cheiro de tempestade impregnou a ilha, embora nenhuma nuvem pudesse ser vista. Pelos rugidos dos soldados, que tinham se transformado na expressão da confiança, Márcio soube que Pablo ativara a Pedra de Mavhtus e lhes infundia uma esperança contagiante, capaz de capturar mesmo ele e Shenu.

— Foi bom conhecer vocês, irmãos — Shenu falou. Elevou sua espada também, e partiu para o meio da batalha, arrebatando homens para seu comando. Márcio tomou fôlego e o seguiu.

GUERRA

Quando os marrotes chegaram e malditos se materializaram às centenas, os soldados estavam preparados. Brandiram armas sem desperdiçar um golpe, arrancando pinças de marrotes e desmembrando ferrões venenosos dos artrópodes que saíam de seus esconderijos, e Márcio conduziu os arqueiros, que atiraram flechas em chamas nos umneconi'z, destruindo o pó antes que seus corpos estivessem plenamente formados. Quando o exército de besouros do deserto chegou inteiro as bestas registraram os membros da miríade derrotados, e seus corpos dilacerados jaziam como grandes lagostas abatidas.

Mas os insetos não vieram sozinhos: os Selemen'z do inimigo estavam com eles. As feras de fumaça sobrevoaram o campo de batalha com silvos pungentes que fizeram ossos enregelarem; uma delas dissolveu-se, descortinando o negro comandante Numaquim, seus olhos eram puro ódio, e seu corpo eram músculos e força. Suas mãos carregavam uma massa e uma clava, e com elas golpeou homens e mulheres sem piedade, e abateu tantos quantos se colocaram em seu caminho. À frente, convocando um raio após o outro, Pablo encarou o homem monstruoso, mas Shenu interveio:

— Ele é meu — disse, e embainhou a espada que trazia para criar uma feita de energia pura, energia das sombras, e avançou para o duelo enquanto soldados, marrotes e malditos se confundiam num embate furioso.

* * *

A segunda pantera voou rente ao chão, e sua forma emulava as investidas do montador, que fingia abocanhar homens conforme passava. Desapareceu de repente, e o homem que veio sobre ela nem perdeu o equilíbrio; quando caminhou seus passos eram firmes e seu andar reto. Márcio o reconheceu imediatamente: o homem magro, baixo, de olhos e a cabeça careca era o mesmo que o tinha cercado junto com Yoná e vomitado uma rajada de ácido. Quando encarou Pablo, Márcio se postou à frente, assumindo aquela batalha. O feiticeiro carregava uma espada muito maior do que o natural, mas Márcio não tinha medo: o Objeto Supremo

estava com ele, e ele confiava que seu próprio poder, mesmo sem o Tesouro, era imenso.

Buscou o *mac* dentro de si e acendeu o corpo como uma grande fornalha. Que o inimigo viesse: ele estava pronto.

* * *

A terra estremeceu sob os pés dos guerreiros. Homens e bestas se engalfinharam num combate feroz, e sentinelas e comandantes do Imperador bramiram feito dragões, sobrepondo-se à balbúrdia e aos grunhidos de horror. Grupos de cinco soldados precisavam se reunir para derrubar cada marrote, mas havia dez insetos para cada pessoa. A barca do Imperador se aproximava, e enquanto não aportava na baía, Pablo usava seu poder para derrubar raios sobre vilões e esfacelar malditos e besouros com eficácia, e eles não reapareciam.

Shenu mal enxergava os borrões de fogo e das espadas que passavam perto dele, toda sua concentração estava no inimigo nefasto a sua frente. Ele se lembrava daquele homem: Numaquim, um dos generais de Zebarãn, aparentemente liderando o exército de mortos-vivos, pois os infelizes respondiam aos movimentos de suas mãos. Sua montaria de sombra dissolveu-se quando ele desmontou, mas a energia mágica espiralou no solo até se infundir em Numaquim como agulhas de escuridão, deixando-o mais forte.

Os adversários se encararam sem desviarem os olhares, o ar ao redor deles tornou-se mais escuro, pois ambos pertenciam às sombras. Numaquim foi o primeiro a atacar; girou a massa no musculoso braço e atirou-a sobre Shenu; este rolou sobre o braço e se desviou da esfera espinhosa, que abriu uma cratera no chão. A sentinela se levantou e atacou imediatamente, brandindo a espada de escuridão com a ponta voltada para o inimigo, mas o comandante aparou o golpe com sua arma de aço. Foi lançado para trás; soltou o cabo da massa, e ficou surpreso ao ver como a espada negra de Shenu tinha mordido a folha da sua, e o rapaz sorriu, percebendo que o homem, apesar de imortal e bruxo, não conhecia aquele truque do *mac*, algo que ele e os amigos tinham inventado instintivamente quando lutaram contra Zebarãn.

— Você controla as sombras — disse o selemen confuso, incapaz de conter o comentário. — Mas sua lâmina é material.

Shenu girou a arma na mão e ela se tornou mais sólida e pesada, como se fosse de metal. Em seguida jogou-a para cima e a apanhou de novo, e ela se transformou em névoa e perdeu o contorno, para logo depois se solidificar outra vez. — Cada coisa que a gente consegue fazer com esse tal *mac*, não é?

Irritado, Numaquim abandonou a massa onde ela havia caído e atacou Shenu com a espada. Estocou e floreou, e Shenu aparou os golpes com destreza. A sentinela defendeu-se de um golpe alto, faíscas saíram com o atrito das lâminas que giraram juntas para baixo, e Numaquim forçou a arma contra Shenu. Era muito maior que a sentinela e muito mais forte, e forçou ambas as espadas, formando uma tesoura com elas. Shenu suou, todos os músculos queimaram ao resistir à força do homem, sabia que não aguentaria muito tempo. Teria a perna arrancada pela própria arma...

Mas deixou-a desaparecer.

A matéria escura que formava a lâmina de Shenu perdeu a consistência e evaporou; Numaquim perdeu o apoio e se desequilibrou. Shenu o acertou com o joelho na boca do estômago do oponente, e em seguida desferiu uma sequência de socos no rosto dele que deixou o inimigo atordoado, e quando Numaquim rolou para longe o rapaz já tinha a espada sombria em mãos mais uma vez.

Revoltado, limpando o sangue de um corte no supercílio que atrapalhava sua visão, Numaquim urrou e ergueu a mão livre. Vento foi criado e sugado para a palma da sua mão, e Shenu, embora soubesse que o bruxo estava convocando malditos para lutarem por ele, não pode fazer nada para impedi-lo, pois uma horda de oponentes cercou um pequeno grupo de soldados e os estava fazendo em pedaços.

A sentinela da sombra abandonou o adversário e correu em socorro dos homens; arrancou chifres e pinças com sua espada escura como se fossem feitos de manteiga. De repente não havia nada em seu pensamento a não ser afrontar os inimigos, e a certeza que tinha de que estaria morto no final era tão libertadora que o permitia lutar melhor. Malditos o agarraram e tentaram mordê-lo, mas soldados incendiários acertaram labachas nas criaturas e as queimaram, e quando a pinça de um marrote se fechou no tornozelo do andarilho, o rapaz perdeu o chão e a arma de energia. A armadura amorteceu a pressão, mas o monstro apertou mais e mais; quebrou as defesas da sentinela e fechou a pinça na perna; Shenu gritou de dor e sua vista embaralhou. Mas o aperto diminuiu subitamente e ele viu os homens que tinha salvo estraçalhando o monstrengo e libertando-o.

O rapaz mal teve tempo de respirar; tentou levantar-se, mas foi atingido por um soco no rosto e sentiu dentes amolecerem; deu vários passos para trás e foi abraçado por quatro pares de braços putrefatos e, zozado, desesperou-se para sair dali. Malditos abriram bocarras gigantes e cravaram molares apodrecidos na armadura metálica, o que foi uma sorte, porque nenhuma mordida atravessou a proteção. Mas eles mantinham a sentinela imóvel, e mais semimortos surgiam para segurá-lo, prendendo-o enquanto Numaquim se aproximava furibundo.

O bruxo maligno ergueu a espada, trincada em vários pontos, mas ainda letal; condensou sua cólera numa espiral de vento escuro que afastou alguns dos amaldiçoados e transformou a arma no epicentro de um turbilhão de pedras; correu de encontro à sentinela, a ponta da arma pronta para atravessar qualquer armadura e metê-la o coração do homem...

Escuro. Shenu e os malditos que o seguravam desapareceram completamente junto com pedras e objetos, e Numaquim se viu de pé sobre uma cratera negra.

Piscou, pensando que tinha enlouquecido: olhando ao redor não enxergou nada, absolutamente nada, nem ouviu nenhum som. Não via nem seu próprio corpo. Parecia ter sido transportado para uma esfera de vazio, completamente separada da ilha ou do resto do mundo, e pela primeira vez depois de se tornar imortal, sentiu medo.

— É estranho, não? — ouviu a voz de Shenu soar dentro daquele abismo, mas Numaquim não o viu. — O que as sombras podem fazer.

— O que é isso? — Numaquim estava começando a se desesperar. — Como pode... Como você conseguiu...

— Seu mestre foi imprudente — disse Shenu, surgindo de repente na frente de Numaquim como se uma luz tivesse sido acesa sobre ele. Ao redor, porém, nada mais se via.

— Que espécie de armadilha é essa? — Numaquim perguntou, conjurando e lançando por magia uma torrente de fogo em direção à sentinela, mas Shenu desapareceu antes de ser atingido e, quando reapareceu, não estava nem arranhado. — Feiticeiro! — Numaquim atirou mais fogo, e, em seguida, girou freneticamente a espada, golpeando o espaço como se visse, em cada canto tenebroso, o inimigo invisível.

— Não é feitiçaria, é só *mac*, o elemento do qual minha alma é feita — ele ouviu a voz de Shenu. Terrificado, o comandante rasgou o espaço na direção da voz da sentinela, sem acertar nada. Tentou fender a parede da prisão, mas quando sua espada mordiscada tocou a superfície do que devia ser o muro de sombras, uma explosão sem luz estourou o metal e desintegrou a arma.

Shenu surgiu novamente, e Numaquim deu vários passos para trás. Tentou conjurar seus malditos, mas nada veio às suas mãos. Envolveu-se numa torrente de energia verde e brilhante, mas a luz que ele conseguia produzir parecia ser sugada para as trevas de Shenu, e consumia-se antes de iluminar qualquer coisa. Espalhou um grande globo de luz ao redor de si, usando energia suficiente para clarear toda a ilha Agerta por uma semana, mas a magia desapareceu por completo, deixando o homem completamente esgotado. As raízes negras de energia que se infundiam no cavaleiro, provenientes do poder de Macrux semeado no subsolo do planeta, tinham desaparecido, e Numaquim não conseguia recarregar seu poder. Não enxergava nada além do andarilho.

Despreocupada, a sentinela observava as tentativas infrutíferas do bruxo, sabendo que era tudo uma questão de postura. A verdade é que manter aquele globo de matéria escura ao redor dos dois estava consumindo mais poder do que Shenu sonhava em ter, e que ele sabia que tomar emprestada força do Lampejo dos Desesperados daquela forma era no mínimo temerário; mas, se pudesse alimentar a prisão mais um pouco, conseguiria engolir as faculdades daquele homem e reduzi-las a menos que pó.

— Macrux foi imprudente e relapso — Shenu prosseguiu. — Imprudente porque me tratou com displicência, e permitiu que eu visse mais da vida dele do que deveria. E relapso porque, de tudo o que ele aprendeu na Terra, não absorveu o que devia do conhecimento que aquelas pessoas têm sobre o universo. Sabia que não conhecemos nem um grãozinho de pó se comparado a tudo o que existe no Cosmos? E que a maior parte desse Cosmos é feita de uma coisa chamada “matéria escura”, algo que ninguém entende, e que não reflete luz. Pense, é feita de escuridão. Dizem que, se a matéria escura toca na matéria comum, as duas se anulam. Desaparecem sem vestígios.

— Seu mestre é um feiticeiro magnânimo, e o *mac* dele é a sombra, como o meu e o seu. No entanto, mesmo sabendo desta maravilha intrigante, ele não procurou descobrir mais sobre essa *matéria escura*. Só que eu fiquei curioso... Acho que a culpa disso é do Márcio, mas depois que soube dessa coisa no fundo da cabeça do Imperador, eu quis investigar. Tentar ver se conseguia canalizá-la para mim.

Numaquim girou o pescoço, estupefato, entendendo que o que estava em volta deles era uma cela da tal matéria, algo de que ele nunca tinha ouvido falar, mas que já temia. E ele não viu, mas *sentiu* que as paredes do lugar se fechavam sobre ele, o comprimiam, obrigando-o a se deitar. Seu espaço estava diminuindo, desaparecendo, sendo tirado dele. Expandiu ainda mais suas reservas de magia, tentando obrigar o ar a manter a esfera longe dele, mas a prisão de Shenu ignorava o poder do bruxo e continuava a diminuir.

— Seu louco! — desesperou-se o comandante. — Vai se matar junto comigo!

Shenu deu de ombros em resposta.

A sentinela sabia que não tinha muita chance de escapar dali, e se não parasse de alimentar a energia da coisa bem rápido a matéria escura o consumiria, e quem sabe o que aconteceria quando o tivesse matado. Talvez desaparecesse, possivelmente destruiria a ilha inteira. Mas o inimigo era imortal, e se o corpo dele continuasse existindo, Shenu jamais teria chance de vencê-lo, não sem o Elixir de Macrux, praticamente impossível de conseguir. Rugiu, a ilha toda ficou ainda mais negra perante o poder da sentinela, e obrigou o globo a se estreitar sobre os dois.

* * *

Faíscas de escuridão surgiram por toda a ilha, e Pablo se abismou ao perceber que elas não vinham da cobertura que Macrux lançara no céu, mas do domo assustador criado por seu amigo. O general convocou mais relâmpagos que despencaram na terra vindos de nuvens invisíveis no alto, e sua luz tremulante iluminou o campo de batalha, preenchido com fogo e fúria. Não usava armadura, mas os inimigos que se aproximavam desapareciam eletrocutados em cortinas de fumaça e pó antes de tocá-lo, e os malditos que eram atacados por Pablo não conseguiam mais se recompor. Tinha abandonado toda a prudência e usava o poder da joia para amplificar o seu, e embora a Pedra de Mavhtus transtornasse tudo e fizesse lutas paralisarem à sua passagem, e tornasse inimigos ainda mais ferozes num momento e em seguida completamente dóceis, permitindo que Pablo os golpeasse com armas comuns sem resistência, o próprio Pablo não sentia os efeitos mágicos da joia. Talvez estivesse entorpecido pelo sofrimento, tão vazio que a Pedra não podia inverter sentimentos que não existiam, porém o que Pablo sentia era outra coisa: sentia que estava no controle, e que a magia de Mavhtus não o afetava mais simplesmente porque agora ele a sobrepujara e a comandava.

Uma dúzia de bestas vermelhas o cercou, metade delas de pé com suas pinças clingando, outra metade no chão, como besouros, e preparavam um ataque combinado com seus chifres empinados. Quando Pablo ia atacá-los, meia dúzia de malditos se formaram, e todos o assaltaram ao mesmo tempo. Estava cansado, não conseguia conjurar armas puras de *mac* sem alguns minutos de descanso, então apanhou duas armas abandonadas por seus donos, uma espada reta na mão esquerda e uma curta na direita, e brandiu as duas com fúria desenfreada, transferindo sua energia para as folhas, usando o metal como canalizador de eletricidade. Cortou um, dois, três malditos pelo meio do corpo, fazendo seus corpos frágeis se rasgarem; os marrotes o atacaram. Desviou de três rolando, mas foi acertado por outros dois e foi atirado longe; bateu com força numa grande rocha de saliências pontiagudas, um naco da perna foi arrancado, pendendo quase solto. Três soldados vieram em seu auxílio, dois deles magos; um prendeu parte dos marrotes num feitiço paralisante, outro lançou um rápido feitiço para tratar a ferida de Pablo; o general sentiu muita dor ao ficar de pé, mas o terceiro soldado lutava com as feras; os magos se concentraram na defesa enquanto Pablo recuperou uma espada e atacou os inimigos ao lado de seu soldado, apertando a barriga dolorida com a outra mão.

Pinças foram estraçalhadas, caudas venenosas chicotearam o ar, um ferrão acertou Pablo no braço esquerdo, provocando uma dor lancinante. A toxina do marrote penetrou a carne do rapaz e endureceu o músculo, mas Pablo afastou o monstro com uma lufada de ventania e solevou-se sobre os inimigos restantes como uma tempestade, afastando aliados para, em seguida, os instigar a lutar com mais bravura, e quem viu o general em sua cólera encontrou forças para continuar atacando, e a valentia dos guerreiros de Octoforte foi gigante diante de inimigos tão maiores e mais numerosos.

* * *

Márcio lançou rajadas de fogo sobre o adversário, mas Pápero tinha uma velocidade anormal e desaparecia de onde estava, reaparecendo, um segundo depois, metros distante. O feiticeiro ria e exibia dentes amarelos, e sua habilidade com a espada era excepcional. Estocou e deu golpes bem direcionados, e Márcio recebeu cortes na pele nos pontos de junção das peças da armadura. Percebeu que o adversário tentava encontrar uma brecha para tomar o Cetro das mãos de Márcio, e tremeu, apertando o cabo da joia com toda a força, para mantê-lo consigo. Se continuasse daquele jeito, era apenas uma questão de tempo.

O ar ficou mais pesado e Pápero distraiu-se, pois a sombra que se avolumava sobre Agerta e tornava tudo mais escuro, dificultando a batalha para soldados e para monstros, não pertencia a Macrux. Márcio se admirou, pois nem o Cetro da Luz pode lhe mostrar o que era a redoma preta que envolvera Shenu e Numaquim, porque a esfera era exatamente o que parecia: uma massa de trevas.

A sentinela do fogo entendeu, afinal, que não venceria aquela batalha se não liberasse tudo o que podia de seu *mac*. Aquela seria a luta final de sua vida, e não podia mais conter o poder temendo perder o controle. Segurou o Cetro à frente, deixou a força de sua alma se expandir. Já estava fragilizado por ter usado tanto poder para ativar o máximo da joia, e a dor de cabeça aumentou na mesma medida em que seu sangue se aquecia. Perdeu a força nas pernas, caiu de joelhos, a espada servindo como apoio; a joia emitiu a energia recebida em luz e os soldados puderam ver os invasores, e os rechaçaram.

Pápero murmurava palavras estranhas, e antes que Márcio se desse conta, estava envolvido numa teia pegajosa conjurada magicamente. Barbantes pretos se enovelaram no rapaz; Márcio expulsou uma onda de calor e os desintegrou; rolou na direção de Pápero e o inimigo saltou para evitar ser derrubado pela sentinela, e quando se voltou para Márcio o chão estremeceu e um rugido fez a batalha paralisar e homens e monstros levaram as mãos aos ouvidos.

Uma labareda desceu dos céus numa sentença inexpugnável; a chama cercou os combatentes numa redoma flamejante e o dragão Decaiko, satisfeito, sobrevoou Agerta num círculo e partiu em direção ao Portal. O coração de Márcio perdeu o compasso: Yoná estava no patamar e o ramaddron a encontraria em poucos segundos. Mas Pápero não o deixaria ir em auxílio da companheira, e quando Márcio se descuidou, o bruxo lançou um feitiço que desmantelou a armadura que protegia a perna de Márcio e atravessou a espada na panturrilha do rapaz, fazendo-o urrar de dor. A sentinela girou o Cetro da Luz desajeitado e conseguiu fincar a ponta da lâmina de foice nas costas do inimigo, que berrou; em seguida, arrancou o Objeto do oponente, fazendo jorrar uma cascata de sangue. Soldados vieram em auxílio de Márcio, mas Pápero, rindo como um demente, vomitou algo verde e fumegante, e os homens pararam, assustados e enojados. A névoa fluorescente que saiu da gosma cresceu ácida e feriu os olhos de Márcio, que imediatamente enrijeceu os músculos do peito e tampou a respiração para se proteger; quando abriu os olhos novamente viu os homens caídos, mortos, com partes da pele derretidas.

— Aberração... — sussurrou horrorizado, mas Pápero gargalhava.

— Não pode me matar — disse ele. — Ninguém pode me matar!

Avançou para Márcio com as mãos em garras cobertas daquele ácido, prestes a perfurar seu pescoço.

* * *

Era o maior esforço de Shenu, mas ele tinha certeza de que iria conseguir. Só tinha que fazer no momento certo, e o corpo de Numaquim desapareceria anulado pela matéria escura, e neste momento ele usaria o Lampejo e prenderia sua alma imunda dentro da joia... Só precisava resistir ao seu próprio poder enquanto fazia a escuridão obedecê-lo.

Cerrou os punhos num simulacro da pressão; as veias saltaram, os músculos queimaram, o ar queria abandonar seu peito; urrou como um dragão, estremeceu na vibração de quasares pulsáteis, e Numaquim tremeu também, suas células se tornaram finas, translúcidas, e seu corpo se fundiu às sombras, a luz de sua magia explodiu em fagulhas e desapareceu; a sentinela canalizou seu *mac* para o Lampejo, fazendo-o funcionar e torcendo para ser capaz de se proteger e não ser sugado também pela joia. Shenu precisava manter a esfera negra longe de si mesmo...

* * *

Vários soldados se juntaram a Pablo, que avaliou os estragos rapidamente enquanto elaborava em si e nos mais próximos os feitiços curativos mais rápidos e eficientes de que se lembrava. Mais da metade dos homens jazia espalhada no chão morta ou incapacitada, e os poucos que restavam oscilavam entre a fissura devotada da guerra e o abismo do pânico. Márcio provocou uma grande claridade que iluminou a cidadela destroçada, e o general aproveitou este momento para lançar mão da magia de Mavhtus mais uma vez, e transformou as ondas de terror dos soldados em frágil esperança, e os homens se animaram. Não queria manipulá-los daquela forma, mas o inimigo não deixaria ninguém vivo por ter se rendido, então rendição não era uma opção.

Ao longe, a luz de Márcio tocou a beira das velas dos navios, e Pablo soube que os soldados que tinha mandado para proteger a população faziam o máximo que podiam, mas não conseguiam disfarçar as embarcações completamente. Mas Macrux se aproximava em sua barca cúbica sem nem se dar ao trabalho de olhar para as naus, e, no instante em que Pablo o procurou, localizou-o já na

arrebentação da praia. O homem desceu da coisa que o carregara como uma nuvem no cais feito para a Nalvim, seu físico corpulento inchou e diminuiu bruscamente. O general enfiou uma lança no meio das pinças de um marrote e arrebatou outros três com raios em pleno ar; Macrux continuava avançando em meio à batalha calmamente, como se estivesse num passeio.

Ao menos as pessoas estão seguras. Meus meninos estão seguros, pensou o homem.

O urro de Decaiko tocou fogo ao redor dos homens, e Macrux sorriu diabolicamente quando os soldados gritaram. O general correu para o Imperador, ia desafiá-lo, ia pará-lo, ia derrotá-lo ali mesmo...

A escuridão se tornou onipresente, até a luz do fogo do dragão escureceu, porque a esfera negra de Shenu detonou, e mil filamentos como rasgos no espaço espalharam-se pelo lugar e feriram quem os tocou, fossem homens ou bestas. O Imperador foi tocado, a matéria escura consumiu parte de um de seus braços, e ele se enfureceu. A carne que tinha sumido ressurgiu instantes depois, intacta; apenas o buraco na armadura e na roupa denunciavam que ele havia sido atingido.

Pablo tinha sido jogado ao chão; ao se levantar viu Márcio preso por cordas mágicas que apertavam seu pescoço, e Pápero estava sobre o peito dele com uma bocarra anormal aberta, uma baba viscosa e escura pendendo, quase atingindo seu irmão. O general preparou-se para alcançá-los, ia fulminar o comandante bruxo com uma centena de relâmpagos se fosse preciso...

Uma saraivada de flechas acertou o homem e o afastou de Márcio, e Pablo viu soldados liderados pela comandante Vivena, da fauna, se levantarem e apoiarem a sentinela. Os olhos dos irmãos se cruzaram e Márcio apontou o Portal, onde Yoná bravamente continha a passagem de Decaiko com uma magia protetiva, e Pablo deixou Márcio e partiu para o Fortim de Agerta.

* * *

Shenu despertou atordoado sem ter certeza de onde estava ou do que fazia ali. A princípio só viu escuridão, mas as imagens do tumulto entraram em foco, junto com os sons e com os cheiros. Se ele ouvia mal, agora o mundo parecia ter mergulhado no oceano, e as vozes que chegavam aos seus ouvidos pareciam distantes.

Cambaleou e ficou de pé, percebendo que toda sua armadura tinha desaparecido, assim como parte da roupa que usava, uma das luvas e as botas, mas o Tesouro estava intacto. Sua magia peçonhenta lhe deu ânsia de vômito, a qual ele controlou quando finalmente conseguiu entender o que acontecia em volta: estava no meio de um círculo formado por vinte soldados comandados por Evondér, e os homens defendiam a sentinela de malditos e marrotes. Muitos tinham as espadas em chamas, outros seguravam membros sangrentos e arrastavam pernas enrijecidas pela toxina dos besouros, mas protegiam o líder com suas vidas.

— Você devia estar no navio — Shenu tentou gritar, mas só um fiapo rouco de voz saiu de sua garganta.

— Outros estão em meu lugar — exclamou Evondér, golpeando com uma mão só, enquanto a outra pendia ensanguentada ao lado do corpo. — Não vou abandonar meu líder.

Agradecido, Shenu respirou por um minuto, e permitiu-se expandir a mente e procurar os amigos com uma busca psíquica. Não disse uma palavra a eles, mas soube onde estavam e que estavam vivos, e compreendeu, pela situação da batalha, que deviam mandar os soldados recuarem para o navio restante.

E, ao dar a ordem para fugir, soube pela telepatia que mais alguém estava próximo, e ficou feliz em meio ao desespero.

* * *

— Quero vinte camadas de barreira mágica, uma de cada Águia, uma por cada degrau mais perto do patamar! — ordenou Yoná, e sua voz soava alta e clara nos ouvidos dos homens. — E quero um arqueiro e um lanceiro ao lado de cada mago que participar do escudo! Vamos segurar essa criatura com nossos dentes, e ele não vai atravessar este Portal!

Dekaiko era um ciclone, e soprou uma cortina flamejante nos homens esperando queimá-los até os ossos, mas, quando o fogo desapareceu, a linha de soldados continuava intacta.

— O ponto fraco do ramaddron é o rabo flamejante! Se a chama apagar ele morre! Mas este dragão não vai morrer, só poderemos segurá-lo, e vamos fazer isso mirando nos olhos e nas escamas do pescoço, que são menores e mais finas!

Um homem enorme surgiu nas costas do dragão e Yoná o reconheceu. Tinha visto ele ser derrubado por Shenu e cair da escadaria dourada do Nepcoutem, mas a morte não o tinha levado, e estava ali, de pé como um urso, preparando-se para um abraço final.

— Firme homens! Não vamos deixar essa escória passar por nós! — bradou Yoná, e os soldados retesaram. Decaiko bateu suas poderosas asas no ar e empurrou os guerreiros sob o vento delas; em seguida fez uma volta no céu e voltou a ficar de frente para a barreira mágica da sentinela.

— Não vão resistir muito! — disse o dragão, e sua voz poderosa ecoou dentro do crânio dos homens. Voou com velocidade, e o cavaleiro Rasfát arqueou o corpo, ainda em pé sobre o dragão, preparado para o impacto...

— Fiquem firmes! — esbravejou a sentinela, e em seguida ordenou: — Arqueiros, agora!

Uma chuva de flechas foi lançada contra o dragão no exato momento em que a fera se chocou contra a magia. Os soldados sentiram o baque e muitos caíram. O impacto foi tão grande que os escudos de magia nos primeiros degraus se romperam e muitos soldados desmaiaram com a força da onda de choque, mas as flechas atingiram o alvo e muitas acertaram o pescoço da criatura, que rugiu e cuspiu fogo.

O bruxo sobre Decaiko saltou das costas da fera e caiu no rochedo que flanqueava o Portal, longe da ação do broquel mágico. Mal sentiu o fato de despencar de vinte metros de altura e plantar os pés na rocha; ficou em pé sem estremecer.

— Arqueiros, mais uma vez! — Yoná ordenou, mas mantinha os olhos cravados no bruxo.

Ela não queria usar a Pérola Negra nunca mais, tirar a vitalidade de outras criaturas era viciante, injetava uma energia prazerosa no espírito, e o desejo por mais só fazia aumentar. Nunca tinha contado aos amigos, mas podia *ver* suas auras esplendorosas quando estava de posse da joia, tão mais intensas do que as da maioria das pessoas, e as desejava; quando Diana ficou grávida decidiu nunca mais tocar naquela coisa, mais ainda quando soube que o criador dela era o próprio Imperador.

Mas o inimigo não seria derrotado por forças comuns, e se havia alguma esperança de vencerem, ela residia em usarem tudo o que tinham, e isso incluía todos os Objetos Supremos.

— Lanceiros! — ela chamou. — Preparem suas armas!

Puxou o cordão da Pérola Negra e a tirou da capa: era hora de descobrir se tinha aprendido alguma coisa de magia. Concentrou-se nas pontas das lanças dos homens e tocou a Pedra das Vaidades com uma mão, obrigando-se a canalizar a magia dela pelo braço como energia para se transformar em outro feitiço, um feitiço especial.

— *Darjag anish yet dettoráh* — sussurrou, e seus dedos ficaram frios. Sentiu, nas pontas deles, o metal gelado das lanças e manteve o canal da energia da Pérola ativo, transferindo uma pequena parte para cada ponta. Quando o dragão bateu seus três pares de asas novamente numa nuvem de pó e penas pretas, a sentinela deu a ordem num murmúrio, e usou seu *mac* para fazer as palavras soarem apenas nos ouvidos dos lanceiros, e eles entenderam o recado. Dez arremessaram as armas na garganta de Decaiko, não com a intenção de feri-lo, pois a fera estava distante do chão e as lanças não chegariam até ele, mas para o distraírem. Os outros arremessaram as lanças para a cauda em chamas do animal, e Yoná as impulsionou com magia para que chegassem ao alvo: a ponta incandescente, que parecia uma fogueira.

As lanças chegaram à fera: enquanto Decaiko queimava aquelas atiradas contra seu pescoço as demais pareciam desaparecer em meio às chamas da cauda, então a magia foi ativada, algumas acertaram o gigante e congelaram o que tocaram, e ele zurrou ao ser atingido.

Yoná mal teve tempo de verificar se a artimanha deu certo: por um instante a barreira mágica oscilou com a distração dos homens, e o cavaleiro aproveitou esse momento e saltou, caindo de joelhos sobre a moça miúda. O brutamontes recuperou o equilíbrio num instante, mas Yoná ficou sem ar; três soldados com a comandante Sovene correram em seu auxílio e foram golpeados pelo braço do inimigo e jogados longe como se fossem moscas. Horrorizada, a moça viu a comandante se espatifar nas pedras e escorregar por elas deixando um rastro de sangue, sem chance de estar viva.

Ele usa a magia para fortificar o próprio corpo, a sentinela concluiu, e entendeu que em um embate corpo-a-corpo ela não teria a menor chance.

O homem saltou na direção da jovem, que escorregou do patamar e foi parar no décimo degrau da escadaria, derrubando três magos no caminho. Decaiko, enraivecido, contorceu-se no ar e despejou uma lufada de fogo na própria cauda e a magia enregelante cedeu. A sentinela correu de volta ao patamar; Rasfát não estava interessado em atravessar para a fortaleza, e esperou pacientemente que ela chegasse e o atacasse. Mas antes que pudesse fazer qualquer movimento, um pequeno destacamento se prontificou a proteger a líder, se atiraram sobre o Selemen e o atacaram numa luta impressionante, pois Rasfát lutava com braços e pernas, usando apenas a armadura como escudo, e ainda assim parecia em vantagem contra oito pessoas. Decaiko brandiu a ponta da cauda como se fosse um açoite, chibatando-a na parede mágica e fazendo Ágaro, Évelo e Prinde, os magos principais do batalhão de Yoná, caírem desacordados.

A terra estremeceu, pedras da escadaria se soltaram e homens perderam o equilíbrio. Yoná tinha conseguido enfeitiçar parte da artilharia dos soldados, mas eles não resistiriam sem a barreira mágica, e Decaiko percebeu o que devia fazer. Lançou uma grande rajada de fogo sobre os homens, e eles gritaram e se desesperaram; os magos se apavoraram e muitos perderam o controle sobre a magia, enquanto outros usaram mais poder do que podiam para fortalecer o escudo, e entraram em colapso. Quando o fogo desapareceu a fera caiu com todo o seu peso sobre a proteção, e os bruxos sentiram seu peso enquanto tentavam resistir à pressão. Em resposta Yoná gritou, mas não foi um grito de pavor, nem um som que poderia ser ouvido por qualquer um, pois a voz que a sentinela libertou era inaudível a seres humanos, mas soava numa frequência dolorida aos ouvidos dos dragões, e o Ulon não era imune ao ataque. Bateu asas descontroladamente derrubando árvores e pedras do estreito corredor entre os rochedos, e caiu sobre o teto do salão do fortim, que desmoronou.

A jovem teria continuado, mas um golpe duro nas costas a fez cair e perder o fôlego. Conseguiu se levantar e ativou o poder natural da Pérola Negra, a absorção da vitalidade de outros seres vivos, e atacou Decaiko com a magia, sentindo a energia da fera ser sugada para o Objeto, enquanto erguia a espada e tentava manter Rasfát longe.

O homem gargalhou, e Yoná agitou a cabeça, endireitando o corpo.

— *Você* é sentinela? — ele perguntou em tom de deboche, olhando a pequena mulher de cima a baixo. — E puseram *você* para nos segurar? A mim e ao dragão?

Afastando-se, Yoná tropeçou e constatou que os homens que lutavam com Rasfát tinham sido miseravelmente derrotados; puxou a espada da bainha e colocou-se em posição de defesa, ainda tossindo para recuperar a respiração. O bruxo desferiu um soco; Yoná o aparou com o escudo, mas a força do golpe amassou o metal e machucou seu antebraço. Ele atacou de novo; Yoná rolou de lado para se desvencilhar e quase caiu escada abaixo quando Decaiko fremiu e lançou fogo, fazendo a terra tremer. Tentou dar uma rasteira em Rasfát, mas a perna do homem não saiu do lugar, e acabou recebendo um chute forte e perdeu o controle da Pérola, deixando o ramaddron livre para atacar. Sem pressa, o feiticeiro se aproximou da sentinela, e Yoná lançou mão de um golpe que não pretendia usar para não comprometer os seus soldados, mas que era sua única opção: a retirada do sentido.

Concentrou-se no canal espiritual que sentia em sua nuca, tentou direcionar o empuxo apenas ao inimigo, mas muitos soldados próximos levaram as mãos aos ouvidos e ficaram desnorteados; Rasfát recebeu a maior parte da energia, e rosnou quando os sons silenciaram e viu as mãos sujas de sangue: a sentinela tinha estourado seus tímpanos. Desnorteado, o vilão esbravejou impropérios que não foi capaz de ouvir, e Yoná sabia que poderia ter feito o coração do homem parar, caso não fosse imortal, apenas gritando na frequência certa da pulsação dele, mas o risco de ferir ainda mais soldados era muito grande.

A sentinela do som puxou uma sacola de labachas e atirou-as no cavaleiro, impulsionando-as com ondas sonoras, a armadura dele estourou e se desprendeceu enquanto o bruxo usava sua força mágica para se desvencilhar das labaredas. A jovem aproveitou o momento para recuperar a Pérola e voltar a atacar Decaiko, que urrou e se contorceu, ao mesmo tempo em que enviava energia da joia para refazer a barreira mágica dos Águias, que imediatamente sentiram alívio, mas Rasfát voltou a si rápido demais e golpeou Yoná com o peso de uma montanha, e ela perdeu o controle novamente.

Era uma luta desigual; Rasfát, além de imortal, tinha três vezes o tamanho da sentinela, e os soldados ainda de pé duelavam com malditos, que surgiram aos montes. Decaiko estava se levantando, Rasfát a atacou com um chute nas costelas que a fez voejar e parar à beira do Portal, o homem-urso parecendo mal sentir a espada que um soldado tinha transpassado em seu tórax.

Sem pressa, Rasfát desferiu uma sequência de socos em Yoná, deixando-a amortecida, quase inconsciente. Duas soldadas de Agerta tentaram ajudá-la, mas foram paradas com chutes precisos que as fizeram desmaiar imediatamente. Outros

tentaram defender a sentinela, mas Decaiko mantinha uma pressão tão incisiva sobre os magos na escadaria, e tantos eram os malditos apertando o cerco sobre eles que o menor deslize faria a magia falhar e os mataria. Tudo o que faziam era assistir o grotesco espetáculo daquele homem espancando a garota como se ela fosse um saco de areia.

Vou morrer, ela pensou. Mas vou em paz. Fiz o meu melhor.

* * *

Aquele cavaleiro bruxo mal parecia um ser humano. Encurvado, amarelado e purulento, com a língua de fora e fios de saliva fumacenta saindo da boca e dos ouvidos, Pápero arrancou as setas da garganta e se aproximou de Márcio pingando sangue e gosma e com uma aparência ensandecida. Uma montaria etérea de sombra se materializava e desaparecia junto dele, ora o carregando, ora permeando seu corpo e alimentando sua magia fluorescente. Quando Shenu percebeu que Márcio seria derrubado e que Pápero despejaria aquela baba ácida sobre o amigo não pensou duas vezes: lançou-se sobre o bruxo, derrubando-o e esmagando-o, socando-o repetidamente no rosto, quebrando seus ossos e arrancando mossas de sangue, afastando-se só quando o sujeito parou de se mexer e pus fedorento emanou de suas feridas.

— Shenu! — Márcio grasnou, estranhando a própria voz, que saiu estrangulada. Arrancou o resto de cordas mágicas que apertavam seu pescoço e se colocou ao lado de Shenu, e os dois deram as costas um para o outro, pois estavam cercados de malditos.

— Desculpa me intrometer, mas achei que você podia querer uma mão — Shenu brincou, e conjurou a espada de sombra, enquanto Márcio, imitando o gesto, conseguiu conjurar uma espada de *mac*, a dele de fogo.

Num movimento único, Shenu arrancou o espadagão da perna de Márcio e fechou o ferimento grosseiramente com um feitiço; a sentinela do fogo dobrou-se com dor e Shenu, tonteado por tanto esforço, percebeu a vista apagar. Antes que Pápero se recompusesse estavam os amigos novamente em prontidão, e os dois brandiram as armas e golpearam braços, pinças e garras até que não restou mais um inimigo a sua volta.

* * *

O Imperador prosseguia vagarosamente, deleitando-se com os gritos agonizantes dos feridos, satisfeito pela quantidade de mortos. Pablo corria em seu encalço, pois ele se dirigia para o Fortim de Agerta, mas cada passo que dava era interrompido por marrotes bestiais, e ele precisava lutar. Quando chegou ao muro externo destruído do bastião, Macrux já o tinha atravessado e, se quisesse, já estaria na Praia Cintilante e não se deixaria enganar pelos truques ingênuos de magia que escondiam os navios, Pablo estava certo disso. No entanto, ele podia sentir o rastro de terror deixado pelo homem: era como se à passagem do feiticeiro o ar ficasse pesado, irrespirável, e o caminho que ele fizera não levava aos túneis. O Imperador estava focado em atravessar o Portal.

Pablo já tinha canalizado mais *mac* do que era natural para um ser humano e o que ainda o permitia andar e lançar raios era a Pedra de Mavhtus. Já devia ter perdido os sentidos com tanto esforço, mas a urgência da guerra tinha penetrado tão fundo em seu espírito que conseguira manter a lucidez até aquele momento. Porém seu corpo protestava, as partes curadas por magia retesavam dolorosamente, e os músculos eram acometidos por espasmos violentos a todo momento, percorridos por correntes elétricas que faziam sua pele estremecer, perder os contornos e soltar faíscas. Logo perderia o controle sobre suas células e elas se transformariam em plasma, como os relâmpagos, seria espalhada por todo canto e ele estaria morto. Torcia para ter tempo de atrasar o inimigo o suficiente para que os navios civis saíssem do alcance dele.

O general estava prestes a atravessar as ruínas do fortim e correr atrás do homem quando o golpe de surdez de Yoná o alcançou, e ele caiu de joelhos com as mãos pressionando os ouvidos. A força do som foi tão grande que todos os malditos atingidos se transformaram em pó. Iriam se reerguer logo, mas seu sumiço deu alguns minutos de vantagem para Octoforte e Agerta. Quando o som passou, ainda reverberava no fundo da cabeça de Pablo, e até seus ossos vibravam. Levantou-se, olhou para trás, viu vários guerreiros atordoados, tanto homens quanto feras, mas os marrotes levaram mais tempo para se recuperarem e os homens aproveitaram essa chance para destruir o máximo de bestas possível.

A sentinela do trovão sabia que Yoná não teria usado aquele poder se não estivesse desesperada. Sem pensar nas consequências, ergueu uma mão e convocou um raio sobre si e sentiu sua matéria se desfazer em dor e energia, a consciência ser espalhada pelo espaço e apenas a alma manter as partículas que o formavam ainda conectadas. Com o que ainda restava de sua força de vontade obrigou as células a se juntarem, descarregou os últimos vestígios de poder numa corrente e derrubou-se sobre o patamar em frente ao Portal. Desabou sobre Rasfát.

— O que fazemos com aquela coisa? — Márcio gritou, acertando um besouro com o cabo da espada de fogo e espalhando uma chuva de fagulhas.

— Eu posso tentar... Eu fiz uma coisa com o outro e posso tentar fazer o mesmo com esse aí — Shenu respondeu. Levou uma rasteira da cauda de um marrote e sentiu a serra do chifre de outro fechar-se em seu ombro, mas Márcio golpeou a coisa e decepou sua cabeça com a espada flamejante, que deixava um incômodo cheiro de carne queimada toda vez que chamuscava um marrote.

— O cara está morto? — a sentinela do fogo perguntou, e Shenu levou um tempo maior para responder, pois foi atingido por dois ferrões pelas costas e teve que vencer o dono deles antes de poder falar qualquer coisa. O veneno fez sua respiração ficar difícil e paralisou um braço. Quando abriu a boca, sua voz estava embargada e um fio de sangue descia pelo canto da boca.

— Destruí o corpo dele e preendi a alma nisso aqui — ele balançou o corpo e o Lampejo moveu-se com ele. — Se está morto eu não sei, mas não posso imaginar como ele faria pra voltar.

As sentinelas cambaleavam; estavam cercadas por malditos, embora os soldados tivessem acabado com a maioria dos marrotes, pois tinham se concentrado neles ao invés de nos malditos. Agora quase todas as esferas de fogo tinham sido usadas e os mortos-vivos se reagrupavam ao redor de Pápero, e formavam a principal ameaça.

— Você não pode fazer aquela coisa de novo. Vai sumir também.

— Já estamos mortos, amigo — disse Shenu. — Só nos falta cair numa vala e receber uma lápide em cima.

Pelo estado deplorável, cobertos de sangue e suor, com cortes, sujeira e rasgos expostos, com o que restava das armaduras e roupas em frangalhos, ambos sentindo que havia ossos quebrados pelo corpo, mas sem coragem de averiguar, poderia se dizer que estavam mesmo mortos. Mas Márcio sacudiu a cabeça, recusando-se a se dar por vencido.

— Não estamos mortos ainda, e não vamos estar até o último instante. Você não vai usar aquela coisa de novo. Vamos prender aquele bruxo verminoso até

matarmos o chefe dele, e ele vai morrer junto com o demônio!

Márcio cravou o Cetro da Luz no chão e evocou o poder dele, cedeu o que restava de sua consciência à joia e lembrou um feitiço, uma ordenação de elementos que usava o fogo como base, que não era muito complicada, mas que exigia demais. Pela primeira vez, rogou para que Scárfer, Senhor do Fogo, lhe desse forças. Inspirou, estendeu as mãos e abarcou areia, rochas e árvores; manteve Shenu bem próximo de si para proteger o amigo, mas o feitiço consumiu um bolsão de oxigênio ao redor do Objeto Supremo e, por um instante, a dupla não pôde respirar. A luz se espalhou da ponta do Tesouro em ondas flamejantes e todos os malditos que tocou ela destruiu, e eles não puderam reaparecer. Soldados se jogaram ao chão, muitos tiveram queimaduras por causa do calor. E quando o grito de Yoná soou por todos os cantos da ilha, derrubando o que restava das casas e fazendo a terra e o coração dos homens estremecer, o poder de Márcio ficou maior e se agigantou, e nem Pápero resistiu às chamas e seu corpo entrou em combustão.

Um trovão retumbou naquele canto de mundo e, quando tudo acabou todas as casas ardiam em chamas, assim como as primeiras fileiras de árvores da floresta; Márcio não sustentou o peso do próprio corpo e desabou, e foi tomado por convulsões. Shenu olhou em volta rapidamente, certificando-se de que não havia nenhum guerreiro hostil próximo, abaixou-se e virou o amigo de lado, mantendo a cabeça dele longe do monte de pedras brilhantes no chão. O andarilho se manteve inquieto: Pápero ainda estava vivo e por perto, mas não conseguia vê-lo. Finalmente Márcio parou de tremer e o acesso passou, e Shenu pode dar uma olhada melhor no lugar.

Soldados se levantavam assombrados; suas silhuetas na ilha sombria acusavam que pequenos grupos se apoiavam uns nos outros para ficarem em pé. Não havia nenhum maldito à vista, os poucos marrotes que ainda se mexiam estavam miseravelmente debilitados, pois Márcio tinha mandado às favas as regras pessoais das sentinelas de não usarem seres vivos para fazerem bruxarias, e se apoderara da vitalidade dos artrópodes gigantes. Nenhum deles voava ou atacava ninguém, vários, aliás, tinham sido consumidos, deixando apenas suas carcaças para trás. Shenu ainda notou a falta de árvores e de várias grandes rochas, onde agora se encontravam montes de cinzas. No chão, pedriscos que faiscavam eram, na verdade, vitrificações da areia pelo calor, e espalhavam-se por toda parte.

Segundos depois Márcio despertou, Shenu o ajudou a se levantar, amparando-o, e os dois coxearam até o lugar onde tinham visto Pápero pela última vez, onde Shenu sentia que uma grande quantidade de magia de Márcio estava em ação.

Onde o comandante tinha caído com o corpo em chamas um poço havia se formado: um poço de lava. O imortal diabólico estava enterrado no magma fumegante até a cintura; todo o seu corpo estava coberto de queimaduras, a pele era consumida até os ossos, mas a imortalidade a fazia se regenerar instantaneamente, e quando abriu os olhos e fitou as sentinelas, começou a berrar.

Acometido por um surto de loucura, Márcio desatou a rir, e Shenu precisou segurá-lo mais forte para manter o amigo em pé.

— O que foi? Márcio, o que foi?

Mas Márcio gargalhou mais alto, e em seguida tinha um choro desesperado manchando o rosto. Desabou.

— Ele está preso do mesmo jeito que fazia com os escravos no Nepcoutem — explicou, e gritou: — E vai ficar assim até conseguirmos matar o mestre dele!

Shenu sentou-se ao lado dele, não conseguindo obrigar os próprios joelhos a continuarem sustentando as pernas na vertical. Riu, olhando ao redor: mais da metade dos soldados estava morta, todos os malditos tinham sido consumidos pelo fogo de Márcio, e a ilha era um mar de cadáveres de marrotes. Os homens que restavam eram sinônimo de desolação, e estavam tão machucados que Shenu não sabia, se a guerra acabasse naquele instante, quantos ainda estariam vivos no dia seguinte. Os rugidos de Decaiko estremeciam a ilha, não havia uma casa em pé e a floresta queimava. O fortim tinha ido abaixo e, pelo grito de Yoná e pelo trovão de Pablo, os amigos não estavam melhor. O resto do mundo devia estar do mesmo jeito, com lutas impossíveis, mas sem objetos mágicos ou magos poderosos.

— Tenho que admitir, Márcio, eu te admiro.

— E por que?

— Com tudo isso, você ainda fala em matar o Imperador. E nós nem chegamos perto dele.

Um grande trovão iluminou o patamar, escondendo, por um instante, a lâmina luminosa do Portal. Quando a luz cessou e o som estourou como uma bomba, os dois jovens enxergaram, recortados contra a luz azulada, os contornos de várias pessoas em luta.

— Então vamos até ele — disse Márcio, apoiando-se nas mãos para se reerguer, ainda que cada mínimo movimento parecesse suficiente para rasgar seu corpo ao meio.

Então um bramido gutural quebrou o silêncio do campo de batalha e todas as esperanças desvaneceram.

Macrux não tinha liberado todos os seus monstros sobre as sentinelas.

Ainda.

MONSTRO

O cinturão de ilhotas criadas pelas sentinelas assomou sobre a água, mas as montarias de Jadhe e Dominique mal se incomodaram com as pedras. As criaturas os tinham fechado em casulos formados por seus tentáculos e literalmente rolado com os jovens através do continente até o mar. Nique só se lembrava de flashes do caminho: fogo, cidades passando, pessoas gritando, florestas queimando. Na maior parte do tempo, no entanto, os dois estiveram apagados.

O gênio não se lembrava de ter entrado no mar, nem tinha ideia de como os metamorfos conseguiram impedir que ele e Jadhe se afogassem, mas a garota falou que percebeu a água salgada, e que tinham ficado isolados dela dentro do alvéolo. Tinham cortado o oceano em poucas horas, e agora, já tão próximos de Agerta, Linarfh e Caldeus (pois as sentinelas decidiram chamar os Silenciosos pelos nomes que tinham dado a eles quando os conheceram como cavalos) elevaram quatro tentáculos como cuias, com os jovens sentados nelas, acima da água, e nadavam com os outros quatro membros sob o mar. Assim que tocaram terra firme, porém, os seres se afastaram, suas formas voltaram a ser humanoides, e se distanciaram sem qualquer menção a despedidas.

— Não acho que estejam do nosso lado, Nique — disse Jadhe. — Ficaram animados com as viagens, e parecem gostar de se transformar no que quiserem, só isso.

O gênio deu de ombros: tinham chegado à ilha, recuperaram as forças no caminho, e isso era o importante para ele.

O rapaz inspirou e libertou-se da tontura, pois tinha a sensação de que estava correndo há horas e que tinha parado de repente. Olhou para o céu e ficou atordado ao constatar que nenhuma estrela, exceto a brilhante e agora vermelha Lincariell, podia ser vista, e imaginou como os homens deviam estar assustados. Ele e Jadhe não usavam armaduras, não tinham armas a não ser seus *mac'z* e o Relógio do Último Tempo, e Nique entregou a Cuzpola para Jadhe, já que ela não

tinha mais nenhum Objeto Supremo e que, talvez, houvesse algum poder oculto naquele artefato. Puxou a garota para si e, segurando-a no colo, trocaram um último e breve beijo.

— Eu amo você, Jadhe de Crimehuór, e se morrermos hoje, vou procurá-la na outra vida pra continuar te atormentando como fiz até hoje.

— Também amo você, gênio. Vou te esperar do outro lado!

Decolaram em direção à cidadela, preparados para entrar no meio da batalha que rugia.

Mas o clamor da hecatombe rasgou a noite, e a explosão arrebatou as sentinelas e fez a batalha paralisar, pois um gigante havia chegado.

* * *

Ondas enormes arrebataram na praia e um vento lamurioso arrastou as árvores e o fogo que as queimava. A escuridão tomou forma e o véu de magia que encobria os navios com os moradores de Agerta desapareceu, pois os magos se apavoraram com o que se agigantou das águas: o monstro mais temido do mundo.

Dolmeq.

— O Devorador de Navios! — pessoas gritaram em terra e nos navios. — O Devorador de Navios! Estamos mortos!

A batalha cessou, pois Dolmeq não via amigos ou inimigos. Por alguns minutos fez-se um silêncio suspenso, e, impotentes, as sentinelas assistiram aos tentáculos do gigante se elevarem por cem metros até suas pontas tocarem o céu, e em seguida descerem rapidamente sobre o casco de um navio lotado de fugitivos de Agerta.

Gritos de terror preencheram a noite e feriram os ouvidos e as almas de quem estava em terra, enquanto os apêndices delgados do colosso envolviam o grande galeão como se fosse um brinquedo de palitos. O monstro bramiu e seu corpo se ergueu do fundo do mar: uma aberração de mil metros, um verme de boca circular com cem braços cheios de ventosas. A coisa se ergueu completamente, manteve metade do corpo suspensa apoiada por seus apêndices, levou o navio para a boca enorme, e quem estava dentro dele foi tragado com madeira e velas.

— Não... NÃO!!!

Sentinelas e soldados gritaram atônitos, mas nada puderam fazer por aquelas almas. Segurando Yoná nos braços enquanto canalizava o poder da Pedra das Vaidades para curar a amiga e os soldados mais próximos, Pablo perdeu o compasso. Ainda tinha quatro navios no mar, mas não havia a menor possibilidade de salvar nenhum deles, e, se seus filhos não estavam naquele primeiro, certamente estavam em um dos outros, e não sobreviveriam à destruição. Ondas enormes se aproximavam da praia, e Agerta, que era apenas uma pequenina ilha no meio do Oceano dos Dragões, não resistiria aos tremores que chacoalhavam a terra e desfiguravam rochedos; mesmo que as pessoas conseguissem voltar, seriam massacradas. Tudo pelo que lutaram estava perdido. O general mal sentiu quando Macrux, o grande Imperador, passou por ele, lhe deu um tapinha presunçoso no ombro e parou no patamar para admirar o desfecho.

Pablo já tinha aceitado a derrota. Yoná, recuperada dos ferimentos mais sérios, sentou-se segurando a Pérola Negra, e seu pensamento oscilou entre a lucidez e um impulso terrível de descobrir se estava arrumada o bastante para morrer, um efeito colateral do uso de tanta magia da joia. Paralisados, assistiram à destruição dos últimos vestígios daquele navio, numa cena desvelada pela luz do incêndio que consumia os escombros das construções da cidadela. Márcio e Shenu, esparramados no meio da praça chamejante, não tinham mais forças nem ânimo para se levantarem. Se havia inimigos em volta, que os levassem: não havia mais por que lutar. O dragão Decaiko esticou as asas e estalou as juntas das patas, e, seguindo a mesma presunção de seu mestre, passou pelo Portal, levando o feiticeiro Rasfát e a pequena nuvem de marrotes que ainda restava viva. A desesperança tomou conta dos soldados, e eles se deixaram dominar pelo desalento, certos de que o implacável destino se abatia sobre suas famílias. Era o fim.

Uma brisa familiar e gelada beijou as mentes das sentinelas. De repente o que parecia impossível brilhou novamente: uma centelha de esperança.

“Pablo está em frente ao Portal! Vá! Encontre-o e o ajude”!

“O que você vai fazer”?

“O melhor que eu puder. Agora vá”!

O toque telepático de Jadhe arrancou as sentinelas de seu estupor. De repente, Pablo e Yoná se levantaram, saltaram para longe de Macrux e começaram a dar ordens aos soldados, convocando-os a se reagruparem. Só as sentinelas ouviram a conversa entre Jadhe e Nique, mas todos viram quando o gênio dos ventos voou sobre a ilha, apanhou a espada de um soldado morto e enfrentou três marrotes no ar. Com movimentos rápidos ele golpeou a cauda dos animais e arrancou seus ferrões, derrotando-os rapidamente, e seguiu para o Portal espalhando uma ordem: — Recuar! Para as cavernas e para a Praia Cintilante! Recuar!

Era a última alternativa que tinham: reunir todos os homens que ainda viviam o mais perto possível de onde os navios poderiam aportar para ajudar as pessoas a desembarcarem e voltarem para Agerta, se Jadhe conseguisse barrar o avanço de Dolmeq. A terra tremeu; desta vez o abalo foi forte, grandes pedras dos rochedos se soltaram, e a escadaria para o Portal sacudiu.

— Por ali — Yoná gritou. — Pelo caminho da mata!

Não era uma alternativa ideal, visto que a estrada ficava sobre os rochedos adjacentes e também estremecia, mas aqueles que voltaram para a cidade foram esmagados pela avalanche que desceu dos morros. Dominique espalhou feitiços a todos os que encontrou, desviando, como Márcio fizera, a seiva vital e outros elementos formadores dos marrotes restantes e também da vegetação de Agerta para as pessoas, infundindo energia e agilizando processos de coagulação nos homens e mulheres, sem se incomodar em avaliar caso por caso. Qualquer aceleração no metabolismo humano poderia significar a diferença entre vida e morte naquele caos, e quando Márcio e Shenu foram tocados pela distribuição da mágica de Dominique, conseguiram forças para se levantarem. Apoiando-se um no outro, avançaram para o Portal também, e ajudaram os homens que podiam. Usaram magias curativas enquanto corriam, usando o poder dos Objetos Supremos sem nenhuma prudência, já que não haveria um depois para se preocuparem.

Na praia, Jadhe entrou em uma batalha mental com a criatura, e tinha conseguido fazer com que ela paralisasse os tentáculos antes que atingissem o próximo navio. Os membros do monstro se agitavam nervosos, Jadhe tinha abrandado as ondas mais violentas antes que se chocassem contra a ilha, mas a fera não queria adormecer, pois a magia que o controlava estava focada nele e era imensamente poderosa.

— Não vai conseguir fazê-lo te obedecer Jadhe, não desta vez — disse uma voz ao lado dela.

Se não estivesse tão concentrada Jadhe teria se distraído, mas o peso de Dolmeq era tão grande que ela estava envergada e precisava de cada grama de fibra que tinha para manter o controle telepático e sustentar a pressão que o monstro fazia.

— Pensei que não fosse mais vê-lo, Senhor — ela disse, ofegante, percebendo, com o canto dos olhos, o movimento de folhas de uma árvore que não estava ali minutos antes.

— E eu pensei que você se tornaria a nova Senhora da Água e do Frio. Nós dois nos enganamos.

Lhênus tinha a voz calma, muito mais do que deveria.

— Traga os navios Jadhe. Ajude-os a voltar. Você não pode matar Dolmeq.

A sentinela assentiu.

A luz branca da aura de Jadhe emanou dela e a praia oeste de Agerta foi tomada por uma névoa gelada. A moça estendeu suas mãos, e seu poder transbordou de suas células e pelos poros, e tudo o que tocou ele congelou. Respirando fundo e mantendo uma pressão impossível sobre o monstro, obrigando-o a permanecer imóvel, Jadhe estendeu um caminho sobre o mar.

Um rugido inumano atassalhou a noite e o Imperador se tornou sombra. Do alto do Portal, já prestes a atravessar, atirou-se como um morcego de treva e cólera, pois não esperava ver Jadhe viva.

— Você deveria estar morta! — trovejou, e relâmpagos pretos cortaram o cobertor com que o feiticeiro tingira o céu. — Deveria estar morta!

Ele esticou o braço na direção da garota; irado, condensou energia negra e chocante na palma da mão. Com um grito libertou o poder e atirou agulhas pretas, mirando o coração e o pescoço de Jadhe...

O raio despencou pesado e anulou a energia do bruxo, e ambos, general e Imperador, desabaram do ar no que restava do centro da cidadela de Agerta. Pablo materializou-se no cerne da luz, seu corpo oscilando entre a forma humana e o tremular do relâmpago, e quem olhasse para ele não saberia se via uma pessoa ou uma miragem. Sua energia era tão intensa que contaminava o ar, e a estática produziu estalos e faíscas.

— Vocês não morrem — vociferou o Imperador.

— Fazemos o possível — o general respondeu sem convicção.

“Eles estão bem”, soou a voz de Jadhe na mente do amigo. *“Seus filhos estão a salvo. Vou trazê-los para a ilha”.*

“Obrigado. Que bom que está viva”, Pablo respondeu.

“Vamos ver por quanto tempo”, Jadhe disse, e voltou sua atenção completamente para a fera marinha, deixando que Pablo se encarregasse do inimigo.

* * *

Márcio sentia que havia algo estragado dentro dele. Talvez algum órgão esmagado, mais costelas quebradas do que inteiras, talvez uma lança transpassando seu corpo e ele não a estivesse enxergando. Cada passo, cada respiração, cada abrir e fechar de olhos era lancinante, e o desejo de seu corpo era atirar-se num canto e apagar. Se Shenu não estivesse do seu lado provavelmente teria desistido, mas como o amigo estava tão debilitado quanto ele, os dois prosseguiram apoiando-se um no outro.

Escalaram o desmoronamento que antes formava o Fortim de Agerta e a escadaria, as chamas que consumiam a floresta no Norte aumentando de intensidade. Márcio poderia acabar com elas, mas achava que, se fizesse isso, morreria no mesmo instante. Como *macnór* podia sorver a energia do fogo e também criá-la, mas qualquer uso, mesmo para se fortalecer, carecia de uma mínima fagulha de controle espiritual, e Márcio não sabia se ainda o possuía. Shenu, de coração partido, girava a cabeça quando percebia vultos aterrorizados, e eram pássaros e roedores, pequenos macacos, bodes e cachorros, todos tentando fugir do incêndio, sem terem para onde correr.

Um vento infausto soprou do oceano levando poeira para dentro do Portal, poeira de malditos, e, bem em frente à luz azulada, Dominique postara-se de asas abertas, e lutava contra os monstros que se formavam. Cortava cabeças e espalhava pó, e usava sua energia e o poder de seus *desejos* para manter-se a salvo das mordidas e soprar as criaturas para longe. Eram muitos, e ele um só.

Quando pensavam que não poderiam mais prosseguir, Shenu e Márcio sentiram vários pares de mãos amparando-os, e deparam com soldados e civis, homens e

mulheres que ou tinham lutado bravamente, ou que tinham decidido não embarcar e permanecer até que tudo acabasse. Márcio discerniu rostos de caçadores contratados pela Aliança Maior para roubarem as joias das sentinelas, e também viu Jhália, Brendo, Dulião, e outros rostos da Aliança Maior, e todos abaixaram suas cabeças para os jovens. Estavam em prantos, e ofereceram água. Márcio deixou o Cetro da Luz escorregar da mão sem forças, e, abismado, o recebeu de volta das mãos de Abarcão. Como o resto das pessoas, a Aliança Maior tinha aceitado a derrota, e, em sua dor, agora abraçava o destino da ilha, e, talvez, o de todo o mundo.

Yoná desceu correndo pelas pedras, tropeçando e machucando-se nas pontas salientes que surgiam nos escombros, e escorregou vários metros até os amigos. O menino jornalista estava ali, assim como a costureira Cinthia, que tinha perdido um braço. Yoná viu o Prefeito Íneo entre os moradores, e também a águia Dánae e a escritã Sália, ambas feridas. Então avaliou rapidamente o estado de Márcio e de Shenu, e soube que os amigos não tinham muito tempo. Se não agisse rápido, os dois se apagariam como velas, pois tinham ido muito além do que podiam.

Imediatamente começou a murmurar um mantra enfeitiçado, e libertou a energia vital acumulada na Pérola Negra na forma de magia curativa, e não a concentrou apenas nos dois amigos, mas, a exemplo de Dominique, espalhou-a pela ilha, para que aliviasse ao máximo as aflições dos feridos. Deu certo: em alguns minutos tinha conseguido curar as quebras e as hemorragias mais sérias, e as sentinelas estavam fora de perigo, assim como quase todos os sobreviventes.

Então canalizou mais da energia da Pérola apenas para as sentinelas, pois elas sozinhas eram armas tão poderosas quanto os próprios Crimedéct'z. Márcio sentiu a estafa abandoná-lo, substituída por um cansaço moderado, e os machucados mais sérios foram consertados. Os outros receberam transferências daquela energia vital, e Pablo percebeu que o espírito ganhava resistência para manter o controle sobre o poder dos trovões. Mas a Pérola Negra não era um artefato feito para curar. Yoná aguentou o máximo que pode, mas ela também estava frágil e sua vontade vacilava e, de repente, os homens gemeram e gritaram, pois a Pérola agiu de forma contrária e começou a roubar suas energias de volta.

Antes que a joia apanhasse as forças de Shenu, o rapaz deu um salto e segurou o braço de Yoná, e a garota, perdida na loucura do Tesouro, o enfrentou. Com um florete quebrado atacou o amigo, e Shenu aparou o golpe com uma pedra que fez de escudo. Yoná estocou de novo mirando o coração do rapaz, a Pérola continuava presa na mão dela e ativa, e Shenu caiu de joelhos, implorando para que a moça o

ouvisse e voltasse à razão. O rapaz sentiu a consciência abandoná-lo, e Yoná, arfando enlouquecida, ergueu a arma sobre ele...

E foi derrubada por Márcio, e a Pérola Negra escapou das mãos dela e ficou presa no braço da jovem pela corrente. E, junto com os homens e soldados, os três desmaiaram.

* * *

Pablo lutava com a ferocidade de um tigre, com uma espada longa de eletricidade na mão, já mais elemento que ser humano. Percebeu uma infusão de poder em sua alma, fortalecendo sua identidade, conferindo mais capacidade para que controlasse sua energia formadora, e soube que provinha de algum dos Objetos Supremos. Investiu contra o adversário num golpe alto lateral, e Macrux aparou os raios da espada com um escudo materializado das sombras. O impacto afastou os lutadores, e o feiticeiro conjurou sua própria espada de escuridão.

— Há muito tempo não tenho um adversário digno — disse ele. — E você ainda não é este homem!

Enlouquecido de raiva Pablo atacou, e o embate de espadas de luz e trevas ribombou pelo espaço.

* * *

As pessoas escorregaram pelo gelo e muitas caíram na água no desespero de correr para terra firme. Jadhe paralisara os tentáculos de Dolmeq no ar com uma força telepática que ela não sabia que possuía, mas toda sua concentração estava no monstro e ela não conseguia fortificar o caminho de gelo frágil, cheio de ondulações. Tampouco notava a batalha feroz que se desenrolava ao lado dela, mas as explosões que faziam a terra tremer e o ar estourar a desequilibravam, e nesses momentos Dolmeq voltava a investir. Ela avançou para o mar, estava submersa até a cintura, sentia sua pele dissolver-se e juntar-se à água e ao sal, e assim ela era mais poderosa. Os olhos brilhavam, uma redoma de gelo se formou ao redor do monstro, a energia que fluía pelas veias da garota era espelhada em uma torrente sobre a criatura, tentando congelá-la e aprisioná-la.

Um estouro, uma explosão. Tudo ficou claro, depois tudo ficou preto. Pablo tombou desacordado perto de Jadhe.

Macrux ergueu uma mão para o mar, para a estrada de gelo que Jadhe construía para os fugitivos. Diabos marinhos feitos de preto, como tinta, atacaram as pessoas. Ela não conseguia protegê-las; tentou concentrar parte de sua força na trilha e criar um túnel, mas o desvio de atenção foi o bastante para a gaiola de Dolmeq enfraquecer; a criatura libertou-se da dominação mental e rugiu, e ondas enormes se formaram com o estrondo de seu som, e ele avançou um passo de cinquenta metros na direção de Agerta. O Imperador conjurou uma esfera de magia incandescente contra a moça, determinado a acabar com ela de uma vez; Jadhe liberou todo seu poder e gritou de dor, pois sentiu algo se desprender de seu peito e achou que podia ter rasgado a própria carne; viu-se inteira, e protegeu a si e a Pablo atrás de uma grossa barreira de gelo e o globo se espatifou nela e a desmanchou. Pablo despertou, posicionou-se em defesa de Jadhe; o caminho de gelo foi envolvido por uma grossa videira que cresceu de repente e cobriu os quilômetros até o navio, e Jadhe soube que aquele poder vinha de Lhênus. A moça aproveitou o momento e concentrou seu *mac* para o mar; seu espírito tocou as moléculas do gigante, e, quando chegou a ele, Jadhe conseguiu afetá-lo. O corpo da fera era composto de muito líquido, e a moça conseguiu manipular parte dele dentro das células da besta, e a temperatura do corpo de Dolmeq começou a baixar.

Pablo e Macrux trocaram golpes; Pablo recebeu uma perfuração na perna, a dor o cegou. O monstro estava congelado; os refugiados chegaram à Praia Cintilante; Jadhe estremeceu para manter a prisão de Dolmeq; Pablo revidou o golpe, abandonando *mac*, magia e armas; acertou Macrux com as mãos vazias, perdendo o controle sobre si mesmo. Macrux mudou de forma, cresceu, criou espinhos, seu rosto se distendeu e saltou sobre o general, e Pablo, que já não sentia medo, colocou a mão na Pedra de Mavhtus e permitiu que o poder dela fluísse sem controle através dele. A sentinela do trovão tornou-se centelha novamente, um raio impregnado da mágica inversora de Mavhtus, e o Imperador não conseguiu atingi-lo. Macrux voltou ao corpo normal, sentou-se e riu como uma criança, afetado pelo poder do Tesouro; Jadhe roubou umidade das nuvens e condensou mais gelo nos tentáculos suspensos do monstro, sua determinação perigosamente se transformando em tranquilidade. Macrux começou a chorar, Pablo, luminoso, surgiu da luz como homem, comprimiu o relâmpago entre as mãos e cravou a espada trovejante no estômago do inimigo; o Imperador rugiu, seu brado reverberou dentro do sangue dos amaldiçoados, que urraram com ele; Dolmeq ampliou os esforços para se libertar. O feiticeiro voltou ao normal, jogou Pablo longe, a joia parou de afetá-los e Jadhe redobrou seus esforços sobre o colosso, seu espírito amplificado abandonando a forma corpórea. Parte dos tentáculos congelados se partiu e caiu na água; o monstro berrou e se balançou para se livrar

do restante do gelo; Macrux cresceu de tamanho, tornou-se uma sombra viscosa de cinco metros, estendeu as mãos num abraço sobre as sentinelas, decretando seu fim...

“*Nos ajude Ariell*”, Jadhe rogou, arriscando desviar um átimo de seu poder para a Cuzpola e, voltando o olhar para a Lincariell e pensando nos amigos, sussurrou o primeiro feitiço que lhe veio à cabeça:

— *Plactu*.

Macrux retorceu-se no ar, o corpo de sombra atingido por centelhas amarelas de luz da Cuzpola. A estrela brilhou e mudou de cor outra vez: tornou-se quente, amarela, e fulgurava na mesma intensidade do poder da bússola mágica presa ao pulso de Jadhe. A garota não resistiu à canalização da magia: perdeu os sentidos ao lado de Pablo, e a última coisa que viu foi o protesto do tirano para o céu, pois Ariell o tinha enfrentado mais uma vez.

— Isso acaba agora, garoto! — grasnou Macrux. — Serei seu Senhor, você obedecerá minhas ordens, e tomarei as almas desses sete de qualquer jeito!

Sua forma mudou novamente, e ele não era mais um homem ou uma sombra: era um assombro víscido de petróleo. Lançou uma última e poderosa mágica para o mar e libertou Dolmeq para que a fera destruísse o que quisesse; guinchou e partiu num voo rasante para o Portal. Ainda atacou Yoná, Márcio e Shenu, desmaiados na base do morro para o Portal, e também Dominique em pleno ar, enquanto o gênio voava de encontro aos amigos, mas os disparos de energia resvalaram em algo invisível antes de atingi-los: a redoma de energia protetora produzida pela Cuzpola.

Com um guincho gutural, penetrou a fenda de luz entre mundos e desapareceu.

* * *

O gigante rugiu de dentro do pélago, e as ondas provocadas por seus movimentos chegaram à Agerta com fúria. O monstro não mais esperaria barcos para atacar: estava livre para devorar a ilha inteira, e sacudia-se para se livrar das últimas amarras com que Jadhe o havia confinado: turbilhões submarinos e estalagmites de gelo que ela transpassara do fundo do mar ao corpo da fera.

A escuridão crescia ainda mais e engolia tudo o que era visível. Se ainda havia alguma nesga de horizonte visível pelo reflexo singular da Lincariell, até mesmo

este desapareceu, e quando o gigante foi encoberto pelas trevas, só o que restou foram os bramidos ensurdecedores que ele fazia, preenchendo a vastidão. As pessoas se aglomeraram no centro da cidadela, onde os guinchos assustados de animais que não podiam fugir da ilha se somavam ao choro e aos gemidos dos aflitos, mas todos os sons eram sobrepostos pelo terrível leviatã. Guiado por um feixe de luz mágica que mal iluminava dois metros à frente, Dominique chegou à praia e ajudou Pablo e Jadhe a se levantarem, certificando-se de que o general não estava sob efeito da sua joia, pois a Pedra de Mavhtus poderia colocá-los um contra o outro.

— Pra onde ele foi? Onde ele está? — perguntou Pablo com urgência. Estava coberto de sangue e tinha um aspecto selvagem.

— Atravessou — Nique respondeu com um fiapo de voz, assustado com o estado geral do amigo, tão devastado que o gênio achava que nem quinhentos *desejos* realizados corretamente poderiam reconstruí-lo. Jadhe, pálida e cansada, seguiu ao lado deles, e os três manquejaram para a cidadela.

O rugido rasgou a escuridão e penetrou nos ossos: Dolmeq estava muito, muito próximo. As vagas que chegaram à praia trouxeram restos de madeira arreventada e carcaças de grandes peixes dilacerados.

— A coisa está vindo pra cá? — O gênio perguntou, mas já sabia a resposta.

— Não consigo pará-lo. Tirei vários tentáculos, dúzias de nadadeiras e uma porção de patas, mas Macrux é forte demais e a magia dele impregna o bicho. Tudo o que consegui foi criar uma barreira de estacas de gelo no oceano para diminuir a velocidade dele, mas ele vai chegar. Em meia hora estará aqui.

Pablo levou a mão à cabeça apertando a dor que cortou seu cérebro. Jadhe não conseguira cortar a conexão com a mente de Dolmeq, mas não havia nada a ser visto. Era como mergulhar num vácuo opressor e escuro cheio de vozes em agonia, uma câmara de tortura de carne e maldade, e até respirar era difícil.

A garota caiu de joelhos, encolheu-se e apertou os olhos, e Dominique a abraçou. Ela tremeu, lutou contra a mente da criatura, Pablo e o gênio compartilharam a agonia da moça. O gênio desejou que aquilo parasse, Pablo colocou a Pedra de Mavhtus em contato com o braço da amiga, Jadhe prendeu o fôlego e repeliu a ponte. Empurrou o vazio de Dolmeq de volta para o corpanzil do monstrengo e sentou-se feliz, dividindo o sentimento com os amigos.

Imediatamente Pablo puxou a Pedra de Mavhtus de volta, levou a joia ao peito e ordenou que ela parasse e, impressionantemente, o artefato obedeceu, deixando o trio aturdido e com um agudo sinete de estática no fundo das cabeças.

Mancando, gemendo e deixando rastros de sangue, os três chegaram ao centro da cidadela, ainda iluminado pelas chamas do incêndio, que pareciam brilhar menos a cada instante. Apenas cerca de trezentos soldados estavam ali, e não havia esperança em suas expressões aterrorizadas cobertas de fuligem, sangue e pó de malditos. Do centro, Márcio, Yoná e Shenu se levantaram como assombrações e vieram de encontro aos amigos, carregando o peso da fatalidade. Sorriram, porém: era milagre que os seis ainda estivessem de pé.

— Os sobreviventes dos navios estão nas cavernas, senhor, estão seguros — disse o comandante Bardáct, da terra, reportando-se a Pablo com a mesma submissão educada de sempre.

— Perdemos mais soldados do que posso contar agora — disse Márcio desalentado, enquanto Dominique e Jadhe, relativamente mais inteiros que os outros, davam as mãos e recitavam um feitiço de regeneração coletiva, espalhando-o para onde a magia pudesse tocar, afetando mesmo animais e plantas no entorno.

— Os que restaram não estão em condições de mais nada — completou Shenu. Inexplicavelmente, ele parecia tranquilo. — Podemos tratar os ferimentos, mas só Ártemis sabia repor sangue com magia.

— Foi-se um navio de civis também — disse Jadhe. — E não sei quantas pessoas foram atacadas antes que Lhênus interferisse.

A luz azul brilhou com mais intensidade, a única, de toda a ilha, de todo o mundo, que não era consumida pela treva opressiva do Imperador, a luz do Portal para Cermalháct. As pessoas se voltaram para ela, a passagem para o único refúgio livre do ataque do Devorador de Navios, e também o local onde o criador dele se encontrava. Se ainda havia uma chance de pará-lo e devolver Bhardo ao povo, essa esperança residia ali, mas nem as sentinelas nem o mais otimista dos soldados ainda acreditava nisso.

— Está tudo perdido, não está? — a jovem bruxa Tiana, águia do batalhão de Dominique, perguntou.

— A pessoa teria que ser imortal e ter vivido para a magia por mais de mil anos para ter alguma chance.

Mil anos vividos para a magia. Uma pessoa, um mago, de mais de mil anos...

Márcio se voltou para os amigos e suspendeu de leve o Cetro da Luz. Um pensamento se formou na mente dele, e a ponte cognitiva que unia os amigos fez com que todos enxergassem a suposição. Os Objetos Supremos não eram pessoas vivas, mas continham almas que tinham se entregado à magia desde muito antes de o Imperador nascer.

Havia uma última coisa a se tentar.

Um ribombar grave sacudiu o solo e árvores e rochas foram derrubadas. Todos os homens foram ao chão, inclusive as sentinelas, e quando a terra parou de tremer havia grandes rachaduras abertas no solo perdendo-se na sombra. Algo grande e pesado cortou o céu alguns metros acima dos homens, um tentáculo de Dolmeq, e gritos foram ouvidos da Praia Cintilante, embora o negror fosse tanto que era impossível saber se olhavam para a direção correta.

Pablo ficou em pé, mantendo a postura o mais firme possível, e, sabendo o que o líder ia fazer, as sentinelas se colocaram ao lado dele.

Mas o general se voltou para eles como um lobo furioso.

— Só vou eu!

— Do que está falando? — Márcio riu, como se Pablo estivesse alucinando.

Pablo não precisava responder, suas emoções falavam por si e Jadhe captava todas elas. Ele estava decidido a enfrentar o Imperador sozinho.

— Não vamos te deixar só nessa — disse Dominique, e abriu as asas ao máximo, abarcando os amigos com elas.

— Eu proíbo que me sigam — respondeu Pablo, olhando nos olhos de cada amigo lentamente. Márcio franziu o cenho quando percebeu o característico cheiro de ozônio que a Pedra de Mavhtus deixava quando usada, e percebeu que o irmão apertava joia entre os dedos. Em seguida Pablo arrancou a corrente do Relógio do Último Tempo do pescoço de Dominique sem que o gênio conseguisse impedi-lo. — Isso é uma *ordem superior*. Vocês *têm* que obedecer.

As sentinelas sentiram uma pressão na nuca, e quando puderam erguer os olhos, Pablo já se distanciara e escalava as pedras que um dia formaram a escada para o Portal, enquanto as trevas se tornavam quase tangíveis e apagavam os resquícios da luz do incêndio. As chamas continuavam a arder, Márcio as sentia bem vivas, seu calor era sufocante, mas quase não podiam ser enxergadas.

Os jovens se levantaram e fizeram menção de seguir seu general, bem como alguns soldados, mas sentiram um empurrão na nuca que os obrigou a abaixarem as cabeças e dobrarem um joelho, como em reverência. Um tentáculo do gigante atingiu o paredão ao lado dos entulhos da escadaria, homens gritaram de pavor quando rochas rolaram sobre eles. Escudos e magia foram criados, mas todos os magos estavam fracos, as barreiras não funcionaram como deveriam e muitas pessoas foram atingidas. Uma mulher foi esmagada, quem estava perto dela correu desabalado.

— Vocês sabem o que Pablo pretende, precisamos ir atrás dele! — Márcio berrou, desvencilhando-se dos montes de pedras e tentando novamente ir para o Portal, mas mais uma vez sentiu-se obrigado a ajoelhar-se e a baixar a cabeça. — O que está acontecendo?!

— Vai descobrir que não podemos segui-lo — respondeu Yoná. Fechou os olhos no susto com mais uma pancada de outro tentáculo, e a luz das chamas já era tão fraca que os soldados que restavam se espremiavam no estreito vão de claridade lançado pelo Portal, todos os sobreviventes tentando se manter o mais próximo possível das sentinelas. — Não sabia que ele conhecia esse feitiço. Deve ter aprendido com Ártemis.

— Que feitiço? O que ele lançou em nós? — Jadhe questionou entredentes, e sua aura envolveu os homens. Com as mãos espalmadas, ela ainda tentava impor uma barreira de gelo entre Dolmeq e a ilha, e guinchos sofridos do monstro soaram como cornetas quando mais um tentáculo se despedaçou após ser congelado.

— *A ordem superior*. Só um líder consegue lançar esse feitiço, um general, um rei — Yoná apressou-se em explicar. — Somos subordinados a Pablo, e não vamos conseguir desobedecer a ordem dele.

Um urro, gritos ao longe, alguém chorando convulsivamente. Ventosas enormes surgindo no campo de visão dos soldados, respirações entrecortadas. Estampidos, o apêndice gigante se aproximando, um grito, som de trituração. Jadhe se desesperou, entendendo a intenção do monstro.

— Ele não vai arrasar com a ilha. Está comendo ela inteira!

“E se trancassem o Portal outra vez, com o Imortal dentro? Não valeria o sacrifício de uma só pessoa, mesmo sendo do general herói? ”

A hipótese veio da mente de um soldado, captada pelos telepatas.

— Valeria — Yoná respondeu pelos amigos, alto o suficiente para que o soldado soubesse que a resposta era para ele. O homem apavorou-se ao descobrir que as sentinelas podiam ler pensamentos, mas os líderes não o culpavam pela ideia. — Mas esse bruxo Imperador esteve longe de Bhardo por séculos, e a magia dele continuou aqui.

— Mesmo que ele nunca consiga voltar, Dolmeq permanecerá, e livre e sem mestre, assim como o veneno, e as criaturas de pesadelo que ele criou — Márcio respondeu, tentando avançar na direção da luz, mas sem sucesso.

Um suspiro. Shenu levou as mãos à cintura. Sem querer, captou o pensamento de outro soldado próximo e se aproveitou dele.

— Sabem, Pablo não é o único que conhece os regimentos de Octoforte — disse, e os amigos se voltaram para ele. Olhando para o lugar onde achava que a Lincariell estaria, continuou falando rápido: — Está claro que Pablo Adenetti foi levado à loucura. Eu, Shenu, sentinela das sombras, o considero inapto para o posto de general.

Imediatamente e com entusiasmo, as outras sentinelas imitaram:

— Nós aquiescemos!

— E conclamo Márcio Adenetti meu general!

— Nós aquiescemos — repetiram os outros, e no mesmo instante, a pressão sob os joelhos e nuca dos jovens cedeu, e eles puderam se mover livremente.

— Quais são suas ordens, general? — Dominique perguntou arfando, a espada lascada cortando um marrote desgarrado atraído para a clareira de luz.

— Soldados de Octoforte! — gritou Márcio, já se dirigindo para a luz do Portal. Apanhou uma viga quebrada de telhado e ateou fogo nela com seu *mac*, e entregou a tocha a Íneo, tocando as chamas com a magia de luz do Cetro. — Vocês lutaram

bravamente. Estamos diante do abismo do fim do mundo, e ainda resta uma última luz neste momento escuro! — Jadhe e Yoná, em sincronia, criaram um domo de gelo e feitiço-escudo sobre os homens, e bloquearam o golpe do tentáculo da coisa. — Peço a vocês um último suspiro de confiança. Deem as mãos uns aos outros e sigam o prefeito: ele levará a luz, e esta luz não os deixará enquanto eu viver! Vão para as cavernas da Praia Cintilante e juntem-se aos cidadãos. Magos que ainda estiverem em condições, criem o escudo mágico mais poderoso que conseguirem e protejam o grupo até nossa volta.

— E se a chama se apagar? — o águia Mirelim, um bruxo excepcional de só treze anos, perguntou.

— Então saberão que a esperança se foi, mas eu tenho fé de que ela não se extinguirá!

Armados unicamente com resquícios de fé, os soldados seguiram as ordens de Márcio, e, como cegos, partiram conduzidos pela frágil chama que Íneo levava, que mal iluminava a cintura do homem. As sentinelas correram para o Portal e, à beira dele, entreolharam-se por um breve instante.

“Espero encontrar vocês do outro lado”, pensou Yoná, e os cinco sorriram, pois ela não falava da Encruzilhada, mas do outro lado da vida. Saltaram para o vórtex brilhante ouvindo o som de trituração da boca da fera destroçando rocha e areia.

CONFRONTO FINAL

Era surreal que o túnel estrelar estivesse em tamanho silêncio. Os cinco guerreiros precisaram de um minuto para que seus ouvidos se acostumassem à quietude e seus olhos pudessem divisar alguma coisa em meio a tanta claridade, e quando o atordoamento passou, Márcio pensou que nunca estivera menos preparado para agir.

Seu corpo tremia num frio anormal, achava que só continuava vivo por teimosia, pois não acreditava que a Pérola Negra tivesse lhe concedido muito mais que alguns curativos mal feitos. Havia dor ao respirar, ao pisar, muitos cortes grandes não tinham se fechado apropriadamente. Vistoriou rapidamente cada amigo, e notou pernas claudicantes, furos abertos, mãos apertando partes doídas. Como os outros estava com sede e exausto, a dor de cabeça já tinha passado de todos os limites, e ter diante de si um local tão imaculado quanto Octoforte fazia parecer que o pesadelo em Bhardo não passava de um sonho ruim que poderia desaparecer com uma boa noite de sono.

Mas um ponto exatamente no centro daquele paraíso indicava que o terror continuava, um círculo de nuvens negras acima do domo elaborado do Torreão, e ele escurecia e crescia como bolor na abóbada da Encruzilhada.

Atravessaram o gramado e cruzaram o Portão Fogo para ao interior de Octoforte. A fortaleza estava irreconhecível. Séculos passados em completa quietude e o que se via agora era o caos. Ventos giravam numa velocidade crescente, impossíveis nuvens de chuva se formavam e os muros refletiam a luz de chamas. Barulhos de desmoronamento ecoaram de dentro do prédio, e o corpo serpentino de Decaiko passeou sobre a amurada superior derrubando os cimos das torres do Trovão e do Vento com a cauda.

— Onde estão eles? Onde estão os marrotes e os malditos? — Yoná perguntou. Como os outros, ela se preparara para revidar um ataque imediato, mas não havia nenhum inimigo à vista.

Jadhe estendeu sua aura, espalhando seu espírito além do corpo e por todo aquele campo, e descobriu que os grupos de bestas tinham se infiltrado na fortaleza e vasculhavam os quartos, destruindo o que encontravam.

— Lá dentro — respondeu Jadhe, os olhos vidrados enxergando além do que os outros viam. — Pilhando — disse a moça, repassando as imagens aos amigos. — Enquanto o chefe deles está... Fazendo o que veio fazer.

A visão lhes mostrou uma massa borbulhante e negra de onde emergiam garras e asas ocasionais, que depois mergulhavam de volta no piche e desapareciam.

— Ele perdeu a forma — constatou Dominique.

— E está chamando por Zey — disse Yoná. — Ele quer fazer aqui, pois aqui é a base que o inimigo dele usou para desafiá-lo nesses séculos todos.

— Que inimigo, Ariell? — Shenu indagou.

— Não. Lhênus — disse Márcio, esfregando a testa dolorosamente. — Onde está Pablo? Onde está meu irmão?

Os amigos assistiram a procura mental de Jadhe pelo amigo. Quando por fim o localizou entendeu por que fora tão difícil encontrá-lo.

— A mente dele está fechada, só pensa no objetivo. Ele está mal, está parecendo um amaldiçoado! — Ela disse, e repassou uma imagem desagradável de um Pablo arrasado caminhando devagar em direção ao Torreão.

— Macrux pode vê-lo? — Márcio perguntou com urgência. Precisava entender o panorama rapidamente para tomar suas decisões, pois a ilha não tinha muito tempo.

— Duvido — Jadhe respondeu, e cessou a busca mental. — Eu, que o conheço bem, mal consegui reconhecê-lo. Pablo está perturbado, ele...

— O que?

A imagem apareceu na vista dos amigos como se estivesse bem diante deles. O maldito que alterara a percepção de realidade do ex-general tinha a aparência de Diana. Pelo visto, Pablo tinha conseguido neutralizá-la, mas isso lhe custara seu delicado equilíbrio psíquico.

— Muito bem, muito bem — disse Márcio, esfregando as mãos e fitando cada um dos amigos, demorando-se um instante a mais no olhar firme de Yoná. — Vocês viram o plano. Vamos destruir essa escória aqui e encerrar o poder dele em Bhardo.

— E nós vamos com ele — disse Shenu com um sorriso.

— Nique, você conhece aquela coisa melhor que qualquer um de nós. Voe até lá, ajude Pablo a acionar a joia e tente paralisá-lo, porque da forma como está atrapalhado, a Pedra de Mavhtus pode fazê-lo se associar a Macrux ao invés de enfrentá-lo. Shenu, pode guiá-lo até meu irmão?

Contente por Márcio confiar nele para a missão, mesmo que Jadhe tivesse a telepatia muito mais apurada, Shenu assentiu, e imediatamente Dominique decolou.

— Onde está o Medalhão dos Elementos? — Márcio perguntou e Yoná exibiu a joia. Márcio pediu para que ela a entregasse a Jadhe. — Ainda está com a Cuzpola? — perguntou, e quando a garota assentiu ele instruiu: — Ótimo. Precisamos tentar conter a magia do Relógio aqui para que ela não passe pelos Portais e atinja os mundos adjacentes. No mínimo, destruiria o que resta de Agerta.

— Certo.

— Quero que você crie uma barreira ao redor de Octoforte. Use tudo o que puder, o *mac* para fazer uma redoma de gelo, o poder máximo da Cuzpola e do Medalhão dos Elementos para criar uma parede de contenção resistente. Se for demais, concentre-se em vedar cada Portal. Se alguém pode fazer isso, é você.

Assentindo, Jadhe distanciou-se para as touceiras de lavanda ao redor do Lago Borbulhante, onde os marrotes não poderiam vê-la da fortaleza, e começou a trabalhar no domo.

— Shenu...

Uma dor aguda na cabeça fez Márcio pensar que sua enxaqueca havia se descontrolado, mas depois percebeu que era apenas o toque bruto do andarilho.

— Sei o que vai me pedir — disse o rapaz, e ergueu a corrente para olhar o Lampejo dos Desesperados, cujos relâmpagos cintilavam furiosamente com mais intensidade do que nunca.

— Pode fazer isso?

— Fazer o que? — Yoná indagou, tão curiosa quanto assustada.

— Libertar o poder original dessa coisa — Shenu sussurrou. — Obrigar os espíritos a trabalharem para mim.

— Tem um exército de bestas lá dentro, mais Rasfát e Decaiko — Márcio justificou.

— Controlar os aprisionados? É possível?

Shenu deu de ombros, e prendeu a respiração quando o movimento fez costelas emendadas precariamente saírem do lugar. Ainda que os Crimedéct'z tivessem grande poder, era necessário que o encanto do mago fosse bem elaborado e cuidadoso para que a cura fosse bem-feita, e espalhar feitiços de alívio sem direcionamento não era o cenário ideal para manter o zelo.

— Vou perder o que com isso, né? Por Zaunér, vou açular a alma de Zebarân contra esses dois calhordas — disse Shenu com ferocidade, e saiu para Octoforte em direção à Torre da Sombra, de onde queria que partisse o ataque.

Então restaram apenas Yoná e Márcio, e os dois se fitaram brevemente, mas com a intensidade de uma supernova. Márcio tocou o rosto dela e, sem palavra, puxou-a para um abraço e um beijo voraz nos lábios, um único beijo que devia ser suficiente para dar razão àqueles últimos momentos de suas vidas.

— Queria que isso durasse mais — disse ele. Yoná riu satisfeita.

— Sempre soube que você tinha uma queda por mim — ela disse.

— E precisou de o mundo acabar para você entender que me ama — ele falou, relutando em libertá-la de seus braços.

A temperatura caiu rapidamente, sinal de que Jadhe já começara a trabalhar; o céu escurecia, trovões foram ouvidos e o vento rugiu como uma fera.

— O que devo fazer?

Márcio ergueu a Pérola Negra à cintura de Yoná.

— Usar a magia do Imperador contra ele mesmo. Roube o máximo de energia vital que puder do feiticeiro; se conseguir, roube também de Decaiko e de Rasfát.

— E você?

Márcio segurou o Cetro da Luz com as duas mãos.

— Vou desafiar o Imperador. Se ele quer enfrentar Zey e se tornar um Senhor, vai ter que passar pelo meu cadáver primeiro. Espero que, até lá, o Relógio já tenha feito seu trabalho.

* * *

Nique se jogou contra Pablo, derrubando-o e fazendo-o parar. Malditos se voltaram para a confusão e atacaram o gênio, mas Pablo, meio inconsciente, emanou uma onda de energia que afastou todos de perto dele, inclusive o amigo. O gênio abriu asas para parar antes de bater contra a muralha e tentou se aproximar de Pablo, mas a sentinela do trovão estava alucinada; tinha os olhos injetados, seu corpo ondulou, relâmpagos dispararam a partir de seu tórax, e criou uma espada de relâmpagos com que atacou Dominique.

— Não faça isso! Pablo! Não agora! — implorou o gênio, concentrando-se ao máximo em *desejar* que algo acontecesse para que Macrux não reparasse na briga das sentinelas.

* * *

Sorrateiro, Shenu usou as sombras para se ocultar e não ser percebido dentro de Octoforte enquanto subia a escada para a Torre das Sombras. Pensou, com uma ponta de amargura, que aquela seria a primeira e a última vez que subiria à torre que lhe pertencia, pois tinha permanecido nos alojamentos comunitários com Férik até que seu irmão se mostrasse apto a viver sozinho. Quando entrou no quarto foi surpreendido com o que encontrou.

Márcio decifrara o código de Mayala e contara tudo o que vira no quarto dele, mas, se Shenu tivesse entrado ali, teria visto a verdade com mais facilidade: entre as paredes riscadas com contagens de dias, arranhões e iagos, Shenu percebia resquícios de *mac*. Textos impressos nas paredes em caracteres e língua comum, marcas feitas para que um outro *macnór* das sombras fosse capaz de reconhecer, relatos de coisas que Mayala vira e ouvira, e até a forma de traduzir os cadernos

que ele escrevera. Se Shenu tivesse voltado com os amigos, teria entendido as mensagens do homem imediatamente e poderiam ter se preparado melhor. Talvez estivessem na mesma situação, mas Diana poderia estar com eles.

Perturbado, sacudiu a cabeça, pois a tarefa que tinha não permitia falhas, e a verdade é que não haveria preparação suficiente contra aquele monstro que vociferava obscenidades lá fora. Pousou o Lampejo sobre uma mesinha de tampo queimado e observou centelhas brancas de almas humanas tremularem lá dentro.

Muito bem, pensou, vamos lá.

Não tinha mais energia a usar, a não ser a que mantinha seu coração batendo e sua alma grudada ao corpo. Deixou esta centelha ser transferida para a joia, os órgãos começaram a falhar. Ia controlar os Desesperados e ia ajudar a barreira de Jadhe o quanto conseguisse. Olhou para fora e viu seres translúcidos surgirem em meio aos malditos, espectros e amaldiçoados se enfrentaram enquanto Shenu mentalizava o controle sobre aqueles fantasmas encarcerados e sentia sua vida se esvaír para alimentar o Objeto Supremo.

* * *

Uma primeira camada cobriu Octoforte com uma cúpula glacial. Jadhe sentiu o frio dominando seu sangue, transformando suas veias em canais de energia gelada, infiltrando-se na névoa que emanava dos Portais, solidificando-a. O vértice de sombra do Imperador foi espalhado por uma ventania que aumentava gradativamente, trazendo nuvens carregadas de cargas elétricas e também de umidade.

Ela apanhou os Crimedéct'z. Era a primeira vez que tocava o Medalhão dos Elementos, mas tinha encontrado tanto poder dentro de si mesma que o convite que aquela magia representava, de força e conhecimento, não lhe parecera tão encantador. Jadhe descobriu que estava satisfeita por ser quem era e que não desejava mais, e isso foi suficiente para que o Objeto não pudesse dominar sua mente, e para que ela pudesse usá-lo.

Contudo, a sentinela da água sabia de suas limitações. Devia criar uma contenção enfeitiçada, mas, se tinha que fazê-la, pensou que um pouquinho de fé não seria ruim. Apanhou a Cuzpola. Um ponto de luz amarelo surgiu no orbe e emanou energia, como se respondesse ao pedido da garota.

— Você dividiu sua alma, como eu fiz. Parte de você está aqui, e tem nos socorrido, herói. Ajude-me mais uma vez, Ariell Saramah — ela sussurrou ao espaço. Em seguida apertou o Medalhão. — Diana, se estiver por aqui, por favor, me ajude com isso, irmã. — Tremeu ao pronunciar o último pedido. — Mestra... Se puder... Guie meu espírito.

Expirou. Sua mente acionou a magia que Márcio requisitara e ela abraçou o vento fustigante que aumentava e aumentava, varrendo os arbustos floridos e espalhando seu perfume misturado ao cheiro pútrido que emanava do pretume no alto do Torreão.

* * *

Vidraças se despedaçaram; cacos enormes formaram uma chuva brilhante que se cravou em marrotes; Macrux percebeu a presença de Jadhe, seu corpo amorfo solidificou-se numa criatura humanoide gigante, com asas de dragão e garras retorcidas, que grunhiu num chamado para que Rasfát e Decaiko parassem a menina. Queria o poder dela, mas odiava aquela alma, odiava aquela personalidade, e se os aliados não conseguiam capturá-la, que a estrangulassem de uma vez, que arrasassem com todas as sentinelas. Arrancaria as faculdades das almas deles depois que se tornasse Senhor; os rasgaria ao meio, inibiria suas identidades e ficaria com os dons que os sete tinham de controlar *mac* e magia.

Ele era o *macnór* original, o *mac* tinha essa designação porque ele o chamara assim. Mac, de Macrux. *Ele* descobrira os princípios da magia. Se havia quem usasse mágica ou poder do elemento formador antes de seu nascimento em Bhardo, o faziam por intuição. Macrux era o único humano que merecia se tornar um Elemental, e aqueles sete, que mal se acercavam da terceira década de vida, não tinham direito de possuir tamanhos poderes.

Instigou Decaiko e o dragão cuspiu uma língua de fogo que carbonizou as touceiras e preparou suas garras para rasgar a garota ao meio. Suas asas bateram furiosas para se manter estável no redemoinho de vento e treva. Apontou o ataque para ela...

* * *

A aura de Pablo transformava o rapaz num borrão de velocidade. Faíscas espocavam ao redor de Dominique, que não conseguia se manter no ar. O amigo transformara seu espírito em tempestade, malditos eram arrebatados, mas pouco

restava do homem, cujo corpo piscava e reaparecia cada vez com contornos mais borrados. Nique escapou dos ferrões de dois marrotes e viu Pablo ser atacado pelas costas por um maldito, mas sua ira estourou a criatura em cinzas. O gênio concentrou-se num *desejo* específico...

* * *

— Zey, Senhor do mundo inferior do Além, do Nepcoutem, eu te convoco! Demonstrei tanto talento quanto você, sou tão digno de ocupar o posto de Senhor quanto você é! Eu o intimo a...

— Eu o desafio!

A voz de Márcio trovejou amplificada dezenas de vezes pelo poder de Yoná. A moça se escondeu, seus dedos grudados na Pérola Negra, esperando pelo momento certo.

— Você não pode me desafiar! — exclamou o Imperador numa ira de vulcão, a voz retumbando através de Cermalháct mais intensa que a de Márcio.

* * *

As asas posteriores sustentaram Decaiko um instante no ar enquanto as patas médias e traseiras, cravadas na terra, eram empurradas pela energia de Jadhe e pelo vendaval. Sua magia era antiga e poderosa, chamas irradiaram por seu corpo através das escamas, ele a mataria num instante...

Uma aura brilhante surgiu à frente do dragão, um homem feito de estrelas e escuridão. Decaiko rugiu, pois não poderia deixar de reconhecer aquele homem, o maior aliado de seu mestre, o doente psicopata Zebarãn, vestido em sua armadura e portando o cajado bifurcado que sempre carregava. Jadhe perdeu a concentração ao se deparar com a forma espectral do morto, seu estômago deu um nó e ela teve vertigem, pois a presença malévola era a mesma que impregnava o ar do Nepcoutem quando o vilão fora derrotado. Recuperado do susto, o dragão investiu, o espectro ergueu o báculo, e fera e fantasma colidiram numa luta de bruxarias.

* * *

Da Torre das Sombras, Shenu enxergava através dos olhos do espírito materializado de Zebarãn, e também via através das auras de cada espectro libertado dentro de Octoforte. Controlando-os como marionetes, a sentinela

percebia a vontade de cada um deles tentando sobrepujar sua própria, e sabia que era uma questão de tempo até que conseguissem dominá-lo. Os joelhos foram os primeiros a falhar e ele não pode mais se sustentar. A audição, que já era ruim, foi varrida, mas Shenu ainda ouvia o mundo através de uma precária percepção telepática. Manteve a concentração com punhos de ferro, seus olhos dividindo-se entre os mil olhos dos fantasmas, sua mente inundada com informações e memórias das almas prisioneiras, a maioria delas suja com crimes tão hediondos que tiravam toda a luz de seus espíritos e eles apareciam escuros, manchas ocas confundidas com o vento. Tossiu e cuspiu sangue, algum órgão interno devia ter estourado, restavam uns poucos minutos de vida para ele. As mãos de Shenu comandaram um feitiço de transmutação que o espectro de Zebarân lançou contra Decaiko, e a fera se contorceu enquanto, uma a uma, suas escamas eram dobradas para cima. O poder mágico do Ulon ramaddron bloqueou a magia do fantasma e refletiu-se como puxões nos braços do andarilho, mas a alma do tirano revidou e prendeu Decaiko no solo. Pouco a pouco, Zebarân dominava o dragão.

* * *

Jadhe amplificara a extensão de seu poder, seu corpo oscilava entre a forma normal e uma versão dela mesma feita de água, o domo de gelo já cobria todo o gramado e a tempestade emanada por Pablo alastrava-se tenebrosa no interior da redoma, arrastando rochas, pedras de gelo, marrotes desgarrados e pó maldito. Disse as palavras do feitiço-escudo, mas a magia foi varrida junto com os sons dos vocábulos. Tentou de novo, não conseguia obrigar o espírito a dividir parte de seu poder e enviá-lo para a bruxaria: já tinha passado tempo demais repartida, sua alma relutava em particionar-se outra vez, ainda que por vontade dela.

Sentiu um puxão no umbigo e uma lufada de ar quente. Percebeu as presenças antes de vê-las. Girou a cabeça para a direita. Um fantasma da amiga estava ali, o corpo translúcido rajado de vento e estrelas. Ela sorria com a mesma determinação otimista que Jadhe costumava ver na amiga, fazendo o coração da sentinela da água perder o compasso.

— Diana!

— Concentre-se na redoma congelada que nós vamos canalizar a magia — Jadhe ouviu, não com seus ouvidos, mas no seu espírito, e não foi a voz de Diana que soou, mas a voz de outra pessoa. A jovem voltou-se para a esquerda.

— Mestra Ártemis!

A Caçadora aparecia como Diana, translúcida e instável, mas vibrante. Fez um gesto de anuência para Jadhe, para que a protegida mantivesse a atenção, e a garota percebeu as cordas que amarravam seu espírito ao elemento primordial serem desembaraçadas, desdobradas e divergirem. Um braço da Caçadora envolveu sua protegida, e Jadhe percebeu seu poder ser incrementado por outro avassalador, o *mac* de Ártemis, e por mais um, firme e sólido, a energia de Diana.

— Estamos aqui para te ajudar — disse Diana, animada em meio ao caos. — Não temos mais corpo, mas *somos* poder.

Outra presença chamou a atenção de Jadhe, outro espectro que se mantinha afastado das três mulheres, mas que doava poder para a redoma de magia guiada por Ártemis, e Jadhe, embora não reconhecesse seu rosto, soube que se tratava do mais antigo escravo do Imperador, Ariell.

Apoiou-se na amiga e na mentora. Não se importou com a dor lancinante em cada milímetro: voltou-se fixa para a tarefa, pois até seu “depois” com Ártemis e com os amigos dependia de manter aquela proteção firme.

* * *

— Volte... ao... normal! Volte... ao... normal! — Dominique berrou, pontuando cada palavra com um murro bem dado em Pablo, até que o amigo caiu por terra tão desnortado que a ventania cedeu. Ele se levantou, o estranho que havia nos olhos dele desapareceu, e Nique soube que a Pablo voltara à normalidade.

Imediatamente deram as costas um para o outro e arrancaram cabeças e deceparam caudas inimigas, e se espantaram quando sombras e luzes com formas humanas os protegeram e ajudaram a derrotar os adversários.

— Eu dei uma *ordem superior*! — Pablo exclamou no meio da batalha.

— Você não é mais general! — respondeu Nique, gritando de volta. — Márcio é!

— E onde ele está?

Um golpe gelado na cabeça, Nique e Pablo se desequilibraram com a força da invasão, a cena que Yoná via foi repassada para os jovens através da telepatia de Jadhe sem a sutileza habitual.

* * *

Márcio apontou o Cetro para o metamorfo; Rasfát, sorrateiro, passou pelo alçapão para o cimo da fortaleza, intencionando golpear a sentinela pelas costas; da Torre do Som, Yoná liberou energia, e seu poder se transformou em ondas agudas de som que se libertaram no cérebro do cavaleiro num ataque cheio de rancor vingativo; a garota condensou a altura e a agudeza do som dentro da cabeça do homem já surdo, e forçou mais e mais. Ao invés de ativar o encantamento original da Pérola, usou a força dela para aumentar seu próprio domínio sobre o *mac*, e manteve a torrente de som contida, seus olhos doeram e perderam o foco; tombou, os músculos esgotados de esforço, mas manteve o fluxo de ondas sonoras até perceber inchaços e estouros no inimigo; o rosto pálido de Rasfát tornou-se vermelho como sangue e ele enlouqueceu, e correu em desespero para o parapeito do Torreão, de onde se atirou. A garota concentrou sua força e manteve o sinete agudo vibrando até o cavaleiro parar de convulsionar e paralisar totalmente no gramado. Sem deixar esmorecer a adrenalina da investida, alterou a forma e a frequência do som e disparou um sinete pela Encruzilhada, que afetou os marrotes. O som foi tão intenso que os confundiu e fez o encantamento de Macrux de controle sobre a espécie ser quebrado, e os bichos voltaram a agir como insetos comedores de minhocas.

* * *

Macrux transformou-se novamente num homem de carne e osso, mas suas sombras formavam um manto negro atrás de si, que derretia como ácido o que ela tocava. Já tinha destruído três torres, as pedras desmoronadas caíam fumegantes no gramado. O feiticeiro estendeu a mão, uma grande espada de lâmina escura materializou-se ali; Márcio transmitiu sua energia para o Cetro da Luz, que brilhou intensamente. Ia usar a joia como arma, tentou relembrar os golpes que aprendera com Ártemis, mas isso parecia ter acontecido em outra vida, sua mente estava embotada e até seus ossos estremeciam de protesto pela exaustão.

* * *

A cúpula de gelo atingia oito metros de espessura; Shenu engasgava, recostado à parede da torre, sem nenhum controle sobre os membros, os pulmões perdendo potência, os olhos revirados enxergando por olhos que não eram dele, a alma alimentando a magia, os espíritos fugindo ao seu controle; o espectro de Zebarân superava o domínio da sentinela, virava-se contra Jadhe; Decaiko rugia, seu urro derrubava pedras de Octoforte; línguas de gelo subiam por suas patas e asas, a dor das escamas reviradas substituída pela ira do assalto...

* * *

Pancadas estrondosas fizeram a terra tremer. Márcio aparava as investidas de Macrux instintivamente, mal percebendo o que fazia. Cada pancada provocava uma explosão de fogo e sombra e empurrava Márcio mais para trás, mas, se Macrux era talentoso, ele não duelava havia séculos, e Márcio vinha guerreando há meses. Revidou vigorosamente, deixando a aura emanar do corpo, com o único cuidado de não ultrapassar seus limites e se matar por combustão espontânea antes da hora certa.

Chamas irromperam ao redor do feiticeiro, Márcio estocou com o Cetro irradiando luminosidade; Macrux, feito fumaça, eliminou a fogueira e ressurgiu queimado, a pele regenerando-se a olhos vistos.

Uma fraqueza atingiu as pernas do Imperador e ele tombou. Rosnou enfurecido, pois finalmente sentiu o que Yoná vinha fazendo desde que Márcio o desafiara.

— Não pode me derrotar com minha própria joia!

* * *

— Conseguiu?

— Sim! Temos cinco minutos!

Nique deu um soco carregado de energia na terra, e a explosão de vento e força cavou um buraco no chão. Depositou o Relógio do Último Tempo, ciente da urgência da situação, mas fascinado pela perigosa luz vermelha que irradiara da esfera de marcação, e que deixava um rastro escarlata no caminho espiralado que marcava os minutos. As flores de joias encravadas na madeira piscaram em alarme a cada décimo de minuto passado, e Nique queria continuar ali e testemunhar o feitiço final, ainda que o toque no artefato queimasse sua pele e lhe desse choques. Pablo o empurrou para fazê-lo despertar, os dois se afastaram do Relógio sentindo pontadas elétricas alfinetando seus corpos. Arfando, os amigos se apoiaram um no outro para se levantarem.

Um vislumbre mental. *Um soco no estômago fez Márcio dobrar-se e cair de joelhos. Uma pancada no rosto deslocou seu maxilar e o fez perder alguns dentes. Tossiu, não encontrou forças para se apoiar e se levantar. Um vulto se atirou na frente dele e recebeu a investida do Imperador e caiu, formando uma poça de*

sangue. Com a vista turva, Márcio estendeu os dedos para um grande monte fofo que ele vagamente associou com os seres que guardavam o Cetro da Luz. O escudo mágico de Jadhe oscilou, os jovens sentiram a compressão da magia diminuir...

— Precisamos de mais alguns minutos, só alguns minutos! — Nique exclamou. Um estalo atrás da cabeça repuxou seu pescoço para o lado, sinal de que um *desejo* se realizava, e também sinal de que usar aquele dom não fazia bem para o rapaz. Não importava: ele se concentrara em descobrir uma forma de ganhar aqueles cinco minutos de que o Relógio precisava, e se o pedido ia funcionar, eles teriam uma ideia.

— Me ajude! — exclamou Pablo quase imediatamente, já trabalhando num plano.

— O que quer fazer?

— Concentrar a tempestade no Imperador — o que restava de claridade dos Portais foi tomado por nuvens massivas que encobriram a luz das passagens dimensionais, e Cermalháct ficou negra. — Faça um furacão, se puder!

Outro lampejo. Zebarân forçava passagem para o corpo do manipulador do Lampejo dos Desesperados. Queria tomar Shenu, e Shenu abandonara o controle sobre todos os outros espíritos para evitar apenas o rei maldito. Estava prostrado e cego de dor; a Torre das Sombras tremia com o desastre que revolia a fortaleza, mas o rapaz mantinha a concentração e evitava o domínio do Abominável com toda sua alma. O esforço era demais, ossos trincaram, cortes abriram em sua pele, não conseguiu respirar, o coração disparou...

Macrux ergueu as duas mãos, e o que era uma espada de sombras transformou-se num tridente; ele não hesitou, não deu tempo ao adversário; rugiu, e numa investida, baixou a lâmina em Márcio, que não conseguiria se levantar...

* * *

Os espectros do Tesouro estavam soltos, Shenu não os controlava mais. Agiriam por conta própria.

— Preciso estar em outro lugar — a voz de Ártemis soou na mente de Jadhe, e ela viu os brilhantes olhos azuis da mestra cravados nela. — Vocês duas, mantenham a barreira.

O fantasma de Diana continuou ao lado de Jadhe, e sua presença quente era um alento em meio ao turbilhão, como se Diana nunca tivesse atravessado para o outro lado. O espírito de Ariell oscilou também e desapareceu, mas as duas sentinelas permaneceram lado a lado, firmes.

— Dói? — Jadhe se viu perguntando, pois não achava possível que a morte pudesse ser mais dolorosa que ter carne e ossos rasgados no turbilhão.

— Menos do que ser sentinela — Diana confirmou.

* * *

Livre de Zebarã, Decaiko buscou as chamas de seu corpo. Aqueceu-se e venceu a luta contra o congelamento glacial de Jadhe. Esticou as asas, agitou as penas, esquentou tanto que as escamas voltaram ao lugar, e saltou sobre a moça de boca aberta. Ia comer aquela garota atrevida, e que Macrux arranjasse outra alma para usar para fazer sua joia.

Jadhe não se movimentou; manter-se-ia em seu lugar o máximo possível; se ela cedesse antes da explosão, tinha que garantir a maior proteção possível. Ela era um canal, uma passagem para seu elemento e também para os poderes dos desencarnados. Não podia desapontá-los, não sairia de sua posição. Encarou o ramaddron se aproximando, desviou a água do Lago borbulhante, afastou o calor da umidade do ar e solidificou as gotículas da tempestade de Pablo, ampliando a espessura da redoma de gelo sobre a área dos Portais, manteve os olhos abertos. Sentiu o hálito da morte.

Duas grandes massas cinzentas se atiraram em Decaiko, e uma confusão de golpes, rasgos e rugidos, espalhou-se com os ventos crescentes de Dominique. Impressionada, Jadhe viu o que era aquilo e os reconheceu de uma lembrança da memória de Márcio: os gatos resgatados por Pablo das ruínas tinham voltado a sua antiga forma, e como meridron'z – gatos dragões – defenderam-na contra Decaiko.

* * *

Um grande raio arrebentou sobre Macrux e o derrubou longe da sentinela do fogo. Os ventos de tempestade aumentaram.

Faltavam quatro minutos.

* * *

Nenhum espírito estava sob seu comando mais além de Zebarã, mas, ao invés de agirem sem foco, tinham paralisado de uma vez. Shenu apostava que tinha a ver com a Caçadora, porque sentia cheiro de pinho, que sempre percebera perto da mulher. Cessou a atenção àqueles fantasmas, não podia mais mantê-la junto com o controle sobre Zebarã, o bruxo era forte demais! Se perdesse a batalha contra ele, seria dominado pelo rei e ainda haveria tempo para que o tirano se aliasse a Macrux e os dois poderiam voltar a Bhardo. O ar não entrava em seus pulmões, a dor era insuportável, tudo se tornou vermelho, a cabeça ia explodir. Não ia deixar Zebarã se apoderar do corpo dele...

Faltavam três minutos.

* * *

Ressurgido dos mortos, o louco Rasfát ergueu, cambaleante, a lança para dar fim àquela garota insistente. Voara para a Torre do Som carregado por sua pantera de fumaça, cravara sua lâmina na pequena pelas costas. A espada transpassada em sua barriga devia tê-la matado, mas Yoná ainda tinha um fio de vida, mas já não se defendia, mal conseguia enxergá-lo. Viu sua silhueta avultar-se sobre ela.

Pela ponte telepática, Yoná viu cada um dos amigos e sentiu-se orgulhosa por pertencer àquele grupo. Viu Márcio, quis que ele soubesse que ela... Mas ele sabia. Ela também sabia. Talvez se encontrassem do outro lado.

Uma bola de pelos, asas de morcego e garras, derrubou Rasfát e o atacou. O terceiro meridron evitara o golpe final sobre Yoná, e ganhara aqueles últimos minutos para ela.

* * *

Às portas do fim, Dominique dominara *mac*, *desejos* e o Relógio do Último Tempo. Entendia a mecânica por trás dos dons, previa o que cada ação, cada pensamento, ia ter na manipulação das dádivas, ou como fazer para sobrepor sua vontade à alma do Objeto Supremo. Não havia mais barreiras: a exemplo dos amigos, libertou a alma na forma de energia, deixou-se levar pelos ventos sem direção, sem resistência. As asas se rasgaram, ossos se partiram, fragmentos de sua pele se desprenderam e se tornaram parte do furacão. *Desejou* e canalizou o *mac* para condensar o vento em um ponto único. A rajada cessou completamente, marrotes e destroços despencaram do alto em uma chuva de entulhos junto com um cone único, fundindo a energia de Pablo e de Dominique, que caiu sobre Macrux,

obrigando o Imperador a afastar-se de Márcio e usar sua força para se desvencilhar da torrente de ar. Pedras foram arrancadas, a estrutura de metal que sustentava as vidraças estilhaçadas da cúpula foi sugada para cima junto com as árvores do pomar. A camada de gelo tocava as nuvens e grandes pelotas de granizo dispararam em várias direções. Macrux se tornou fumaça, foi levado pelo tornado e o ar se tingiu de preto.

Márcio firmou as pernas, era seu último momento. Não conseguiria evitar ser levado também. Encarou o monstro furioso, olhos de sangue de Macrux surgiram gigantes no cone de vento, sua voz retumbou na desordem.

— Uma sentinela de Ariell deveria ter honra, Márcio Adenetti! Um desafio só pode ser lutado entre duas pessoas, e você tem ajuda. E nem assim vocês têm poder para me derrotar! Eu sou imortal!

* * *

Exaurido, Pablo perdeu os contornos. A dor era excruciante; a carne era levada pela força dos trovões. Não havia volta; seu corpo seria desintegrado e sua alma seria espalhada pelo espaço para fundir-se ao seu elemento formador e ao Senhor Uttouér.

Pensou nos amigos, pensou no irmão.

E pensou em Diana.

No rosto de Diana. Nos lábios de Diana. No sorriso dela.

Estaria com ela em instantes.

E seus filhos seriam criados por algum soldado de Octoforte. Teriam uma vida para viver, mas seriam órfãos. Era um pensamento um tanto amargo, mas se contentou na esperança de que, talvez, ainda restasse um mundo para eles.

Faltavam dois minutos.

* * *

A força do vento rachou gelo e o lançou como lanças no ar. Macrux as destruiu, transformado em uma massa enegrecida que tomava o tornado para si e dominava tudo, espalhando-se como veneno sobre a fortificação devastada. As muralhas

desmoronaram, uma avalanche de pedras e ferragens foi varrida e levou as oito torres das sentinelas, inclusive a de Shenu. O rapaz foi engolido pelo vento e, no derradeiro instante, sua alma deu um último empurrão e afastou Zebarãn, devolvendo-o ao cárcere do Lampejo dos Desesperados.

* * *

Jadhe não sabia mais se estava consciente ou viva, mas mantinha o poder, e sentia a magia e a presença de Diana ajudando-a a conter toda aquela destruição. Teve um vislumbre do Torreão, a partir de um ponto onde parte de seu elemento estava: na janela da biblioteca, as figuras encapuzadas dos Silenciosos se debruçavam, observando, com notável expectativa, a ruína de Cermalháct.

Faltava um minuto.

* * *

Uma perna estava quebrada, braços e mãos estraçalhados, Márcio mal podia mover os lábios sangrentos, nem manter os olhos abertos. Mas ainda ficou de frente para o imortal e conseguiu sorrir com o que restava do rosto.

— Você não pode me vencer!

Irrompeu em chamas. Do que ainda havia de magia no Cetro da Luz o rapaz se apoderou, e o fogo envolveu o tornado transformando-o num incêndio estrondoso. Macrux urrou em agonia, pois jamais tinha sentido tanta dor: depois de séculos, alguém conseguia feri-lo seriamente, e o Imperador já não tinha certeza da vitória. Não conseguia ler a mente daqueles infelizes, não sabia o que queriam prendendo-o ali, e não sabia mais se poderia derrotar o Senhor Zey ao terminar aquela batalha. Tinha certeza de que venceria, pois era imortal, mas talvez precisasse se recuperar antes de prosseguir com seu plano.

Então, em meio à turbulência magnânima, percebeu o sorriso demente do adversário, e temeu. Investiu a telepatia com fúria: finalmente enxergou o que estava para acontecer, seu pânico foi avassalador, inundou Cermalháct, e dragões e guerreiros sentiram aquele medo.

Márcio riu.

— Quem disse que eu preciso vencer você?

CAMPOS BRANCOS

Pablo não sabia se os olhos estavam abertos ou fechados; na verdade, nem sabia se ainda tinha olhos. Tudo era branco. Não que já tivesse pensado na morte antes, mas achava que deveria haver algo mais do que aquela vastidão cândida em todas as direções, mas, talvez, aquela fosse a morte *dele*. Fazia sentido: se o espírito de Pablo tinha sido feito a partir da energia dos trovões e das tempestades, talvez a alma estivesse fadada a morar na luz dos relâmpagos e, para ele, a morte fosse daquele jeito.

Mas era muito quieta.

Não sabia quanto tempo tinha ficado ali. Poderiam ser minutos ou séculos, foi imensurável; contudo algo surgiu em meio à luz, e ele pode enxergar. Enquanto a forma se aproximava, Pablo tomava ciência do próprio corpo que aparecia em meio à brancura, os sentidos voltaram a funcionar como alguém que desperta de um coma profundo. A forma ficou mais próxima, o borrão tornou-se nítido e ele viu alguém — a pessoa que ele mais queria ver.

— Diana — murmurou.

A luz abrandou um pouco. Viu-se em pé em uma vastidão alva. Abaixo dele havia uma relva macia e branca, o céu era branco, havia árvores brancas, flores brancas e animais saltitando ao redor. Eram coelhos e pássaros, e todos eram completamente brancos. Menos ela.

Os cabelos loiros ondulados coroavam sua cabeça. O rosto estava ruborizado e os olhos incrivelmente azuis eram como um par de joias cintilantes fitando o rapaz. Ela usava um vestido leve vermelho e sorria para o marido, e um calor reconfortante parecia irradiar dela.

— Pablo! O que você fez! O que nós todos fizemos! Você viu? Foi incrível!

Ele chegou mais perto, mas descobriu que podia caminhar o quanto quisesse, que não conseguia chegar perto o bastante para tocá-la.

— Estou morto?

Diana abriu um largo sorriso, e Pablo sentiu o coração aquecer. Então olhou para si mesmo, e enxergou seu corpo surrado, e as mãos que sentiam a relva estavam mesmo ali.

— Você está nos Campos Brancos. É uma espécie de lugar de boas-vindas. Se você andar bastante em qualquer direção, as coisas começam a ganhar cores e você chega à casa de Ebegne, e ele te recebe.

— Você veio me levar até lá? — Pablo perguntou, mas o presságio da resposta deixou o coração do rapaz apertado e lágrimas brotaram em seus olhos.

Diana não parava de sorrir, mas abanou negativamente a cabeça.

— Sabe, todo mundo é capaz de um ato heroico e tal, mas ninguém esperava um ato *desse* porte. O que nós fizemos resolveu um monte de problemas que se arrastavam por milênios em Bhardo, e que já tinham afetado até a Terra e Agharta. A coisa foi tão importante que nós conseguimos... bom, algumas *regalias*.

— Regalias? — Pablo desconfiou do tom daquelas palavras, e teve esperança de que pudesse dizer que, se ele ia voltar, Diana estaria com ele. Mas algo lhe dizia que não era bem isso.

— Seja direta — soou uma voz feminina de algum lugar próximo, mas Pablo não conseguiu ver mais ninguém. Tinha a impressão de que conhecia aquela voz.

— Bem, eu tive autorização para ajudar daqui — disse Diana. — Acho que conseguiria ajudar mesmo sem autorização, mas *com* fica tudo mais fácil, fazer as coisas escondido às vezes é tão desgastante, não é? Lembra de quando tínhamos que nos encontrar nas salas mais esquisitas de Octoforte, que estavam sempre fechadas? Não é fácil disfarçar...

— Diana... — a voz da outra mulher reclamou e Diana revirou os olhos. Pablo procurou com a cabeça, pois sabia quem era, mas não via a pessoa.

— Certo. Manter o foco. É chato ouvir isso o tempo todo... Então, ajudei Jadhe, ela vai poder contar que estivemos lá, Márcio nem imagina o quanto foi difícil pra

ela fazer a magia. Se não fosse nossa ajuda, só a barreira de gelo não daria conta, a implosão teria vazado e levado alguma coisa pra dentro e acho que teria causado mais estragos. Foi pouco, mas tem ideia do que foi isso? O nosso esforço conjunto domou o poder da joia que foi feita por um Senhor, sabia disso? É surreal! Você tem que ler a história depois, está no livro de Ártemis. Hm, nas malas que deixei na caverna da Praia Cintilante, quando pensei que devia preparar coisas para fugirmos da Aliança Maior. Uau, como isso parece pequeno agora...

— Preparou coisas para fugirmos?

— Ideia de Yoná — Diana deu de ombros. Seu jeito meigo de falar continuava o mesmo de antes de aquela bagunça começar.

— Então o Imperador...

— Morto. Definitivamente. A matéria dele foi destruída, então não tem como o veneno mantê-lo imortal, porque a alma não tem mais corpo para onde voltar. Foi o mesmo que Shenu fez com aquela bolha escura que sabe lá de onde ele inventou aquilo... E ele fez aquilo sozinho! Impressionante! Sabe, Ariell fez um comentário interessante: se quiséssemos, com o poder e o conhecimento que conseguimos, nós poderíamos tentar assumir o lugar dos Senhores de nossos elementos, e teríamos muito mais competência que o doido Macrux.

— Ariell?

— Ele estava dividido entre dois Objetos Supremos: a Lincariell e a Cuzpola. E nos ajudou, no final. Mas não ficou por aqui: estava doido pra conhecer o Além depois desses séculos todos como escravo do Imperador. Por falar nele, Macrux não passou nem vai passar pelos Campos Brancos: um bando de arquedemon'z veio buscar a alma dele junto com as de Zebarân e da porção de criminosos que estavam presos no Lampejo há tempos, e foram diretinho para o julgamento de Zey, e eu acho que vai ser um baita julgamento, ah se vai! Afinal, ele queria tomar o lugar do próprio Senhor, não vai receber clemência de jeito nenhum!

Pablo assentiu, a cena borrada passando de leve na sua imaginação, mas havia coisas mais urgentes para pensar, e ele tinha a sensação de que seu tempo estava se esgotando.

— Então... eu vou voltar? Vou ficar vivo?

— Sim, você vai! — Diana assentiu, e embora sorrisse mais do que nunca, seus olhos enormes estavam marejados.

— E você vem comigo?

Apertando os lábios, a moça balançou os cachos louros de um lado para o outro, e o ar ficou impregnado com cheiro de lavanda, o mesmo cheiro que ela tinha quando os dois namoravam em Octoforte e passavam tardes escondidos entre as touceiras floridas.

— Não posso Pablo. Essa concessão foi feita sobre um *desejo* do nosso amigo gênio bem na hora que o Relógio explodiu... Implodiu... Sumiu, sei lá o que ele fez. Eu parti antes, meu corpo se desfez. Meu tempo se acabou.

— Então eu não quero ir — o homem respondeu com urgência, e estendeu as mãos, tentando alcançar a esposa. — Quero ficar com você!

— Ora, você não pode ficar! — Espantando a melancolia, Diana assumiu uma postura mandona. — Você tem duas crianças para criar! Nosso filho acabou de nascer, e você prometeu que seria um pai para Ondily.

O bebê e a menina surgiram na mente de Pablo como uma ferida mal cicatrizada.

— Eles... Eles estão...

— Vivos. E você precisa encontrá-los, vão precisar muito do pai, e você *prometeu* que seria um bom pai. Ainda mais nesse mundo novo e cheio de novidades que Bhardo vai ser de agora em diante.

Desconsolado, Pablo começou a chorar. Não queria viver sem Diana, mas não queria morrer e deixar os meninos sozinhos, e sabia que, se desistisse da própria vida, a esposa jamais o perdoaria. Quando voltou a encará-la, a moça não exibia mais nenhum sinal de tristeza, embora Pablo sentisse – e, naquele momento, ele entendeu um pouco da sensibilidade de Jadhe e de Shenu – que ela obrigava a tristeza a desaparecer.

— Não é justo — o rapaz protestou. — Você é tão... tão jovem... Viveu tão pouco...

Mas Diana riu mais, e seus olhos brilharam com alegria desta vez.

— Pouco? Veja só o quanto eu vivi! Tive pais que perdi cedo, mas tive a honra de fazer parte da família das sentinelas! Eu vi o mundo, e deixei minha marca nele! Sou uma *d’Os Sete*. Fiz coisas que serão lembradas, e deixei uma história que tenho orgulho de que meus filhos conheçam um dia! Eu fiz amigos que ainda serão meus quando nos encontrarmos de novo, quando vocês vierem pra cá. Tive filhos, e se lamento não poder estar com eles, sou feliz por saber que terão uma vida! E eu encontrei e vivi o amor da minha vida, e o tempo que tivemos um com o outro é o tesouro supremo que vou carregar comigo até estar de novo com você.

Um pensamento brotou na cabeça de Pablo:

— Você... Vai voltar? Como Landell, que nasceu de novo em Jadhe, você vai voltar?

Diana fez uma careta com a ideia.

— Acho que não. Pelo menos não agora — disse. — Agora eu vou viajar.

— Viajar?!

— Ah Pablo, não seja possessivo! — a moça brincou. — É, eu vou viajar, você não imagina quantas coisas tem pra ver aqui! Tantas estrelas, tantos mundos, tanta coisa pra aprender! O conhecimento que eu sentia quando tocava o Medalhão dos Elementos está todo espalhado por aí, e eu posso ver tudo agora! Estrelas, galáxias, os átomos que formam todas as coisas! E o melhor de tudo é que não preciso me afastar de ninguém para ver isso. É só eu pensar em quem eu quero ver e pronto! Já estou perto dessa pessoa. Não existe espaço aqui, não existe distância. É multi fenomenal! — Percebendo a aflição do marido, ela completou: — E não vou estar sozinha também, tem alguém que vai comigo.

— Alguém? Quem?

A forma de outra pessoa surgiu ao lado de Diana desfraldada em plena luz, e Pablo não pode deixar de sorrir.

— Ártemis!

Estranhamente a mulher olhava inquieta para Pablo e para Diana, e também para os animais dos Campos Brancos, e Pablo achou que nunca a tinha visto tão ansiosa. Aroma salgado de brisa do mar impregnou o ar com o aparecimento dela, e seus olhos, que antigamente eram prateados, agora cintilavam num tom elétrico de

turquesa, e o rapaz pensou que, se não soubesse que Ártemis era, na verdade, cerca de quinhentos anos mais velha que Diana, poderia supor que fossem irmãs.

— Oi — ela disse, e Diana sorriu olhando para a mestra.

— Ártemis não está se adaptando muito bem a essa história de receber ordens de Senhores, de ter regras a cumprir, sabe? Já levou um monte de broncas por interferir onde não devia aí no lado dos encarnados.

— Interferir? No que você interferiu?

Diana respondeu pela outra mulher.

— Ela que ajudou Dominique a entender como lidar com o poder de controlar *desejos*, também auxiliou a alma de Jadhe a se agarrar no corpo dela quando estava sendo sugada para o artefato do Imperador, e... Bom, soprou em meu ouvido quando Verônica me atacou, o que me deu a chance de proteger nosso bebê. Ela deu sua força à barreira mágica junto comigo e com Ariell, segurou *todos* os espectros que Shenu libertou quando ele não conseguiu mais aguentar, e impediu que os meridron'z fossem dominados pela vontade de Macrux quando o feiticeiro açulou o veneno neles para que atacassem vocês, e também ficou sussurrando na cabeça de Márcio, em Agerta, para que ele não perdesse a esperança. Márcio é mais receptivo para esse tipo de mensagem, vai entender o porquê...

Pablo engoliu em seco e murmurou um “obrigado” que sabia que jamais poderia expressar o quanto se sentia realmente agradecido. Ártemis o fitou, e mesmo os olhos dela tendo mudado de cor tinham ainda o mesmo poder de desconcertar quem ela encarasse.

— Escute, diga aos meus meninos... Diga a eles que eu os... — As palavras ficaram embargadas na garganta dela. — Diga que eu estou muito, muito orgulhosa deles... Estou orgulhosa de todos vocês. E que vou olhar por sua segurança sempre. E diga a Lhênus que é turquesa. A voz dele. Ele vai entender.

O calor da satisfação aqueceu o peito do rapaz, que, de repente, se sentiu muito cansado, e o lugar ficou ainda mais luminoso e começou a desaparecer.

— Eu vou sempre olhar por você, pela filha que escolhemos e pelo filho que tivemos juntos, meu amor. E também pelos nossos amigos... Nossos *irmãos*. Vou te esperar aqui mesmo... Mas não tenha pressa! Viva e seja feliz! Se escolher outro

amor para sua vida, que seja alguém que te dê alegria, e que faça bem às crianças. Cuide do meu bebê e da minha menininha. Agora vá! — A garota se aproximou brevemente e lhe deu um delicado beijo nos lábios, que ele sentiu como brisa morna. Em seguida o empurrou, e Pablo a viu lentamente desaparecer ao lado de Ártemis numa bruma luminosa que a abraçava, transformando-a em estrela. E, enquanto caía e perdia o tato, ouviu a voz da esposa como um sussurro ecoando no vazio: — A propósito, o nome dele é Âmbar.

“Âmbar”, Pablo indagou, a pergunta saindo mais de um pensamento que da garganta.

“Sim. Forte e precioso, como o pai dele. Eu amo você, Pablo Adenetti”.

“Também te amo Diana Cermalháct. Vou amar para sempre”.

A inconsciência o envolveu, e ele foi caindo, e caindo, e caindo...

OPILAH BHARDATHÉO

Quando retomou a consciência, Pablo ainda estava caindo muito rápido, mas sabia que não estava mais nos Campos Brancos de Ebegne. Sentia o vento raspando veloz sua pele, percebia dores por todo o corpo aumentando exponencialmente de intensidade e ouvia sons perto dele. Girou a cabeça e conseguiu enxergar Shenu num ponto à direita, e o rosto do amigo estava congelado numa expressão de surpresa. Do outro lado viu Dominique, e na queda o amigo dava giros no ar num misto de riso e choro sendo empurrado sem direção, as asas fechadas. Abaixo enxergou Márcio, Jadhe e Yoná, mas os três estavam muito longe para que pudessem ouvi-lo com o barulho do vento.

Ao mesmo tempo, sentiu um baque numa têmpora e uma carícia gelada na outra, e sentiu a conexão que Jadhe e Shenu tinham estabelecido ao mesmo tempo entre os seis.

— Eu dei uma *ordem superior*! — Pablo exclamou e pensou, sabendo que só a fala telepática chegaria aos amigos. — Nenhum de vocês deveria ter me seguido!

— Eu já te falei, você não é mais general! — Dominique respondeu num grito.

“*Você foi deposto*”! Márcio falou de bom humor, e era estranho poder ouvi-lo claramente na cabeça da distância em que ele estava.

“*Só reis são depostos*”! Pablo exclamou.

“*Reis e generais enlouquecidos por tesouros mágicos poderosos*”, Shenu acrescentou por pensamento, e Pablo ouviu sua risada.

Visões de Jadhe e de Yoná surgiram na mente de Pablo: as meninas tentavam enxergar algo que indicasse que o fim da queda estava próximo, o que, a julgar pela velocidade e pelo tempo, não gerava boas expectativas. Mas os seis desaceleraram e caíram, e o tombo não teve um impacto maior do que se tivessem sido derrubados de uma cadeira.

Levantaram-se trêmulos, exaustos, cada um preocupado com seus próprios ferimentos. Caíram mais próximos uns dos outros do que imaginavam, estava muito escuro e não sabiam qual era sua localização, se era Cermalháct, se era Bhardo, ou mesmo se estavam em algum lugar conhecido, pois não enxergavam quase nada. A única luminosidade vinha de um ponto distante que produzia uma tênue faixa de um azul claro, mas aquilo não lhes permitia ver nem onde pisavam, embora, pelo tato e pelo vento frio, parecesse um território rochoso.

De todos, Dominique era o mais afetado, e se sacudia em gargalhadas histéricas.

— O que você fez? — Jadhe perguntou, e quando andou até o rapaz ela mancou e apertou um lado do corpo. Seu tom, porém, era sereno, e não denunciava dor.

— Um *desejo*! — disse ele. — Um baita de um *desejo* de gênio! E deu certo!

— O que você desejou? — Márcio perguntou, aproximando-se também e se sentando no chão ao lado do amigo alado.

— Pedi que sobrevivêssemos — entendeu Pablo, mas Nique acenou um não e, feliz, explicou:

— Pedi que *você* sobrevivesse, só *você*.

— Eu? — Pablo se surpreendeu. — Por que eu?

— Por que você tem dois filhos pra criar, cara — Shenu falou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Nós todos queríamos que você vivesse!

— Tem um punhado de órfãos entre nós, não queríamos deixar mais dois pra trás — disse Yoná, afagando carinhosamente o braço de Pablo e sentando-se ao lado de Márcio.

Um miado baixinho lhes chamou a atenção e Márcio sentiu uma coisa fofa roçar sua perna.

— Bigodes — constatou admirado.

— E Pelos e Patinhas — disse Yoná, pegando a gata nos braços. — Estão vivos.

— Onde estamos? — Jadhe perguntou.

— Na ilha Agerta — disse alguém.

Caminhando vagarosamente, iluminando de dourado um grande círculo em volta do cabelo chamejante, um garoto veio caminhando na direção deles, um menino de pele de madeira. Havia brotos de lentilha nascendo de suas juntas, e seus olhos eram dois grandes e brilhantes frutos do guaraná. Seus pés, que mais pareciam raízes elevadas, eram virados para trás. E, apesar de parecer jovem, seu sorriso era triste, e havia um peso de milênios no jeito como caminhava. Sentou-se perto das sentinelas e deixou os olhos se perderem na linha de suave claridade no horizonte.

— Lhênus — sussurraram alguns dos jovens, e o Senhor da Floresta assentiu, cansado.

— Nós conseguimos? — Shenu perguntou. — Derrotamos Macrux?

— Sim, e de maneira espetacular, devo dizer — disse o Senhor, e embora estivesse moldado como um menino, tinha a voz grave de um homem maduro.

— Se conseguimos mesmo, onde está a luz? — Márcio questionou, e seus olhos perscrutavam o céu e o entorno. — Onde estão as estrelas e as luas? A escuridão nunca foi tão grande.

— E os sons? — indagou Yoná. — Nunca houve tanto silêncio, nem na ilha, nem em lugar nenhum.

— Ah, a noite vai se afastar já, já, e a vida vai despertar novamente. Tenham um pouquinho de paciência.

Inquieto, Márcio chegou perto de Yoná e apertou sua mão. Embora a claridade longínqua parecesse desvanecer as trevas lentamente, ele ainda tinha a impressão de estar nalgum lugar paralelo à realidade.

— Meus jovens, vocês superaram tudo o que nós, Senhores, poderíamos esperar. Estamos em dívida com vocês — disse o Senhor. Desta vez, sua aparência não se modificou a cada vinte segundos, como em outras ocasiões, e manteve-se estável.

— Se isso é verdade, onde estão os moradores de Agerta? — Márcio questionou. Em seguida, uma onda de tensão percorreu seu corpo e a ansiedade o dominou e fechou sua garganta, atrapalhando sua respiração, e ele soube que sentia as sensações que Jadhe captara de Pablo. — Onde estão os meus sobrinhos?

— Os meninos estão bem — Lhênus respondeu com simplicidade. — Assim como os agertos sobreviventes. Vão descobrir que há mais gente viva do que vocês poderiam sonhar, não só aqui, mas no resto do mundo. Foi um dia de grande turbulência.

— Como isso é possível? — perguntou Yoná. — Aliás, como é possível que qualquer um de nós esteja vivo? O *desejo* do Nique abarcava só Pablo!

— Considerem isso como uma cortesia dos Senhores — disse. — Isso, e o encontro do senhor Pablo com certas personalidades nos Campos Brancos. Pablo poderá explicar melhor mais tarde. Vocês conseguiram consertar a maioria dos ferimentos potencialmente letais dos moradores desta ilha que ainda estavam vivos antes de fugirem para as cavernas. Estão adormecidos agora, eles e o resto do mundo, derrubados pela onda de choque que sobreveio ao colapso de uma dimensão inteira: a dimensão Cermalháct. É praticamente um milagre: não fosse a contenção de vocês, o planeta poderia ter sido engolido pela implosão, mas Bhardo só recebeu uma forte vaga de propagação. É bom: as pessoas vão recuperar as forças. Vocês também deviam estar dormindo, mas eu os acordei primeiro. Queria vê-los pela última vez.

Pablo acusou:

— Nos trouxeram de volta, mas não minha esposa. Por que não ela?

— O veneno que Macrux criou continha um ingrediente muito especial, o mesmo que dá vida ao mundo. Embora ache que Diana tenha descoberto sobre isso e deixado anotado em algum dos tratados dela sobre magia, e que exista nota sobre isso em um dos livros de Ártemis, não posso explicar qual é este elemento, nunca mais o mencionarei a outro humano. Basta que saibam que é algo que está arraigado à existência de tudo neste planeta, e é mais antigo que nós, Senhores. Por isso não pudemos refazer o corpo dela. Sinto muito, Pablo Adenetti. Muito mesmo.

Pelo tom de sua voz, parecia sincero, e Pablo não falou mais nada, mas aprumou-se e girou a cabeça procurando um caminho conhecido, embora, afora o círculo de rochas e árvores projetado pela curiosa cabeleira de Lhênus, não conseguisse ver nada.

— Como faço para sair daqui? Quero ver meus filhos, como faço para ir até eles?

— Acalme-se homem — disse o Senhor, e mantinha os olhos de sementes fixos na claridade crescente no fim do oceano. — Seus meninos estão dormindo. Estão todos dormindo. Vão acordar daqui a pouco.

— O que houve com Macrux? — perguntou Dominique sem cerimônia. — O que vai acontecer com a alma dele?

A tranquilidade era tanta que Márcio estranhou a sensação de preocupação que emanou do amigo e foi transferida para todos por Jadhe. Ao que parecia, a garota nem se dava conta de que estava fazendo isso, e embora a ansiedade fosse estranha a ele, logo o contagiou: e se Macrux pudesse regenerar o corpo? E se a alma dele encontrasse algo, como um Objeto, e lá fizesse morada? Seria o nascimento de uma nova joia, poderosa e terrível, contendo o poder e a vontade de destruir o mundo?

— Podem ficar tranquilos, jovens — disse Lhênus, e desta vez, pousou os olhos demoradamente em cada uma das sentinelas. — Foi uma grande ideia destruir o corpo inteiro para matar o imortal. Definitivamente, Macrux está morto. E posso acrescentar que Zey veio pessoalmente buscá-lo, e que está muito contente com isso. Afinal, o Imperador o desafiou.

— E o que vai acontecer com o espírito dele? — Shenu perguntou, curioso.

— Bem — O Senhor parecia cansado, a madeira que formava seu corpo crepitava sob a ação das chamas de seus próprios cabelos —, quando um bandido morre, seu fantasma é tão pesado que ele cai pelas dimensões da alma e vai parar diante do trono de Zey, onde há um julgamento para determinar em que lugar do Nepcoutem deve expurgar seus crimes e libertar-se do peso que carrega. Um espírito tão denso quanto o de Macrux nem passaria pelo julgamento: iria direto para o nível mais baixo. Teria que sofrer pelo mesmo tempo e intensidade tudo o que fez sofrer; depois teria que conseguir o perdão de todos os que sofreram por causa dele, e, por último, teria que perdoar a si mesmo. É um processo doloroso e lento.

— Entretanto, nem todos têm o benefício da segunda chance. Para algumas almas, as mais malignas, ou torturadas, ou insanas, o caminho de volta à paz é muito penoso. É mais caridoso levá-las de volta à Luz primordial, à Mãe de tudo o que existe. A alma é privada de princípio inteligente, de identidade, de espírito, e, por fim, sua energia formadora volta para o elemento original e ela desaparece. Esse é o destino dos piores criminosos também. É o que provavelmente acontecerá com Macrux e com Zebarãn.

— É a morte da alma — disse Dominique com gravidade. — É isso o que mestra Ártemis receava.

— Sua mestra temia esse destino porque ele sempre a estava rondando. Carregar no sangue a maldição de Zebarân foi um fardo enorme, que quase a levou definitivamente à loucura. Muitas vezes ela esteve perto de perder a identidade e ser absorvida pela Luz, caso morresse, muitas vezes ela oscilou na beirada do precipício. Até que encontrou um motivo para se manter inteira, e conseguiu viver plenamente os últimos tempos de sua longa vida.

Embora Lhênus fosse um Senhor e com certeza pudesse falar com espíritos, Márcio não pode deixar de perceber o quanto ele estava saudoso.

— E que motivo foi esse? — Jadhe perguntou, ao que Lhênus, com um sorriso bondoso, respondeu:

— Vocês. Dominique, Jadhe. Depois todos vocês.

— Ela mandou dizer a você que é turquesa — falou Pablo de repente, fazendo os amigos se voltarem para ele. — Ártemis. Disse que é a cor da sua voz. Disse que você entenderia.

Um sorriso brando estendeu-se pelo rosto do elemental.

— Eu sempre soube que ela gostava um tantinho de mim, afinal.

As sentinelas se entreolharam, mas não estenderam o assunto. Em silêncio, os seis voltaram os olhos para a luminosidade lenta que arrastava linhas de um azul apagado sobre o negrume que sumira com o firmamento. Muito devagar, o azul começava a descortinar os rostos dos jovens, e mesmo que ainda não vissem as estrelas, só o fato de conseguirem enxergar os próprios dedos já lhes dava um novo ânimo.

— Ele... teria conseguido? — perguntou Yoná, insegura, buscando apoio nas mãos de Márcio e na força mental de Jadhe. — Teria derrotado Zey?

O elemental ponderou a questão.

— Um Senhor é a identidade de um elemento. Vocês todos se aproximaram dos seus elementos formadores, e foi por manter o foco na necessidade de vencer o inimigo que não se dissolveram e não se uniram aos elementos originais e,

consequentemente, aos Senhores. Poderiam até reivindicar o lugar de um Elemental, aposto que Zaunér não se incomodaria de deixar Shenu em seu lugar depois daquela esfera escura, ou que Zizaram aceitaria de bom grado trocar de papel com Dominique, depois de ter se tornado... Hm, *tornado*! Há, há... Todos vocês se aproximaram do seu princípio.

— Macrux não desafiaria Zey em seu elemento, mas em um duelo de forças. Eu não sei realmente o que aconteceria, porque nenhum Elemental jamais se envolveu em uma briga assim. São invenções humanas. Mas, se conseguisse sobrepujar Zey, tenho certeza de que estaríamos numa grande enrascada. Ele não manteria o equilíbrio, não assumiria os deveres necessários. Haveria... Destruição. Total.

— E nós o vencemos mesmo? — Jadhe perguntou, ainda sem acreditar.

Lhênus inspirou profundamente e começou a mudar de forma. Sua pele de árvore amoleceu e escureceu, transformando-se numa seda negra com olhos de contas e cabelos e barba grandes e prateados.

— Vocês têm ideia do que fizeram por este mundo, garotos? De quantas almas libertaram? Milhares de infelizes condenados a uma vida de eterna escravidão no reino de Zebarân, em que jamais poderiam morrer. Mais outros milhares de coitados, condenados por Macrux a assombrarem os próprios restos de acordo com as vontades do feiticeiro. Por sua intervenção, outras centenas de monstros criados pelo Imperador tiveram fim, e suas almas puderam descansar, como é o caso de Dolmeq. Aquela pobre criatura... Havia cento e quarenta espíritos de gente e de animais trancafiados naquela carcaça, obrigados a se digladiar dentro do corpo do monstro. A fera era uma prisão. E, por falar em prisão, vocês libertaram os cativos do Lampejo dos Desesperados, assim como destruíram todas as Joias Supremas, e finalmente as almas que as habitavam terão seu julgamento e descanso. Podem imaginar o quanto os Senhores das Almas, Zey e Ebegne, estão felizes? Não é de se estranhar que lhes tenham concedido mais tempo.

— Então os Crimedéct'z^[19] se foram? — Márcio perguntou. — Todos eles?

— Todos, incluindo a Cuzpola e a Lincariell. Esta, como vocês adivinharam, não passava de outro Objeto Supremo, uma joia em que Macrux aprisionou parte da alma do pobre Ariell, obrigando-o a espionar o mundo por séculos e mais séculos. Ele só não imaginava que Ariell, no derradeiro momento, tivesse conseguido reservar parte de si em outra coisa, uma só sua, a Cuzpola, através da qual foi

capaz de ajudar vocês a encontrarem rotas de fuga, visualizarem mapas de palácios, e escaparem de toda essa loucura, quando lhe foi permitido.

— Então — falou Yoná devagar e em tom respeitoso. — O Senhor está satisfeito conosco? Com nosso trabalho?

Lhênus soltou um suspiro longo e emocionado.

— Cara Yoná, certamente que estou! Nem imagino o que me faz ainda merecer tanta consideração de sua parte depois de todos os perigos por que passou. Mas, afinal, se eu não tivesse interferido, hoje estaríamos sob um grande manto de escuridão eterna. Essa intervenção pode ter me custado a qualidade de Senhor, mas isso não é para suas cabeças. Meus irmãos deverão me julgar mais cedo ou mais tarde.

— O que aconteceu com o Portal? — perguntou Shenu de repente. Não havia quase nenhuma luz visível, mas ele se lembrava de que o fulgor de Cermalháct tinha se mantido forte mesmo quando Macrux lançou sua mortalha sobre tudo.

— Ah, este é o feito pelo qual mais estamos agradecidos, meus amigos. Entendam: o delicado tecido da existência é tramado por camadas de espaço e de tempo. Falhas nesta malha existem por aí e não são poucas, e através delas pontos muito distantes uns dos outros são conectados. No entanto, nunca houve uma falha tão perigosa quanto a passagem que havia entre Cermalháct, Agharta e a Terra. Sua existência era uma constante ameaça aos três mundos. Agora ela não existe mais. Desapareceu, consumida por uma quantidade de energia absurda, levando consigo Octoforte, seus campos, os Silenciosos, que, devo dizer, ficaram bem contentes com o fim do confinamento, as joias, e tudo o que havia lá.

Márcio sentiu o coração disparar, e percebeu que a emoção não nasceu só dele, mas brotou dos corações dos amigos. Foi uma sensação estranha, como se os seis, de repente, dividissem um único corpo, um único sentimento, e se havia alívio e orgulho pela vitória, também havia o susto pelo que deixara de existir.

— E agora? — Nique perguntou, os dedos entrelaçados com os de Jadhe, a outra mão pousada no ombro de Shenu.

A frágil claridade azul que descorava as bordas do horizonte ampliou-se de repente e estendeu-se por céu e por mar, trazendo cores ao mundo de sombras que era Bhardo. Como se fosse chama, o azul deu lugar a um vermelho enérgico e vivo, e,

com o fôlego suspenso, os jovens testemunharam o glamoroso ressurgimento da alvorada, tingindo céu e mar de cobre, revelando matizes esquecidas pelos homens, exibindo nuvens aurinevadas, cingindo pássaros com halos de ouro, e despertando os que dormiam o sono dos Senhores para um mundo novo, um mundo de luz, onde o amanhecer jamais seria perdido novamente.

— Agora? — repetiu Lhênus, seu corpo escuro desaparecendo em folhas secas arrastadas pelo vento. — Tenho certeza de que vocês encontrarão uma ocupação, há muito o que reconstruir neste novo mundo de luz. Mas, desta vez, não haverá nenhum Senhor para interferir em seus caminhos.

EPÍLOGO

O garoto desceu a escada devagar, a mochila fazendo seu corpo pender perigosamente para a direita. Tinha certeza de que a bolsa não estava tão pesada na noite anterior, quando ele arrumara seus pertences. Botara algumas mudas de roupas e uma quantidade de material escolar, mas pensava que seu pai teria que enviar tárez a cada dois meses para garantir que nada lhe faltasse no Educandário Cerúleo, supondo que era para lá que estava indo. Estava irritado e um bocado ansioso, mas a briga com o senhor Cermalháct não tinha sido inteligente: Pablo costumava ser um poço de paciência, mas quando ela acabava isso acontecia de uma vez e em explosões, e geralmente o patriarca se afastava e passava um tempo mal por isso, fazendo os filhos se sentirem culpados. Agora estavam neste círculo de culpa e desculpas, que Âmbar não queria estender por muito tempo: o rapaz não queria ir a lugar nenhum, mas o pai fora firme e, apesar de ter cogitado fugir, a verdade é que ele não queria se afastar de sua casa, de sua irmã e de Pablo. Precisava saber para onde ia e o que tinha feito de errado para que seu pai o estivesse enviando para um internato distante contra sua vontade.

Olhou através dos vitrais coloridos e divisou a silhueta do homem no banco de pedras do jardim. Não aguentou o peso e deixou a mochila na soleira da porta: teria que avaliar novamente o que é que estava ali, ou não conseguiria nem sair dos terrenos da propriedade. Saiu na penumbra da madrugada quente de fininho para ver o que o patriarca estava fazendo.

Espiou sobre o ombro de Pablo: estava com o mensário de Algavar nas mãos, e o calhamaço já estava todo amassado, tantas vezes tinha sido lido. O garoto reprimiu a irritação para não deixar que seu *mac* do fogo se descontrolasse e acabasse atingindo o pai. Pablo era mestre no controle daquele dom, e certamente iria querer dar alguma lição ao filho. Então apenas bufou em desagrado, anunciando sua presença.

— Ora, ora, o garoto já está de pé! Melhor humorado hoje que ontem?

— Ainda não sei por que tenho que ir — o menino resmungou.

Pablo agitou a mão pelos cabelos loiros cheios de cachos do filho e bateu a mão no banco, convidando o garoto a se sentar. O menino se largou no banco, escorregando até ficar quase deitado, e olhou para cima.

Seu pai passava muitas noites olhando para aquele céu. Não podia culpá-lo: o tapete estelar era espetacular. Naquela noite, as três luas mais brilhantes estavam visíveis: Larehssu, Ginhaissu e Ramadissu, mas as outras quatro pequeninas e escuras iriam surgir em breve. O cinturão que circundava o mundo rutilava, e dava a impressão de que era só estender a mão para o alto para apanhar um punhado daquele pó de estrelas. As constelações apareciam firmes na área mais escura, e Âmba localizou a Ártemestrel e a Estrela Di, aquelas que seu pai mais amava. A não ser pelas noites de chuva, Âmba não imaginava como seria uma noite sem todo aquele esplendor, mas ele conhecia os fatos de antes do Desvelo, quando o firmamento não era tão belo, e sobre a ocasião em que ele ficou tão preto e tão vazio que era como se o mundo tivesse sido engolido por uma boca grande.

— Você continua lendo o mesmo mensário, mas as notícias não vão mudar — o menino fez graça para o pai.

Pablo se divertiu.

— Sei disso, garoto, é que tem coisas aqui que dá vontade de ler de novo e de novo.

— Por que?

— Porque me lembram de coisas que aconteceram há algum tempo.

— Coisas ruins ou coisas boas?

— Um pouco de cada — o pai falou. Não parecia perturbado, pelo contrário: seu semblante era alegre. Deu um sorriso para o filho, beijou o alto de sua cabeça e levantou-se, surpreendendo Âmba, que esperava encontrá-lo ainda amuado pela briga. — Vou bater na porta da sua irmã. Melhor eu fazer isso que você, ela anda muito arredia nesses dias e não quero que nos atrasemos, temos um longo caminho pela frente.

O menino viu o pai se afastar e apanhou o jornal que ele havia deixado no banco. Balançando os pés, releu as manchetes devagar para ter certeza de que lia certo, tentando descobrir o que é que o homem via naquelas letrinhas de tão especial.

Aquela era uma edição de comemoração pelo Desvelo – a volta da luz da Nissulandd, a Lua da Luz, ou Sol. Tia Yoná tinha contado sobre o dia em que o astro voltou, junto com todas aquelas estrelas e com o cinturão brilhante. Âmbar não poderia saber como tinha sido viver nas trevas: ele nasceu no exato dia em que o sol reapareceu, por isso o calendário contava exatamente sua idade: treze anos. Pelas notícias, muitas pessoas achavam a luz a coisa mais fabulosa do mundo, mas tinha outras que não pensavam bem daquele jeito.

“A secretária de ordenação de assuntos populares de Algavar Alibeth, que já ocupou o alto cargo de Passadante na extinta Aliança Maior, reafirma que os acontecimentos que culminaram com a Aurora do Mundo poderiam ter sido evitados, consequentemente poupando milhares de vidas, caso a também extinta fortaleza Octoforte tivesse ficado em seu devido lugar e não se metido no caminho de bruxos legendários. Sua opinião se mantém firme ao dizer que o retorno do Sol mais prejudicou as organizações sociais do que ajudou, uma vez que até hoje relojoeiros e astrolunólogos estudam a nova ordenação do firmamento e trabalham na concretização do calendário solar; e que não há curandeiros que deem jeito nos olhos dos idosos, que precisam mais e mais de apetrechos para se acostumarem com a nova luminosidade e com o calor emanado por ela”.

“Estudiosos naturalistas sustentam a tese de que não houve mudanças significativas nos padrões de comportamento de nenhuma espécie com o Retorno da Alvorada, e que não há alteração detectável nas épocas das estações, o que reforça a hipótese de que, para as criaturas não-verbais, o manto de magia nunca existiu. ”

“Novas evidências apontam: Bhardo não é um planeta! Com as observações pós Noite Eterna, o ex-sentinela e mestre de Astrolunologia e Cosmoestelaria Márcio Cermalháct explica: as diferenças nas fases de cada lua de Bhardo, mais os movimentos observados dos satélites não emanatórios, os conhecidos lunóides, sugerem que Bhardo não é um planeta, mas sim uma lua do planeta Ginhaissu, nossa gigante lua verde, que também tem Ramadissu em sua órbita. Aparentemente, o véu de noite alterava não apenas a percepção dos seres inteligentes sobre a luz e o

calor, como também a projeção das luas e de suas fases em nossa abóbada. As únicas luas de Opiláh Bhardathéo são Larehssu e as quatro menores, além do duplo anel de poeira estelar que nos circunda e que agora aparece...”

“Depois de treze anos de luz, habitantes da Ilha Mastigada, a antiga Agerta, erguem um memorial em homenagem aos mortos da Última Noite. Uma escadaria foi construída na mesma posição em que ficava aquela que levava ao Portal para a Encruzilhada, e os nomes das vítimas foram entalhados em cada um dos cinquenta degraus, incluindo daqueles que perderam a vida no navio devorado pelo monstro Dolmeq, e dos membros da Aliança Maior que não conseguiram escapar. No patamar foi esculpida, em pedra dourada, uma réplica de Octoforte, onde a sentinela Diana recebeu uma homenagem especial: um busto de granito. As sentinelas sobreviventes foram convidadas a participarem da inauguração do memorial, e Márcio, Yoná e Jadhe Cermalháct compareceram. O ex-general não foi localizado”.

“Abarção: Mártir ou Vilão. O novo título do ex-Nominório da Aliança Maior pretende suscitar a dúvida no leitor e convencê-lo a comprar a autobiografia do octogenário que, mesmo depois de treze anos de prisão, afirma que as decisões que tomou em nome dos aliados, que envolveram assassinatos de infantes, ocultação de herdeiros e venda de vilarejos para mercenários escravizadores, visaram apenas o bem coletivo, e que, se foram erradas, muitos outros, além dos dezoito membros do alto escalão encarcerados, deviam estar também em celas.

“Onde está Nianca? Enara, a Rainha Duvidosa, afirma receber comunicações mentais de sua prima vindas diretamente de outra dimensão, instruindo-a na tomada de decisões do reino de Zebelim. Terá a Legião Democratizadora poder para derrubar a Casa Real agora que sua líder mostra tendências de insanidade”?

“Mundo se pergunta: o que foi feito dos Objetos Supremos? Embora o repórter especulativo Lavoér insista em defender as sentinelas e dizer que as joias foram definitivamente destruídas, Chárilith, ex-Capitão da Guarda da extinta Aliança Maior, juntamente com outros ex-membros rancorosos da Aliança, Minje, Ávila e Doniel, insistem que as sentinelas mentiram uma vez, dizendo que os Tesouros tinham perdido seu poder, e que, provavelmente, continuam escondendo os artefatos para finalidades sombrias...”

“Vestígios dos Trilhos Interiores detectados! Após anos de escavação, a expedição comandada pelo bandeirante Evondér chegou aos restos do salão de entrada para um dos Trilhos, localizado em Mã. ‘É um grande passo para desvendarmos o mistério que foi encoberto por décadas pelos Aliantes e, quem sabe, até decifrarmos os iagos definitivamente’, declarou o aventureiro. ”

— Âmbar! — Pablo chamou. O garoto ergueu os olhos: o céu já estava tingido de laranja, sinal de que era hora do café-da-manhã. — Dily está pronta. Se apresse, ou vai ficar para trás!

* * *

Nem o café farto fez o garoto melhorar o ânimo, nem o penteado engraçado do pai, cheio de trancinhas na barba grisalha, o fez rir. Pablo não parecia nem um pouco perturbado; só ajeitou uma grande mochilona nas costas e saiu na frente dos filhos, ignorando os comentários deles de que ele poderia viver dez anos na selva com todo o equipamento que estava levando para uma viagem de bondes de três dias. Também não deixou que nenhum dos dois parasse para revisar o conteúdo das próprias mochilas, mais pesadas do que eles se lembravam de estar quando terminaram de arrumá-las.

Aproveitando a distração do pai, que levava a louça para lavar sem questionar se era ou não sua vez, Ondily beliscou o irmão.

— Papai já te contou?

— O que?

— Pamério vai conosco.

— Pamério vai conosco? — Âmbar repetiu, e Ondily acenou que sim freneticamente. A presença do irmão-de-leite de Âmbar deixava as coisas ainda mais confusas. — Vai conosco pra onde, afinal? Você não tem idade mais pra entrar no Educandário de Cosmoestelaria de Ylhuah, que é pra onde ele queria que eu fosse porque poderia morar com tio Márcio; papai vem falando há meses sobre você levar jeito na cozinha igual a mamãe...

— Eu sei, até agora eu achava que ele ia me mandar pro um Centro de Testes de Alimentos Aduninos, lá na terra do tio Shenu...

— Longe pra caramba... Mas onde é que Pamério entra nisso? O pai dele disse que ele ia trabalhar nos novos bondes!

A moça sacudiu a cabeleira ruiva.

— Não sei, só sei que papai está me deixando doida!

— Se você está doida, imagina eu. Ele nunca conta *nada* pra mim! Já pra você...

— Âmbar...

— Sabe que é verdade — o garoto atalhou, e baixou a voz para que o senhor Pablo não o ouvisse. — Ele não fala comigo, mal fala sobre a mamãe... O que sabemos sobre ele, Dily? O que sabemos sobre nossos tios? Só o que aparece nos mensários, nos livros. Quem frequenta Educandários desde cedo sabe mais sobre a família Cermalháct do que nós. Você, pelo menos, se lembra de alguma coisa...

Séria, Ondily encarou o irmão mais novo.

— Não me lembro de muito, e o que me recordo não são coisas muito bonitas, Âmbar. Convivi tão pouco com a mamãe... — Sorriu, em seguida. — Mas ela era doce e tinha olhos de topázios. Era a mulher mais linda desse mundo. Você se parece com ela.

Ao invés de sorrir também, Âmbar baixou os olhos com amargura.

— Eu nem a conheci. E o pai que tenho quer me mandar...

— Pra fora, bem agora — o casal de irmãos se sobressaltou: Pablo estava bem ao lado deles com o costumeiro ar de tranquilidade. — Vamos, pés calçados, estômagos forrados, bagagem arrumada, é hora de sair. Ainda temos que pegar Pamério.

— Não vai mesmo nos dizer para onde vamos? — Ondily arriscou.

— Acabei de dizer, não acabei? Para a casa de Pamério.

Sem abertura para novas perguntas, Pablo manteve a porta aberta para os filhos e, em seguida, abaixou-se e apanhou uma sacola grande no alpendre, cujo conteúdo curiosamente se mexia. De repente, uma orelha triangular despontou de lá de dentro.

— Não é melhor deixá-los em casa? — Âmbar perguntou, ao reconhecer os três gatos mais velhos que tinham, gordos e preguiçosos. Os bichanos ficaram quietos, mas os três puseram as cabeças para fora.

— Os mais novos se viram bem com os ratos do campo, mas estes aqui... Acho que vão gostar de um passeio.

A moça olhou para o irmão, que não disse nada, só deu de ombros. O pai era muito apegado àqueles gatos, mesmo que seus olhos inchassem e sua respiração ficasse difícil com a alergia, e parecia um exagero carregá-los para uma viagem de menos de um dia, mas, afinal, ele era o pai, e devia saber o que fazia.

* * *

A casa da família de Pamério não era distante e o caminho era bonito. Grama e flores ladeavam a trilha de terra e areia e, em alguns pontos, era possível ver o mar. Os campos cultivados do interior se estendiam até onde a vista alcançava, salpicados por árvores grandes e frondosas onde Ondily e Âmbar costumavam passar dias apanhando mangas. Enxotaram galinhas errantes de volta para seus galinheiros e viram uma tropa de cavalos selvagens galopando ao longe fugindo de um ginhaidron.

Bateram à porta da bela casa de pedra, bem parecida com a deles. Em alguns minutos um homem de cabelos totalmente brancos apareceu, seguido de uma senhora redonda e grisalha que vinha secando as mãos em um avental. Logo atrás

deles estava Pamério, uma grande mochila nas mãos e o rosto espinhento mirando o chão. Âmbar entrou e deu um abraço apertado em sua mãe-de-leite.

— Alin, Giviah — Pablo os saudou.

— Pablo Cermalháct. Que bom que não mudou de ideia.

Os homens riam. Giviah, apesar de nervosa, devia estar contente também: naquelas terras pacatas, Pamério vinha arrumando brigas por bobagens em busca de diversão, e os pais já o tinham ameaçado interná-lo num Educandário dedicado ao estudo de princípios da mágica, os mais extenuantes que existiam, e que seguiam os manuscritos teóricos deixados pela mãe de Âmbar.

Pablo e Alin apertaram as mãos, e Pablo segurou a do amigo por algum tempo.

— Às vezes ainda me surpreendo com as cores das pessoas — disse o homem, soltando a mão tão escura do outro. — O modo como a luz reflete na pele clara e a torna bege, ou caramelo, ou na sua pele negra e a torna marrom. É curioso.

— E eu fico admirada assim com os passarinhos — disse a mãe de Pamério, que tinha a pele escura também, mas de um tom mais avermelhado, como era a da maioria dos antigos agertos. — Já viu a variedade de canários coloridos que temos aqui? Só podíamos ouvi-los antigamente.

— Eu... — o tom de Pablo mudou, e seus filhos olharam para o pai admirados, pois nunca o tinham visto tão emotivo. — Eu nunca vou poder agradecer o que a sua família fez por mim... Por nós — o homem olhou para os filhos, especialmente para o menino. — Eu não sei como eu poderia... Como eu conseguiria, no meio daquilo tudo... Salvaram nossas vidas, eu não sei se um dia poderei retribuir à altura, e a amizade de vocês...

— Ei, general — Alin chamou, e os irmãos se assombraram com o título que o homem usou, e mais ainda ao perceberem os olhos de seu pai marejados. O amigo sorria, mas ele, e também Giviah, estavam à beira das lágrimas. O senhor empurrou o filho gentilmente para fora. — Nós estamos sendo retribuídos, hã? Você vai levar este aqui e vai ensinar algumas coisas da vida para ele. Espero que volte... Sentindo na pele algumas coisas não consegui explicar com palavras.

Giviah abraçou Pablo e ajeitou sua roupa.

— Foram muitos anos sendo forte, senhor Pablo Adenetti... Pablo Cermalháct. Será bom pra vocês todos. E para você também, filho.

Magoado, Âmbar pensou que se o pai considerava um fardo ter que ser forte cuidando dos filhos, e que os mandar para longe era libertador, então deveria aceitar a distância e deixar o senhor Pablo no passado também. A mulher beijou e abraçou Pamério, e o garoto desmanchou-se em choro.

— Eu sinto muito! Eu não quero ir, por favor, eu não quero...

Nem a mãe nem o pai cederam. Ambos choraram, mas riram e abraçaram o filho em despedida.

— Acredite, menino, vai nos agradecer depois.

O moçoilo abraçou os quatro irmãos mais novos, que vieram se despedir, e seguiu o caminho com os vizinhos, um pouco afastado do restante do grupo enquanto a crise de choro não cessava. Âmbar, no entanto, estava feliz por seu irmão-de-leite ter vindo também: teria não apenas companhia, onde quer que fosse, mas a garantia de que Pamério não se envolveria com os bandidinhos da cidadela.

* * *

Ondily já reclamava do peso e da distância, e Âmbar resmungava que as botas estavam machucando quando alcançaram a plataforma de bondes, duas horas mais tarde. Pamério mal dizia alguma coisa, só soluçava e fungava de vez em quando, os olhos fixos nos próprios pés. No entanto, Pablo não entrou no Aporte, o centro comercial no entorno da plataforma, mas o contornou e continuou na estrada.

— Nós não vamos para Dagsháq? — Ondily questionou, e Pablo, sorrindo de um jeito matreiro, fez que “não”.

— Vamos para Mã — falou o patriarca, girando um pequeno objeto na ponta dos dedos.

— Para quê isso? — Âmbar questionou, percebendo que se tratava de um espelho pequeno com moldura de pedra.

— Uma coisa que sua mãe fez muito tempo atrás — respondeu Pablo, fazendo, mais uma vez, Ondily e Âmbar se entreolharem. Pablo raramente falava de Diana.
— Yoná conseguiu fazê-la voltar a funcionar.

— Tia Ná?

— E você conhece outra? Justo ela, que não aceitava magia!

— E o que isso faz, senhor Pablo? — Pamério perguntou, arriscando-se a usar a voz engruvinhada depois de mais de uma hora de choro.

Pablo riu de novo e olhou para os adolescentes atrás de si. Os gatos miaram.

— Oras, vocês não estão com pressa de saber tudo de uma vez, estão? Vou contar logo. Primeiro vamos encontrar seus tios.

— Nossos tios? — Âmbar se animou e Pamério ergueu a cabeça. — Que tios?

— Todos eles.

— Até tio Shenu? — Ondily se espantou, porque tio Shenu morava em Aduna, do outro lado do mundo, e já fazia um tempo que não aparecia no Continente Maior.

Pablo deu de ombros.

— Ele falou que vem, então eu acredito. Só não sei como ele vai fazer isso, os bebês são muito pequeninhos, e os outros... Bem, acho que a mulher dele não gostaria que viajassem só com o pai.

Nas proximidades do Aporte, Pablo alugou uma carruagem e embarcou com os jovens rumo a Haulg Mã, cidade de casas de areia. A viagem levou seis horas, e Âmbar atazanou o pai para tentar extrair dele alguma informação a mais sobre a mãe, mas Pablo continuou calado, e o garoto desconfiou de que ele se divertisse com sua insistência.

Desceram, Ondily não segurou um palavrão quando a mala a fez pender e ela caiu de joelhos. Antes que Pablo a ajudasse um par de mãos morenas a segurou, e ela viu o tio Dominique sorrindo para ela.

— Cuidado aí menina, como vai ser no caminho se não se equilibra nem descendo de uma carroça?

— Tio Nique! — exclamaram os filhos de Pablo, e abraçaram o gênio. Pamério, deslocado, acenou timidamente, mas Dominique lhe deu um abraço e afagou seus cabelos, afinal, era padrinho do rapaz.

— Como foi com seu pai? — Pablo perguntou, sem desviar os olhos da nova cicatriz no rosto do amigo, uma marca avermelhada de queimadura recente onde antes ele tinha uma tatuagem.

O gênio deu de ombros, depois apontou a nova marca.

— Zizalétch deixou eu me despedir, o que foi mais do que consegui nesses anos todos. Mas paguei um preço.

— O que é isso nas suas costas? — Ondily apontou o grande volume afivelado às costas do tio, que disfarçava o contorno de algo de grandes proporções e aparentemente cheio de canos.

O gênio olhou da sobrinha para Pablo e apenas deu de ombros.

— Onde estão suas asas? — Âmbar perguntou.

Dominique ficou sem graça e mexeu no bolso da calça larga, onde carregava um ou dois baralhos para jogar Escorpião sempre que a chance surgisse. Atrás dele, Jadhe e Ayana se aproximavam, e Âmbar se apavorou, pois Ayana também não tinha mais aquelas asas pretinhas, que combinavam com o cabelo dela.

— Asas? Que asas? — Nique perguntou, enxotando os irmãos para longe do aglomerado de pessoas da entrada da pensão. Quando as duas famílias entraram na instalação e se acomodaram nos sofás de um grande salão, se cumprimentaram com abraços e beijos, e Jadhe respondeu por Dominique:

— Sabe o que é meninos, poucas pessoas têm asas nesse mundo, e as que têm chamam muita atenção...

— Vocês arrancaram as asas dela? — Pamério se assustou, mas Ayana riu gostoso.

— Não, seu bobo! Mamãe e papai fizeram um *encantamento* — a menina sussurrou a última palavra —, elas só estão invisíveis! E espremidas, para ocupar pouco espaço. Não dói, mas é como andar com as mãos amarradas nas costas, eu não gosto.

— Não se preocupe garoto, não vamos ficar assim a viagem toda — disse Dominique, mas Ondily espremeu a testa toda.

— Então vocês também vão levar Ayana para um Educandário... — ela disse devagar, mas calou-se quando um vento frio, vindo sabe-se lá de onde, passou por eles, e seu pai e os pais de Ayana se encararam.

— Não contou *nada* a eles, Pablo Cermalháct? — Jadhe questionou, afagando os cabelos de Âmbar e puxando Ondily para um mais um abraço saudoso, mas Pablo não falou nada em resposta, só deu de ombros.

— Alguém aí pode me ajudar? — ouviram uma voz da janela que dava para a rua.

Deixando as bagagens no salão, o grupo foi até os recém-chegados. De uma carroça que veio pela estrada desceu um homem grisalho que ninguém conhecia, mas Jadhe olhou para o estranho e começou a rir. De dentro do carro, ao lado dele, apareceu uma idosa negra encurvada, e os dois desceram coxeando carregando um monte de malas, com três crianças de pele cor de ébano os orbitando.

— Melhor não se afastar Mirásse! Sabe que não estou brincando! — a velha gritou, e Jadhe deu um sorriso.

— Yoná? Márcio? — Dominique perguntou, e Âmbar reconheceu os primos pequeninos que corriam aos pés dos pais. — Estão horríveis!

— Pra quê isso tudo? — Pablo quis saber.

— Você pode ter se escondido do mundo, irmão, mas quando se é ex-sentinela e astrolunólogo chefe do Internato de Novos Relojoeiros de Ylhuah, fica difícil não ser notado sem disfarce.

— Vocês ficam muito esquisitos assim — Dily comentou. A parte de mancar e as várias cicatrizes a moça já conhecia, eram reais: todos os tios tinham várias. Tia Jadhe sentia dores no peito com frequência, mas dizia que não era problema de coração, faltavam vários dedos nos pés e alguns nas mãos de tio Nique, que ele dizia ter perdido em um “congelamento romântico”, o pai mancava porque tinha uma perna dura, mas tio Márcio e tia Yoná tinham pelo menos cinquenta anos a menos do que estavam aparentando. — Vão pensar que raptaram seus próprios filhos.

— Não vamos ficar assim o tempo todo, pode ter certeza — Yoná comentou, e os filhos de Pablo, assim como Pamério, franziram o cenho outra vez: os tios falavam como se todos fossem fazer uma viagem *juntos*, e até onde sabiam, os garotos iam

para algum Educandário *sozinhos*. Sem contar que só Mirásse, com dez anos, tinha idade para frequentar o Cerúleo; Larien e Zárfh, com sete e cinco anos, eram muito novos ainda.

— Pablo... — Márcio chamou, mas ouviram outra pessoa chamando, alguém que descia por uma rua lateral.

— Vocês ainda estão tendo filhos! — exclamou um homem de olhar tresloucado.

— Seja educado, Férik, ou vai voltar e ficar com Yauvh — o irmão gêmeo dele, cheio de cicatrizes e com um instrumento metálico curioso em forma de espiral e com abertura de concha para o ouvido direito, retrucou.

— Tio Shenu! — exclamaram os filhos de Márcio, e os três correram para abraçar o andarilho. Em seguida os meninos mais velhos o cumprimentaram também, e três crianças de pele de leite e cabelos pretos e enrolados saltaram de trás do rapaz, junto com um alegre cachorro cinzento de pelo comprido, criando uma verdadeira algazarra de crianças e chamando a atenção dos passantes.

— Você trouxe um cachorro! — Pablo exclamou, e, em seguida, soltou um espirro.

— Oi pra você também. E não, eu não o trouxe: ele me seguiu. Não há meio conhecido pela humanidade de manter este peludo longe de mim.

— E você tentou arduamente deixá-lo para trás, tanto quanto Dominique se esforçando para não trazer a Grava — Jadhe comentou, com um sorriso zombeteiro, abaixando-se para afagar o cão.

— Não me recriminem, Pablo só está espirrando porque trouxe esses três bichanos velhos nas costas. E eu tenho certeza de que vocês dois só estão esperando o aval do general pra tirar a Pipoca de dentro do caixote.

— Pipoca?

Nique e Jadhe sorriram, cúmplices, para a filha deles.

— É nossa cadelinha, ela é do tamanho de um rato, não vai incomodar! — explicou a menina.

Ondily, entretanto, intrigou-se com outra parte da frase:

— Aval do general?

— Não tem mais nenhum general aqui — Pablo retrucou. — E pode ser Márcio, tanto quanto eu.

Dominique riu e Shenu cruzou os braços.

— Sabe muito bem a quem nos referimos quando falamos assim. É que velhos hábitos são difíceis de mudar.

— Onde está sua mulher? — Yoná perguntou.

Férik começou a rir e respondeu antes do irmão abrir a boca.

— Ela deu o fora nele.

— De novo? — Jadhe perguntou, preocupada.

— Ah, ela me ama, só não sabe disso — respondeu Shenu, suspirando. — Mas a carta indecorosa de Shiali com aquela proposta não ajudou em nada. Eu nem conheço a Xátra! Mas a esposa não quer saber... E Férik está falando de Ludi, não de Yauvh.

— Mas... Os trigêmeos...

O homem arreganhou um sorriso tão grande que mostrou os dois dentes de ouro do lado direito da boca.

— Não são meus!

— Como você sabe? — Yoná cruzou os braços. A tia era muito desconfiada.

— Yauvh sustentou a mentira até eles nascerem, mas os meninos vieram com a cor errada de pele. Eu suspeitava de que não tivesse nenhum papel na concepção deles, mas como estava muito bêbado pra ter certeza...

— Mas... — Jadhe e Yoná se entreolharam, e Jadhe falou com cuidado: — É possível que tenha acontecido alguma rara coincidência genética Shenu, existem casos...

— Não quando o pai verdadeiro, que por acaso é o meu amigo grandalhão Dartã, volta de mais uma excursão e reclama os meninos! — O sorriso de Shenu não morria, e contagiou a todos. — Só tenho estes três!

— E Ludi deixou você trazer as meninas? — Márcio indagou.

— Não, ela não deixou, eu disse que ela não deixou — Férík riu.

— A gente se trouxe sozinha na bagagem da carroça do papai — a primeira gêmea riu.

— Férík, vai comprar alguma coisa pra gente comer, vai — Shenu pediu. — Leva os pequenos com você. Isso inclui você, Dôvas. E você também, Pamério, está com a cara feia que nem um marrote, deve ser fome!

Férík resmungou, mas aceitou a incumbência e saiu na direção de uma tenda. Só os filhos de Pablo, que não se julgaram “pequenos” e que, na verdade, não estavam com fome, não acompanharam aquele tio.

— O menino está triste porque os pais o entregaram para mim — Pablo censurou Shenu quando Pamério se afastou. — Veio chorando o caminho todo.

— Ah, então a cara está feia que nem um marrote porque está amarrotada de choro. Beleza.

Nique riu.

— Férík está te ensinando a pensar assim?

— Ludi vai te matar — Yoná sentenciou, mas de olhos cravados nos filhos.

— Papai tem um plano — uma das gêmeas filhas de Shenu falou.

— Mamãe vai sentir tanta falta dele que vai chorar para ele ficar quando voltarmos! — completou a outra gêmea.

— Saiam daqui vocês duas, Férík está esperando — as meninas saíram. — Digam, mães: o que vocês fariam se os pais das suas crias as levassem para longe?

Yoná cruzou os braços e olhou enviesada para Márcio, os olhos de Jadhe rutilaram brancos. Nenhuma das duas respondeu, mas não foi preciso, e os rapazes caíram na

risada.

— Pois bem, o que acham que a dona onça vai fazer? Ou melhor, que já fez? Ela está no meu encalço. Uns dois dias atrasada, mas vai nos alcançar quando pararmos, aí vai acabar vindo conosco, já que estamos longe demais de Aduna.

— E Yauvh? Ela deixou você trazer Dôvas? — Dominique perguntou. Yauvh-needalm, a orgulhosa adunina mãe do terceiro filho de Shenu, nunca foi muito ligada ao menino, mas não gostava que ele convivesse com os irmãos, filhos de Ludi.

— Dôvas, este maltrapilho mirim, preparou a fuga das duas espoletas ali. Quando as mães perceberem que todos estão comigo, ai de mim. Mas pode ser bom pra eles, posso convencê-los a usar um pente... Pelo menos afastei uma da outra, Ludi e Yauvh parecem galos de briga quando se encontram, e eu é que fico no meio da fogueira. Não sei o que essas aduninas têm contra as uniões tranquilas, de duas pessoas, do mundo aberto...

— Devia ter pensado nisso antes de resolver se aventurar com outra mulher enquanto ainda estava casado com a primeira — Jadhe alfinetou.

Shenu deu de ombros, o ar gaiato do antigo andarilho surgindo em seu semblante envelhecido.

— Ludi tinha me dado o fora, como eu ia adivinhar que ela iria querer voltar? Afinal, não sou um homem de lamúrias.

Âmbar e Ondily se entreolharam.

— Pai, eu não estou entendendo nada! — impacientou-se o garoto, procurando os olhos do pai. — Tio Shenu vai com a gente? Vai ser professor no Educandário, é isso? Tia Ludi também? Todos vocês vão dar aulas?

Os adultos olharam para Pablo e Âmbar e Ondily se mexeram irrequietos. Mais uma vez uma sensação gelada passou pelos presentes, e a ruiva passou a mãos nos braços para se aquecer. Era engraçado como aquele frio misterioso costumava acontecer toda vez que os tios e o pai se reuniam.

— *Tsc, tsc*, Pablo Cermalháct — Shenu balançou a cabeça. — Sabe, tem coisas que não devemos contar aos nossos filhos. Mas tem outras coisas, como a receita do bolo de fubá da tia Yoná, os horários das linhas de bonde do Meio do Mundo, e a história gloriosa da vida da mãe deles, que é obrigação de um pai transmitir a eles!

Ondily e Âmbar olharam para o tio e se voltaram para o pai, e cruzaram os braços numa postura de cobrança. Pablo achou a cena tão cômica que começou a rir.

— Tudo bem, tudo bem! — disse, erguendo as mãos em rendição. — Eu queria fazer surpresa. Vocês não vão para nenhum Educandário ou Centro de Magia, nem nada do tipo. Nenhum de vocês.

Ali perto, Pamério voltou-se imediatamente para a conversa.

— O quê?

— Como não?

— Um comitê de estudiosos de Ylhuah acatou uma sugestão minha — disse Márcio, a aparência dele e de Yoná voltando ao natural enquanto o grande grupo se dirigia para o salão da pensão, as crianças rodeando Férik, que pendurara uma quantidade de bengalas de mel nos braços. — Conseguimos patrocínio da Casa Forte Dágaro-Calla para uma missão. O grupo de antigas sentinelas de Octoforte foi convidado a realizar uma exploração.

— Vamos viajar através do Oceano — Yoná explicou. — Através da Grande Tempestade.

— O quê?!

— Seu tio Márcio Miolo-Mole Cermalháct nos convenceu de que será um sonho ir até lá e descobrir se existe terra firme no meio do furacão perpétuo — Dominique falou. — Temos fortes evidências de que sim!

— E nós vamos junto? — Âmbar estava espantado, Ondily riu maravilhada.

— Não iríamos a lugar algum sem nossos filhos — Jadhe falou.

— E seu pai vai aproveitar essa viagem e contar a vocês tudo o que têm que saber sobre nós, sobre vocês, e sobre sua mãe — disse Yoná, erguendo o queixo. — Eles têm o direito e o dever de ter ciência da grandiosidade de carregar o nome Cermalháct!

Os adultos sorriam e se entreolhavam de um jeito engraçado, como se continuassem conversando mesmo com as bocas fechadas, e os garotos ficaram

ainda mais emburrados. Com grande carinho, Pablo ajoelhou-se em frente aos filhos e falou.

— Entendam, eu precisei de tempo. Perder sua mãe sem direito nem a um enterro, criar vocês com a ajuda de seus tios e também de pessoas que eu mal conhecia na época em meio a um mundo que renascia, onde tudo era novo e diferente... Por muitos anos eu mal conseguia dizer o nome dela sem me descontrolar e vocês... Não mereciam ver isso. Era inclusive perigoso, o *mac*... Levou um tempo para assentar nos eixos depois de tudo, por assim dizer. Mas, como diria sua mãe, conhecimento é poder, e já é hora de entenderem por que eu não tenho intenção de pensar nas investidas daquela vizinha viúva com cabelo de ninho de rato que fica me rodeando.

— Você tem algumas lembranças, Dily, mas era muito pequena, e não compreende tudo o que aconteceu. Já é tempo de abandonar o terror e entender aquilo. — A mocinha estremeceu. As lembranças de que o pai falava voltavam em pesadelos nas noites mais inusitadas. Pablo já tinha tentado conversar com ela sobre os acontecimentos, mas respeitara a decisão da menina de não falar sobre sangue, monstros e medo. — Âmbar, a narrativa que você vai ouvir começou antes de você nascer, e terminou exatamente no dia em que veio ao mundo. É a história de como o nosso planeta deixou de ser chamado de Mundo de Bhardo para ser conhecido como Opilah Bhardathéo, que quer dizer “resplandecente novo Bhardo”.

Pablo esticou a mão para dentro da mochila de Âmbar e o garoto viu, curioso, o pai tirar dali um grande volume encadernado com capa de madeira.

— Por isso estava tão pesada...

— Vão ter muito tempo para ler isso durante a viagem no navergóleo — disse o pai. — Tem mais uns livros sua mochila, Dily, os seus são os escritos de Ártemis Caçadora. E o Compêndio dos Princípios da Magia original de sua mãe, com os acréscimos de seus tios na organização da teoria da magia que é base para os estudos dos magos atuais, está comigo. Poderão chamar os outros meninos para lerem juntos, teremos muitíssimo tempo, e vamos responder ao que quiserem.

— Vamos num *navergóleo*? — Dominique perguntou, de cara amarrada.

— As geringonças aduninas estão por toda parte, meu amigo! — Shenu exclamou, animado, afinal, ele era o principal intermediário de venda das grandes máquinas de transporte aduninas.

— Tem mais: vamos levar quatro zizerválidos conosco — Márcio observou, e Yoná revirou os olhos. — O que? Podemos precisar nos separar, ou reconhecer o ambiente, procurar um curandeiro numa terra próxima...

— É claro, é só não deixar de dar a manutenção adequada pra ele não se espatifar com a gente dentro...

Deixando os adultos conversando sobre navergóleos e zizerválidos, Âmbar e Ondily leram o título na capa do livro que o pai tinha lhes entregado:

A Fortaleza Dourada e os Objetos Supremos

Contada pelas sentinelas de Octoforte.

— Será a aventura de nossas vidas — disse Âmbar.

Sua irmã aquiesceu.

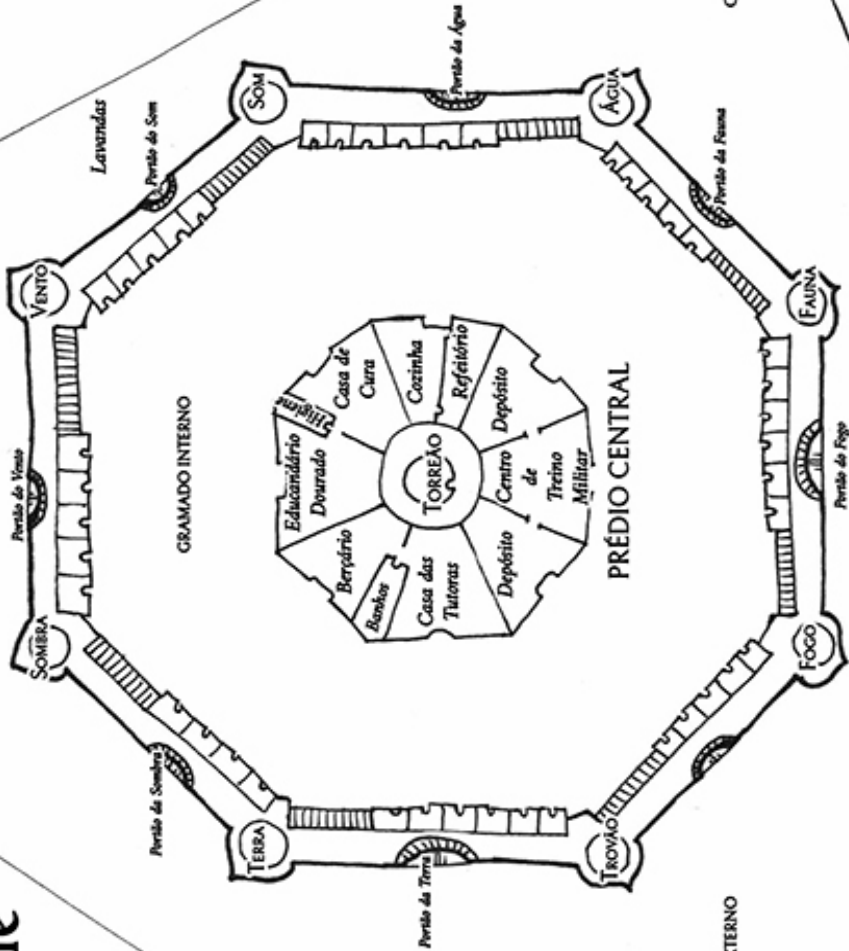
APÊNDICES

Octoforte

Patamar de saída
do Portal para
AGHARTA



GRAMADO EXTERNO



Casas de Rapções
(Criações e Horras)

GRAMADO EXTERNO

Patamar de saída
do Portal para
BHARDÔ

Lavandas

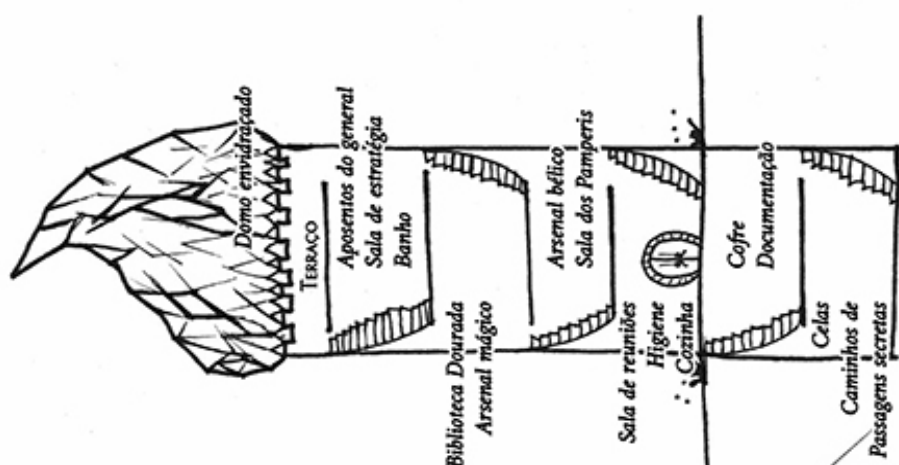


GRAMADO EXTERNO

Patamar de saída
do Portal para
TERRA

Lavandas

TORREÃO



AGRADECIMENTOS

A minha mãe, leitora fiel, crítica impiedosa, fã número um, revisora, por ler, exaltar, reclamar, censurar e protestar contra atos e destinos dos meus personagens, desde antes de esta história tomar forma definitiva. Ao meu pai, que já não está mais aqui, mas que sempre disse que meus livros iriam para Hollywood, mesmo antes de saber o que é que eu tanto escrevia. A Leandro, amor, amigo, companheiro, suporte, que sempre me incentivou mesmo antes de gostar de ler, e que, agora que pegou gosto pela literatura, incentiva ainda mais. Aos meus irmãos Rafael e Emmanuel, com quem divido o gosto pela fantasia desde os primórdios, e que inspiraram tantos diálogos, cenas e aspectos de personagens não apenas nesta série, mas em cada texto que escrevo. À minha sogra Alvina, pelo estímulo e pelos elogios, que sempre me fizeram ficar sem reação, mas que me deixam bem contente, na verdade. Ao meu sogro Lucas, pela presença constante em tantos momentos importantes, sendo uma segurança importante na vida pessoal para que eu pudesse divagar e escrever. Aos meus tios e tias, pelos incentivos ao longo da vida, e por serem fonte de inspiração para criações e também para manter a perseverança no objetivo de concretizar estes textos. Ao amigo Daniel Monteiro, escritor talentoso e leitor beta involuntário, cujas dicas e correções dadas à primeira versão do primeiro livro desta série foram cruciais para o trabalho de reescrita, para que chegasse a esta edição atual. Ao amigo Gilmar Milezzi, também escritor de grande talento, com quem compartilho, há tantos anos, o ideal de levar o fantástico à mais pessoas. Aos amigos do Clube de Autores de Fantasia e do grupo Escritores Ajudando Outros Escritores, pela troca de dicas, conversas, angústias, técnicas, opiniões e sonhos envolvendo literatura, ficção científica e fantasia. Em nenhum outro lugar, senão nestes grupos virtuais, seria possível reunir tantas pessoas com ideias tão peculiares para ajudar uns aos outros, e estas comunidades me convenceram de que me dedicar à escrita vale a pena. A todos aqueles que em um ou outro momento da minha vida souberam desta minha paixão por criar histórias e me dedicaram palavras gentis. Se não respondi de forma adequada no momento, ou se desconversei e mudei de assunto, é porque pode ser difícil para a maioria das pessoas receber uma crítica, mas para alguém tímida, como eu, é ainda mais complicado saber responder a um elogio. Saibam que,

apesar de estranha, guardo cada palavra que recebi como pérolas preciosas em meu coração. E agradeço principalmente a você, leitor, por ter chegado até aqui, porque, desta forma, você aceitou carregar um pouquinho de cada um dos meus heróis consigo. Torço para que o cantinho reservado a eles lhe seja também querido.

CARO LEITOR

Este é um livro independente, o que significa que sua opinião é muito preciosa para a história e também para a autora. Deixe uma avaliação no site da loja em que você o adquiriu, mande um e-mail ou dê sua opinião sobre ele em suas redes sociais.

A saga de Octoforte e seu último grupo das sentinelas termina aqui, no entanto, o Mundo de Bhardo tem ainda muitas outras histórias a serem descobertas. Para conhecer os passados de alguns personagens desta trilogia, saber como foram criados os Objetos Supremos, ingressar em novas aventuras, ou ainda descobrir outras obras da autora Livia Stocco, acesse:

SITES

liviastocco.wixsite.com/bhardo

liviastocco.wixsite.com/textosfantasticos

FACEBOOK

facebook.com/liviastoccoescritora

facebook.com/livia.taisa

facebook.com/mundodebhardo

INSTAGRAM

[@liviastoccoescritora](https://www.instagram.com/liviastoccoescritora)

CONTATO

livia.stocco@gmail.com

OUTROS LIVROS E CONTOS DA AUTORA NA AMAZON

Mundo de Bhardo – Os Objetos Supremos

Mundo de Bhardo – O Reino Maldito

Contos de Bhardo - O Tesouro de Caularom

Contos de Bhardo – O Xerife e a forasteira

Contos de Bhardo – Pôlo e Felko

Contos de Bhardo – O monstro

Romances

Asas de um Guardião

O dia em que salvei o mundo

Contos

Um presente para Graça

Um herói para Daniel

Natureza

Casa de Veraneio

Estrela Cadente

Ceia da Paixão

Ingrediente Secreto

O cara de amarelo e azul

O que acontece no Carnaval

[1] Um dos Altos Senhores, aqueles que coordenam elementos que vão além do Mundo de Bhardo. Ebegne é Senhor do Nepasiar, local para onde vão as almas leves.

[2] Ocupação definida como “quem usa todos os artifícios para que a mensagem chegue ao destinatário e para que seja entendida”. Vai além do simples emissário, pois supõe-se que o selemen seja capaz de inventar meios de encaminhar mensagens. Nos reinos dos tempos de Ainda Luz, os selemen’z eram frequentemente associados a atos violentos que, muitas vezes, resultavam na morte dos receptores. Hoje o título refere-se, nas organizações em que ele existe, ao responsável pela comunicação e chefe dos arautos, acima dos passadantes.

[3] Ginhaidron: ginhaim, verde; dron, dragão, serpente de grande porte. Dragão verde.

[4] A crença mais difundida no Continente Maior é a Dhonmenizah, que trata Dhonmen como o Senhor Criador, e prega que os Senhores do mundo controlam os elementos de Bhardo. Entretanto, poucos povos utilizam os registros ancestrais da crença original, e a maioria a interpreta ou ergue templos para apenas um Senhor específico. Existem, porém, outras seitas com crenças específicas em ascensão por toda parte.

[5] Dilahratorn: fortaleza dos muros dourados. Dilah: dourado, da cor do ouro, ouro; ráft: muro; Attorn: baluarte, fortificação.

[6] Equivalente a clã ou grei dos flachinte'z, o povo das areias. Um farneio normalmente corresponde a uma caravana de até 5.000 indivíduos, mas o farneio da Xátra engloba todos os clãs e cidades que são leais a ela. Pode compreender até 50.000 pessoas.

[7] A reabertura do Portal para Cermalháct passou a ser nomeada de “Dia do Destranque” em Agerta e em Octoforte.

[8] Ártemestrel: estrela Ártemis, de cor azulada, localizada na Constelação do Navegante.

[9] É costume pedir a uma pessoa importante ou valorosa para a família do recém-nascido que abençoe a criança. O padrinho ou madrinha passa a ser visto como irmão dos pais e tio do bebê.

[10] Tradução: Que voe aquele que não tem asas. É uma invocação para um feitiço rápido de levitação.

[11] Feminino de Ulon, que significa rei, líder, governante. Ulanæ Ramaddon é a rainha dos dragões vermelhos.

[12] Passadante: alto cargo da Aliança Maior do setor de comunicação, abaixo apenas do Selemen.

[13] O sistema de comunicação interna da Aliança Maior utiliza espelhos emparelhados em lugares distantes e pelo menos quatro magos responsáveis por abrir e alimentar a energia mágica para a transmissão. O cordato é o responsável por iniciar a magia e conectar os espelhos aos destinatários corretos; os dois mantenedores fazem o suporte da magia e a mantém quando o cordato esgota suas reservas, e o verossim é responsável por garantir que as imagens e falas mantenham o teor verdadeiro, sem interferências ou distorções.

[14] A saudação é de um dos sete dialetos flachinte'z.

[15] Dandátrêie: espada.

[16] Jaytatrêshey: o povo das areias forma um conglomerado de farneios majoritariamente governados por figuras femininas. Mesmo os clãs menores que possuem líderes masculinos são submissos às jaytatrêshey'z, líderes espirituais e políticas das grandes cidades, que, por sua vez, são aliadas da Xátra.

[17] Naelimdér: Livro da Alma Maior. São os escritos em que se baseia a crença mais popular de Bhardo, a crença nos Senhores. Diz-se que foi o próprio Senhor Lhênus que ditou a História para seu pupilo Lando, ou “Luz do Oeste”.

[18] Umneconi'z: amaldiçoados.

[19] Crimedéct'z: junção de crimér: grande, gigante, supremo; edect: objeto, coisa; e 'z: partícula de plural.